TOM CLANCY

O CARDEAL DO KREMLIN



TOM CLANCY

O CARDEAL DO KREMLIN

Formatação de LeYtor

PRÓLOGO
AMEAÇAS — VELHAS, NOVAS E ETERNAS

Eles o chamavam de Arqueiro. Era um título honorífico, já que fazia mais de um século que seus compatriotas Acham abandonado os arcos recurvos, passando a utilizar armas de fogo. O apelido, em parte, traduzia a natureza eterna da luta. O primeiro dos invasores ocidentais — pois assim os consideravam — fora Alexandre, o Grande, e desde então muitos outros o seguiram. Definitivamente, todos fracassaram. As tribos afegãs tinham na fé islâmica uma grande motivação para resistir, e a coragem obstinada que demonstravam fazia parte de sua herança racial tanto quanto os olhos escuros e impiedosos.

O Arqueiro era um homem jovem e velho ao mesmo tempo. Nas ocasiões em que lhe ocorria não apenas o desejo mas também a oportunidade de banhar-se num riacho de montanha, podia-se observar a musculatura jovem de seu corpo de 30 anos. Eram músculos flexíveis de um homem para quem uma escalada de trezentos metros em rocha nua equivalia a uma tarefa tão insignificante quanto uma caminhada ao correio.

Seus olhos é que haviam envelhecido. Os afegães são um povo belo e altivo, cujas feições francas e a pele lisa sofrem rápido os efeitos do vento, do sol e da poeira, que os fazem parecer mais idosos. Só que no caso do Arqueiro o desgaste não fora causado pela ação do vento. Professor de matemática até três anos antes, formado em curso superior num país onde a maioria julgava suficiente saber ler o sagrado Corão, casara-se jovem, como era o costume local, e tornara-se pai de duas crianças. Mas a mulher e a filha acabaram mortas, assassinadas por foguetes lançados por um caça de combate Sukhoi-24. Seu filho desaparecera. Seqüestrado. Depois que os soviéticos arrasaram o vilarejo da família de sua mulher com bombardeio aéreo, vieram as tropas terrestres, matando os adultos remanescentes e recolhendo todos os órfãos, para embarcá-los para a União Soviética, onde seriam educados e treinados segundo outros pontos de vista mais modernos. Tudo porque a mulher quisera que a mãe conhecesse os netos

antes de morrer, recordava-se o Arqueiro, tudo porque uma patrulha soviética fora atacada a poucos quilômetros da vila. No dia em que ficara sabendo da tragédia — uma semana depois do ocorrido —, o professor de álgebra e geometria empilhara cuidadosamente seus livros sobre a escrivaninha e partira da pequena cidade de Ghazni em direção às montanhas. Uma semana depois refornaria à cidade após o escurecer com outros três homens e provaria ser digno de seus ancestrais, matando três soldados soviéticos e apoderando-se de suas armas. Ainda trazia consigo aquele primeiro Kalashnikov.

Mas não fora por isso que ele ficara conhecido como o Arqueiro. O chefe de seu pequeno bando de *mudjahidin* — cujo significado é "guerreiros da liberdade" — era um líder perspicaz e não menosprezara o recém-chegado que consumira a juventude em salas de aula, assimilando costumes estrangeiros. Nem levara em conta a falta de confiança que aquele jovem demonstrara inicialmente. Quando iniciara no grupo, o professor possuía um conhecimento muito superficial do islamismo, mas o chefe acabou por recompensá-lo pelas lágrimas amargas que vertera copiosamente por seus olhos inocentes enquanto o imã o aconselhava a seguir a vontade de Alá. No período de um mês, o jovem professor tornara-se o mais implacável — e o mais eficiente — guerreiro do grupo, obviamente um instrumento da vontade divina. E fora ele o escolhido pelo líder para viajar ao Paquistão, onde poderia usar seus conhecimentos científicos e matemáticos para aprender a utilizar os mísseis terra-ar, SAM. Os primeiros mísseis SAM com que aquele homem sério e calado do "Amerikastão" equipou os *mudjahidin* foram os modelos soviéticos SA-7, conhecidos pelos russos como *strela,* "flecha". Como eram os primeiros SAM do tipo "portátil", não se revelaram muito eficazes, a menos que fossem utilizados com grande habilidade. Poucos homens possuíam tal habilidade. Dentre eles, o professor de aritmética era o melhor, e por seus sucessos com as "flechas" russas os companheiros passaram a chamá-lo de Arqueiro.

Naquele momento, ele estava de tocaia, com um novo míssil, um modelo americano denominado Stinger, "ferrão", apesar de que agora todos os mísseis terra-ar em seu grupo — e na realidade em toda a região — eram conhecidos tão-somente como flechas: arsenal do Arqueiro. Aguardava de bruços numa saliência estreita e pontiaguda, cem metros abaixo do topo da montanha, de onde dominava a vista de um vale

desértico. A seu lado estava Abdul, seu batedor. O nome significava "criado", apropriadamente, uma vez que o adolescente carregava dois mísseis adicionais para seu tubo lançador de foguetes e, mais importante, tinha olhos de falcão. Eram olhos ardentes. O rapaz era órfão.

O Arqueiro esquadrinhava o terreno montanhoso, especialmente as bordas elevadas, com uma expressão que refletia uma experiência milenar de combate. Embora bastante amigável, era raro vê-lo sorrir; não demonstrava interesse em conseguir uma nova esposa, nem mesmo em unir sua solidão à de alguma viuva recente. Em sua vida só havia lugar para uma paixão.

— Ali — declarou Abdul, estendendo o braço.

— Já vi.

A batalha que se desenrolava no fundo do vale — uma das muitas daquele dia — já durava cerca de trinta minutos, tempo suficiente para que os soldados soviéticos recebessem o apoio de sua base de helicópteros, que ficava 20 quilômetros além da próxima fileira de montanhas. O sol refletiu brevemente na cabine envidraçada do Mi-24, o bastante para que os dois guerrilheiros identificassem a presença do helicóptero a uns 15 quilômetros de distância, avançando ao longo da borda da escarpa. Muito acima deles, fora de alcance, circulava solitário um avião de transporte bimotor Antonov-26, dotado de equipamento de observação e radiotransmissores para coordenar as ações terrestres e aéreas. Mas os olhos do Arqueiro focalizavam apenas o Mi-24, um helicóptero de ataque Hind, carregado com foguetes e canhões de bombardeio, que naquele instante mesmo recebia informações do avião de comando circulante.

O Stinger fora uma surpresa desagradável para os russos, que vinham mudando diariamente suas táticas aéreas para fazer frente à nova ameaça. O vale era profundo, porém mais estreito do que os demais. Para o piloto atingir os companheiros de guerrilha do Arqueiro, precisaria vir pelo fundo da apertada passagem rochosa. Ele tinha de permanecer no alto, pelo menos a 1 000 metros do fundo rochoso, por recear a presença de um lançador de mísseis entre os combatentes armados de fuzis. O Arqueiro observava o vôo em ziguezague do helicóptero, enquanto o piloto se aproximava fazendo um reconhecimento do terreno e escolhendo sua rota de ataque. De acordo com o esperado, aproximava-se contra o vento, de maneira a que o som dos rotores por foguetes lançados por um caça de combate Sukhoi-24. Seu filho desaparecera. Seqüestrado. Depois que os

soviéticos arrasaram o vilarejo da família de sua mulher com bombardeio aéreo, vieram as tropas terrestres, matando os adultos remanescentes e recolhendo todos os órfãos, para embarcá-los para a União Soviética, onde seriam educados e treinados segundo outros pontos de vista mais modernos. Tudo porque a mulher quisera que a mãe conhecesse os netos antes de morrer, recordava-se o Arqueiro, tudo porque uma patrulha soviética fora atacada a poucos quilômetros da vila. No dia em que ficara sabendo da tragédia — uma semana depois do ocorrido — o professor de álgebra e geometria empilhara cuidadosamente seus livros sobre a escrivaninha e partira da pequena cidade de Ghazni em direção às montanhas. Uma semana depois retornaria à cidade após o escurecer com outros três homens e provaria ser digno de seus ancestrais, matando três soldados soviéticos e apoderando-se de suas armas. Ainda trazia consigo aquele primeiro Kalashnikov.

Mas não fora por isso que ele ficara conhecido como o Arqueiro. O chefe de seu pequeno bando de m*udjahidin* — cujo significado é "guerreiros da liberdade" — era um líder perspicaz e não menosprezara o recém-chegado que consumira a juventude em salas de aula, assimilando costumes estrangeiros. Nem levara em conta a falta de confiança que aquele jovem demonstrara inicialmente. Quando iniciara no grupo, o professor possuía um conhecimento muito superficial do islamismo, mas o chefe acabou por recompensá-lo pelas lágrimas amargas que vertera copiosamente por seus olhos inocentes enquanto o imã o aconselhava a seguir a vontade de Alá. No período de um mês, o jovem professor tornara-se o mais implacável — e o mais eficiente — guerreiro do grupo, obviamente um instrumento da vontade divina. E fora ele o escolhido pelo líder para viajar ao Paquistão, onde poderia usar seus conhecimentos científicos e matemáticos para aprender a utilizar os mísseis terra-ar, SAM. Os primeiros mísseis SAM com que aquele homem sério e calado do "Amerikastão" equipou os *mudjahidin* foram os modelos soviéticos SA-7, conhecidos pelos russos como *strela,* "flecha". Como eram os primeiros SAM do tipo "portátil", não se revelaram muito eficazes, a menos que fossem utilizados com grande habilidade. Poucos homens possuíam tal habilidade. Dentre eles, o professor de aritmética era o melhor, e por seus sucessos com as "flechas" russas os companheiros passaram a chamá-lo de Arqueiro.

Naquele momento, ele estava de tocaia, com um novo míssil, um modelo americano denominado Stinger, "ferrão", apesar de que agora todos os mísseis terra-ar em seu grupo — e na realidade em toda a região — eram conhecidos tão-somente como flechas: arsenal do Arqueiro. Aguardava de bruços numa saliência estreita e pontiaguda, cem metros abaixo do topo da montanha, de onde dominava a vista de um vale desértico. A seu lado estava Abdul, seu batedor. O nome significava "criado", apropriadamente, uma vez que o adolescente carregava dois mísseis adicionais para seu tubo lançador de foguetes e, mais importante, tinha olhos de falcão. Eram olhos ardentes. O rapaz era órfão.

O Arqueiro esquadrinhava o terreno montanhoso, especialmente as bordas elevadas, com uma expressão que refletia uma experiência milenar de combate. Embora bastante amigável, era raro vê-lo sorrir; não demonstrava interesse em conseguir uma nova esposa, nem mesmo em unir sua solidão à de alguma recente. Em sua vida só havia lugar para uma paixão.

— Ali — declarou Abdul, estendendo o braço.

— Já vi.

A batalha que se desenrolava no fundo do vale — uma das muitas daquele dia — já durava cerca de trinta minutos, tempo suficiente para que os soldados soviéticos recebessem o apoio de sua base de helicópteros, que ficava 20 quilômetros além da próxima fileira de montanhas. O sol refletiu brevemente na cabine envidraçada do Mi-24, o bastante para que os dois guerrilheiros identificassem a presença do helicóptero a uns 15 quilômetros de distância, avançando ao longo da borda da escarpa. Muito acima deles, fora de alcance, circulava solitário um avião de transporte bimotor Antonov-26, dotado de equipamento de observação e radiotransmissores para coordenar as ações terrestres e aéreas. Mas os olhos do Arqueiro focalizavam apenas o Mi-24, um helicóptero de ataque Hind, carregado com foguetes e canhões de bombardeio, que naquele instante mesmo recebia informações do avião de comando circulante.

O Stinger fora uma surpresa desagradável para os russos, que vinham mudando diariamente suas táticas aéreas para fazer frente à nova ameaça. O vale era profundo, porém mais estreito do que os demais. Para o piloto atingir os companheiros de guerrilha do Arqueiro, precisaria vir pelo fundo da apertada passagem rochosa. Ele tinha de permanecer no alto, pelo menos a 1 000 metros do fundo rochoso, por recear a presença de um

lançador de mísseis entre os combatentes armados de fuzis. O Arqueiro observava o vôo em ziguezague do helicóptero, enquanto o piloto se aproximava fazendo um reconhecimento do terreno e escolhendo sua rota de ataque. De acordo com o esperado, aproximava-se contra o vento, de maneira a que o som dos rotores fosse ouvido alguns segundos mais tarde, vantagem essa que poderia ser decisiva. O rádio no avião acima devia estar monitorando as freqüências usadas pelos *mudjahidin,* de forma que os russos saberiam quando o helicóptero fosse avistado e talvez obtivessem uma indicação de onde o lançador de mísseis poderia estar. De fato, Abdul carregava um radiotransmissor, desligado e guardado nas dobras da roupa.

Vagarosamente, o Arqueiro levantou o lançador e apontou a mira de dois elementos para o helicóptero que se aproximava. Deslizando o polegar para o lado e para baixo, pressionou a chave que ativava o sistema e apoiou o rosto na barra de condutância, escutando o suave apito eletrônico da unidade de busca do lançador. O piloto já fizera a estimativa e tomara sua decisão. Aproximava-se pelo lado oposto do vale, um pouco além do alcance de um míssil, para a primeira carga sobre o inimigo. O nariz do Hind vinha abaixado, e o artilheiro, sentado à frente e um pouco abaixo do piloto, apontava as armas na direção dos combatentes. Do chão do vale brotaram pequenas colunas de fumaça. Os soldados soviéticos utilizavam o fogo de morteiros para indicar as posições atacantes e o helicóptero alterou o curso levemente. Chegava o momento. Dos suportes de foguetes do helicóptero irromperam chamas e a primeira salva de artilharia partiu para o solo.

Nesse momento, um outro rastro de fumaça lançou-se para cima. O helicóptero guinou para a esquerda, bem longe da trajetória do projétil, que o piloto interpretou como inofensivo no momento, mas ainda assim um sinal de perigo. O Arqueiro firmou as mãos no lançador. O helicóptero fazia um desvio que o trazia mais para perto, aumentando de tamanho no anel interior da mira. Agora estava dentro do alcance. O Arqueiro golpeou o botão dianteiro com o polegar esquerdo, "liberando" o míssil e permitindo que a ogiva infravermelha de busca do Stinger tivesse a sua primeira "visão" do calor que se irradiava das turbinas do Mi-24. O som que penetrava pelo osso malar até seus ouvidos mudou de freqüência. O míssil agora rastreava o alvo. O piloto do Hind resolveu atingir a área de onde o "míssil" fora lançado, trazendo o aparelho ainda mais para a

esquerda numa curva suave. Inadvertidamente, virou de tal maneira que o escape dos jatos ficou voltado para a posição em que estavam os guerrilheiros na encosta.

O míssil emitia agora um apito de prontidão, mas o Arqueiro não se moveu. Tentou pensar como o piloto inimigo, julgando que ele ainda tentaria aproximar-se mais antes de ter a posição ideal de tiro contra os odiados guerrilheiros afegães. E foi o que aconteceu. Quando o Hind encontrava-se à distância de 1 000 metros, o Arqueiro inspirou profundamente, elevou um pouco a mira e sussurrou uma breve oração de vingança. Foi como se o gatilho se movesse espontaneamente.

O lançador saltou em suas mãos quando o Stinger partiu num arco suave para cima, antes de riscar os ares em busca do alvo. Os olhos do Arqueiro eram penetrantes o suficiente para distinguir o fino e quase invisível rastro de fumaça. O míssil exibiu suas aletas de direção, que se moveram por poucas frações de milímetro, obedecendo às ordens de comando do cérebro computadorizado — um *microchip* do tamanho de um selo. Nas alturas, a bordo do circulante An-26, um observador distinguiu a minúscula nuvem de fumaça e estendeu o braço na direção do microfone para dar o alerta, mas sua mão mal tocou o instrumento plástico antes que o míssil se chocasse com o alvo.

O míssil entrou diretamente num dos motores do helicóptero e explodiu, deixando-o instantaneamente fora de combate. O eixo transmissor do rotor traseiro partiu-se, e o Hind começou a girar para a esquerda, enquanto o piloto tentava desesperadamente entrar em auto-rotação, procurando abaixo um local plano, e o artilheiro emitia um estridente pedido de socorro pelo rádio. O piloto colocou o motor em marcha lenta, ajustando o manche para torque controlado, avistou um espaço relativamente plano abaixo, desligou os comutadores e ativou o sistema extintor de bordo. Como todos os homens que voam, temia o fogo acima de tudo, embora fosse verificar seu erro mais cedo do que esperava.

O Arqueiro observou o Mi-24 bater de nariz contra a base do penhasco, 150 metros abaixo de seu posto na encosta. Surpreendentemente, o helicóptero não irrompeu em chamas ao se despedaçar. Capotou violentamente, a cauda projetada para a frente, sobre a cabi-ne, antes de imobilizar-se de lado no solo rochoso. O Arqueiro começou a descer a encosta com Abdul a seu lado. Os dois demoraram cinco minutos para chegar ao local.

O piloto lutava com as correias que o prendiam de cabeça para baixo ao assento. Estava sentindo dores, mas sabia que só os vivos sentem dor. O novo modelo de helicóptero tinha aperfeiçoados sistemas internos de segurança. À custa deles e da própria habilidade conseguira salvar sua vida. Mas não a de seu artilheiro, como constatou olhando para o lado. O homem estava imóvel, com o pescoço quebrado e os braços pendendo em direção ao chão. Só que agora não havia tempo para lamentar coisa alguma, com o assento destroçado e a armação metálica da cabine amassada transformada em verdadeira jaula. O fecho de emergência tinha enguiçado e os parafusos explosivos recusavam-se a detonar. Apanhou sua pistola do coldre no ombro e começou a atirar metodicamente na grade. Perguntava-se se o An-26 acima tinha recebido sua chamada de emergência. Imaginou se o helicóptero de apoio da base já estaria a caminho. O rádio de salvamento estava num bolso de sua calça, e ele o ativaria assim que saísse do aparelho danificado. Cortou as mãos ao afastar as tiras de metal, abrindo espaço suficiente para passar o corpo. Agradeceu a sorte de não terminar seus dias numa pira funerária de graxa e metal enquanto soltava as correias e saía do aparelho para o solo pedregoso.

Sua perna esquerda estava quebrada. A ponta afiada e esbranquiça-da de um osso perfurava o macacão; embora não sentisse dor ainda devido ao choque, a simples visão do ferimento deixou-o horrorizado. Guardou a pistola descarregada na cartucheira e apanhou um pedaço de metal para usar como bengala. Precisava sair logo dali. Rastejou penosamente até a encosta íngreme, onde divisou o que parecia ser uma trilha. As forças aliadas estavam a 3 quilômetros de distância. Dispunha-se a iniciar o longo percurso quando ouviu um ruído e se voltou. A esperança transformou-se rapidamente em terror, e ele percebeu que uma morte rápida teria sido uma bênção.

O Arqueiro abençoou o nome de Alá ao sacar a faca da bainha.

Não podem ter deixado muita coisa aí dentro, pensou Ryan. O casco parecia intacto — pelo menos à primeira vista —, mas exibia sinais de remendos malfeitos, tão evidentes quanto as cicatrizes do monstro do barão Frankenstein. Uma comparação bastante apropriada, refletiu ele. O homem construía dessas coisas, que podiam um dia destruir seu criador no espaço de uma hora.

— Meu Deus, é impressionante como eles parecem grandes por fora...

— E pequenos por dentro? — completou Marko, com uma ponta de tristeza.

Não fazia muito tempo que o capitão Marko Ramius, da Voyenno Morskoi Flot, trouxera o submarino para o dique seco onde se encontrava. Não permanecera para presenciar os técnicos da Marinha americana dissecando a embarcação, como médicos-legistas debruçados sobre um cadáver, removendo os mísseis, o reator nuclear, os sonares, os computadores de bordo e equipamentos de comunicação, os peris-cópios e até mesmo os fogões da cozinha, tudo destinado a ser analisado em bases espalhadas pelos Estados Unidos afora. A autorização para ausentar-se fora concedida a seu próprio pedido. O ódio que Ramius devotava ao regime soviético não se estendia às embarcações que construíam. Navegara bem naquele submarino — e o *Outubro Vermelho,* em russo *Krazny Oktyabr,* salvara sua vida.

E a de Ryan também. Jack passou os dedos sobre o cicatriz na testa, ao lado do couro cabeludo, e imaginou se teriam limpado seu sangue do console em frente ao timão.

— Pensei que fosse oferecer-se para levá-lo — declarou ele a Ramius.

— Não. — Marko balançou a cabeça. — Só queria me despedir. Era um bom barco.

— Bom mesmo — concordou Jack, baixinho.

Procurou com o olhar o buraco mal remendado que o torpedo Alfa fizera no casco a bombordo, e balançou a cabeça em silêncio. *Bom o suficiente para salvar meu rabo quando aquele torpedo explodiu.* Os dois homens observavam em silêncio, um pouco afastados dos marinheiros e fuzileiros navais que cuidavam da segurança da área desde dezembro anterior.

O dique seco começava a ser alagado, a água imunda do rio Elizabeth penetrando lentamente no tanque de concreto. Eles o levariam aquela noite. Seis submarinos americanos de ataque rápido estavam agora "varrendo" a área oceânica a leste da Base Naval de Norfolk, participando ostensivamente de um exercício que também envolvia algumas belonaves de superfície. Eram 9 horas de uma noite sem lua. Iria demorar pelo menos uma hora para inundar o dique seco. A tripulação de trinta homens

já se encontrava a bordo. Acionariam os motores diesel e a embarcação partiria em sua segunda e última viagem, rumando para a profunda fossa ao norte de Porto Rico, onde seria afundada em 7 500 metros de profundidade.

Ryan e Ramius observavam enquanto a água cobria os dormentes de madeira que suportavam o casco, molhando a quilha do submarino pela primeira vez em quase um ano. A água chegava com mais rapidez agora, subindo pelas marcas de flutuação máxima pintadas a vante e a ré e na proa. No convés, um punhado de marinheiros usando coletes salva-vidas de cor alaranjada berrante preparava-se para soltar as catorze amarras que mantinham firme a embarcação.

O submarino em si continuava imóvel. O *Outubro Vermelho* acolhia a água com indiferença. Talvez saiba do destino que o aguarda, disse Ryan a si mesmo. Era um pensamento bobo — mas também sabia que há milênios os homens do mar atribuíam personalidade ao navio no qual serviam.

Finalmente o submarino se moveu. A água fez o casco flutuar acima dos dormentes de madeira. Seguiu-se uma série de ruídos ocos e abafados, mais sentidos através do piso que escutados, à medida que o casco se elevava alguns centímetros de cada vez.

Minutos depois, os motores diesel da embarcação roncaram com vida e os homens que manejavam os cabos começaram a recolhê-los. Ao mesmo tempo, a lona que cobria a saída voltada para o mar foi retirada e todos puderam ver a névoa suspensa sobre o rio lá fora. As condições eram perfeitas para a operação. Tinham de ser, a Marinha aguardara seis semanas por uma noite sem lua e pelo espesso nevoeiro que costumava cobrir a região da baía de Chesapeake naquela época do ano. Quando a última amarra foi solta, um oficial na torre do submarino levantou uma buzina a ar comprimido e produziu um único e lamentoso som.

— A caminho! — gritou ele, enquanto os marinheiros na proa retiravam a bandeira.

Pela primeira vez, Ryan percebeu que era o pavilhão soviético. Sorriu. Era um toque simpático. Na popa, outro marinheiro hasteava a bandeira naval soviética, com a brilhante estrela vermelha adornada pelo escudo da Esquadra do Norte. A Marinha, sempre zelosa de suas tradições, saudava o homem que estava a seu lado.

Ryan e Ramius observaram o submarino quando ele começou a mover-se impulsionado pelos próprios motores, as duas hélices de bronze

girando suavemente em rotação inversa à medida que a embarcação penetrava de marcha a ré no curso do rio. Aproveitando o apoio de um dos cabos, virou para o norte. Em mais um minuto tinha desaparecido de vista. Só o ronco dos motores era audível por sobre a água oleosa do estaleiro.

Marko assoou o nariz e piscou meia dúzia de vezes. Quando desviou os olhos da água, sua voz estava firme.

— Então, Ryan, trouxeram você da Inglaterra para isso?

— Não, já faz algumas semanas que voltei. Um novo trabalho.

— Pode dizer que trabalho é? — interessou-se Marko.

— Controle de armamentos. Querem que eu coordene a parte de Inteligência para a comissão de negociações. Teremos que partir em janeiro.

— Moscou?

— Isso. E uma sessão preliminar: organizar a agenda, fazer um pouco de trabalho técnico, esse tipo de coisas. E você?

— Eu trabalho nas Bahamas com o AUTEC, o Centro de Avaliação e Testes de Submarinos no Atlântico. Bastante sol e praia. Não reparou no meu bronzeado? — Ramius sorriu. — Venho a Washington a cada dois ou três meses. Daqui a cinco horas vou pegar o vôo de volta. Estamos trabalhando em um novo projeto, bastante tranqüilizador. — Deu outro sorriso. — É sigiloso.

— Ótimo! Então quero que apareça em minha casa. Ainda estou

lhe devendo um jantar. — Jack estendeu um cartão. — Aqui está meu número. Telefone alguns dias antes de chegar e eu providencio as coisas com a Agência.

Ramius e seus auxiliares estavam sob um regime muito severo de proteção pelos agentes da CIA. O que realmente surpreendia era o fato de que a história não houvesse vazado. Nenhum dos meios de comunicação ficara sabendo, e, se a segurança era tão boa quanto parecia, provavelmente os russos não tinham idéia do paradeiro de seu submarino lançador de mísseis, o *Outubro Vermelho. A essa altura, ele devia estar guinando para leste,* pensou Jack, *para passar além do túnel de Hampton Roads*. Mais ou menos dali a uma hora, mergulharia e seguiria para sudeste. Ele balançou a, cabeça.

A tristeza de Ryan com o destino da embarcação diminuiu quando ele recordou o propósito de sua construção. Lembrava-se ainda da sensação que tivera um ano antes, a primeira vez que estivera tão perto daqueles

acontecimentos tenebrosos. Jack concordava com o fato de que as armas nucleares mantinham a paz — se é que se podia chamar de *paz* as condições em que o mundo se encontrava —, porém, como a maioria das pessoas, acreditava que devia haver uma maneira melhor de preservá-la. Bem, de qualquer maneira era um submarino, vinte e seis mísseis e cento e oitenta e duas ogivas nucleares a menos. *Estatisticamente,* disse Ryan a si mesmo, *não faz tanta diferença assim.*

Mas já era alguma coisa.

A 16 000 quilômetros de distância dali e 2 600 metros acima do nível do mar, o problema era o tempo ruim. O lugar era a República Socialista Soviética do Tadjiquistão, e soprava um vento forte do sul, trazendo a umidade do oceano Índico que caía na forma de uma garoa fina e gelada. Em pouco tempo chegaria o inverno de verdade, que ali sempre vinha cedo, logo após o verão causticante, e do céu cairia continuamente a neve fria e gelada.

A maioria dos trabalhadores era constituída de jovens e ambiciosos membros do Komsomol, Liga da Juventude Comunista, trazidos para terminar um projeto de construção iniciado em 1983. Um deles, candidato a mestrado em física na Universidade Estatal de Moscou, afastou a chuva dos olhos e endireitou as costas doloridas de permanecer na mesma posição. *Aquela não era maneira de se ocupar um jovem e promissor engenheiro,* pensou Morozov. Em vez de ficar brincando com instrumentos de observação, poderia estar construindo geradores de laser em seu laboratório, contudo pretendia tornar-se membro efetivo do Partido Comunista da União Soviética, e desejava evitar o serviço militar. A combinação do adiantamento escolar e do trabalho para o Komsomol conduziria a esse último objetivo.

— Então?

Morozov voltou-se para um dos engenheiros locais. Um engenheiro civil, ao que parecia, que se qualificava como um homem que entendia de concreto.

— A posição está correta, camarada engenheiro.

O homem mais velho inclinou-se para observar através do visor.

— Concordo. E graças ao bom Deus este é o último.

Os dois tiveram um sobressalto ao escutar uma explosão distante. Engenheiros do Exército Vermelho destruindo mais uma formação rochosa

fora do perímetro delimitado. *Não é necessário ser soldado para entender o que está acontecendo,* pensou Morozov.

— Você tem jeito para lidar com instrumentos ópticos. Talvez venha a tornar-se um engenheiro civil também, hein? Construir coisas úteis para o Estado!

— Não, camarada. Eu estudo física avançada... Principalmente laser. — *Também são conhecimentos úteis.*

— Nesse caso talvez ainda volte para esses lados... — O engenheiro grunhiu, balançando a cabeça. — Deus o ajude.

— E isso...

— Você não ouviu nada de mim — declarou o engenheiro com firmeza.

— Compreendo... — admitiu baixinho Morozov. — Já suspeitava.

— Se fosse você, eu seria muito cuidadoso ao externar essas suspeitas — aconselhou o engenheiro, voltando o rosto para o caminho de volta.

— Esse deve ser um ótimo lugar para ver as estrelas — observou Morozov, aguardando a resposta correta.

— Eu não saberia dizer... — O engenheiro civil sorriu. — Nunca encontrei um astrônomo.

Morozov também sorriu interiormente. Ele tinha razão em suas suposições, afinal. Eles haviam acabado de marcar a posição onde seriam montados espelhos, todos eqüidistantes de um ponto central na construção fortemente guarnecida por guardas armados. Uma tamanha precisão, ele sabia, só poderia ter duas aplicações. Uma delas era a astronomia, que captava a luz vinda do céu. A outra aplicação envolvia luz subindo para o céu. O jovem engenheiro disse a si mesmo que era esse o lugar para onde queria ir. Esse local mudaria o mundo.

1
A RECEPÇÃO DO PARTIDO

Os negócios estavam em andamento. Todos os tipos de negócios. Todos ali sabiam disso. Todos ali participavam deles. Todos ali dependiam deles. E ainda assim todos ali se dedicavam de uma maneira ou de outra a obstruí-los. Para cada pessoa ali no Salão São Jorge do Grande Palácio do Kremlin, o dualismo era um componente normal da vida.

Os participantes eram principalmente russos e americanos, e dividiam-se em quatro grupos.

Em primeiro lugar vinham os políticos e diplomatas. Podiam-se distingui-los facilmente pelas roupas caras e bem confeccionadas, pela postura ereta, e pelos sorrisos mecânicos, automáticos, além da pronúncia cuidadosa, mesmo depois de várias doses de álcool. Eles eram os superiores, sabiam disso, e sua atitude o denunciava.

Em segundo, os militares. Não se podiam realizar negociações sobre armamentos sem incluir os homens que controlavam as armas, faziam sua manutenção, os testes e as mimavam, repetindo o tempo todo que os políticos que controlavam os *homens* nunca dariam a ordem de disparar. Os militares com seus uniformes permaneciam sobretudo em pequenos grupos homogêneos por nacionalidade e patente, cada um segurando um copo de bebida pela metade e um guardanapo na mão, enquanto examinavam o salão com olhares inexpressivos, como se procurassem uma ameaça num campo de batalha desconhecido. Pois era exatamente essa a impressão que tinham, de um campo de batalha sem sangue onde seriam definidos os verdadeiros combates se os figurões políticos chegassem a perder o controle, a perder a calma, a perder a perspectiva, a perder o que quer que existia no interior de um homem que tenta evitar o desperdício inútil de vidas jovens. Os militares confiavam apenas uns nos outros, e em alguns casos confiavam mais nos inimigos que usavam uniformes diferentes do que em seus superiores de roupas finas. Pelo menos sempre se podia saber de que lado estava um militar. Não se podia dizer o mesmo dos políticos, mesmo dos compatriotas. Os militares conversavam entre si em voz baixa, sempre observando para saber se alguém estava escutando, parando ocasionalmente para um rápido gole,

acompanhado de mais um olhar pelo salão. Eles eram as vítimas, mas também os predadores — os cães, talvez, mantidos na coleira por aqueles que se intitulavam donos dos eventos.

Os militares também tinham problemas para acreditar nisso.

Em terceiro lugar, vinham os jornalistas. Também podiam ser reconhecidos pelas roupas, que sempre se encontravam amassadas, em virtude de serem dobradas repetidas vezes em malas menores do que o desejável. Eles careciam do refinamento dos políticos, assim como dos sorrisos permanentes, substituídos por olhares inquisidores infantis, combinados ao cinismo dos dissolutos. De preferência, mantinham o copo na mão esquerda, algumas vezes com um pequeno bloco fazendo as vezes de guardanapo, enquanto uma caneta ficava meio disfarçada na direita. Circulavam como aves de rapina. Se um deles encontrava alguém disposto a falar, os outros notavam e vinham beber as informações. Um observador casual poderia perceber quão interessante era a informação pela velocidade com que o grupo saía em busca de uma nova fonte. Nesse sentido os americanos e os outros jornalistas ocidentais tinham um comportamento diferente do de seus colegas soviéticos, que na maior parte se mantinham solidários aos seus senhores, como condes de outras épocas, não só por mostrar lealdade ao Partido, como também agindo como proteção contra os colegas de outros países. Mas, juntos, formavam a platéia na peça teatral que tinha lugar ali.

Em quarto lugar, vinha o grupo final, invisível, aqueles que não se podiam identificar com facilidade. Eram os espiões, e os agentes da contra-espionagem que os caçavam. Distinguiam-se dos agentes de segurança, que encaravam a todos abertamente com ar de suspeita. No interior do salão, os espiões ficavam tão invisíveis quanto os garçons que circulavam com pesadas bandejas de prata cheias de taças de cristal com champanhe e cálices de vodca, requisitados à Casa dos Roma-nov. Alguns dos garçons eram agentes de contra-espionagem, é claro. Esses tinham que circular pelo salão, de ouvido atento a trechos de conversa, a uma voz baixa demais, ou alguma palavra que não se encaixasse ao espírito da reunião. Não era uma tarefa nada fácil. Num dos cantos, um quarteto de cordas tocava música de câmara, à qual ninguém parecia prestar atenção, mas, como aquilo era próprio das recepções diplomáticas, a ausência de músicos seria notada com certeza. Depois havia ainda o volume da voz humana. No interior do salão circulavam por volta de cem pessoas, cada

uma falando pelo menos durante a metade do tempo. Os que estavam próximos ao quarteto eram obrigados a falar mais alto para serem ouvidos. Todo o barulho resultante estava contido num salão de 15 metros de comprimento por 20 de largura, com o piso de tacos formando desenhos, e paredes de es-tuque que refletiam e reverberavam o som, até que este atingisse níveis de ruído que fariam doer os ouvidos de uma criança pequena. Os espiões usavam sua invisibilidade e o barulho para se tornarem os fantasmas da festa.

Mas os espiões estavam ali. Todos sabiam disso. Qualquer um em Moscou poderia falar sobre espiões. Se você se encontrasse regularmente com um ocidental, o mais prudente seria relatar o fato, pois, se um policial da Milícia de Moscou — ou um oficial do Exército com sua maleta — passasse pelo local, voltaria a cabeça e faria anotações. Talvez superficiais, talvez não. Os tempos haviam mudado desde Stá-lin, claro, porém a Rússia ainda era a Rússia, e a desconfiança em relação aos estrangeiros e suas idéias era muito mais antiga do que qualquer ideologia.

A maior parte das pessoas no salão tinha conhecimento de tudo isso, mas procurava não pensar muito no assunto — exceto os que realmente participavam do jogo. Os diplomatas e políticos estavam mais acostumados a tomar cuidado com o que diziam e não pareciam especialmente preocupados no momento. Para os jornalistas, tudo não passava de um jogo fabuloso que na verdade não os interessava, embora cada jornalista ocidental soubesse *ipso facto* que aquele ou aquela fosse na verdade um agente da espionagem do governo soviético. Os militares eram os que mais se preocupavam. Sabiam a importância da Inteligência, precisavam dela, avaliavam-na e, acima de tudo, desprezavam os que reuniam as informações pela sujeira em que estavam metidos.

Quem eram os espiões?

Claro que um punhado de pessoas não se encaixava em nenhuma das categorias — ou encaixava-se em mais de uma.

— E o que achou de Moscou, doutor Ryan? —perguntou um russo.

Jack interrompeu o exame que fazia do belo relógio do Salão São Jorge.

— Fria e escura, receio — respondeu Ryan, depois de dar um gole em sua taça de champanhe. — Não que nós tivéssemos tido chance de ver muita coisa.

O grupo de americanos não veria muita coisa mesmo. Estavam há apenas quatro dias na União Soviétiva e voariam de volta no dia seguinte, depois de concluírem a sessão técnica que precedia a sessão plenária.

— É uma pena — comentou Sergey Golovko.

— É verdade — concordou Jack. — Se toda a arquitetura por aqui é bonita assim, gostaria de ter alguns dias só para admirá-la. Quem quer que tenha construído essa casa tinha classe.

Indicou aprovadoramente com um gesto as paredes brancas e uniformes, a cúpula do teto e os adornos de ouro. Na verdade ele achava um pouco exagerado, mas sabia que os russos tinham uma tendência nacional a exagerar em muitas coisas. Para os russos, que raramente tinham o bastante de qualquer coisa, "ter o suficiente" significava ter mais do que os outros; de preferência, mais do que *todos* os outros. Ryan considerava esse modo de pensar a evidência de um tipo de complexo de inferioridade nacional, e lembrou a si mesmo que as pessoas que se sentiam inferiores tinham um desejo patológico de questionar as próprias percepções. Esse fator dominava todos os aspectos do processo de controle de armas, deslocando a própria lógica como a base para se alcançar um acordo.

— Os decadentes Romanov! — observou Golovko. — Tudo vindo do suor dos camponeses.

Ryan riu polidamente.

— Bom, pelo menos algum dinheiro dos impostos foi aplicado em algo belo, inofensivo... e imortal. Se quer saber minha opinião, é melhor do que comprar armas feias que se tornam obsoletas em dez anos. Aí está uma idéia, Sergey Nikolayevich. Precisamos redirecionar nossas competições político-militares para a beleza, em vez de para as armas nucleares.

— Está satisfeito com os progressos, então?

Negócios. Ryan encolheu os ombros e continuou e apreciar o salão.

— Acho que já concordamos sobre a agenda. Depois, aquele pessoal ao lado da lareira vai tratar dos detalhes. — Olhou para um dos enormes candelabros de cristal, imaginando quantos anos de esforço teria custado e como devia ter sido difícil pendurar um objeto que pesava tanto quanto um automóvel pequeno.

— Está satisfeito com o aspecto da "verificabilidade"?

Está confirmado, pensou Ryan, com um sorriso. *Golovko é da GRU,*

a agência soviética de Inteligência militar. E a ela estavam afetos os Meios Técnicos Nacionais, expressão que designava satélites-espiões e outros métodos de observação de países inimigos, assuntos que nos Estados Unidos eram tratados pela CIA. A despeito de a minuta do acordo mencionar inspeção no local, a maior parte desse item, no texto final do acordo, versaria sobre os satélites-espiões. Essa devia ser a área de Golovko.

Não era nenhum segredo que Jack trabalhava para a CIA, nem tinha que ser, pois ele não era um agente de campo. Sua ligação com o grupo de negociações devia-se a uma questão de lógica. Sua função atual estava relacionada ao controle de certos sistemas de armas estratégicas no interior da União Soviética. Antes de assinar qualquer tratado, cada lado precisava satisfazer sua própria paranóia institucionalizada, certificando-se de que nenhum truque estava sendo aplicado ao outro. Jack aconselhava o chefe das negociações nesse sentido. Isto é, quando ele estava disposto a ouvir.

— A verificabilidade é uma questão técnica e difícil — replicou depois de um momento. — Receio que eu não tenha competência para falar sobre isso. O que o seu pessoal achou da nossa proposta de limitar o número de equipamentos baseados em terra?

— Nós dependemos mais dos mísseis baseados em terra do que vocês — declarou Golovko baixando a voz, mais cauteloso ao abordar o cerne da posição soviética.

— Não entendo por que não colocam mais ênfase nos submarinos, como nós...

— Confiabilidade, como bem sabe.

— O que é isso, os submarinos são confiáveis... — provocou Jack, continuando a examinar o relógio. Era simplesmente magnífico. Um militante com jeito de camponês estendia uma espada a outro camarada, incitando-o para que ele fosse à luta. *Não é exatamente uma idéia nova,* pensou Jack, *o velho espertalhão mandando algum garoto para morrer em seu lugar.*

— Lamento dizer que tivemos alguns acidentes.

— Ouvi dizer, aquele ianque que naufragou nas Bermudas...

— E o outro.

— Como? — Jack foi obrigado a voltar-se, fazendo um esforço para não sorrir.

— Por favor, doutor Ryan, não insulte minha inteligência. Conhece a história do *Outubro Vermelho* tão bem quanto eu.

— Como é o nome? Já sei: o Typhoon que vocês perderam ao largo das Carolinas. Nessa época eu estava em Londres. Não recebi informações sobre o caso.

— De qualquer modo acho que os dois acidentes ilustram bem os problemas que nós, soviéticos, enfrentamos. Não podemos confiar em nossos submarinos tão completamente quanto vocês confiam nos seus.

— Hum. — *Isso sem mencionar os pilotos,* pensou Ryan, tendo o cuidado de manter o rosto impassível.

— Posso fazer uma pergunta objetiva? — insistiu Golovko.

— Claro, desde que não espere uma resposta objetiva — retrucou Ryan.

— Sua comunidade de informações vai aprovar nossa proposta de tratado de desarmamento?

— E agora, como é que eu poderia saber a resposta a uma pergunta dessas? — Jack interrompeu-se. — E quanto à sua Inteligência?

— Eles farão o que nossos órgãos de segurança estatal disserem para fazer — assegurou Golovko.

Ele tem razão, disse Ryan a si mesmo.

— Em nosso país, se o presidente decide apoiar um tratado de limitação de armamentos, e acha que pode aprová-lo no Senado, então não importa muito o que a CIA e o Pentágono achem...

— Mas seu complexo industrial-militar... — interrompeu Golovko.

— Meu Deus, vocês adoram bater nessa tecla! Sergey Nikolayevich, você, melhor do que ninguém, devia saber...

Mas Golovko era um agente de Inteligência *militar,* e talvez não soubesse, lembrou-se Ryan tarde demais. A extensão dos pontos nos quais os Estados Unidos e a União Soviética se desentendiam era um assunto ao mesmo tempo divertido e incrivelmente perigoso. Jack perguntou-se se a comunidade de informações dali tentava obter a verdade, como a CIA fazia agora, ou simplesmente dizia o que seus senhores queriam ouvir, como a CIA tinha feito demasiadas vezes no passado. Achou que a última hipótese era mais provável. As agências russas de Inteligência eram politizadas, exatamente como a CIA costumava ser. Um ponto a favor do juiz Moore foi que ele deu duro para pôr fim a essa situação. Mas ele não ambicionava de modo algum ser presidente, o que o distinguia de seus

equivalentes soviéticos. Um diretor da KGB, Comissão para a Segurança do Estado, conseguira chegar até o topo, e pelo menos um outro tentara. Isso fazia da KGB um organismo político, o que lhe afetava a objetividade. Jack suspirou em seu champanhe. Os problemas entre os dois países não terminariam se as falsas percepções desaparecessem, mas pelo menos as coisas ficariam mais fáceis de controlar.

Talvez. Ryan admitiu para si mesmo que essa solução poderia ser

tão falsa quanto todas as outras; afinal de contas, nunca tinha sido tentada antes.

—Posso fazer uma sugestão?

—Certamente — respondeu Golovko.

— Vamos deixar de lado os negócios e você me conta tudo sobre esta sala enquanto eu saboreio o meu champanhe. — *Isso vai economizar tempo a nós dois quando formos escrever nossos relatórios amanhã.*

— Talvez queira um cálice de vodca.

— Não, obrigado. Esse champanhe é muito bom. É fabricado aqui mesmo?

— É feito aqui na Geórgia — informou Golovko orgulhosamente. — Pessoalmente, acho melhor que o francês.

— Não me importaria nem um pouco em levar algumas garrafas para casa — arriscou Jack.

Golovko deu um riso curto, numa manifestação de divertimento e poder.

— Vou providenciar, não se preocupe. Pois bem. O palácio foi acabado em 1849, ao custo de 11 milhões de rublos, uma boa quantia naquele tempo. Foi o último grande palácio construído, na minha opinião o melhor...

Ryan não era o único que não conhecia o salão. A maior parte da delegação americana nunca estivera ali. Russos aborrecidos passavam pelo aposento acompanhando os visitantes e fornecendo explicações. Várias pessoas da embaixada seguiam junto, mantendo um olhar ora distraído, ora atento aos detalhes.

— Então, Misha, o que acha das mulheres americanas? — perguntou o ministro da Defesa, Yazov, a seu ajudante-de-ordens.

— Essas que vêm vindo não são nada feias, camarada ministro — observou reservadamente o coronel.

— É, mas tão magrinhas... Ah, é verdade, eu sempre esqueço. Sua bela esposa Elena era esguia. Que boa mulher ela foi, Misha.

— Obrigado por lembrar-se, Dmitri Timofeyevich.

— Olá, coronel! — cumprimentou uma das mulheres americanas, em russo.

— Como vai, senhora...

— Foley. Encontramo-nos no jogo de hóquei, em novembro último.

— Conhece essa mulher? — perguntou o ministro ao ajudante-de-ordens.

— Meu sobrinho... quer dizer, meu sobrinho-neto Mikhail, neto da irmã de Elena... joga hóquei na liga juvenil, e fui convidado para assistir a um jogo. Aconteceu que eles permitiram o ingresso de um imperialista no time. — O coronel levantou a sobrancelha.

— Seu filho joga bem? — indagou o marechal Yazov.

— É o terceiro artilheiro de toda a liga — informou a sra. Foley.

— Mas que ótimo! Então precisa permanecer em nosso país, e seu filho pode jogar para o time do Exército da região central quando crescer. — Yazov sorriu. Era quatro vezes avô. — O que faz aqui?

— Meu marido trabalha na embaixada. Ele está por ali, levando os repórteres a algum lugar. Mas o importante é que vim aqui esta noite. Nunca vi nada tão bonito! — Os olhos brilhantes revelavam muitos copos de alguma coisa. — Esse assoalho é tão bonito que me parece um crime andar em cima dele. Não temos nada parecido por lá.

Ela provavelmente tinha bebido champanhe. Parecia mais o tipo que bebia champanhe, mas era bem atraente, e falava bem o russo, fato raro nas mulheres americanas.

— Nunca tiveram czares, o que foi uma sorte — respondeu Yazov, como bom marxista. — Mas, como russo, sou obrigado a admitir que aprecio o senso artístico que eles demonstraram.

— Não o vi mais nos outros jogos, coronel — comentou a sra. Foley, voltando-se para Misha.

— Não tenho tido tempo.

— Mas trouxe boa sorte. Naquela noite o time ganhou, Eddie fez um gol e deu o passe para um outro.

— E nosso pequeno Misha só conseguiu duas faltas por usar o taco alto demais.

— Não estava usando essas medalhas quando nos encontramos — comentou a americana, apontando as três estrelas de ouro no peito do coronel.

— Talvez eu não tivesse tirado o sobretudo...

— Ele sempre as usa — assegurou o marechal. — Sempre se usa uma medalha de Herói da União Soviética.

— É o mesmo que a nossa Medalha de Honra?

— As duas são mais ou menos equivalentes — respondeu Yazov, pois Misha era estranhamente modesto sobre esse assunto. — O coronel Filitov é o único homem vivo que ganhou três em batalha.

— É mesmo? — interessou-se a sra. Foley. — Como é que alguém consegue ganhar *três?*

— Lutando contra alemães — disse secamente o coronel.

— Matando alemães — corrigiu Yazov. Quando Filitov já despontava como uma das estrelas do Exército Vermelho, ele não passava de

tenente. — Misha é um dos melhores oficiais de tanque que já

—Só cumpri meu dever, como muitos soldados naquela guerra — respondeu o coronel, corando com o elogio.

— Meu pai também foi condecorado nessa guerra — comentou a americana. — Liderou duas missões para salvar pessoas dos campos de prisioneiros nas Filipinas. Não gostava muito de falar sobre isso, mas o fato é que lhe deram algumas medalhas. Conversa com seus filhos sobre essas cruzes de ouro?

Filitov enrijeceu-se por um momento e pareceu sem ação. O marechal veio em seu auxílio. —Os filhos do coronel Filitov faleceram há alguns anos.

— Oh! Oh, desculpe, coronel. Sinto muitíssimo. — A sra. Foley parecia mortificada.

— Já faz muito tempo... — Misha sorriu e mudou de assunto. — Lembro-me bem de seu filho no dia do jogo, um ótimo jovem! Ame suas crianças, minha cara, pois não vai conservá-las a seu lado para sempre. Agora, se me desculpam por um momento...

Misha partiu na direção das salas de descanso. A sra. Foley olhou angustiada para o ministro.

— Senhor, não tive intenção...

— Certamente que não. Como poderia saber disso? Misha perdeu seus filhos há alguns anos, e logo depois a mulher. Cheguei a conhecê-la,

quando eu era muito jovem... Uma mulher adorável, dançarina do Balé Kirov. É uma história triste, mas o povo russo está acostumado a grandes tristezas. Só que não precisamos falar agora sobre essas coisas... Em que time seu filho joga? — O interesse de Yazov pelo hóquei foi grandemente ampliado pela beleza do rosto a sua frente.

Misha chegou rapidamente à sala de descanso. Americanos e russos tinham salas diferentes, claro, e o coronel Filitov encontrava-se sozinho no que deveria ter sido o banheiro privativo de um príncipe, ou da amante de algum czar. Lavou suas mãos e observou-se no espelho de bordas lapidadas. Só tinha um pensamento: *Mais uma vez. Outra missão.* Filitov suspirou profundamente, endireitou o corpo e se recompôs. Um minuto mais tarde estava de volta à arena.

— Desculpe — falou Ryan. Voltando-se, dera um encontrão num soviético mais idoso que saíra da sala de descanso.

Golovko disse algo em russo que Jack não entendeu. O outro oficial pronunciou algumas palavras em tom educado e continuou caminhando até o ministro da Defesa.

—Quem é ele? — indagou Jack ao companheiro russo. —*os americanos sabem de alguma coisa que desconhecemos?* Ou, melhor ainda: será que Ryan sabia de alguma coisa que Golovko ignorava? O coronel franziu a testa, depois lembrou-se de que era *ele* quem sabia, e não Ryan. Sorriu levemente ao pensar que tudo era parte de um grande jogo. O maior que havia.

— Vocês devem ter andado a noite inteira.

O Arqueiro concordou gravemente, depositando o saco que carregara durante cinco dias nos ombros. Era quase tão pesado quanto o que Abdul trouxera. O homem da CIA pôde observar que o jovem encontrava-se à beira de um colapso por exaustão. Os viajantes acomodaram-se em almofadas.

— Bebam alguma coisa.

O nome do contato da CIA era Emilio Ortiz, suficientemente moreno para passar por nativo de qualquer região do Cáucaso. Também tinha cerca de 30 anos, estatura mediana e porte atlético, com musculatura de nadador. Fora assim que conseguira uma bolsa de estudos para a Universidade do Sul da Califórnia, onde se formara em línguas. Ortiz tinha um dom muito raro nesse campo: depois de ouvir uma língua, dialeto ou sotaque, era capaz de falar como um nativo em qualquer parte do mundo. Demonstrava

principalmente um profundo respeito pelos costumes das pessoas com as quais trabalhava. Isso significava que a bebida oferecida não era e nem poderia ser alcoólica. Era suco de maçã. Observou o guerrilheiro beber tudo com a consideração que um conhecedor de vinhos dedicaria a um novo *bordeaux.*

— Que as bênçãos de Alá caiam sobre esta casa — disse o Arqueiro quando terminou o primeiro copo.

O fato de que tivesse esperado até tomar seu suco de maçã era o mais próximo que ele chegaria de uma piada. Ortiz percebeu a fadiga no rosto do guerrilheiro, embora não a demonstrasse de qualquer outra maneira. Ao contrário de seu jovem companheiro, o Arqueiro parecia imune às provações do mundo. Isso não era verdade, mas Ortiz compreendia a força interior que o levava a suprimir os sentimentos humanos.

Os dois homens estavam vestidos de maneira quase idêntica. Ortiz considerou a vestimenta do Arqueiro e notou a semelhança com a dos índios apaches da América e do México. Um de seus ascendentes fora oficial das tropas de Terrazas quando o Exército mexicano esmagara as forças de Victorio, nas montanhas Três Castillos. Os afegães também usavam calças rústicas sob as tangas. E também, apesar da pequena estatura, eram guerreiros ágeis. Além disso, tratavam seus prisioneiros como ruidosas diversões para suas facas. Olhou para a faca do Arqueiro e imaginou como ela seria usada. Depois resolveu que seria melhor não saber. —Quer alguma coisa para comer?

— Pode esperar — declarou o Arqueiro, enfiando a mão na mochila Ele e Abdul haviam trazido dois camelos carregados, mas o material realmente importante estava em sua mochila. — Disparei oito mísseis, atingi seis aparelhos, mas um tinha dois motores e conseguiu fugir. Dos cinco destruídos, dois foram helicópteros e três, caças-bombardeiros. O primeiro helicóptero que destruímos era o modelo novo de 24 de que você tinha falado. Tinha razão. Uma parte do equipamento era nova. Aqui tem alguma coisa.

Era irônico que os equipamentos mais sensíveis da aviação militar estivessem intactos, ao passo que a tripulação morrera. Enquanto ele observava, o Arqueiro revelou seis placas verdes de circuitos integrados, usadas para os localizadores laser que agora eram equipamento-padrão para os Mi-24. Um capitão do Exército americano, que até aquele

momento permanecera nas sombras em silêncio, adiantou-se na direção das placas. Suas mãos tremiam quando ele apanhou os circuitos.

— Também tem o laser? — perguntou ele, em imperfeito *pashtu* ou pata, dialeto majoritário no Afeganistão.

— Estava muito estragado, mas trouxemos assim mesmo. — O Arqueiro voltou-se e deu com Abdul roncando a seu lado. Quase sorriu, porém lembrou-se de que também tinha um filho.

Ortiz entristeceu-se. Ter sob suas ordens um homem educado como o Arqueiro era bastante estranho. Provavelmente fora um bom professor, que agora não poderia voltar mais a ensinar. A guerra mudara a vida do Arqueiro tão completamente como se ele tivesse morrido. Era um grande desperdício.

— Os novos mísseis? — perguntou o Arqueiro.

— Posso te dar dez. Um modelo aperfeiçoado, com um alcance adicional de 500 metros. E alguns foguetes de fumaça também.

O Arqueiro concordou gravemente, movendo de modo quase imperceptível os cantos da boca, no que teria sido um sorriso em outros tempos.

— Talvez agora eu consiga derrubar um avião de transporte. Os foguetes de fumaça funcionaram muito bem, meu amigo. A cada vez traziam os invasores mais perto de mim. Ainda não descobriram essa tática.

Ele não dissera *truque,* dissera *tática,* reparou Ortiz. *Agora ele quer ir atrás dos transportes, matar centenas de russos de uma só vez. Meu Deus, em que monstro transformamos esse homem! O* agente da CIA balançou a cabeça, afastando o assunto que não lhe dizia respeito.

— Parece cansado, meu amigo. Descanse agora, podemos comer depois. Honre minha casa dormindo sob meu teto.

— É verdade, estou cansado — admitiu o Arqueiro. Dois minutos depois estava dormindo.

Ortiz e o capitão começaram a fazer o inventário das peças recebidas. Havia um manual de manutenção para o equipamento laser do Mi-24 e folhas de código para o rádio, além de outros itens que já tinham visto anteriormente. Por volta do meio-dia já haviam catalogado tudo e começaram a fazer os arranjos para embarcar o material para a embaixada; de lá seria enviado para a Califórnia, onde o avaliariam adequadamente.

O VC-137 da Força Aérea americana decolou no horário. Era uma versão modificada do Boeing 707. O "V" do prefixo significava que fora preparado para transportar VIPs — pessoas muito importantes —, e o interior refletia exatamente isso. Jack recostou-se no sofá e abandonou-se à fadiga que o envolvia. Dez minutos mais tarde alguém sacudiu seu ombro.

— O chefe quer ver você — informou um membro da equipe.

— Será que ele não dorme nunca? — resmungou Jack.

— Você é que deve saber.

Ernest Allen estava nas acomodações VIP da aeronave, uma cabine situada exatamente sobre a longarina da asa, com seis poltronas acolchoadas. Havia também uma cafeteira sobre a mesa. Ryan sentia que, se não tomasse uma xícara, logo começaria a ficar incoerente; por outro lado, se tomasse, não conseguiria mais dormir. Decidiu que o governo não o pagava para dormir, e serviu-se de uma xícara cheia.

— Pois não, senhor?

— Podemos verificar? — Allen dispensou as formalidades.

— Ainda não sei — respondeu Jack. — Não é somente uma questão de Meios Técnicos Nacionais. Verificar a eliminação de tantos lançadores...

— Mas eles estão propondo inspeção local limitada — observou um dos membros mais jovens do grupo.

— Sei disso — respondeu Jack. — A pergunta é: será que significa alguma coisa? *A outra pergunta é: por que eles subitamente concordaram com alguma coisa que queríamos por trinta anos?*

— *O* quê? — insistiu o rapaz.

— Os soviéticos trabalharam um bocado em seus novos lançadores móveis. E se possuírem muito mais do que acreditamos? Pensa que é viável localizar algumas centenas de mísseis em movimento pelo país?

— Mas nós temos radares apontados para a superfície nos novos pássaros e...

— E eles sabem disso, o que significa que podem evitar se quiserem — objetou Ryan. — Sabemos que nossos porta-aviões iludem os radares dos satélites de vigilância oceânica. Se a gente pode fazer isto com um navio, eles podem muito bem fazer com um trem.

Allen prestava atenção, abstendo-se de fazer qualquer comentário, permitindo que Jack continuasse para ver aonde chegaria. *Uma velha*

raposa, Ernie Allen.

— Então a CIA vai ser contra! Mas essa foi a melhor concessão que já fizeram!

— Ótimo. E uma boa concessão, e todos aqui sabem disso! Antes de aceitarmos, vamos checar se o que eles concederam ainda tem alguma importância. E existem ainda outros aspectos.

— Então vai mesmo se opor! — espantou-se o jovem.

— Não vou me opor a coisa nenhuma. Só estou dizendo para ir com calma, e não aceitar correndo como se fosse um presente.

— Mas esse esboço do tratado é... quase bom demais para ser verdade. — Com isso o jovem acabava de provar o ponto de vista de Ryan, sem se dar conta.

— Doutor Ryan — disse Allen —, se os detalhes técnicos puderem ser resolvidos satisfatoriamente, como analisa o tratado?

— Senhor, falando de um ponto de vista estritamente técnico, uma redução de cinqüenta por cento no número de ogivas nucleares não tem efeito algum no balanço estratégico. É...

— Mas isso é loucura! — interrompeu o rapaz, indignado.

Jack estendeu o braço na direção do jovem, esticando o indicador como se fosse o cano de uma arma.

— Vamos dizer que eu tenha uma pistola apontada para o seu peito agora. Pode ser uma Browning 9 milímetros, com um carregador de treze balas. Concordo em remover sete balas, mas ainda tenho a arma carregada, com seis tiros e apontada para seu peito. Está se sentindo mais seguro agora? — Ryan sorriu e abaixou a "arma".

O outro não disse nada, e Jack continuou, voltando-se para Allen.

— Eu pessoalmente não me sentiria. É exatamente sobre isso que estamos falando. Se ambos os lados reduzirem seus efetivos pela metade, isso deixaria cerca de cinco *mil* ogivas nucleares para atingir nosso país. Pense no que esse número representa. Esse acordo todo serve para reduzir a sobremorte. A diferença entre cinco mil e dez mil diz respeito apenas à extensão da destruição. Se começarmos a falar em reduzir o número para mil em cada lado, então talvez eu possa começar a acreditar que estamos chegando a algum lugar.

— Acredita que é possível atingir o limite de mil ogivas nucleares? — quis saber Allen.

— Não acredito, senhor. Eu gostaria que fosse, mas me disseram que o limite de mil ogivas nucleares seria capaz de tornar a guerra "vencível", seja lá o que quiserem dizer com isso. — Ryan encolheu os ombros. — Senhor, o que quero dizer é que, se o acordo passar, as coisas ficam melhores do que estão. Talvez o significado simbólico do acordo tenha valor em si mesmo; isto é um fator a ser considerado, mas foge ao meu campo. A economia será real para ambos os lados, se bem que pequena se comparada aos gastos globais militares. Todos mantêm metade de seus arsenais atuais, e isto significa ficar com a metade mais moderna e eficiente, é claro. A constante permanece: num conflito nuclear, os dois lados estão igualmente mortos. Não vejo como este tratado possa reduzir a "ameaça de guerra", seja lá o que for isso. Para fazer isto de verdade, precisamos eliminar completamente essas coisas, ou então inventar algo que as impeça de detonar. Se alguém me perguntar, acho que devíamos tentar a segunda alternativa. Então o mundo seria um lugar um pouco mais seguro. Talvez...

— Seria o início de uma nova corrida às armas.

— Senhor, essa corrida começou há tanto tempo que dificilmente pode ser chamada de nova...

2
TEA CLIPPER

— Estão chegando mais fotografias de Dushanbe — informou a Ryan uma voz pelo telefone.

— Certo, daqui a alguns minutos estarei chegando aí.

Jack levantou-se e atravessou o corredor em direção ao escritório do almirante Greer. Seu superior estava de costas para o branco ofuscan-te da espessa camada de neve que cobria tudo à volta do quartel-general da CIA. Ainda limpavam o estacionamento, e até mesmo a plataforma gradeada do lado de fora das janelas do sétimo andar tinha mais de 20 centímetros de neve.

— O que houve, Jack? — perguntou o almirante.

— Dushanbe. O tempo limpou de repente. O senhor pediu para ser avisado assim que isso acontecesse.

Greer olhou para o monitor de vídeo no canto do escritório. Estava próximo ao terminal de computador que ele se recusava a usar, pelo menos quando havia alguém por perto para observar suas tentativas de digitar com os dois indicadores, auxiliado por um dos polegares nos dias de inspiração. O almirante poderia, se quisesse, ter as fotografias dos satélites, em tempo real, transmitidas "ao vivo" para seu escritório, mas ultimamente vinha evitando fazê-lo, e Jack não sabia o motivo.

— Muito bem, vamos até lá.

Ryan manteve a porta aberta para que o vice-diretor dos Serviços de Informações passasse, e ambos tomaram a esquerda até o final do corredor da ala executiva no último andar do prédio, onde ficava o elevador que os conduziria até lá. O bom era que não se precisava esperar muito.

— Como estão seus horários? — perguntou Greer, referindo-se aos longos vôos que Ryan realizara há menos de vinte e quatro horas.

— Já estou completamente recuperado, senhor. Voar para o oeste não me incomoda muito, para o leste é que acaba comigo. — *Puxa, como é bom estar em terra firme!*

A porta se abriu, e os dois andaram em direção ao novo anexo, que abrigava o Setor de Análise de Imagens. Este departamento era privativo do Diretório de Inteligência, separado do NPIC, o Centro Nacional de

Informações Fotográficas, o qual representava um esforço conjunto da CIA e da DIA, a Agência de Informações da Defesa, servindo a toda a comunidade de Informações.

A sala de projeção contentaria um produtor de Hollywood. Trinta poltronas estofadas ficavam em frente a uma tela de 2 metros quadrados na parede oposta à cabine do projetor. Art Graham, o chefe da unidade, esperava por eles.

— Calcularam muito bem o tempo. Teremos as imagens em mais um minuto. — Ele levantou o fone de comunicação com a cabine de projeção e pronunciou algumas palavras. A tela iluminou-se imediatamente. Aquilo era chamado de "Imagem Aérea", lembrou-se Jack.

— Foi mesmo uma sorte. Aquele sistema siberiano de alta pressão fez uma volta brusca para o sul e parou a frente quente como se fosse uma parede de tijolos. Condições perfeitas de visibilidade. A temperatura ao nível do solo é de zero grau, e a umidade relativa do ar não pode ser muito maior do que isso. — Graham sorriu. — Manobramos o satélite para aproveitar a oportunidade. Faltam três graus para ficar exatamente acima do local, e não acho que Ivã tenha tido tempo para perceber a manobra que já está em andamento.

— Aí está Dushanbe. — Jack respirou fundo quando parte da República Socialista Soviética do Tadjiquistão apareceu na tela.

A primeira imagem era vista através da câmera grande-angular. O satélite de reconhecimento KH-14 em órbita tinha um total de onze câmeras. O "pássaro" representava o primeiro da mais nova geração de satélites e estava orbitando havia apenas três semanas. Dushanbe, conhecida por um curto período como Stalinabad — *isso deve ter deixado o povo contente,* pensou Ryan —, provavelmente surgira na rota das antigas caravanas. O Afeganistão ficava a menos de 160 quilômetros. A legendária Samarcanda de Tamerlão situava-se a noroeste dali, não muito distante... e talvez Scheherazade tivesse viajado por aquelas estradas mil anos antes. Jack perguntou-se por que a História sempre se repetia, os mesmos nomes e lugares parecendo saltar de um século para o outro.

Só que o interesse atual da CIA por Dushanbe não tinha nenhuma relação com o comércio da seda.

A imagem mudou para uma das câmeras de alta definição do satélite, mostrando a princípio um vale profundo e montanhoso, onde um rio estava represado pela parede de rocha e concreto de uma barragem hidrelétrica.

Embora se localizasse 50 quilômetros a sudeste de Dushanbe, as linhas de transmissão elétrica não se dirigiam para a cidade de 800 000 habitantes, mas para alguns picos de montanhas quase à vista das instalações.

— Aquilo parece uma fundação para outro conjunto de torres — observou Ryan.

— Paralelas às primeiras — concordou Graham. — Estão instalando novos geradores. Bem, sabíamos desde o princípio que só estavam obtendo a metade do potencial utilizável da represa.

— Quanto tempo levaria para colocar o restante da energia em linha? — indagou Greer.

— Eu teria de verificar com um dos consultores. Mas acho que não vai levar mais do que algumas semanas para estender os cabos, e a casa de força já está pronta. Eu diria que os alicerces para os novos geradores devem estar prontos, e, se isso for verdade, tudo o que têm a fazer é montar o novo equipamento. Seis meses, talvez oito, se o tempo não ajudar.

— Tão rápido assim? — espantou-se Ryan.

— Eles desviaram o pessoal de outras duas hidrelétricas. Ambas faziam parte do projeto Herói. Nunca se comentou nada sobre esta obra; as tropas de construção foram retiradas de dois locais para trabalhar nesse. Ivã sabe muito bem concentrar seus esforços quando quer, doutor Ryan. Seis ou oito meses é uma estimativa otimista. Acho que pode ser feito mais depressa do que isso — declarou Graham.

— Qual será a potência total disponível quando terminarem?

— A estrutura não é tão grande assim. O total de saída no pico com os novos geradores? Por volta de 1 100 megawatts, eu diria.

— Pois isso é um bocado de energia, e vai toda para aquelas montanhas — comentou Ryan, como se falasse consigo mesmo.

O pico a que a Agência chamava de "Mozart" era alto, mas, como aquela região configurasse o limite ocidental da cordilheira do Himalaia com suas altitudes gigantescas, parecia insignificante. Haviam construído uma estrada até o topo à custa de explosões — não existiam entidades de controle ambiental na União Soviética — e também um heliporto para receber as personalidades importantes que chegavam aos dois aeroportos de Dushanbe. Dezesseis construções destacavam-se na imagem projetada. Uma delas era um prédio de apartamentos, de onde a vista devia ser fantástica, ainda que tivesse sido construído segundo o estilo arquitetônico

padrão soviético, tão atraente quanto um bloco cúbico de concreto. Terminado seis meses atrás, muitos engenheiros já moravam ali com suas famílias. Parecia deslocado um prédio daquele tipo num lugar tão inacessível, mas a mensagem que passava era clara: as pessoas que viviam ali eram privilegiadas. Engenheiros e acadêmicos, profissionais tão habilitados que o Estado quisera cuidar de seu conforto e necessidades. A comida era transportada em caminhões para o alto ou, quando o tempo se tornava muito ruim, ia por via aérea. Outra das construções era um teatro, e a terceira um hospital. A programação de televisão era fornecida por uma estação rastreadora de satélites localizada ao lado de um edifício que continha muitas lojas. Esse tipo de mordomia não era muito comum na União Soviética, mas limitado aos altos oficiais do Partido e pessoas que trabalhavam em projetos essenciais de defesa. Aquela não era uma estação de esportes de inverno.

Tal fato também se tornava óbvio pela presença da cerca que circundava todo o perímetro, além das torres de vigia, ambas de construção recente. Um dos itens facilmente reconhecíveis nos complexos militares soviéticos eram as torres de vigia; Ivã tinha verdadeira fixação por esse tipo de controle. Três cercas encerravam dois espaços internos de uns 10 metros de largura, sendo o mais exterior geralmente minado e o interior patrulhado por cães. As torres de vigia ficavam no círculo interno, a intervalos regulares de 10 metros. Os soldados que as guameciam estavam alojados em barracões de concreto, melhores do que a média.

— Consegue focalizar um dos guardas? — perguntou Jack.

Graham falou ao bocal e a imagem mudou. Um dos técnicos já trabalhava naquele sentido, mais para testar a regulagem da câme-ra e as condições ambientes do que para o propósito que Ryan tinha em mente.

Assim que a câmera começou a aproximar a imagem, o que era um ponto móvel transformou-se numa silhueta humana envolta num sobretudo e provavelmente usando gorro de peles. Levava um grande cão de raça incerta pela coleira e um fuzil de assalto Kalashnikov pendurado ao ombro direito. Homem e cachorro soltavam uma pequena nuvem de vapor ao exalarem o ar. Ryan inclinou-se para a frente, como se aquilo o ajudasse a ver melhor.

— A ombreira desse sujeito não parece verde? — perguntou ele a Graham.

— É — concordou o perito em reconhecimento. — Ele é mesmo

da KGB.

— Tão perto assim da fronteira do Afeganistão? — espantou-se o almirante. — Eles sabem que temos gente operando naquela zona. Pode ter certeza de que levarão a sério as medidas de segurança.

— Eles deviam querer muito esses picos — comentou Ryan. — A pouco mais de 100 quilômetros vivem milhões de pessoas que acreditam em matar soviéticos como expressão da vontade divina. Esse lugar é muito mais importante do que pensamos de início. Não pode ser simplesmente uma nova instalação, com tal tipo de segurança. Se fosse, não iriam construir tudo num lugar assim, tendo que puxar novas linhas elétricas e ficar tão perto de forças hostis. No momento pode ser um centro de pesquisa e desenvolvimento, mas eles devem ter planos mais ambiciosos para o futuro.

— O quê, por exemplo?

— Ir atrás dos meus satélites, talvez. — Art Graham sempre se referia aos satélites como se pertencessem a ele.

— Eles "cutucaram" algum recentemente? — quis saber Jack.

— Não, desde que abalamos Ivã, em abril. Parece que o bom senso prevaleceu pelo menos uma vez.

Aquela era uma velha história. Em inúmeras oportunidades, nos últimos anos, os satélites americanos de reconhecimento tinham sido "cutucados" com feixes de raios laser ou energia de microondas, focalizados nos satélites apenas o bastante para "cegar" os receptores, mas não para causar danos sérios. A grande dúvida era o motivo que teria levado os soviéticos a procederem assim. Poderia ser um tipo de teste para ver como reagiria o Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte, o NORAD, no monte Cheyenne, no Colorado? Seria uma forma de saber quão sensíveis eram os satélites? Ou uma demonstração, como aviso da capacidade de destruí-los? De qualquer forma, era sempre muito difícil saber o que os soviéticos estavam pensando.

Eles invariavelmente protestavam inocência, é claro. Quando um satélite americano ficara momentaneamente cego ao passar sobre Sary Shagan, disseram que uma tubulação conduzindo gás natural se incendiara. O fato de que o oleoduto Chimkent-Pavlodar nas proximidades transportava principalmente petróleo escapara à imprensa

ocidental. A passagem do satélite acabara de completar-se. Numa sala vizinha, as fitas de vídeo estavam sendo rebobinadas e dali por diante

as cenas poderiam ser examinadas à vontade.

— Vamos dar uma olhada em Mozart outra vez, e em Bach também, por favor — ordenou Greer.

— É uma bela troca, essa — declarou Jack.

A área residencial e industrial em Mozart distava apenas um quilômetro das instalações em Bach, o pico seguinte, porém a estrada parecia assustadora. A imagem parou em Bach. A fórmula das cercas e torres de vigia repetia-se aqui, só que dessa vez a distância entre a cerca externa e a interna era de pelo menos 200 metros. Aqui a superfície do solo parecia ser formada de rocha nua. Jack perguntou-se como fariam para instalar minas num terreno como aquele — *ou talvez não o fizessem,* pensou ele. Parecia óbvio que a área fora nivelada com máquinas e explosivos até ficar plana como uma mesa de bilhar. Das torres de vigia, devia-se ter a sensação de estar numa galeria de tiro.

— Não estão brincando, estão? — murmurou Graham.

— Então é isso que estão guardando... — comentou Ryan. Havia um total de treze prédios no perímetro delimitado pela cerca

interior. Numa área do tamanho aproximado de dois campos de futebol — cujo solo também fora nivelado — dispunham-se dez escavações, em dois grupos. Um dos grupos era composto de seis buracos, um alinhamento hexagonal, cada qual com 10 metros de diâmetro. O outro grupo, de quatro buracos, fora arranjado de modo a formar um losango, as escavações ligeiramente menores, talvez com 8 metros de diâmetro. No interior de cada um dos buracos havia um pilar de con-creto com 5 metros de diâmetro solidamente alicerçado na rocha, a uns 10 metros de profundidade — mas não se podia precisar pela ima-gem vista do alto. Sobre cada pilar via-se um domo de metal, aparen-temente formado por inúmeros segmentos em forma de meia-lua.

— Eles abrem. Gostaria de saber o que tem ali dentro... — conjeturou Graham.

Umas duzentas pessoas em Langley estavam a par de Dushanbe, e todas elas queriam saber o que existia abaixo daqueles domos de metal, instalados no lugar apenas há alguns meses.

— Almirante, gostaria de levantar um novo assunto — declarou Jack.

— Qual assunto?

— *Tea Clipper.*

— Está pedindo demais! — objetou Greer. — *Eu* mesmo não tenho acesso a essas informações.

— Almirante, se o que eles estão fazendo em Dushanbe for a mes-ma coisa que estamos tentando em *Tea Clipper,* nós precisamos saber.

—Ryan recostou-se na poltrona. — Que diabos, como podemos saber o que procurar se nem sabemos como deve ser a aparência de um lu-gar desses?

— Tenho dito isso há algum tempo — O vice-diretor dos Serviços de Informações riu. — O diretor-geral não vai gostar nem um pouco. O juiz vai ter de ir até o presidente para conseguir isso.

— Pois que vá ao presidente. E se essa atividade que vimos aqui estiver ligada ao esboço de tratado que eles apresentaram?

— Acha que sim?

— Quem pode saber? — respondeu Ryan. — E uma coincidência, e isso me preocupa.

— Muito bem, vou falar com o diretor.

Duas horas mais tarde, de volta para casa, Ryan dirigia seu Jaguar XJS no tráfego da Rodovia George Washington. O carro era uma das boas lembranças que trouxera do tempo de serviço da Inglaterra. Ele gostava tanto da sensação produzida pelo ronronar suave do motor de doze cilindros que chegara a aposentar seu velho Rabbit. Como sempre, deixou Washington e os negócios de lado, engatando as cinco marchas sucessivamente e concentrando-se em dirigir.

— E então, James? — perguntou o diretor-geral dos Serviços de Informações.

— Ryan acha que a atividade recente em Bach e Mozart pode estar relacionada ao novo tratado. Também acho que isso seja possível. Ele quer as informações de *Tea Clipper.* Eu disse que você teria de ir ao presidente. — O almirante Greer sorriu.

— Tudo certo, vou arranjar uma permissão por escrito para ele. Vai deixar o general Parks mais feliz, de qualquer jeito. Eles têm um teste marcado para o fim de semana e vou arranjar para que Jack o acompanhe. — O juiz Moore sorriu preguiçosamente. — O que acha?

— Acho que ele tem razão: Dushanbe e *Tea Clipper* são na essência o mesmo projeto. Vejo muitas similaridades aparentes, um número mui-to grande para ser simples coincidência. Devíamos atualizar nossos conhecimentos.

— Certo. — Moore voltou-se para olhar pela janela. O *mundo vai mudar outra vez. Talvez ainda leve dez anos, mas vai mudar. Daqui a dez anos não vai ser problema meu,* disse a si mesmo o juiz, *mas com certeza vai ser um problema de Ryan.* — Vou providenciar para que ele tome um avião para lá amanhã. Talvez tenhamos sorte com Dushanbe. Foley conseguiu avisar o Cardeal de que estamos muito interessados naquele lugar.

As fitas de vídeo estavam sendo rebobinadas e dali por diante as cenas poderiam ser examinadas à vontade.

— Vamos dar uma olhada em Mozart outra vez, e em Bach também, por favor — ordenou Greer.

— É uma bela troca, essa — declarou Jack.

A área residencial e industrial em Mozart distava apenas um quilômetro das instalações em Bach, o pico seguinte, porém a estrada parecia assustadora. A imagem parou em Bach. A fórmula das cercas e torres de vigia repetia-se aqui, só que dessa vez a distância entre a cerca externa e a interna era de pelo menos 200 metros. Aqui a superfície do solo parecia ser formada de rocha nua. Jack perguntou-se como fariam para instalar minas num terreno como aquele — *ou talvez não o fizessem,* pensou ele. Parecia óbvio que a área fora nivelada com máquinas e explosivos até ficar plana como uma mesa de bilhar. Das torres de vigia, devia-se ter a sensação de estar numa galeria de tiro.

— Não estão brincando, estão? — murmurou Graham.

— Então é isso que estão guardando... — comentou Ryan. Havia um total de treze prédios no perímetro delimitado pela cerca

interior. Numa área do tamanho aproximado de dois campos de futebol — cujo solo também fora nivelado — dispunham-se dez escavações, em dois grupos. Um dos grupos era composto de seis buracos, em alinhamento hexagonal, cada qual com 10 metros de diâmetro. O outro grupo, de quatro buracos, fora arranjado de modo a formar um losango, as escavações ligeiramente menores, talvez com 8 metros de diâmetro. No interior de cada um dos buracos havia um pilar de concreto com 5 metros de diâmetro solidamente alicerçado na rocha, a uns 10 metros de profundidade — mas não se podia precisar pela imagem vista do alto. Sobre cada pilar via-se um domo de metal, aparentemente formado por inúmeros segmentos em forma de meia-lua.

— Eles abrem. Gostaria de saber o que tem ali dentro... — conjeturou Graham.

Umas duzentas pessoas em Langley estavam a par de Dushanbe, e todas elas queriam saber o que existia abaixo daqueles domos de metal, instalados no lugar apenas há alguns meses.

— Almirante, gostaria de levantar um novo assunto — declarou Jack.

— Qual assunto?

— *Tea Clipper.*

— Está pedindo demais! — objetou Greer. — *Eu* mesmo não tenho acesso a essas informações.

— Almirante, se o que eles estão fazendo em Dushanbe for a mesma coisa que estamos tentando em *Tea Clipper,* nós precisamos saber.

—Ryan recostou-se na poltrona. — Que diabos, como podemos saber o que procurar se nem sabemos como deve ser a aparência de um lugar desses?

— Tenho dito isso há algum tempo — O vice-diretor dos Serviços de Informações riu. — O diretor-geral não vai gostar nem um pouco. O juiz vai ter de ir até o presidente para conseguir isso.

— Pois que vá ao presidente. E se essa atividade que vimos aqui estiver ligada ao esboço de tratado que eles apresentaram?

— Acha que sim?

— Quem pode saber? — respondeu Ryan. — É uma coincidência, e isso me preocupa.

— Muito bem, vou falar com o diretor.

Duas horas mais tarde, de volta para casa, Ryan dirigia seu Jaguar XJS no tráfego da Rodovia George Washington. O carro era uma das boas lembranças que trouxera do tempo de serviço da Inglaterra. Ele gostava tanto da sensação produzida pelo ronronar suave do motor de doze cilindros que chegara a aposentar seu velho Rabbit. Como sempre, deixou Washington e os negócios de lado, engatando as cinco marchas sucessivamente e concentrando-se em dirigir.

— E então, James? — perguntou o diretor-geral dos Serviços de Informações.

— Ryan acha que a atividade recente em Bach e Mozart pode estar relacionada ao novo tratado. Também acho que isso seja possível. Ele quer as informações de *Tea Clipper.* Eu disse que você teria de ir ao presidente. — O almirante Greer sorriu.

— Tudo certo, vou arranjar uma permissão por escrito para ele. Vai deixar o general Parks mais feliz, de qualquer jeito. Eles têm um teste marcado para o fim de semana e vou arranjar para que Jack o acompanhe. — O juiz Moore sorriu preguiçosamente. — O que acha?

— Acho que ele tem razão: Dushanbe e *Tea Clipper* são na essência o mesmo projeto. Vejo muitas similaridades aparentes, um número muito grande para ser simples coincidência. Devíamos atualizar nossos conhecimentos.

— Certo. — Moore voltou-se para olhar pela janela. O *mundo vai mudar outra vez. Talvez ainda leve dez anos, mas vai mudar. Daqui a dez anos não vai ser problema meu,* disse a si mesmo o juiz, *mas com certeza vai ser um problema de Ryan.* — Vou providenciar para que ele tome um avião para lá amanhã. Talvez tenhamos sorte com Dushanbe. Foley conseguiu avisar o Cardeal de que estamos muito interessados naquele lugar.

— O Cardeal? Ótimo!

— Mas se acontecer alguma coisa... Greer assentiu.

— Por Deus, espero que ele tenha cuidado — disse o vice-diretor dos Serviços de Informações.

Desde a morte de Dmitri Fedorovich que o Ministério da Defesa não tem sido o mesmo, escreveu com a mão esquerda o coronel Mikhail Semyonovich Filitov em seu diário. Tendo acordado cedo como sempre, sentara-se à escrivaninha de carvalho, com um século de idade, que sua esposa lhe comprara pouco antes de morrer, há... quanto tempo? *Trinta anos,* disse Misha a si mesmo. Completaria 30 anos em fevereiro próximo. Seus olhos se fecharam por um momento. *Trinta anos.*

Não se passou um só dia sem que se lembrasse da sua Elena. A fotografia da esposa estava sobre a mesa, o tom sépia apagado pela ida de, e emoldurada em prata enegrecida. Nunca arranjava tempo para polir a moldura oxidada, e não queria ser incomodado com a presen-ça de uma empregada. A imagem ainda nítida mostrava uma jovem com as pernas girando como fusos, os braços elevados acima da cabeça graciosamente inclinada para o lado. O rosto eslavo arredondado era iluminado por um sorriso amplo e convidativo, demonstrando perfeitamente a alegria que sentia quando dançava com o Balé Kirov.

Misha sorriu ao lembrar-se de sua primeira impressão como jovem oficial dos blindados a quem haviam dado a entrada como recompensa por

ter o tanque com a melhor manutenção na divisão: *Como é que eles conseguem fazer isso?* Dançam na ponta dos pés como se tivessem pernas de pau com ponta afiada. Lembrou-se de seus tempos de criança, quando brincara desajeitadamente com suas pernas de pau, *mas nunca com tanta graça e equilíbrio!* Então ela sorrira para o belo e jovem oficial na primeira fileira. Os olhos de ambos encontraram-se pelo breve espaço que teria durado uma piscadela, e o sorriso dela se alterara. Não era mais para a audiência: naquele instante eterno, o sorriso era só para ele. Uma bala no coração não teria um efeito mais devastador. Misha não conseguiu depois lembrar-se do resto da apresentação, e a partir de então não soubera a qual dança havia assistido. Recordava-se de ter ficado ali sentado durante o resto do espetáculo, enquanto sua mente planejava o que faria a seguir. O tenente Filitov já estava marcado como um homem destinado ao sucesso, para quem a brutal ação de Stálin contra o corpo de oficiais significava oportunidade e promoção rápida. Escrevera artigos sobre táticas de combate motorizado e praticava exercícios inovadores com os tanques, contestando veementemente as falsas "lições" da Espanha com a segurança de um homem nascido para aquela profissão.

O que vou fazer agora?, indagara-se então. O Exército Vermelho não lhe ensinara a se aproximar de uma artista. Aquela não era nenhuma camponesa entediada com seu trabalho no *kolkhoz* a ponto de se oferecer a qualquer um — principalmente um jovem oficial que poderia desviá-la de seu caminho. Misha ainda se recordava de suas atitudes vergonhosas na juventude — embora não as achasse nada vergonhosas na época — quando apelava para as divisas de oficial a fim de levar para a cama todas as garotas que lhe chamassem a atenção.

Mas nem sei o nome dela, lembrara a si mesmo. O *que faço agora? O* que fizera na época, é claro, fora encarar o assunto como um exercício militar. Assim que a apresentação terminou, ele abriu caminho até o banheiro e lavou o rosto e as mãos. Com um canivete, removeu cuidadosamente os restos de graxa abaixo das unhas. Molhou os cabelos e penteou-os, examinando a seguir o uniforme, como o faria um rigoroso general, esfregando alguns pontos e removendo fiapos. Afastou-se do espelho para examinar o brilho das botas, sem perceber que os outros homens o observavam com um sorriso divertido e uma ponta de inveja, tendo adivinhado suas intenções. Satisfeito com sua aparência, Misha saiu do teatro e perguntou ao porteiro onde era a saída dos artistas. Pagou um

rublo pela informação e deu a volta ao quarteirão ate a porta indicada, onde encontrou outro porteiro, um velho de barbas longas cujo capote ostentava dragonas por serviços prestados durante a Revolução. Misha esperou algum tipo de deferência por parte do homem, como camaradagem de um soldado para outro, mas logo descobriu que ele encarava as bailarinas como suas próprias filhas, e não como prostitutas prontas a se atirar aos pés do primeiro militar que aparecesse. Misha havia considerado a possibilidade de oferecer dinheiro ao ancião, mas teve o bom senso de não o fazer, evitando insinuar que ele era um alcoviteiro. Em vez disso, falou com moderação e sinceridade, contando que estava encantado por uma donzela dançarina cujo nome não sabia, e gostaria simplesmente de encontrá-la.

— E por quê? — indagou secamente o velho.

— Vovô, ela sorriu para mim — respondeu Misha, com o ardor de um menino.

— E você se apaixonou, é isso? — A voz ainda era severa, mas o rosto do veterano se abrandava. — Sabe quem é ela?

— Ela estava na fila, com as outras... quer dizer, não é uma das importantes, eu acho. Como é que costumam dizer? Vou me lembrar daquele rosto até o dia em que eu morrer. — Ele já tinha consciência disso.

O porteiro encarou o jovem oficial a sua frente, verificando que seu uniforme estava impecável, e as costas permaneciam eretas. Não parecia um daqueles porcos suados dos oficiais da NKVD, a polícia secreta de Stálin, cujo hálito arrogante recendia a vodca. Este parecia ser um verdadeiro soldado, jovem e bem-apessoado.

— Camarada tenente, é um homem de sorte. Sabe por quê? Tem sorte porque um dia já fui jovem, e mesmo velho como estou tenho lembrança disso. Elas vão sair em dez minutos. Fique em pé ali, adiante, e não faça nenhum barulho.

Os dez minutos transformaram-se em trinta. Os artistas começaram a sair aos pares, ou em grupos de três. Misha vira os homens que participavam da companhia e pensava deles o que pensaria qualquer soldado. Sua hombridade ficava ofendida pela maneira como eles davam as mãos às belíssimas bailarinas. A cada vez que as portas se abriam, ele ficava ofuscado pela quantidade enorme de luz amarelada que se projetava do interior para a viela às escuras e quase não a reconheceu, tão diferente estava sem maquilagem.

Misha olhou-a no rosto, indeciso sobre se se tratava da pessoa certa, e aproximou-se de seu objetivo com mais cuidado que o faria sob o fogo dos canhões alemães.

— Você estava na cadeira doze — disse ela, antes que ele reunisse coragem suficiente para falar.

Ela tinha voz!

— Sim, camarada artista — replicou ele automaticamente.

— Gostou da apresentação, camarada tenente? — a pergunta foi acompanhada de um tímido sorriso, ainda que convidativo.

— Foi maravilhosa!

— Não é sempre que vemos jovens e belos oficiais na fileira da frente — comentou ela.

— Ganhei o ingresso como recompensa por mérito em minha unidade. Sou piloto de tanque — declarou ele orgulhoso. *Ela me chamou de belo!*

— E o camarada tenente-piloto de tanques tem um nome?

— Sou o tenente Mikhail Semyonovich Filitov.

— Eu sou Elena Ivanova Makarova.

— Está muito frio esta noite para alguém tão delicada, camarada artista. Existe um restaurante aqui por perto?

— Restaurante? — O riso dela era cristalino. — Não vem muito freqüentemente a Moscou, vem?

— Minha divisão está baseada aqui, mas não venho muito até a cidade — admitiu ele.

— Camarada tenente, existem muito poucos restaurantes mesmo em Moscou nestes dias. Pode vir até o meu apartamento?

— Bem... claro! — gaguejou Misha enquanto a porta se abria novamente.

— Marta! — disse Elena à bailarina que acabava de sair. — Temos escolta militar para casa hoje.

— Tânia e Resa também vêm.

Misha na verdade ficara aliviado com aquilo. A ida ao apartamento demorou trinta minutos, pois, como o metrô de Moscou ainda não estava completo, preferiram caminhar a esperar um bonde àquela hora da noite.

Ela era muito mais bonita sem maquilagem, lembrou Misha. O vento frio do inverno coloria as bochechas de maneira mais natural. Seu andar era tão gracioso quanto dez anos de treinamento intensivo podiam

proporcionar. Ela deslizava pelas ruas como uma aparição, enquanto ele progredia ruidosamente com suas botas pesadas. Sentia-se um tanque ele mesmo, rolando ao lado de um puro-sangue, e tomava cuidado para não chegar muito perto, com medo de atropelá-la. Ainda não conhecia a força que se escondia por trás da graça e leveza de Elena.

A noite nunca lhe parecera tão esplêndida, embora nos... — quanto tempo fazia? — vinte anos seguintes tivesse passado muitas noites semelhantes, depois mais nenhuma nos últimos trinta. *Meu Deus,* pensou ele, *teríamos completado cinqüenta anos de casamento em... 14 de julho.* Inconscientemente esfregou os olhos com o lenço.

Trinta anos, entretanto, era o número que ocupava sua mente.

O pensamento o afligia, e os dedos ficaram esbranquiçados ao re-dor da caneta. Misha ainda se surpreendia com o fato de que amor e ódio eram emoções finamente mescladas. Voltou a escrever em seu diário...

Uma hora mais tarde ele levantou da escrivaninha e foi até o armário do quarto. Vestiu a farda de coronel da Divisão de Tanques. Tecnicamente estava na lista de oficiais reformados, e já estava antes que muitos coronéis da lista atual tivessem nascido. Mas trabalhar no Ministério da Defesa tinha suas prerrogativas, e Misha fazia parte da equipe pessoal do ministro. Essa era uma razão. As outras três pendiam de sua túnica, três estrelas de ouro sob galões púrpura. Filitov era o único soldado na história do Exército soviético que conquistara por três vezes a condecoração de Herói da União Soviética, por bravura demonstrada em campo de batalha em face do inimigo. Existiam outros com tais medalhas, porém agora eram com freqüência concedidas por motivos políticos, como sabia o coronel. Ficava esteticamente ofendido com isso, pois aquela não era uma medalha para premiar trabalho de gabinete, e muito menos para que um membro do Partido oferecesse a outro como enfeite de lapela. Herói da União Soviética era uma honraria que devia ser reservada a homens como ele, que enfrentaram a morte, sangraram, e até morreram pela *Rodina.* Lembrava-se disso a cada vez que envergava o uniforme. Sob sua camiseta escondiam-se as cicatrizes com aparência de plástico que trouxeram sua última medalha de ouro, quando um projétil 88 alemão perfurou a blindagem de seu tanque, incendiando a munição e sua própria roupa, enquanto ele manobrava o canhão 76 milímetros para acertar um último tiro e estourar a guarnição de "chucrutes" no canhão. As queimaduras reduziram pela metade os movimentos de seu braço direito, porém Misha

liderou o que restara de seu regimento por mais dois dias no *saliente de Kursk,* em 1943. Se tivesse saído com os feridos — ou fosse evacuado imediatamente da área, como o cirurgião do regimento recomendara —, teria tido uma chance de se recuperar por completo; contudo, sabia que *não* podia desistir e abandonar seus homens no meio da batalha. Por esses atos, ele poderia ter sido promovido a general, ou até a marechal. *Teria feito alguma diferença?* Filitov era um homem muito prático para demorar-se em conjeturas. Lutara em muitas campanhas e poderia ter morrido em qualquer uma. Da maneira como acontecera, tivera mais tempo ao lado de Elena, que o visitava praticamente todos os dias no Instituto de Queimadura», em Moscou; a princípio horrorizada com a extensão de seus ferimentos, viera depois a orgulhar-se deles quase tanto quanto Misha. Ninguém podia questionar o sacrifício que seu homem fizera pela pátria.

Agora, fazia seu dever perante sua Elena.

Filitov saiu do apartamento e encaminhou-se para o elevador, uma pasta de couro pendendo da mão direita. Era apenas para isso que utilizava esse lado do corpo. A *babushka* — avozinha — que operava o elevador saudou-o como sempre. Ambos eram idosos, sendo ela a viúva de um sargento que estivera no regimento de Misha, e também merecera a medalha de ouro, colocada em seu peito pelo próprio comandante.

— Como é sua nova neta? — perguntou o coronel.

— Um verdadeiro anjo! — foi a resposta entusiasmada.

Filitov sorriu, concordando. Será que existia alguma criança que parecesse feia aos olhos da avó? Sorriu também porque expressões como "anjo" haviam resistido a setenta anos de "socialismo científico".

O carro esperava por ele em frente ao prédio. O motorista era um rapaz recém-saído da academia de sargentos e da auto-escola. Saudou

cerimoniosamente o coronel, mantendo a porta aberta com a outra mão.

— Bom dia, camarada coronel.

— É o que parece, sargento Zhdanov — respondeu Filitov.

A maior parte dos oficiais de alta patente teria grunhido em resposta ao cumprimento, mas Misha era um ex-combatente cujo sucesso resultava, em grande parte, da maneira como tratava seus homens. Essa era uma lição que infelizmente muito poucos oficiais entendiam. Era uma pena.

O interior do carro apresentava uma temperatura agradável, resultante do aquecedor ligado ao máximo quinze minutos antes. Filitov tornava-se cada vez mais sensível ao frio, um sinal da idade avançada. Acabara de ser hospitalizado com pneumonia pela terceira vez nos últimos cinco anos. Sabia que uma das próximas vezes seria a derradeira. Afastou esse pensamento. Estivera próximo da morte demasiadas vezes para temê-la. A vida ia e vinha num movimento constante. Será que saberia quando viesse o último segundo? Iria importar-se com isso?

O motorista partiu em direção ao Ministério da Defesa antes que o coronel pudesse responder a essa pergunta.

Ryan tinha certeza de que já trabalhara para o governo por tempo demasiado. Não aprendera a gostar de voar, mas já apreciava a conveniência de fazê-lo. Estava a apenas quatro horas de Washington, onde embarcara num Learjet C-21 da Força Aérea, cujo capitão era uma mulher, com aparência de quem ainda cursava o segundo ano da faculdade.

Está ficando velho, Jack, dissera ele a si mesmo. O vôo desde o campo de aviação até o topo das montanhas fora realizado de helicóptero, tarefa não muito fácil na altitude em que se encontravam. Ryan nunca estivera no Novo México antes. Os picos eram desprovidos de vegetação, e o ar parecia rarefeito demais, obrigando-o a respirar com maior freqüência, mas o céu estava tão límpido que ele imaginou por um momento ser um astronauta olhando para as estrelas no espaço frio e sem nuvens.

— Café, senhor? — ofereceu um sargento, estendendo um copo térmico.

— Obrigado. — Ryan aceitou o líquido fumegante despejado pela garrafa térmica, iluminada somente por alguns raios da lua nova.

Deu um pequeno gole e olhou a sua volta. Havia poucas luzes para se ver. Talvez existisse algum agrupamento de construções atrás do próximo agrupamento de picos; podia distinguir até mesmo o halo de luz formado por Santa Fé, embora não houvesse maneira de precisar a distância. Sabia que a plataforma rochosa em que se encontrava elevava-se a mais de 3 600 metros acima do nível do mar — o oceano mais próximo estava a 150 quilômetros de distância. Era tudo muito bonito e agradável, a não ser pelo frio intenso. Seus dedos estavam rígidos ao redor do copo plástico. Ryan esquecera por engano as luvas em casa.

— Dezessete minutos! — anunciou uma voz. — Todos os sistemas operantes. Rastreadores em automático. ADS em oito minutos!

— ADS? — estranhou Jack, achando-se um pouco ridículo. Sentia tanto frio que as bochechas começavam a ficar amortecidas.

— Aquisição de Sinal — explicou o major a seu lado.

— Mora por aqui?

— Sessenta e cinco quilômetros naquela direção — o jovem major apontou vagamente. — Praticamente do outro lado da rua pelos padrões daqui. — O sotaque do Brooklyn justificava o comentário.

Era esse quem tinha feito doutorado na Universidade Estadual de Nova York, em Stony Brook, lembrou Ryan. Com apenas 29 anos de idade, o major não parecia nem mesmo um militar, quanto mais um oficial graduado. Na Suíça ele seria comparado a um gnomo, com 1, 65 metro, a pele alva e macilenta, e algumas espinhas marcando-lhe o rosto anguloso. No momento fixava os olhos profundos na porção do horizonte onde deveria aparecer o ônibus espacial *Discovery,* Ryan recordou-se do documento que examinara sobre o major, achando que ele provavelmente não se lembrava de que cor era a parede de sua sala de estar. O major morava no Laboratório Nacional de Los Alamos, conhecido localmente como The Hill, a Colina. Fora o primeiro de sua classe na Academia de West Point, e dois anos depois concluíra o doutorado em física de alta energia, com uma tese considerada altamente sigilosa. Jack a lera e não entendera por que eles se incomodaram: as duzentas páginas pareciam ter sido escritas em curdo. Já se falava em Alan Gregory no mesmo tom que se usava para referir-se a cientistas como Stephen Hawking, de Cambridge, ou Freeman Dyson, de Princeton. A única diferença era que poucas pessoas sabiam seu nome. Jack imaginou se não iriam considerar até isso como segredo de Estado.

— Está tudo pronto, major Gregory? — perguntou um general da Força Aérea.

Jack notou o tom respeitoso que o oficial usara. Gregory não era um simples major.

— Sim, senhor — respondeu Gregory com um sorriso nervoso, enxugando na calça as mãos suadas, apesar da temperatura de 15 graus abaixo de zero. Era bom saber que o rapaz tinha emoções.

— É casado? — quis saber Ryan, que não se lembrava de ter visto nada sobre isso no dossiê.

— Noivo, senhor. Ela é especialista em óptica de laser, na Colina. Vamos nos casar no dia três de junho. — A voz dele era trêmula, entrecortada.

— Parabéns! A família trabalhando unida, não é? — brincou Jack.

— Sim, senhor — respondeu distraidamente Gregory, ainda examinando o horizonte a sudoeste.

— ADS! Já temos o sinal! — anunciou alguém atrás deles.

— Os óculos! — avisou uma voz metálica através do alto-falante. — Todos coloquem a proteção ocular.

Jack assoprou as mãos antes de apanhar os óculos de plástico no bolso, onde lhe recomendaram que os colocasse para que permanecessem aquecidos. Mesmo assim pareceram frios demais ao contato. Ryan ficou efetivamente cego. As estrelas e a lua haviam desaparecido.

— Rastreando! Enquadramos o alvo. *Discovery* estabeleceu a ligação. Todos os sistemas operando.

— Aquisição do alvo — anunciou outra voz. — Iniciar seqüência de correção... primeiro alvo enquadrado... circuitos de disparo automático ativados.

Não houve nenhum som para indicar o que tinha acontecido. *Não vi nada,* pensou Ryan, *ou vi?* Teve a impressão fugaz de que alguma coisa... *Será que foi imaginação?* A seu lado, o major soltava o fôlego, aliviado.

— Teste concluído — avisou a voz pelo alto-falante. Jack tirou os óculos.

— É só isso? — O *que vimos? O que eles fizeram?* Será que estava tão por fora, mesmo depois da explicação, que não era capaz de entender o que se passara perante seus olhos?

— A luz do laser é quase impossível de ser vista — explicou Gregory. — A essa altitude, não existe poeira ou umidade para refleti-la.

— Então por que colocamos os óculos?

— É que, se um pássaro estiver na hora e no lugar errados, o impacto poderia ser, bem, algo espetacular. — Gregory sorriu, tirando os óculos. — Poderia ferir os olhos.

Três mil e duzentos quilômetros acima de suas cabeças, o *Discovery* prosseguia em direção ao horizonte. O ônibus espacial continuaria em órbita por mais três dias, conduzindo "missões científicas de rotina",

principalmente estudos oceanográficos, segundo os comunicados distribuídos à imprensa, além de alguma coisa secreta para a Marinha. Os jornais, que vinham especulando há semanas, afirmavam que era algo relacionado com o rastreamento orbital de submarinos transportadores de mísseis. Na verdade, não havia melhor maneira de esconder um segredo do que encobri-lo com outro, e os assessores de imprensa da Marinha, a cada vez que eram procurados para falar sobre o assunto, usavam a rotina do "sem comentários".

— Funcionou? — indagou Jack, olhando para cima e tentando avistar o ponto luminoso que indicava a nave de 1 bilhão de dólares.

— Precisamos verificar. — O major encaminhou-se para a caminhonete com pintura de camuflagem, estacionada próximo a eles, seguido pelo general de três estrelas e por Ryan.

No interior do veículo, a temperatura estava mais próxima de zero e o oficial chefe de segurança rebobinava uma fita de vídeo.

— Onde estavam os alvos? — perguntou Jack. — Isso não constava do relatório.

— Mais ou menos a 45 graus sul, 30 graus oeste — respondeu o general, enquanto o major Gregory se debruçava sobre um monitor de televisão.

— É perto das ilhas Malvinas, não é?

— Na verdade é mais perto da ilha Geórgia do Sul — corrigiu o general. — É um lugar bem sossegado, fora das rotas, e a distância é adequada.

E os soviéticos não possuem nenhum artefato de busca de informações num raio de quase 5 000 quilômetros, pensou Ryan. O teste em *Tea Clipper* fora programado para um momento em que todos os satélites soviéticos se encontrassem abaixo do horizonte visível. Finalmente a posição do alvo fora calculada para ser idêntica à distância até as instalações de mísseis dispostas ao longo da principal ferrovia leste-oeste.

— Está pronto — disse o oficial de segurança.

A imagem na tela não estava muito boa, vinha de um ângulo ao nível do mar, especificamente de uma câmera postada no convés do *Observation Island,* uma embarcação dotada de instrumentação de longo alcance que retornava de alguns testes com mísseis Trident no oceano Índico. Ao lado do monitor de vídeo, outra tela reproduzia a imagem do

radar rastreador de mísseis "Cobra Judy", também no *Observa-tion Island.* Os dois monitores mostravam quatro objetos, dispostos em linha irregular. No canto direito da tela, um cronômetro apresentava os números como numa competição esportiva, com três dígitos à direita da marca dos segundos.

— Acertou! — Um dos pontos desapareceu numa explosão de luz verde.

— Errou. — Nada de perceptível aconteceu na tela.

— Errou.

Jack estava um pouco desapontado com aquilo. De certa forma, esperara ver raios de luz pelo céu, como acontecia no cinema. Não havia partículas suficientes no ar para demarcar a trajetória da linha de energia.

— Acertou. — Mais um ponto desapareceu na tela.

— Acertou. — Agora só restava um.

— Errou.

— Errou. — O *último não queria morrer,* pensou Ryan.

— Acertou. — *Mas acabou morrendo.* — Tempo total: 1 segundo e 806 milésimos.

— Cinqüenta por cento... — disse baixinho o major Gregory. —E ele corrigiu a si mesmo, não foi? — O oficial concordou com a cabeça. — Funciona!

— Qual o tamanho dos alvos? — quis saber Jack.

— Três metros. Balões esféricos, é claro. — Gregory quase não conseguia controlar seu entusiasmo. Parecia um garoto a quem o Natal tivesse apanhado de surpresa.

— O mesmo diâmetro de um míssil terra-terra SS-18.

— Alguma coisa em torno disso — desta vez foi o general quem respondeu.

— Onde está o outro espelho?

— Dez mil quilômetros acima, no momento sobre a ilha de Ascensão. Oficialmente é um satélite meteorológico que não chegou a alcançar sua órbita. — O general sorriu.

— Eu não sabia que podíamos mandar a energia tão longe.

— Nem nós... — O major Gregory riu.

— Então o que fizeram foi enviar o raio daqui até o espelho do *Dis-covery,* onde foi refletido até o outro espelho sobre o equador, e de lá até o alvo?

— Exatamente — concordou o general.

— Então o sistema de mira e aquisição de alvo está no outro satélite, é isso?

— É — admitiu secamente o general.

— Isto quer dizer que se pode distinguir um alvo de 3 metros de diâmetro a... — Jack fez mentalmente alguns cálculos — 10 000 quilômetros. Não sabia que podíamos fazer isso. Como é que conseguimos?

— É algo que não precisa saber — replicou com frieza o general.

— Tiveram quatro tiros no alvo e quatro erros... oito tiros em menos de dois segundos, e o major disse que o sistema de mira corrigiu os erros — continuou Ryan. — Muito bem, se em vez do alvo fossem quatro mísseis SS-18 lançados da Geórgia do Sul, teriam sido neutralizados pelos disparos?

— Provavelmente não — disse Gregory. — Esse gerador de laser produz apenas 5 megajoules. Sabe quanto vale 1 joule?

— Dei uma recordada em minha física dos tempos de faculdade antes de vir para cá. Um joule vale 1 newton. metro por segundo, ou 0, 102 quilogramas-força, mais alguns quebrados, certo? — O outro anuiu. — Muito bem, 1 megajoule é um milhão de vezes maior, o que totaliza... 102 000 quilogramas-força. Em termos que eu possa entender...

— Um megajoule equivale, mais ou menos, a um bastão de dinamite. A energia real transferida no processo equivale a 1 quilo de explosivos, mas os efeitos não são exatamente comparáveis.

— Está me dizendo que o efeito do raio laser não é exatamente queimar o alvo, mas seria mais parecido com um choque? — Ryan espremia até os limites seus conhecimentos técnicos.

— Exatamente — respondeu o general. — Na verdade chamamos de "morte por impacto". Toda a energia chega em alguns milionési-mos de segundo, muito mais rápido do que uma bala.

— Então essas histórias de que o polimento especial nos mísseis ou a rotação exagerada podem impedir...

— Gostei dessa quando ouvi. — O major Gregory riu novamente. — Uma bailarina rodopiando em frente a uma espingarda teria o mesmo efeito defensivo. O que acontece é que a energia tem de ir para algum lugar e esse lugar só pode ser o corpo do míssil. Quase todos os mísseis deles usam combustível líquido, certo? Só o efeito do choque hidrostático

é suficiente para estourar os tanques de pressão. *Ca-buuml* Acabou-se o míssil. — O major sorria como se estivesse descrevendo uma peça pregada em seu professor.

— Certo. Agora quero saber como funciona.

— Escute, doutor Ryan... — começou o general, logo interrompido por Jack.

— General, tenho acesso a *Tea Clipper. O* senhor sabe disso, portanto chega de rodeios.

A contragosto, o general acenou com a cabeça para o major Gregory, que retomou a explicação.

— Senhor, temos cinco laser de 1 megajoule...

— Onde?

— Está na frente de um deles, senhor. Os outros quatro estão enterrados ao redor deste pico. A taxa de energia é pulsante, é claro. Cada um deles emite uma pulsação e produz 1 milhão de joules em alguns milionésimos de segundo.

— E em quanto tempo eles recarregam?

— Quarenta e seis milésimos de segundo. Podemos enviar vinte "tiros" por segundo, em outras palavras.

— Mas não dispararam a essa velocidade.

— Na verdade não precisamos, senhor. O fator limitante presente nesse caso é a programação do sistema localizador do alvo. Estamos trabalhando nisso. Um dos propósitos deste teste era realizar uma avaliação do *software* envolvido. Sabemos que os laser funcionam, já os temos há três anos. Os raios convergem para um espelho a aproximadamente 50 metros para aquele lado, onde são convertidos num único raio.

— Eles precisam estar... quero dizer, os raios todos precisam estar sintonizados, certo?

— Tecnicamente chamamos de *Phased-Array Laser* — disse Gregory.

— Todos os raios laser têm de estar perfeitamente em fase.

— E como diabos conseguem fazer isso? — Ryan fez uma pausa.

— Deixe para lá, eu não ia entender mesmo. Então o que temos é um único raio refletido por aquele espelho...

— O espelho é especial. É composto por milhares de segmentos, cada um deles controlado por um *chip* piezelétrico, chamado "óptico adaptável". Enviamos um raio exploratório ao espelho, que hoje foi

emitido pelo ônibus espacial, e fazemos uma leitura das distorções atmosféricas. O computador analisa a maneira como o raio é curvado pela atmosfera e corrige todos os espelhos. Só então disparamos o tiro verdadeiro. O espelho no *Discovery* também possui ópticos adaptáveis. Recolhe o raio e o focaliza no satélite-espelho *Flying Cloud,* que o reflete para o alvo. Pronto!

— E simples assim? — espantou-se Ryan, sacudindo a cabeça.

Sabia que aquela simplicidade só se tornara possível porque nos últimos dezenove anos haviam sido gastos 40 bilhões de dólares em pesquisa de base, cobrindo vinte campos diferentes só para que aquele teste pudesse ser realizado.

— Ainda precisamos acertar alguns detalhes — acrescentou Gregory. Aqueles pequenos detalhes levariam pelo menos cinco anos, e Deus

sabe quantos bilhões de dólares a mais. O que interessava era que no momento tinha-se uma chance real de atingir o objetivo. *Tea Clipper* não era mais um projeto nas nuvens depois do teste que haviam presenciado.

— E foi você o cara que conseguiu nosso avanço no sistema de localização do alvo — declarou Jack. — Descobriu uma maneira para que o raio gerasse suas próprias informações de rastreamento.

— É mais ou menos isso — confirmou o general. — Dr. Ryan, essa parte do sistema está classificada tão alto que não podemos fornecer mais detalhes sem autorização por escrito.

— General, o propósito de minha vinda até aqui foi fazer uma avaliação deste programa em relação aos esforços soviéticos em armamentos similares. Se quiser que o meu pessoal descubra o que eles estão fazendo, tenho de saber que diabos procurar!

Como sua argumentação não provocasse nenhuma resposta, Ryan encolheu os ombros e retirou um envelope do interior do sobretudo, entregando-o ao general. O major assistiu à cena, intrigado.

— Ainda não gosta da idéia — comentou Jack, quando o general dobrou o documento, depois de examiná-lo.

— Nem um pouco — confessou o general, de cara fechada.

— General, quando eu estava no Corpo de Fuzileiros, ninguém nunca disse que eu devia gostar das ordens, só obedecer. — Ryan mudou de tom ao notar que o general estava a ponto de perder a paciência. — Estou do mesmo lado que o senhor.

— Pode continuar, major Gregory — disse por fim o general Parks.

— Eu chamo de: "a dança dos leques do algoritmo" — começou Gregory, assumindo o tom entusiasmado de um garoto explicando seu projeto na feira de ciências. Não demorou a expor a idéia básica por trás do funcionamento.

— Só isso? — comentou Ryan, verdadeiramente impressionado com a simplicidade do raciocínio, consciente de que cada especialista em computação no projeto *Tea Clipper* devia ter se perguntado por que não pensara naquilo. Não era à toa que chamavam aquele Gregory de gênio. Ele tinha feito um avanço enorme na tecnologia do laser em Stony Brook e *depois disso* aperfeiçoara o *software.* — É simples mesmo!

— É verdade, senhor, mas demorou quase dois anos para entrar em condições de funcionamento, e um computador Cray-2 para conseguir desenvolvê-lo numa velocidade compatível com as necessidades. Ainda temos mais algum trabalho pela frente, depois de analisar o que saiu errado esta noite. Acho que levaremos uns quatro ou cinco meses para colocar tudo em ordem.

— E qual será o próximo passo?

— Construir um laser de 5 megajoules. Um outro grupo já está próximo desta fase. Juntaremos vinte deles e poderemos enviar um pulso de 100 megajoules vinte vezes por segundo, e atingir qualquer alvo que desejemos. A energia de impacto será da ordem de, digamos, 20 a 30 quilos de explosivos.

— E isso derruba qualquer míssil que alguém possa construir.

— Sim, senhor. — Gregory sorriu, satisfeito.

— Então o que está me dizendo, major... é que *Tea Clipper* funciona!

— Ele está dizendo que validamos a arquitetura do sistema — atalhou o general. — Desde que começamos, cinco anos atrás, havia onze barreiras técnicas. Agora existem apenas três, e em mais cinco anos não restará nenhuma. Então poderemos começar a construí-lo.

— As implicações estratégicas... — Ryan interrompeu-se, a mente trabalhando com rapidez. — Meu Deus!

— Vai mudar o mundo — afirmou Parks.

— Sabe que estão fazendo a mesma coisa em Dushanbe?

— Sei — admitiu o major. — E sei também que eles devem ter conseguido resolver algum problema que ainda não solucionamos.

Ryan concordou. O rapaz era esperto o suficiente para saber que existiam outros mais espertos. Aquilo era muito bom.

— Cavalheiros, no helicóptero que me trouxe existe uma maleta. Será que podiam pedir para que alguém a traga até aqui? Trouxe algumas fotografias de satélite que vão achar interessantes...

— Quando foram tiradas essas fotografias? — indagou o general Parks cinco minutos mais tarde.

— Há uns dois dias — informou Jack.

O major Gregory continuou examinando as imagens por mais algum tempo antes de se pronunciar.

— Acho que temos aqui duas instalações ligeiramente diferentes. Chamamos de *sparse array.* Essa disposição esparsa hexagonal com os seis pilares é um transmissor. A construção no centro da estrutura deve ser projetada para abrigar seis geradores laser. Os pilares são bandejas opticamente estáveis para os espelhos. O raio laser é emitido no interior da construção e se reflete nos espelhos, que são controlados por computador para concentrar os raios no alvo.

— O que quer dizer com "opticamente estáveis"? — perguntou Ryan.

— Os espelhos precisam ser controlados com um alto grau de precisão, senhor — explicou Gregory. — Isolando completamente o meio, eliminam-se as vibrações provenientes de um carro passando, e até do andar de um homem. Se o espelho balançar, mesmo por uma fração da freqüência do raio laser, o efeito se altera completamente. Aqui usamos montagens especiais contra choque, para aumentar o fator de isolamento. É uma técnica originalmente desenvolvida em submarinos. Certo até aqui? Essa outra disposição em losango deve ser o receptor.

— O quê? — O raciocínio de Jack pareceu ter esbarrado em uma barreira de pedra.

— Vamos dizer que você queira fazer uma boa fotografia de alguma coisa. Quero dizer, boa mesmo, com alto poder de resolução. Nesse caso usa-se o laser como fonte de iluminação para tirar a foto.

— Mas... por que quatro espelhos?

— Porque é mais barato e mais fácil construir quatro espelhos pequenos do que um grande. — Gregory fez uma pausa. — Por outro lado, talvez estejam tentando obter uma imagem holográfica em três dimensões. Se puderem manter por muito tempo os raios em fase... é possível, pelo menos teoricamente. Ainda precisariam resolver mais alguns pontos delicados, mas os soviéticos gostam desses desafios... Que idéia! — Os

olhos do major brilharam. —Uma idéia muito interessante. Preciso depois pensar nisso.

— Está me dizendo que eles construíram tudo isso só para tirar fotografias de nossos satélites?

— Não, senhor. Mas podem usá-lo para fazer isso, se quiserem. E uma cobertura perfeita. Um sistema que consiga rastrear e fotografar um satélite em órbita geoestacionária pode com certeza derrubar um em órbita mais próxima à Terra. Se pensar nesses quatro espelhos como um telescópio, é só lembrar que um telescópio pode servir de lente a uma câmera, ou servir de mira num fuzil. Quer dizer que seria um ótimo sistema de mira. Quanta energia é fornecida a esse laboratório?

— A potência atual fornecida pela barragem é alguma coisa em torno de 500 megawatts. — Ryan abaixou a fotografia que estivera examinando. — Mas...

— Estão instalando novas linhas elétricas — completou o major. — Por quê?

— A usina geradora tem dois andares, desse ângulo não dá para ver. Parece que estão ativando a metade superior agora. Isto iria elevar a potência total de pico para 1 100 megawatts aproximadamente.

— Quanto dessa potência vai para as instalações.

— Chamamos esse lugar de Bach — esclareceu Jack. — Talvez uns 100 megawatts. O resto vai para Mozart, a cidade que fica na elevação seguinte. O que significa que estão dobrando a potência.

— É muito mais do que isso, senhor — observou Gregory. — A menos que dobrem o tamanho da cidade, podemos presumir que toda a potência restante vai para os geradores laser.

Jack quase engasgou. *Como é que eu não pensei nisso antes?*

— O que estou querendo dizer — continuou o major — é que vão injetar mais 500 megawatts no sistema. Meu Deus, e se eles conseguiram algum avanço na área de potência? É muito difícil saber o que está se passando lá?

— Dê uma olhada nas fotos e me diga se acha fácil infiltrar alguém no local — sugeriu Ryan.

— Oh... — exclamou Gregory, desanimado. — É que seria muito bom saber quanta energia eles conseguem colocar na ponta do seu sistema. Há quanto tempo esse lugar existe, senhor?

— Há mais ou menos quatro anos, mas ainda não está pronto. Mozart é nova. Até pouco tempo atrás os trabalhadores estavam alojados em barracas e instalações provisórias. Começamos a reparar quando os apartamentos foram construídos ao mesmo tempo que as cercas de segurança. Quando os soviéticos papericam seus trabalhadores, sabemos que o projeto tem prioridade total. Se possui cercas e torres de vigia, sabemos que é militar.

— Como encontraram o lugar?

— Foi por acidente. A Agência estava revendo alguns dados meteorológicos sobre a União Soviética e um dos técnicos decidiu fazer uma análise em computador dos melhores locais para observações astronômicas. Este é um deles. Nos últimos meses, o tempo tem se apresentado encoberto, mas geralmente lá é tão claro quanto aqui. O mesmo vale para Sary Shagan, Semipalatinsk, e o mais novo, Storozhevaya. — Ryan espalhou novas fotos sobre a bancada.

— Eles andam ocupados por lá...

— Bom dia, Misha — cumprimentou o marechal da União Soviética Dmitri Timofeyevich Yazov.

— Para o senhor também, camarada ministro da Defesa — respondeu o coronel Filitov.

Um sargento ajudou o ministro a tirar o sobretudo, enquanto outro entrou com uma bandeja contendo um serviço de chá. Ambos se retiraram quando o coronel abriu sua pasta.

— Então, Misha? Como está o meu dia hoje?

Yazov serviu duas xícaras de líquido fumegante. Ainda estava escuro fora do prédio do Conselho de Ministros. O perímetro interno das paredes do Kremlin estava iluminado por lâmpadas branco-azuladas e as sentinelas apareciam e desapareciam como borrões escuros nos focos de luz sobre a neve.

— Parece um dia bem cheio, Dmitri Timofeyevich — respondeu Misha. — Hoje temos a delegação que veio da estação experimental do Tadjiquistão.

Yazov não era o homem que Dmitri Ustinov fora, mas Filitov precisava admitir que ele começava o dia como um verdadeiro soldado. Ya-zov havia iniciado a carreira como oficial de tanques, e, embora nunca se tivessem encontrado durante a guerra, cada um conhecia a reputa-ção do outro. Misha era melhor oficial de combate, e os puristas afir-mavam

que ele representava o mesmo que um oficial de cavalaria da velha-guarda, embora Filitov odiasse cavalos; Dmitri Yazov logo ficara famoso como organizador, revelando-se um oficial de gabinete muito hábil também em política. Antes de mais nada, Yazov era um homem devotado ao Partido, de outra forma jamais teria conseguido o posto de marechal.

— Ah, Estrela Brilhante. A reunião está marcada para hoje.

— Acadêmicos — resmungou Misha. — Eles não reconheceriam uma arma de verdade nem que tivessem uma encostada na bunda.

— O tempo das lanças e sabres já passou, Mikhail Semyonovich — declarou Yazov com um sorriso. Sem possuir o brilhante intelecto de Ustinov, o atual ministro tampouco era um tolo, como seu predeces-sor Sergey Sokolov. Sua falta de conhecimentos na área de engenharia era contrabalançada por um reconhecimento dos méritos das novas armas e uma perspicácia incomum para o pessoal do Exército soviético. — Essas invenções são extraordinariamente promissoras.

— É claro. Eu só gostaria que tivéssemos um soldado dirigindo o projeto, e não esses professores de olhos esbugalhados.

— Mas o general Pokryshkin,..

— Ele era um piloto de caça. Eu disse um soldado, camarada ministro. Pilotos apoiam qualquer coisa que tenha botões e reloginhos. Além do mais, Pokryshkin tem passado mais tempo sentado nas bibliotecas das faculdades do que em assentos de aviões. Acho que nem voa mais. Pokryshkin deixou de ser um soldado há dez anos, e agora é procurador dos mágicos. — Também está construindo lá o seu império particular; mas é melhor deixar esse assunto para outro dia.

— Gostaria de ser designado para uma nova missão, Misha? — perguntou argutamente Yazov.

— Não essa, muito obrigado — riu Filitov. — O que estou tentando dizer, Dmitri Timofeyevich, é que o progresso conseguido em Estrela Brilhante fica... empanado pelo fato de não termos um militar de verdade no comando. Alguém que entenda as sutilezas de combate e que saiba o que deve ser esperado de uma arma.

— Estou entendendo o que quer dizer — assentiu o ministro pensativamente, balançando a cabeça. — Eles raciocinam em termos de instrumentos em lugar de armas. Isso é verdade. Fico preocupado com a complexidade do projeto.

— Quantas partes móveis possui esta nova montagem?

— Não tenho idéia. Milhares, eu suponho,

— Um instrumento não se transforma numa arma até que possa ser manejado por um soldado raso... bem, pelo menos por um tenente. Alguém de fora do projeto fez um estudo de viabilidade? — perguntou Filitov.

— Não que eu me lembre.

— Ai' está, Dmitri Timofeyevich — declarou Filitov, apanhando sua xícara de chá. — Não acha que o Politburo pode vir a interessar-se por isso? Até agora eles têm aprovado fundos para esse projeto experimental, mas... — O coronel deu um pequeno gole. — Eles vêm para obter mais verbas a fim de tornar o projeto operacional, e nós não temos nenhuma avaliação independente de viabilidade.

— E o que você faria para resolver isto?

— Obviamente não tenho capacidade para fazê-lo. Estou muito velho e não tenho os conhecimentos necessários, mas existem alguns jovens coronéis brilhantes no ministério, especialmente na seção de sinalização. Não são oficiais combatentes, mas são soldados, e bastante competentes para analisar essas pequenas maravilhas eletrônicas. Mas é apenas uma sugestão, camarada ministro. — Filitov achou melhor não insistir muito. Havia plantado a semente de sua idéia, e Yazov era muito mais fácil de manipular do que Ustinov.

— E quanto aos problemas em Chelyabinsk, com os tanques? — indagou Yazov, mudando de assunto.

Ortiz observou o Arqueiro subindo o morro a 800 metros de distância. Dois homens e dois camelos. Certamente não seriam tomados por algum comando de guerrilheiros. Não que aquilo importasse muito, porque os soviéticos haviam chegado a um ponto em que atacavam praticamente tudo que se movesse. Vaya com Dios.

— Bem que eu tomaria uma cerveja — reclamou o capitão. Ortiz voltou-se para ele.

— Capitão, a única coisa que me permite negociar com esses homens e obter sucesso é que vivo como eles vivem. Observo suas leis e as respeito, e isso significa: não beber nada alcoólico, não comer porco e respeitar as mulheres deles.

— Merda! — resmungou o oficial. — Esses selvagens ignorantes não...

— Capitão! — cortou Ortiz. — Da próxima vez que disser isso, ou mesmo pensar em voz alta, será o seu último dia aqui. Essas pessoas estão

trabalhando para nós e arranjando coisas que não podemos con-seguir em nenhum outro lugar. Você irá tratá-los com todo o respeito que merecem. Está claro?

— Sim, senhor. — Que merda! Esse cara virou um fanático muçulma-no de tanto viver como esses "negros da areia"

3
A RAPOSA CANSADA

— E impressionante... se se conseguir adivinhar o que estão fazendo.

— Jack bocejou. Havia tomado o mesmo transporte da Força Aérea de Los Alamos para Andrews, e seu sono estava novamente atrasado. Não sabia lidar com aquilo, como das outras vezes em que acontecera. — Esse rapaz, o Gregory, é esperto como o diabo. Demorou mais ou menos dois segundos para identificar a instalação em Bach, praticamente com as mesmas palavras do pessoal do NPIC, o Centro Nacional de Informações Fotográficas. — Com a diferença de que os técnicos do NPIC haviam levado quatro meses e preparado três relatórios para chegar às mesmas conclusões.

— Acha que ele pertence ao grupo de avaliação? — quis saber o almirante Greer.

— Senhor, isso seria como perguntar se queremos um cirurgião numa sala de operações. A propósito, ele gostaria que infiltrássemos alguém em Bach. — Jack girou os olhos nas órbitas.

O almirante quase deixou cair sua xícara.

— Esse garoto deve ver muitos filmes de Kung-fu.

— É bom saber que alguém ainda acredita em nós — brincou Jack, assumindo um tom sério depois. — De qualquer forma, Gregory quer saber se eles fizeram algum avanço com a potência de saída do laser. Desculpe, acho que o termo correto é throughput. Ele suspeita de que a maior parte da potência adicional produzida pela hidrelétrica vai para Bach.

Os olhos de Greer se estreitaram.

— Esse é um mau pensamento. Acha que ele tem razão?

— Existe muita gente competente em tecnologia de laser do lado de lá, senhor. Nikolay Bosov, lembre-se, desde que ganhou o Prêmio Nobel, vem se dedicando à pesquisa de armamento laser, ao lado de Yevgeniy Velikhov, que é um ativista da paz; e o chefe do Instituto Laser é o filho de Dmitri Ustinov, por Deus! A instalação de Bach é um emissor sparse array laser, com certeza. Precisamos determinar ainda que tipo de laser estão usando. O rapaz acha que é do tipo elétron livre, mas diz que é apenas uma

suposição. Fez cálculos que mostravam as vantagens de montar os dispositivos nessa montanha, onde ficariam acima de metade da atmosfera, e sabemos quanta energia é necessária para fazer algumas das coisas que eles querem. Disse que vai tentar reconstituir os dados no computador, para ver se descobre a quantidade total de energia do sistema. A estimativa será pessimis-ta. Considerando tudo o que o major Gregory disse e a recente fase de acabamento das instalações residenciais em Mozart, teremos de presumir que o local vai entrar em fase de teste formal e avaliação num futuro próximo, talvez até operacional em dois ou três anos. Se isso acontecer, Ivã pode ter em pouco tempo um laser capaz de riscar do espaço um de nossos satélites. O major diz que provavelmente será uma morte atenuada, apagando as lentes das câmeras e as células fotovoltaicas. Mas o próximo passo...

— Certo. Estamos mesmo numa corrida.

— Qual é a chance de que Ritter e o pessoal de Operações consigam descobrir alguma coisa no interior de uma das construções em Bach?

— Acho que posso discutir com ele as possibilidades — disse Greer sem muita convicção, mudando a seguir de assunto: — Você parece um pouco cansado.

Ryan entendeu a mensagem: ele não precisava saber o que o pessoal de Operações iria fazer.

— Todas essas viagens foram muito cansativas. Se não se importa, senhor, gostaria de ser dispensado pelo resto do dia.

— Parece justo. Vejo você amanhã, então. Mas antes... Jack? Recebi um telefonema do pessoal da Comissão de Valores Mobiliários.

— Ah, eu já tinha esquecido deles. — Jack inclinou a cabeça. — Ligaram para mim logo antes da viagem a Moscou.

— Sobre o quê?

— É sobre uma das companhias da qual possuo ações, os agentes estão sendo investigados por compra e venda internamente. Comprei minhas ações ao mesmo tempo que eles, e a Comissão quer saber como foi isso.

— E como foi? — quis saber Greer. A CIA já tinha escândalos suficientes, e o almirante não queria nenhum começando em seu setor.

— Alguém me deu um palpite de que aquela poderia ser uma companhia interessante para investir, e quando fui verificar descobri que a própria empresa estava comprando suas ações. Isso tudo é legal, chefe.

Tenho as cópias dos relatórios em casa, porque faço tudo isso por computador... Bem, pelo menos fazia antes de vir trabalhar no Departamento, e tenho cópias impressas de todos os dados. Não infringi nenhuma regra, senhor, e posso provar.

— Vamos tentar resolver tudo nos próximos dias — sugeriu Greer.

— Sim, senhor.

Cinco minutos depois, Jack estava em seu carro. O percurso até sua casa em Peregrine Cliff foi mais fácil do que normalmente, levando apenas cinqüenta minutos em vez de uma hora e quinze. Cathy estava trabalhando, como sempre, e as crianças estavam na escola — Sally em St. Mary's e Jack na pré-escola. Ryan serviu-se de um copo de leite na cozinha. Quando terminou de beber, subiu as escadas, tirou os sapatos e caiu na cama, sem ao menos se incomodar em tirar a calça.

O coronel Gennady Iosifovich Bondarenko, do Serviço de Comunicações do Exército, estava sentado em frente a Misha, as costas eretas e orgulhoso, e tão jovem quanto se esperava de um oficial de campanha. Não se mostrava nem um pouco intimidado pelo coronel Filitov, que possuía idade suficiente para ser seu pai e cujo passado era uma verdadeira lenda viva no Ministério da Defesa. Então era esse o vetera-no guerreiro que participara de praticamente todas as batalhas de tanques durante os primeiros dois anos da Grande Guerra Patriótica. Viu nos olhos do homem a tempera que a idade e a fadiga jamais apagariam, e reparou na falta de movimento no braço direito, lembrando-se de como tinha acontecido. Diziam que o velho Misha ainda visitava as fábricas de tanques com alguns homens de seu antigo regimento, para verifi-car se o controle de qualidade dos tanques ainda correspondia aos padrões estabelecidos e certificar-se de que seus frios olhos azuis ainda eram capazes de distinguir e acertar o alvo da cadeira do artilheiro. Bondarenko tinha uma espécie de respeito por esse homem, que era um exemplo entre os soldados, e acima de tudo sentia-se orgulhoso por usar o mesmo uniforme que ele.

— Em que posso servi-lo, coronel? — perguntou ele a Misha.

— Sua ficha diz que você é muito bom com aparelhos eletrônicos, Gennady Yosifovich. — Filitov apontou uma pasta de arquivo sobre sua mesa.

— E meu trabalho, camarada coronel. — Bondarenko era mais do que "muito bom", ambos sabiam disso. Ele ajudara a desenvolver rniras a

laser para os campos de batalha, e até pouco tempo atrás estivera envolvido com um projeto de utilização de laser em vez de radiotransmissores para tornar mais seguras as comunicações na linha de frente.

— O que estamos a ponto de discutir foi classificado como ultra-secreto. — O jovem coronel concordou gravemente e Filitov continuou. — Durante os últimos anos, o ministério vem financiando um projeto chamado Estrela Brilhante... o nome em si também é sigiloso, é claro. Seu objetivo original é obter fotografias de alta resolução dos satélites ocidentais, embora quando completamente desenvolvido seja capaz de cegá-los... ao tempo em que tal ação seja politicamente desejável. O projeto é dirigido por acadêmicos e por um ex-piloto de caça da Defesa Aérea... Esse tipo de instalação infelizmente fica sob a autoridade das forças de defesa aérea. Eu pessoalmente teria preferido que fossem dirigidas por um verdadeiro soldado, mas...

Misha parou e fez um gesto em direção ao teto. Bondarenko sorriu em concordância. Política, comunicaram-se ambos em silêncio. É de espantar que se consiga realizar alguma coisa.

— O ministro deseja que você voe até lá e faça uma avaliação do potencial dos armamentos nas instalações, particularmente sob o ponto de vista de viabilidade. Se vamos tornar esse local operacional, seria bom sabermos se a merda toda vai funcionar na hora em que precisarmos dela.

O jovem oficial concordou pensativamente, enquanto sua mente disparava. Aquela era uma missão para a qual fora escolhido — mais do que isso. Deveria responder ao ministro através de seu mais confiável auxiliar. Se fizesse um bom trabalho, teria a insígnia pessoal do ministro no paletó. Aquilo lhe garantiria estrelas de general, um apartamento maior para a família, boa educação para os filhos e muitas das coisas pelas quais lutava havia anos.

— Camarada coronel, devo presumir que eles sabem da rninha ida? Misha gargalhou ruidosamente.

— É assim que o Exército Vermelho faz agora? Avisam as pessoas quando elas vão passar por uma inspeção? Não, Gennady Iosifovich, se vamos avaliar viabilidades, devemos fazer a inspeção de surpresa. Tenho uma carta aqui para você do próprio marechal Yazov. Será mais do que suficiente para que possa passar pela segurança... A segurança do local está a cargo de seus colegas da KGB — informou Misha friamente. — Vai

lhe permitir acesso a todas as dependências da instalação. Se tiver qualquer tipo de dificuldade, telefone para mim imediatamente. Posso ser encontrado neste número. Mesmo se estiver na sauna, meu chofer virá me chamar.

— A que nível de detalhes deve chegar a avaliação, camarada coronel?

— O suficiente para que um velho piloto de tanques como eu possa entender toda essa feitiçaria que andam fazendo por lá — declarou Misha. — Acha que tem condições de entender tudo aquilo?

— Se não tiver, o senhor será informado, camarada coronel. — Era uma boa resposta, reparou Misha. Bondarenko iria longe.

— Excelente, Gennady Iosifovich. Eu prefiro mesmo que um ofi-cial me diga que não sabe, em vez de tentar me impressionar com um monte de mudnya. — Bondarenko entendeu muito bem a mensagem. Circulavam boatos de que o tapete do escritório do coronel era vermelho-ferrugem do sangue de oficiais que tentaram enganá-lo e passar por cima dele. — Quando pode partir?

— São muito grandes as instalações?

— São. Acomodam quatrocentos acadêmicos e engenheiros, mais uns seiscentos homens do pessoal de apoio. Pode levar uma semana para fazer sua avaliação; a velocidade no caso não é tão importante quanto a precisão.

— Nesse caso vou colocar mais um uniforme na bagagem. Posso estar a caminho em duas horas.

— Excelente. Está dispensado. — Misha abriu uma nova pasta.

Como geralmente acontecia, Misha trabalhou alguns minutos a mais do que o ministro. Trancou os documentos pessoais no cofre, e o res-, tante foi levado por um mensageiro, cujo carrinho rodou em direção aos Arquivos Centrais, alguns metros ao longo do corredor. O mesmo mensageiro lhe entregou um bilhete, informando que o coronel Bondarenko havia embarcado no vôo 1730 da Aeroflot para Dushanbe e que ele providenciara transporte terrestre do aeroporto civil até Estre-la Brilhante. Filitov prometeu-se lembrar de parabenizar Bondarenko por sua argúcia. Como membro da corregedoria interna do ministério, ele poderia ter requisitado transporte especial e voado até o aeroporto militar da cidade, mas o oficial de segurança em Estrela Brilhante sem dúvida teria lá alguns de seus homens, que informariam a chegada de tal vôo. Da forma

como foi feito, um coronel de Moscou poderia perfeitamente passar pelo que geralmente eram os coronéis na capital — garotos de recados. Aquilo ofendia Filitov. Um homem que trabalhara duro o suficiente para obter o posto de comandante de um regimento — que era o melhor trabalho em qualquer Exército — não devia ser um escravo de gabinete a preparar bebidas para seu general. Mas sabia também que era assim que a coisa funcionava em qualquer organização militar. Pelo menos Bondarenko teria a chance de experimentar seus dentes naqueles vadios do Tadjiquistão.

Filitov levantou-se e apanhou o casaco. Um momento depois, com a maleta pendendo da mão direita, saiu do escritório. Seu secretário — um oficial de segurança — automaticamente apanhou o interfone e chamou a garagem para que o carro estivesse pronto. Já estava aguardando quando Misha saiu pela porta da frente.

Quarenta minutos depois, Filitov vestia roupas confortáveis. A televisão ligada transmitia qualquer coisa absurda o suficiente para ter vindo do Ocidente. Misha sentou-se sozinho à mesa da cozinha. Ao lado de sua refeição noturna, uma garrafa aberta de meio litro de vodca. Comia salsicha, pão preto e vegetais em conserva, uma refeição não muito diferente das que partilhara em campanha com seus homens, duas gerações antes. Descobrira depois que seu estômago se dava melhor com aquele tipo de comida do que com pratos mais delicados, um fato que confundira o pessoal do hospital durante sua última crise de pneumonia. Depois de cada mordida, dava um pequeno gole na vodca, olhando para as persianas, reguladas de forma a permitir que se visse através das janelas. As luzes da cidade de Moscou brilhavam, além dos incontáveis retângulos amarelos das janelas de apartamentos.

Ele conseguia lembrar-se dos odores à vontade. O cheiro viçoso da boa terra russa, o aroma delicado da grama verde, entremeados com os vapores desagradáveis do óleo diesel, e acima de tudo o fedor ácido da pólvora dos canhões do tanque, que permanecia no macacão, não importando quantas vezes se tentasse lavá-lo. Para um piloto de tanques essa mistura era o cheiro de combate, isso e o cheiro mais desagradável dos veículos em fogo e das tripulações no interior. Sem olhar, ele levantou a salsicha e cortou um pedaço generoso, trazendo-o à boca com a faca. Olhava pela janela, como se fosse uma tela de televisão, e o que enxergava era o vasto e distante horizonte colorido pelo pôr-do-sol e colunas de fumaça que se elevavam em meio ao verde e azul, alaranjado e marrom. A

seguir, uma mordida na textura rica e mais compacta do pão preto. Como sempre acontecia nas noites anteriores às ocasiões em que cometia traição, os fantasmas voltavam para visitá-lo.

Mostramos a eles, não foi, camarada capitão?, perguntou uma voz fa-tigada.

Fomos obrigados a recuar, cabo, ele ouviu a própria voz responder. *Mas pelo menos mostramos a esses cabeças-de-merda que não podem brincar com os nossos T-34. É muito bom esse pão que você roubou, cabo.*

Roubei? Mas, camarada capitão, é um trabalho muito pesado defender esses fazendeiros, não é?

E dá muita sede, não acha, cabo?

É verdade, camarada. O cabo riu. Das costas, uma garrafa foi passada para baixo. Não era a vodca produzida pelo Estado, e sim Samo-gan, o destilado caseiro que Misha conhecia muito bem. Todo russo verdadeiro que fosse consultado diria que adorava o sabor, embora ninguém o tocasse se houvesse vodca por perto. Mesmo assim, no momento Samogan era o que desejava, ali em solo soviético, compartilhado com o que restava das tropas de tanques que resistiam entre uma fazenda estatal e os *panzers* de Guderian.

Eles vão atacar outra vez pela manhã, afirmou o piloto.

E *amanhã estouramos mais alguns tanques cinza,* completou o carregador.

Depois do quê, Misha não falou em voz alta, *recuamos mais 10 quilômetros. Só 10 quilômetros... se tivermos sorte novamente, e se o quartel-general conseguir controlar as coisas melhor do que fizeram esta tarde. De qualquer maneira, esta fazenda amanhã vai estar além das linhas alemãs ao pôr-do-sol. Mais terreno perdido.*

Não era um pensamento que se dissesse aos homens. Misha limpou cuidadosamente as mãos antes de desabotoar o bolso da túnica. Agora chegara a hora de alimentar a alma.

Muito delicada, observou o cabo, olhando por sobre o ombro do capitão pela centésima vez, como sempre com uma ponta de inveja. *Delicada como cristal. E um filho tão bonito o senhor tem. Sorte para o senhor, camarada capitão, que ele seja parecido com a mãe. Ela é tão pequenina, como é que pode ter gerado um rapaz tão grande desse jeito e não ter se machucado?*

Deus sabe como, foi sua resposta inconsciente. Era muito estranho que depois de alguns dias de guerra até o ateu mais convicto invocasse o nome de Deus. Mesmo alguns dos comissários, para divertimento dos soldados.

Voltarei para você, prometeu ele à fotografia. Nem *que tenha de passar por todo o Exército alemão, através de todos os fogos do inferno, eu voltarei para você, Elena.*

Nesse instante chegou o correio, uma ocorrência cada vez mais rara na frente de batalha. Havia apenas uma carta para o capitão Filitov, mas a textura do papel e a delicada caligrafia denunciavam sua importância. Ele abriu o envelope com o fio brilhante da faca de combate e extraiu a carta tão cuidadosamente quanto o permitiu sua pressa, para não manchar as palavras do seu amor com a graxa do tanque de batalha. Segundos depois levantou-se de um salto e gritou para as estrelas no céu do crepúsculo.

Serei pai novamente na primavera! Deve ter sido naquela noite da partida, três semanas antes de começar essa loucura...

Não estou surpreso, disse o cabo alegremente. Depois da fodida que demos nos alemães hoje! Esse e' o homem que lidera essa tropa. Nosso capitão é um verdadeiro garanhão!

Você é um grosso, cabo Romanov. Sou um homem casado!

Então talvez eu possa me pôr no lugar do camarada capitão?, perguntou o cabo esperançoso, passando novamente a garrafa. A mais um bom fílho, e à saúde de sua bela mulher. Lágrimas de alegria brilhavam nos olhos do homem, uma alegria misturada à tristeza de saber que apenas uma sorte muito grande permitiria que ele fosse pai. Mas ele nunca diria tal coisa. Romanov era um bom soldado e um bom camarada, pronto para comandar seu próprio tanque.

E Romanov conseguira seu próprio tanque, recordou Misha, observando o crepúsculo em Moscou. Em Vyasma, ele ousadamente colocara seu tanque entre o indefeso T-34 de seu capitão e um Mark-IV alemão que atacava, salvando a vida do comandante enquanto a sua própria terminava num turbilhão de labaredas alaranjadas. Aleksey Ilych Romanov, cabo do Exército Vermelho, ganhou naquele dia a Ordem da Bandeira Vermelha. Misha imaginou se seria uma compensação justa para com a mãe pelos olhos azuis e pelas sardas do filho.

A garrafa de vodca estava agora três quartos vazia, e, como ele fizera tantas vezes, Misha soluçava, sozinho em sua mesa.

Tantas mortes...

Esses idiotas no Alto Comando! Romanov assassinado em Vyasma. Iva-nenko perdido perto de Moscou. O tenente Abashin em Kharkov... Mir-ka, o belo poeta, o delicado e sensível j0vem oficial que tinha o coração e a coragem de um leão, morto enquanto liderava o quinto contra-ataque, mas livrando a rota de fuga para que Misha passasse com o resto do regi-mento através do Donets antes que o martelo alemão caísse sobre eles.

E sua Elena, a última de todas as vítimas... Todos mortos não pelo inimigo, mas pela brutalidade indiferente da própria Mãe Pátria.

Misha tomou um último e longo gole da garrafa a sua frente. Não era a Mãe Pátria. Não a Rodina, nunca a Rodina. Foram os putos desumanos que...

Levantou-se e cambaleou em direção ao quarto, deixando acesas as luzes da sala de estar. O relógio na cabeceira marcava 9h45, e alguma parte distante do cérebro de Misha encontrou conforto no fato de poder dormir nove horas para recuperar-se dos abusos que infligira ao que tinha sido um corpo magro e resistente, que tinha suportado — e até se desenvolvido — sob as desgastantes condições das prolongadas operações de combate. Mas o stress que Misha suportava agora fazia o combate parecer férias, e seu subconsciente parecia se alegrar com a certeza de que logo tudo terminaria, e o descanso viria fi-nalmente.

Cerca de meia hora depois, um carro passou pela rua. No assento do passageiro, uma mulher levava seu filho de um jogo de hóquei para casa. Éla olhou para cima e reparou que as luzes de uma certa janela estavam acesas e as persianas abertas.

O ar era rarefeito. Bondarenko levantou às 5 horas em ponto, como sempre fazia, vestiu o abrigo de malha e tomou o elevador para descer de seu quarto de hóspede, no décimo andar. Por um instante ficou surpreso — os elevadores funcionavam. Isso significava que os técnicos podiam ir e vir percorrendo as instalações, dia e noite. Bom, pensou o coronel.

Saiu do prédio com uma toalha pendurada ao pescoço e consultou o relógio. Franziu as sobrancelhas ao começar. Em Moscou ele tinha uma rotina matinal regular de exercícios, uma distância medida entre os quarteirões da cidade. Ali não podia ter certeza da distância, quando terminariam os 5 quilômetros habituais. Bem — ele encolheu os ombros —, aquilo era esperado. Começou em direção ao leste. A vista, ele

observou, era de tirar o fôlego. Ém breve o sol iria levantar-se, mais cedo do que em Moscou, em virtude da menor latitude, e os picos recortados das imponentes montanhas estavam delineados em vermelho, como dentes pontiagudos de dragão; sorriu interiormente. Seu filho mais novo gostava de desenhar dragões.

O vôo no qual chegara terminara de forma espetacular. A lua cheia havia iluminado a planície deserta de Kara Kum sob o avião — e então a paisagem arenosa acabara num monumental paredão que parecia construído pelos deuses. No espaço de 3 graus de longitude, o relevo mudara de planícies com 300 metros de altitude para picos de 5 000 metros. De seu vantajoso ponto de observação pudera notar o brilho de Dushanbe, cerca de 70 quilômetros a noroeste. Dois rios, o Kafir-nigan e o Surkhandarya, passavam ao lado da cidade de meio milhão de habitantes, e, como um homem a meio caminho da volta ao mundo, o coronel Bondarenko perguntou-se por que a cidade teria surgido aqui, e que história antiga provocara tal aparecimento entre os rios alimentados pelas montanhas. Certamente parecia um local inóspito, mas talvez as longas caravanas de camelos bactrianos descansassem ali, ou talvez tivesse sido o cruzamento de estradas, ou... interrompeu seu devaneio. Bondarenko percebeu que só estava adiando seu exercício matinal. Amarrou a máscara cirúrgica sobre a boca e o nariz, como proteção contra o ar frígido. O coronel começou as longas flexões de joelhos para aquecer os músculos, depois esticou as pernas contra a parede antes de partir correndo num passo fácil e lento.

Imediatamente notou que respirava mais fortemente do que o normal através do tecido da máscara no rosto. Era a altitude, claro. Bem, aquilo encurtaria um pouco o exercício. O prédio de apartamentos já ficara para trás e ele olhou à direita, passando pelo que seu mapa indicava como lojas de aparelhos e artigos ópticos.

— Alto! — gritou uma voz em tom de urgência.

Bondarenko praguejou. Não gostava nem um pouco de interromper seus exercícios matinais. Especialmente, notou ele, por quem usasse as ombreiras verdes da KGB. Espiões... assassinos... brincando de soldados.

— O que foi, sargento?

— Seus papéis, por favor, camarada. Não estou reconhecendo você. Por sorte a esposa de Bondarenko havia costurado vários bolsos no

agasalho Nike que conseguira obter no "mercado cinza" de Moscou, um presente por seu último aniversário. O coronel manteve as pernas em movimento enquanto entregava sua identificação.

— Quando chegou o camarada coronel? — indagou o sargento. — E o que pensa que está fazendo a esta hora da manhã?

— Onde está seu oficial? — retrucou Bondarenko.

— No posto principal, a 400 metros naquela direção. — O sargento apontou.

— Então venha comigo, sargento, e falaremos com ele. Um coronel do Exército Soviético não dá explicações a sargentos. Vamos indo, acho que precisa de um pouco de exercício também! — desafiou ele, pondo-se em movimento.

O sargento devia ter por volta de 20 anos, mas usava um pesado sobretudo e carregava o fuzil e o cinto de munição. Depois de 200 metros, Gennady ouviu-o resfolegando.

— Aqui, camarada coronel! — balbuciou o jovem um minuto depois.

— Não devia fumar tanto, sargento — observou Bondarenko.

— Que diabos está acontecendo aqui? — berrou um tenente da KGB de trás de sua escrivaninha.

— Seu sargento me desafiou. Sou o coronel G. I. Bondarenko e estou fazendo minha corrida matinal.

— Usando roupas ocidentais?

— E o que você tem a ver com as roupas que eu uso quando faço exercício? *Idiota! Será que pensa que os espiões fazem cooper?*

— Coronel, sou o oficial do turno na segurança. Não o reconheço, e meus superiores não me alertaram sobre sua presença.

Gennady enfiou a mão em outro bolso e tirou de lá seu passe especial de visitante, junto com a identificação.

— Estou aqui na qualidade de representante especial do ministro da Defesa. O propósito de minha visita não é assunto de sua alçada. Aqui represento a autoridade pessoal do marechal da União Soviética D. T. Yazov. Se tiver mais alguma pergunta, pode chamá-lo diretamente neste número telefônico.

O tenente da KGB leu escrupulosamente os documentos de identificação para certificar-se de que eram o que lhe fora dito.

— Por favor, desculpe-me, camarada coronel, mas temos ordens de levar a sério as medidas de segurança. Além do mais, é fora do comum por

aqui encontrarmos um homem em roupas ocidentais correndo ao amanhecer.

— Presumo que também seja fora do comum seus soldados correrem a qualquer hora — observou secamente Bondarenko.

— Na verdade quase não há espaço aqui no alto da montanha para um regime apropriado de treinamento físico, camarada coronel.

— É mesmo? — Bondarenko sorriu enquanto retirava um pequeno bloco e um lápis de um dos bolsos na perna. — Diz que leva a segurança a sério, mas não cumpre as normas de treinamento físico para seus soldados. Muito obrigado pela informação, camarada tenente. Discutiremos esse assunto com seu oficial comandante. Posso ir agora?

— Tecnicamente tenho ordens para escoltar todos os visitantes oficiais...

— Esplêndido! Gosto de companhia quando corro. Será que o senhor teria a bondade de me acompanhar, tenente?

O oficial da KGB estava numa armadilha e sabia disso. Cinco minutos mais tarde, ele bufava como um peixe fora dágua.

— Qual é a principal ameaça à segurança? — perguntou Bondarenko maliciosamente, pois não diminuiu a marcha.

— A fronteira afegã fica a apenas 110 quilômetros naquela direção — apontou o tenente com a respiração entrecortada. — Eles enviam ocasionalmente alguns agressores fora da lei ao território soviético, como talvez tenha ouvido falar...

— Eles fazem contato com os cidadãos locais?

— Não, ao que saibamos, mas essa é uma preocupação. A população local é em grande parte muçulmana. — O tenente começou a tossir. Gennady parou.

— Nesse ar gelado descobri que usar uma máscara ajuda — disse ele. — Esquenta um pouco o ar antes que seja respirado. Endireite o corpo e respire profundamente, camarada. Se pretende levar tão a sério as disposições de segurança, você e seus homens deveriam estar em boa forma física. Posso garantir que os afegães estão. Dois inver-nos atrás passei muito tempo com os comandos especiais Sperznaz, perseguindo-os por mais de meia dúzia de montanhas miseráveis. Não conseguimos apanhá-los. — Mas eles nos apanharam, ele não disse. Bon-darenko nunca esquecera aquela emboscada.

— Não puderam usar helicópteros?

— Nem sempre eles podem voar com tempo ruim, meu jovem camarada, e em meu caso tentávamos provar que também podíamos lu-tar nas montanhas.

— Aqui temos patrulhas circulando o dia inteiro, é claro.

Foi alguma coisa na maneira como ele disse aquilo que incomodou Bondarenko, e o coronel prometeu-se verificar esse ponto mais tarde.

— Quanto já corremos?

— Dois quilômetros — estimou o tenente.

— A altitude dificulta mesmo as coisas. Venha, vamos andar de volta. O nascer do sol era espetacular. A esfera flamejante elevava-se sobre

uma montanha sem nome a leste, e sua luz descia pelas encostas mais próximas, perseguindo vagarosamente as sombras pelos vales profundos e desérticos. Aquelas instalações não eram um objetivo fácil, mesmo para os bárbaros e desumanos mudjahidin. As torres de vigia eram bem localizadas, com amplos corredores de tiro que se estendiam por vários quilômetros. Não usavam holofotes, em consideração aos civis residentes, mas os dispositivos para visão noturna eram uma escolha melhor de qualquer maneira, e ele tinha certeza de que os soldados da KGB os utilizavam. Além disso, ele deu de ombros, a segurança do local não era o motivo que o trazia ali, embora fosse uma boa desculpa para esmiuçar os detalhes da segurança da KGB.

— Posso saber como obteve essa roupa de exercícios? — perguntou o oficial da KGB assim que voltou a respirar em ritmo normal.

— É um homem casado, camarada tenente?

— Sou, sim, camarada coronel.

— Pessoalmente não costumo interrogar minha esposa sobre onde ela compra presentes de aniversário para mim. Mas não sou um che-kista. — Bondarenko fez algumas flexões para demonstrar que era, entretanto, um homem melhor.

— Coronel, embora nossos deveres não sejam exatamente os mesmos, ambos servimos a União Soviética. Sou um oficial jovem e inexperiente, como o senhor mesmo já deixou claro. Uma das coisas que me perturbam é a rivalidade desnecessária entre o Exército e a KGB.

Bondarenko voltou-se para encarar o tenente antes de responder:

— Muito bem observado, meu jovem camarada. Talvez se lembre desse sentimento algum dia, quando usar estrelas de general.

Deixou o tenente da KGB de volta ao seu posto e voltou rapidamente ao prédio de apartamentos, a brisa gelada ameaçando congelar o suor sobre seu pescoço. Entrou e tomou o elevador. Sem surpresa, constatou que àquela hora da manhã não havia água quente para seu banho matinal de chuveiro. O coronel suportou o frio, que ajudou a espantar os últimos vestígios de sono, barbeou-se e vestiu-se antes de caminhar para a cantina, a fim de tomar a primeira refeição.

Ele não precisava chegar antes das 9 horas ao ministério, e no caminho havia um banho turco. Uma das coisas que Filitov aprendera ao longo dos anos fora que nada podia curar uma ressaca e clarear a cabeça melhor do que o vapor. Já tinha prática suficiente. Seu sargento levou-o aos Banhos Sandunovski, na Kuznetsky Most, a seis quarteirões do Kremlin. Não estava sozinho, mesmo àquela hora da manhã. Um punhado de outras pessoas presumivelmente importantes subia as escadarias de mármore que levavam às instalações de primeira classe ―agora não mais chamadas assim, é claro ―do segundo andar, desde que milhares de moscovitas partilhavam com o coronel tanto seu mal quanto sua cura. Alguns deles eram mulheres, e Misha con-jeturou se as instalações femininas seriam muito diferentes das que ele estava a ponto de usar. Era estranho. Vinha àquele lugar desde quando ingressara no ministério, em 1943, e nunca dera uma espiada na ala das mulheres. *Bem, agora estou velho demais para isso.*

Seus olhos estavam injetados de sangue e pareciam pesados enquanto o coronel se despia. Nu, apanhou uma volumosa toalha na pilha que havia próximo à saída, mais um punhado de ramos de vidoeiro. Filitov respirou o ar puro e frio do vestiário antes de abrir a porta que levava as salas de vapor. O piso que fora inteiramente de mármore agora apresentava grandes remendos feitos com azulejos alaranjados. Podia lembrar-se da época em que o assoalho estivera praticamente intacto, Dois homens nos seus 50 anos discutiam sobre alguma coisa, provavelmente política. Podia ouvir as vozes exaltadas acima do assobio ao vapor saindo da grande caixa que ocupava o centro da sala. Misha contou mais cinco homens, as cabeças inclinadas, cada um deles curtindo a ressaca numa solidão mal-humorada. Escolheu um assento na fileira da frente e sentou-se.

― Bom dia, camarada coronel ― cumprimentou uma voz, a 5 metros de distância.

— Igualmente, camarada acadêmico — respondeu Misha ao companheiro de banho.

Apertava fortemente com as mãos o feixe de ramos enquanto esperava que o suor começasse. Não demorou muito — a temperatura ambiente alcançava 60 graus centígrados. Ele respirava cuidadosamente, como faziam os mais experientes freqüentadores. As aspirinas que havia tomado com o chá matinal começavam a fazer efeito, embora a cabeça ainda parecesse pesada, e os seios nasais estivessem latejando. Bateu levemente as folhas contra as costas, como se assim exorcizasse os venenos do corpo.

— Como está esta manhã nosso herói de Stalingrado? — insistiu o acadêmico.

— Quase tão bem quanto nosso gênio do Ministério da Educação

— respondeu Misha, provocando uma gargalhada.

Nunca conseguia lembrar direito o nome do sujeito... Ilya Vladimirovich Qualquer coisa. Que tipo de idiota riria daquele jeito durante uma ressaca? O homem dissera que bebia por causa da mulher. *Você bebe para se livrar dela, não é? Você se gaba das vezes* em *que trepou com a secretária, enquanto eu daria minha alma por mais um olhar ao rosto de Elena. E ao rosto dos meus dois filhos,* disse a si mesmo. *Meus dois belos filhos.* Não havia problema em lembrar-se daquelas coisas em tais manhãs.

— O *Pravda* de ontem falava das negociações sobre armamentos — insistiu o homem. — Alguma esperança de progresso?

— Não tenho a menor idéia — respondeu Misha.

O atendente entrou. Era jovem, por volta de 25 anos, e de baixa estatura. Contou as cabeças no recinto.

— Alguém deseja alguma bebida? — perguntou ele. Beber era absolutamente proibido nos banhos, mas, como diria qualquer russo de verdade, aquilo só melhorava o sabor da vodca.

— Nãão! — veio a resposta em coro dos freqüentadores. Ninguém parecia interessado em curar a mordida com o veneno, reparou Misha, levemente surpreso. Bem, ainda estavam no meio da semana. Numa manhã de sábado teria sido diferente.

— Muito bem — disse o atendente retirando-se em direção à saída.

— Temos toalhas limpas aqui fora e o aquecedor da piscina já foi consertado. Nadar é um ótimo exercício, camaradas. Lembrem-se de usar

os músculos que estão aquecendo e ficarão refrescados pelo resto do dia. Misha olhou para o rapaz. *Então esse é o novo homem.*

— Por que será que eles têm que ser tão alegres assim? — perguntou um homem no canto.

— Ele está alegre porque *não* é um velho bêbado! — respondeu um outro. Aquilo provocou um coro de gargalhadas.

— Cinco anos atrás a vodca não me deixava assim — disse o primeiro homem. — Para mim, o controle de qualidade já não é o mesmo.

— Nem o seu fígado, camarada!

— Envelhecer é uma coisa terrível.

Misha olhou para trás a fim de ver quem havia falado. Era um homem que mal atingira seus 50 anos, cuja barriga inchada tinha a cor de peixe morto e que fumava um cigarro, também infringindo as regras.

— Uma coisa mais terrível ainda é não envelhecer, mas vocês jovens se esquecem disso! — disse ele automaticamente, perguntando-se a seguir por quê.

Cabeças se voltaram e viram as cicatrizes em seu peito e nas costas. Mesmo os que não sabiam quem era Mikhail Semyonovich Filitov perceberam que aquele não era um homem do qual se zombasse. Misha permaneceu mais dez minutos em silêncio antes de sair.

O atendente estava ao lado de fora da porta quando ele saiu. O coronel passou-lhe o feixe de ramos e a toalha usada, depois foi até os chuveiros de água fria. Dez minutos depois, sentia-se um novo homem, sem a dor e a depressão causadas pela ressaca, o cansaço ultrapassado. Vestiu-se rapidamente e desceu as escadas até o carro, que estava esperando. O sargento notou a mudança no andar do coronel e perguntou-se o que havia de tão revigorante em ficar cozinhando como um pedaço de carne.

O atendente tinha sua própria tarefa. Ao perguntar novamente sobre as bebidas um minuto depois, descobriu que duas pessoas na sala de vapor tinham mudado de idéia. Passou pela porta traseira do edifício, em direção a uma pequena loja, cujo proprietário ganhava mais dinheiro com a venda clandestina de bebidas do que lavando roupas a seco. O atendente voltou com uma garrafa de meio litro de "Vodca" — não havia nenhuma marca nela: a premiada Stolychnaya era vendida apenas fora do país e para a elite — a um pouco mais do que o dobro do preço de mercado. A restrição nas vendas das bebidas alcoólicas havia criado um novo e extremamente

lucrativo campo no mercado negro. O atendente também passara um pequeno cartucho de filme, que seu contato lhe passara entre os ramos de vidoeiro. De sua parte, o atendente dos banhos também se sentia aliviado agora. Aquele era o seu único contato. Não sabia o nome do homem e dissera a frase em código, com o medo natural de que essa parte da rede da CIA em Moscou estivesse infiltrada pelo departamento de contra-espionagem da KGB, o temido Segundo Diretório. Sua vida estava comprometida e ele sabia disso. Mas precisava fazer alguma coisa. Desde o ano que passara no Afeganistão, as coisas que vira e as que fora obrigado a fazer... Imaginou por um instante quem seria aquele velho com as cicatrizes, mas lembrou a si mesmo que sua identidade e o teor da informação não eram assuntos de sua alçada.

A pequena loja de limpeza a seco servia principalmente a estrangeiros, uma clientela de repórteres, executivos e uns poucos diplomatas, além de alguns soviéticos extravagantes, querendo proteger as roupas adquiridas fora do país. Uma mulher que parecia pertencer a este último grupo apanhou um sobretudo inglês, pagou 3 rublos e saiu. Andou duas quadras até a mais próxima estação de metrô, desceu pela escada rolante e tomou o trem da linha Zhdanovsko— Krasnopresnenskaya, que era marcada em cor púrpura nos mapas locais. O trem estava cheio, e ninguém a viu passar o filme. Na verdade, ela mesma não viu o rosto do homem. Por sua vez, ele desceu na estação seguinte, Pushkinskaya, e atravessou para a estação Gor'kovs-kaya. Mais uma transferência foi realizada dez minutos depois, desta vez para um americano a caminho da embaixada, um pouco atrasado naquela manhã, tendo permanecido até tarde na recepção diplomática na noite anterior.

Seu nome era Ed Foley; ele era adido à imprensa na embaixada na Ulitsa Chaykovskogo. Ele e sua mulher, Mary Pat, outra agente da CIA, residiam em Moscou havia quase quatro anos, e ambos ansiavam em sair daquela cidade austera e cinzenta de uma vez por todas. Tinham dois filhos, a quem já haviam sido negados cachorros-quentes e jogos de bola por tempo suficiente.

Não que ambos não fossem bem-sucedidos em seu dever. Os russos sabiam que a CIA utilizava um certo número de duplas marido-mulher em campo, mas a idéia de que espiões levassem suas crianças para o exterior não era uma coisa que os soviéticos aceitassem com facilidade. Havia ainda a questão da cobertura. Ed Foley fora repórter no *New York Times*

antes de ingressar no Departamento de Estado — porque, como explicava ele, o pagamento era aproximadamente o mesmo, e um repórter policial nunca viajava mais longe do que ao Presídio de Attica. Sua esposa passava a maior parte do tempo em casa com as crianças — embora quando necessário trabalhasse como professora-substituta no Colégio Anglo-Americano, no número 78 da Avenida Lênin —, freqüentemente saindo com elas na neve. O filho mais velho jogava hóquei no time juvenil, e os agentes da KGB que costumavam segui-los tinham anotado em seus arquivos que Edward Foley II era um ponta-esquerda muito bom. O pior aborrecimento do governo soviético com a família tinha a ver com a curiosidade desordenada do Foley mais velho a respeito dos crimes nas ruas da capital, que era na pior das hipóteses um eco das atividades anteriores em Nova York. Mas isso só vinha provar que ele era relativamente inofensivo. Ele demonstrava uma curiosidade óbvia demais para ser qualquer tipo de agente secreto. Eles, afinal de contas, faziam o possível para passar despercebidos.

Foley percorreu a pé os poucos quarteirões da estação do metrô até a embaixada. Acenou educadamente para o miliciano que guardava os portões sobriamente decorados, depois para o sargento dos fuzileiros navais no interior antes de entrar em seu escritório. Não era mui-to. A embaixada fora descrita oficialmente no Boletim do Departamento de Estado da URSS como "acanhada e de manutenção difícil". O mesmo autor provavelmente chamaria um sótão semidestruído na pior parte do Brooklyn de "cobertura", pensou Foley. Na última reforma da embaixada, refizeram seu escritório a partir de um depósito de vassouras e materiais de limpeza transformado numa minúscula sala de trabalho isolada com pouco mais do que 1 metro quadrado de área. O antigo depósito de vassouras, entretanto, tornara-se sua câmara escura, sendo esse o motivo pelo qual um homem da CIA ocupava aquele aposento em particular durante os últimos vinte anos, embora Foley fosse o primeiro chefe de setor a ocupá-lo.

Com apenas 33 anos, alto e bastante magro, Edward Foley era um irlandês de Queens cuja inteligência brilhante, combinada a uma taxa extraordinariamente baixa de batimentos cardíacos e um rosto inexpressivo de jogador de pôquer, ajudara-o a abrir caminho além das montanhas Holy Cross, no Colorado. Recrutado pela CIA no último ano de faculdade, passara quatro anos no *Times* para construir uma "história"

pessoal. Era lembrado na redação como um repórter competente, um tanto preguiçoso, capaz de se esmerar em seus textos, mas que não chegaria a lugar nenhum. Seu editor não se importara nem um pouco em perdê-lo para o serviço do governo, desde que em seu lugar entrara um recém-formado da Faculdade de Jornalismo de Co-lúmbia que tinha faro e disposição para descobrir notícias. O atual correspondente do *Times* em Moscou o descrevera aos colegas como intrometido, e bastante aborrecido por sinal, fazendo assim um dos mais almejados elogios no ramo da espionagem: *Quem, ele? Não é* esperto o suficiente para ser espião. Por essa e várias outras razões é que Foley estava encarregado do agente local mais antigo e mais produtivo da Agência, o coronel Mikhail Semyonovich Filitov, nome de código: Cardeal. O próprio codinome, é claro, era secreto de tal maneira que apenas cinco pessoas no interior da Agência sabiam que significava mais do que um religioso de chapéu vermelho, com categoria diplomática principesca.

A informação que vinha diretamente do Cardeal era considerada Informação Especial/Exclusiva-Delta e só seis funcionários tinham acesso a Delta em todo o governo americano. A cada mês a palavra-código para receber os dados era alterada. O nome naquele mês era CETIM, para o qual menos de vinte homens estavam liberados. Mesmo sob esse título, os dados eram invariavelmente parafraseados e sutilmente alterados depois de saírem da fraternidade Delta.

Foley retirou o filme do bolso e trancou-se na sala escura. Poderia efetuar todos os passos do processo de revelação mesmo que estivesse bêbado e com sono. Na verdade tinha feito aquilo algumas vezes. Em seis minutos o trabalho estava realizado, e Foley limpou-se meticulosamente. Seu antigo editor em Nova York teria ficado surpreso com tanto capricho.

Foley seguia procedimentos que haviam permanecido inalterados por quase trinta anos. Examinou os seis negativos expostos com uma lupa do tipo usado para observar dispositivos de 35 milímetros. Decorou cada quadro em poucos segundos e começou a datilografar uma tradução em sua própria máquina de escrever portátil. Era um modelo mecânico, cuja fita de algodão estava muito gasta e não seria útil a ninguém, principalmente à KGB. Como muitos repórteres, Foley não era um bom datilógrafo. Suas páginas continham muitos erros cobertos pela letra "X". O papel era quimicamente tratado e não se podia usar nenhum tipo de borracha. Levou quase duas horas para terminar a transcrição dos dados.

Quando acabou, verificou cuidadosamente o texto original nos negativos para certificar-se de que não esquecera de nenhum dado, nem cometera erros gramaticais graves. Satisfeito, mas com um tremor do qual nunca conseguira se livrar, amassou a tira de celulóide numa bolinha, colocou-a num cinzeiro de metal, onde um fósforo de madeira destruiu as únicas evidências diretas da existência do Cardeal. Então ele fumou um charuto para disfarçar o odor típico de celulóide queimado. As páginas datilografadas, dobradas, foram para seu bolso, e Foley subiu as escadas em direção à sala de comunicações da embaixada. Lá, ele expediu um comunicado inocente para a caixa postal 4108, Departamento de Estado, Washington: "Referência seu comunicado de 29 de dezembro. Relatório de despesas a caminho via malote. Foley. Final". Como adido à Imprensa, Foley precisava recolher muitas notas de bares de ex-colegas que o encaravam com uma simpatia que ele não se preocupava em retribuir; tinha de fazer vários relatórios de despesas para os "almofadinhas" de Foggy Bottom, e divertia-se grandemente com o fato de que seus colegas de imprensa trabalhassem tanto para manter-lhe a imagem de cobertura. A seguir, Foley foi ao encontro do correio-residente da embaixada. Embora poucos soubessem, aquele era um aspecto da vida em Moscou que não se havia alterado desde a década de 30. Sempre havia um mensageiro para levar o malote, embora atualmente ele tivesse também outras incumbências. O mensageiro era uma das quatro pessoas na embaixada que sabiam para qual agência do governo Foley realmente trabalhava. Oficial de segurança reformado do Exército, ele tinha uma medalha de Mérito Militar e quatro condecorações por ferimentos em combate, em acidentes de vôo nos campos de batalha do Vietnã. Quando sorria, fazia-o à maneira soviética, usando a boca, mas quase nunca os olhos.

— Está a fim de ir para casa esta noite? Os olhos do homem brilharam.

— Com a final do campeonato de futebol americano neste domingo? Está brincando! Passo na sua sala às quatro?

— Combinado. — Foley fechou a porta e voltou para seu escritório. O mensageiro reservou um lugar no vôo das 17h40 pela British Airways, para o Aeroporto de Heathrow.

A diferença de fusos horários entre Washington e Moscou garantia que as mensagens de Foley chegassem à capital americana de manhã bem cedo. Às 6h00, um agente da CIA entrou na sala de correspondência do

Departamento de Estado e apanhou as mensagens de uma dúzia de caixas diferentes, e prosseguiu em seu carro para Langley. Veterano agente de campo no Diretório de Operações, estava impedido de realizar missões no exterior em virtude de um ferimento recebido em Budapeste — onde um delinqüente de rua lhe fraturara a cabeça, tendo sido trancafiado por cinco anos pela irada polícia local. Se *eles soubessem,* pensou o agente, *teriam dado uma medalha ao cara.* Entregou as mensagens aos escritórios correspondentes e foi para o próprio gabinete.

O formulário estava sobre a escrivaninha de Bob Ritter quando ele chegou, às 7h25. Ritter era o vice-diretor de Operações da Agência. Seu setor, tecnicamente denominado Diretório de Operações, incluía todos os agentes de campo da CIA, e todos os cidadãos estrangeiros que recrutavam e empregavam como agentes. A mensagem de Moscou — como sempre havia mais que uma, mas aquela era a que contava — foi imediatamente colocada em seu arquivo particular, e Ritter preparou-se para a reunião diária das 8h00, realizada todos os dias pelos oficiais do plantão noturno.

— Entre, está aberto. — Em Moscou, Foley levantou os olhos ao ouvir as batidas na porta. O mensageiro entrou.

— O avião sai em uma hora. Preciso me apressar.

Foley abriu uma gaveta e apanhou o que parecia ser uma cara cigarreira de prata. Passou-a ao mensageiro, que a apanhou com delicadeza antes de colocá-la no bolso de dentro do paletó. As páginas datilografadas estavam dobradas no interior, juntamente com uma pequena carga pirotécnica. Se a caixa de prata fosse aberta de maneira não adequada, ou sofresse uma aceleração violenta — como uma queda ao chão —, a carga explodiria e destruiria o papel inflamável no interior. Poderia também incendiar o terno do mensageiro, o que explicava o carinho ao manusear a caixa.

— Devo estar de volta na terça-feira de manhã. Quer que lhe traga alguma coisa, senhor Foley?

— Eu soube que saiu um novo livro de Far Side... — Isso produziu uma gargalhada, pelo trocadilho entre *Far Side,* "facção oposta", e o nome Forsyth, do escritor de romances de espionagem.

— Tudo bem, vou verificar. Pode me pagar na volta.

— Faça uma viagem segura, Augie.

Um dos motoristas da embaixada levou Augie Giannini para o Aeroporto Sheremetyevo, a 30 quilômetros de Moscou, onde o passaporte

diplomático do mensageiro permitiu que ele passasse pelos postos de controle e fosse diretamente ao avião da British Airways destinado ao Aeroporto de Heathrow. Ele subiu para o setor da segunda classe, ao lado direito da aeronave. O correio diplomático acomodou-se na poltrona próxima à janela, com Giannini na poltrona do meio. Os vôos para fora de Moscou raramente estavam lotados, e a poltrona à sua esquerda permanecia vazia. O Boeing começou a mover-se pontualmente no horário. O comandante anunciou a hora e o destino do vôo, e a aeronave começou a taxiar pela pista. No momento em que deixou o solo soviético, os cento e cinqüenta passageiros aplaudiram, como sempre acontecia. Era um fato que divertia o mensageiro. Giannini apanhou um livro de bolso e começou a ler. Não podia beber durante o vôo, é claro, e muito menos dormir, e decidiu esperar pelo jantar no vôo seguinte. A aeromoça, entretanto, conseguiu servir-lhe uma xícara de café.

Três horas depois, o 747 aterrissou no Aeroporto de Heathrow. Mais uma vez, Giannini passou diretamente pelo controle alfandegário. Sendo um homem que passava mais tempo no ar do que muitos pilotos comerciais, tinha acesso livre às salas de espera de primeira classe na maioria dos aeroportos do mundo. Ali aguardou por uma hora a chegada de outro 747 para o Aeroporto Internacional Dulles, em Washington.

Atravessando o Atlântico, o correio saboreou um jantar da Pan Am e assistiu a um filme que ainda não tinha visto, o que acontecia cada vez mais raramente. Quando acabou seu livro, o avião fazia as manobras de aterrissagem em Dulles. O mensageiro passou a mão no rosto, tentando lembrar-se que horas seriam em Washington. Quinze minutos mais tarde, entrava num Ford não identificado a serviço do governo, que seguiu para sudeste. Augie ia na frente para poder esticar as pernas.

— Que tal o vôo? — quis saber o motorista.

— O mesmo de sempre: *chatóvski*. — Por outro lado, era melhor do que realizar missões de resgate e salvamento no Vietnã. O governo pagava a ele 20 000 por ano para sentar-se nos aviões e ler livros, o que, combinado à sua aposentadoria do Exército, lhe permitia um padrão de vida razoável. Nunca chegara a incomodar-se pensando sobre o que carregava na mala diplomática, ou na pequena caixinha metali-ca que transportava no bolso. Estava convencido de que era uma perda de tempo de qualquer forma. O mundo não mudara tanto assim.

— Está com a caixa? — perguntou o homem no banco traseiro.

— Claro. — Giannini enfiou a mão no bolso e passou a caixa ao companheiro com ambas as mãos.

O agente da CIA recebeu a caixa, usando as duas mãos, enfiando-a num recipiente forrado de espuma. O agente era um instrutor do Departamento de Serviços Técnicos, parte do Diretório de Ciência e Tecnologia. O setor realizava um bocado de trabalho burocrático, mas esse agente especial era perito em armadilhas e explosivos em geral. Em Langley, ele tomou o elevador para o escritório de Ritter e abriu a pequena caixa sobre a escrivaninha, depois voltou à sua sala sem olhar o conteúdo.

Ritter foi até sua copiadora Xerox e produziu várias cópias dos papéis datilografados por Foley, os quais foram queimados em seguida. Não tanto por medida de segurança, mas por simples precaução. Ritter não queria um maço de material inflamável em seu escritório. Começou a ler antes mesmo de terminar todas as cópias. Como sempre, balançou a cabeça para a esquerda e para a direita no final do primeiro parágrafo. O vice-diretor de Operações andou até a escrivaninha e pressionou o botão do intercomunicador em linha com o escritório do diretor.

— Está ocupado? O pássaro pousou.

— Pode subir — respondeu a voz do juiz Moore sem demora. Nada era mais importante do que informações do Cardeal.

Ritter apanhou o almirante Greer no caminho, e os dois entraram no espaçoso escritório do diretor da Agência Central de Informações.

— A gente tem que adorar esse cara — disse Ritter, passando os papéis. — Ele conseguiu convencer Yazov a mandar um coronel até Bach para fazer um "estudo de viabilidade" do sistema inteiro. Esse coronel Bondarenko deve preparar um relatório sobre o funcionamento de tudo, usando vocabulário leigo para que o ministro possa entender e relatar aos colegas do Politburo. Naturalmente ele encarregou Misha de ajudá-lo, e portanto o relatório passa antes pela mesa dele.

— Esse garoto que o Ryan foi ver... Gregory, se não me engano... ele queria que nós infiltrássemos um agente em Dushanbe — disse Greer, sorrindo. — Ryan disse a ele que era impossível.

— Ótimo. Todos sabem como é aquele pessoal do Diretório de Operações. — Toda a CIA tinha um orgulho perverso do fato de que apenas os fracassos chegavam aos noticiários.

O Diretório de Operações necessitava particularmente da vexação pública que a imprensa atribuía a eles. As falhas da KGB nunca chamavam

tanto a atenção quanto as das CIA, e essa imagem pública era amplamente aceita, até mesmo pela comunidade de informações soviética. Nunca ocorreu a ninguém que os vazamentos de informação fossem propositais.

— Eu gostaria muito que alguém dissesse a Misha que existem agentes audaciosos e agentes velhos — disse o juiz Moore. — Mas muito poucos agentes velhos e audaciosos,

— Ele é um homem muito cuidadoso, chefe — disse Ritter.

— É, eu sei. — O diretor olhou para os papéis.

Desde a morte de Dmitri Fedorovich, está tudo diferente no Ministério da Defesa, leu o diretor. *Às vezes eu me pergunto se o marechal Yazov leva a sério os novos avanços tecnológicos, mas a quem posso confidenciar minhas dúvidas? Será que a KGB acreditaria em mim? Preciso ordenar meus pensamentos antes de fazer qualquer acusação. Mas posso quebrar algumas regras de segurança...*

Porém que escolha me resta? Se não puder documentar minhas dúvidas, quem irá acreditar em mim depois? E uma coisa difícil quebrar regras de segurança, mas a segurança do Estado fica acima de tais regras. É preciso.

Assim como os poemas épicos de Homero sempre iniciavam com uma invocação da Musa, as mensagens do Cardeal invariavelmente começavam dessa maneira. A idéia se desenvolvera no final da década de 60. As mensagens do Cardeal começavam como fotografias de seu diário pessoal. Os russos são diaristas inveterados. A cada vez que ele começava, expressava seu *cri de coeur* eslavo, exprimindo suas preocupações pessoais com as decisões políticas do Ministério da Defesa. Algumas vezes expressava inquietação com a segurança de determinado projeto, ou desempenho de um novo tanque ou aeronave. A cada caso, os detalhes técnicos de um equipamento ou de uma decisão política eram descritos minuciosamente, mas sempre focalizando um suposto problema burocrático interior do ministério. Se algum dia o apartamento de Filitov fosse revistado, seu diário seria encontrado facilmente, com certeza não escondido como faria um espião, e, enquanto quebrava definitivamente algumas regras de segurança, seria certamente advertido por isso, mas havia pelo menos a chance de ser bem-sucedido em sua defesa. Ou essa era a idéia geral.

Quando eu tiver o relatório de Bondarenko, em mais uma ou duas semanas, talvez possa persuadir o ministro de que esse projeto é muito

importante para a Rodina, finalizava o Cardeal.

— Então parece que eles fizeram mesmo progressos quanto à potência de saída do laser — comentou Ritter.

— O termo em uso é *throughput* — corrigiu Greer. — Pelo menos foi o que Jack me disse. As notícias não são muito boas, cavalheiros.

— È o seu olho aguçado para detalhes, James — declarou Ritter. — Meu Deus, o que acontece se eles chegarem lá primeiro?

— Também não é o fim do mundo. Lembre-se de que são precisos dez anos para desenvolver o sistema depois que o conceito for validado, e eles ainda não estão nem perto disso — afirmou o diretor. — O céu não está caindo sobre nossas cabeças ainda. Aliás, isso pode até trabalhar a nosso favor, não acha, James?

— Se Misha conseguir uma descrição utilizável do avanço deles, sim. Na maioria das áreas estamos mais avançados que eles — respondeu o vice-diretor de Informações. — Ryan vai precisar disso para fazer seu relatório.

— Ele não está liberado para essas informações! — reclamou Ritter.

— Ele já examinou as informações Delta antes — lembrou Greer.

— Uma vez. Só uma vez, e tivemos uma boa razão para fazer isso... E verdade que ele se saiu muito bem para um amador. James, não há nada aqui que ele possa utilizar, a não ser que temos razão para suspeitar de que Ivã conseguiu um... *throughput* na área de potência. Aliás, aquele rapaz, o Gregory, já suspeita disso. Diga a Ryan que confirmamos as suspeitas através de outras fontes. Juiz, o senhor pode dizer pessoalmente ao presidente que alguma coisa está acontecendo, mas é preciso esperar umas semanas. É bom não entrar em detalhes por algum tempo.

— Parece razoável — anuiu o juiz Moore. Greer cedeu sem discutir.

Agora restava a tentação de mencionar que aquela seria a missão mals importante do Cardeal, porém isso seria dramático demais para os três executivos de altos cargos; além do mais, o Cardeal proporcionara à CIA um bom volume de informações importantes ao longo dos anos. O juiz Moore releu os relatórios depois que os outros saíram. Foley acrescentara que Ryan literalmente esbarrara no Cardeal, logo depois que Mary Pat lhe passara a nova missão — e bem na frente do marechal Yazov. O juiz sacudiu a cabeça. *Que casal, os Foley.* E que admirável o fato de Ryan ter feito contato com o coronel Filitov. Era um mundo louco.

4
ESTRELAS BRILHANTES E NAVIOS LIGEIROS

Jack não se incomodou em perguntar que "fontes" haviam confirmado as suspeitas do major Gregory. As operações de campo eram uma coisa pela qual lutara — na maior parte das vezes com sucesso — para manter sob controle. O que importava era que a informação era apresentada como Classe-1 em termos de segurança — a CIA adotara recentemente um sistema de gradação utilizando os números de 1 a 5 em vez das letras de A até E; certamente o produto de seis meses de trabalho de algum assistente de diretor formado na Faculdade de Administração de Harvard.

— E quanto às informações técnicas específicas?

— Eu aviso vocês, assim que chegarem — respondeu Greer.

— Tenho duas semanas para entregar o relatório, chefe — observou Ryan. Deixar para a última hora não teria sentido. Especialmente porque o documento a ser preparado era para o presidente.

— Parece que eu me lembro de ter lido a respeito em algum outro lugar, Jack — observou o almirante. — O pessoal da ACDA liga todos os dias pelo mesmo motivo. Acho que mandaremos você até lá para apresentar tudo pessoalmente a eles.

Ryan estremeceu. Seu Relatório Especial sobre Informações Confidenciais tinha como objetivo ajudar a preparar o cenário para a próxima sessão de negociações. A ACDA, Agência de Controle de Armas e Desarmamento, precisava dele, claro, para saber o que exigir e quanto conceder com segurança. Aquilo representava um peso adicional em seus ombros, mas, como o almirante Greer gostava de mencionar, Ryan trabalhava melhor sob pressão. Jack chegou a pensar em cometer al-guns erros propositais, só para desmentir essa crença.

— Quando terei de ir até lá?

— Ainda não decidi.

— Será que pode me avisar alguns dias antes?

— Vamos ver.

O major Gregory estava em casa no momento. Embora esse fato em si já fosse bastante incomum, havia ainda mais: ele estava tirando o dia de folga. Mas não fora por sua iniciativa. Seu general decidira que o excesso de trabalho, sem nenhuma diversão, começava a abater o jovem cientista. Só não lhe ocorrera que Gregory podia também trabalhar em casa.

— Você nunca pára? — perguntou Candi.

— Bem, o que vamos fazer no intervalo? — sorriu Gregory, ao teclado do microcomputador.

O conjunto de alojamentos chamava-se "Vista da Montanha". Não era propriamente um nome original. Naquela parte do país a única maneira de não ver montanhas era fechar os olhos. Gregory tinha seu próprio computador pessoal — um Hewlett-Packard de grande capacidade, fornecido pelo Projeto — e ocasionalmente trabalhava lá em seu "código". Precisava ser muito cauteloso com a classificação da segurança em seu trabalho, embora ele sempre brincasse dizendo que ele mesmo não estava autorizado a ver o que fazia. Não seria uma situação insólita no interior do governo.

A dra. Candance Long, esguia, e com os cabelos castanho-escuros cortados curtos, era quase 15 centímetros mais alta que o noivo. Tinha os dentes levemente salientes, pois nunca quisera sofrer com um aparelho corretor, e usava óculos ainda mais grossos do que os de Gregory.

EÍa era magra porque, como muitos acadêmicos, envolvia-se tanto com o trabalho que na maioria das vezes esquecia a hora das refeições. Conheceram-se durante um seminário para candidatos a mestrado na Universidade de Colúmbia. Ela era especialista em óptica, mais especificamente em espelhos de ópticos adaptáveis, um campo que escolhera para complementar o passatempo de sua vida, a astronomia. Morando na região montanha do Novo México, ela podia fazer observações num telescópio Meade de 5 000 dólares e, quando fosse o caso, utilizar os instrumentos do Projeto para perscrutar os céus — porque, como ela dizia, era a única maneira eficiente de calibrá-los. Tinha pouco interesse na obsessão de Alan pela defesa contra mísseis balísticos, mas não tinha dúvida de que os instrumentos que estavam desenvolvendo teriam todo o tipo de aplicações "reais" no campo de interesse dele.

Nenhum dos dois estava muito vestido no momento. Ambos os jovens se classificavam alegremente como solitários e desajustados e, como acontecia muitas vezes, despertavam reciprocamente os sentimentos

adormecidos — sentimentos que os colegas mais atraentes não teriam julgado possíveis.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

— Analisando os erros que tivemos. Acho que o problema é no código de controle dos espelhos.

— É mesmo? — Era o espelho *dela.* — Tem certeza de que o problema é no *software?*

— Tenho. Verifiquei as leituras de *Flying Cloud* no escritório. Estava focalizado muito bem, só que no lugar errado.

— Quanto tempo acha que vai demorar para encontrar o erro?

— Algumas semanas. — Ele franziu as sobrancelhas para o monitor, depois desligou-o com uma careta. — Para o diabo com isso! Se o general descobrir que estou fazendo isso, ele é capaz de não me deixar voltar para o trabalho.

— É o que sempre digo. — Ela circundou-lhe a nuca com as mãos. Inclinando-se para trás, Alan Gregory apoiou a cabeça nos seios de

Candi. *São muito bonitos,* pensou. Para ele fora uma descoberta notável que as mulheres pudessem ser interessantes. Saíra ocasionalmente com algumas garotas no colegial, mas durante a maior parte de sua vida em West Point, depois Stony Brook, levara uma existência mo-nástica, devotado aos estudos e aos modelos nos laboratórios. Quando conhecera Candi, interessara-se inicialmente pelas idéias que ela desenvolvia sobre configurações de espelhos, mas durante o café na União de Estudantes começara a reparar que ela parecia... bem... atraente — além de rápida e criativa em física óptica. O fato de que as coisas que discutiam na cama só podiam ser entendidas por menos de 1 por cento da população era irrelevante. *Eles* achavam tão interessantes quanto as outras coisas que faziam na cama — ou quase. Havia muito o que experimentar ali também, e como bons cientistas chegaram a comprar livros "didáticos" — como os classificavam — para explorar todas as possibilidades juntos. Como em qualquer novo campo de estudos, acharam tudo muito excitante.

Estendendo os braços, Gregory segurou a cabeça da dra. Long, fazendo-a aproximar o rosto do seu.

— Acho que não estou mais com vontade de trabalhar.

— Não é bom tirar o dia de folga?

— Talvez eu arranje mais um na semana que vem...

Boris Filipovich Morozov desceu do ônibus uma hora depois do pôr-do-sol. Ele e catorze outros jovens engenheiros e técnicos recentemente designados para o projeto *Estrela Brilhante* — embora não soubessem o nome ainda — foram recebidos no Aeroporto de Dushanbe pelo pessoal da KGB, que verificou escrupulosamente seus papéis de identidade e fotografias. Durante a viagem de ônibus, um capitão, também da KGB, fizera uma preleção sobre segurança, séria o bastante para prender a atenção de todos. Não podiam discutir seu trabalho com ninguém fora das instalações; não podiam escrever a ninguém sobre o que faziam, nem mesmo mencionar o local onde estavam. O endereço para correspondência era uma caixa postal em Novosibiirsk — a mais de 1 500 quilômetros de distância. O capitão não precisou mencionar que as cartas seriam lidas pelos oficiais de segurança da base. Morozov procurou lembrar-se de não selar seus envelopes. Sua família podia ficar preocupada se percebesse que a correspondência estava sendo aberta e selada novamente. Mas ele não tinha nada a esconder. A investigação da segurança para aquele trabalho demorara quatro meses. Os oficiais da KGB em Moscou que esmiuçaram sua vida não encontraram nada que o desabonasse, e mesmo as seis entrevistas a que fora submetido terminaram em tom amigável.

O capitão da KGB também terminou sua preleção de forma amena, descrevendo os esportes e atividades sociais na base, e a hora e local das reuniões quinzenais do Partido, que Morozov tinha intenção de freqüentar regularmente se o trabalho o permitisse. As acomodações, continuou o capitão, é que ainda constituíam um problema. Morozov e os outros recém-chegados seriam acomodados no dormitório — os barracões originalmente levantados pela turma de construção que explodira a rocha para erigir as instalações. Não ficariam apertados, disse ele, e os barracões possuíam sala de jogos, biblioteca, e até mesmo um telescópio no telhado para observação astronômica; tinham acabado de fundar um pequeno clube amador de astronomia. De hora em hora, partia um ônibus fazendo a ligação com as instalações residenciais permanentes, onde havia um cinema, uma lanchonete e um bar. Existiam exatamente trinta e uma mulheres solteiras na base, concluiu o capitão, mas uma delas era sua noiva, "e qualquer um que se engraçar com ela *será fuzilado"*. Aquilo produziu muitas gargalhadas. Era muito raro encontrar um oficial da KGB com senso de humor.

Já escurecera quando o ônibus atravessou os portões das instalações, e todos a bordo sentiam-se fatigados da longa viagem. Morozov não chegou a ficar muito desapontado com as acomodações. Todas as camas eram beliches. Ele foi designado para um leito superior, num canto do quarto. Avisos nas paredes pediam silêncio na área dos dormitórios já que os trabalhadores alternavam-se em três turnos, ininterruptamente. O jovem engenheiro estava contente ao mudar de roupa para dormir. Fora designado para a Seção de Aplicações Direcionais durante um mês, depois do quê, faria um contrato permanente. Estava imaginando o que significava *aplicações direcionais* quando o sono chegou.

Uma boa coisa sobre as caminhonetes fechadas era que cada vez mais pessoas as possuíam, e não se podia enxergar quem viajasse em seu interior, pensou Jack, enquanto o veículo branco estacionava em sua entrada de carros. O motorista era da CIA, claro, assim como o segurança no banco direito. Ele desceu e examinou a área por um instante antes de abrir a porta lateral. Revelou-se um rosto familiar.

— Oi, Marko! — cumprimentou Ryan.

— Então esta é casa do espião! — comentou alegremente o capitão de primeira classe da Marinha soviética Marko Aleksandrovich Ramius (reformado). Seu inglês havia melhorado, mas ele ainda esquecia alguns artigos. — Não, casa de timoneiro?

Jack sorriu e balançou a cabeça.

— Marko, não podemos falar sobre isso.

— Seu família não sabe?

— Ninguém sabe. Mas pode ficar tranqüilo. Minha família não está.

— Entendo.

Marko seguiu Jack para o interior da casa. Em seu passaporte, no cartão do Seguro Social e na licença de motorista da Virgínia constava o nome de Mark Ramsey. Mais uma demonstração de originalidade da CIA, embora fizesse sentido perfeitamente; é preciso que as pessoas lembrem do próprio nome. Jack observou que ele estava mais magro, agora que comia uma dieta com menos farinha. E bronzeado. Quando se encontraram pela primeira vez, no tubo de escape de proa do submarino lançador de mísseis *Outubro Vermelho,* Marko — Mark! — ostentava a pele branca e lívida dos oficiais de submarinos, e agora parecia um freqüentador inveterado do Club Méditerranée.

— Parece cansado — observou "Mark Ramsey".

— Tenho passado muito tempo dentro de aviões ultimamente. O que está achando das Bahamas?

— Está vendo meu bronzeado, não está? Areia branca, sol quente, calor todo dia. Parece Cuba quando estive lá, mas as pessoas são mais simpáticas.

— AUTEC, certo? — perguntou Jack.

— É, mas não posso discutir isso — respondeu Mark.

Os dois trocaram um olhar. AUTEC, o Centro de Avaliação e Testes de Submarinos no Atlântico, era o local onde a Marinha testava os submarinos, onde homens e navios se empenhavam em exercícios chamados miniguerras. O que ocorria ali era secreto, naturalmente. A Marinha protegia com empenho suas operações submarinas. Certamente Marko trabalhava desenvolvendo táticas para a Marinha, sem dúvida representando o papel de comandante soviético nos exercícios, proferindo conferências, ensinando. Ramius fora conhecido como "o mestre-escola" na Marinha soviética. As coisas realmente importantes nunca mudam.

— O que está achando?

— Não diga a ninguém, mas eles me deixaram ser capitão do submarino americano por uma semana... Capitão verdadeiro deixou eu fazer tudo, entende? Eu afundei porta-aviões! Sim! Afundei a *Forres-tal!* Eles iam ficar orgulhosos na Esquadra do Norte, não iam?

Jack riu.

— E a Marinha, o que achou disso?

— Capitão do submarino e eu ficamos bêbados. Capitão do *Forrestal* ficou zangado, mas... bom esportista. Vai se juntar a nós na semana que vem e discutimos todo o exercício. Ele aprendeu alguma coisa, então foi bom para todos. — Ramius fez uma pausa. — Onde está família?

— Cathy foi visitar o pai. Joe e eu não nos damos muito bem.

— É porque você é espião?

— Razões pessoais. Aceita uma bebida?

— Cerveja, por favor — pediu o soviético.

Ramius olhou à sua volta enquanto Ryan ia até a cozinha. O teto abobadado da sala elevava-se a uns 5 metros acima do carpete macio. Tudo naquela casa refletia o dinheiro gasto para construí-la tão luxuosa. Ele estava de sobrancelhas franzidas quando Ryan voltou com as cervejas.

— Ryan, não sou bobo — disse ele severamente, indicando o ambiente. — A CIA não paga tão bem assim.

— Já ouviu falar do mercado de ações? — perguntou Ryan com um sorriso.

— Claro. Parte do meu dinheiro está aplicada lá. — Todos os oficiais do *Outubro Vermelho* tinham dinheiro suficiente investido para não precisar trabalhar mais.

— Bem, eu ganhei um bocado de dinheiro com ações, depois resolvi largar e fazer outra coisa.

Essa foi uma nova idéia para o capitão Ramius.

— Mas você não é... como se diz? Ambicioso. Não tem mais ambição?

— De quanto dinheiro será que um homem precisa? — perguntou Ryan, enfaticamente. O soviético balançou a cabeça, concordando pensativamente. — Escute, gostaria de fazer algumas perguntas.

— Ah, os negócios — riu o soviético. — Essas coisas você não esquece.

— No seu depoimento, você mencionou um exercício no qual disparou um míssil, e depois outro míssil foi disparado contra você.

— Sim. Foi em 1981... em abril. Isso mesmo, era 20 de abril. Eu comandava submarino classe Delta, e disparamos dois mísseis do mar Branco, um no mar de Okhotsk, outro em Sary Shagan. Foi um teste dos foguetes, claro, mas também do radar de defesa e do sistema anti-míssil... eles simularam disparo contra o submarino.

— Você disse que falhou. Marko assentiu.

— Os foguetes do submarino funcionaram perfeitamente. O radar em Sary Shagan funcionou, só que devagar demais para interceptar... disseram que era problema no computador. Disseram que iam arranjar novo computador. A terceira parte do teste quase funcionou.

— A parte de interceptação. Foi a primeira vez que ouvimos falar desse tipo de testes — observou Ryan. — Como é que foi conduzido?

— Eles *não* dispararam os foguetes de terra, é claro — disse Marko, com o indicador apontando para o alto. — Se fizerem isso, vocês percebem a natureza do teste, certo? Os soviéticos não são idiotas como você pensa. É claro que sabe que a fronteira da União Soviética é coberta por uma rede de radar. Eles detectam um lançamento e computam a localização do submarino... isso é muito fácil. Depois eles avisam o Quartel-General da Força de Foguetes Estratégicos, que tem uma bateria de velhos foguetes em alerta para isso. Estavam prontos para disparar três

minutos depois de captar míssil-foguete no radar. — Ele parou por um instante. — Não tem isso na América?

— Não que eu saiba. Mas nossos mísseis disparam de uma distância muito maior do que essa.

— É verdade, mas ainda é boa coisa para soviéticos, entende?

— Qual é o grau de confiabilidade do sistema?

— Não muito confiável. — Ramius encolheu os ombros. — O problema é o estado de alerta. Em tempos de... como se diz? Tempos de crise, é isso? Em tempos de crise todos estão em alerta, e o sistema funciona algum tempo. Mas cada vez que funciona, muitas, muitas bombas não explodem na União Soviética. Isso é importante para a liderança soviética. Centenas de milhares de escravos a mais para se ter no fim da guerra — acrescentou Marko para expressar seu desagrado com o governo de sua antiga pátria. — Não há nada assim nos Estados Unidos?

— Não que eu saiba — disse Ryan com sinceridade.

— Eles dizem que existe. Depois que disparamos mísseis, mergulhamos fundo e navegamos em linha reta para qualquer direção lateral, a toda a velocidade.

— No momento estou querendo descobrir quanto a União Soviética está interessada em copiar nossas pesquisas da Iniciativa de Defesa Estratégica.

— Interessada? Vinte milhões de soviéticos morreram na Grande Guerra Patriótica. Pensa que querem tudo acontecendo de novo? Eu lhe digo, nesse ponto soviéticos são mais inteligentes que americanos... tivemos lições mais duras, e aprendemos melhor. Algum dia vou contar sobre minha cidade natal depois da guerra, tudo destruído. Sim, tivemos boas lições para proteger a *Rodina.*

Essa é uma outra coisa que devemos lembrar sobre os soviéticos, pensou Ryan. Não era exatamente uma história antiga; existiam episódios recentes que eles jamais esqueceriam. Esperar que os soviéticos esquecessem as perdas da Segunda Guerra Mundial era tão fútil e tão irrazoável quanto pedir aos judeus que esquecessem o Holocausto.

Então, pouco mais de três anos atrás, os russos testaram seus foguetes antibalísticos ABM contra mísseis lançados por submarinos. A aquisição de alvo e o sistema de radar funcionaram, mas o sistema falhou devido a problemas com o computador. Isso era importante, mas...

— Qual o motivo pelo qual o computador não funcionou direito?

— Isso é tudo que eu sei. Só posso garantir que foi um teste honesto.

— Como assim?

— Nossas primeiras... sim, nossas ordens originais eram para disparar de um local conhecido. Mas mudaram ordens assim que o submarino saiu do porto. Novas ordens só para capitão, assinadas pelo ajudante-de-ordens do ministro da Defesa. Acho que era coronel do Exército Vermelho. Não lembro nome. Ele queria um teste... como se diz?

— Espontâneo? — arriscou Ryan.

— Isso! Não espontâneo. O teste real devia ser surpresa. Portanto, minhas ordens me enviaram a um lugar diferente numa hora diferente. Tínhamos um general da Defesa Aérea a bordo, e quando viu novas ordens ele ficou maluco. Muito, muito zangado, mas que tipo de teste é se não há surpresa? Submarinos de mísseis americanos não avisam os russos pelo telefone onde vão cair. Ou se está pronto, ou não

— concluiu Ramius.

— Não fomos avisados de sua vinda — observou secamente o general Pokryshkin.

O coronel Bondarenko teve o cuidado de manter o rosto impassível. Apesar de possuir ordens por escrito do Ministério da Defesa, e apesar de pertencer a uma arma completamente diferente, estava tratando com um general protegido por membros da Comissão Central. Mas o general também precisava ser cauteloso. Bondarenko trajava seu melhor uniforme, com várias fileiras de galões, incluindo duas condecorações por bravura no Afeganistão, e a divisa especial nas ombreiras usada pelos oficiais de gabinete do Ministério da Defesa.

— Camarada general, lamento qualquer inconveniência que tenha causado ao senhor, mas tenho minhas ordens.

— É claro — concordou Pokryshkin, com um sorriso aberto. Apontou uma bandeja de prata. — Chá?

— Aceito, obrigado.

O general serviu pessoalmente duas xícaras de chá em vez de chamar o ordenança.

— Como ganhou esse galardão vermelho que estou vendo? Afeganistão?

— Exatamente, camarada general. Passei algum tempo lá.

— E como foi que a ganhou?

— Participei de uma unidade *Spetznaz* como observador especial. Estávamos seguindo um pequeno grupo de guerrilheiros. Infelizmente eles eram mais espertos do que julgava o comandante de nossa unidade, e ele deixou que caíssemos numa emboscada. Metade dos companheiros foram dizimados ou feridos, incluindo o comandante. — *Que foi atrás da própria morte,* pensou Bondarenko.

— Assumi o comando e chamei reforços. Os guerrilheiros se retiraram antes que pudéssemos trazer forças maiores, mas deixaram oito cadáveres atrás.

— E como é que um perito em comunicações...

— Fui voluntário. Estávamos tendo dificuldades com as comunicações táticas, e eu resolvi ver a situação de perto. Não sou um combatente, camarada general, mas existem coisas que precisamos verificar pessoalmente. Aliás, estamos perigosamente próximos à fronteira com o Afeganistão, e seu sistema de segurança parece... não relaxado, mas confortável demais. Pokryshkin concordou com um gesto de cabeça.

— É verdade. A força responsável pela segurança pertence à KGB, como já deve ter notado. Eles estão subordinados a mim, mas não diretamente sob minhas ordens. Para um alerta antecipado de possíveis ameaças, tenho uma combinação com a Aviação Frontal. A escola deles de reconhecimento aéreo utiliza os vales aqui ao redor como área de treinamento. Um colega meu de Frunze conseguiu cobertura para toda essa região. É um trecho longo do Afeganistão até aqui e, se alguém tentar se aproximar, saberemos bem antes que cheguem.

Bondarenko aquiesceu com aprovação. Procurador dos feiticeiros ou não, Pokryshkin não tinha se esquecido de tudo, como muitos generais no comando tendiam a fazer.

— Muito bem, Gennady Iosifovich, o que exatamente está procurando? — indagou o general. Agora que o profissionalismo fora estabelecido por ambos, a atmosfera entre os dois era mais amena.

— O ministro deseja uma estimativa de eficácia e confiabilidade de seus sistemas.

— Seu grau de conhecimento sobre laser? — perguntou o general, levantando uma sobrancelha.

— Tenho alguma familiaridade com aplicações práticas. Participei do grupo com o acadêmico Goremykin, que desenvolveu o novo sistema de comunicações a laser.

— É mesmo? Temos alguns aqui.

— Não sabia disso — disse Bondarenko.

— É verdade. Nós os utilizamos nas torres de vigia, e para ligar os laboratórios com as lojas. É muito mais fácil do que estender linhas telefônicas, e também mais seguro. Sua invenção provou ser muito útil, Gennady Iosifovich. Muito bem, camarada. Sabe qual é nossa missão, é claro.

— Sim, camarada general. Está perto do seu objetivo?

— Temos um teste de todo o sistema dentro de três dias.

— É mesmo? — Bondarenko ficou bastante surpreso com aquilo.

— Só ontem recebemos permissão para fazê-lo. Talvez o ministério não tenha sido completamente informado. Pode ficar para acompanhá-lo?

— Não o perderia por nada.

— Excelente. — O general Pokryshkin levantou-se. — Vamos, venha ver os meus feiticeiros.

O céu estava límpido e azul, o azul intenso que se vê nos locais acima da maior parte da atmosfera. Bondarenko ficou surpreso em ver que o próprio general guiava seu UAZ-469, o equivalente soviético

do jipe.

— Não precisa perguntar, coronel. Eu mesmo dirijo porque não temos espaço aqui em cima para pessoal desnecessário, e além disso... bem, eu fui piloto de combate. Por que deveria confiar minha vida a um jovem imberbe que mal sabe mudar as marchas? O que está achando de nossas estradas?

Não estou gostando nem um pouco, pensou Bondarenko sem dizer nada, enquanto o general disparava por uma descida perigosamente inclinada. A estrada mal possuía 5 metros de largura, com um precipício ao lado do passageiro.

— Devia ver como fica isso com gelo! — riu o general. — Temos tido sorte com o tempo ultimamente. No último outono choveu durante duas semanas. O que, aliás, é muito difícil por aqui, pois as monções deveriam despejar toda a água na índia. Mas o inverno tem sido agradavelmente seco e claro. — Ele mudou de marcha quando a estrada começou a nivelar-se.

Um caminhão vinha em sentido contrário e Bondarenko fez tudo o que pôde para não se encolher, enquanto as rodas do lado direito do jipe giravam lançando cascalhos pela borda irregular da estrada. Pokryshkin

estava se divertindo com aquilo, mas isso era de esperar. O caminhão cruzou com eles a uma distância de talvez 1 metro, e o general voltou para o centro de piso escuro. Mudou de marcha novamente quando chegaram a um aclive.

— Não temos nem espaço para um escritório adequado aqui... para mim, pelo menos — declarou Pokryshkin. — Os acadêmicos têm prioridade.

Bondarenko vira apenas uma das torres quando correra naquela manhã pela zona residencial, e, quando o jipe terminou a subida, toda a área de *Estrela Brilhante* tornou-se visível.

Havia três postos de controle. O general Pokryshkin parou o veículo e mostrou seu passe em cada um deles.

— As torres de vigia? — indagou o coronel.

— Todas guarnecidas vinte e quatro horas por dia. É duro para os *chekistas*. Fui obrigado a instalar aquecedores elétricos nas torres. — O general riu. — Temos mais energia elétrica aqui do que podemos usar. Originalmente deixávamos cães de guarda soltos entre as cercas também, mas tivemos de parar com isso. Duas semanas atrás, muitos morreram congelados. Não achei mesmo que iria funcionar. Ainda conservamos alguns, mas agora eles fazem a patrulha junto com os guardas. Pretendo livrar-me deles assim que tenha uma chance.

— Mas...

— Mais bocas para alimentar — explicou Pokryshkin. — Assim que começa a nevar, precisamos trazer comida de helicóptero. Para manter os cães de guarda felizes, eles precisam comer carne. Faz uma idéia do efeito que causa ao moral dos homens alimentar os cães com carne enquanto nossos cientistas não têm o suficiente? Os cachorros não valem a amolação que causam. O comandante da KGB concorda. Está tentando obter permissão para dispensá-los. Usamos visores noturnos *starlight* em todas as torres. Podemos ver e identificar um intruso antes que os cães tenham oportunidade de ouvi-los ou farejá-los.

— Qual o total de guardas?

— Uma companhia reforçada e armada com fuzis. Cento e dezesseis oficiais e soldados, comandados por um tenente-coronel. Existem pelo menos vinte homens em serviço dia e noite. Metade fica aqui, metade no outro morro. — O general indicou uma torre. — Nesse ponto temos dois homens permanentemente em cada torre, mais quatro em patrulha

constante e, é claro, o pessoal dos postos de verificação para os veículos. A área é segura, coronel. Uma companhia inteira com fuzis de assalto e armas pesadas no alto dessa montanha... para ter certeza, tivemos um grupo de *Spetznaz* fazendo um ataque simulado em outubro passado. Os observadores declararam todos mortos antes que chegassem a 400 metros de nosso perímetro externo. Aliás, um deles quase morreu de verdade. Um tenente de rosto branquelo, que quase caiu da montanha. — Pokryshkin voltou-se para o coronel. — Satisfeito?

— Sim, camarada general. Por favor, desculpe minha natureza cautelosa.

— Não ganhou essas belas condecorações sendo covarde — observou o general suavemente. — Estou sempre aberto a novas idéias. Se tem algo a dizer, minha porta nunca está trancada.

Bondarenko resolveu que iria gostar do general Pokryshkin. Ele estava suficientemente longe de Moscou para não ser um burocrata empoado e, ao contrário da maioria dos generais, evidentemente ele não via um halo refletido no espelho quando se barbeava. Talvez houvesse uma esperança de que o projeto funcionasse, afinal. Filitov gostaria de saber disso.

— Me sinto como um rato com um gavião no céu em cima de mim — disse Abdul.

— Então faça o que faz um rato — respondeu prontamente o Arqueiro. — Fique nas sombras.

Olhou para ô alto, em direção ao An-26. Encontrava-se a 5 000 metros acima de suas cabeças, o zunido das turbinas ainda não chegavam até eles. Muito longe para um míssil, o que era uma pena. Outros *mudjahidin* com lançadores já haviam abatido alguns Antonov, mas não o Arqueiro. Podia-se matar quarenta russos dessa maneira. Os soviéticos estavam aprendendo a utilizar os transportadores modificados para vigilância terrestre. Isso tornava mais difícil a vida dos guerrilheiros.

Os dois homens seguiam uma trilha estreita ao longo da encosta íngreme de mais uma montanha, e o sol ainda não os havia alcançado, embora a maior parte do vale estivesse completamente iluminada sob o céu sem nuvens de inverno. As ruínas de uma vila bombardeada erguiam-se às margens de um rio modesto. Talvez duzentas pessoas tivessem vivido lá até o dia em que vieram os bombardeiros de grande altitude. Ele podia ver as crateras, espalhadas a intervalos irregulares de 2 ou 3 quilômetros.

O vale fora assolado pelas bombas e quem não morreu foi embora — para o Paquistão — deixando apenas o vazio atrás de si. Não sobrara comida para ser partilhada com os guerreiros da liberdade, nem hospitalidade, e nem mesmo uma mesquita onde se pudessem dizer as preces. No fundo, o Arqueiro ainda se perguntava por que a guerra tinha que ser tão cruel. Uma coisa era um homem lutar contra outro; havia honra nisso, que às vezes podia até ser partilhada com um inimigo valoroso. Mas os russos não lutavam assim. E *eles nos chamam de selvagens*...

Tanta coisa já fora perdida. Tudo o que ele havia sido, mais as esperanças de um futuro que não chegou a existir, sua vida passada diluindo-se a cada dia. Parecia que ele apenas pensava nelas quando dormia, como agora — e, quando acordava, os sonhos de uma vida pacífica e satisfatória deslizavam para longe de seu alcance, como neblina matinal. Mas mesmo esses sonhos estavam desaparecendo. Ainda podia ver o rosto da esposa, de sua filha e de seu filho, mas agora eles lembravam uma fotografia antiga, sem profundidade e sem vida, memórias de tempos que não existiam mais. Pelo menos davam um sentido a sua luta. Quando sentia piedade por suas vítimas, quando questionava a aprovação de Alá pelo que ele fazia — das coisas que o enojavam a princípio —, ele fechava os olhos por um instante e se lembrava por que os gritos dos inimigos moribundos eram tão doces ao seu ouvido quanto os gemidos apaixonados da esposa.

— Está indo embora — informou Abdul.

O Arqueiro voltou-se para olhar. O sol brilhou por um instante no leme vertical ao passar além dos picos das montanhas longínquas. Ainda que ele estivesse sobre aqueles picos rochosos, ainda assim o An-26 voava alto demais. Os russos não eram tolos. Não voavam mais baixo do que o estritamente necessário. Se ele quisesse mesmo derrubar um desses, teria de se aproximar de um aeroporto... ou talvez criar um tática nova. Era uma idéia. O Arqueiro começou a equacionar o problema em sua mente enquanto percorria a trilha pedregosa que parecia não ter fim.

— Vai funcionar? — perguntou Morozov.

— É exatamente esse o propósito do teste. Para saber se funciona

— explicou pacientemente o engenheiro veterano. Lembrou-se de quando era jovem e impaciente.

Morozov tinha um bom potencial. Sua ficha da universidade provava-o claramente. Filho de um operário de Kiev, sua inteligência e capacidade

de trabalho conquistaram-lhe uma indicação para a faculdade mais conceituada da União Soviética, onde merecera as mais altas honras

— suficientes para conseguir dispensa do serviço militar, o que era muito incomum para alguém sem proteção política.

— Então esse é o novo revestimento óptico... — Morozov olhou para o espelho de uma distância de poucos centímetros. Os dois homens usavam aventais, máscaras e luvas, para que não danificassem a superfície refletora do espelho número quatro.

— Como já deve ter adivinhado, esse é um elemento do teste. — O engenheiro voltou-se para o alto. — Pronto!

— Evacuar o local! — avisou um técnico.

Subiram por uma escada fixa à lateral do pilar, passando depois através da abertura para o anel de concreto que circundava a concavidade.

— É bem fundo — comentou Morozov.

— Precisamos determinar a eficiência das medidas de isolamento das vibrações — comentou o engenheiro, preocupado. Escutando o ruído do motor de um jipe, viu o comandante do campo conduzindo outro homem para o interior do prédio do laser. *Mais um visitante de Moscou,* deduziu ele. *Como podemos trabalhar com todos esses caras do Partido bisbilhotando por aqui?*

— Já conhecia o general Pokryshkin? — perguntou a Morozov.

— Não. Que tipo de homem ele é?

— Já encontrei piores. Como todos os outros, ele acha que os laser são a parte importante. Lição número um, Boris Filipovich: a parte importante do projeto são os espelhos, e os computadores. O feixe de laser será inútil, se não pudermos focalizar sua energia em algum ponto do espaço.

Essa lição informou a Morozov qual a parte do projeto sob a autoridade desse homem, mas o jovem engenheiro recém-formado já aprendera a lição principal —o sistema inteiro tinha de funcionar perfeitamente. Qualquer segmento que falhasse transformaria o equipamento mais caro da União Soviética numa coleção de brinquedos curiosos.

5
O OLHO DA SERPENTE A FACE DO DRAGÃO

O Boeing 767 modificado tinha dois nomes. Originalmente conhecido como Anexo Óptico Aerotransportado (AOA), agora era chamado de Cobra Belle, que pelo menos soava melhor. A aeronave era pouco mais do que uma plataforma móvel para um telescópio infravermelho tão grande quanto possível para caber no corpo largo da aeronave comercial. De uma certa forma, os engenheiros haviam improvisado, é claro, dando à fuselagem uma deselegante espécie de corcova, que começava logo atrás da cabine de comando, estendendo-se por metade do comprimento do 767, o que lhe conferia a aparência de uma serpente que tivesse acabado de engolir algum animal grande demais.

Entretanto, o que parecia ainda mais notável a respeito da aeronave eram os dizeres pintados em sua cauda: U. S. ARMY. Esse fato, que irritava o pessoal da Força Aérea, era o resultado de uma previsão incomum ou obstinação por parte do Exército, que mesmo nos anos 70 nunca abandonara suas pesquisas sobre defesa contra mísseis balísticos, cujos *hobby-shops* — como eram conhecidos tais lugares — haviam inventado os sensores infravermelhos agora usados no AOA.

Agora, porém, faziam parte de um programa da Força Aérea, cujo nome genérico era Cobra. Trabalhavam em coordenação com o radar Cobra Dane, em Shemya, e freqüentemente voavam em conjunção com uma aeronave chamada Cobra Belle —um 707 modificado -, porque Cobra era o nome em código da família de sistemas dirigida para ras-trear mísseis soviéticos. O Exército ficava presunçosamente satisfeito pelo fato de a Força Aérea precisar de sua ajuda, embora consciente das tentativas em andamento para apropriar-se do programa.

A tripulação de vôo conferia sua lista de verificações calmamente, já que tinha tempo de sobra. Toda ela era da Boeing. Até aqui o Exército resistira com sucesso à pressão da Força Aérea para colocar o próprio pessoal na cabine de comando. O co-piloto, que pertencera à Força Aérea corria o dedo pela lista de coisas a fazer, anunciando as tarefas numa voz

nem excitada nem entediada, enquanto o piloto e a navegadora-engenheira de bordo apertavam os botões, checavam medidores e aprontavam a aeronave para um vôo seguro.

A pior parte da missão era o tempo em terra. Shemya era uma das menores ilhas das Aleutas ocidentais, com aproximadamente 6 quilômetros de comprimento por 3 de largura, cujo ponto mais alto elevava-se a apenas 72 metros acima do nível das águas acinzentadas. O que ali era considerado um tempo razoável teria fechado a maioria dos aeroportos de boa reputação, e o que aqui era chamado de mau tempo fazia a tripulação do Boeing desejar estar num trem. Era crença geral na base que os soviéticos haviam escolhido o mar de Okhotsk para fazer seus testes de ICBM apenas para tornar tão miserável quanto possível a vida dos americanos que os monitoravam. Naquela manhã o tempo estava razoavelmente bom. Podia-se enxergar quase até o fim da pista, onde as luzes azuladas eram circundadas por pequenos globos de neblina. Como a maioria dos que voavam, o piloto preferia a luz do dia, mas no inverno essa era a exceção por ali. Calculou suas vantagens: devia haver um teto de nuvens a aproximadamente 500 metros, e ainda não estava chovendo. Os ventos de través também constituíam um problema, mas nunca sopravam como seria de desejar — o que era equivalente a dizer que as pessoas que construíram a pista não sabiam ou não se importavam nem um pouco com a influência do vento no vôo dos aviões.

— Torre de Shemya, aqui é "Charlie Bravo", pronto para taxiar.

— "Charlie Bravo", tem permissão para taxiar. Ventos de dois-cinco-zero a quinze graus. — A torre não precisava anunciar nenhuma prioridade de trânsito para o Cobra Belle. No momento, o 767 era o único avião na base. Deveria estar na Califórnia realizando testes no equipamento e viera depressa de lá há apenas vinte horas.

— Entendido. "Charlie Bravo" a caminho. — Dez minutos depois o Boeing rodou pela pista, iniciando o que parecia ser mais uma missão de rotina.

Vinte minutos mais tarde, o AOA atingiu sua altitude de cruzeiro, a 15 000 metros. O vôo não diferia muito do suave deslizar de um avião comercial, porém, em vez de receber bebidas e escolher o cardápio do jantar, as pessoas a bordo da aeronave desafivelaram os cintos e começaram a trabalhar.

Havia instrumentos a ativar, computadores a reciclar, ligações de dados a estabelecer e de vozes a verificar. A aeronave estava equipada com todos os tipos de sistemas de comunicação inventados pelo homem, e teria também um telepata a bordo se esse programa do Departamento de Defesa — existia mesmo um — tivesse progredido conforme o esperado. O homem que comandava tudo isso era um artilheiro com mestrado em astronomia na Universidade do Texas. Seu último comando fora o de uma bateria de mísseis Patriot, na Alemanha. Enquanto a maioria das pessoas olhava os aviões e desejava pilotá-los, seu interesse sempre fora derrubá-los. Sentia-se da mesma maneira a respeito dos mísseis balísticos, e ajudara a desenvolver as modificações que permitiam ao míssil Patriot atingir também outros mísseis, além das aeronaves soviéticas. Isso também lhe dera certa fa-milíaridade com os instrumentos utilizados para rastrear mísseis em vôo.

O livro da missão nas mãos do coronel era uma cópia exata do que estava arquivado na DIA, a Agência de Informações da Defesa, informando que dentro de quatro horas e dezesseis minutos os soviéticos levariam a cabo um disparo de teste do ICBM SS-25. O livro não mencionava como a DIA obtivera a informação, embora o coronel soubesse que não fora lendo um anúncio no *Izvestia.* A missão do Cobra Belle era monitorar o disparo, interceptar as transmissões de telemetria dos instrumentos de teste do míssil e, o mais importante, fotografar as ogivas em vôo. Os dados coletados seriam analisados mais tarde para determinar o desempenho do míssil, e particularmente a precisão das ogivas, um assunto de grande interesse em Washington.

Como comandante da missão, o coronel não tinha muita coisa a fazer. Seu painel de controle apresentava uma série de luzes coloridas, que mostravam a situação dos vários sistemas a bordo. Uma vez que o AOA era um aparelho relativamente novo, tudo a bordo funcionava bem, No momento, o único problema era uma conexão de dados de apoio, e um dos técnicos trabalhava para estabelecer a ligação enquanto o coronel bebericava seu café. Era um esforço para ele parecer interessado em tudo, sem ter nada em particular para fazer; se tivesse uma aparência chateada, seria um mau exemplo para o pessoal. Abriu o zíper de uma da mangas do macacão e apanhou um caramelo. Eles eram mais saudáveis do que os cigarros que fumava quando era tenente, embora fossem piores para os dentes, como costumava dizer o dentista da base. O coronel chupou

caramelos por cinco minutos, depois decidiu que precisava fazer *alguma coisa.* Soltou o cinto que o prendia à cadeira de comando e foi até a cabine do piloto, na proa da aeronave.

— Bom dia, pessoal. — A hora era 0004-Lima, ou 12h04 em horário local.

— Bom dia, coronel — respondeu o piloto pela tripulação. — Tudo está funcionando direito lá atrás, senhor?

— Até agora, sim. Como está o tempo na área de patrulha?

— Uma sólida camada de nuvens entre 4 e 5 000 metros — respondeu a navegadora, segurando uma fotografia do satélite. — Ventos de 30 nós a três-dois-cinco. Nosso sistema de navegação checou os dados com a pista em Shemya — acrescentou ela.

Geralmente o 767 operava com uma tripulação de dois oficiais de vôo. Mas não este. Desde que o vôo 007 da Korean Airlines fora derrubado pelos soviéticos, todas as aeronaves do Pacífico ocidental eram especialmente cuidadosas com a navegação. Isso era duplamente levado a sério no caso do AOA; os soviéticos detestavam as plataformas avançadas de informações. Nunca tinham chegado a menos de 80 quilômetros do território soviético, nem dentro do Zona de Identificação da Defesa Aérea Russa, porém por duas vezes os soviéticos haviam enviado caças para mostrar ao AOA que estavam alerta.

— Bem, desta vez não vamos chegar muito perto — observou o coronel.

Inclinou-se entre o piloto e o co-piloto para observar através dos vidros. As duas turbinas funcionavam a contento. Ele teria preferido um avião com quatro motores em vôos longos sobre o mar, mas a decisão não fora sua. A navegadora levantou uma sobrancelha perante o interesse do coronel e recebeu um tapinha no ombro à guisa de desculpas. Era hora de deixar a cabine.

— Quanto falta para chegarmos à área de observação?

— Três horas e dezessete minutos, senhor; e três horas e trinta e nove minutos para o ponto orbital.

— Acho que tenho tempo para tirar um cochilo — declarou o coronel no caminho para a porta.

Depois de fechá-la atrás de si, ele dirigiu-se a ré, atravessou a área ocupada pelo telescópio para a cabine principal. Por que será que as

tripulações de vôo são tão jovens agora? Provavelmente estão pensando que eu *preciso* dormir um pouco em vez de ficar entediado.

A frente, o piloto e o co-piloto trocaram um olhar de entendimento. O velho *bundão não confia em nós para pilotar o avião.* Acomodaram-se melhor nas poltronas, procurando com o olhar as luzes de outros aviões, enquanto o piloto automático mantinha o Cobra Belle na rota programada.

Morozov vestia-se como todos os outros cientistas na sala de controle, com um avental branco adornado com um passe de segurança. Ainda estava sob orientação, e sua designação para o grupo de controle de espelhos era provavelmente temporária. Naquele momento era que começava a apreciar a importância daquela parte do programa. Em Moscou ele aprendera como o laser funcionava e fizera um bom trabalho de laboratório com modelos experimentais, mas nunca lhe ocorrera considerar o fato de que a tarefa estava apenas começando quando a energia saía do equipamento. Além do mais, *Estrela Brilhante* realmente tivera um avanço significativo na quantidade de energia transmitida pelo laser.

— Reciclar — disse o engenheiro-chefe ao microfone.

Testavam a calibragem do sistema apontando os espelhos para uma

estrela. Não importava qual estrela fosse, e escolhiam uma ao acaso para cada teste.

— É um ótimo telescópio, não acha? — observou o engenheiro, olhando para o monitor de vídeo.

— Estava preocupado com a estabilidade do sistema. Por quê?

— É que necessitamos um alto grau de precisão, como pode imaginar. Nunca chegamos a testar o sistema completo. Podemos ras-trear estrelas com facilidade, mas... — O engenheiro encolheu os ombros. — Esse é um programa muito jovem ainda, meu amigo. Como você.

— Por que não usam o radar e escolhem um satélite para continuar rastreando?

— Esta é uma ótima pergunta! — O homem mais velho riu. — Já me perguntei isso também. Tem alguma coisa a ver com os tratados de controle de armas, ou outra besteira qualquer. Por enquanto, eles dizem, é suficiente que nos forneçam as coordenadas dos alvos por terra. Não devemos procurá-los nós mesmos. Bobagem!

Morozov recostou-se em sua cadeira para olhar ao redor. Do outro lado da sala, todos os componentes do grupo de controle do laser moviam-

se de um lado para o outro atarefados, enquanto um contingente de soldados uniformizados conversava entre si atrás deles. A seguir examinou o relógio — sessenta e três minutos até o início do teste. Um a um, os técnicos saíam para a sala de repouso. Ele não sentia necessidade alguma de descansar e, pelo jeito, nem o engenheiro-chefe, que finalmente se dava por satisfeito com o funcionamento de seus sistemas e colocava todos eles em estado de prontidão.

A 35 000 quilômetros de altura sobre o oceano Índico, um satélite do Programa de Apoio à Defesa (DSP) estava em órbita geoestacioná-ria sobre um ponto fixo no mar. Seu enorme telescópio Schmidt de foco cassegrainiano apontava permanentemente para a União Soviética, e sua missão era dar o primeiro aviso do lançamento de mísseis na direção dos Estados Unidos. Seus dados eram recebidos via Alice Springs, na Austrália, e enviados para vários locais nos Estados Unidos. No momento, as condições de visibilidade eram excelentes. Quase todo o hemisfério visível estava imerso na escuridão, e o chão frio de inverno destacava com facilidade a menor fonte de calor com definição incomum.

Os técnicos que monitoravam o DSP em Sunnyvale — o Vale do Silício, na Califórnia — entretinham-se em contar instalações industriais. Havia a Usina de Aço Lênin, em Kazan, e havia aquela grande refinaria perto de Moscou, e também...

— Atenção! — anunciou um sargento. — Temos uma fonte de energia em Plesetsk. Parece que um "pássaro" está levantando vôo do campo de testes de ICBM.

O major que estava de serviço nesse turno da noite imediatamente ligou para o "Palácio de Cristal", o quartel-general do NORAD, instalado sob o monte Cheyenne, no Colorado, a fim de certificar-se de que eles estavam gravando os dados do satélite. É claro que estavam.

— Esse foi o lançamento sobre o qual nos avisaram — disse baixinho, para si mesmo.

Enquanto observavam, a imagem brilhante do calor despejado pelo foguete começou a tomar um rumo oriental, enquanto o ICBM descrevia a trajetória balística que dava nome ao míssil. O major sabia de cor todas as características dos mísseis soviéticos. Se esse fosse um SS-25, o primeiro estágio deveria separar-se... agora.

A tela ficou brilhante quando uma bola de fogo de 550 metros de diâmetro apareceu. A câmera orbital realizou o equivalente mecânico de

uma piscada, alterando a sensibilidade de seus sensores, cegados temporariamente pela súbita liberação de enormes quantidades de energia térmica. Três segundos depois já rastreava uma nuvem de fragmentos curvando-se em direção à terra.

— Parece que esse explodiu — observou desnecessariamente o sargento. — De volta à prancheta, Ivã...

— Ainda não resolveram o problema com o segundo estágio — acrescentou o major.

Imaginou por um momento qual teria sido o problema, mas decidiu que não importava tanto. Os soviéticos haviam apressado a produção da série-25 e já começavam a instalá-los em vagões ferroviários para maior mobilidade, porém ainda tinham problemas com o míssil de combustível sólido. O major estava contente que fosse assim. Não fosse pela falta de confiabilidade nos novos mísseis, o seu uso deixaria de ser uma coisa arriscada. Essa incerteza ainda era a maior garantia de paz.

— "Palácio de Cristal", o teste falhou cinqüenta e sete segundos após o lançamento. Cobra Belle monitorou o teste do alto?

— Afirmativo — respondeu o oficial do outro lado. — Vamos chamá-los de volta.

— Certo. Boa noite, Jeff.

A bordo do Cobra Belle, dez minutos depois, o comandante da missão acusou recebimento da mensagem e cortou o canal de rádio. Verificou o relógio e suspirou. Não tinha vontade de voltar para Shemya ainda. O capitão encarregado dos equipamentos sugeriu que aproveitassem o tempo para calibrar os instrumentos. O coronel pensou por um instante e aprovou a idéia com um aceno de cabeça. A aeronave e a tripulação eram novas o bastante para adquirir mais experiência. Os sistemas de rastreamento foram ajustados para o MTI, Indicador de Alvos Móveis. O computador que registrava todas as fontes de energia que o telescópio acusava começou a destacar apenas os pontos que se moviam. Os técnicos observaram as telas de vídeo enquanto o MTI eliminava rapidamente as estrelas e planetas, começando a indicar alguns satélites de baixa altitude e fragmentos de sucata espacial em órbita. O sistema da câmera era suficientemente sensível para detectar o calor de um corpo humano a 1 600 quilômetros de distância, e logo uma série de alvos se apresentou. A câmera se fixava em um deles de cada vez, obtendo imagens fotográficas em código digital e gravando-as em fita de computador. Embora fosse

apenas um exercício, os dados eram enviados automaticamente ao NORAD, onde iriam atualizar o registro de informações sobre objetos orbitais.

— A potência que conseguiram aplicar ao sistema é impressionante! — comentou o coronel Bondarenko em voz baixa.

— É verdade — concordou com entusiasmo o general Pokryshkin. — O mais impressionante é como essas coisas acontecem. Um dos meus feiticeiros descobre alguma coisa e comenta com o vizinho, que conversa com um terceiro, e o terceiro diz alguma coisa que vai novamente ao primeiro, e assim por diante. Temos as mentes mais brilhantes do país aqui conosco, e o processo de descoberta mesmo assim parece tão científico quanto uma topada com o dedão numa cadeira. É essa a parte estranha. Mas é o que torna tudo fascinante. Gennady Iosifo-vich, essa é a coisa mais excitante que me aconteceu desde que ganhei meu breve de piloto! Esse lugar vai mudar o mundo! Depois de trinta anos de trabalho, acho que estamos muito perto da base de um sistema capaz de proteger a *Rodina* contra mísseis inimigos.

Bondarenko pensou que aquilo parecia um exagero, mas o teste demonstraria quanto de verdade havia ali. Uma coisa era certa: Pokryshkin parecia o homem certo para o posto que ocupava. O ex-piloto era um verdadeiro gênio para coordenar e direcionar os esforços dos cientistas e engenheiros, muitos dos quais possuíam um ego tão grande quanto um tanque de guerra, e infinitamente mais frágil. Quando o general precisava se impor, ele se impunha. Quando precisava lison-jear, ele lisonjeava. Fazia o papel de pai, tio ou irmão para todos eles. Era necessário um homem com um grande coração russo para realizar isso. O coronel adivinhou que comandar pilotos de caça fora uma ótima preparação, e Pokryshkin devia ter sido um comandante de esquadrão brilhante. O equilíbrio entre pressão, autoridade e encorajamento era muito difícil de atingir, mas para esse homem parecia tão natural quanto respirar. Bondarenko agora observava com atenção. Muitas lições ali ele poderia usar em sua carreira futura,

A sala de controle ficava separada do prédio do laser em si e era muito pequena para a grande quantidade de homens e equipamentos que continha. Ali se encontravam por volta de cem engenheiros — sessenta deles com mestrado em física —, e mesmo aqueles chamados de técnicos poderiam lecionar em qualquer universidade da União Soviética.

Sentavam-se aos painéis, ou andavam à sua volta. A maioria fumava, e o sistema de ar condicionado utilizado para manter constante a temperatura nos computadores desenvolvia um grande esforço para manter o ar relativamente limpo. Por todos os lados viam-se mos-tradores digitais. A maioria marcava a hora: a hora média de Green-wich, usada para rastrear os satélites; a hora local; e, é claro, a hora-padrão de Moscou. Outros mostradores apresentavam as coordenadas precisas do satélite-alvo, Cosmos-1810, que levava a numeração internacional de satélite 1986-102A. Fora lançado do Cosmódromo de Tyuratam em 26 de dezembro de 1986 e ainda estava no alto porque sua reentrada na atmosfera com seu filme falhara. A telemetria mostrava que seus sistemas elétricos ainda funcionavam, embora sua órbita estivesse decaindo, com um perigeu atual — o ponto mais baixo da órbita — de 180 quilômetros. No momento, aproximava-se do perigeu, diretamente sobre *Estrela Brilhante.*

— Nível de energia subindo — avisou o engenheiro-chefe pelo sistema fone-microfone que usava à cabeça. — Verificação final do sistema.

— Câmeras rastreadoras em linha — informou um técnico. — Fluxo de criogênio nominal.

— Controle de rastreamento dos espelhos em automático — anunciou o engenheiro ao lado de Morozov. O jovem engenheiro estava na ponta da cadeira giratória observando ansiosamente o monitor de vídeo ainda sem imagem.

— Seqüenciamento do computador em automático — disse um terceiro.

Bondarenko deu um gole em seu chá, tentando acalmar-se sem resultado. Sempre quisera presenciar um lançamento espacial, mas nunca tivera a oportunidade. Aqui acontecia o mesmo tipo de coisa. A exci-tação era difícil de dominar. Ao seu redor os equipamentos e os homens estavam se unindo numa só entidade para realizar um único objetivo, enquanto um após o outro anunciava sua prontidão e a de seus equipamentos. Finalmente:

— Todos os sistemas laser em linha com energia total.

— Estamos prontos para disparar — o engenheiro-chefe concluiu a ladainha.

Todos os olhares se voltaram para o lado direito da construção, onde o grupo responsável pelas câmeras rastreadoras dirigia os instrumentos

para uma seção do horizonte a noroeste. Um ponto brilhante surgiu, subindo vagarosamente pela abóbada negra do céu.

— Aquisição de alvo!

Ao lado de Morozov, o engenheiro levantou as mãos do painel de controle para certificar-se de que não acionaria inadvertidamente nenhum botão. A luz que indicava funcionamento automático piscava intermitentemente.

A 200 metros de distância, os seis espelhos dispostos ao redor do prédio que emitia o laser giraram juntos, ficando numa posição quase vertical em relação ao solo, enquanto focalizavam o alvo, logo acima do horizonte irregular de picos montanhosos. Na colina seguinte, os quatro espelhos responsáveis pela imagem fizeram o mesmo. Do lado de fora soaram sirenes de alarme, e luzes vermelhas rotativas avisaram a todos para que se afastassem da área.

No monitor em frente ao engenheiro-chefe agora havia uma imagem do Cosmos-1810. Como medida final de segurança, ele e mais três técnicos precisavam fazer uma identificação visual positiva do alvo.

— Aquele é o Cosmos-1810 — dizia o capitão ao comandante do Cobra Belle. — Um "pássaro" de reconhecimento quebrado. Deve ter havido uma falha nos motores de reentrada, porque não voltou quando mandaram. Está em órbita degenerativa e deve ter mais uns quatro meses de vida. Ainda envia dados de telemetria de rotina. Nada de importante, que a gente saiba. Só para mostrar ao Ivã que ainda está lá.

— Os painéis solares ainda devem estar funcionando — observou o coronel. — O calor vem da energia interna.

— É. Fico pensando por que será que não o desligaram ainda... De qualquer forma, a leitura da temperatura de bordo é de 15 graus centígrados. Ótimo fundo frio para fazer a leitura. Se fosse a luz do sol, acho que não captaríamos a diferença entre o aquecimento solar e o do satélite...

Os espelhos na estrutura transmissora do laser rastreavam muito lentamente, mas o movimento podia ser percebido nas seis telas de televisão que os monitoravam. Um laser de baixa potência refletia num dos espelhos, partindo em direção ao alvo... Além de servir para apontar todo o sistema, enviava uma imagem de alta resolução para o console de comando. A identidade do alvo estava confirmada agora. O engenheiro-chefe girou a chave que "liberava" todo o sistema. *Estrela Brilhante* estava

agora fora do controle de mãos humanas, comandado inteiramente pelo complexo principal de computadores.

— Já se fixou no alvo — observou Morozov a seu superior.

O engenheiro concordou com um aceno de cabeça, sem tirar os olhos da tela. Sua leitura de alcance estava decrescendo rapidamente à medida que o satélite vinha na direção deles, circulando a 18 000 quilômetros por hora na direção de sua destruição. A imagem que aparecia no monitor era de uma bolha levemente oblonga, branca em virtude do calor interno, contrastando fortemente contra um céu sem calor. Localizava-se exatamente no centro da retícula de alvo, como uma oval branca no centro da alça de mira.

Eles não escutavam nada, é claro. O prédio que abrigava os geradores de raios laser era completamente isolado térmica e acusticamente. Também não enxergavam nada ao nível do solo. Mas, observando as telas de televisão na sala de controle, os cem homens cerraram os punhos no mesmo instante.

— Que diabos! — exclamou o capitão. A imagem do Cosmos-1810 subitamente ficara brilhante como um

sol. O computador ajustou a sensibilidade no mesmo instante, mas por vários segundos não conseguiu acompanhar as mudanças de temperatura no satélite.

— Mas que diabo acertou... Senhor, isso não pode ser calor interno. — O capitão digitou um comando no teclado a sua frente e obteve uma leitura digital da temperatura aparente do satélite. Radiação infravermelha é uma função de quarto grau. O calor cedido por um objeto é o *quadrado do quadrado* de sua temperatura. — Coronel, a temperatura foi de 15 graus centígrados para... parece que 1 800 graus em dois segundos. Ainda está subindo... espere, está diminuindo. Agora sobe de novo. A taxa de aumento é irregular, quase.,. Agora está caindo. Que porra foi essa?

À esquerda do homem, o coronel começou a pressionar alguns botões no seu console de comunicação, ativando uma ligação em código via satélite com o monte Cheyenne. Quando falou, foi no tom frio e profissional que os militares reservam apenas para os piores pesadelos. O coronel sabia exatamente o que havia visto.

— Palácio de Cristal, aqui Cobra Belle. Fiquem alerta para copiar uma mensagem *Superflash.*

— A postos. Pode falar.

— Tivemos uma ocorrência de alta energia. Repito, estamos acompanhando um evento de alta energia. Cobra Belle declara um *Dropshot*. Acuse recebimento. — Olhou para o capitão ao lado, e seu rosto estava pálido.

No quartel-general do NORAD, o oficial graduado do turno da noite teve de vasculhar rapidamente sua memória para lembrar o significado de *Dropshot*. Dois segundos depois um "Jesus" foi dito baixinho ao sistema fone-microfone preso a sua cabeça.

— Cobra Belle, acusamos recebimento do *Dropshot*. Fique a postos enquanto a gente toma algumas providências por aqui. Jesus! — disse ele outra vez, voltando-se para seu auxiliar. — Transmita um alerta *Dropshot* ao NMCC, e diga para eles permanecerem alertas para receber os dados impressos. Encontre o coronel Welch e traga-o aqui. — O oficial levantou o telefone a seu lado e digitou o código do CINC-NORAD, comandante-chefe do NORAD.

— Sim? — uma voz rouca disse ao aparelho.

— General, aqui é o coronel Henriksen. Cobra Belle relatou um Alerta *Dropshot*. Dizem que acabam de presenciar um evento de alta energia.

— Já informou o NMCC? — Referia-se ao Centro Nacional de Comando Militar.

— Sim, senhor, e estamos trazendo Doug Welch também.

— Já têm os dados?

— Estarão aqui quando o senhor chegar.

— Muito bem, coronel, estou a caminho. Mande um avião para Shemya, para trazer aquele cara do Exército até aqui.

O coronel a bordo do Cobra Belle estava ordenando a seu oficial de comunicações que enviasse os dados via comunicação digital para o NORAD e o Vale do Silício. A tarefa foi realizada em cinco minutos. A seguir o comandante da missão disse à tripulação para voltar a Shemya. Ainda tinham combustível para duas horas de patrulha, mas achou que nada mais aconteceria essa noite. O que acontecera até aqui era o suficiente. O coronel acabara de ter o privilégio de testemunhar um acontecimento que muito poucos homens haviam presenciado na história da humanidade. Tinha visto o mundo mudar e, ao contrário da maioria dos homens, ele entendia o significado dessa mudança. *Era uma honra,* pensou ele, *que dentro em pouco seria obrigado a esquecer completamente.*

— Capitão, eles chegaram primeiro. — *Meu Deus!*

Jack Ryan estava a ponto de tomar a saída pelo trevo da rodovia 1-495 quando o telefone do seu carro tocou.

— Sim?

— Precisamos de você aqui.

— Certo. — Jack ouviu a linha ser desligada do outro lado. Jack tomou a saída, mas continuou a curva, passando sob o viaduto

e retornando à Washington Beltway, o caminho de volta à CIA. Aquilo nunca falhava. Ele tirara a tarde de folga para encontrar-se com o pessoal do SEC. Descobrira que os agentes da companhia foram investigados e liberados de qualquer suspeita, o que se estendia a ele também — ou deveria, se os investigadores do SEC chegassem mesmo a encerrar sua ficha. Ele nutrira a esperança de tirar o resto do dia de folga e ir para casa. Ryan resmungava enquanto se encaminhava de volta a Virgínia, perguntando-se qual seria a crise daquela vez.

O major Gregory e mais três membros de seu grupo de *software* estavam em pé ao lado de um quadro-negro, diagramando o fluxo do pacote de programas de controle do espelho quando um sargento entrou na sala.

— Major, o senhor está sendo chamado ao telefone.

— Estou ocupado. Não pode esperar?

— É o general Parks, senhor.

— A voz do dono — resmungou Al Gregory. Atirou o giz ao homem mais próximo e saiu da sala. Em pouco mais de um minuto estava ao telefone.

— Há um helicóptero a caminho para apanhá-lo — informou o general sem rodeios.

— Senhor, estamos tentando resolver...

— Em Kirtland haverá um Lear esperando por você. Não temos tempo para esperar um vôo comercial. Não vai precisar fazer as malas. A caminho, major!

— Sim, senhor.

— O que aconteceu de errado? — indagou Morozov. O engenheiro a seu lado olhava com cara de bravo para o painel.

— Distorção térmica. Merda! Pensei que já tínhamos superado isso. Do outro lado da sala de controle, o laser de baixa energia produzia

outra imagem do alvo. A imagem monocromática era uma fotografia de aproximação em preto-e-branco, só que o preto aparecia como marrom. Os técnicos em vídeo haviam dividido a tela, colocando a imagem antiga ao lado da atual, para comparação.

— Nenhum furo! — disse Pokryshkin, amargamente.

— E daí? — quis saber Bondarenko, sem entender. — Meu Deus! O laser derreteu aquela coisa! Aquilo parece que foi mergulhado no aço fundido.

Parecia mesmo. As superfícies planas estavam agora retorcidas em virtude do calor intenso que ainda se irradiava. As células solares dispostas ao redor do corpo do satélite — projetadas para absorver energia luminosa — pareciam ter se queimado completamente. Num exame mais cuidadoso podia-se constatar que todo o corpo do satélite apresentava-se distorcido pela energia que o atingira. Pokryshkin concordou, mas sua expressão não se alterou. — Tínhamos de fazer um furo no satélite. Se tivéssemos conseguido, teria dado a impressão de que algum pedaço de sucata espacial tinha se chocado com ele. Esse é o tipo de concentração de energia que estávamos procurando.

— Mas agora pode destruir qualquer satélite que desejar!

— *Estrela Brilhante* não foi construída para destruir satélites, coronel. Já podemos fazer isso com facilidade.

Só então Bondarenko entendeu a mensagem. De fato, *Estrela Brilhante* na verdade havia sido construída com um propósito específico, mas o avanço na energia excedera as expectativas por um fator de quatro, e Pokryshkin queria matar dois coelhos com uma só cajadada, demonstrando a capacidade de interceptação de satélites e um sistema que podia ser adaptado à defesa contra mísseis balísticos. Era um homem ambicioso, ainda que não no sentido comum da palavra.

Bondarenko deixou de pensar no assunto e concentrou-se no que acabara de presenciar. O que tinha acontecido de errado? Devia ter sido distorção térmica. Ao serem transmitidos pela atmosfera, os raios laser transferiram uma quantidade fracionária de sua energia na forma de calor para a atmosfera. Tal distorção provocara uma "turva-ção" do ar, alterando suas propriedades ópticas, movendo o feixe para cima e para baixo do alvo, e alargando o feixe laser num diâmetro maior que o pretendido.

Mas, a despeito disso tudo, ainda teve potência suficiente para derreter metal a 180 quilômetros de distância, pensou o coronel. A missão

não era um fracasso. Representava, isso sim, um salto gigantesco em direção a uma nova tecnologia.

— Algum dano ao sistema? — perguntou o general ao diretor do projeto.

— Nenhum, de outra maneira não teríamos conseguido a imagem logo a seguir. Parece que as medidas de compensação da atmosfera foram suficientes para o feixe de imagem, mas não para a transmissão de alta energia. Meio sucesso, camarada general.

— É verdade. — Pokryshkin esfregou os olhos por um momento, depois disse com firmeza: — Camaradas, demonstramos grande progresso esta noite, mas ainda há muito trabalho a fazer.

— E esse é meu trabalho — disse baixinho o engenheiro ao lado de Morozov. — Vamos resolver esse filho da puta!

— Precisa de mais alguém no grupo?

— Trata-se em parte de espelhos e em parte de computadores. Quanto sabe sobre esses assuntos?

— Isso é o senhor que decide. Quando começamos?

— Amanhã. O pessoal da telemetria vai levar umas doze horas para organizar os dados. Pretendo apanhar o próximo ônibus para a área residencial e beber alguma coisa em meu apartamento. Minha família foi passar a semana fora. Quer me acompanhar?

— O que pensa que foi isso? — perguntou Abdul. Haviam acabado de chegar ao topo de uma serra quando o meteoro apareceu. Pelo menos a princípio parecia com o rastro de um meteoro entrando na atmosfera. Porém a linha fina e dourada permanecera ali e dava a impressão de ir da terra para o céu — rápida, mas nitidamente. *Uma linha fina e dourada,* pensou o Arqueiro. O ar em si parecia ter brilhado. Mas o que teria provocado tal reação no ar? Por um momento ele esqueceu quem era e onde estava, retornando aos seus dias na universidade. *Calor* provocava aquele tipo de efeito. Apenas o calor. Quando um meteoro caía, a fricção de sua passagem... Mas aquilo não fora um meteoro. Mesmo que o sentido de baixo para cima não passasse de uma ilusão — e ele não tinha certeza disso; os olhos enganam a gente —, a luz dourada durara aproximadamente cinco segundo. Talvez um pouco mais, refletiu o Arqueiro. É muito difícil medir o tempo com a mente. Hum... Sentou-se abruptamente e apanhou o bloco de anotações. O homem da CIA lhe dera aquele bloco e lhe dissera para anotar os eventos, como um diário. Era um

instrumento útil; não lhe ocorrera antes. Anotou cuidadosamente a hora, data, local e a direção aproximada. Dentro de mais alguns dias voltaria ao Paquistão, e talvez o homem da CIA achasse aquilo interessante.

7
CATALISADORES

— Então, coronel, qual é sua avaliação? — perguntou Filitov.

— Camarada, Estrela Brilhante pode ser o programa mais importante na União Soviética — afirmou Bondarenko com convicção. Entregou quarenta páginas escritas à mão. — Aqui está o primeiro esboço do meu relatório, que escrevi no avião. Terei uma cópia datilografada corretamente hoje, mas achei que o senhor...

— Agiu bem. Soube que realizaram um teste...

— Foi há trinta e seis horas. Assisti ao teste e me foi permitido inspecionar grande parte do equipamento antes e depois. Fiquei profundamente impressionado com as instalações e as pessoas que as dirigem. Se me for permitido um comentário, o general Pokryshkin é um excelente oficial, e o homem ideal para o posto que ocupa. Decididamente ele não parece um militar de carreira, mas um oficial progressista da melhor qualidade. Lidar com aqueles acadêmicos no alto da montanha não é uma tarefa fácil.

Misha concordou com um grunhido.

— Sei tudo sobre acadêmicos. Está me dizendo que eles os organizou como uma unidade militar?

— Não, camarada coronel, mas Pokryshkin aprendeu como mantê-los relativamente felizes e produtivos ao mesmo tempo. Existe um certo... senso de missão em Estrela Brilhante que raramente encontramos, mesmo entre os militares. Não digo isso levianamente, Mikhail Semyonovich. Fiquei impressionado com todos os aspectos da operação. Talvez aconteça o mesmo nas instalações de programas espaciais.

Pelo menos foi o que ouvi falar, mas, como nunca estive em nenhuma delas, não posso tecer comparações.

— E quanto aos sistemas?

— Estrela Brilhante ainda não é uma arma. Persistem certas dificuldades técnicas. Pokryshkin as identificou e explicou-as a mim com detalhes. Por enquanto ainda não passam de um programa em fase

experimental, porém os avanços importantes já foram obtidos. Dentro de mais alguns anos será uma arma de grande potencial.

— E quanto ao custo? — indagou Misha, provocando um encolher de ombros.

— Impossível avaliar. Irá custar muito no total, porém a parte mais cara do programa, relativa à pesquisa e desenvolvimento, está em grande parte completa. Os custos reais de produção e engenharia devem ser menores do que se poderia esperar, quero dizer, da arma em si. Não posso avaliar os custos do equipamento de apoio, os radares e satélites de vigilância. De qualquer modo, isso não fazia parte da minha missão. — Como os militares em qualquer parte do mundo, o coronel pensava em termos de missão, e não de orçamento.

— E quanto à confiabilidade do sistema?

— Isso será um problema, mas possível de manejar. Os geradores de laser, individualmente, são complexos e difíceis de manter. Por outro lado, se forem construídos em maior número do que o sistema realmente utiliza, poderíamos facilmente realizar um programa de manutenção alternada, de maneira a termos sempre o número necessário em linha. Na verdade, foi esse o método proposto pelo engenheiro-chefe do projeto.

— Isso quer dizer que eles resolveram o problema da potência de saída?

— Meu esboço descreve genericamente esse ponto. O relatório final será mais especifico.

— Em termos que até eu possa entender? — perguntou Misha, permitindo-se um sorriso.

— Camarada coronel, sei que possui um conhecimento maior de assuntos técnicos do que demonstra — respondeu Bondarenko, sério. — Os aspectos importantes de nosso avanço na potência aplicada são na verdade teoricamente simples. Os detalhes de engenharia envolvidos podem ser bastante complexos, mas são facilmente confirmados através de um novo projeto do dispositivo gerador de laser. A exemplo da primeira bomba atômica, uma vez que a teoria foi estabelecida, a construção pôde ser realizada.

Excelente! Pode terminar seu relatório até amanhã?

— Sim, camarada coronel.

Misha levantou-se e Bondarenko fez o mesmo.

— Pretendo ler seu relatório preliminar esta tarde. Traga-me o documento final até amanhã, e vou estudá-lo durante o fim de semana. Na semana que vem vamos apresentá-lo ao ministro.

Os caminhos de Alá certamente são misteriosos, pensou o Arqueiro. Por mais que desejasse abater um avião de transporte soviético, tudo o que deveria fazer no momento era retornar ao seu lar, a cidade ribeirinha de Ghazni. Havia apenas uma semana que deixara o Paquistão. Uma tempestade local mantivera as aeronaves soviéticas em terra nos últimos dias, permitindo que viajasse rapidamente. Chegara com o novo carregamento de mísseis e encontrara seu líder planejando um ataque ao aeroporto retirado da cidade. O inverno era inclemente com todos, e os infiéis haviam deixado os postos avançados de sentinela para os soldados afegães a serviço do governo traidor em Ka-bul. O que ignoravam, entretanto, era que o major comandante do batalhão que patrulhava o perímetro externo no campo trabalhava para os mudjahidin. Quando chegasse a hora, uma parte estaria desguarnecida, permitindo que trezentos guerrilheiros atacassem diretamente o acampamento soviético.

Seria uma grande ataque. Os guerreiros da liberdade estavam organizados em três companhias de cem homens cada uma. Todos iriam atacar; o líder compreendia perfeitamente a necessidade de uma reserva tática, porém tinha uma grande área a cobrir com poucos homens. Representava um risco, mas seus homens vinham aceitando riscos como esse desde 1980. O que importava mais um? Como de hábito, o líder estaria no local de maior perigo, e o Arqueiro ficaria bem próximo. Iriam dirigir-se para o aeroporto pelo lado a favor do vento. Os soviéticos tentariam decolar com suas aeronaves ao menor sinal de perigo, tanto para retirá-los da área de perigo, como para providenciar apoio defensivo. O Arqueiro avistou através dos binóculos quatro helicópteros MI-24, todos equipados com armamentos pendentes das asas curtas de suporte. Os mudjahidin só possuíam um lançador de morteiros capaz de atingi-los no chão, e por esse motivo o Arqueiro ficaria um pouco atrás da onda de assalto para fornecer apoio. Não havia tempo para montar sua armadilha habitual, porém à noite isso não era importante.

Cem metros à frente dos outros, o líder dos guerrilheiros encontrou-se no local combinado com o major do Exército afegão. Abraçaram-se e louvaram o nome de Alá. O filho pródigo retornara ao rebanho islâmico. O major informou que dois dos comandantes em sua companhia

prontificavam-se a agir conforme o planejado, porém o comandante da Companhia Três permanecia fiel aos soviéticos. Um sargento de confiança mataria esse oficial em poucos minutos, permitindo que o setor fosse usado para a fuga. Ao redor deles, os homens aguardavam no vento cortante. Quando o sargento tivesse cumprido sua mis-são, devia disparar um foguete de iluminação.

O capitão soviético e o tenente afegão eram amigos, o que surpreendia a ambos nos momentos de reflexão. Uma das coisas que ajudava era que o oficial soviético fazia um esforço real no sentido de respeitar os hábitos dos moradores locais, e seu companheiro afegão acreditava que o marxismo-leninismo era o caminho do futuro. Qualquer coisa seria melhor do que as rivalidades e vendetas tribais que caracteriza-ram seu povo infeliz durante todo o período histórico do qual tinha lembrança. Reconhecido há algum tempo como receptivo a conversas ideológicas, fora levado para a União Soviética, onde lhe mostraram como a vida era boa — comparada ao Afeganistão —, especialmente nos serviços de saúde pública. O pai do tenente morrera, quinze anos antes, de infecção proveniente de um braço quebrado, e, como ele não gozava da simpatia do chefe local, seu filho único não tivera uma adolescência muito agradável.

Juntos, os dois homens examinavam um mapa, decidindo quais se-riam as atividades das patrulhas na semana seguinte. Precisavam guar-dar constantemente a área contra ataques dos bandidos mudjahidin. Naquele dia, as patrulhas estavam a cargo da Companhia Dois.

Um sargento entrou na casamata com um formulário. Seu rosto não demonstrou a surpresa que sentiu ao encontrar dois oficiais em vez de um. Passou o envelope ao tenente afegão com a mão esquerda. Na palma da mão direita estava a empunhadura de uma faca, escondida verticalmente na manga larga de sua túnica em estilo russo. Tentou permanecer impassível enquanto o capitão soviético olhava para ele e ficou observando o oficiai cuja morte era sua responsabilidade. Finalmente, o soviético desviou o olhar para a estreita abertura de tiro da casamata. Quase como uma deixa, o tenente afegão jogou a mensagem sobre a mesa de mapas, delineando sua resposta.

O soviético voltou-se abruptamente. Algo o alertara, e ele soube que alguma coisa não estava correndo bem antes que tivesse tempo de determinar exatamente o quê. Viu o braço do sargento subir num rápido

movimento ascendente em direção à garganta de seu amigo. O capitão soviético mergulhou na direção de seu fuzil, enquanto o tenente recuava para evitar o primeiro golpe. Só teve sucesso porque a faca do sargento prendeu-se na longa manga da túnica. Soltando uma imprecação, ele liberou a lâmina e projetou-a para a frente, atingindo seu alvo na altura do abdômen. O tenente gritou, mas conseguiu agarrar o braço do sargento antes que a faca atingisse seus órgãos vitais. Os rostos dos dois homens estavam próximos o suficiente para que cada um sentisse o hálito do outro. A face de um parecia muito chocada para sentir medo, e a do outro expressava raiva. No final, a vida do tenente foi salva pelo tecido largo da manga, enquanto o soviético liberava a trava de segurança do seu fuzil e disparava dez projéteis no flanco do assassino. O sargento caiu sem um gemido. O tenente levou a mão ensangüentada aos olhos. O capitão gritou, dando o alarme.

O ruído seco e metálico dos disparos do Kalashnikov percorreu os 400 metros até o local onde os mudjahidin aguardavam. O mesmo pensamento passou pela mente de todos: o piano fora por água abaixo. Infelizmente, não havia alternativas para o plano original. Do lado esquerdo, as posições da Companhia Três iluminaram-se subitamente com as chamas saídas do cano das armas. Disparavam no vazio — não havia nenhum guerrilheiro lá —, porém o ruído certamente colocaria de sobreaviso as posições soviéticas a 300 metros dali. O líder mandou que os guerrilheiros avançassem assim mesmo, apoiados por aproximadamente duzentos soldados do Exército afegão, para quem a mudança de lado tinha vindo como um verdadeiro alívio. Os combatentes adicionais não fizeram tanta diferença quanto se poderia esperar, pois os novos mudjahidin não tinham armamento pesado, à exceção de algumas metralhadoras antigas, e o único morteiro do líder era de montagem lenta.

O Arqueiro xingou ao ver as luzes se apagando no campo de pouso, a 3 quilômetros de distância. Foram substituídas pelos irrequietos pontos lun^iosos dos faroletes que as tripulações levavam ao correr na direção das aeronaves. Um momento depois, foguetes de iluminação foram disparados, transformando a noite em dia no campo abaixo. O vento forte que soprava de sudeste carregava rapidamente para longe os pequenos pára-quedas dos foguetes, porém os dispositivos luminosos continuavam sendo disparados. Não havia nada que o Arqueiro pudesse fazer, a não ser ativar o lançador de mísseis e esperar. De onde estava podia avistar os

helicópteros... e o grande transportador An-6. Com a mão esquerda empunhou os binóculos e examinou o avião bimotor de asas altas, parado ali, como um grande pássaro sem proteção adormecido no ninho. Várias pessoas corriam a toda velocidade na direção do aparelho. Virou as lentes para a área reservada aos helicópteros.

Enquanto um helicóptero Mi-24 decolava primeiro, lutando contra o ar rarefeito e o vento forte para ganhar altitude, os projéteis do morteiro começaram a atingir o interior do perímetro do aeroporto. Uma carga incendiaria de fósforo caiu a poucos metros de outro Hind, sua luz branca e Cante ateando fogo ao combustível do Mi-24, fazendo com que a tripulação saltasse, um dos homens em chamas. Mal tinham chegado a uma distância segura quando o helicóptero explodiu, levando outro Hind com ele. O último aparelho levantou vôo pouco depois, balançando para trás e desaparecendo na noite escura, com as luzes apagadas. Ambos retornariam — o Arqueiro tinha certeza —, porém os homens conseguiram eliminar dois ainda no chão, o que ia além de sua expectativa.

Notou que todo o resto corria mal. Cargas de morteiro caíam em frente às tropas de assalto. Viu as chamas provenientes do cano das armas e dos explosivos. Acima dos ruídos veio outro som do campo de batalha: os gritos de guerra dos combatentes e os lamentos dos feridos. A essa distância era difícil distinguir os soviéticos dos afegães. Mas não era um assunto que o preocupasse.

O Arqueiro não precisava pedir a Abdul que perscrutasse os céus à procura dos helicópteros. Tentou usar o lançador de mísseis para localizar o calor invisível das turbinas. Não encontrando nada, voltou os olhos para a única aeronave que ainda podia ver. Cargas de morteiros explodiam agora ao redor do An-26, mas a tripulação já acionara os motores. Dentro de instantes começou a perceber um movimento lateral do aparelho. O Arqueiro fez uma avaliação do vento e concluiu que o avião de transporte tentaria decolar contra o vento e depois faria uma volta para a esquerda, na direção da área mais segura do aeroporto. Não seria fácil decolar naquele ar rarefeito, e quando o piloto fizesse a curva iria diminuir o poder de sustentação das asas à procura de velocidade. O Arqueiro bateu no ombro de Abdul e começou a correr para a esquerda. Quando parou para olhar novamente, o avião soviético havia percorrido 100 metros. Agora a aeronave se movia entre nuvens de poeira mais escura, balançando fortemente ao acelerar, em virtude do solo desigual e congelado.

O Arqueiro pôs-se de pé para dar ao míssil uma visão melhor do alvo, e imediatamente o rastreador sinalizou, ao "avistar" os motores aquecidos contra a noite fria e sem lua.

— U-Um! — gritou o co-piloto acima dos ruídos dos motores e da batalha. Seus olhos estavam presos aos instrumentos enquanto o piloto lutava para manter firme o avião. — V-R... rotação!

O piloto afrouxou a pressão no manche. O nariz se ergueu, e o An-26 bateu pela última vez na pista desigual e dura. O co-piloto imediatamente retraiu os trens de pouso para reduzir a resistência do ar, permitindo que a aeronave subisse mais depressa. O piloto realizou uma pequena curva para a direita, tentando evitar o que parecia ser uma maior concentração de fogo inimigo. Uma vez fora de perigo, tomaria o rumo norte para Kabul e a segurança. Atrás dele, o navegador não examinava as cartas. Em vez disso, lançava foguetes de iluminação providos de pára-quedas a cada cinco segundos. Não se destinavam a auxiliar as tropas terrestres e sim a enganar os mísseis lançados de terra. O manual dizia para lançá-los a cada cinco segundos.

O Arqueiro mediu cuidadosamente os intervalos entre os foguetes de iluminação. Podia perfeitamente escutar a mudança de tom no sinal emitido pelo rastreador quando eles caíam pela porta do compar-timento de carga ao lado direito do avião e se incendiavam. Se quisesse atingir o alvo, precisava apontar diretamente para o motor esquerdo e calcular a hora do disparo com precisão. Mentalmente já havia medido o ponto de maior aproximação, cerca de 900 metros, e um pouco antes do local estimado mais um foguete foi lançado. Um segundo mais tarde o tom do rastreador voltou ao normal, e ele apertou o gatilho.

Como sempre, sentiu um prazer quase sexual quando o lançador recuou em suas mãos. Os sons de batalha ao redor desapareceram enquanto o Arqueiro se concentrava na pequena chama amarela que aumentava de velocidade.

O navegador acabara de soltar mais um foguete quando o Stinger atingiu o motor esquerdo. Seu primeiro pensamento foi de ultraje: o manual estava errado! O engenheiro de vôo não tinha tais pensamentos. Automaticamente acionou o botão de emergência que desligava a turbina número um. Esse procedimento cortava o abastecimento de combustível, desligava a eletricidade, fazia com que a hélice girasse solta, e acionava os extintores de incêndio. O piloto pressionou o pe-dal de leme para

compensar o balanço produzido pela perda de potência a bombordo e abaixou o nariz. Era uma manobra arriscada, mas precisava escolher entre velocidade e altitude, e decidiu que precisava acima de tudo de velocidade. O engenheiro avisou que o tan-que esquerdo de combustível estava furado, mas Kabul ficava a apenas 100 quilômetros de distância. O que ouviu a seguir foi muito pior:

— Luz de alerta de incêndio no número um!

— Acione os extintores.

— Já acionei! Despejou tudo. O piloto resistiu à tentação de olhar para o lado. Estavam apenas

a uma centena de metros do chão, e não podia deixar que nada interferisse em sua concentração. Sua visão periférica captou uma língua de fogo amarelo-alaranjada, mas forçou os olhos a se dirigirem do horizonte para o medidor de velocidade do ar, para o altímetro e de volta ao horizonte.

— Perdendo altitude — anunciou o co-piloto.

— Inclinar os flaps mais 10 graus — ordenou o piloto, considerando que tinha velocidade suficiente para arriscar a manobra. O co-piloto abaixou-se para cumprir a ordem e assim fazendo condenou a aeronave e seus passageiros.

A explosão do míssil danificara a tubulação hidráulica de comando dos flaps do lado esquerdo. O aumento de pressão necessária para mudar a inclinação arrebentou os dois tubos, e o flap da asa esquerda retraiu-se de uma vez, sem aviso. A perda de sustentação de apenas um dos lados quase fez com que a aeronave girasse no ar, porém o piloto percebeu e conseguiu nivelar. Muitas coisas erradas aconteciam ao mesmo tempo. O Antonov começou a perder altitude, e o piloto gritou, pedindo mais potência, sabendo que o motor do lado direito já estava em seu limite. Rezou para que pudesse ainda salvar seu avião, porém mantê-lo nivelado era praticamente impossível, e perdiam altitude rapidamente no ar rarefeito. Precisava aterrissar. No último momento, o piloto acendeu as luzes, à procura de um lugar plano. Avistou apenas um campo repleto de rochas, e usou sua última reserva de controle para apontar a aeronave em queda para um espaço entre as duas maiores. Um segundo antes que o avião atingisse o chão, ele soltou uma imprecação, não de desespero, mas de pura raiva.

Por um instante o Arqueiro pensou que a aeronave pudesse escapar. A luz produzida pelo míssil não dava margem a enganos, mas por vários segundos nada aconteceu. A seguir veio a língua de fogo anunciando que o alvo fora fatalmente atingido. Trinta segundos depois, houve uma explosão no solo, talvez a 10 quilômetros de distância, não muito longe da rota planejada de fuga. Seria capaz de observar o que havia feito antes do amanhecer. No momento voltou-se novamente para o céu escuro, ouvindo o ruído desigual de um helicóptero acima de sua cabeça. Abdul já havia retirado o tubo de lançamento utilizado e prendera a unidade de rastreamento e aquisição de alvo a um novo tubo, tudo com uma velocidade que encheria de orgulho um soldado treinado. Passou o conjunto ao companheiro, e o Arqueiro começou a procurar o novo alvo na escuridão acima.

Embora ainda não soubesse, o ataque em Ghazni estava se desmantelando. A Companhia Três do Exército afegão ainda atirava no vazio, e o oficial soviético presente não conseguia fazer com que as coisas corressem bem. O comandante soviético reagira instantaneamente ao som do fogo inimigo e colocara seus homens em posição ao cabo de dois minutos de confusão. Os afegães agora enfrentavam um batalhão completo e alerta de tropas regulares, apoiados por armas pesadas e abrigados em casamatas. Disparos intimidatórios de metralhadoras conservaram a frente de ataque a 200 metros das posições soviéticas. O líder dos guerrilheiros e o major afegão que aderira tentaram avançar dando o exemplo pessoal. Um feroz grito de guerra ecoou por toda a linha atacante, porém o líder ficou exposto diretamente a uma rajada de projéteis que o imobilizaram por quase um segundo antes de atirá-lo longe, parecendo um brinquedo de criança. Como geralmente acontece com tropas primitivas, a perda do comandante atingiu o moral dos atacantes. A noticia se espalhou entre os homens, antes mesmo que os lideres das unidades recebessem o aviso por rádio. Os mud-jahidin se desarticularam, disparando a esmo suas armas enquanto se retiravam. O comandante soviético percebeu o que estava acontecendo, mas não ordenou a perseguição dos fugitivos. Tinha helicópteros para fazer isso.

O Arqueiro percebeu que alguma coisa estava errada quando os morteiros russos começar a atirar foguetes de iluminação num lugar diferente. Um helicóptero disparava foguetes e suas metralhadoras sobre os guerrilheiros, porém não conseguia manter a pontaria sobre o alvo. A

seguir ouviu os gritos de seus camaradas. Não os berros excitados de incentivo ao ataque, mas os gemidos de alerta dos homens em reti-rada. Abaixou-se e concentrou-se em sua arma, consciente de que agora seus serviços seriam mais necessários do que nunca. O Arqueiro mandou que Abdul encaixasse sua unidade rastreadora de reserva em outro tubo lançador. O jovem fez em menos de um minuto o que lhe fora ordenado.

— Lá! — disse Abdul. — Do lado direito.

— Estou vendo.

Uma série de clarões lineares apareceu no céu. O Hind disparava seus foguetes. Apontou o lançador para o local e foi recompensado com o sinal de aquisição do alvo. Não sabia exatamente a distância — é muito difícil julgar distâncias à noite —, porém resolveu arriscar. O Arqueiro aguardou até que o som se estabilizasse, e disparou o segundo Stinger da noite.

O piloto do Hind avistou o lançamento. Estivera pairando uma centena de metros acima dos foguetes de iluminação que desciam de pára-quedas, e puxou seu controle para mergulhar entre eles. Funcionou. O míssil perdeu o alvo inicial e atingiu diretamente um dos foguetes incandescentes, errando o helicóptero por apenas 30 metros. O piloto imediatamente girou o aparelho e ordenou ao artilheiro que disparasse uma salva de dez foguetes na direção da qual viera o míssil.

O Arqueiro deixou-se cair no chão atrás do rochedo que escolhera como abrigo. Os foguetes caíram a uma centena de metros de sua posição. Então desta vez a luta era de homem para homem... e esse pilo-to parecia muito habilidoso. Apanhou o segundo lançador. O Arqueiro sempre rezava por uma situação como essa.

Mas o helicóptero tinha desaparecido agora. Onde estaria?

O piloto virará o Hind a favor do vento, utilizando essa manobra, como lhe fora ensinado, para encobrir o ruído do motor. Pediu pelo rádio que fossem atirados mais foguetes de iluminação desse lado do aeroporto e foi atendido quase imediatamente. Os soviéticos faziam de tudo para apanhar um lançador de mísseis. Enquanto o outro helicóptero no ar atacava os mudjahidin em retirada, este concentraria seus esforços sobre o atirador de SAM. A despeito do perigo envolvido, era uma missão que o piloto desejava acima de tudo. Os lançadores de mísseis constituíam-se em seus inimigos pessoais. Conservou o aparelho fora do alcance conhecido dos Stinger e aguardou que os foguetes iluminassem o terreno baixo.

O Arqueiro usava novamente a unidade rastreadora para tentar localizar o inimigo. Não era uma forma muito eficiente de busca, porém o Mi-24 devia estar em algum lugar do arco que seu conhecimento das táticas soviéticas podia prever com facilidade. Em duas oportunidades obteve um breve sinal sonoro, à medida que o helicóptero dançava para a esquerda e para a direita, alterando também a altitude, num esforço consciente para tornar impossível a tarefa do Arqueiro. Esse era um inimigo experiente, disse para si mesmo o guerrilheiro. Sua morte seria mais do que satisfatória. Clarões pontilhavam o céu acima, porém ele sabia que a luminosidade desigual produziria condições ruins de visibilidade enquanto ele ficasse imóvel.

— Estou vendo um movimento — informou o artilheiro. — Posição: dez horas.

— É o lugar errado — afirmou o piloto.

Moveu o controle para a direita e deslizou horizontalmente enquanto seus olhos perscrutavam o solo rochoso. Os soviéticos haviam capturado vários Stinger americanos e os testaram exaustivamente com o fim de determinar sua velocidade, alcance e sensibilidade. O piloto calculou que estava pelo menos 300 metros além do raio de ação do míssil, e, se mais algum fosse disparado, ele poderia utilizar a esteira de fumaça para localizar o alvo, depois apressar-se a atingi-lo antes que disparasse novamente.

— Apanhe um foguete de fumaça — disse o Arqueiro.

Abdul só tinha um deles. Tratava-se de um dispositivo de plástico com aletas, pouco mais do que um brinquedo. Fora desenvolvido para o treinamento de pilotos da Força Aérea americana, para simular a sensação — o terror — de sentir-se sob o fogo de mísseis. Ao custo de 6 dólares, tudo o que o pequeno artefato podia fazer era voar em linha reta por alguns segundos, desprendendo um rastro fino de fumaça. Tinham sido fornecidos aos mudjahidin meramente para assus-tar os pilotos soviéticos quando os SAM acabassem, porém o Arqueiro encontrara um uso real para eles. Abdul correu aproximadamente 100 metros e fixou no terreno o lançador simples, feito de arame de aço. Voltou depois para o lado de seu companheiro, estendendo atrás o fio que acionaria o mecanismo.

— Agora, russo, onde está você? — perguntou o Arqueiro à noite.

— Tem alguma coisa na frente. Tenho certeza de que alguma coisa se moveu — disse o artilheiro.

— Vamos ver. — O piloto ativou seus próprios controles e disparou dois foguetes, que atingiram o solo a 2 quilômetros de distância, bem à direita do Arqueiro.

— Agora! — gritou o Arqueiro. Avistara o ponto de onde o soviético lançara, e apontara o lançador. O receptor infravermelho começou a sinalizar.

O piloto apavorou-se quando viu a chama rápida de um foguete, mas antes que realizasse qualquer manobra percebeu que não iria atingi-lo. Tinha sido lançado próximo ao ponto onde ele disparara momentos antes.

— Peguei você! — gritou do interior da cabine. O artilheiro começou a disparar na direção do local com a metralhadora.

O Arqueiro viu as balas traçadoras e escutou os projéteis batendo contra a rocha, à direita. Agora, sim! Sua pontaria era quase perfeita. Usando suas próprias armas, o Hind deu ao Arqueiro uma mira perfeita. E o terceiro Stinger foi lançado.

— Dois deles! — gritou o artilheiro pelo intercomunicador.

O piloto já estava mergulhando e desviando, mas desta vez não havia nenhum foguete de iluminação por perto. O Stinger explodiu contra uma das lâminas dos rotores, e o helicóptero caiu como uma pedra. O piloto conseguiu ainda retardar a velocidade da queda, mas mesmo assim bateu no chão com muita força. Miraculosamente, não houve fogo. Um momento depois apareceram homens armados à sua janela. O piloto percebeu que um deles era um capitão soviético.

— Está bem, camarada?

— Minhas costas... — gemeu o piloto.

O Arqueiro já se movia. Havia abusado o suficiente da boa vontade de Alá por uma noite. Os dois lançadores deixaram para trás os tubos vazios e correram a se juntar aos guerrilheiros em retirada. Se os soldados soviéticos os tivessem perseguido, poderiam tê-los alcançado. Mas, em vez disso, o comandante ordenou que ficassem onde esta-vam, e o único helicóptero sobrevivente contentou-se em circular sobre o perímetro do aeroporto. Meia hora depois, o Arqueiro soube que o líder morrera. A claridade do dia traria as aeronaves soviéticas para apanhá-los no aberto, e os guerrilheiros precisavam atingir logo a proteção dos campos rochosos.

Porém ainda havia mais uma coisa a fazer. O Arqueiro partiu com Abdul e mais três homens para encontrar os destroços do Antonov abatido. O preço dos mísseis Stinger era a inspeção de cada aeronave derrubada, para procurar equipamentos que pudessem interessar à CIA.

O coronel Filitov terminou suas anotações no diário. Como Bondaren-ko dissera, seus conhecimentos sobre assuntos técnicos eram muito mais amplos do que se poderia suspeitar ao examinar suas credenciais acadê-micas. Depois de quarenta anos nos altos escalões do Ministério da Defesa, Misha tornara-se um autodidata em assuntos técnicos que iam desde trajes de proteção contra gases até equipamentos de comunicação em có-digo, e... geradores de laser. O que eqüivale a dizer que ele não compre-endia a teoria tanto quanto desejava, mas podia descrever o equipamento em si tão bem quanto os engenheiros que o haviam montado. Levou qua-tro horas para transcrever tudo em seu diário. Aqueles dados precisavam ser enviados. As implicações eram por demais assustadoras.

O problema com o sistema de defesa estratégica era que nenhuma arma fora considerada "ofensiva" ou "defensiva" por si só. A natureza de qualquer arma, como a beleza de qualquer mulher, residia nos olhos de quem a contemplava — ou na direção para a qual estava apon-tada —, e através da história o sucesso militar era determinado pelo equilíbrio de elementos ofensivos e defensivos.

A estratégia nuclear soviética, disse Misha a si mesmo, fazia mais sentido do que a do Ocidente. Os estrategistas soviéticos não consideravam a guerra nuclear inimaginável. Aprenderam a ser pragmáticos: o problema, ainda que complexo, possuía uma solução — mesmo que não fosse perfeita —, e, ao contrário de muitos pensadores ocidentais, partiam do princípio de que viviam num mundo imperfeito. A estratégia soviética mudara muito desde a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962 — o evento matara o homem que recrutara Filitov, o coronel Oleg Penkovsky —, e estava baseada numa simples frase: "Limitação de Danos". O problema não residia em destruir o inimigo com armas nucleares. Quando se tratava de armas nucleares, era mais uma questão de *não* destruir tanto, eliminando todos que poderiam negociar a fase de "término da guerra". O problema que ocupava as mentes soviéticas era o de impedir que armas nucleares inimigas destruíssem a União Soviética.

Com vinte milhões de mortos em cada uma das duas guerras mundiais, os soviéticos já haviam provado destruição suficiente e não desejavam mais.

Tal tarefa não era considerada fácil, mas a razão de sua necessidade era tanto política quanto técnica. O marxismo-leninismo apresenta a História como um processo: não mera coleção de fatos passados, mas uma expressão científica da evolução social do homem, que irá — precisará — culminar no reconhecimento coletivo da humanidade de que o marxismo-leninismo é a forma ideal para toda a sociedade humana. Um marxista convicto acreditava na total supremacia do seu credo com tanta fé quanto cristãos, judeus e muçulmanos acreditavam na vida após a morte. Da mesma maneira que as comunidades religiosas através da História demonstraram sua vontade de espalhar suas boas novas com ferro e fogo, também era dever do marxista tornar realidade sua visão, da maneira mais rápida possível.

A dificuldade do caso, claro, se constituía em que nem todos no mundo partilhavam da mesma visão histórica que o marxismo-leninismo. A doutrina comunista atribuía esse distanciamento às forças reacionárias do imperialismo, do capitalismo, da burguesia, e de todo o seu panteão de inimigos, cuja resistência era previsível, mas cujas *táticas* não eram. Como um jogador cuja mesa de jogo estivesse "preparada", os comunistas "sabiam" que iriam ganhar, mas, também como um jogador, nos piores momentos admitiam relutantemente que a sorte — ou mais cientificamente o acaso — poderia alterar sua equação. Na ausência de uma visão mais científica, as democracias ocidentais também não possuíam senso comum, o que as tornava imprevisíveis.

Mais do que qualquer outro motivo, era por isso que o Leste temia o Oeste. Desde que Lênin assumira o controle — e alterara o nome — da União Soviética, o governo comunista havia investido milhões de dólares na espionagem do Oeste. E com todos os meios de informações, seu propósito mais importante era poder prever o que o Oeste poderia fazer, e o que faria.

Mas, a despeito de inúmeros sucessos táticos, o problema fundamental prevalecia: vez por outra, o governo soviético interpretara mal algumas ações e intenções ocidentais; e na idade nuclear a imprevisibilidade podia significar que um líder americano desequilibrado, inglês ou francês em menor proporção, poderia decretar o fim da União Soviética ou o adiamento do socialismo mundial por várias gerações

— para um soviético, a última alternativa era mais grave, uma vez que nenhum russo autêntico queria ver o mundo levado ao socialismo sob a liderança chinesa. O arsenal nuclear ocidental era a maior ameaça ao marxismo-leninismo; anular esse arsenal era a maior tarefa dos militares soviéticos. Contudo, ao contrário do Ocidente, os soviéticos não enxergavam a prevenção desse arsenal como a simples prevenção da guerra. Desde que os soviéticos viam o Ocidente como politicamente imprevisível, sentiam que não podiam satisfazer-se em impedir o seu uso. Precisavam ser capazes de eliminar, ou pelo menos degradar, o arsenal ocidental se uma crise ameaçasse avançar além das meras palavras.

O arsenal nuclear soviético era concebido precisamente com essa tarefa em vista. Aniquilar cidades e seus milhões de habitantes seria sempre um simples exercício. Destruir os mísseis que os inimigos possuíam não era. Anular mísseis americanos tinha significado o desenvolvimento de gerações de foguetes de alta precisão — e de alto custo — como os SS-18, cuja única missão era reduzir a pó os esquadrões de mísseis americanos Minuteman, bem como os submarinos e bases de bombardeiros. À exceção desses últimos, todos se encontravam distantes dos grandes centros populacionais; conseqüentemente, um ataque destinado a desarmar o Ocidente poderia ser lançado sem que isso resultasse necessariamente num holocausto em escala mundial. Ao mesmo tempo, os americanos não possuíam ogivas suficientes para ameaçar da mesma forma os mísseis soviéticos. Os soviéticos, portanto, tinham a vantagem de poder lançar um potencial ataque interceptador — do tipo dirigido às armas, e não às pessoas.

A deficiência era naval. Mais da metade das ogivas americanas estavam depositadas nos submarinos nucleares. A Marinha americana acreditava que os submarinos de mísseis nunca haviam sido rastreados pelos seus correlativos soviéticos. Tal informação era incorreta. Foram rastreados exatamente três vezes em 27 anos, e nunca por mais de quatro horas. Apesar de uma geração inteira de trabalho realizado pela Marinha soviética, ninguém podia prever se esse objetivo seria alcançado. Os americanos admitiam que *eles* mesmos não conseguiam rastrear os próprios *boomers,* como eram conhecidos os submarinos portadores de mísseis. Por outro lado, os americanos *podiam* rastrear os submarinos soviéticos que levavam mísseis, e por esse motivo os soviéticos nunca depositaram neles mais do que uma fração de suas ogivas, e até

recentemente nenhum dos lados conseguira basear armas interceptadoras em submarinos.

O jogo, porém, estava mudando novamente. Os americanos haviam produzido mais um milagre técnico. Seus artefatos lançados por submarino logo seriam mísseis Trident D-5, com capacidade de estourar alvos bem protegidos. Isso ameaçava a estratégia soviética com um reflexo do seu próprio potencial, ainda que um dos elementos cruciais do sistema fossem os Satélites de Posicionamento Global, sem os quais os submarinos americanos seriam incapazes de determinar suas próprias posições com precisão suficiente para atingir instalações subterrâneas de lançamento de mísseis. A lógica distorcida do equilíbrio nuclear estava novamente voltando-se sobre si mesma, como tinha de acontecer pelo menos uma vez a cada geração.

Já fora reconhecido antes que os mísseis eram armas ofensivas com uma missão defensiva e que a capacidade de destruir os oponentes era a fórmula clássica de evitar a guerra e alcançar os objetivos em tempo de paz. O fato de que tal poder, acumulado por ambos os lados, transformara a fórmula historicamente provada da intimidação unilateral em desencorajamento bilateral é que tornava indigesta essa solução.

Desencorajamento Nuclear: prevenir a guerra pela ameaça do holocausto mútuo. O que os dois lados diziam era, em essência: se *matarem nossos civis indefesos, mataremos os seus. A* defesa não era mais a proteção da sociedade e sim a ameaça de violência mútua. Misha sorriu. Nenhuma tribo de selvagens havia ousado formular tal idéia — mesmo os povos mais bárbaros eram avançados demais para abrigar tais pensamentos, embora fosse isso precisamente o que os povos mais avançados do mundo haviam decidido, ou encontrado pelo caminho. Embora o desencorajamento funcionasse, significava que a União Soviética — e o Ocidente — vivia sob a ameaça de vários gatilhos. Ninguém achava que esta fosse uma situação satisfatória, porém os soviéticos haviam realizado o que consideravam o melhor dentro de uma barganha não vantajosa, projetando um arsenal estratégico com que podiam desarmar em grande escala o outro lado, se assim o exigisse uma crise mundial. Adquirindo a capacidade de eliminar grande parte do arsenal americano, tinham a vantagem de ditar as condições sob as quais seria disputada uma guerra nuclear, o que se constituía em termos clássicos um passo na direção da vitória, e, segundo a concepção soviética,

a negativa do Ocidente de que a "vitória" era uma possibilidade na guerra nuclear era o primeiro passo na direção da própria derrota. Os teóricos de ambos os lados sempre reconheceram a natureza insatisfatória de toda a questão nuclear e sempre trabalharam em silêncio para lidar com ela de outras formas.

Por volta dos anos 50, tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética tinham iniciado as pesquisas de defesa contra mísseis balísticos, a última em Sary Saga, no sudoeste da Sibéria. Um sistema operacional soviético quase fora colocado em uso no final da década de 60, porém o advento das MIRV (ogivas múltiplas de reentrada independente) invalidara o trabalho de quinze anos — perversamente, para os dois lados. A luta pela supremacia entre sistemas ofensivos e defensivos sempre tendia aos últimos.

Mas isso terminara. As armas laser e outros sistemas de projeção de energia, combinados à maior capacidade dos computadores, foram um verdadeiro salto quântico no campo da estratégia. Uma defesa confiável, como mencionava o relatório de Bondarenko ao coronel Filitov, transformava-se agora em possibilidade real. E o que significaria isso?

Significava que a equação nuclear estava destinada a retornar ao equilíbrio clássico entre ataque e defesa, e que ambos os elementos agora poderiam tomar parte na mesma estratégia. Os soldados profissionais achavam esse sistema satisfatório em teoria — que homem deseja pensar em si mesmo como o maior assassino da História? —, mas agora as possibilidades táticas começavam a despertar em suas cabeças feias. Vantagem e desvantagem, movimentos e contramovimentos. Um sistema *americano* de defesa estratégica poderia invalidar toda a postura nuclear soviética. Se os americanos pudessem evitar que os SS-18 decolassem de suas bases em terra, então o primeiro ataque de desarmamento do qual dependiam os soviéticos para evitar os danos à *Rodina* não seria mais possível. Isso significava que todos os bilhões gastos na produção de mísseis balísticos teriam se tornado tão úteis quanto dinheiro jogado no mar.

Porém ainda havia mais. Da mesma maneira que o *scutum* dos legionários romanos era encarado pelos seus inimigos bárbaros como uma arma que lhes permitia golpear impunemente, nos dias atuais a Iniciativa de Defesa Estratégica poderia ser encarada como um escudo atrás do qual o inimigo podia lançar seu primeiro ataque para desarmar o oponente,

usando depois suas defesas para reduzir ou mesmo eliminar os efeitos do ataque retaliatório resultante.

Esta visão, claro, era simplista. Nenhum sistema poderia ser à prova de falhas — e mesmo que o sistema funcionasse, Misha sabia, os líderes políticos encontrariam uma maneira de usá-lo da pior maneira, pois sempre se podia contar com os políticos para isso. Um esquema viável de defesa estratégica teria o poder de acrescentar um novo elemento de incerteza à equação. Seria muito difícil que qualquer país no mundo pudesse eliminar todas as ogivas atacantes, e a morte de uns "poucos" vinte milhões de cidadãos seria uma coisa horripilante de se ver, mesmo para a liderança soviética. Mas até mesmo um sistema rudimentar de escudo espacial seria o bastante para invalidar qualquer idéia de contra-ataque.

Se os soviéticos possuíssem tal sistema, o escasso arsenal de contra-ataque dos Estados Unidos poderia ser anulado mais facilmente do que o soviético, assim como a situação estratégica que a União Soviética trabalhara durante trinta anos para manter inalterada. O governo soviético possuiria o melhor dos dois mundos, uma força de mísseis de precisão muito maior, com a qual eliminaria ogivas americanas, e um escudo para anular a maior parte do ataque retaliatório contra suas bases de mísseis de reserva — e os sistemas americanos baseados no mar poderiam ser neutralizados com um ataque aos satélites de navegação GPS, sem os quais ainda poderiam atingir as cidades, mas a possibilidade de acertar silos de mísseis se perderia irrecuperavelmente.

O coronel Mikhail Semyonovich Filitov divisava o cenário que serviria de caso de estudo padrão para os soviéticos. Algumas crises irromperiam (a do Oriente Médio era a favorita, já que ninguém podia predizer o que aconteceria lá) e, enquanto Moscou se movimentasse para manter a situação estabilizada, o Ocidente interferiria — desajeitada e estupidamente, claro — e começaria a falar abertamente à imprensa sobre um iminente confronto nuclear. Os órgãos de Inteligência imediatamente passariam a Moscou a informação de que a possibilidade era real. O contingente de mísseis SS-18 da Força de Foguetes Estratégicos entraria secretamente em alerta, bem como as guarnições das novas armas laser baseadas em terra. Enquanto os altos escalões do Ministério das Relações Exteriores — nenhuma das forças militares apreciava seus colegas diplomatas — lutavam para ajeitar as coisas, o Ocidente fincaria pé e faria

ameaças, talvez, de ataque a uma frota soviética para mostrar sua firmeza, e certamente mobilizando os exércitos da OTAN para uma ameaça de invasão à Europa Oriental.

O pânico começaria a espalhar-se de verdade ao redor do mundo. Quando o tom de retórica do Ocidente atingisse o máximo, as ordens de lançamento seriam enviadas à força de mísseis e trezentos SS-18 partiriam, enviando três ogivas para cada um dos silos de Minuteman americanos. Armas menores perseguiriam os submarinos e as bases de bombardeiros para limitar as perdas ao mínimo possível — os soviéticos não desejavam exacerbar a situação mais do que o necessário. Simultaneamente, as armas laser desarmariam tantos satélites de reconhecimento e navegação quanto fosse possível, poupando entretanto os satélites de comunicações — um gesto calculado como prova de "boas" intenções. Os americanos não seriam capazes de responder ao ataque antes que as ogivas soviéticas os atingissem. — Misha preocupava-se com isso, mas fontes da KGB e da GRU tinham informado que havia sérias falhas no sistema de comando e controle americanos, além dos fatores psicológicos envolvidos. Provavelmente os americanos manteriam suas armas submarinas na reserva e lançariam os Minuteman restantes em direção aos silos soviéticos, porém era esperado que não mais de duzentas ou trezentas ogivas permanecessem após o primeiro ataque; muitas delas atingiriam silos vazios de qualquer forma, e o sistema de defesa destruiria muitas das armas atacantes.

Ao final da primeira hora, os americanos iriam perceber que a utilidade de seus mísseis baseados em submarinos estava grandemente reduzida. Mensagens constantes e cuidadosamente preparadas—seriam enviadas pela Linha Quente entre Moscou e Washington: NAO PODEMOS DEIXAR QUE ISSO CONTINUE. Provavelmente os americanos iriam parar e pensar. Era esse o ponto importante: fazer as pessoas pararem e pensarem. Um homem poderia atacar cidades por impulso, ou num momento de raiva, mas não depois de refletir sensatamente sobre o assunto.

Filitov não estava preocupado com o fato de que cada um dos lados visse seus sistemas de defesa como um motivo de apoio para ataques ofensivos. Numa crise, entretanto, sua existência poderia diminuir o medo que antecede o lançamento — se o outro lado não tiver defesa. Portanto,

ambos os lados precisavam de seus sistemas de defesa. Eles tornariam o primeiro ataque muito improvável, e "isso" sim faria do mundo um lugar mais seguro. Os sistemas defensivos não poderiam mais ser contidos agora. Seria mais fácil deter a maré. Agradava ao velho soldado a idéia de que os mísseis intercontinentais, tão ofensivos à ética do guerreiro, poderiam finalmente ser neutralizados, e a morte na guerra retornaria a homens armados no campo de batalha, ao qual pertencia...

Bem, pensou ele, *você está cansado, e é muito tarde para esse tipo de pensamento profundo.* Terminou seu informe com os dados do relatório final de Bondarenko, fotografou-o e colocou o filme na caixa da tomada de força na parede.

8
TRANSFERÊNCIA DE DOCUMENTOS

O dia estava amanhecendo quando o Arqueiro encontrou os destroços do avião. Dez homens o acompanhavam, além de Abdul. Tinham precisado mover-se com rapidez. Tão logo o sol se erguesse sobre as montanhas, os soviéticos viriam. Observou de um outeiro os restos da aeronave. Ambas as asas haviam sido arrancadas ao primeiro impacto, e a fuselagem projetara-se para a frente ao longo de um aclive suave, rolando e se arrebentando, de modo que somente se podia reconhecer a cauda. Não havia como saber que fora preciso um piloto brilhante para conseguir tal efeito e que descer o avião mantendo algum tipo de controle fora praticamente um milagre. Gesticulou aos homens e andou rapidamente em direção ao corpo principal dos destroços. Ordenou a eles que procurassem armas, depois qualquer tipo de documentos. O Arqueiro e Abdul dirigiram-se ao que restara da cauda.

Como sempre, a cena do desastre apresentava contradições. Alguns dos corpos estavam despedaçados, enquanto outros permaneciam aparentemente intactos, a morte causada por traumatismos internos. Estranhamente, os cadáveres tinham uma aparência pacífica, rígidos mas ainda não congelados pela temperatura baixa. Ele contou seis corpos na parte traseira da aeronave. Viu que todos eram soviéticos, todos uniformizados. Um deles usava o uniforme de capitão da KGB e permanecia ainda preso pelo cinto ao seu assento. Havia uma espuma cor-de-rosa em volta de seus lábios. *Devia ter sobrevivido por algum tempo à queda e tossido sangue,* pensou o Arqueiro. Chutou o corpo e percebeu que havia uma valise algemada ao pulso do homem. Aquilo parecia promissor. O Arqueiro curvou-se para verificar se as algemas poderiam ser retiradas com facilidade, mas não teve essa sorte. Encolhendo os ombros, desembainhou a faca. Teria de cortar o pulso fora. Girou a mão e começou...

... quando o braço se retraiu e um grito agudo fez o Arqueiro colocar-se de pé num salto. Será que aquele ainda vivia? Curvou-se para o rosto do homem e foi recompensado com respingos de sangue espalhados pela

tosse. Os olhos azuis se abriram, arregalados de choque e de dor. A boca moveu-se para produzir ruídos inteligíveis.

— Verifique se mais alguém está vivo — ordenou o Arqueiro a seu assistente. Voltou-se depois para o oficial da KGB, balançando a lâmina a poucos centímetros de seus olhos, e disse em dialeto *pashtu:* — Oi, russo.

O capitão começou a tossir outra vez. Agora estava completamente acordado e sentindo dores consideráveis. O Arqueiro revistou-o à procura de armas. Enquanto suas mãos se moviam, o corpo retorceu-se de dor. Devia ter pelo menos algumas costelas quebradas, embora os membros parecessem intactos. Com esforço, disse algumas palavras. O Arqueiro entendia um pouco de russo, mas teve problemas para compreendê-las. Não devia ser tão difícil, pois a mensagem era óbvia, embora o guerrilheiro demorasse quase meio minuto para reconhecê-la.

— Não me mate...

Uma vez entendido o apelo, o Arqueiro continuou sua busca. Apanhou a carteira do capitão e examinou o conteúdo. Foram as fotografias que fizeram com que parasse. O homem tinha uma esposa. Ela era pequena, com um rosto redondo, e morena. Não parecia bonita, com exceção do sorriso. Era o tipo de sorriso reservado para o homem a quem se ama, e o rosto estava iluminado de uma maneira que o próprio Arqueiro conhecera no passado. Mas o que realmente chamou sua atenção foram as duas fotografias seguintes. O homem tinha um filho. A primeira teria sido tirada com a idade de 2 anos talvez, mostrando um garotinho com cabelo desgrenhado e um sorriso travesso. Não se podia odiar uma criança, mesmo sendo o filho de um oficial da KGB. A fotografia seguinte era tão diferente que foi difícil estabelecer uma relação entre as duas. O cabelo tinha desaparecido e a pele do rosto estava esticada... transparente como as páginas de um velho Corão. A criança estava morrendo. *Com três, quatro anos talvez?,* perguntou-se ele. O rosto da criança moribunda ostentava um corajoso sorriso de dor e amor. *Por que a ira de Alá precisa visitar os pequeninos?* Voltou a foto para o rosto do oficial.

— Seu filho? — indagou o Arqueiro, em russo.

— Morto. Câncer — explicou o homem, percebendo depois que o bandido não estava entendendo. — Doença. Doença longa. — Por um breve instante toda a dor desapareceu das feições, deixando apenas uma tristeza profunda.

Aquilo salvou sua vida. Ficou surpreso ao ver o bandido embainhar a faca, porém estava sentindo muita dor para demonstrá-lo de maneira visível.

Não. Não trarei mais mortes à vida desta mulher. A decisão surpreendeu o próprio Arqueiro. Foi como se a voz de Alá o lembrasse de que a piedade perde apenas para a fé, na lista das virtudes humanas. Aquilo em si não bastava — seus companheiros de guerrilha não se deixariam convencer por um versículo da Escritura —, mas a seguir o Arqueiro encontrou um chaveiro no bolso da calça. Usou uma das chaves para abrir as algemas e outra para abrir a valise, que estava cheia de pastas para documentos, cada uma ostentando uma fita multicolorida com alguma versão da palavra SECRETO. E essa era uma palavra russa que ele conhecia.

— Meu amigo — disse o Arqueiro em *pashtu* —, vai visitar um outro amigo meu... Se viver o bastante.

— E muito sério? — perguntou o presidente.

— Potencialmente, é muito sério — respondeu o juiz Moore. — Gostaria de trazer algumas pessoas para colocá-lo a par de tudo.

— Ryan já não está preparando uma avaliação?

— Ele será uma das pessoas. A outra é esse major Gregory do qual já ouviu falar.

O presidente abriu sua agenda de mesa.

— Posso lhe conceder quarenta e cinco minutos. Esteja aqui às onze.

— Estaremos aí, senhor. — Moore desligou o telefone. A seguir chamou sua secretária. — Mande entrar o doutor Ryan.

Ryan entrou um minuto depois. Nem chegou a ter tempo de sentar-se.

— Vamos ver o "Homem" às onze. Como está seu material?

— Sou o cara errado para falar em física, mas acho que Gregory pode tomar conta disso. Ele está conversando agora com o general Parks e o senhor Ritter. O general também vai?

— Vai.

— Certo. Quanto apoio visual quer que eu leve? O juiz Moore pensou por um momento.

— Não queremos que ele fique tonto com muito material. Um par de fotografias gerais e um bom diagrama. Você também acha que é muito importante?

— Não se trata de uma ameaça imediata, mesmo usando a imaginação, mas podíamos perfeitamente passar sem esse desenvolvimento. Os efeitos sobre as conversações de controle de armas são difíceis de analisar. Não acho que exista uma ligação direta...

— Não existe, temos certeza disso — o diretor-geral fez uma pausa e sorriu. — Pelo menos achamos que temos certeza.

— Juiz, existem alguns dados no ar sobre esse assunto que eu ainda não vi.

Moore sorriu com benevolência.

— Como sabe disso, filho?

— Passei a maior parte da sexta-feira examinando velhos arquivos sobre o programa soviético de defesa contra mísseis. Em 1981, eles realizaram um teste importante em Sary Shagan. Sabíamos bastante sobre o assunto... por exemplo, sabíamos que os parâmetros da missão foram alterados do interior do Ministério da Defesa. Essas ordens foram seladas em Moscou e entregues pessoalmente ao comandante do submarino que atirou os mísseis: Marko Ramius. Ele me contou o outro lado da história. Com isso, e mais alguns trechos de informação que encontrei, comecei a pensar que devemos ter um homem dentro do ministério e nos altos escalões.

— Que trechos de informação? — quis saber o juiz.

Jack hesitou por um momento, mas decidiu continuar a expor suas deduções.

— Quando o *Outubro Vermelho* desertou, o senhor me mostrou um relatório que vinha bem de dentro, também do Ministério da Defesa; o nome de código no arquivo era WILLOW, como me recordo. Só vi mais um outro arquivo com esse nome, sobre um assunto inteiramente diferente, mas também relativo à defesa. Isso me fez imaginar que havia uma fonte interna com um ciclo de codinomes que muda rapidamente. Só se faz isso com uma fonte muito delicada, e se for alguma coisa para a qual eu não esteja liberado, bem... só posso concluir que é uma informação muito bem guardada. Há apenas duas semanas, o senhor me disse que as afirmações de Gregory sobre as instalações em Dushanbe foram confirmadas através de "outras fontes". — Jack sorriu. — O senhor me paga para descobrir ligações, juiz. Não me importo em ficar por fora em assuntos que não tenho necessidade de saber, mas estou começando a pensar que aí está parte do que eu estou tentando fazer. Se quiser que

informe o presidente, senhor, eu deveria entrar lá com as informações corretas.

— Sente-se, doutor Ryan. — Moore não se importou em perguntar se Jack tinha discutido o assunto com mais alguém. Será que já era tempo de admitirem um novo membro na fraternidade Delta? Depois de um momento, permitiu-se um sorriso sagaz. — Você deu um encontrão nele.

Jack inclinou-se em sua cadeira e cerrou os olhos. Depois de pensar por um instante, conseguiu ver o rosto do homem novamente.

— Meu Deus! E ele está obtendo as informações... Mas seremos capazes de utilizá-las?

— Ele já nos passou dados técnicos antes. A maior parte colocamos em uso.

— O presidente sabe de tudo isso? — indagou Jack.

— Não. A idéia é dele, e não nossa. Ele nos disse algum tempo atrás que não queria os detalhes das operações secretas, só os resultados. É como a maioria dos políticos... fala demais. Pelo menos é esperto o suficiente para saber disso. Já perdemos agentes porque os presidentes falaram demais. Sem mencionar aquele estranho senador.

— Para quando espera a chegada do relatório?

— Logo. Talvez por esta semana, talvez demore mais três...

— E, se funcionar, podemos pegar o que eles sabem e juntar ao que nós sabemos... — Ryan olhou através da janela, para os galhos pelados das árvores. — Desde que estou aqui, juiz, pergunto a mim mesmo pelo menos uma vez por dia: o que é mais admirável neste lugar, as coisas que sabemos ou as que não sabemos?

Moore concordou com um aceno de cabeça.

— O jogo é assim, doutor Ryan. Traga suas anotações de apoio. Não faça nenhuma referência ao nosso amigo. Eu mesmo tratarei disso se achar necessário.

Jack voltou a seu escritório, meneando a cabeça. Suspeitara algumas vezes de que tinha acesso a informações que o presidente ignorava. Agora tinha certeza. Perguntou a si mesmo se essa era uma boa idéia e admitiu que não sabia. O que enchia sua mente era a importância desse agente e suas informações. Havia precedentes. O brilhante agente Richard Sor-ge no Japão em 1941, cujos avisos a Stálin não foram ouvidos. Oleg Pen-kovsky, que fornecera ao Ocidente informações sobre os militares

soviéticos que podiam ter prevenido uma guerra nuclear durante a Crise dos Mísseis em Cuba. É agora mais um. Não refletiu sobre o fato de que era o único na CIA a conhecer o rosto do agente, mas não seu nome verdadeiro nem o de código. Não ocorreu a ele que o juiz Moore não conhecia o rosto do Cardeal, tendo evitado olhar sua fotografia por motivos que nunca explicara, mesmo a seus diretores.

O telefone tocou e uma mão saiu de baixo do cobertor para apanhá-lo.

— Alô?

— Bom dia, Candi — disse Al Gregory, de Langley.

A mais de 3 000 quilômetros de distância, a dra. Candance Long virou na cama e olhou para o relógio de cabeceira.

— Você está no aeroporto?

— Ainda estou em Washington, meu bem — sua voz parecia cansada. — Se tiver sorte, posso voltar hoje para casa.

— O que está acontecendo afinal? — perguntou ela.

— Oh, alguém fez um teste, e preciso explicar a algumas pessoas o que isto significa.

— Certo. Me avise quando for chegar, Al. Vou apanhar você. — Candi Long estava muito zonza para reparar que seu noivo tinha quebrado uma regra de segurança ao responder a sua pergunta.

— Claro. Amo você.

— Também te amo, meu bem. — Ela desligou o telefone e olhou novamente para o relógio.

Ainda havia tempo para dormir por mais uma hora. Procurou lembrar-se de pegar uma carona com um amigo para o trabalho. Al tinha deixado seu carro no laboratório antes de voar para o leste, e ela poderia usá-lo para buscá-lo no aeroporto.

Ryan acabou levando o major Gregory em seu carro novamente. O general Parks foi com o juiz Moore na limusine da Agência.

— Já perguntei isso a você antes: quais são as chances de descobrir o que Ivã está fazendo em Dushanbe?

Jack hesitou um pouco, antes de responder, mas compreendeu que Gregory iria ouvir tudo no Salão Oval.

— Temos alguns trunfos que estão trabalhando para descobrir como eles conseguiram aumentar a potência de saída.

— Adoraria saber como vocês fazem essas coisas — observou o jovem major.

— Acho que não. Pode acreditar. — Ryan tirou os olhos do trânsito por instantes, para encarar o companheiro. — Se você soubesse coisas como essa e cometesse um pequeno engano, podia matar pessoas. Já aconteceu antes. Os soviéticos são duros com espiões. Ainda corre por aí uma história sobre como eles cremaram um sujeito... com isso quero dizer que puseram o coitado no crematório ainda vivo.

— Qual é! Ninguém é tão...

— Major, um desses dias seria muito bom que saísse do seu laboratório e descobrisse como o mundo pode ser sujo e mau. Cinco anos atrás, algumas pessoas tentaram matar minha esposa e meu filho. Precisavam voar quase 5 000 quilômetros para tentar, mas vieram assim mesmo.

— É isso mesmo! Você foi aquele cara que...

— É uma velha história, major — interrompeu Jack, cansado de repetir o relato de suas aventuras.

— Como é, senhor? Quer dizer, estar em combate de verdade, *pra valer.*

— Não é nada divertido. — Ryan quase riu de si mesmo por expressar-se dessa forma. — É como se fosse uma representação teatral, só isso. Ou você representa direito, ou perde. Se tiver sorte, não entra em pânico até tudo acabar.

— Disse lá no laboratório que foi fuzileiro...

— É, isso ajudou. Pelo menos alguém se lembrou de me ensinar um pouquinho sobre combate, uma vez. — *Mais ou menos quando você estava no colegial,* pensou Jack. — Já encontrou o presidente alguma vez?

— Não, senhor.

— Pode me chamar de Jack, certo? Ele é um bom homem, presta muita atenção e sempre faz perguntas. Não se deixe enganar pelo aspecto sonolento dele. Acho que faz isso para enganar os políticos.

— Eles se deixam enganar tão fácil assim? Aquilo provocou uma gargalhada.

— Alguns deles. O sujeito que é chefe do controle de armas também vai estar lá. O tio Ernie. Ernest Allen, antigo diplomata de carreira, formado em Dartmouth e Yale; é muito esperto.

— Ele acha que devemos barganhar meu trabalho. Por que o presidente fica com ele?

— Ernie sabe negociar com os soviéticos, é um profissional. Não deixa que suas opiniões pessoais interfiram em seu trabalho. É como um médico nesse ponto. Um cirurgião não precisa gostar de você pessoalmente. Ele só precisa consertar o que está errado. Com o senhor Allen, a vantagem é que ele sabe enxergar através de todas as baboseiras que são ditas durante as negociações. Nunca aprendeu nada sobre isso, não foi? — Jack sacudiu a cabeça e sorriu. — Todos pensam que é dramático, mas não é. Nunca vi nada mais chato. Os dois lados repetem exatamente as mesmas coisas por horas a fio. Repetem a si mesmos a cada quinze ou vinte minutos o dia inteiro, todos os dias. Então, depois de mais ou menos uma semana, um dos lados faz uma pequena alteração e fica repetindo isso por muitas horas. O outro lado verifica com o próprio governo, faz uma pequena alteração no texto e começa a repetir isso. As coisas continuam desse jeito por semanas, meses e até anos. Mas o tio Ernie é bom nisso. Ele acha tudo muito excitante. Eu pessoalmente, depois de agüentar uma semana, tenho vontade de começar uma guerra só para acabar com o processo de negociação. — Ryan sorriu novamente. — Não me culpe por isso. É tão excitante como ver tinta secar. Ainda que seja monótono, é uma tarefa importante, e é preciso um tipo especial de inteligência para isso. Ernie é um velho seco e duro de roer, mas sabe realizar esse trabalho como ninguém.

— O general Parks diz que ele quer acabar com nossas pesquisas.

— Porra, major, pode perguntar pessoalmente a ele. Eu mesmo gostaria de descobrir isso. — Jack saiu da Avenida Pennsylvania, seguindo a limusine da CIA.

Cinco minutos mais tarde, ele e Gregory sentavam-se na sala de recepção da Ala Oeste, sob uma cópia da famosa pintura de George Washington atravessando o rio Delaware, e o juiz conversava com o conselheiro de Segurança Nacional do presidente, Jeffrey Pelt. O presidente terminava uma audiência com o secretário do Comércio. Por fim, um agente do Serviço Secreto chamou-os e os conduziu através dos corredores.

Como acontece com os estúdios de televisão, o Salão Oval é menor do que a maioria das pessoas espera. Ryan e Gregory foram conduzidos até um sofá na parede norte, mas nenhum dos dois sentou; o presidente estava

em pé, ao lado de sua escrivaninha. Ryan reparou que Gregory parecia um pouco mais pálido agora e lembrou-se da primeira vez em que estivera naquela sala. Mesmo os que trabalhavam na Casa Branca ocasionalmente admitiam ficar impressionados com a sala e o tremendo poder que ela continha.

— Oi, Jack. É bom vê-lo de novo. — O presidente adiantou-se para cumprimentar Ryan. — E você deve ser o famoso major Gregory.

— Sim, senhor. — Gregory quase desafinou e teve de limpar a garganta. — Quero dizer, sim, senhor presidente.

— Sente-se e relaxe. Quer um pouco de café? — O presidente foi até o canto da mesa, e Gregory arregalou os olhos quando a xícara foi estendida em sua direção.

Ryan fez o que pôde para controlar a vontade de rir. O homem que tornara a presidência "imperial" novamente, ou o que quer que isso signifique, era um mestre na arte de deixar as pessoas à vontade. *Ou pelo menos aparentando,* pensou Jack. A rotina do primeiro café freqüentemente os deixava ainda mais sem graça.

— Major, ouvi referências muito boas em relação ao senhor e seu trabalho. O general diz que o senhor é sua maior estrela. — O presidente sentou-se ao lado de Jeff Pelt, enquanto o general se remexia na cadeira. — Muito bem, vamos começar.

Ryan abriu a pasta e retirou uma fotografia, colocando-a sobre a mesa baixa. A seguir tirou um diagrama.

— Senhor presidente, isto é uma fotografia tirada por satélite dos locais que chamamos de Bach e Mozart. Estão sobre uma montanha a sudeste da cidade de Dushanbe, na República Socialista Soviética do Tadjiquistão, cerca de 110 quilômetros da fronteira com o Afeganistão. A montanha tem 2 500 metros de altitude. Nós a estamos vigiando há dois anos. Este aqui — Jack depositou outra fotografia sobre a mesa — é Sary Shagan. Os soviéticos têm realizado trabalhos de defesa contra mísseis balísticos nesse lugar durante os últimos trinta anos. Este ponto bem aqui é suspeito de ser um local de testes com laser. Acreditamos também que os soviéticos tenham feito um grande avanço em relação à potência do laser aqui, há dois anos. Depois, transferiram suas atividades para Bach, a fim de acomodá-las melhor. Na semana passada levaram a cabo um teste com potência total.

— Essa disposição aqui em Bach é um transmissor laser.

— E eles explodiram um satélite com isso? — quis saber Jeff Pelt.

— Sim, senhor — respondeu o major Gregory. — Eles o "derreteram", como dizemos no laboratório. Enviaram até o satélite tanta energia que, bem, derreteu parte do metal e destruiu completamente as células solares.

— Não conseguimos fazer isso ainda? — perguntou o presidente a Gregory.

— Não, senhor. Ainda não conseguimos colocar tanta energia na ponta do sistema.

— Como eles passaram à frente? Estamos aplicando um bocado de dinheiro em pesquisa de laser, não estamos, general?

Parks não estava contente com os recentes desenvolvimentos, mas sua voz era neutra.

— Os russos também, senhor presidente. Eles conseguiram alguns avanços como fruto dos esforços dirigidos para a fusão. Há anos investigam física de alta energia, como parte de um grande esforço para conseguir bons reatores de fusão nuclear. Quinze anos atrás, esse esforço foi combinado com o programa de mísseis de defesa. Se a gente coloca tanto tempo e esforço em pesquisa de base, pode esperar um retorno, e eles tiveram um bocado. Inventaram o RFQ, o quadripolo de freqüência de rádio, que usamos em nossas experiências com armamentos de partículas neutras. Inventaram o dispositivo de contenção magnética Tokamak que copiamos em Princeton e inventaram o Gyrotron. São três avanços significativos em física de alta energia, dos quais ouvimos falar. Usamos alguns deles em nossas próprias pesquisas SDI, e com toda a certeza podemos presumir que fazem o mesmo.

— Certo, e o que sabemos sobre esse teste que eles fizeram? Era a vez de Gregory novamente.

— Senhor, sabemos que veio de Dushanbe, porque os outros locais que pesquisam física de alta energia, em Sary Shagan e Semipalatinsk, estavam abaixo do horizonte visível... quero dizer, não podiam enxergar o satélite. Sabemos que não foi laser infravermelho, porque o raio seria detectado pelos sensores do Cobra Belle. Se tivesse de fazer uma dedução, diria que o sistema utiliza laser de elétrons livres...

— Usa mesmo — confirmou o juiz Moore. — Acabamos de confirmar esse ponto.

— É o mesmo sistema no qual estamos trabalhando em 7éa *Clipper*. Parece oferecer o maior potencial para aplicações em armamentos.

— Posso perguntar por quê, major? — indagou o presidente.

— Eficiência na transmissão de energia, senhor. O efeito laser ocorre numa corrente de elétrons livres, o que significa que não estão presos a nenhum átomo como habitualmente, senhor, isso no vácuo. Usa-se um acelerador de partículas para produzir uma corrente de elétrons, e os disparamos no interior de uma cavidade, que possui um raio laser de baixa energia ao longo do eixo. A teoria é que podemos usar eletroímãs para oscilar os elétrons ao longo do campo. O que se obtém é um raio de luz coincidente com a freqüência oscilatória dos ímãs, o que significa que se pode sintonizar como um rádio, senhor. Alterando-se a energia do feixe de laser inicial, pode-se escolher a freqüência exata que se quer gerar. Depois os elétrons são reciclados de volta ao acelerador de partículas e atirados outra vez à cavidade do laser. Uma vez que os elétrons já estão em estado de alta energia, aqui se ganha uma grande eficiência de transmissão de energia. Em resumo, senhor, teoricamente se consegue uma saída de quarenta por cento da energia injetada no sistema. Se pudermos realizar isso de forma viável, poderemos destruir tudo aquilo que virmos... e, quando falamos em níveis altos de energia, falamos em termos relativos, senhor. Comparada à energia elétrica que este país utiliza para cozinhar, a quantidade necessária para um sistema de defesa laser é irrisória. O truque é só fazer tudo isso funcionar. Não conseguimos isso ainda.

— Por que não? — O presidente inclinava-se levemente para a frente em sua cadeira, interessado no assunto.

— Ainda estamos aprendendo a fazer o laser, senhor. O problema fundamental é a cavidade do laser... onde a energia sai dos elétrons e se transforma em raio luminoso. Ainda não conseguimos construir uma que fosse suficientemente larga. Se for muito estreita, obteremos uma densidade de energia tão grande que derreterá as camadas ópticas da própria cavidade, e dos espelhos usados para apontar o raio formado.

— Mas eles resolveram o problema. Como acha que conseguiram?

— Eu sei o que eles estão tentando fazer. Quando a energia passa para o feixe de raios, os elétrons se tornam menos energéticos, certo? Isso significa que o campo magnético que os contém precisa ser diminuído, e sem esquecer que a ação oscilatória do campo precisa continuar também. Ainda não conseguimos resolver esse problema. Eles provavelmente

conseguiram, e a solução deve ter vindo das pesquisas sobre energia de fusão. Todas as idéias sobre retirar energia de fusão controlada se utilizam de um campo magnético para conter a massa de plasma em alta energia. Em princípio é a mesma coisa que fazemos com os elétrons livres. A maior parte da pesquisa de base nesse campo é originária da União Soviética. Eles estão à frente porque gastaram mais tempo e dinheiro no lugar mais importante.

— Certo, muito obrigado, major. — O presidente voltou-se para o juiz Moore. — Arthur, o que a CIA acha de tudo isso?

— Bem, não pretendemos discordar do major Gregory, que acaba de passar o dia atualizando os conhecimentos do nosso pessoal de Ciência e Tecnologia. Confirmamos que os soviéticos possuem de fato seis emissores laser de elétron livre nesse local. Fizeram um grande avanço em potência de saída, e estamos tentando descobrir exatamente qual foi.

— Podem fazer isso? — perguntou o general Parks.

— Disse que estamos tentando, general. Se tivermos sorte, teremos uma resposta lá pelo final do mês.

— Certo, então sabemos que podem construir um laser muito poderoso — disse o presidente. — Próxima pergunta: será que é mesmo uma arma?

— Provavelmente não, senhor presidente — afirmou o general Parks. — Pelo menos ainda não. Ainda há um problema com a distorção pela camada de ar, porque ainda não copiaram nossos ópticos adaptáveis. Dominam muita tecnologia do Ocidente, mas até agora não possuem esta. Até que o façam, não podem usar os armamentos laser baseados em terra como nós, ou seja, enviar o feixe de raios passando por um espelho orbital até um alvo distante. Contudo, com o que possuem no momento podem causar grandes danos a um satélite em órbita baixa. Existem maneiras de proteger os satélites, é claro, mas é o velho compromisso entre uma couraça mais pesada, ou ogivas mais pesadas. No final geralmente a ogiva vence.

— Que é exatamente o motivo pelo qual deveríamos negociar a eliminação desse tipo de armamento — afirmou Ernie Allen, intervindo na conversa pela primeira vez. O general Parks olhou para ele sem disfarçar sua irritação. — Senhor presidente, estamos apenas tendo uma amostra, uma pequena amostra de como essas armas podem ser perigosas e desestabilizadoras. Se considerarmos meramente que esse local em

Dushanbe pode ser uma arma anti-satélite, vejam as implicações que isso trará para a verificação do cumprimento do tratado e para a reunião de informações de uma forma geral. Se não pararmos essas coisas agora, iremos todos para um verdadeiro caos.

— Não se pode parar o progresso — observou o general Parks.

— Progresso? — fez Allen. — Que diabos, temos um tratado na mesa de negociações que pode reduzir o número de armas pela metade. *Isso* é progresso, general. No teste que realizaram no sul do Atlântico erraram a metade dos disparos... Posso retirar de ação tantos mísseis quanto vocês.

Ryan pensou que Parks fosse pular da cadeira ao ouvir essas palavras, mas em vez disso ele adotou seu tom intelectual.

— Senhor Allen, esse foi o primeiro teste de um sistema experimental, e metade dos tiros acertou o alvo. Na verdade, todos os alvos foram eliminados em menos de um segundo. O major Gregory aqui vai resolver esse problema até o verão, não vai, jovem?

— Claro, senhor — respondeu Gregory, desafinando. — Tudo o que precisamos fazer é reelaborar uma parte do código.

— Certo. Se o pessoal do juiz Moore puder nos dizer o que os russos fizeram para aumentar a potência do laser, já temos o resto da arquitetura do sistema testado e validado. Em dois ou três anos, podemos ter tudo... e depois podemos pensar seriamente em aplicações.

— E se os soviéticos começarem a abater nossos espelhos no espaço? — perguntou secamente Allen. — Poderíamos ter o melhor sistema de armamentos a laser em terra, mas só iríamos conseguir defender o Novo México.

— Primeiro, eles teriam de encontrar nossos satélites, o que é uma tarefa bem mais difícil do que o senhor pensa. Podemos colocá-los em órbitas muito mais altas, entre 480 e 1 600 quilômetros. Podemos usar tecnologia de evasão para fazê-los mais difíceis de localizar no radar. Não se pode fazer isso com a maioria dos satélites, mas com esse tipo é possível. Os espelhos são relativamente pequenos e muito leves, o que significa que podemos lançar vários deles. Sabe o tamanho do espaço lá em cima e quantos *milhares* de fragmentos estão em órbita? Eles nunca conseguiriam pegar todos — concluiu Parks confiante.

— Jack, você esteve de perto com os soviéticos. O que acha? — indagou o presidente.

— Senhor presidente, a verdadeira força com que nos defrontamos neste caso é a fixação dos soviéticos em defender seu país... e com isso quero dizer *defender* contra qualquer ataque. Já investiram nisso cerca de trinta anos de trabalho e uma pilha enorme de dinheiro, porque acreditam que vale a pena. Na época da administração Johnson, Kosygin disse: "Defesa é moral, ataque é imoral". Esse é um provérbio russo, senhor, e não apenas comunista. Para falar francamente, acho que é uma idéia da qual é difícil discordar. Se entrarmos numa nova fase de competição, pelo menos será defensiva em vez de ofensiva. É meio difícil matar milhares de civis com um feixe laser — observou Jack.

— Mas vai alterar todo o equilíbrio de poder — objetou Ernest Allen.

— O equilíbrio atual pode ser razoavelmente estável, mas ainda é fundamentalmente louco. — disse Ryan.

— Mas funciona. Mantém a paz.

— Senhor Allen, a paz em que vivemos não passa de uma crise constante. Diz que podemos reduzir os arsenais pela metade... e daí? Se cortássemos dois terços do arsenal soviético, eles ficariam com ogivas suficientes para transformar nosso país num crematório. A recíproca é verdadeira. Como eu disse quando voltava de Moscou, o acordo de redução é apenas cosmético. Não traz nem um pouco mais de segurança. Pode ser um símbolo... talvez um símbolo importante, mas ainda assim sem substância.

— Não sei, não — observou o general Parks. — Se reduzirem minha carga de alvos pela metade, não iria me importar nem um pouco. — Isso lhe valeu um olhar assassino por parte de Allen.

— Se descobrirmos exatamente o que os soviéticos estão fazendo diferente de nós, o que conseguiremos com isso? — quis saber o presidente.

— Se a CIA nos fornecer dados que possamos usar? Major? — Parks voltou-se para Gregory.

— Nesse caso, teremos um sistema de armamento pronto para demonstração em três anos, que seria colocado em operação de cinco a dez anos depois disso — respondeu o jovem major, com convicção.

— Parece seguro — comentou o presidente.

— Tão seguro quanto possível, senhor. É parecido com o Programa Apollo; não tanto uma questão de inventar uma ciência nova, mas de

aprender a utilizar engenharia tecnológica que já possuímos. Só juntar as porcas e parafusos.

— É um jovem muito confiante, major — disse Allen, com ares de professor.

— Sou mesmo, senhor. Acho que podemos realizar tudo isso. Senhor Allen, nosso objetivo não é diferente do seu. O senhor quer livrar-se das armas nucleares, e nós também. Talvez possamos ajudá-lo, senhor.

Na mosca, pensou Ryan com um sorriso mal disfarçado. Uma batida discreta soou à porta. O presidente consultou o relógio.

— Vamos ter de encerrar por aqui. Preciso dar uma olhada em alguns programas antidrogas durante o almoço com o procurador-geral. Obrigado por cederem seu tempo. — Ele apanhou uma fotografia de Dushanbe e pôs-se de pé. Todos fizeram o mesmo. Saíram pela porta lateral, oculta na parede de estuque branco.

— Boa, garoto — disse Ryan baixinho a Gregory.

Candi Long apanhou o carro em frente a sua casa. Era dirigido por sua amiga da Universidade de Colúmbia, a dra. Beatrice Taussig, outra física especializada em óptica. A amizade vinha desde os tempos em que não eram formadas. Ela era mais extravagante do que Candi. Taussig dirigia um Nissan 300Z esportivo e tinha multas de trânsito para prová-lo. O carro combinava com suas roupas, com seu cabelo oxigenado e com o temperamento fogoso, que parecia ligar os homens como um interruptor.

— Oi, Bea. — Candi Long entrou no carro e afivelou o cinto antes de fechar a porta. Quando se andava de carro com Bea, sempre se afivelava o cinto... embora a própria motorista não se incomodasse em fazê-lo.

— Teve uma noite ruim, Candi?

Aquela manhã a amiga trajava um terninho de lã, severo mas não muito masculino, completado com uma echarpe de seda ao pescoço. Long não conseguia entender. Quando se passava o dia inteiro coberta com um avental barato de laboratório, quem se importava com o que estava embaixo? *Exceto Al, é claro, porém ele* se *interessava pelo que ficava embaixo do que estava embaixo,* pensou ela, sorrindo.

— Durmo melhor quando ele está aqui.

— Para onde ele foi? — perguntou Taussig.

— Washington — bocejou ela. O sol nascente delineava longas sombras na estrada à frente.

— A troco de quê? — Bea reduziu a marcha e acelerou o carro, subindo o acesso que conduzia à auto-estrada. Candi sentiu-se pressionada lateralmente contra o cinto de segurança. Por que será que a amiga dirigia daquele jeito? Não estavam disputando o Grande Prêmio de Mônaco.

— Ele disse que alguém realizou um teste, e ele precisava explicar tudo para mais alguém.

— Hum! — Beatrice fez um muxoxo, olhou de relance o retrovisor e deixou o carro em terceira marcha enquanto procurava uma brecha no tráfego pesado da hora do *rush.* Com habilidade, combinou sua velocidade com a da outra fila e deslizou para um espaço apenas 1 metro maior que seu modelo Z. Aquilo provocou uma buzinada irritada do automóvel de trás. Ela simplesmente sorriu. No íntimo, considerou o fato de que qualquer que fosse o teste a ser explicado por Al não era americano. E não havia muitas pessoas realizando testes que precisassem ser explicados por aquele menino prodígio em particular. Bea não conseguia entender o que Candi tinha visto em Al Gregory. O amor, disse a si mesma, é cego, isso sem mencionar surdo e tapado... especialmente tapado. Pobre e modesta Candi Long, podia ter se saído muito melhor... Se ao menos tivesse tido a chance de dividir o quarto com Candi na faculdade... se houvesse alguma maneira de dizer a ela... -T Quando é que Al volta?

— Talvez hoje à noite. Vai ligar antes. Vou apanhar o carro dele. Ele o deixou no laboratório.

— Coloque uma toalha no banco antes de sentar — brincou ela. Gregory tinha um Cheevy Citation. *O carro perfeito para um menino*

prodígio, pensou Bea Taussig. Estava cheio de embalagens amassadas de jujubas e ele o lavava somente uma vez por ano. Imaginou como seria ele na cama, mas reprimiu o pensamento. Nem de manhã, nem logo depois de acordar. A idéia de sua amiga... envolvida com *aquilo* fazia sua pele arrepiar-se. Candi era tão ingênua, tão inocente... e tão burra! Bem, talvez ela superasse isso. Ainda havia esperança.

— Como está indo o trabalho do seu espelho de diamante?

— Projeto AD-AMANT? Daqui a um ano saberemos. Gostaria que você ainda estivesse trabalhando em minha equipe — disse a dra. Long.

— Me dou melhor com trabalho administrativo — respondeu Bea com incomum honestidade. — Além do mais, não sou tão inteligente quanto você.

— Só mais bonita — observou Candi, ansiosamente.

Bea dirigiu o olhar para a amiga. Sim, ainda havia esperança.

Misha recebeu o relatório final por volta das 4 horas. Estava atrasado, explicara Bondarenko, porque todas as secretárias liberadas para documentos ultra-secretos encontravam-se ocupadas com outro material. Possuía 41 páginas, incluindo os diagramas. Filitov notou que o trabalho do jovem coronel era tão bom quanto sua palavra. Ele traduzira todo o jargão técnico de engenharia para linguagem clara e corrente. Misha passara as últimas semanas lendo tudo o que conseguira encontrar sobre laser. Se não chegara a entender os princípios de operação tão claramente quanto gostaria, tinha os detalhes de engenharia guardados na memória treinada. Isso fazia com que se sentisse como um papagaio. Podia repetir as palavras sem compreender seu significado. Bem, por enquanto era o bastante.

Lia vagarosamente, decorando à medida que prosseguia. Apesar de sua voz de camponês e do vocabulário grosseiro, sua mente era ainda mais aguçada do que julgara o coronel Bondarenko. Da maneira como as coisas se encaminhavam, nem precisaria ser assim. A parte importante do avanço parecia bastante simples, não tanto uma questão de aumentar a cavidade do laser, mas de adaptar sua forma ao campo magnético. Com o formato adequado, a cavidade podia ser aumentada quase à vontade... e o novo fator limitante passou a fazer parte da montagem supercondutora do controle de pulso magnético. Misha suspirou. O Ocidente conseguira novamente. A União Soviética não possuía os materiais adequados. Portanto, como de costume, a KGB assegurara seu fornecimento do Oeste, desta vez embarcados através da Tchecoslováquia, via Suécia. Será que não aprenderiam nunca?

O relatório concluía afirmando que os problemas remanescentes estavam na parte óptica e nos sistemas de computador. 7erei de *verificar o que nossos organismos de informações estão fazendo acerca desse assunto,* disse Filitov a si mesmo. Finalmente, passou vinte minutos estudando o diagrama do novo laser. Quando chegou ao ponto em que podia fechar os olhos e lembrar cada detalhe, guardou novamente o relatório em sua pasta. Verificou o relógio e pressionou um botão, chamando o secretário. O oficial de segurança apareceu na porta em questão de segundos.

— Sim, camarada coronel?

— Leve esta pasta ao Arquivo Central. Seção 5, Segurança Máxima. Ah, sim, onde está a sacola com o material a ser queimado?

— Está comigo, camarada.

— Vá buscar para mim. — O homem foi até a ante-sala e voltou um momento depois, trazendo a sacola de lona que ia diariamente para a sala de destruição de documentos. Misha apanhou-a e começou a colocar papéis no interior. — Dispensado. Eu mesmo a levarei quando sair.

— Obrigado, camarada coronel.

— Você já trabalha bastante, Yuri Ilych. Boa noite.

Quando a porta se fechou atrás do secretário, Misha apanhou algumas páginas a mais, documentos que não se originavam do ministério. A cada semana ou duas, ele mesmo se encarregava da sacola com os documentos a incinerar. O oficial de segurança que passara a obrigação quase clerical para Filitov presumia que o motivo para isso fosse a bondade do coronel, e talvez se relacionasse a alguns papéis especialmente secretos a serem destruídos. De qualquer forma, era um hábito que antecedia de longa data seu trabalho para o coronel, e os serviços de segurança o encaravam como rotina. Três minutos depois, a caminho do carro, Misha entrou na sala de destruição. Um jovem sargento cumprimentou o coronel como teria cumprimentado seu avô e abriu a porta do incinerador. Observou o Herói de Stalingrado pousar a valise no chão e usar o braço aleijado para abrir a sacola, enquanto o outro se elevava, despejando talvez um quilo de documentos sigilosos nas chamas a gás do aquecedor no porão do ministério.

Não poderia saber que estava ajudando um homem a destruir provas de alta traição. O coronel assinou o livro, declarando ter destruído os documentos de sua seção. Com um aceno amigável, Misha pendurou a sacola em seu cabide e saiu pela porta, a caminho de seu carro particular.

Misha sabia que naquela noite os fantasmas viriam novamente, e na manhã seguinte ele tomaria sauna outra vez, e outro pacote de informações iria para o Ocidente. A caminho de seu apartamento, o motorista parou num empório especial que abria somente para a elite. Ali os artigos eram restritos. Misha comprou salsicha, pão preto e uma garrafa de meio litro de vodca Stolychnaya. Num gesto de camaradagem, comprou mais uma para o motorista. Para um jovem soldado, vodca era melhor do que dinheiro.

Em seu apartamento, quinze minutos mais tarde, Misha extraiu seu diário da gaveta e antes de mals nada reproduziu o diagrama que acompanhava o relatório de Bondarenko. Á intervalos de poucos minutos ele passava um segundo ou dois olhando para a fotografia emoldurada da esposa. A maior parte do relatório final seguia a versão inicial escrita à mão; teve que escrever apenas dez páginas novas; inserindo cuidadosamente as fórmulas críticas enquanto prosseguia. Os relatórios do Cardeal eram sempre modelos de concisão e clareza, uma qualidade adquirida durante toda uma vida escrevendo instruções operacionais. Quando terminou, calçou um par de luvas e foi até a cozinha. Presa magneticamente ao painel traseiro de aço de sua geladeira proveniente da Alemanha Ocidental estava uma pequena câmera. Misha manuseava com facilidade a câmera, a despeito da inconveniência das luvas. Levou apenas um minuto para fotografar as novas páginas, depois rebobinou o filme e extraiu o cassete. Colocou-o no bolso e recolocou a câmera no esconderijo antes de tirar as luvas. A seguir ajustou as persianas das janelas. Misha não seria nada se não fosse cuidadoso. Um exame acurado da porta de seu apartamento mostraria arranhões na fechadura, indicando que tinha sido aberta por um perito. Na verdade, qualquer um poderia ter feito os arranhões. Quando recebesse a confirmação de que seu relatório tinha atingido Washington — marcas de pneus numa parte predeterminada de uma curva —, ele rasgaria as páginas do diário, as levaria em seu bolso até o ministério, depois as colocaria no interior da sacola e as jogaria pessoalmente no incine-rador. Misha supervisionara a instalação do sistema de destruição de documentos, vinte anos atrás.

Quando a tarefa se completou, o coronel Mikhail Semyonovich Filitov olhou novamente para o retrato de Elena, perguntando se havia feito a coisa certa. Elena, porém, continuou sorrindo, como sempre fizera. *Todos esses anos,* pensou ele, e *minha consciência ainda se perturba.* Sacudiu a cabeça. Seguiu-se a parte final do ritual. Comeu salsicha com pão enquanto seus camaradas mortos na Grande Guerra Patriótica vinham visitá-lo, mas não conseguiu reunir coragem para perguntar aos que tinham morrido pelo seu país se tinha razão em traí-lo. Achou que eles entenderiam melhor do que Elena, porém tinha receio de descobrir. O meio litro de vodca tampouco trouxe a resposta. Pelo menos arrastou seu cérebro à insensibilidade, e ele cambaleou até a cama logo depois das 10 horas, deixando as luzes acesas.

Pouco depois das 11, um carro passou pelo amplo bulevar em frente ao apartamento e um par de olhos azuis verificou a janela do coronel. Desta vez era Ed Foley. Ele notou as persianas. A caminho de seu próprio apartamento, outra mensagem secreta foi passada. Um trabalhador sanitário de Moscou encarregou-se de fazer uma série de sinais. Eram coisas inócuas, como por exemplo uma marca feita com giz num poste de iluminação, cada uma das quais informando um dos membros da corrente de mensageiros para que estivesse em seu posto predeterminado. Um outro membro do pessoal da CIA em Moscou verificaria as marcas ao amanhecer, e, se faltasse alguma coisa, o próprio Foley podia abortar a operação, se desejasse.

Mesmo com seu trabalho tenso como era, Ed Foley achava muitos aspectos divertidos. Por um lado, os soviéticos facilitavam as coisas, dando ao Cardeal um apartamento numa rua com muito trânsito. Por outro, fazendo tamanha confusão com a reforma do novo edifício da embaixada que não permitiram que ele e sua família morassem no interior, e aquilo forçava Foley ou sua esposa a passar por aquele bulevar todas as noites. Ambos estavam muito felizes em ter seu filho no time de hóquei soviético. Aquela era uma coisa da qual iriam sentir saudades quando partissem, disse Foley a si mesmo enquanto saía do carro. Ele agora gostava mais de hóquei da divisão juvenil do que de beisebol. Bem, sempre havia o futebol. Não queria que seu filho jogasse futebol americano. Muitos garotos acabavam se machucando, e ele jamais seria grande o suficiente. Mas isso estava no futuro, e ele ainda precisava se preocupar com o presente.

Precisava ser cuidadoso com as coisas que dizia em voz alta no interior de seu apartamento. Presumia-se que cada sala de cada apartamento ocupado por americanos tinha mais microfones do que uma estação de rádio, mas ao longo dos anos Ed e Mary Pat fizeram disso também uma piada. Depois que ele entrava e pendurava o paletó, beijava a mulher e mexia ao mesmo tempo no lóbulo de sua orelha. Ela dava um risinho de reconhecimento, embora ambos já estivessem cansados da tensão que vinha com esse sinal. Faltavam só alguns meses.

— Como foi a recepção? — perguntou ela, dirigindo-se mais aos microfones embutidos.

— A mesma coisa de sempre — foi a resposta gravada.

9
OPORTUNIDADES

Beatrice Taussig não chegou a fazer um relatório, embora considerasse significativo o erro cometido por Candi. Com acesso a praticamente tudo o que acontecia no Laboratório Nacional de Los Alamos, não fora informada sobre testes não programados, e, se bem que uma parte do programa da Iniciativa de Defesa Estratégica se desenvolvesse na Europa e no Japão, nada requeria a interpretação de Al Gregory. Isso levava à conclusão de que o teste era russo, e se eles levaram de avião o menino prodígio para Washington — o carro dele, como ela se lembrava, permanecera no estacionamento do laboratório; portanto, enviaram também um helicóptero — tinha de ser muito importante. Antipatizava com Gregory, contudo não tinha motivos para duvidar da capacidade de sua mente. Ficou imaginando que tipo de teste seria, mas não tinha acesso ao que os russos realizavam e sua curiosidade era bem disciplinada. Tinha de ser. O que ela estava fazendo era perigoso. Mas era parte do divertimento, não era? Ela sorriu sozinha.

— Com isso ficam faltando três. — Após os afegães, os russos inspecionavam os destroços do An-26. O homem que falara era major da KGB. Nunca estivera num desastre aéreo, e apenas o vento gelado em seu rosto conseguira manter no estômago seu café da manhã.

— Um de seus homens?

O capitão de infantaria do Exército soviético — até pouco tempo atrás um conselheiro militar dos títeres no Exército afegão — olhava em volta, para certificar-se de que seus soldados guameciam adequadamente o local. Seu estômago estava tão estável quanto possível nas circunstâncias. Presenciar de perto o camarada afegão quase estripa-do em frente a seus olhos fora o maior choque de sua vida, e imaginava se o amigo sobreviveria à cirurgia de emergência.

— Ainda desaparecido, eu acho.

A fuselagem do avião partira-se em vários pedaços. Os passageiros da seção dianteira ficaram banhados em combustível quando a aeronave atingira o chão, e estavam queimados além de qualquer possibilidade de reconhecimento. Ainda assim, os soldados montaram os pedaços de quase

todos os corpos. Todos menos três, na verdade, e os especialistas em medicina legal determinariam quem tinha morrido e quem continuava desaparecido. Normalmente não eram tão solícitos com as vítimas dos desastres aéreos — tecnicamente o An-26 fazia parte da Aeroflot, e não da Força Aérea soviética —, mas faziam um grande esforço naquele caso. O capitão desaparecido pertencia ao Nono Diretório — os "Guardas" — da KGB. Era um oficial da administração que estivera percorrendo a região, verificando o pessoal e as atividades de segurança em certas áreas sensíveis. Seus documentos de viagem incluíam alguns papéis altamente secretos e, o que era mais importante, ele possuía um amplo conhecimento sobre numerosos oficiais e atividades da KGB. Os papéis poderiam ter sido destruídos — os restos do conteúdo de muitas valise foram encontrados reduzidos a cinzas, mas até que a morte do capitão fosse confirmada muita gente iria ficar inquieta no Centro de Moscou.

— Ele deixou família... bem, uma viúva. O filho morreu no mês passado, segundo me disseram. Algum tipo de câncer, ao que parece — observou baixinho o major da KGB.

— Espero que o senhor cuide apropriadamente da esposa — respondeu o capitão.

— Claro, temos um departamento encarregado desses assuntos. Será que eles o arrastaram daqui?

— Bem, sabemos quem são eles. Sempre revistam os locais dos acidentes, procurando armas. — O capitão encolheu os ombros. — Estamos lutando contra selvagens ignorantes, camarada major. Duvido que tenham interesse em documentos de qualquer tipo. Talvez tenham reconhecido o uniforme de oficial da KGB e o tenham levado para mutilar o corpo. Não acreditaria nas coisas que eles são capazes de fazer com os prisioneiros.

— Bárbaros! — resmungou o homem da KGB. — Abater um avião de transporte desarmado. — Olhou em volta. Soldados "leais" afegães... um adjetivo muito otimista para essa gente, considerou ele... Colocavam os corpos e os pedaços encontrados em grandes sacos plásticos, para que fossem embarcados de helicóptero de volta a Ghazni e depois levados a Moscou para identificação. — E se arrastaram daqui o corpo do meu companheiro?

— Nesse caso nunca o encontraremos. Existe uma chance, é claro, mas é muito pequena. Podemos mandar um helicóptero verificar cada

abutre voando em círculos, mas... — O capitão balançou a cabeça. — As chances são de que o corpo esteja aqui, camarada major. Só precisamos de algum tempo para confirmar o fato.

— Pobre coitado... um homem de gabinete. Nem mesmo era seu território, mas o oficial da região foi internado no hospital com problemas na vesícula biliar, e ele aceitou esse trabalho além do próprio.

— Qual é a área em que trabalhava normalmente?

— Tadjiquistão. Acredito que ele quis um pouco de trabalho extra para tirar seus problemas da cabeça.

— Como está se sentindo, russo? — perguntou o Arqueiro a seu prisioneiro.

Não podiam fazer muito na área de assistência médica. A equipe mais próxima de médicos, composta de profissionais e enfermeiras franceses, estava numa caverna perto de Hasan Khél. Os feridos que podiam andar dirigiam-se agora para lá. Os mais graves... bem, o que podiam fazer? Tinham um bom suprimento de analgésicos e ampolas de morfina fabricadas na Suíça, e aplicaram injeções aos moribundos, para aliviar as dores. Em alguns casos a morfina os ajudava, e qualquer um que mostrasse esperança de recuperação era colocado numa lliteira e carregado para sudeste, na direção da fronteira com o Paquistão. Aqueles que sobrevivessem à viagem de quase 100 quilômetros receberiam cuidados no local mais próximo a um hospital de verdade, perto do aeroporto desativado de Miram Shah. O Arqueiro liderava esse grupo. Havia argumentado com sucesso junto aos companheiros, dizendo que o russo valia mais vivo do que morto, e que o homem do "Amerikastão" lhes daria muito em troca de um membro da polícia política soviética e seus documentos. Apenas o líder poderia ter derrotado sua argumentação, mas ele estava morto. Deram ao corpo um enterro tão apressado quanto permitia sua fé, porém agora ele estava no Paraíso. Isso fazia do Arqueiro o combatente veterano mais confiável do bando.

Quem poderia supor, baseado nos olhos azuis inflexíveis e nas palavras frias, que pela primeira vez em três anos seu coração sentia piedade? Ele mesmo se espantava com isso. Por que tais pensamentos ecoavam em sua cabeça? Seria a vontade de Alá? *Tinha de ser,* pensou ele. Ç2uem *mais poderia ter me impedido de matar um russo?*

— Dói — respondeu o russo finalmente.

Mas a piedade do Arqueiro não chegava a tanto. A morfina que os *mudjahidin* levavam era destinada somente a eles. Depois de verificar em volta se ninguém olhava para eles, passou ao russo as fotografias da família. Por um breve instante seus olhos se abrandaram. O oficiai da KGB o encarou com uma expressão de surpresa que suplantou a dor. Sua mão sadia apanhou as fotografias, apertando-as contra o peito. Havia gratidão em seus olhos, gratidão e perplexidade. O homem pensava no filho morto e contemplava seu próprio destino. O pior que podia acontecer, decidiu em meio à nuvem de dor, era reunir-se à criança, onde quer que ela se encontrasse. Os afegães não podiam feri-lo mais do que estava, no corpo ou na alma. O capitão encontrava-se naquele ponto em que a dor se tornara como uma droga, tão familiar que a agonia tornara-se tolerável, quase confortável. Havia escutado que isso era possível, mas não acreditara até então.

Seus processos mentais ainda não funcionavam normalmente. Num estado de semiconsciência, perguntava-se por que não fora assassinado. Ouvira muitas histórias em Moscou sobre como os afegães tratavam seus prisioneiros... *e foi por isso que você se ofereceu como voluntário para aceitar essa viagem além de seu trabalho?...* Agora divagava sobre seu destino e como ele o procurara.

Você não pode morrer, Valery Mikhailovich, precisa viver. Tem uma mulher, e ela já sofreu o suficiente, disse a si mesmo. *Ela já está passando por...* O pensamento se interrompeu sozinho. O capitão colocou a foto no bolso da túnica e rendeu-se à inconsciência enquanto o corpo trabalhava para curar-se. Não acordou quando foi amarrado a uma tábua e colocado sobre um *travois,* uma espécie de maça. O Arqueiro liderou a partida do grupo.

Misha acordou com sons de batalha reverberando dentro da cabeça. Ainda estava escuro lá fora — o sol demoraria algum tempo para se levantar — e a primeira ação considerada foi a ida ao banheiro, onde jogou água fria no rosto e engoliu três aspirinas. Ânsias de vômito seguiram-se, porém tudo o que expeliu foi bilis amarelada. Ele levantou a cabeça para olhar no espelho e constatar o que a traição fizera ao Herói da União Soviética. Ele não podia — e não queria — parar, claro, mas... *mas veja o que está fazendo a si mesmo, Misha.* Os olhos que tinham sido azuis encontravam-se injetados de sangue e sem vida, a compleição corada agora acinzentada como a de um cadáver. Sua pele estava flácida, e a

superfície cinza em suas bochechas maculava um rosto que fora considerado bonito. Estendeu o braço direito, e como sempre o tecido das cicatrizes, com aparência de plástico, estava dolorido. Lavou a boca e andou penosamente até a cozinha para fazer café.

Pelo menos tinha um pouco de grãos, também adquiridos numa loja que abastecia os membros da *nomenklatura,* e uma máquina ocidental onde prepará-lo. Considerou a possibilidade de comer alguma coisa, mas resolveu ficar só com o café. Podia depois comer um pedaço de pão em sua escrivaninha. O café ficou pronto em três minutos. Bebeu a xícara de um só gole, ignorando os danos do líquido quente, depois levantou o fone para chamar seu carro. Queria ser apanhado cedo e, embora não dissesse que desejava visitar a casa de banhos, o sargento que atendeu ao telefone na garagem sabia o motivo.

Vinte minutos mais tarde Misha saía pela porta principal do edifício. Seus olhos lacrimejavam, e ele os estreitou dolorosamente contra o vento noroeste que tentava empurrá-lo de volta. O sargento pensou em alcançá-lo e firmar seu coronel, mas Filitov inclinou o corpo para contrabalançar os efeitos da mão invisível da natureza e entrou no carro da maneira que sempre fazia, como se estivesse embarcando em seu velho T-34 para combater.

— Para os banhos, camarada coronel? — quis saber o sargento, depois de acomodar-se no banco da frente.

— Você vendeu a vodca que eu lhe dei?

— Bem... sim, camarada coronel — respondeu o jovem.

— Bom para você, é muito mais saudável do que bebê-la. Aos banhos. Rápido — declarou o coronel, fingindo seriedade —, e talvez eu sobreviva.

— Se os alemães não conseguiram matá-lo, meu coronel, duvido que uma pequena quantidade de boa vodca russa consiga fazer isso — disse alegremente o rapaz.

Misha permitiu-se uma risada, aceitando com bom humor a ponta-da em sua cabeça. O motorista até mesmo se parecia com o cabo Romanov.

— O que acha de ser um oficial, algum dia?

— Obrigado, camarada coronel, mas desejo voltar à faculdade para terminar meus estudos. Meu pai é engenheiro químico e gostaria de seguir sua carreira.

— Pois então ele é um homem de sorte, sargento. Vamos andando. O carro chegou ao prédio desejado em dez minutos. O sargento deixou que o coronel descesse, depois estacionou num dos espaços reservados de onde ele podia observar as portas. Acendeu um cigarro e abriu um livro. Era um bom emprego esse, muito melhor do que arrastar-se na lama com uma companhia de combate. *Pobre coitado,* pensou ele, *ser assim tão sozinho.* Que sorte miserável um herói chegar a esse ponto.

No interior, a rotina era tão rígida que Misha poderia tê-la realizado dormindo. Depois de despir-se, apanhou sua toalha, os chinelos, os ramos de vidoeiro e foi até a sala de vapor. Viera mais cedo do que de costume. A maior parte dos freqüentadores regulares ainda não chegara. Melhor assim. Aumentou o fluxo de água nos tijolos refratários e sentou-se para permitir que sua cabeça latejante se desanuviasse. Três outros espalhavam-se pela sala. Reconheceu dois deles, mas não eram amigos e nenhum parecia ter vontade de falar. Para Misha estava ótimo assim. O simples fato de mover a mandíbula doía, e a ação da aspirina parecia mais lenta naquela manhã.

Quinze minutos mais tarde, o suor brotava do corpo branco. Levantou os olhos para observar o atendente, ouviu a cantilena de sempre sobre as bebidas — ninguém quis nada ainda —, mais a parte sobre a piscina. Parecia uma coisa natural para um homem naquele trabalho dizer, mas o que a combinação exata de palavras significava era: *Tudo certo. Estou pronto para a transferência.* Em resposta, Misha limpou o suor das sobrancelhas num gesto exagerado e comum aos homens de sua idade. *Pronto.* O atendente saiu. Vagarosamente, Misha começou a contar até trezentos. Quando chegou a 257, um de seus companheiros alcoólatras levantou-se e saiu. Misha reparou no fato, mas não se preocupou. Tinha muita prática para isso. Quando chegou a trezentos, ergueu-se com um movimento oscilante dos joelhos e deixou a sala sem uma palavra.

O ar estava muito mais frio no vestiário, mas ele notou que o outro homem ainda não saíra. Falava sobre algum assunto com o atendente. Misha esperou com paciência que o atendente reparasse nele, o que aconteceu logo. O jovem veio em seguida, e o coronel andou alguns passos para encontrá-lo. Misha tropeçou num ladrilho solto e quase caiu. Seu braço bom projetou-se para a frente. O atendente o segurou, ou quase o fez. Os ramos de vidoeiro caíram ao chão.

O jovem apanhou-os num instante e ajudou Misha a firmar-se. Em mais alguns segundos deu-lhe uma toalha limpa para o banho de chuveiro e colocou-se a caminho.

— Está bem, camarada? — indagou o outro homem do canto distante do aposento.

— Sim, obrigado. São meus velhos joelhos, e esse velho assoalho. Eles deviam cuidar melhor do assoalho.

— Deviam mesmo. Venha, vamos tomar uma ducha juntos — convidou o homem. Tinha cerca de 40 anos, e não havia nada notável nele, à exceção dos olhos injetados. Mais um bebedor, reparou imediatamente Misha. — Esteve na guerra, então?

— Como tanquista. O último canhão alemão me acertou... mas eu também o acertei, no *saliente de Kursk.*

— Meu pai esteve lá. Ele serviu no Sétimo Exército, sob o comando de Koniev.

— Eu estava do outro lado: Segundo de Tanques, sob o comando de Konstantin Rokossovsky. Minha última batalha.

— Posso ver por quê, camarada...

— Filitov, Mikhail Semyonovich, coronel da Divisão de Tanques.

— Sou Klementi Vladimirovich Vatutin, mas não sou herói. É um prazer conhecê-lo, camarada.

— É bom para um velho ser tratado com respeito.

O pai de Vatutin havia servido na campanha em Kursk, mas como agente político. Ele havia se aposentado como coronel da NKUD, e seu filho seguira suas pegadas naquela agência de segurança interna que depois se tornou a KGB.

Vinte minutos depois, o coronel saiu para seu escritório, e o atendente dos banhos esgueirou-se pela porta traseira e entrou na lavanderia a seco. O gerente da loja precisou ser chamado na sala de equipamentos, onde estivera lubrificando uma bomba. Como simples medida de segurança, o homem que apanhou o filme não deveria saber o nome do outro, nem onde ele trabalhava. Embolsou o magazine, passou três garrafas de meio litro de bebida e voltou a lubrificar a bomba, seu coração batendo rápido, como sempre acontecia em tais dias. Achava muito divertido o fato de que seu trabalho de cobertura como "agente" da CIA — um soviético trabalhando para a agência americana de informações — funcionava em seu próprio benefício fiscal. O comércio ilícito de álcool pagava em rublos

"certificados", que poderiam ser utilizados para comprar bens ocidentais e gêneros alimentícios de primeira nas lojas de moeda estável. Pesou aquilo contra a tensão de sua missão enquanto retirava o óleo da superfície da máquina com as mãos. Fazia parte daquela corrente de "elos" há seis meses, e, embora não soubesse ainda, seu trabalho na corrente logo estaria terminado. Ainda seria usado para passar informações, mas não para o Cardeal. Em pouco tempo o homem dos banhos estaria procurando outro emprego, e aquela corrente de agentes sem nome seria dissolvida — e impossível de seguir, mesmo para os incansáveis agentes de contra-inteligência do Segundo Diretório da KGB.

Quinze minutos mais tarde, uma cliente habitual apareceu com um de seus casacos ingleses. Era um modelo Aquascutum, com o forro de náilon removido. Como sempre, ela disse alguma coisa sobre tomar um cuidado especial e ser especialmente delicado com o casaco, e como sempre ele protestou afirmando que aquela era a melhor lavanderia em toda a União Soviética. Mas não possuía formulários impressos, e ele escreveu três vias à mão, usando folhas de papel carbono. A primeira foi presa ao casaco com um alfinete, a segunda foi para uma pequena caixa e a terceira... mas primeiro ele verificou os bolsos.

— Camarada, esqueceu alguns trocados aqui. Agradeço, mas não precisamos do dinheiro extra. — Ele passou as moedas e o recibo. E mais alguma coisa. Era tão fácil... Ninguém verificava os bolsos, como no Ocidente.

— O senhor é de fato um homem honrado — disse a mulher, com estranha formalidade, muito comum na União Soviética. — Bom dia, camarada.

— Igualmente — respondeu o homem. — O próximo!

A mulher — seu nome era Svetlana — andou até a estação de metrô, como sempre. Seu horário lhe permitia um andar vagaroso no caso de problemas em algum estágio da entrega. As ruas de Moscou estavam sempre cheias de pessoas apressadas que não sorriam, muitas das quais olhavam para seu casaco com uma ponta de inveja. Ela possuía uma vasta coleção de roupas inglesas, tendo viajado ao Ocidente em várias oportunidades como parte de seu trabalho no Gosplan, órgão soviético de planejamento econômico. Na Inglaterra fora recrutada pelo Serviço Secreto Britânico de Inteligência. Fora utilizada na corrente do Cardeal porque a CIA não tinha muitos agentes disponíveis na Rússia, e ela

realizava trabalhos cuidadosamente escolhidos para ficar no centro da corrente, nunca perto das pontas. Os dados que ela mesma proporcionava ao Ocidente eram informações econômicas de baixo nível, e seus serviços ocasionais como mensageira eram na verdade mais úteis do que as informações das quais tanto se orgulhava. Seu controlador nunca lhe dissera aquilo, claro; cada espião julga que possui as informações mais vitais que já saíram do país. Isso tornava o jogo mais interessante, e, por todas as motivações ideológicas (ou outras) envolvidas, os espiões viam sua obra como o maior de todos os jogos, uma vez que precisavam ludibriar os mais formidáveis aparatos de seus próprios países. Svetlana na verdade apreciava o fato de viver perigosamente entre a vida e a morte, embora não soubesse por quê. Também acreditava que seu pai, altamente colocado — um membro já antigo do Comitê Central —, poderia protegê-la de qualquer coisa. Afinal de contas, sua influência permitia que ela viajasse para a Europa ocidental duas ou três vezes por ano, não era? Um homem pomposo, seu pai, mas Svetlana era sua única filha, a mãe de seu neto e o centro de seu universo.

Ela entrou na estação Kuznetsky Most a tempo de ver um trem partindo. Calcular o tempo era a parte mais difícil. Na hora do *rush,* os trens do metrô soviético corriam de trinta em trinta segundos. Svetlana verificou seu relógio, e mais uma vez calculou sua chegada com perfeição. O contato estaria no próximo trem. Andou ao longo da plataforma para o local exato onde estaria a porta dianteira do segundo carro daquele trem, assegurando-se de que seria a primeira a embarcar. Suas roupas ajudaram. Freqüentemente passava por estrangeira, e os moscovitas tratavam os estrangeiros com deferência geralmente reservada à realeza — ou os gravemente enfermos. Não teve que esperar muito tempo. Logo escutou o rumor de um trem que se aproximava. As cabeças se voltaram, como faziam sempre, para ver as luzes do primeiro carro que se aproximava, e o ruído dos freios encheu a estação abobadada com um guincho agudo. As portas se abriram e uma pequena multidão saiu. Svetlana então embarcou e deu alguns passos em direção à traseira do carro. Agarrou a barra de apoio no alto — todos os assentos encontravam-se ocupados, e nenhum homem lhe ofereceu lugar — e ficou de frente antes que o trem andasse novamente. Sua mão esquerda, sem luva, permaneceu no bolso do casaco.

Nunca vira o rosto do seu contato no trem, mas sabia que ele já vira o seu. Quem quer que fosse, ele apreciava sua figura esguia. Ela sabia disso

por causa do sinal. No aperto do carro apinhado, uma mão escondida por uma cópia do *Izvestia* correu ao longo de sua nádega esquerda e parou para apertar suavemente. Aquilo era novidade e ela lutou contra o impulso de ver o rosto do contato. Seria um bom amante? Até que poderia ter mais um. Seu ex-marido era tão... mas não. Dessa maneira era mais poético, mais russo, que um homem cuja face nunca vira a achasse bonita e desejável. Ela agarrou o filme entre o polegar e o indicador, aguardando dois minutos para que o trem parasse em Pushkinskaya. Seus olhos estavam fechados, e um milímetro de sorriso se formava em seus lábios enquanto ela imaginava a identidade e os atributos do contato cujas mãos a acariciavam. Teria horripilado seu agente controlador, mas não exteriorizou sinal algum.

O trem diminuiu a velocidade. Pessoas levantaram dos assentos, e os que estavam em pé prepararam-se para sair. Svetlana tirou a mão do bolso. O magazine estava escorregadio, ela não sabia se era água ou alguma substância oleosa da lavanderia. A mão abandonou seu quadril — uma longa e vagarosa trilha de pressão suave — e elevou-se para receber o pequeno cilindro metálico enquanto seu rosto virava para a direita.

Logo atrás dela, uma mulher idosa tropeçou nos próprios pés e foi de encontro ao contato. A mão dele bateu no magazine, arrancando-o de Svetlana. Por um momento ela não percebeu o que acontecera, e no instante seguinte o homem estava de quatro apanhando o filme. Ela olhou para baixo, mais surpresa do que assustada, vendo a parte traseira da cabeça do contato. Ele estava ficando careca, e o cabelo em volta de suas orelhas era cinza — era um velho! Em um momento ele apanhou o magazine e ficou em pé. *Velho mas ágil,* pensou ela, vendo de relance a forma do maxilar. Um perfil forte — sim, ele seria um bom amante, e talvez do tipo paciente, o melhor de todos. Ele desceu do trem, e ela aclarou a mente. Svetlana não reparou que um homem sentado ao lado esquerdo do carro levantara-se e andava contra as pessoas que entravam, saindo um segundo antes que as portas se fechassem novamente.

Chamava-se Boris, um agente do turno da noite no quartel-general da KGB, e estava a caminho de casa. Geralmente lia um jornal de esportes — o *Sovietsky Sport* —, mas nesse dia esquecera-se de comprar seu exemplar na banca do prédio do quartel-general, e acidentalmente enxergara no chão sujo e preto do vagão um objeto que só poderia ser um magazine de filme, e pequeno demais para vir de uma câmera comum. Não vira a tentativa de

mudá-lo de mãos, e não sabia quem o deixara cair. Presumiu que fosse o homem na casa dos 50, notando a habilidade demonstrada ao recuperá-lo. Uma vez fora do carro, compreendeu que ocorrera uma transferência, porém ficara surpreso demais para reagir prontamente, surpreso e cansado demais depois de uma longa noite de serviço.

Ele era um ex-agente controlador que agira na Espanha até voltar para casa depois de um ataque do coração, sendo destacado para o turno da noite em sua seção. Seu posto era o de major. Achava que merecia o coronelato pelo trabalho que realizara, mas esse pensamento também não estava em sua mente no momento. Seus olhos percorriam a plataforma, procurando pelo homem de cabelos grisalhos e casaco marrom. *Lá estava]* Ele começou a andar, sentindo uma pequena pon-tada do lado esquerdo do peito enquanto se movia atrás do homem. Ignorou aquilo. Havia deixado de fumar há alguns anos, e o médico da KGB dissera que estava indo bem. Chegou a 5 metros do homem, e não se aproximou mais. Era hora de ter paciência. Seguiu-o através da passagem para a estação Gorkovskaya e sobre a plataforma. Ali as coisas ficavam difíceis. Á plataforma estava apinhada de gente que seguia para o escritório, e ele perdeu contato visual com sua presa. O agente da KGB era um homem baixo e tinha dificuldade entre multidões. Ousaria aproximar-se mais? Isso significaria ter que abrir caminho na multidão... e chamar atenção sobre si. Era perigoso.

Havia sido treinado para isso, é claro, mas aquilo ficara mais de vinte anos atrás, e ele procurava freneticamente os procedimentos em sua mente. Conhecia a técnica de campo, sabia como identificar e despistar um perseguidor, mas era um homem do Primeiro Diretório, e as técnicas de sombreamento usadas pelos furões do Segundo Diretório não constavam de seu repertório. *O que faço agora?* Irritou-se consigo mesmo. Aquela era uma chance e tanto! Os homens do Primeiro Diretório tinham tendência a odiar naturalmente seus equivalentes do Segundo, e apanhar um deles em... Mas e se houvesse um agente do "Dois" por perto? Será que presenciava um exercício de treinamento? Será que naquele momento ele estaria sendo objeto da ira de um agente do "Dois" que tinha seu caso naquele mensageiro? Poderia lhe acontecer tal desgraça? *O que faço agora?* Olhou em volta, esperando identificar o homem da contra-inteligência que pudesse estar "trabalhando" o mensageiro. Não tinha esperança de reconhecer o rosto, mas talvez divisasse um gesto sinalizador. Achou que ainda se lembrava do código. Nada. O *que faço*

agora? Estava suando na fria estação do metrô, e a dor em seu peito aumentava para piorar seu dilema. Existia um sistema de linhas telefônicas ocultas em cada estação do sistema de metrô. Todos os agentes da KGB sabiam utilizar-se delas, porém sabia que não tinha tempo para encontrar e ativar o sistema.

Tinha de seguir o homem. Tinha de correr o risco. Se a decisão provasse ser errada, bem, ele era um agente de campo experiente exercendo seu próprio direito e *tinha procurado* algum sinal. O pessoal do "Dois" iria criticá-lo, mas sabia que podia contar com seus superiores para protegê-lo. A decisão fora tomada, e a dor no peito aquietou-se. Mas restava ainda o problema de localizar o homem. O oficial da KGB abriu caminho através da multidão, suportando as reclamações à medida que progredia, mas finalmente teve o caminho bloqueado por um grupo de trabalhadores que discutia calorosamente sobre algum assunto. Esticou o pescoço para procurar a presa — *Sim! Ainda* em pé, *olhando para a direita...* O som do trem do metrô veio como um verdadeiro alívio.

Permaneceu em pé, tentando não olhar com muita freqüência para o alvo. Ouviu as portas dos carros se abrirem com um assobio, ouviu a mudança súbito no barulho quando os passageiros saíram, depois o rumor arrastado de pés quando as pessoas avançaram em direção às portas.

O carro estava lotado! Seu homem achava-se no interior, mas as portas estavam bloqueadas por corpos. O agente da KGB correu para alcançar a porta traseira e lutou para entrar um momento antes que elas se fechassem. Compreendeu com um arrepio que talvez tivesse sido óbvio demais, porém não havia nada que pudesse fazer quanto a isso. Quando o trem começou a andar, abriu caminho em direção à frente. Pessoas sentadas e em pé repararam no movimento inconveniente. Enquanto observava, alguém ajeitou um chapéu. Três ou quatro jornais foram dobrados — quaisquer desses sinais poderia servir de aviso ao mensageiro.

Um deles serviu. Ed Foley olhava para outro lado depois de ajeitar os óculos com a mão direita enluvada, segurando a outra luva. O mensageiro virou as costas para a frente do carro e repassou seus procedimentos de fuga. Foley repassou os seus. O mensageiro iria livrar-se do filme, expondo-o primeiro ao puxar a tira para fora do invólucro de metal, depois atirando-o na lata de lixo mais próxima. Isso havia acontecido duas vezes anteriormente, ao que ele soubesse, e em ambos os casos o "elo"

conseguira fugir sem problemas. *São treinados para isso,* disse Foley a si mesmo. *Sabem como fazê-lo.* O Cardeal seria avisado, outro filme seria feito e... mas isso nunca acontecera no turno de Foley, e ele precisou usar de toda a sua disciplina para manter o rosto impassível. O mensageiro não fez nenhum movimento. Desceria no ponto seguinte de qualquer jeito. Não fizera nada fora do comum, nada que parecesse anormal. Ele diria que encontrara essa coisa pequena e engraçada, com a — *era um filme, camarada?* — tira para fora no assoalho do carro, e pensou que fosse simplesmente lixo para ser jogado fora. No interior do bolso, o homem tentava puxar o filme para fora do magazine. Quem quer que o tivesse utilizado, sempre deixava alguns milímetros para fora a fim de que se pudesse puxá-lo inteiro para fora — ou assim lhe foi dito. Mas o magazine estava escorregadio, e ele não conseguia segurar com firmeza a ponta exposta. O trem parou novamente e o mensageiro saiu. Não sabia quem o estava seguindo. Não sabia nada, além de que recebera o sinal de fuga, e esse sinal também lhe dizia para destruir o material que levava da forma combinada — mas nunca tivera de fazer isso antes. Tentou não olhar ao redor e saiu da estação tão rapidamente quanto qualquer um na multidão. De sua parte, Foley nem ao menos olhou para fora pela janela do trem. Era quase inumano, mas conseguiu controlar-se, temendo acima de tudo colocar seu agente em perigo.

O mensageiro subia sozinho num dos degraus da escada rolante. Apenas mais alguns segundos e ele estaria na rua. Encontraria um beco para expor o filme e um esgoto para jogá-lo fora, junto com o cigarro que acabava de acender. Um movimento suave da mão, e mesmo que fosse apanhado não haveria provas, e sua história, decorada e praticada diariamente, era boa o bastante para confundir a KGB. Sua carreira como espião estava terminada agora. Sabia disso e ficou surpreso com a onda de alívio que o envolveu como um banho quente e confortável.

O ar era um frio lembrete da realidade, mas o sol se elevava e o céu estava límpido. Voltou-se para a direita e começou a andar. Havia uma viela a meio quarteirão de distância, e uma grade de esgoto que poderia utilizar. Seu cigarro terminaria exatamente ao chegar lá, outro aspecto que havia praticado. Agora, se conseguisse tirar o filme do magazine e expô-lo à luz do sol... Merda. Retirou sua outra luva e esfregou as mãos. O mensageiro usou as unhas para apanhar a ponta do filme. Pronto! Ele amassou o filme, colocou o magazine de volta ao bolso, e...

— Camarada! — *A voz era forte para um homem de sua idade,* pensou o mensageiro. Os olhos castanhos brilhavam em sinal de alerta, e a mão em seu bolso parecia forte. A outra, notou, escondia-se no bolso do homem. — Quero ver o que tem na mão.

— Quem é você? — retrucou o mensageiro. — O que significa isso? A mão direita balançou dentro do próprio bolso.

— Sou o homem que vai matar você aqui na rua, a menos que veja o que tem na mão. Sou o major Boris Churbanov. — Churbanov sabia que isso logo seria falso. Pela expressão no rosto do homem, sabia que tinha assegurado o posto de coronel.

Foley chegou ao escritório dez minutos depois. Mandou um de seus homens — na verdade uma mulher — sair às ruas para procurar sinais de que a dispensa do material fora bem-sucedida, e tinha esperança de haver bancado o bobo, apenas reagindo exageradamente a um passageiro habitual com pressa de chegar ao trabalho. Mas... havia alguma coisa naquele rosto que dizia profissional. Foley não sabia exatamente o quê, mas estivera lá. Tinha as mãos estendidas sobre a escrivaninha e ficou olhando para elas durante vários minutos.

O que fiz de errado?, perguntava a si mesmo. Fora treinado para realizar aquilo também, analisar as ações passo a passo, procurando falhas procurando erros, procurando... Fora seguido? Freqüentemente o era é claro, como todos os americanos que trabalhavam com o pessoal da embaixada. Chamava "George" ao homem que sempre o seguia. Mas George não estava presente com muita freqüência. Os russos não sabiam quem era Edward Foley. Tinha certeza disso. Esse pensamento lhe ficou atravessado na garganta. Ter certeza sobre qualquer coisa no negócio de espionagem era o caminho mais certo para o desastre. Esse era o motivo pelo qual nunca falhara nos procedimentos, nunca se desviara do treinamento que fora introduzido nele em Camp Peary, no rio York na Virgínia, e depois colocado em prática pelo mundo inteiro.

Bem. A próxima coisa a fazer estava predeterminada. Foi até a sala de comunicações e enviou um telex para Foggy Bottom. Este, entretanto, foi para um número cujo tráfego nunca era rotina. No espaço de um minuto de seu recebimento, um agente de plantão em Langley dirigiu até State para apanhá-lo. As palavras da mensagem eram inócuas, mas O significado não: PROBLEMAS NA LINHA DO CARDEAL. DADOS COMPLETOS A CAMINHO.

Eles não o levaram para a Praça Dzerzhinsky. O quartel-general da KGB, usado como prisão há tanto tempo — um calabouço, considerando tudo o que acontecia lá —, era agora exclusivamente um prédio de escritórios, uma vez que a agência se expandira em obediência à lei de Parkinson, absorvendo todo o seu espaço disponível. Agora os interrogatórios eram realizados no Presídio Lefortovo, a um quarteirão do Cinema Sputnik. Havia muito espaço ali.

Ele estava sentado sozinho numa sala contendo uma mesa e três cadeiras. Nunca ocorrera ao mensageiro a idéia de resistir, e mesmo agora ele não compreendera que, se tivesse corrido ou lutado com o homem que o prendera, podia estar livre ainda. Não era a idéia de que o major Churbanov estivesse armado — não estava —, mas simplesmente que aos russos, quando privados de liberdade, freqüentemente faltam os conceitos necessários para uma resistência ativa. Assistira sua vida acabar. Aceitava isso. O mensageiro tinha temores, mas temia apenas o que tinha de ser. Não se pode lutar contra o destino, disse a si mesmo.

— Então, Churbanov, o que temos aqui? — quem fez a pergunta foi um capitão do Segundo Diretório, com cerca de 30 anos de idade.

— Peça para alguém revelar isso. — Ele entregou o magazine. — Acho que este homem é um agente mensageiro. — Churbanov descreveu o que tinha visto e o que tinha feito. Não disse que havia rebobinado o filme de volta ao magazine. — Foi pura sorte eu ter descoberto o homem — concluiu.

— Não sabia que o pessoal do "Um" fazia esse tipo de coisa, camarada major. Muito bem!

— Estava com receio de estragar alguma operação de vocês, e...

— A essa altura já saberia. É necessário que faça um relatório completo. Se quiser acompanhar o sargento, ele o levará até uma estenógrafa. Vou convocar também uma equipe completa de verificação. Isso vai levar algumas horas. Talvez queira avisar sua esposa.

— O filme — insistiu Churbanov.

— É claro. Eu mesmo vou levá-lo ao laboratório. Se você acompanhar o sargento, vou ao seu encontro em dez minutos.

O laboratório ficava na ala oposta da prisão. O Segundo Diretório tinha uma pequena instalação ali, uma vez que a maior parte do trabalho centralizava-se em Lefortovo. O capitão surpreendeu o técnico do laboratório entre dois serviços, e o processo de revelação foi

imediatamente iniciado. Enquanto esperava, telefonou para seu coronel. Ainda não havia maneira de saber o que aquele homem do "Um" descobrira, mas era quase certo que se tratava de um caso de espionagem, e todos eles eram tratados como assuntos de grande importância. O capitão balançou a cabeça. Um veterano ex-agente de campo tropeçando num assunto como aquele.

— Terminado. — O técnico voltou. Havia revelado o filme e produzido uma ampliação, ainda úmida do processamento. Ele devolveu também o filme revelado, no interior de um pequeno envelope de papel manilha. — O filme foi exposto à luz e rebobinado. Consegui salvar parte de uma exposição. E interessante, mas não tenho idéia do que seja.

— E quanto ao resto?

— Nada pode ser feito. Uma vez que o filme foi exposto à luz solar, os dados foram totalmente destruídos.

O capitão examinou a ampliação enquanto o técnico dizia mais alguma coisa. Tratava-se principalmente de um diagrama, com títulos em letras de fôrma. As palavras no alto do diagrama diziam: COMPLEXO ESTRELA BRILHANTE 1, e um dos pedaços de outro ca-beçalho era DISPOSIÇÃO DO LASER. O capitão disse um palavrão e deixou a sala.

O major Churbanov tomava chá com a equipe de verificação quando o capitão voltou. O cenário era de camaradagem. Ficaria ainda mais.

— Camarada major, o senhor descobriu algo da mais alta importância — afirmou o capitão.

— Sirvo à União Soviética — respondeu tranqüilamente Churbanov. Era a resposta perfeita, a recomendada pelo Partido. Talvez pulasse o posto de tenente-coronel e se tornasse um coronel...

— Deixe-me ver — pediu o chefe da equipe de verificação. Era um coronel, e examinou cuidadosamente a ampliação. — Isso é tudo?

— O resto foi destruído.

O coronel grunhiu. Aquilo iria criar um problema, mas não tão grande assim. O diagrama seria suficiente para identificar o local, onde quer que fosse. O desenho parecia ser o trabalho de uma pessoa jovem, provavelmente uma mulher em virtude do capricho. O coronel fez uma pausa e olhou através da janela por alguns segundos.

— Isso precisa ir para o alto, e depressa. O que está descrito aqui é... bem, eu nunca ouvi falar nisso, mas deve ser um assunto do mais alto sigilo. Comecem vocês a verificação, camaradas. Preciso dar alguns

telefonemas. Você, capitão, leve o magazine para o laboratório verificar as impressões digitais e...

— Camarada, eu o segurei com as mãos nuas — disse Churbanov, envergonhado.

— Não tem nada de que se desculpar, camarada major, sua vigilância foi mais do que exemplar — afirmou generosamente o coronel. — Verifique as impressões de qualquer modo.

— O espião? — perguntou o capitão. — Que tal interrogá-lo?

— Precisamos de alguém com experiência. Conheço o homem certo. — O coronel levantou-se. — Vou telefonar para ele também.

Muitos pares de olhos o observavam, avaliando-o, ao seu rosto, sua determinação, sua inteligência. O mensageiro ainda estava só na sala de interrogatório. Os cordões de seus sapatos foram retirados, é claro, além do cinto, os cigarros e tudo o mais que pudesse lhe servir de arma contra si mesmo. Não havia maneira de medir o tempo, e a falta de nicotina o deixava irritado e ainda mais nervoso do que deveria estar. Correu o olhar pela sala e viu um espelho, que permitia a visão do outro lado, embora ele não soubesse disso. A sala era completamente à prova de sons, negando-lhe até mesmo a possibilidade de medir o tempo através do som das passadas no corredor externo. Seu estômago roncou algumas vezes, mas fora isso não produziu nenhum som. Finalmente a porta se abriu.

O homem que entrou tinha por volta de 40 anos e estava bem vestido com roupas civis. Trazia algumas folhas de papel. O homem deu a volta até o outro lado da mesa e não olhou para o mensageiro até sentar-se. Quando o fez, seus olhos mostravam desinteresse, como alguém no zoológico examinando uma criatura de uma terra distante. O mensageiro tentou manter o olhar impassível, mas não conseguiu. O interrogador já sabia que aquele seria fácil. Depois de quinze anos, ele sempre podia prever.

— Você tem uma escolha — declarou ele, depois de pouco mais de um minuto. Sua voz não era dura, mas tinha um tom decidido. — Pode ser fácil para você, ou pode ficar muito desagradável. Você cometeu traição contra a Mãe Pátria. Não preciso dizer o que acontece com traidores. Se deseja viver, vai me dizer agora, hoje, tudo o que sabe. Se não fizer isso, vamos descobrir de qualquer maneira e você morrerá. Se nos disser tudo hoje, sèr-lhe-á permitido viver.

— Vocês vão me matar de qualquer jeito — observou o mensageiro.

— Isso não é verdade. Se cooperar hoje, será na pior das hipóteses sentenciado a uma pena extensa num campo de trabalho de regime rigoroso. É até possível que o utilizemos para desmascarar outros espiões. Se for assim, será enviado para um campo de regime moderado, para cumprir uma pena menor. Mas, para que isso aconteça, você precisa cooperar, hoje. Vou explicar. Se retomar sua vida normal imediatamente, as pessoas para as quais trabalha podem não ficar sabendo que o prendemos. Portanto, continuarão a utilizá-lo e isso nos permitirá usar você para apanhá-los no ato de espionar a União Soviética. Você testemunhará contra eles nos tribunais, e isso permitirá que o Estado demonstre clemência. Demonstrar clemência em público é uma coisa útil ao Estado. Mas para que tudo isso aconteça, para salvar sua vida e expiar seus crimes, precisa cooperar hoje. A voz parou por um instante, e suavizou-se ainda mais.

— Camarada, não tenho nenhum prazer em produzir dor nas pessoas, mas, se meu trabalho assim o exigir, darei a ordem sem hesitação. Não pode resistir ao que faremos com você. Ninguém pode. Não importa o quanto seja corajoso, seu corpo tem limitações. O meu também. É só uma questão de tempo. O tempo é importante para nós apenas nas primeiras horas, compreende? Depois disso podemos demorar todo o tempo que quisermos. Um homem com um martelo pode quebrar a mais dura das rochas. Poupe-se da dor, camarada. Salve sua vida — concluiu a voz. Os olhos, que eram estranhamente tristes e determinados ao mesmo tempo, fixaram-se no mensageiro.

O interrogador percebeu que tinha vencido. Sempre se podia saber pelos olhos. Os desafiadores, os difíceis, não desviavam os olhos. Podiam encarar os seus, ou mais freqüentemente um ponto fixo na parede atrás, porém os resolutos fixavam um ponto e retiravam dali sua força. Mas não esse. Seus olhos passeavam pela sala, buscando força e não encontrando nada. Bem, ele esperara mesmo que fosse fácil. Talvez mais um gesto...

—Gostaria de fumar? —O interrogador retirou um maço do bolso e sacudiu-o, derrubando um cigarro sobre a mesa.

O mensageiro apanhou-o, e o papel branco do cigarro foi sua bandeira de rendição.

10
AVALIAÇÃO DE DANOS

— O que sabemos? — indagou o juiz Moore.

Passava um pouco das 6 horas da manhã em Langley, antes do alvorecer, e a vista do lado de fora das janelas combinava com o desânimo que o diretor e seus principais subordinados sentiam.

— Alguém estava seguindo o "elo" número quatro — disse Ritter. O vice-diretor de Operações folheou os papéis em sua mão. — Ele avistou o perseguidor poucos antes que a transferência fosse realizada, e deu o sinal para que o agente saísse. O perseguidor provavelmente não viu seu rosto e saiu atrás do agente. Foley disse que o homem parecia desajeitado... Isso é estranho, mas Foley usou o instinto, e ele é muito bom nisso. Colocou um agente na rua para procurar o sinal de que o "elo" despistara o perseguidor, mas não foi encontrado. Temos de presumir que o "elo" foi "queimado" e temos de presumir que o filme está nas mãos deles também, até provarmos o contrário. Foley quebrou a corrente. O Cardeal será notificado para nunca mais usar seu receptador. Vou dizer a Ed para usar a rotina de dados perdidos, e não a de emergência.

— Por quê? — quis saber o almirante Greer. O juiz Moore respondeu.

— A informação que estava a caminho é muito importante, James. Se dermos o sinal de emergência, ele pode... bem, dissemos a ele que, caso isso acontecesse, ele deveria destruir tudo o que pudesse incriminá-lo. E se ele não puder recriar as informações? Precisamos delas.

— Além do mais, Ivã precisa fazer muita coisa para chegar até ele —continuou Ritter. — Quero que Foley receba os dados restaurados e os envie, depois... depois quero retirar o Cardeal de uma vez por todas. Ele já pagou suas dívidas. Depois que obtivermos os dados, então daremos o sinal de emergência, e, se tivermos sorte, vai assustá-lo o suficiente para convencê-lo a sair.

— Como quer fazer isso? — perguntou Moore.

— Pela via molhada, no norte — respondeu o vice de Operações.

— Alguma sugestão, James? — indagou Moore ao vice de Inteligência.

— Faz sentido. Leva algum tempo para preparar. Dez a catorze dias.

— Vamos fazer isso hoje. Você liga para o Pentágono e faz o pedido. Certifique-se de que eles nos dêem um bom meio.

— Certo — concordou Greer, depois sorriu. — Já sei que barco vou pedir.

— Logo que soubermos qual é, enviaremos nosso homem para lá. Usaremos o senhor Clark — disse Ritter. Cabeças afirmaram sua concordância. Clark era uma pequena lenda no Diretório de Operações. Se havia alguém que podia fazê-lo, esse alguém era ele.

— Muito bem, envie a mensagem a Foley — declarou o juiz. — Tenho que dar conhecimento disso ao presidente. — Não estava ansioso para fazê-lo.

— Ninguém dura para sempre. O Cardeal já teve sorte por três vezes — disse Ritter. — Lembre-se também de dizer isso a ele.

. — Certo. Muito bem, cavalheiros; ao trabalho. O almirante Greer foi imediatamente para seu escritório. Eram quase 7 horas, e ele ligou para o OP-02, no Pentágono, o gabinete do subchefe de Operações Navais (Guerra Submarina). Depois de identificar-se, fez a primeira pergunta:

— O que o *Dallas* está fazendo?

O capitão Mancuso também já estava trabalhando. Sua última missão no USS *Dallas* começaria em cinco horas. Ele zarparia com a maré. Avante, os engenheiros já colocavam a postos o reator nuclear. Enquanto seu oficial imediato colocava as coisas em andamento, o capitão examinava novamente as ordens da missão. Iria ' 'para o norte" uma última vez. Na Marinha dos Estados Unidos e na Marinha Real britânica, ' 'para o norte" significava o mar de Barents, o local de manobras da Marinha soviética. Uma vez lá, conduziria o que a Marinha oficialmente denominava *pesquisa oceanográfica,* e no caso do USS *Dallas* significava que passaria todo o tempo possível seguindo submarinos soviéticos lançadores de mísseis. Não era um trabalho fácil, mas Mancuso era perito naquilo, e tinha certa feita observado um *boomer* russo mais de perto do que qualquer outro comandante de submarino americano. Não podia discutir o assunto com ninguém, claro, nem mesmo com seus colegas comandantes. Sua segunda medalha de mérito em serviço, conquistada nessa missão, era sigilosa e ele não podia usá-la; embora sua existência constasse na parte confidencial de sua ficha pessoal, a medalha em si não existia. Mas tudo aquilo ficara para trás, e Mancuso era um homem que

sempre olhava para a frente. Se tinha de cumprir mais uma missão, bem que podia ser "para o norte". Seu telefone tocou.

— Capitão falando — atendeu ele.

— Bart, Mike Williamson — disse o comandante do Grupo Dois de Submarinos. — Preciso de você aqui, imediatamente.

— A caminho, senhor. — Mancuso desligou, surpreso. Em um minuto ele subia a escada, saía do barco e andava ao longo do cais betuminoso no Tâmisa, onde o carro do almirante aguardava. Entrou no escritório do Grupo Dois quatro minutos depois.

— Mudança nas ordens — anunciou o contra-almirante Williamson tão logo a porta foi fechada.

— O que há?

— Você vai fazer uma corrida a toda velocidade para Faslane. Algumas pessoas vão encontrá-lo lá. Isso é tudo que eu sei, mas as ordens foram originadas em OP-02 e vieram através de um dos nossos submarinos no Atlântico em cerca de trinta segundos. — Williamson não precisou dizer mais nada. Alguma coisa muito "quente" estava acontecendo. Assuntos "quentes" chegavam ao *Dallas* com freqüência. Na verdade vinham para Mancuso, mas afinal ele encarnava o *Dallas*.

— Minha seção de sonar ainda está um pouco crua — informou o capitão. — Tenho alguns jovens bons, mas meu novo chefe está no hospital. Se esta missão vai ser especialmente "cabeluda"...

— O que precisa? — quis saber o almirante Williamson, escutando depois a resposta. — Muito bem, vou trabalhar nisso. Você tem cinco dias para chegar à Escócia, e posso conseguir alguma coisa até lá. Dê duro no comando, Bart.

— Sim, senhor! — Ele descobriria o que se passava quando chegasse a Faslane.

— Como está, russo? — perguntou o Arqueiro. Ele estava melhor. Nos dois dias anteriores tivera certeza de que iria

morrer. Agora já não parecia tão convicto. Esperança falsa ou não, era algo que não existia antes. Churkin perguntava-se agora se haveria realmente um futuro em sua vida e se existiria alguma coisa que pudesse lhe provocar medo. Medo. Havia esquecido isso. Enfrentara a morte por duas vezes num curto período de tempo. Uma vez no avião em chamas que caía, atingindo o chão e assistindo ao instante em que sua vida terminara; depois, acordando da morte para encontrar um bandido afegão debruçado

sobre ele com uma faca, encarara a morte ainda uma vez, apenas para vê-la parar e partir. Por quê? Aquele bandido, o que tinha um olhar estranho, duro e suave ao mesmo tempo, sem piedade e cheio de compaixão, queria que ele vivesse. Por quê? Churkin tinha tempo e energia para fazer a pergunta agora, mas eles não lhe deram resposta.

Estava sendo transportado em algum veículo. Churkin percebeu que estava deitado sobre metal. Um caminhão? Não, havia uma superfície plana sobre sua cabeça, também metálica. Onde estou? Tinha de estar escuro lá fora. Nenhuma luz passava atrás das seteiras no lado do... estava num carro blindado de transporte! Onde os bandidos teriam conseguido um daqueles? Para onde o estavam...

Eles o levavam para o Paquistão! Pretendiam entregá-lo aos... americanos? A esperança transformou-se em desespero. Tossiu novamente, e sangue fresco saiu de sua boca.

De sua parte, o Arqueiro sentia-se com sorte. Seu grupo encontrara outro, que levava dois transportadores soviéticos blindados de infantaria BTR-60 para o Paquistão, e ficaram contentes em carregar os feridos de seu bando com eles. O Arqueiro era famoso, e não faria nenhum mal ter um atirador de SAM protegendo-os, se helicópteros russos aparecessem. Mas era pequena a possibilidade de que isso acontecesse. As noites eram longas, o tempo havia piorado, a média de velocidade era de quase 15 quilômetros por hora nos lugares planos, e não menos de 5 em terreno pedregoso. Chegariam à fronteira em uma hora, e aquele trecho era controlado pelos *mudjahidin.* Os guerrilheiros começavam a relaxar. Logo teriam uma semana de relativa paz, e os americanos pagavam bem por equipamento soviético. Este possuía dispositivos de visão noturna que o motorista utilizava para escolher o caminho através da estrada na montanha. Em troca poderiam obter foguetes, munição para morteiros, algumas metralhadoras e suprimentos médicos.

As coisas corriam bem para os *mudjahidin.* Havia rumores de que os russos poderiam realmente retirar-se do país. Seus soldados não procuravam mais combate direto com os afegães. Os soviéticos usavam a infantaria principalmente para obter contato, depois chamavam a artilharia e apoio aéreo. Colocando de lado alguns bandos de pára-quedistas maldosos e os odiados comandos *Spetznaz,* os afegães sentiam que haviam adquirido a superioridade moral nos campos de batalha — devida, claro, à sua causa sagrada. Alguns de seus líderes na verdade falavam em vencer, e

a conversa chegara até os combatentes. Agora também eles tinham esperança de outra coisa além da continua guerra santa.

Os dois transportadores atingiram a fronteira à meia-noite. Dali em diante seria mais facial. A estrada que levava ao Paquistão era protegida agora pelas próprias forças. Os pilotos do APC poderiam aumentar a velocidade e chegavam a divertir-se com o que faziam. Alcançaram Miram Shah três horas depois. O Arqueiro desceu primeiro, levando com ele o prisioneiro russo e seus feridos.

Encontrou Emilio Ortiz esperando por ele com uma lata de suco de maçã. Os olhos quase saíram das órbitas quando percebeu que o homem carregado pelo Arqueiro era um russo.

— Meu amigo, o que trouxe para mim?

— Está gravemente ferido, mas aqui está o que ele é. — O Arqueiro passou uma das divisas de ombro, depois uma valise. — E isso é o que ele levava.

— Filho da puta! — xingou Ortiz em inglês. Viu o sangue coagulado ao redor da boca do homem e percebeu que

suas condições de saúde não eram promissoras, mas... que captura! Levou mais um minuto acompanhando os feridos até o hospital de campanha antes que a próxima pergunta viesse à sua cabeça: *Que diabos vamos fazer com ele?*

A equipe médica ali era composta principalmente de franceses, com poucos italianos e alguns suíços. Ortiz conhecia a maioria e suspeitava de que muitos deles enviavam informações ao DGSE, o departamento francês de contra-espionagem. O que importava, entretanto, era que havia ali alguns ótimos médicos e enfermeiras. Os afegães também sabiam disso e os protegiam como protegeriam a própria pessoa de Alá. O cirurgião que fazia a seleção colocou o russo em terceiro lugar na lista de operações. Uma enfermeira o medicou e o Arqueiro deixou Abdul encarregado de manter um olho nas coisas. Não tinha trazido o russo de tão longe para que morresse assassinado. Ele e Ortiz afastaram-se para conversar.

— Fiquei sabendo o que aconteceu em Ghazni — disse o agente da CIA.

— Foi a vontade de Deus. Esse russo perdeu um filho. Não consegui... talvez eu tenha matado o suficiente para um dia. — O Arqueiro deu um longo suspiro. — Ele será útil?

— Isto aqui é. — Ortiz já folheava os documentos. — Meu amigo, você não sabe o que fez. Bem, vamos falar sobre as últimas duas semanas?

O relato durou até o amanhecer. O Arqueiro apanhou seu pequeno diário e repassou tudo o que tinha feito, parando apenas quando Ortiz mudou a fita do gravador.

— Aquela luz que você viu no céu.

— É... parecia muito estranha — disse o Arqueiro, esfregando os olhos.

— O homem que trouxe ia para lá. Aqui está o diagrama da base.

— Aonde é, exatamente... e o que é?

— Não sei, mas fica a apenas cerca de 100 quilômetros da fronteira afegã. Posso mostrar a você no mapa. Quanto tempo vai ficar deste lado?

— Talvez uma semana — respondeu o Arqueiro.

— Preciso relatar isso aos meus superiores. Talvez eles queiram vê-lo. Meu amigo, será amplamente recompensado. Faça uma lista do que precisa. Uma longa lista.

— E o russo?

— Vamos falar com ele, também. Se sobreviver.

O mensageiro andava ao longo da Lazovsky Pereulok, aguardando seu contato. Suas próprias esperanças oscilavam. Na verdade acreditava em seu interrogador. Por volta do fim da tarde apanhara o giz que usava e fizera a marca apropriada no lugar combinado. Sabia que fizera o sinal cinco horas mais tarde do que devia, mas esperava que seu controlador adiasse o processo de evasão. Não fizera a marca falsa, a qual alertaria o agente da CIA sobre quem se tornara. Não, agora jogava um jogo muito perigoso. Portanto, andava ao longo da temida calçada, esperando pelo controlador para um encontro clandestino.

O que não sabia era que o controlador estava sentado em seu escritório na embaixada americana e não iria àquela parte de Moscou por várias semanas. Não havia planos para entrar em contato com o mensageiro durante esse espaço de tempo. A corrente do Cardeal já não existia. No que tocava à CIA, era como se nunca tivesse existido.

— Acho que estamos perdendo tempo — disse o interrogador. Ele e outro agente graduado do Segundo Diretório sentavam-se ao lado da janela de um apartamento. A janela seguinte estava outro agente "Dois" com uma câmera. Ele e outro agente ficaram sabendo de manhã o que era *Estrela Brilhante,* e o general que comandava o Segundo Diretório havia dado a

maior prioridade possível àquele caso. Um vazamento de proporções colossais fora descoberto por aquele veterano alquebrado do "Um".

— Acha que ele mentiu para você?

— Não. Esse foi fácil de dobrar e... não, não foi fácil demais. Ele se entregou — disse o interrogador com confiança. — Acho que erramos ao mandá-lo para a rua tão rapidamente. Penso que eles sabem, e acho que quebraram a corrente.

— Mas o que saiu errado... quero dizer, do ponto de vista deles poderia ter sido rotina.

— *Da* — concordou o interrogador. — Mas sabemos que a informação é altamente importante. Isto significa que a fonte também deve ser. Eles devem, portanto, ter adotado medidas extraordinárias para protegê-la. Agora não podemos fazer as coisas da maneira mais fácil.

— Vamos apanhá-lo, então?

— Sim. — Um carro aproximou-se do homem. Eles o observaram entrar antes de se dirigirem ao próprio veículo.

No espaço de trinta minutos estavam todos de volta ao Presídio Lefortovo. O rosto do interrogador demonstrava tristeza.

— Diga-me, por que acho que você mentiu para mim?

— Mas eu não menti. Fiz tudo o que tinha de fazer. Talvez estivesse atrasado, mas isso eu já disse.

— E o sinal que deixou, era aquele para avisá-los de que pegamos você?

— Não! — O mensageiro quase entrou em pânico. — Expliquei tudo isso, também.

— Veja bem, o problema é que não podemos distinguir entre uma e outra marcas de giz. Se você está bancando o espertinho, pode ter nos enganado. — O interrogador inclinou-se para a frente. — Camarada, você *pode* nos enganar. Qualquer um pode... por algum tempo. Mas não por muito tempo. — Fez uma pausa para deixar a idéia no ar por um minuto. Era tão fácil interrogar os mais fracos. Dar esperança, depois tomá-la; restaurá-la e tirar outra vez. Elevar o ânimo e baixar até que não soubesse mais em que ponto estavam... E, na falta de uma medida dos próprios sentimentos, esses sentimentos tornavam-se do interrogador para usá-los como quisesse.

— Vamos começar de novo. A mulher que encontra no trem... quem é ela?

— Não sei o nome. Ela tem uns 30 anos, mas aparenta ser mais jovem. Cabelo bonito, esguia e atraente. Sempre está bem vestida, como uma estrangeira, mas não é estrangeira.

— Vestida como estrangeira... como assim?

— O casaco é geralmente ocidental. Dá para saber por causa do corte e do tecido. Ela é bonita, como já disse, e ela...

— Continue — encorajou o interrogador.

— O sinal é que eu coloque a mão no traseiro dela. Ela gosta, eu acho. Às vezes ela se aperta contra minha mão.

O interrogador não ouvira antes esse detalhe, mas imediatamente classificou-o como verdadeiro. Detalhes como esse nunca se inventavam, e encaixavam-se perfeitamente. A contato era uma aventureira. Ela não era uma verdadeira profissional, nem reagia como tal. E isso provavelmente — quase com certeza — levava a crer que era russa.

— Quantas vezes encontrou-a dessa maneira?

— Só cinco. Nunca no mesmo dia da semana, nem no mesmo horário, mas sempre no segundo carro do mesmo trem.

— E o homem ao qual você passa o filme?

— Nunca vi seu rosto, quero dizer, o rosto inteiro. Ele sempre fica com a mão no apoio de cima, e move o rosto de jeito a manter o braço entre nós. Vejo parte do rosto, mas não inteiro. Ele é estrangeiro, eu acho, mas não sei de que nacionalidade.

— Cinco vezes, e diz que nunca viu o rosto! — a voz gritou, e um punho bateu sobre a mesa. — Está achando que eu sou idiota?

O mensageiro encolheu-se de medo, depois começou a falar rapidamente.

— Ele usa óculos; um ocidental, tenho certeza. Ele sempre está de chapéu. E também leva sempre um jornal dobrado. *Izvestia,* sempre o *Izvestia.* Entre isso e o braço não se pode ver mais do que um quarto do rosto dele. O sinal de vá-em-frente é dobrar um pouco o jornal, como se fosse para seguir uma história, depois se vira para esconder o rosto.

— Conte outra vez como é feita a transferência.

— Quando o trem pára, ele vem para a frente como se fosse descer no próximo ponto. Eu fico com a coisa na mão, e ele tira de lá por trás quando eu me vou.

— Então você conhece o rosto dela, mas ela não conhece o seu. Ele conhece o seu rosto, mas você não conhece o dele... — *O mesmo método que este aqui usa para fazer a transferência. E uma bela estratégia, mas por que eles usam a mesma técnica duas vezes na mesma corrente?* A KGB utilizava essa técnica também, claro, mas era mais difícil do que os outros métodos, e duplamente no metrô repleto de gente, no frenético horário de pico. Estava começando a achar que um dos meios mais comuns de transferir informações, o *dead-drop,* não fazia parte dessa corrente. Esse fato também era curioso. Devia haver pelo menos um *dead-drop,* de outra forma a KGB poderia seguir a corrente. Talvez...

Já estavam tentando identificar a origem do vazamento de informações, claro, mas precisavam ser cuidadosos. Sempre havia a possibilidade de que o espião fosse ele próprio — ou ela própria — um agente de segurança. Essa era, sem dúvida, a atividade ideal para um espião, desde que o trabalho dava acesso a tudo, mais conhecimento adiantado das operações de contra-espionagem em andamento. Já acontecera antes — a investigação de um vazamento alertara o espião, um fato descoberto muitos anos depois do término da investigação. A outra coisa estranha era que a única fotografia que possuíam não era um verdadeiro diagrama, e sim desenhada à mão.

Feita à mão — seria esse o motivo para não haver *dead-drops?* O espião poderia ser identificado desta maneira, não poderia? Que maneira estúpida de...

Mas não existia nada de estúpido por ali, havia? Não, e nada acidental tampouco. Se as técnicas naquela corrente eram estranhas, eram também profissionais. Havia um outro nível em tudo isso, algo que o interrogador ainda não tinha.

— Acho que amanhã vamos dar uma voltinha de metrô.

O coronel Filitov acordou sem latejamento na cabeça, o que já era agradável. Sua rotina matinal "normal" não era muito diferente da outra, só que sem a dor e a visita aos banhos. Depois de vestir-se, verificou o diário enfiado na gaveta da escrivaninha esperando poder destruí-lo, de acordo com o procedimento usual. Já tinha um novo diário em branco, que iniciaria depois da destruição do antigo. Houve rumores sobre novos desenvolvimentos na área do laser no dia anterior, mais um relatório sobre sistemas de mísseis que examinaria na semana seguinte.

Ao entrar no carro, recostou-se, mais alerta do que normalmente, e olhou para o lado de fora da janela durante o percurso até o trabalho. Como era cedo, havia um bom número de caminhões na rua, e um deles bloqueava sua visão de um certo trecho de curva. Esse era o lugar do sinal para "dados-perdidos". Ficou um pouco aborrecido por não poder enxergar o local, mas seus relatórios raramente se perdiam, e não o incomodavam muito com isso. O sinal de "transferência bem-sucedida" ficava num lugar diferente, sempre fácil de ver. O coronel Filitov acomodou-se no banco, olhando através da janela à medida que se aproximavam do local... ali. Moveu a cabeça para acompanhar o ponto, procurando a marca... mas não estava lá. Esquisito. Será que a outra marca fora colocada? Teria que verificar isso na viagem de volta a casa esta noite. Em todos os seus anos de trabalho para a CIA, vários de seus relatórios foram perdidos de uma forma ou de outra, e o sinal de perigo não fora colocado, nem recebera o telefonema perguntando por Sergey, que lhe diria para abandonar o apartamento na mesma hora. Portanto, provavelmente não havia perigo. Apenas um incômodo. Pois bem. O coronel relaxou e meditou sobre seu dia no ministério.

Dessa vez o metrô estava completamente guarnecido. No total, cem homens do Segundo Diretório se encontravam naquele distrito, a maioria vestida como moscovitas comuns, alguns como trabalhadores. Os últimos operavam a linha "negra" de telefones instalada ao longo dos painéis elétricos de serviço através do sistema. O interrogador e seu prisioneiro andavam em trens de um lado para outro da linha "púrpura" e "verde", procurando uma mulher bem vestida num casaco ocidental. Milhões de pessoas viajavam pelo metrô diariamente, mas os agentes de contra-espionagem estavam confiantes. Tinham o tempo trabalhando a seu favor, e o perfil do alvo — uma aventureira. Ela provavelmente não era disciplinada o bastante para separar as rotinas diárias das atividades encobertas. Tais coisas já haviam acontecido antes. Como questão de fé — compartilhada com os colegas em todo o mundo — os agentes de segurança acreditavam que as pessoas que espionavam sua terra natal eram deficientes em algum aspecto fundamental. Com toda a sua malícia, tais traidores provocariam, mais cedo ou mais tarde, a própria destruição.

E eles tinham razão, pelo menos nesse caso. Svetlana chegou à plataforma da estação carregando um pacote embrulhado em papel marrom. O mensageiro reconheceu seu cabelo de imediato. O penteado era

comum, mas havia algo na maneira como ela movia a cabeça, uma coisa indefinível que o fez apontar, apenas para ter a mão forçada para baixo. Ela se virou, e o coronel da KGB conseguiu ver-lhe o rosto. O interrogador percebeu que ela estava completamente calma, mais ainda do que os passantes que demonstravam a apatia mal-humorada do moscovita. Sua primeira impressão foi de ver alguém que apreciava a vida. Isso mudaria.

Ele falou num pequeno radiotransmissor, e, quando a mulher embarcou no trem seguinte, tinha companhia. O homem do "Dois" que subiu com ela usava um fone de ouvido, quase como um aparelho de surdez. Atrás dele na estação, os homens trabalhando nos circuitos de telefone alertaram os agentes em cada estação. Quando ela desceu, uma equipe completa de sombreamento estava a postos. Eles a seguiram na subida da longa escada rolante até a rua. Um carro já estava à espera, e mais agentes iniciaram a rotina de vigilância. Pelo menos dois homens sempre mantinham contato visual com o sujeito, e os que estavam próximos alternavam-se rapidamente entre o grupo, enquanto mais agentes se juntavam à perseguição. Eles a seguiram até o prédio Gosplan, na Avenida Marksa, do lado oposto ao Hotel Moscou. Ela não percebeu que era seguida e nem ao menos tentou procurar algum sinal disso. No espaço de meia hora, vinte fotografias foram reveladas e mostradas ao prisioneiro, que a identificou positivamente.

Depois disso o procedimento foi ainda mais cauteloso. Um guarda do prédio forneceu o nome a um agente da KGB que o advertiu para não discutir o assunto com ninguém. De posse do nome dela, a identidade completa estava estabelecida por volta da hora do almoço, e o interrogador, que agora dirigia todos os aspectos do caso, ficou estarrecido ao saber que Svetlana Vaneyeva era filha de um membro superior do Comitê Central. Seria uma complicação a mais. Rapidamente o coronel montou outro conjunto de fotografias e reavaliou o prisioneiro, porém este reconheceu a mulher certa num grupo de seis. Um membro da família de um homem do Comitê Central não era alguém que se... mas eles tinham identificação positiva, e o caso era muito importante. Vatutin foi conferenciar com o chefe de seu diretório. O que aconteceu a seguir foi complicado. Embora tida como todo-poderosa pelo Ocidente, a KGB sempre estivera submetida ao mecanismo do Partido; mesmo a KGB precisava de permissão para investigar um parente próximo de um homem

tão importante. O chefe do Segundo Diretório subiu as escadas até o chefe da KGB. Voltou trinta minutos depois.

— Pode apanhá-la.

— O secretário do Comitê Central...

— Ele não foi informado — afirmou o general.

— Mas...

— Aqui estão suas ordens. — Vatutin apanhou a folha de papel escrita à mão, assinada pessoalmente pelo diretor da KGB.

— Camarada Vaneyeva? Ela levantou os olhos e deparou com um homem em roupas civis.

— Gosplan era uma agência civil, claro — que a olhava de modo estranho.

— Posso ajudá-lo?

— Sou o capitão Klementi Vladimirovich Vatutin, da Milícia de 198

Moscou Gostaria que me acompanhasse. —O interrogador observou cuidadosamente a reação, mas não percebeu nada.

— Qual o motivo? —perguntou ela.

—É possível que nos ajude na identificação de alguém. Não posso dizer mais aqui — disse o homem, em tom de desculpa.

— Vai demorar?

— Provavelmente algumas horas. Podemos mandar alguém levá-la de carro para casa.

— Muito bem. Não tenho nada muito urgente em rninha mesa no momento. — EÍa levantou sem dizer mais nada.

Seu olhar a Vatutin traía um certo senso de superioridade. A Milícia de Moscou não era uma organização vista com respeito pelos cidadãos, e o mero posto de capitão para um homem de sua idade dizia muito sobre sua carreira. Em um minuto ela vestira o casaco, sobraça-ra o pacote e os dois saíram do prédio. Pelo menos o capitão era *kul-tumy,* notou ela, em segurar a porta aberta para ela. Svetlana presumiu que esse capitão Vatutin sabia quem ela era — mais precisamente quem era seu pai.

Um carro os aguardava, e partiram imediatamente. Ela ficou surpresa com o caminho, mas só teve certeza quando passaram pela Praça Khokhlovskaya.

— Não vamos ao Ministério da Justiça? — indagou ela.

— Não, vamos para Lefortovo — respondeu Vatutin, de imediato.

— Mas...

— Não quis assustá-la no escritório, entende? Na verdade sou o *coronel* Vatutin do Segundo Diretório. — Houve uma reação a essas palavras, mas Vaneyeva recuperou a compostura num instante.

— E o que posso fazer pelo senhor, nesse caso?

Ela era boa, notou Vatutin. Esta seria um desafio. O coronel era leal ao Partido, mas não necessariamente a seus representantes. Ele odiava a corrupção mais ainda do que a traição.

— Um assunto não muito importante... sem dúvida estará em casa para jantar.

— Minha filha...

Um dos meus homens a apanhará. Se as coisas atrasarem, seu pai não vai ficar aborrecido em vê-la, vai? Ela sorriu ao ouvir aquilo.

— Não, meu pai adora mimar a neta.

— De qualquer forma não vai demorar tanto assim — declarou Vatutin, olhando pela janela. O carro passou pelos portões do prisídio. file a auxiliou a sair do carro, e um sargento abriu a porta do edifício para ambos. *Dar esperança, depois tirá-la.* Tomou-lhe delicadamente o braço. — Meu gabinete é por aqui. Soube que viaja sempre ao Ocidente.

— Faz parte do meu trabalho. — Ela agora parecia em guarda. Porém não mais do que qualquer pessoa que entrasse naquele edifício.

— É, eu sei. Seu departamento lida com tecidos. — Vatutin abriu a porta e conduziu-a para o interior.

— É ela! — disse uma voz.

Svetlana Vaneyeva estacou, como se o tempo tivesse parado. Vatutin tomou novamente seu braço e a conduziu até uma cadeira.

— Sente-se, por favor.

— O que significa isso? — disse ela, finalmente alarmada.

— Este homem foi apanhado transportando cópias de documentos secretos do Estado. Ele nos disse que você as entregou a ele — declarou Vatutin, sentando-se à sua mesa.

Vaneyeva voltou-se e encarou o mensageiro.

— Nunca vi esse rosto em toda a minha vida! Nunca!

— É verdade — concordou Vatutin, com frieza. — Sabemos disso.

— O que... — Ela procurava as palavras. — Mas isto não faz sentido.

— Você foi muito bem treinada. Nosso amigo aqui diz que o sinal para passar a informação é que ele passe a mão no seu traseiro.

Ela voltou o rosto para seu acusador.

— *Govnoedl* Essa *coisa* disse isso! Esse... — ela engasgou por um instante. — Inútil! Mentira!

— Então nega a acusação? — perguntou Vatutin. Seria um prazer dobrar a vontade dela.

— E claro! Sou uma leal cidadã soviética. Sou membro do Partido. Meu pai...

— Sabemos sobre seu pai.

— Ele vai saber disso, *coronel Vatutin,* e se o senhor me ameaçar...

— Não a estamos ameaçando, camarada Vaneyeva, pedimos apenas informações. Por que estavam ontem no metrô? Sei que tem o próprio carro.

— Sempre ando de metrô. É mais simples do que dirigir, e eu tive de fazer uma parada no caminho. — Ela apanhou o pacote do chão. — É muito inconveniente estacionar o carro, entrar e depois continuar. Por isso tomei o metrô. Foi a mesma coisa hoje, quando apanhei o casaco. Pode verificar na lavanderia.

— E você não passou isto ao nosso amigo aqui? — Vatutin segurava o magazine do filme.

— Nem sei o que é isso.

— É claro. — O coronel Vatutin balançou a cabeça. — Bem, aqui estamos. — Pressionou um botão em seu aparelho intercomunicador. A porta lateral abriu-se um momento depois. Três pessoas entraram. Vatutin acenou para Svetlana. — Preparem-na.

As reações dela não foram tanto de pânico quanto de descrença. Svetlana Vaneyeva tentou pular da cadeira, mas dois homens a agarraram pelos ombros, mantendo-a ali. O terceiro enrolou-lhe a manga do vestido e enfiou-lhe uma agulha no braço antes que ela tivesse presença de espírito suficiente para gritar.

— Não pode fazer isso! — disse ela. — Não pode... Vatutin suspirou.

— Ah, podemos sim. Quanto tempo?

— Isso vai mantê-la desacordada por duas horas pelo menos — respondeu o médico. Ele e os dois auxiliares retiraram-na da cadeira. Vatutin deu a volta e apanhou o embrulho. — Ela estará pronta para o senhor assim que eu fizer um *check-up,* mas não prevejo nenhum problema. A ficha médica dela é boa.

— Excelente. Vou descer para comer alguma coisa. — Fez um gesto na direção do outro prisioneiro. — Podem levá-lo. Acho que já

terminamos com ele.

— Camarada, eu... — começou o mensageiro, apenas para ser cortado.

— Nunca mais ouse pronunciar essa palavra. — A reprimenda pareceu mais forte pela suavidade com que foi dita.

O coronel Bondarenko agora dirigia o setor de armas laser do ministério. Fora por decisão do ministro da Defesa Yazov, claro, e recomendado pelo coronel Filitov.

— Então, coronel, que notícias nos traz? — perguntou Yazov.

— Nossos colegas da KGB nos entregaram planos parciais do espelho americano de ópticos adaptáveis. — Ele passou duas cópias separadas dos diagramas. N

— Não podemos fazer isso nós mesmos? — quis saber Filitov.

— O projeto é na verdade muito engenhoso, e o relatório afirma que um modelo mais avançado está em estágio de projeto no momento. As boas novas são que o espelho precisa de menos acionadores...

— O que é isso? — perguntou Yazov.

— Os acionadores são os mecanismos que alteram os contornos dos espelhos. Diminuindo seu número, também diminuímos as exigências do sistema de computador que controla a montagem dos espelhos. O espelho existente... este aqui... requer o controle de um supercomputador, que não podemos ainda reproduzir na União Soviética. O novo espelho é projetado para necessitar de um quarto da potência de computador. Isto permite que um computador menor opere o espelho e também um programa de controle mais simples. — Bondarenko inclinou-se para a frente. — Camarada ministro, como meu primeiro relatório indicou, uma das principais dificuldades em *Estrela Brilhante* é o sistema de computadores. Mesmo que pudéssemos fabricar um espelho como esse, ainda não possuímos *hardware* e *software* para operá-lo com eficiência máxima. Acredito que poderíamos fazer isso se tivéssemos o novo espelho.

— Mas ainda não temos os planos do novo espelho? — indagou Yazov.

— Não. A KGB está trabalhando nisso.

— Não podemos nem duplicar esses novos "acionadores" ainda — reclamou Filitov. — Temos as especificações e diagramas há vários meses, e nenhuma fábrica conseguiu ainda...

— Tempo e fundos, camarada coronel — censurou Bondarenko. Já estava aprendendo a falar com confiança na atmosfera mais rarefeita.

— Fundos — resmungou Yazov. — Sempre fundos. Podemos construir um tanque invulnerável... com fundos suficientes. Podemos alcançar a tecnologia ocidental de submarinos... com fundos suficientes. Cada projeto menor de cada acadêmico na União Soviética vai produzir a arma mais nova... se pudermos ceder fundos suficientes. Infelizmente não temos o suficiente para todos. — *Aqui está um aspecto no qual acompanhamos o Ocidentel*

— Camarada ministro — disse Bondarenko. — Sou um soldado profissional há vinte anos. Servi em batalhão e em corpo de auxiliares de Divisão. Sempre servi o Exército Vermelho, e somente o Exército Vermelho. *Estrela Brilhante* pertence a outro ramo de serviço. A despeito disso, eu lhe digo que, se for necessário, devemos negar fundos para tanques, navios e aeronaves, a fim de conduzir *Estrela Brilhante* ao seu término. Possuímos suficientes armas convencionais para conter qualquer ataque da OTAN, mas não temos nada que impeça os mísseis ocidentais de despejarem resíduos sobre nosso país. — Ele mudou de tom. — Por favor, perdoe-me por impor minha opinião tão forçosamente.

— Nós lhe pagamos para pensar — observou Filitov. — Camarada ministro, encontro-me em posição de concordar com esse jovem.

— Mikhail Semyonovich, por que será que pressinto uma conspiração palaciana entre meus coronéis? — Yazov concedeu um de seus raros sorrisos e voltou-se para o homem mais jovem. — Bondarenko, entre estas paredes espero que me diga o que pensa. Se conseguiu persuadir esse veterano da cavalaria de que seu projeto de ficção científica vale a pena, então preciso pensar nele seriamente. Está dizendo que deveríamos dar prioridade total a esse projeto?

— Camarada ministro, deveríamos considerar o assunto. Resta um pouco da pesquisa de base, e sinto que a prioridade de fundos deveria ser drasticamente aumentada. — Bondarenko parou um pouco antes do que Yazov sugeria. Aquela decisão era política, um terreno onde um simples coronel não deveria aventurar-se. Ocorreu ao Cardeal que ele havia subestimado aquele jovem e brilhante coronel.

— A taxa de batimentos cardíacos está aumentando — disse o médico quase três horas depois. — Hora zero, paciente consciente. — Um gravador de carretei registrava suas palavras.

Ela não percebeu o ponto em que terminava o sono e começava a consciência. E uma zona indistinta para muitas pessoas, particularmente na ausência de despertador ou do primeiro raio de luz do sol. Ela não recebeu nenhum sinal. A primeira emoção de Svetlana Vaneyeva foi de espanto. *Onde estou?,* perguntou a si mesma depois de quinze minutos. O efeito residual de dormência dos barbitúricos diminuiu, mas nada substituiu o relaxamento confortável do sono sem sonhos. Ela estava... flutuando?

Tentou movimentar-se, mas... não pôde? Estava em repouso total, cada centímetro quadrado do corpo apoiado uniformemente, de maneira que nenhum músculo parecia distendido ou contraído. Nunca conhecera tamanha sensação de relaxamento. *Onde estou?*

Não podia ver nada, mas isso tampouco era correto. Não era exatamente negro, mas... cinza... como uma nuvem à noite refletindo as luzes da cidade de Moscou, sem forma, mas com alguma textura.

Não conseguiu ouvir nada, nem o ruído do tráfego, nem os sons de água correndo ou portas batendo...

EÍa voltou a cabeça, mas a vista permaneceu a mesma, um vazio acinzentado, como o interior de uma nuvem, ou uma bola de algodão, ou...

Ela respirou. O ar não trazia nenhum odor, nem gosto, nem umidade, e tampouco uma temperatura que pudesse distinguir. Ela falou... mas incrivelmente não ouviu nada. *Onde estou?*

Svetlana começou a examinar o mundo com mais cuidado. Passou cerca de uma hora de experiências cautelosas. Svetlana manteve controle das emoções, forçou-se a manter a calma, a relaxar. Tinha de ser um sonho. Nada de inconveniente poderia estar acontecendo na verdade, não a ela. O medo real não começara ainda, mas ela já sentia sua aproximação. Ela reuniu toda a sua determinação e lutou para conservá-la. *Explore o ambiente.* Os olhos se voltaram para a direita e para a esquerda. Havia luz suficiente apenas para negar-lhe a escuridão. Os braços estavam lá, mas pareciam afastados do corpo, e ela não conseguia aproximá-los, embora tentasse durante um tempo que lhe pareceu horas. O mesmo acontecia com as pernas. Tentou fechar a mão direita em punho... mas não conseguiu nem fazer com que os dedos se encontrassem.

Sua respiração estava mais rápida agora. Era tudo que tinha. Podia sentir o ar entrando e saindo, podia sentir o movimento do peito e nada

mais. Fechar os olhos lhe dava a escolha de um vazio negro em vez do cinza, mas era tudo. *Onde estou?*

Movimento, disse ela a si mesma, mais movimento. Ela rolou de lado, procurando resistência, procurando cada sensação tátil fora de seu próprio corpo. Foi recompensada pela ausência total de estímulos, apenas a mesma resistência fluida — para todos os lados que se voltava, a sensação de flutuar era a mesma. Não importava — ela não sabia dizer — se a gravidade a levava para cima ou para baixo, para a esquerda ou para a direita. Era tudo a mesma coisa. Gritou tão alto quanto conseguiu, apenas para ouvir alguma coisa real e próxima, apenas para certificar-se de que podia contar pelo menos com a própria companhia. Tudo o que ouviu foi o eco distante e fraco de um estranho.

O pânico começou a se instalar.

— Tempo: doze minutos... e quinze segundos — disse o médico ao gravador. A cabine de controle ficava a 5 metros sobre o tanque. — Taxa de batimentos cardíacos subindo, agora 140, respiração: 42, reação de ansiedade aguda iniciando. — Ele olhou para Vatutin. — Mais cedo do que o normal. Quanto mais inteligente o paciente...

— Tanto maior a necessidade de impulsos sensoriais, eu sei — resmungou Vatutin. Havia lido o relatório sobre os procedimentos, mas estava cético. Era uma técnica novíssima e exigia um tipo de auxílio especializado do qual nunca precisara em sua carreira.

— A taxa de batimentos cardíacos parece ter-se estabilizado em 177, sem grandes irregularidades.

— Como consegue impedi-la de ouvir a própria voz?

— É uma coisa nova. Usamos um dispositivo eletrônico para duplicar a voz e repeti-la exatamente fora de fase. Isso neutraliza quase completamente o som emitido, como se ela gritasse no vácuo. Levou dois anos para ser aperfeiçoado. — Ele sorriu. Assim como Vatutin, apreciava seu trabalho, e aqui via uma chance de validar anos de esforço, para subverter a política institucional com alguma coisa nova e melhor, que levaria o seu nome.

Svetlana estava à beira da hiperventilação, mas o médico alterou a mistura de gases que lhe era fornecida. Precisava ficar de olho nos sinais vitais da paciente. Aquela técnica de interrogatório não deixava marcas no corpo, nem cicatrizes ou qualquer evidência de tortura — na verdade não se tratava absolutamente de tortura. Pelo menos fisicamente. O

inconveniente da privação sensorial, entretanto, era que o terror induzido podia levar as pessoas à taquicardia — o que poderia matar o paciente.

— Assim está melhor — disse ele, examinando a leitura do eletrocardiograma. — Taxa cardíaca estabilizada em 138... acelerado, porém normal. A paciente está agitada, mas estável.

O pânico não ajudava. Embora sua mente estivesse frenética, o corpo de Svetlana reagiu para evitar danos. Ela lutou para exercer controle e tornou-se estranhamente calma, outra vez.

Estou viva ou morta? Ela procurou em toda sua memória, em suas experiências, e não encontrou nada... mas...

Havia um som.

O que era?

Tum-tum, tum-tum... o que era?

Era o coração! Isso mesmo!

Seus olhos ainda estavam abertos, procurando a origem do som na escuridão. Havia alguma coisa lá, se apenas ela pudesse encontrá-la. Sua mente procurou uma maneira. *Tenho de chegar lá. Preciso agarrar algo.*

Porém ela estava presa no interior de uma coisa que não sabia descrever. Começou a mover-se outra vez. Novamente não encontrou nada a que se agarrar, nada que pudesse tocar.

EÍa estava apenas começando a perceber quão sozinha estava. Seus sentidos imploravam por sensações, dados, por *alguma coisa!* Os centros sensoriais do cérebro buscavam alimentação e encontravam apenas um grande vácuo.

E se eu estiver morta?, perguntou a si mesma.

Será que é isso o que acontece quando a gente morre... um grande vazio.... A seguir veio um pensamento ainda mais perturbador:

Aqui é o inferno?

Mas havia alguma coisa. Havia som. Ela concentrou-se nisso, apenas para descobrir que quanto mais tentava prestar atenção, mais difícil se tornava escutar. Era como tentar agarrar uma nuvem de fumaça, que só estava lá quando ela não tentava — mas precisava agarrá-la.

E assim ela tentou. Svetlana cerrou os olhos com força e concentrou toda a sua força de vontade no som repetitivo do coração humano. Tudo o que conseguiu foi apagar o som dos próprios sentidos. Desapareceu, até que somente a própria imaginação o ouvia, depois isso também tornou-se tedioso.

Ela gemeu, ou pensou ter gemido. Não escutou quase nada. Como era possível falar e não escutar?

Será que estou morta? A pergunta exigia uma resposta, porém a resposta poderia ser aterradora demais para se encarar. Tinha de haver algo... Ela ousaria? Sim!

Svetlana Vaneyeva mordeu sua língua tão forte quanto conseguiu. Foi recompensada com o gosto salgado do sangue.

Estou vivai, disse a si mesma. Alegrou-se com sua revelação por um tempo que lhe pareceu bastante longo. Mas até os períodos longos terminavam:

Mas onde estou? Será que fui enterrada... viva? ENTERRADA VIVA!

— Taxa de batimentos cardíacos aumentando novamente. Parece ser o início do período de ansiedade secundária — disse o médico para a gravação. *Era uma pena,* pensou ele.

Ajudara a preparar o corpo. Uma mulher jovem muito atraente, o ventre macio marcado apenas pelos pontos da maternidade. Haviam passado óleo em sua pele, vestindo-a depois com o traje feito especialmente de borracha Nomex da melhor qualidade, tão macia que não se podia senti-la quando seca sobre a pele — quando molhada, simplesmente parecia não estar ali. Mesmo a água no interior do tanque fora especialmente formulada, com alto conteúdo de sais para que a paciente tivesse flutuabilidade neutra. Seus giros em volta do tanque a tinham deixado de cabeça para baixo e ela não se dava conta. O único problema real é que ela podia embaralhar os tubos de ar, porém um par de mergulhadores no tanque evitava que aquilo acontecesse, sempre tomando cuidado para não tocar a paciente, nem permitir que as mangueiras o fizessem. Na verdade, os mergulhadores ficavam com o trabalho mais difícil de toda a unidade.

O médico lançou a Vatutin um olhar presunçoso. Muitos anos de trabalho foram empregados naquela parte mais secreta da ala de interrogatórios em Lefortovo. A piscina, com 10 metros de largura e 5 de profundidade, a água formulada especialmente, os trajes desenhados com exclusividade, muitos homens-ano de experiência para apoiar o trabalho teórico — tudo isso para possibilitar um método de interrogatório que era melhor sob todos os aspectos do que os antiquados meios que a KGB utilizava desde a Revolução. A exceção de um paciente que morrera de

ataque cardíaco, induzido pela ansiedade... Os sinais vitais mudavam novamente.

— Lá vamos nós. Parece que estamos no segundo estágio. Tempo: uma hora e seis minutos. — Ele se voltou para Vatutin. — Geralmente essa é a fase mais longa. Será interessante ver quanto dura com esta paciente.

Parecia a Vatutin que o médico era uma criança brincando com um jogo elaborado e cruel; por mais que desejasse o que a paciente sabia, no íntimo estava horrorizado com o que via. Perguntou-se se essa sensação vinha do medo de que um dia aquilo fosse aplicado nele...

Svetlana sentia-se fraca. Os tremores das longas horas de terror haviam deixado seus membros exaustos. A respiração vinha em arque-jos curtos, como o de uma parturiente controlando os espasmos do nascimento. Mesmo seu corpo a abandonara agora, e a mente procurava escapar de seus limites e explorar o próprio interior. A consciência tinha a impressão de se ter separado do inútil invólucro de carne, e o espírito, alma, ou o que fosse, estava só, agora, só e livre. Mas a liberdade era uma maldição tão grande quanto a sensação que se fora.

Podia mover-se livremente, podia ver o espaço a seu redor, porém tudo estava vazio. Moveu-se como se estivesse nadando ou voando num espaço tridimensional cujos limites não pudesse distinguir. Sentiu os braços e as pernas movendo-se sem esforço, mas, quando olhou para os membros, descobriu que ficavam fora de seu campo de visão. Podia senti-los a se moverem, mas... simplesmente não estavam lá. A parte da mente que ainda permanecia racional lhe dizia que tudo não passava de uma ilusão, que ela nadava em direção à própria destruição — mas mesmo isso seria preferível a ficar sozinha, não seria?

Esse esforço durou uma eternidade. A parte mais gratificante era a falta de fadiga em seus membros invisíveis. Svetlana desligou seus infortúnios e alegrou-se com a liberdade, em poder enxergar o espaço à sua volta. Aumentou o ritmo. Imaginou que o espaço à sua frente era mais brilhante do que atrás. Se havia uma luz, ela precisava encontrá-la, e uma luz faria muita diferença. Parte dela lembrava da alegria de nadar quando era criança, algo que não tinha feito nos últimos... quinze anos, talvez. Fora a campeã de nado subaquático na escola, podia segurar o fôlego por muito mais tempo do que todos os outros. As lembranças remoçaram-na outra vez, jovem, ágil, mais bonita e mais bem vestida do que as outras.

Seu rosto sorriu com expressão angelical e ignorou os avisos do que restava de seu intelecto.

Ela teve a impressão de nadar por dias, ou por semanas, sempre na direção do espaço luminoso à sua frente. Levou mais alguns dias para compreender que o espaço nunca ficava mais brilhante, porém ignorou esse último aviso de sua consciência. Nadou com maior vigor e sentiu fadiga pela primeira vez. Svetlana Vaneyeva ignorou isso também. Ela precisava usar a liberdade em sua vantagem. Tinha de saber onde estava, ou, melhor ainda, achar uma saída daquele lugar. Daquele lugar horrível.

Sua mente moveu-se ainda uma vez, viajando para longe do corpo, e quando atingiu altitude suficiente olhou para baixo, na direção da figura distante que nadava. Mesmo de sua elevada altitude não conseguia ver os limites daquele mundo amplo e amorfo; entretanto, enxergava a pequena figura abaixo, nadando sozinha no vácuo, movendo os membros espectrais num ritmo fútil... sem ir a nenhum lugar.

O grito que saiu do alto-falante na parede quase fez com que Vatutin saltasse da cadeira. Talvez os alemães tivessem escutado uma coisa parecida, o grito das vítimas nos campos de concentração quando as Portas eram fechadas e os cristais de gases aspergidos. Mas isso era pior. Já vira execuções. Já vira tortura. Ouvira gritos de dor, raiva e desespero, mas nunca tinha escutado o grito de uma alma condenada a algo pior do que o inferno.

— Aí está... deve ser o começo do terceiro estágio.

— O quê?

— Acontece — exlicou o médico — que o animal humano é um animal sociável. Nossos seres e nossos sentidos foram projetados para reunir dados que nos permitam reagir tanto ao meio ambiente quanto a outros seres humanos. Tire a companhia humana, tire os impulsos sensoriais, e a mente fica completamente sozinha consigo mesma. Existem muitos dados disponíveis para se constatar o que acontece. Esses idiotas ocidentais que velejam sozinhos ao redor do mundo, por exemplo. Um número surpreendente enlouquece, e muitos desaparecem, provavelmente suicídio. Mesmo os que sobrevivem, aqueles que utilizam diariamente seus radiotransmissores, precisam muitas vezes de médicos para aconselhá-los contra os perigos psicológicos de tal solidão. E eles podem *ver* a água em volta. Podem ver o barco. Podem sentir o movimento das

ondas. Tire tudo isso... — O médico balançou a cabeça. — Eles durariam no máximo três dias. Nós tiramos tudo, como vê.

— Qual o tempo mais longo que alguém agüentou aqui?

— Dezoito horas... Ele foi voluntário, um jovem oficial do Primeiro Diretório. O único problema é que o paciente não deve saber o que está acontecendo. Isso altera o efeito. Ele também desiste, é claro, mas não tão completamente.

Vatutin respirou fundo. Essas foram as primeiras boas notícias que ele havia escutado.

— E esta, quanto vai demorar?

O médico limitou-se a consultar seu relógio e sorrir. Vatutin queria odiá-lo, mas reconheceu que aquele médico, aquele homem dedicado à cura, simplesmente fazia o que ele vinha fazendo há anos, mais rapidamente e sem danos visíveis que pudessem embaraçar o Estado nos julgamentos públicos que a KGB agora era obrigada a suportar. Depois havia ainda certa vantagem adicional que nem mesmo o médico esperara ao iniciar o programa...

— Então... o que é esse terceiro estágio?

Svetlana os viu nadando ao redor de sua forma. Tentou avisá-los, mas aquilo a traria de volta para o interior, ela não ousava. Não era tanto uma coisa que ela pudesse enxergar, mas *havia* formas, vultos predatórios flutuando no espaço ao redor de seu corpo. Um deles aproximou-se, mas depois virou. Então voltou outra vez. Ela também. Tentou lutar, mas algo a arrastou de volta ao corpo que logo se extinguiria. Ela chegou bem a tempo. Enquanto comandava às pernas que nadassem mais rápido, aquilo veio de trás. As mandíbulas se abriram e envolveram seu corpo inteiro, depois fecharam-se lentamente sobre ela. A última coisa que viu foi a luz na direção da qual tinha nadado — a luz, ela percebeu finalmente que nunca estivera lá. Sabia que seu protesto seria em vão, mas explodiu de seus lábios.

— Não! — ela não ouviu, é claro.

Ela retornara agora, condenada a usar seu inútil corpo real, de volta à massa cinza perante seus olhos, e aos membros que só se moviam sem propósito. De alguma forma ela entendeu que sua imaginação tentara protegê-la, libertá-la — e falhara completamente. Mas ela não conseguia desligar a imaginação, então seus esforços se tornaram realmente destrutivos. Choramingou sem fazer ruído. O medo que sentia agora era

pior do que somente pânico. Pelo menos o pânico era uma escapatória, uma negativa do que ela enfrentava, uma retirada para o interior de si mesma. Mas não havia um ego que pudesse encontrar. Ela o teria visto morrer, se estivesse lá quando aconteceu. Svetlana estava sem o presente, com certeza sem futuro. Tudo o que possuía agora era um passado, e sua imaginação escolhia apenas as piores partes...

— Sim, estamos no estágio final agora — disse o médico. Levantou o fone e pediu um pote de chá. — Esta foi mais fácil do que pensei. Ela se encaixa no perfil melhor do que imaginei.

— Mas ela não disse nada ainda — protestou Vatutin.

— Ela vai dizer.

Ela vira todos os pecados de sua vida. Isso a ajudava a entender o que estava acontecendo. Aquele era o inferno cuja existência o Estado negava, e ela sofria sua punição. Tinha de ser isso. E ela colaborava. Precisava fazê-lo. Precisava ver tudo de novo e entender o que tinha feito. Precisava participar do julgamento no interior da própria mente. Seu choro não parava. As lágrimas corriam por dias a fio, enquanto ela observava a si mesma fazendo coisas que nunca deveria ter feito. Cada transgressão de sua vida passou diante de seus olhos com todos os detalhes. Especialmente aquelas que cometera nos últimos dois anos... De alguma forma sabia que foram elas que a levaram para lá. Svetlana assistiu a todas as vezes em que traíra a Mãe Pátria. Os primeiros flertes tímidos em Londres, os encontros clandestinos com homens sérios, os avisos para que não fosse frívola, depois os tempos em que usara sua importância para atravessar impunemente a alfândega, fazendo o jogo e divertindo-se enquanto cometia os piores crimes. Seus gemidos assumiram um timbre reconhecível. O tempo todo ela repetira aquilo sem se dar conta.

— Sinto muito...

— Agora vem a parte delicada.

O médico colocou na cabeça os fones. Fez alguns ajustes no console de comando.

— Svetlana... — sussurrou ele ao microfone.

A princípio ela não ouviu, e demorou algum tempo até que seus sentidos fossem capazes de reconhecer que havia *algo* chamando.

Svetlana... chamou a voz. Ou teria sido sua imaginação?...

Sua cabeça girou em volta, procurando o que quer que fosse.

Svetlana... sussurrou a voz novamente. Ela segurou o fôlego pelo tempo que conseguiu, ordenando ao corpo que ficasse parado, mas novamente ele a traiu. O coração disparava, e o sangue latejava em suas orelhas, abafando o som, se é que havia um. Deixou escapar um gemido de desespero, imaginando que a voz não existisse, imaginando que só estava piorando... ou será que existia mesmo uma esperança?...

Svetlana... um pouco mais do que um murmúrio, o suficiente para demonstrar conteúdo emocional. A voz parecia tão triste, tão desapontada... *Svetlana, o que você fez?*

— Eu não... eu não... — gaguejou ela, e não escutava a própria voz enquanto chamava da sepultura. Foi recompensada apenas com a renovação do silêncio. Depois do que lhe pareceu uma hora de intervalo ela gritou: — Por favor, *por favor,* volte para mim!

Svetlana, repetiu a voz finalmente, *o que você fez?....*

— Sinto muito... — repetiu ela, com a voz embargada pelas lágrimas.

— O que você fez? — perguntou novamente. — E quanto ao filme?

— Fui eu! — respondeu ela, e em poucos momentos contou tudo.

— Tempo: onze horas, quarenta e um minutos. Exercício concluído. — O médico desligou o gravador. A seguir acendeu e apagou várias vezes as luzes da piscina. Um dos mergulhadores no tanque acenou em resposta e introduziu uma agulha no braço da paciente Vaneyeva. Assim que o corpo amoleceu, ela foi retirada. O médico deixou a sala de controle e desceu para vê-la.

Ela estava deitada numa maça quando ele chegou, o traje já retirado. Ele sentou ao lado da forma inconsciente e segurou-lhe a mão enquanto um técnico administrava um estimulante fraco. *Ela era bonita,* pensou o doutor observando a respiração normalizar-se. Acenou para que o técnico saísse, deixando os dois a sós.

— Olá, Svetlana — disse ele com sua voz mais gentil. Os olhos azuis se abriram, enxergaram a luz no teto e as paredes. Depois a cabeça se voltou para ele.

Ele sabia que estava sendo indulgente consigo mesmo, mas trabalhara muito durante uma noite e um dia naquele caso, que era provavelmente a mais importante aplicação do seu programa até agora. A mulher nua saltou da mesa para os seus braços e quase o estrangulou com um abraço. Não porque fosse particularmente bonito, como o médico sabia, mas simplesmente porque era um ser humano, e ela queria tocar um.

Seu corpo permanecia escorregadio de óleo enquanto as lágrimas caíam no seu avental branco de laboratório. Ela nunca cometeria outro crime contra o Estado, não depois de tudo aquilo. Era uma pena que tivesse de ser enviada para um campo de concentração. *Tamanho desperdício,* pensou enquanto a examinava. Talvez pudesse fazer alguma coisa a respeito. Depois de dez minutos ela foi novamente sedada, e ele a deixou dormindo.

— Dei a ela uma droga chamada Versed. É um novo produto ocidental, que provoca amnésia.

— Por que essa em especial? — indagou Vatutin.

— Vou lhe dar outra opção, camarada coronel. Quando ela acordar durante a manhã, vai lembrar muito pouco do que aconteceu. Versed age como a escopolamina, porém é mais eficiente. Ela não vai se lembrar de nenhum detalhe. Tudo parecerá um sonho ruim. Versed também é hipnótico. Por exemplo, posso voltar a ela e fazer a sugestão de que não se lembre de nada, mas que nunca traia novamente o Estado. Existe, *grosso modo,* uma possibilidade de oitenta por cento que nenhuma das sugestões seja violada.

— Está brincando!

— Camarada, um dos efeitos dessa técnica é que ela foi condenada com mais rigor do que o Estado o faria. Ela sente mais remorso pelo que fez do que sentiria enfrentando um pelotão de fuzilamento. Certamente leu *1984?* Talvez tenha sido um sonho quando Orwell escreveu, mas, com a tecnologia moderna, já podemos fazê-lo. O truque não é quebrar a pessoa do exterior, mas do interior.

— Quer dizer que podemos usá-la agora?...

11
PROCEDIMENTOS

— Ele não vai sobreviver. — Ortiz ouvia o médico da embaixada, um cirurgião do Exército cujo verdadeiro trabalho consistia no tratamento de afegães feridos. Os pulmões de Churkin estavam muito danificados para combater a pneumonia que se instalara durante o transporte.

— Ele provavelmente não vai durar até o final do dia. Desculpe, mas houve muito dano ao pulmões. Um dia mais cedo, e poderíamos tê-lo salvado, mas... — O médico balançou a cabeça. — Gostaria de mandar um padre a ele, mas provavelmente é perda de tempo.

— Ele consegue falar?

— Não muito. Mas pode tentar. Não vai fazê-lo sentir mais dor já do que está sentindo. Ficará consciente por mais algumas horas, depois vai desmaiar.

— Obrigado por tentar, doutor — disse Ortiz. Quase suspirou de alívio, mas a vergonha de tal gesto o deteve. O que teriam feito se ele sobrevivesse? Devolvê-lo? Ficar com ele? Trocá-lo?, perguntou a si mesmo. Imaginou por que motivo o Arqueiro o teria trazido. — Bem — disse a si mesmo. Em seguida entrou na sala.

Duas horas depois ele saiu. Ortiz apanhou o carro e foi até a embaixada, cuja cantina servia cerveja. Fez seu relatório a Langley e, pelas cinco horas seguintes, permaneceu sozinho sentado ao lado de uma mesa que reservou exclusivamente às garrafas, e embebedou-se lenta e completamente.

Ed Foley não podia se dar a esse luxo. Um de seus mensageiros desaparecera três dias antes. Outro deixara a escrivaninha no Gosplan e voltara dois dias depois. Agora de manhã, o homem da lavanderia ligara afirmando estar doente. Enviara um alerta para o garoto na casa de banhos, mas não sabia se fora recebido ou não. Não havia apenas uma perturbação na rede do Cardeal, e sim um verdadeiro desastre. A vantagem em usar Svetlana Vaneyeva residia em sua suposta imunidade contra as medidas mais severas da KGB, e ele contara com uma resistência de vários dias para remover seu pessoal. Ordens de aviso para a fuga do Cardeal haviam chegado, mas ainda aguardavam o momento de serem transmitidas. Não

via nenhuma vantagem em assustá-lo antes que tudo estivesse completamente pronto. Depois disso, seria fácil para o coronel Filitov arranjar uma desculpa para visitar o Distrito Militar de Leningrado — uma coisa que fazia a cada seis meses — e tirá-lo do país.

Se isso funcionar, lembrou Foley. Só fora feito duas vezes antes, que ele soubesse, e mesmo que tivesse corrido bem... não havia nenhuma certeza, havia? *Não mesmo.* Era hora de sair. Ele e sua mulher precisavam de algum tempo para descansar, longe de tudo aquilo. Os próximos trabalhos deveriam ser com o pessoal de treinamento da "Fazenda", no rio York. Mas tais pensamentos não ajudavam a resolver seu problema atual.

Considerou se deveria alertar o Cardeal de alguma forma, para que fosse mais cuidadoso — mas nesse caso ele destruiria os dados de que Langley precisava desesperadamente, e os dados eram essenciais. Aquela era a regra, uma regra que Filitov conhecia e aceitava, supostamente tão bem quanto Foley. Porém espiões eram mais do que simples objetos que produziam informações, não eram?

Agentes de campo como Foley e sua esposa deviam encará-los como bens valiosos mas dispensáveis, distanciando-se de seus agentes, e tratando-os bondosamente quando possível, mas impiedosamente quando necessário. Tratá-los como crianças, na verdade, com uma mistura de indulgência e disciplina. Só que eles não eram crianças. O Cardeal era mais velho do que seu próprio pai, e já era um agente quando Foley cursava o segundo grau! Poderia *não* demonstrar lealdade a Filitov? Claro que não. Precisava protegê-lo. Mas como?

Operações de contra-espionagem freqüentemente não passavam de trabalho policial, e como resultado disso o coronel Vatutin sabia tanto sobre investigação quanto os melhores homens da Milícia de Moscou. Svetlana entregara a ele o gerente da lavanderia, e, depois de dois dias de vigilância cerrada, decidira trazer o homem para ser interrogado. Não usaram o tanque com ele. O coronel ainda não confiava na nova técnica, e além do mais não havia necessidade de ir devagar com ele. Incomodava a Vatutin que Vaneyeva agora tivesse a chance de ficar livre — livre, depois de trabalhar para os inimigos do Estado! Alguém queria usá-la como peça de barganha por algum favor do Comitê Central mas aquele não era um assunto da alçada do coronel. Agora o homem da lavanderia fornecera a descrição de outro membro daquela corrente infindável.

A parte que mais incomodava Vatutin era que ele pensava ter visto o rapaz! O gerente tinha contado logo sobre sua suspeita de que o rapaz trabalhasse nos banhos, e a descrição combinava com o atendente com quem conversara pessoalmente! Mesmo não sendo um contato profissional, enraivecia Vatutin que ele tivesse encontrado um traidor naquela manhã da semana que passara, sem reconhecê-lo pelo que parecia...

Qual era mesmo o nome daquele coronel?, perguntou subitamente a si mesmo. Aquele que tropeçara? Filitov — Misha Filitov? Ajudante pessoal do ministro da Defesa Yazov?

Devia estar com uma tremenda ressaca para não fazer a ligação! Filitov de Stalingrado, o tanquista que matara alemães enquanto queimava em seu tanque atingido: Mikhail Filitov, três vezes Herói da União Soviética... Tinha de ser o mesmo. Seria ele o...

Impossível, disse a si mesmo.

Mas nada era impossível. Se é que aprendera alguma coisa, Vatutin aprendera isso. Clareou sua cabeça e considerou friamente as possibilidades. As boas notícias eram que qualquer pessoa preeminente na União Soviética possuía um arquivo no número 2 da Praça Dzerzhinsky. Era simples obter a ficha de Filitov.

O dossiê revelou ser grosso, como verificou quinze minutos mais tarde. Vatutin compreendeu que não sabia nada sobre o homem. Como a maioria dos heróis de guerra, feitos realizados no breve espaço de alguns minutos expandiram-se para marcar a vida inteira. Mas nenhuma vida era assim tão simples. Vatutin começou a ler o arquivo.

Pouca coisa tinha relação com suas façanhas de guerra, embora essa época fosse inteiramente coberta, incluindo as citações por todas as suas medalhas. Como ajudante-de-ordens de três ministros da Defesa, Misha tinha passado por verificações rigorosas de segurança, algumas das quais Filitov tivera conhecimento, outras não. Aqueles Papéis também estavam em ordem, claro. Voltou sua atenção para a pasta seguinte.

Vatutin ficou surpreso ao saber que Filitov envolvera-se no caso do infame Penkovsky. Oleg Penkovsky fora um agente graduado na GRU, a agência soviética de Inteligência militar, recrutado pelos ingleses, depois "dirigido" conjuntamente pelo SIS e pela CIA, traíra seu país tão completamente quanto um homem poderia fazê-lo. Sua penúltima traição

fora deixar vazar para o Ocidente o estado de alerta — ou falta de preparo — das Forças de Foguetes Estratégicos durante a Crise dos Mísseis em Cuba; essa informação permitira ao presidente americano Kennedy forçar Kruschev a retirar os mísseis que tão imprudentemente haviam sido baseados naquela maldita ilha. Mas a lealdade torcida de Penkovsky aos estrangeiros o forçou a assumir riscos em demasia para entregar aquelas informações, e um espião só pode assumir muitos riscos. Já estivera sob suspeita. Geralmente se pode prever quando o outro lado se torna esperto demais, porém... Filitov tinha sido o responsável pela primeira acusação real...

Filitov fora quem denunciara Penkovsky? Vatutin espantou-se. A investigação estava razoalmente adiantada naquela época. A vigilância contínua mostrou que Penkovsky andava fazendo algumas coisas fora do comum, incluindo pelo menos um *dead-drop* possível, mas... Vatutin sacudiu a cabeça. *As coincidências que a gente encontra nesse negócio.* O velho Misha fora ao oficial de segurança e denunciara uma curiosa conversa com seu conhecido da GRU, que talvez fosse inocente, dissera ele, mas que o colocara de antenas ligadas de uma forma estranha, tanto que se sentira compelido a falar sobre ela. Instruído pela KGB, ele continuara ouvindo, e a conversa seguinte já não fora assim tão inocente. Àquela altura o caso contra Penkovsky se firmara, e as provas adicionais não foram necessárias na verdade, embora fizessem com que todos os envolvidos se sentissem um pouco melhor...

Era uma estranha coincidência, pensou Vatutin, mas dificilmente lançava qualquer tipo de suspeita sobre o homem. A seção pessoal do relatório afirmava que ele era viúvo. Uma foto de sua esposa estava ali, e Vatutin admirou-a por algum tempo. Havia também uma fotografia do casamento, e o homem do Segundo Diretório sorriu quando viu que o velho combatente fora mesmo jovem um dia, e um tipo de fazer inveja! Na página seguinte havia informação sobre os dois filhos — ambos mortos. Aquilo chamou sua atenção. Um nascera imediatamente antes da guerra, o outro assim que esta se iniciara. Mas não haviam morrido como resultado da guerra... O que então? Ele folheou o maço de páginas.

O mais velho morrera na Hungria, descobriu Vatutin. Em virtude de sua confiabilidade política, fora tirado da academia militar juntamente com um punhado de outros cadetes e enviado para reprimir a contra-revolução de 1956. Como um dos tripulantes de um tanque — seguindo as

pegadas do pai —, morreu quando seu veículo foi destruído. Bem, soldados corriam riscos. Certamente seu pai havia corrido. O segundo — também tripulante de tanques, notou Vatutin — morrera quando da explosão da culatra do canhão em seu T-55. A falha do controle de qualidade de fábrica, a maldição da indústria soviética, matara toda a tripulação... E quando morrera sua mulher? No mês de julho seguinte, de tristeza provavelmente, qualquer que tenha sido a explicação médica. O arquivo mostrava que os dois filhos foram modelos da nova juventude soviética. *Todas as esperanças e sonhos morreram com eles,* pensou Vatutin, e logo depois perdera a esposa também.

Que pena, Misha. Acho que você usou toda a boa sorte da família contra os alemães, e os outros três tiveram de pagar a conta... É triste que um homem que fez tanto deva...

Deva ter um motivo para trair a Rodina? Vatutin olhou para cima e para fora da janela do escritório. Podia divisar a praça do lado de fora, os carros passando ao redor da estátua de Félix Dzerzhinsky. "Félix de Ferro", fundador da Cheka. Polonês e judeu por nascimento, com sua barba curta de formato esquisito e seu intelecto impiedoso, Dzerzhinsky repelira os primeiros esforços do Ocidente para penetrar na União Soviética e subvertê-la. Estava de costas para o prédio, e os brincalhões diziam que Félix fora condenado ao isolamento perpétuo ali, como Svetlana Vaneyeva fora isolada...

Ah, Félix, o que me aconselharia nesse momento? Vatutin sabia muito bem a resposta. Félix mandaria prender e interrogar impiedosamente Misha Filitov. A mera possibilidade de suspeita teria sido o suficiente naqueles dias, e quem poderia saber quantos homens e mulheres inocentes foram subjugados e morreram inocentes? As coisas eram diferentes agora, e até mesmo a KGB tinha regras a seguir. Não se podia simplesmente apanhar as pessoas na rua e torturá-las até que dissessem o que se queria ouvir. *Assim era melhor,* pensou Vatutin. A KGB era uma organização profissional. Precisavam trabalhar mais agora, por isso treinava melhor os agentes e melhorava o desempenho... Seu telefone tocou.

— Coronel Vatutin.

— Suba até aqui. Vamos apresentar o assunto ao diretor-geral em dez minutos. — A linha foi desligada.

O quartel-general da KGB era um construção antiga, erigida na virada do século para ser a sede da Companhia de Seguros Rossiya. As

paredes exteriores eram de granito cor de ferrugem, e o interior era um reflexo da época em que fora erigido, com tetos elevados e portas imensas. Os corredores longos e acarpetados, entretanto, eram mal iluminados, desde que supostamente ninguém teria interesse em ver o rosto das pessoas que transitavam por eles. Havia muitos uniformes em evidência. Aqueles oficiais eram membros do Terceiro Diretório, que ficavam de olho nos serviços armados. Um detalhe que destacava o prédio era o silêncio. Aqueles que andavam por ali faziam-no de boca fechada e expressão séria, para que não deixassem escapar inadvertidamente um dos milhões de segredos que o edifício guardava.

O escritório do diretor também tinha vista para a praça, embora fosse uma visão muito melhor do que a sala de Vatutin. Um secretário levantou de sua escrivaninha e acompanhou os dois visitantes, passando pelos dois guardas de segurança que sempre permaneciam nos cantos da sala de recepção. Vatutin inspirou profundamente enquanto atravessava os umbrais da porta aberta.

Nikolay Gerasimov estava em seu quarto ano de chefia da Comissão para a Segurança do Estado, a KGB. Não era um espião de profissão, mas um militante que passara quinze anos imerso na burocracia do Partido Comunista da União Soviética antes de ser indicado para um dos postos de nível médio no Quinto Diretório, cuja missão era a supressão dos dissidentes internos. Sua habilidade em desincumbir-se dessa delicada missão conquistou-lhe promoções sucessivas e a indicação para primeiro subchefe anos depois. Lá aprendeu o ramo de informações internacionais do lado administrativo, atuando suficientemente bem para conquistar o respeito dos agentes de campo por seus instintos. Antes de mais nada, entretanto, ele era um homem do Partido, e isso explicava seu posto. Aos 53 anos, era razoavelmente jovem para seu trabalho, e parecia mais jovem ainda. Seu rosto jovial nunca fora marcado pela contemplação de derrotas, e seu olhar voltava-se confiante para a frente, antevendo mais promoções. Para um homem que tinha um lugar tanto no Politburo quanto no Ministério da Defesa, mais promoções significava que ele se considerava na disputa pelo posto mais alto de todos: secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética. Como o homem que brandia a ' 'espada e o escudo" do Partido — era esse na verdade o lema oficial da KGB —, sabia tudo o que havia para saber sobre os outros homens na disputa. Sua ambição, embora nunca expressa abertamente, era murmurada pelo prédio,

e um bom número de jovens e brilhantes oficiais da KGB tentava ligar seus destinos ao daquela estrela em ascensão. *Um homem encantador,* pensou Vatutin. Naquele momento, o superior levantou-se da cadeira e indicou aos visitantes as cadeiras do outro lado da enorme escrivaninha de carvalho. Vatutin era um homem que controlava seus pensamentos e emoções; era também honesto para se deixar impressionar por pessoas encantadoras. Gerasimov segurava uma pasta.

— Coronel Vatutin, li o relatório de sua investigação em curso. Ótimo trabalho. Pode me colocar a par dos progressos atuais?

— Sim, camarada diretor. Estamos atualmente procurando por Eduard Vassilyevich Altunin. Ele á atendente nos Banhos Sandunovski. O interrogatório do homem da lavanderia nos revelou que esse era o próximo "elo" da corrente de mensageiros. Infelizmente ele desapareceu trinta e seis horas atrás, mas devemos apanhá-lo até o fim da semana.

— Eu mesmo vou aos banhos — observou Gerasimov com ironia. Vatutin acrescentou seu comentário.

— Eu ainda vou, camarada diretor. E vi esse jovem. Reconheci sua fotografia no arquivo que estamos montando. Ele foi cabo numa companhia de artilharia no Afeganistão. Sua ficha do Exército mostra que fez objeções ao uso de certas armas usadas lá: aquelas que usamos para desencorajar os civis de ajudarem os bandidos. — Vatutin referia-se às bombas disfarçadas como brinquedos e projetadas para serem apanhadas pelas crianças. — O supervisor político de sua unidade nos enviou um relatório, mas a primeira repreensão verbal calou-o, e ele terminou seu serviço sem mais incidentes. O relatório foi o suficiente para lhe negarem um emprego nas fábricas, e ele foi de um emprego de criado para outro. Companheiros de trabalho o descreveram como um tipo comum, razoavelmente quieto. Exatamente como deveriam ser os espiões, é claro. Ele nunca se referiu ao seu "problema" no Afeganistão, mesmo quando bebia. Seu apartamento está sob vigilância, bem como os membros de sua família e seus amigos. Se não o apanharmos logo, saberemos que é um espião. Mas vamos apanhá-lo, e deverei falar com ele pessoalmente.

Gerasimov concordou pensativamente.

— Vi que usou a nova técnica com essa mulher, Vaneyeva. O que achou?

— Interessante. Certamente funcionou nesse caso, mas preciso dizer que tenho minhas dúvidas quanto a soltá-la novamente nas ruas.

— Essa decisão foi minha, no caso de ninguém ter-lhe dito — afirmou Gerasimov desajeitadamente. — Dada a natureza sensível deste caso, e a recomendação do médico, acho que essa jogada é uma que vale a pena no momento. Concorda que não devemos chamar muita atenção para o caso? As acusações contra ela permanecem em aberto.

Oh, e nesse caso se pode usá-la contra seu pai, não é? A desgraça dela também é a dele, e que pai desejaria ver sua única filha no GULAG? Nada como uma pequena chantagem, não é, camarada diretor?

— O caso é muito delicado, e pode ficar mais — replicou Vatutin cuidadosamente.

— Continue.

— A única vez que vi esse rapaz, Altunin, ele estava ao lado do coronel Mikhail Semyonovich Filitov.

— Misha Filitov, o ajudante de Yazov?

— O mesmo, camarada diretor. Dei uma olhada no arquivo esta manhã.

— E então? — esta pergunta veio do superior de Vatutin.

— Nada que eu possa apontar. Eu não estava a par de seu envolvimento no caso Penkovsky... — Vatutin calou-se, e pela primeira vez seu rosto demonstrou algo.

— Alguma coisa o incomoda, coronel — observou Gerasimov. — O que é?

— O envolvimento de Filitov no caso Penkovsky logo depois da morte de seu segundo filho e da esposa. — Vatutin encolheu os ombros depois de uma pausa. — Uma estranha coincidência.

— Filitov não foi a primeira testemunha contra ele? — perguntou o chefe do Segundo Diretório. Ele na verdade trabalhara à margem do caso.

Vatutin concordou.

— Foi, mas aconteceu depois que já tinham o espião sob vigilância. — Ele fez uma pequena pausa. — Como eu disse, apenas uma estranha coincidência. Estamos *agora* atrás de um mensageiro suspeito que transportava informações da Defesa. Eu o vi de pé ao lado de um oficial graduado do Ministério da Defesa que se envolveu em outro caso similar quase trinta anos atrás. Por outro lado, Filitov foi o primeiro a delatar Penkovsky, e é um famoso herói de guerra... que perdeu a família sob circunstâncias desafortunadas... — Foi a primeira vez que reuniu todos os pensamentos.

— Houve alguma sombra de suspeita sobre Filitov? — indagou o diretor-geral.

— Não. Dificilmente sua carreira poderia ser mais impressionante. Filitov foi o único ajudante que permaneceu com o finado ministro Ustinov através de sua carreira, e desde então ficou ali. Ele faz o papel de inspetor-geral para o ministro.

— Eu sei — disse Gerasimov. — Tenho aqui um pedido com a assinatura de Yazov para nosso arquivo sobre os progressos americanos em SDI. Quando telefonei para falar sobre o assunto, o ministro me disse que os coronéis Filitov e Bondarenko estavam reunindo dados para um relatório completo ao Politburo. O nome de código naquela fotografia que conseguiram recuperar era *Estrela Brilhante,* não era?

— Era, camarada diretor.

— Vatutin, temos agora três coincidências — observou Gerasimov. — O que recomenda?

Aquilo era fácil demais.

— Deveríamos colocar Filitov sob vigilância. Provavelmente esse Bondarenko também.

— Muito cuidadosamente, porém com todo o rigor. — Gerasimov fechou a pasta. — Esse foi um ótimo relatório, e parece que seus instintos de investigação encontram-se mais aguçados do que nunca, coronel. Você me manterá informado sobre esse caso. Espero vê-lo três vezes por semana até sua conclusão. General —• disse ele ao chefe do "Dois". — Esse homem terá todo o apoio que precisar. Pode requisitar fundos de qualquer parte da Comissão. Se tiver algum empecilho, por favor venha a mim. Pode estar certo de que existe um vazamento de informações nos altos níveis do Ministério da Defesa. A seguir: este caso é restrito aos meus e aos seus olhos. Ninguém, e repito, *ninguém* deve saber sobre esses fatos. Quem sabe onde os americanos conseguiram colocar seus agentes? Vatutin, dirija bem esse caso e você terá suas estrelas de general por volta do verão. Mas... — Ele levantou o indicador. — Acho que deveria parar de beber até que acabasse esse caso. Precisamos de sua mente clara.

— Sim, camarada diretor.

O corredor estava praticamente vazio quando Vatutin e seu superior saíram.

— E quanto a Vaneyeva? — perguntou o coronel, em voz baixa.

— E o pai dela, é claro. O secretário-geral Narmonov vai anunciar sua indicação para o Politburo na próxima semana — respondeu o general numa voz neutra e baixa.

E não vai fazer mal algum ter mais um amigo da KGB na corte, pensou Vatutin. *Talvez Gerasimov esteja preparando alguma jogada...*

— Lembre-se do que ele disse sobre não beber — disse o general a seu lado. — Ouvi dizer que anda entornando as garrafas com vontade, ultimamente. Essa é uma área de concordância entre o diretor e o secretário-geral, caso ninguém lhe tenha dito.

— Sim, camarada general — respondeu Vatutin. *E claro, é provavelmente a única área de concordância.* Como qualquer bom russo, Vatutin achava que vodca fazia parte da vida tanto quanto o ar. Ocorreu a ele que fora sua ressaca que o levara a tomar um banho de vapor naquela manhã e reparar na coincidência, mas refreou o impulso de mencionar a ironia envolvida. De volta à própria escrivaninha alguns minutos mais tarde, Vatutin apanhou um bloco e começou a planejar a vigilância sobre os dois coronéis do Exército soviético.

Gregory tomou vôos de rotas comerciais ao voltar para casa, mudando de avião em Kansas City, depois de uma espera de duas horas. Dormira durante a maior parte do trânsito e andava direto para o terminal, pois não possuía bagagem para cuidar. Sua noiva o aguardava.

— Como estavam as coisas em Washington? — perguntou ela, depois do beijo habitual de boas-vindas.

— Nunca muda. Me mandaram de um lugar para outro por lá. Acho que pensam que os cientistas nunca dormem. — Ele apanhou a mão dela na caminhada até o carro.

— Então, o que aconteceu? — quis saber ela, assim que saíram.

— Os russos fizeram um grande teste. — Ele parou, olhando ao redor. Aquela era uma violação técnica de segurança.... mas Candi fazia parte do grupo, não fazia? — Eles acertaram um satélite com o laser baseado em Dushanbe. O que sobrou parecia um modelo de plástico que derreteu no forno.

— Isso é ruim — comentou a dra. Long.

— Claro que é — concordou Gregory. — Mas eles tiveram problemas ópticos. Distorção térmica e balanço, os dois. Com certeza não têm por lá ninguém como você para construir espelhos. Se bem que deve ter gente boa na área do laser.

— Boa quanto?

— Boa o suficiente para que estejam fazendo algo que ainda não conseguimos. — Al resmungou ao alcançar seu Chevy. — Você dirige, estou um pouco dopado.

— Nós vamos conseguir? — perguntou Candi, girando a chave na porta.

— Mais cedo ou mais tarde. — Não podia ir mais longe do que isso, noiva ou não.

Candi entrou e esticou-se para puxar a trava da porta à direita. Assim que Al entrou e colocou o cinto, abriu o porta-luvas e tirou de lá um saquinho de jujubas. Sempre tinha um estoque delas. Estavam um pouco passadas, mas ele não se importou. Às vezes Candi se perguntava se o amor dele por ela não resultava do fato de que seu apelido significava, em inglês, confeitos ou balinhas.

— Como está indo o trabalho com o novo espelho? — quis saber ele, depois de engolir metade do saquinho.

— Marv tem uma nova idéia que estamos tentando executar. Ele acha que deveríamos afinar a camada óptica em vez de engrossá-la. Vamos experimentá-la na semana que vem.

— Marv é um cara bem original para um coroa — observou Al. O dr. Marv Greene tinha 42 anos.

Candi riu.

— A secretária dele acha que ele é bem original, também.

— Ele devia se comportar melhor do que ficar andando por aí com as colegas de trabalho — disse Gregory sério. Um momento depois encolheu-se.

— Claro, querido. — Ela voltou-se para olhar na direção dele, e os dois caíram na risada. — Está muito cansado?

— Eu dormi no vôo.

— Ótimo.

Um pouco antes de abraçá-la, Gregory amassou a embalagem vazia de jujubas e atirou-a ao chão, onde foi juntar-se a quase trinta outras. Ele voara um bocado, mas Candi tinha um metódo seguro para curar enjôo.

— Bem, Jack? — perguntou o almirante Greer.

— Estou preocupado — admitiu Ryan. — Foi por pura sorte que ficamos sabendo do teste. O horário foi muito bem escolhido. Todos os nossos satélites de reconhecimento estavam bem abaixo do horizonte

óptico. Não deveríamos saber de nada... o que não é surpresa nenhuma, desde que o teste é uma violação técnica do Tratado ABM. Bem, provavelmente é. — Jack deu de ombros. — Tudo depende de como se lê o tratado. Agora vamos chegar ao ponto de discutir a interpretação "livre", ou "ao pé da letra". Se tentássemos fazer algo parecido, o Senado iria botar a boca no mundo.

— Eles não iriam gostar do teste que você viu. — Muito poucas pessoas sabiam o que era *Tea Clipper*. O programa era "negro". E os programas "negros", mais sigilosos do que a classificação máxima de segurança, simplesmente não existiam.

— Talvez. Mas estávamos testando o sistema de mira, e não uma arma de verdade.

— E os soviéticos estavam testando um sistema para ver se... — Greer sorriu e balançou a cabeça. — É como falar sobre metafísica, não é? Quantos feixes de laser podem dançar sobre a cabeça de um alfinete?

— Tenho certeza de que Ernie Allen poderia nos dar uma opinião sobre isso. — Jack sorriu. Ele não concordava com Allen, mas era obrigado a gostar do homem. — Tenho esperança de que nosso amigo em Moscou consiga entregar suas informações.

12
SUCESSO E FRACASSO

Um dos problemas em manter qualquer indivíduo sob vigilância é que se precisa determinar como ele ou ela em geral passam o dia, antes de se poder estabelecer que recursos serão necessários para a operação. Quanto mais solitária a pessoa ou sua atividade, mais difícil é manter uma vigilância dissimulada. Por exemplo, os agentes da KGB que seguiam o coronel Bondarenko já o odiavam completamente. Sua rotina diária de corridas ao ar livre era uma atividade ideal para um espião, pensavam todos. Ele corria inteiramente só pelas ruas da cidade, em grande parte vazias — vazias o suficiente para que todos fora de casa fossem com certeza conhecidos de vista e vazias o suficiente para que ele notasse imediatamente qualquer coisa fora do comum. Enquanto corria pelos quarteirões residenciais daquela parte de Moscou, os três agentes designados para segui-lo perderam contato visual por nada menos que cinco vezes. As árvores esparsas que poderiam ocultá-los estavam desfolhadas e os prédios de apartamentos jaziam isolados na terra plana e deserta como grandes lápides. Em qualquer uma daquelas cinco vezes, Bondarenko poderia ter parado para receber um contato *dead-drop,* ou ele mesmo poderia ter passado alguma informação. Era mais do que frustrante, e ainda havia o fato de que o coronel do Exército soviético possuía uma folha de serviços tão imaculada como um floco de neve recém-caído: exatamente a cobertura que qualquer espião idealizaria para si próprio, é claro.

Eles o localizaram outra vez ao dobrar a esquina de sua casa, movendo as pernas vigorosamente, o hálito condensando-se no ar atrás de si em pequenas nuvens de vapor. O homem encarregado daquela parte do caso decidira que seria necessária tão-somente meia dúzia de agentes do "Dois" para as corridas matinais do suspeito. E eles teriam de chegar uma hora antes do horário esperado para o início da corrida, suportando o frio seco e cortante das madrugadas de Moscou. Os agentes do Segundo Diretório nunca se considerariam suficientemente reconhecidos pelas agruras do trabalho.

A muitos quilômetros dali, outro grupo de três estava bem satisfeito com seu suspeito. Naquele caso haviam obtido um apartamento no oitavo andar, em frente ao prédio onde residia o suspeito — o diplomata que morava ali estava no exterior. Um par de teleobjetivas foi focalizado nas janelas de Misha, e ele não era do tipo que se preocupasse em abaixar persianas, ou mesmo ajustá-las para diminuir a luz. Observaram-no realizando a rotina matinal de um homem que bebera em demasia na noite anterior, familiar aos homens do "Dois" que observavam do outro lado da rua, confortavelmente aquecidos.

Misha também era suficientemente importante no Ministério da Defesa para utilizar um carro com motorista. Fora fácil transferir o sargento e substituí-lo por um rosto jovem e desconhecido da escola de contra-inteligência da KGB. Um microfone no telefone gravou seu pedido para ser apanhado cedo.

Ed Foley saiu de seu apartamento mais cedo do que habitualmente. A esposa o levou ao trabalho, com as crianças no banco traseiro do carro. O arquivo soviético sobre Foley relatava com certa ironia o fato de que era ela que ficava com o carro na maioria dos dias, para levar as crianças e geralmente encontrar-se com as mulheres de outros diplomatas ocidentais. Um marido soviético ficaria com o carro para uso próprio. Pelo menos não estava fazendo com que ele usasse o metrô hoje, observaram eles; fora decente da parte dela. O miliciano à entrada do conjunto diplomático — ele pertencia à KGB, como era do conhecimento de todos — registrou a hora da partida, bem como os ocupantes do carro. Era um pouco fora do comum, e o guarda do portão olhou em volta para verificar se o agente da KGB que seguia Foley estava presente. Não estava. Os americanos "importantes" tinham vigilância mais assídua.

Ed Foley usava um gorro de peles em estilo russo e seu sobretudo era suficientemente usado para que não parecesse terrivelmente estrangeiro. Um cachecol de lã, que contrastava um pouco com o casaco, protegia-lhe o pescoço e escondia a gravata listrada. Os agentes de segurança russos que o conheciam de vista repararam que, a exemplo do que acontecia com a maioria dos estrangeiros, ele também fora influenciado pelo clima local, o grande nivelador. Quem quer que passe por um inverno russo, logo começa a vestir-se e agir como um russo, até o ponto de olhar levemente para baixo ao andar.

Em primeiro lugar, deixaram as crianças na escola. Mary Pat Foley dirigia normalmente, desviando o olhar da pista ao espelho retrovisor a cada três ou quatro segundos. Dirigir ali até que não era tão mau, comparado às cidades americanas. Embora os motoristas russos fizessem as coisas mais inesperadas, as ruas não eram muito movimentadas e, tendo aprendido a dirigir em Nova York, ela podia se arranjar em qualquer lugar. Como os agentes faziam no mundo todo, percorria um caminho cheio de atalhos, que evitava os piores pontos de engarrafamento, economizando alguns minutos à custa de 1 ou 2 litros a mais de combustível.

Imediatamente após dobrar uma esquina, ela manobrou com habilidade junto à calçada e o marido desceu. O carro já estava em movimento quando ele bateu a porta e afastou-se, não muito rapidamente, em direção à entrada lateral de um prédio de apartamentos. Dessa vez, o coração de Ed Foley batia acelerado. Havia feito aquilo apenas uma vez anteriormente e não gostava nem um pouco. No interior do prédio, evitou os elevadores e dispôs-se a subir os oitos lances de escada, consultando o relógio.

Não sabia como a mulher fazia aquilo. Incomodava seu ego admitir que ela dirigia com muito mais precisão do que ele e podia ir de carro a qualquer lugar escolhido com uma precisão de cinco segundos a mais ou a menos. Tinha dois minutos para chegar ao oitavo andar. Foley conseguiu fazê-lo com alguns segundos de folga. Abriu a porta corta-fogo e procurou com olhos ansiosos o corredor. Maravilhosos os corredores, especialmente os que eram retos e vazios, nas construções antigas e altas. Com um conjunto de elevadores no centro e escadas de incêndio em ambas as extremidades, não havia lugar para se ocultarem câmeras de vigilância. O agente avançou além da área dos elevadores, dirigindo-se para a outra extremidade. Poderia medir o tempo com as batidas de seu coração agora. Vinte metros à frente, a porta de um dos apartamentos se abriu e um homem trajando uniforme saiu. Voltou-se para trancar a porta, depois apanhou sua valise e prosseguiu na direção de Foley. Um observador, se houvesse algum ali, teria achado estranho que nenhum dos dois homens se movesse para evitar o outro.

Durou apenas um instante. A mão de Foley tocou a do Cardeal, apanhando o magazine de filme e passando uma minúscula tira de papel.

Pensou ter visto uma ponta de irritação nos olhos do agente, e nada além disso, nem mesmo um "Desculpe, por favor, camarada", enquanto o oficial prosseguia em direção aos elevadores. Foley foi diretamente até as escadas de incêndio. Desceu devagar.

O coronel Filitov saiu do prédio na hora marcada. O sargento que segurava a porta do carro notou que ele mastigava alguma coisa, talvez uma migalha de pão entre os dentes.

— Bom dia, camarada coronel.

— Onde está Zhdanov? — indagou Filitov entrando no veículo.

— Ficou doente. Eles acham que é o apêndice. — Isso provocou um grunhido.

— Bem, vamos indo. Quero tomar um banho de vapor essa manhã.

Foley saiu pelos fundos do edifício alguns minutos depois e passou por mais dois prédios de apartamentos, encaminhando-se para a próxima rua. Estava chegando à esquina quando sua mulher apareceu, apanhando-o quase sem parar o carro. Ambos respiraram profundamente algumas vezes enquanto ela guiava em direção à embaixada.

— O que vai fazer hoje? — perguntou ela, os olhos verificando o retrovisor.

— O de sempre — foi a resposta resignada.

Misha já estava na sala de vapor. Notou a ausência do atendente e a presença de rostos não familiares. Aquilo explicava a transferência especial aquela manhã. Não deixou transparecer nada ao trocar palavras amigáveis com os freqüentadores. Era uma pena que a câmera tivesse ficado sem filme. Havia ainda a considerar o aviso de Foley. Se ele estivesse novamente sob vigilância — bem, a cada ano ou dois algum oficial de segurança resolvia mostrar serviço e verificava novamente todo o pessoal do ministério. A CIA percebera e quebrara a cadeia de mensagens. *Era divertido,* ele pensou, *ver o olhar no rosto do jovem no corredor.* Sobraram tão poucas pessoas que sabiam o que era combater... As pessoas se assustavam facilmente. *O combate ensina a um homem o que temer e o que ignorar,* disse Filitov a si mesmo.

Do lado de fora da sala de vapor, um homem do "Dois" revistava as roupas de Filitov. No carro, sua valise também sofria uma verificação. Em cada caso, a tarefa foi realizada rápida e meticulosamente.

Vatutin em pessoa supervisionara a revista no apartamento de Filitov. Fora um trabalho realizado por peritos com luvas cirúrgicas de borracha, e

eles passaram a maior parte do tempo procurando "pistas". Poderia ser um pedaço de papel, uma migalha, ou até mesmo um fio de cabelo humano deixado num local específico, cuja remoção alertaria o homem que morava no apartamento sobre o fato de que alguém estivera no local. Tiraram numerosas fotografias que levaram para revelar. O diário foi encontrado quase imediatamente. Vatutin inclinou-se para examinar o caderno de aparência comum que estava bem visível na gaveta da escrivaninha, a fim de certificar-se de que o local não possuía nenhuma marcação oculta. Ao cabo de um ou dois minutos, apanhou-o e começou a ler.

O coronel Vatutin estava irritado. Não dormira bem na noite anterior. Como todos os bebedores inveterados, ele precisava de álcool para adormecer, e a excitação do caso, aliada à falta do remédio apropriado, lhe proporcionara uma noite maldormida, debatendo-se de um lado para o outro; esse fato estava suficientemente aparente em seu rosto para que seu grupo permanecesse de boca fechada.

— Câmera — ordenou ele secamente. Um homem avançou e começou a fotografar as páginas do diário enquanto Vatutin as virava.

— Alguém tentou arrombar a fechadura — informou um major. — Arranhões ao redor do buraco da chave. Se desmontarmos a fechadura, acredito que encontraremos arranhões nas lingüetas também. Provavelmente alguém esteve aqui.

— Tenho o que eles vieram procurar — atalhou Vatutin de mau humor. Cabeças viraram-se pelo apartamento. O homem que examinara a geladeira retirou o painel frontal, verificou a parte de baixo do aparelho, depois recolocou o painel no lugar. — Este homem escreve a porra de um diário! Será que ninguém lê mais os manuais de segurança?

Agora entendia. O coronel Filitov usava diários pessoais para esboçar relatórios oficiais. De alguma forma, alguém ficara sabendo e viera até o apartamento para fazer cópias...

Mas qual é a probabilidade de isso acontecer?, Vatutin perguntou a si mesmo. *Tão provável quanto um homem que escreve suas lembranças dos documentos oficiais quando pode copiá-las em sua mesa no Ministério da Defesa.*

A busca demorou duas horas, e os homens do grupo partiram aos pares ou sozinhos, depois de recolocarem tudo exatamente no local encontrado.

De volta ao escritório, Vatutin leu o diário fotografado na íntegra. No apartamento, apenas folheara o material. O fragmento do filme capturado combinava perfeitamente com uma das páginas do início do diário de Filitov. Gastou uma hora examinando as fotografias das páginas. Os dados em si já eram impressionantes. Filitov descrevia o projeto *Estrela Brilhante* com um nível considerável de detalhes. Na verdade, a explicação do velho coronel era ainda melhor do que o resumo que recebera como parte da investigação. No meio encontravam-se detalhes de observações do coronel Bondarenko sobre a segurança do local, e algumas queixas sobre a maneira como as prioridades eram distribuídas pelo ministério. Ficava evidente que ambos os coronéis eram entusiastas de *Estrela Brilhante,* e Vatutin já começava a concordar com eles. Mas o ministro Yazov, ele leu, não tinha tanta certeza. Queixava-se de problemas com os fundos — bem, mas aquela era outra história, não era?

Ficou claro que Filitov violara as regras de segurança ao manter registros sobre material ultra-secreto em sua casa. Isso apenas seria motivo suficientemente sério para que qualquer burocrata iniciante ou de nível médio perdesse o emprego, mas Filitov era tão antigo quanto o próprio ministro, e Vatutin sabia muito bem que os veteranos encaravam as regras de segurança como inconvenientes a serem ignorados no Interesse do Estado, do qual se julgavam árbitros supremos. Imaginou se o mesmo seria verdadeiro em algum outro lugar. De uma coisa tinha certeza: antes que ele ou qualquer outro membro da KGB pudesse acusar Filitov de qualquer coisa, precisava de algo mais sólido do que isso. Mesmo que Misha fosse um agente estrangeiro — *Por que estou tentando negar isso?,* perguntou Vatutin a si mesmo, um tanto surpreso. Transportou-se de volta ao apartamento do homem, recordando-se das fotografias nas paredes. Devia haver uma centena delas: Misha em pé sobre a torre de seu T-34, binóculos sobre os olhos; Misha com seus homens nas neves do lado dos arrabaldes de Stalingrado; Misha e a tripulação de seu tanque apontando os furos feitos na blindagem lateral de um tanque alemão... e Misha numa cama de hospital, com Stálin em pessoa prendendo sua terceira medalha de Herói da União Soviética ao travesseiro, com a mulher e ambos os filhos ao lado. Aquelas eram as recordações de uma patriota e herói.

Nos velhos dias isso não teria importância, lembrou Vatutin. *Nos velhos dias suspeitávamos de todos*.

Qualquer um poderia ter arranhado a fechadura. Assumiu que poderia ter sido o atendente dos banhos desaparecido. Sendo ex-técnico em material bélico, ele provavelmente sabia como fazê-lo. *E se for uma coincidência?*

Mas, se Misha fosse mesmo um espião, por que não fotografar ele mesmo os documentos oficiais? Na qualidade de ajudante do ministro da Defesa, podia solicitar quaisquer documentos que desejasse, e penetrar no ministério com uma câmera miniatura era brincadeira.

Se tivéssemos um filme com uma fotografia de tal documento, Misha já estaria no Presídio Lefortovo...

E se ele estiver bancando o espertinho? E se ele quiser que pensemos que alguém tem roubado material de seu diário? Posso levar tudo para o ministro agora, mas não podemos acusá-lo de nada além de violação das regras internas de segurança. Se ele responder que estava trabalhando em casa e admitir que quebrou a regra, e o ministro defender seu ajudante — o ministro defenderia Filitov?

Sim. Vatutin tinha certeza disso. Por um lado, Misha era um ajudante de confiança e um destacado soldado profissional. Por outro, o Exército sempre cerrava fileiras para proteger um dos seus contra a KGB. *Os putos nos odeiam mais do que odeiam os ocidentais.* O Exército soviético nunca esqueceu o final da década de 30, quando Stálin usou a agência de segurança para matar quase todos os oficiais graduados, quase perdendo Moscou para o Exército alemão em conseqüência direta disso. Agora, se formos a eles apenas com esse material, vão rejeitar nossas provas e lançar a própria investigação através da GRU.

Quantas irregularidades vão aparecer neste caso?, perguntou-se o coronel Vatutin.

Foley perguntava-se algo parecido em seu cubículo a alguns quilômetros dali. Revelara o filme e estava lendo o conteúdo. Notou com irritação que o Cardeal ficara sem filme e não fora capaz de reproduzir o documento inteiro. A parte que tinha perante si, entretanto, afirmava que a KGB possuía um agente no interior de um projeto americano chamado *Tea Clipper.* Evidentemente Filitov considerava isso de maior interesse imediato para os americanos, em detrimento do que seus compatriotas pretendiam fazer, e ao ler os dados Foley estava inclinado a concordar. Pois bem. Ele arranjaria para o Cardeal mais alguns magazines de filme, obteria o restante do documento, depois passaria a mensagem dizendo que

já era tempo de se aposentar. A fuga estava marcada para dali a dez dias ou mais. Bastante tempo, disse a si mesmo, a despeito de um sentimento incômodo na nuca, que afirmava outra coisa.

Qual o próximo truque? Como passaremos o filme novo para o Cardeal? Com a corrente de mensageiros destruída, levaria várias semanas para estabelecer uma nova, e ele não queria arriscar-se novamente a um contato direto.

Ele sabia que aquilo teria de acontecer, eventualmente. Claro, tudo havia corrido tão suavemente durante todo o tempo em que dirigira aquele agente, porém mais cedo ou mais tarde alguma coisa acontecera. Foi o acaso, disse a si mesmo. Eventualmente os dados rolaram para o lado errado. Quando fora designado para o posto pela primeira vez e ficara sabendo da história do Cardeal, maravilhara-se com o fato de que o homem durara tanto tempo e que rejeitara três ofertas de fuga. Até quando se podia forçar a própria sorte? O velho bastardo devia pensar que era invencível. *Aqueles a quem os deuses destruiriam, primeiro os fariam orgulhosos,* pensou Foley.

Deixou o pensamento de lado e continuou com as tarefas do dia. Por volta do fim da tarde, o mensageiro se dirigia para Oeste com um novo relatório do Cardeal.

— Está a caminho — disse Ritter ao diretor-geral da CIA.

— Graças a Deus — sorriu o juiz Moore. — Agora vamos nos concentrar em tirá-lo de lá.

— Clark já foi notificado. Ele vai de avião para a Inglaterra amanhã e encontra o submarino um dia depois disso.

— Esse é outro que já abusou da sorte — observou o juiz.

— É o melhor que temos — respondeu Ritter.

— Não é o suficiente para que possamos fazer alguma coisa — afirmou Vatutin ao chefe da KGB depois de expor os resultados da vigilância e busca. — Estou designando mais pessoal para a operação. Também colocamos aparelhos de escuta no apartamento de Filitov...

— E esse outro coronel?

— Bondarenko? Não conseguimos entrar lá. Sua mulher não trabalha e fica em casa o dia inteiro. Hoje descobrimos que o coronel corre alguns quilômetros todas as manhãs, e mais alguns homens foram designados para esse caso. A única informação que temos atualmente é uma ficha limpa, na verdade é exemplar, e uma porção saudável de ambição. Ele

agora é representante oficial do projeto *Estrela Brilhante* junto ao ministro e, como deve ter notado pelas páginas do diário, um admirador entusiasta do projeto.

— Suas impressões sobre o homem? — As perguntas do diretor-geral eram feitas de modo abrupto, mas não ameaçador. Era uma pessoa ocupada, que valorizava seu tempo.

— Até agora, nada que nos levasse a suspeitar de coisa alguma. Foi condecorado por serviços prestados no Afeganistão: liderou um comando especial *Spetznaz* que sofreu uma emboscada e rechaçou um ataque perigoso dos bandidos. Enquanto esteve em *Estrela Brilhante,* censurou a guarda da KGB por displicência, mas seu relatório formal ao ministro explica os motivos, e é difícil rejeitar suas razões.

— Alguma coisa já foi feita a respeito disso? — quis saber Gerasimov.

— O oficial enviado para resolver esse assunto morreu num desastre aéreo no Afeganistão. Um outro será mandado brevemente, foi o que me informaram.

— O atendente dos banhos?

— Ainda estão procurando por ele. Sem resultado ainda. Estamos vigiando tudo: aeroportos, estações de trem, tudo enfim. Se surgir algum sinal dele, mandarei avisá-lo imediatamente.

— Muito bem. Dispensado, coronel. — Gerasimov voltou aos papéis em sua mesa.

O diretor-geral da Comissão para a Segurança do Estado permitiu-se um sorriso depois que Vatutin saiu. Ficou espantado ao saber como tudo corria bem. O golpe de mestre era o caso Vaneyeva. Não era comum descobrir uma rede de espiões em Moscou, e, quando aquilo acontecia, as congratulações sempre vinham acompanhadas da pergunta: *Por que demorou tanto?* Dessa vez isso não aconteceria. Não, não com o pai de Vaneyeva a ponto de ser indicado para o Politburo. E o secretário Narmonov achava que ele seria leal ao homem que arranjara a promoção. Narmonov, com todos os seus sonhos de reduzir os armamentos, de relaxar o aperto que o Partido mantinha sobre a nação, de "liberalizar" o que fora legado ao Partido... Gerasimov pretendia mudar tudo isso.

Não seria fácil, claro. Gerasimov possuía apenas três aliados poderosos no Politburo, mas entre eles incluía-se Alexandrov, o idealista a quem o secretário não fora capaz de aposentar depois que ele mudara sua

fidelidade. E agora tinha um outro, completamente desconhecido do camarada secretário-geral. Por outro lado, Narmonov tinha o apoio do Exército.

Esse era um legado de Mathias Rust, o jovem alemão que pousara seu Cessna alugado na Praça Vermelha. Narmonov era um político sagaz. Rust penetrara no espaço aéreo da União Soviética no Dia do Guarda de Fronteira, uma coincidência que ele não soubera explicar — e Narmonov negara à KGB a oportunidade de interrogar adequadamente o delinqüente! O jovem encenara seu vôo no único dia do ano em que se podia ter certeza de que enorme força de guardas de fronteira da KGB estaria gloriosamente bêbada. Isso permitira que passasse sem ser notado através do golfo da Finlândia. Depois, a Defesa Aérea falhara em detectá-lo, e o rapaz aterrissara bem em frente à Catedral de São Basílio.

O secretário-geral Narmonov agira rapidamente depois disso: exonerara o comandante da Defesa Aérea e o ministro da Defesa Sokolov depois de uma agitada reunião do Politburo, onde Gerasimov fora incapaz de levantar objeções, para não colocar em perigo sua posição. O novo ministro da Defesa, D. T. Yazov, era um homem do secretário, um joão-ninguém em posição inferior na lista de oficiais superiores; um homem que, tendo falhado em merecer seu posto, dependia do secretário para permanecer nele. Isso havia coberto o flanco mais vulnerável de Narmonov. A complicação adicional que o fato trazia era que Yazov estava ainda aprendendo, e dependia de veteranos *co*mo Filitov para ensiná-lo.

E Vatutin pensa que esse é simplesmente um caso de contra-espionagem, resmungou Gerasimov para si mesmo.

Os procedimentos de segurança que envolviam os dados do Cardeal impediam Foley de enviar qualquer informação pelas vias normais. Mesmo códigos de despistamento, teoricamente impenetráveis, pareciam-lhe arriscados. Sendo assim, a folha da capa de seu último relatório alertaria a fraternidade Delta de que as informações despachadas não eram exatamente o esperado.

Tal constatação obrigou Bob Ritter a se levantar de sua cadeira. Fez suas fotocópias e destruiu os originais antes de dirigir-se à sala do juiz Moore. Greer e Ryan já estavam lá quando chegou.

— Ele ficou sem filme — informou o diretor de Operações, tão logo fechou a porta.

— O quê? — espantou-se Moore.

— Surgiu uma nova informação. Parece que nossos colegas da KGB possuem um agente infiltrado em *Tea Clipper* que acabou de conseguir a maior parte do projeto sobre esse novo e miraculoso espelho, e o Cardeal decidiu que esse dado era mais importante. Não tinha filme para fotografar tudo, por isso decidiu-se por relatar as intenções da KGB. Temos apenas metade dos planos do laser.

— Metade pode ser suficiente — observou Ryan.

Ritter fechou a cara. Não estava nem um pouco satisfeito com o fato de que Ryan agora tivesse acesso a informações Delta.

— Ele discute os efeitos da mudança no projeto, mas não há nada sobre a alteração em si.

— Podemos identificar a fonte do vazamento de informações em nosso lado? — indagou o almirante Greer.

— Talvez. E alguém que entende muito de espelhos. Parks precisa providenciar isso bem rápido. Ryan, você esteve lá em pessoa. O que acha?

— O teste a que assisti validou o desempenho do espelho e do programa de computador que o controla. Se os russos puderem duplicá-lo... Bem, sabemos que eles têm a parte do laser completamente resolvida, certo? — Ele parou por um momento. — Cavalheiros, isso tudo é assustador. Se os russos chegarem lá primeiro, isso acaba com todos os critérios de controles de armas e nos deixa com uma situação estratégica em deterioração. Quero dizer, levaria vários anos antes que o problema em si aparecesse, mas...

— Bem, se nosso homem conseguir outro maldito filme — disse o diretor de Operações —, podemos trabalhar nisso nós mesmos. As boas novas são que esse sujeito, Bondarenko, que Misha escolheu para dirigir o setor de laser no ministério, vai manter nosso homem informado sobre o que está acontecendo. As más notícias...

— Bem, não precisamos discutir isso agora — disse o juiz Moore. Ryan não precisava saber de nada sobre esse assunto, diziam seus olhos a Ritter, que imediatamente concordou. — Jack, disse que tinha mais alguma coisa?

— Vai haver uma nova indicação para o Politburo na segunda-feira: Ilya Arkadyevich Vaneyev. Idade: 63, viúvo. Tem apenas uma filha, Svetlana, que trabalha no Gosplan; ela é divorciada e tem uma filha. Vaneyev é uma pessoa bem direta, honesto pelos padrões deles, não muito

metido com a roupa suja que conhecemos. Ele está sendo promovido de uma vaga no Comitê Central. Foi ele o cara que assumiu o cargo na Agricultura que Narmonov ocupou com um sucesso razoável. A idéia corrente é que ele seja um homem de Narmonov. Isso daria quatro membros com direito a voto a favor de Narmonov, e...

— Ele parou quando viu o olhar doloroso no rosto dos outros três.

— Algo errado?

— Essa filha dele — observou o juiz Moore. — Ela está na folha de pagamentos de Sir Basil.

— Cancelem o contrato — disse Ryan. — Seria ótimo conservar esse tipo de fonte de informação, mas um escândalo agora poderia ameaçar Narmonov. É melhor aposentá-la. Podem reativá-la dentro de alguns anos, mas no momento desativem-na.

— Talvez não seja assim tão fácil — comentou Ritter, deixando o assunto nesse ponto. — Como vai o relatório?

— Terminei ontem.

— É apenas para o presidente e mais uns poucos. Esse vai ser bastante restrito.

— É justo. Posso imprimi-lo esta tarde. Se isso é tudo...

Era. Ryan deixou a sala. Moore aguardou a porta se fechar e falou:

— Ainda não contei a ninguém, mas o presidente Ernie Allen anda preocupado com a posição política de Narmonov outra vez. Ele teme que a última mudança de posição dos soviéticos indique enfraquecimento de apoio interno, e convenceu o patrão de que agora não é um bom momento para impor certos itens. A implicação disto, se trouxermos agora o Cardeal, bem, talvez provoque um efeito político indesejável.

— Se Misha for apanhado, teremos os mesmos efeitos políticos — ressaltou Ritter. — Sem mencionar o efeito pernicioso que teria sobre nosso homem. Arthur, estão atrás dele. Talvez tenham chegado até a filha de Vaneyev...

— Ela está de volta ao trabalho no Gosplan — afirmou o diretor-geral.

— Claro, e o homem da lavanderia desaparecido. Eles chegaram até ela e a fizeram falar — insistiu o diretor de Operações. — Precisamos tirá-lo de lá de uma vez por todas. Não podemos deixá-lo exposto à sorte, Arthur. *Devemos* a esse homem.

— Não posso autorizar a remoção dele sem aprovação do presidente. Ritter quase explodiu.

— Então arrume! Foda-se a política... nesse caso, foda-se a política. Existe um lado prático em tudo isso, Arthur. Se deixarmos um homem como ele ser apanhado e não levantarmos um dedo para protegê-lo... Que diabos, os russos vão fazer uma minissérie de televisão sobre o assunto! Vai nos custar muito a longo prazo do que esse lixo político temporário.

— Espere um pouco — pediu Greer. — Se eles fizeram falar a filha do cara do Partido, como é que ela voltou ao trabalho?

— Política? — ponderou Moore. — Acha que a KGB é incapaz de magoar a família do sujeito?

— Certo! — atalhou o diretor de Operações. — Gerasimov está na facção oposta, e ele deixaria passar uma oportunidade para negar um lugar no Politburo a um homem de Narmonov? Isso me cheira a política, sim, mas não desse tipo. É mais provável que Alexandrov tenha o rapaz no bolso do colete e Narmonov não saiba de nada sobre isso.

— Então acha que ela falou, mas a deixaram ir e a estão usando para fazer pressão contra o pai? — indagou Moore. — Faz sentido. Mas não há provas.

— Alexandrov está muito velho para ocupar o cargo ele mesmo, e de qualquer maneira o idealista parece nunca querer atingir o lugar mais alto... é mais divertido brincar de criador de reis. Gerasimov era seu preferido, entretanto, e sabemos que possui ambição suficiente para fazer-se coroar Nicolau III.

— Bob, você acaba de dar outra ótima razão para não balançar o barco agora. — Greer saboreou um gole de café por um instante. — Também não gosto da idéia de deixar Filitov onde está. Quais são as chances de que ele possa ficar abaixado? Quero dizer, da maneira que as coisas estão, ele talvez consiga se livrar das acusações que possam levantar contra ele.

— Não, James. — Ritter sacudiu enfaticamente a cabeça. — Não podemos deixar que ele "fique abaixado", porque precisamos do resto desse relatório, certo? Se ele corre o risco de enviar o material apesar da atenção que anda despertando, não podemos deixá-lo entregue à própria sorte. Não é justo. Lembre-se do que esse homem fez ao longo dos anos. — Ritter argumentou por vários minutos, demonstrando a feroz lealdade ao seu pessoal que aprendera como jovem agente controlador. Embora os

agentes precisassem ser tratados como crianças, encorajados, apoiados e disciplinados, eles se tornavam como suas crianças, e qualquer perigo que os ameaçasse precisava ser combatido.

O juiz Moore terminou a discussão.

— Seus argumentos estão bem estabelecidos, Bob, mas mesmo assim preciso falar com o presidente. Isso não é mais uma operação de campo.

Ritter fez pé firme.

— Vamos deixar tudo preparado.

— Certo, mas não vai ser colocado em prática até que obtenhamos aprovação.

O tempo em Faslane estava péssimo, mas naquela época do ano geralmente era assim. Um vento de quase 55 quilômetros por hora açoitava a costa escocesa com chuva e neve quando o *Dallas* subiu à superfície. Mancuso ocupou seu posto ao alto da torre e examinou as colinas rochosas no horizonte. Acabara de completar uma travessia em velocidade, cruzando o Atlântico a uma média da trinta e um nós, forçando as máquinas tanto quanto ousava por um longo período de tempo, sem mencionar a navegação submersa muito mais perto da costa do que ele teria preferido. Bem, era pago para obedecer às ordens, não para gostar delas.

As vagas eram de cerca de 5 metros e o barco ondulava com elas, balançando em sua rota a doze nós. O mar passava diretamente sobre a proa esférica e subia ao vir de encontro à superfície rombuda da torre. Mesmo o traje de tempestade não ajudava muito. Em poucos minutos ele ficou encharcado e tremendo. Um rebocador da Marinha Real britânica aproximou-se e tomou posição a estibordo da proa, conduzindo o submarino para o lago, enquanto Mancuso lidava com o balanço. Um dos seus mais bem guardados segredos profissionais era um toque ocasional de enjôo. Estar na torre ajudava, mas os tripulantes no interior do casco cilíndrico do submarino lamentavam agora o almoço pesado servido algumas horas antes.

Em uma hora estavam em águas abrigadas, fazendo a curva em "S" para o interior da base que abrigava submarinos nucleares ingleses e americanos. Uma vez lá, o vento mudou para melhor, facilitando a entrada da grande massa cinzenta do submarino no ancoradouro. As pessoas que os aguardavam lá permaneciam abrigadas em alguns carros, enquanto os

cabos eram jogados e amarrados pela tripulação de convés do submarino. Logo que as amarras foram passadas, Mancuso desceu para sua cabine.

Seu primeiro visitante foi um comandante. Esperava um oficial de submarino, mas esse não trazia nenhum tipo de divisas. Aquilo o denunciava como alguém da Inteligência.

— Como foi a travessia, capitão? — perguntou o homem.

— Sossegada. — *Vamos logo com isso!*

— Você zarpa em três horas. Aqui estão suas ordens de missão. Ele entregou um envelope de papel manilha com lacres e uma nota

na frente que instruía Mancuso sobre a hora em que poderia abri-lo. Embora fosse coisa freqüente em filmes, era a primeira vez que isso acontecia a ele como comandante. Geralmente se podiam discutir as missões com as pessoas que as ordenavam. Mas não dessa vez. Mancuso assinou o recibo pelas ordens, trancou-as no cofre sob o olhar atento do indivíduo e dispensou-o.

— Merda! — desabafou o capitão para si mesmo. Agora os convidados podiam subir a bordo.

Eles eram dois, ambos em roupas civis. O primeiro desceu pela escotilha de carregamento de torpedos com a agilidade de marinheiro profissional. Mancuso logo viu por quê.

— Oi, capitão!

— Jones, que demônios está fazendo aqui?

— O almirante Williamson me deu uma escolha: ou ser chamado novamente para um serviço ativo temporário, ou vir a bordo como "técnico civil". Paga melhor. — Jones abaixou a voz. — Este aqui é o senhor Clark. Ele não fala muito.

E não falou. Mancuso designou-lhe o beliche de reserva no camarote do engenheiro. Depois que seu equipamento desceu pela escotilha, o sr. Clark entrou no quarto, fechou a porta atrás de si e foi tudo.

— Onde quer que eu coloque minhas coisas? — perguntou Jones.

— Há um beliche sobressalente na despensa, mas ela fede — respondeu Mancuso.

— Ótimo. Sempre se pode comer melhor, de qualquer jeito.

— Como vai a escola?

— Mais um semestre até o meu mestrado. Já estou recebendo proposta de alguns fornecedores. E fiquei noivo. — Jones puxou a carteira

e mostrou uma fotografia ao capitão. — O nome dela é Kim, e trabalha numa biblioteca.

— Parabéns, senhor Jones.

— Obrigado, capitão. O almirante me disse que o senhor precisava mesmo de mim. Kim compreende. O pai dela é do Exército. Então, o que aconteceu? Aparece algum tipo de operação especial e você não conseguiu ficar sem mim, certo? — "Operações especiais" era um eufemismo que cobria todo tipo de atividade, a maior parte delas perigosa.

— Não sei. Ainda não me disseram.

— Bem, mais uma viagem "para o norte", até que não seria ruim — observou Jones. — Para ser honesto, até que eu senti falta disso.

Mancuso não acreditava que fossem para lá, mas refreou seu impulso de dizê-lo em voz alta. Jones foi a vante para arrumar suas coisas. Mancuso foi até o camarote do engenheiro.

— Senhor Clark?

— Sim, senhor. — Ele pendurou a jaqueta, revelando que usava uma camiseta de manga curta. O homem tinha pouco mais de 40, avaliou Mancuso.

A primeira vista, ele não parecia assim tão especial, pouco mais de 1, 80 metro, de compleição magra, porém Mancuso reparou que ele não tinha as gorduras da meia-idade ao redor da cintura e os ombros eram mais largos do que pareciam com o paletó. Foi a segunda olhada para o braço que juntou mais uma peça ao quebra-cabeça. Meio escondida sob os pêlos do antebraço, estava uma tatuagem, que parecia uma foca vermelha com um sorriso largo e impudente.

— Conheci um cara com uma tatuagem como essa. Um agente. Está com o Grupo-Seis agora.

— São histórias, capitão. Não tenho permissão para falar sobre isso, senhor.

— Do que se trata, afinal?

— Senhor, suas ordens vão...

— Sem essa. — Mancuso sorriu. — Eles levam tudo ao pé da letra.

— Envolve fazer um *pick-up.*

Meu Deus! Mancuso acenou, impassível.

— Vai precisar de mais algum apoio?

— Não, senhor. Tiro solitário. Só eu e meu equipamento.

— Certo. Podemos estudar os detalhes depois de zarparmos. Você vai comer na copa. Descendo a escada aí do lado de fora, depois uns metros a ré, a estibordo. Mais uma coisa: o tempo é problema?

— Não, a menos que se importe de esperar. Parte desse assunto ainda está no ar... e é só isso que posso dizer agora, capitão. Desculpe, mas também tenho minhas ordens.

— É justo. Você fica na cama de cima. Durma um pouco se precisar.

— Obrigado, senhor. — Clark observou o capitão saindo, mas não sorriu até a porta se fechar.

Ele nunca subira a bordo de um submarino classe Los Angeles. A maior parte das missões eram realizadas pelos menores e mais ágeis Sturgeon. Ele sempre dormia no mesmo lugar, sempre no beliche superior do camarote do engenheiro, a única cama sobressalente na embarcação. Teve o problema de sempre ao acondicionar seu equipamento, mas "Clark" já fizera aquilo muitas vezes e conhecia todos os truques. Estava cansado do vôo e precisava descansar algumas horas. A cama era sempre a mesma, presa ao casco do submarino. Era como dormir num caixão com a tampa meio aberta.

— A gente precisa admirar os americanos pela sua esperteza — disse Morozov.

Tinham sido algumas semanas bem ocupadas em Dushanbe. Imediatamente após o teste — mais precisamente, logo após a partida do representante de Moscou —, dois dos seis geradores de laser foram desativados e desmontados para reparos, e descobriu-se que as partes ópticas estavam bastante chamuscadas. Então ainda havia um problema com a camada óptica, afinal de contas. Provavelmente controle de qualidade, observara o chefe de sua seção, despachando o problema para outro grupo de engenheiros. O que tinham agora era muito mais excitante. Ali estava o projeto do espelho americano do qual tinham ouvido falar durante anos.

— A idéia veio de um astrônomo. Ele queria uma forma de obter fotografias estelares que não sofressem "cintilações". Ninguém se incomodou em dizer-lhe que isso era impossível, portanto ele foi em frente e conseguiu. Eu conhecia a idéia básica, mas não os detalhes. Você tem razão, meu jovem. Isso é muito engenhoso. Engenhoso demais para nós. — O homem resmungou enquanto folheava as páginas que continham a especificação dos computadores. — Não temos nada que possa obter

esse desempenho. Só para construir esses atuadores... Nem sei se conseguimos fazer isso.

— Os americanos esta construindo o telescópio...

— Eu sei, no Havaí. Mas esse do Havaí fica muito aquém deste, tecnicamente falando. Os americanos fizeram um avanço que ainda não penetrou na comunidade científica em geral. Observe a data no diagrama. Eles podem estar operando com esse agora mesmo. — Ele balançou a cabeça. — Estão à nossa frente.

— Você precisa partir.

— Certo. Obrigado por me proteger por tanto tempo. — A gratidão de Eduard Vassilyevich Altunin era sincera. Ele tivera um canto onde dormir e várias refeições quentes que o sustentaram enquanto fazia seus planos.

Ou tentou. Não tentou nem mesmo apreciar as condições desvantajosas sob as quais trabalhava. No Ocidente ele poderia ter arranjado facilmente novas roupas, uma peruca para disfarçar o cabelo, e até mesmo um conjunto de maquilagem teatral que vinha com instruções sobre como alterar a aparência. No Ocidente ele poderia ter-se escondido no banco traseiro de um carro e ser transportado 300 quilômetros em menos de quatro horas. Em Moscou não tinha nenhuma dessas opções. A KGB já teria revistado seu apartamento àquela hora, e determinado que roupa usava. Eles sabiam como era seu rosto e a cor de seu cabelo. A única coisa que evidentemente não conheciam era seu pequeno círculo de amizades do serviço militar no Afeganistão. Nunca falara com ninguém sobre eles.

Ofereceram a ele um tipo de casaco diferente, mas não serviu, e ele não desejava comprometer aquela gente mais do que já estavam. Tinha sua história pronta: escondera-se com um grupo de criminosos a algumas quadras de distância. Um fato pouco conhecido a respeito de Moscou no Ocidente era a situação do crime, que era ruim, e piorava cada vez mais. Embora Moscou ainda não se equiparasse às cidades americanas do mesmo tamanho^ havia regiões onde não era muito prudente andar sozinho à noite. Mas, uma vez que os estrangeiros não as visitavam freqüentemente, e já que os criminosos de rua raramente importunavam estrangeiros — fazê-lo provocaria uma resposta rosa e imediata da Milícia de Moscou —, o conhecimento da situação se espalhava devagar.

Ele saiu de Trofimovo, uma via pública encardida perto do rio. Altunin maravilhou-se com o tamanho de sua estupidez. Sempre dissera a si mesmo que, se precisasse escapar da cidade, ele o faria numa barcaça de carga. Seu pai trabalhara numa delas a vida inteira, e Eduard sabia de esconderijos que ninguém encontraria — mas o rio congelara-se, o tráfego das barcaças estava paralisado e ele não havia pensado nisso! Altunin enraivecia-se consigo mesmo.

Não faz muito sentido preocupar-me com isso no momento, disse a si mesmo. *Tem de haver outra maneira.* Ele sabia que a fábrica de automóveis Moskvich, por onde os trens passavam o ano todo, ficava a apenas 1 quilômetro dali. Tentaria apanhar um que fosse para o sul, talvez num vagão de carga carregado de autopeças. Com sorte chegaria à Geórgia soviética, onde ninguém faria questão de inspecionar seus documentos com muita meticulosidade. As pessoas podiam desaparecer na União Soviética. *Afinal de contas, é um país com 280 milhões de habitantes,* ele disse a si mesmo. As pessoas sempre perdem ou danificam seus documentos. Perguntou-se quantos desses pensamentos eram realistas e quantos eram apenas uma tentativa de animar a si mesmo.

Mas não podia parar agora. Havia começado no Afeganistão e imaginou se iria parar algum dia.

No começo conseguira controlar-se. Como cabo numa companhia de artefatos militares, trabalhava com o que os soviéticos chamavam eufemisticamente de "dispositivos antiterroristas". Eram distribuídos pelo ar ou com mais freqüência pelos soldados soviéticos completando uma "varredura" numa vila. Alguns eram bonecas típicas russas, as *matryoshka,* uma figura de traseiro volumoso enrolada em lenços coloridos; um caminhãozinho; ou uma caneta-tinteiro. Os adultos aprendiam rápido, mas as crianças eram tão amaldiçoadas com a curiosidade quanto com a incapacidade de aprender com o erro dos outros. Logo se verificou que as crianças apanhavam qualquer coisa, e o número de bonecas-bombas distribuído diminuiu. Uma coisa, porém, permaneceu constante: quando apanhados os objetos, 100 gramas de explosivos detonavam. Seu trabalho consistia em montar as bombas e ensinar aos soldados como usá-las de modo adequado.

Altunin não pensara muito nisso, a princípio. Era seu trabalho, e as ordens para fazê-lo vinham lá do alto; os russos não são, por temperamento ou por condicionamento na educação, inclinados a

questionar ordens superiores. Além do mais, tratava-se de um trabalho seguro e fácil. Ele não precisava andar carregando um rifle naquele país de bandidos. Os únicos momentos de perigo para ele foram nos bazares de Kabul, e ele sempre fora cuidadoso para andar em grupos de cinco ou mais. Mas numa daquelas excursões ele vira uma criança — menino ou menina, ele não sabia — cuja mão direita era agora um coto, e cuja mãe olhara para ele e seus companheiros de uma forma que jamais conseguiria esquecer. Ele ouvira histórias sobre como os bandidos afegães tinham um prazer especial em esfolar vivos os pilotos soviéticos capturados, e de como as mulheres costumavam cuidar completamente do assunto. Ele achava que essa era uma clara evidência do barbarismo desses povos primitivos — mas uma criança não era primitiva. O marxismo afirmava isso. Tome qualquer criança, forneça escola e liderança adequadas, e terá um comunista por toda a vida. Mas não aquela criança. Ele lembrava tudo sobre aquele dia quente de novembro, dois anos atrás. A ferida estava completamente curada, e a criança na verdade sorria, muito jovem para entender que seu defeito duraria a vida inteira. Mas a mãe sabia, e sabia como e por que sua criança seria punida por ter... nascido. E depois disso o trabalho seguro e fácil não fora mais o mesmo. Cada vez que parafusava a parte dos explosivos, via uma pequena e rechonchuda mão infantil. Começou a vê-las em seus sonhos. A bebida e até uma experiência com haxixe não conseguiram fazer com que as imagens desaparecessem. Conversar com seus amigos técnicos também não ajudara — embora tivesse atraído a ira do *zampolit,* o supervisor político de sua companhia. Era uma coisa difícil de fazer, o supervisor explicara, mas necessária para evitar uma perda maior de vidas, compreende? Reclamar sobre isso não iria mudar nada, a menos que o cabo Altunin quisesse transferência para uma companhia de combate, a fim de verificar por si mesmo por que tais medidas eram necessárias.

Ele sabia agora que deveria ter aceitado aquela oferta e odiou-se pela covardia que o impedira. Serviço numa companhia na linha de frente poderia ter ajudado a restaurar sua auto-imagem, poderia — *poderia ter feito muitas coisas,* disse Altunin a si mesmo, só que não fizera a escolha, e não fizera diferença nenhuma. No final, tudo o que conseguira para si fora uma carta do *zampolit,* que viajaria com ele o resto de sua vida.

Agora tentava expiar o mal que fizera. Disse a si mesmo que talvez já o tivesse expiado — e agora, com muita sorte, poderia desaparecer, e

talvez pudesse esquecer os brinquedos que preparara para sua missão maldosa. Esse era o único pensamento positivo para o qual havia espaço em sua mente, nessa noite fria e encoberta.

Andou em direção ao norte, mantendo-se afastado das calçadas sujas, permanecendo nas sombras, longe da luz da rua. Trabalhadores de um dos turnos, voltando para casa vindo da fábrica Moskvich, tornavam as ruas agradavelmente apinhadas, mas quando chegou ao pátio de manobras ao lado de fora da fábrica o movimento cessara. Começou a nevar fortemente, reduzindo a visibilidade para 100 metros mais ou menos, com pequenos globos de flocos em volta de cada uma das luzes sobre os vagões de carga estacionados. *Um trem parecia estar se formando mais acima, provavelmente em direção sul,* disse a si mesmo. Locomotivas de manobras empurravam vagões fechados de um lado para outro. Ele ficou alguns minutos escondido por um vagão, certificando-se de que sabia o que estava acontecendo. O vento amainou enquanto ele observava, e Altunin procurou um melhor ponto de observação. Havia um grupo de vagões fechados a uns 50 metros de distância, de onde poderia enxergar melhor. Um dos vagões tinha a porta aberta, e ele precisava inspecionar o mecanismo da fechadura, se pretendia entrar no interior de um deles. Andou até lá com a cabeça abaixada para proteger o rosto do vento. A única coisa que ouvia, além do ranger da neve esmagada por suas botas, eram os silvos de sinalização das locomotivas de manobras. *Era um ruído amigável,* disse a si mesmo, o som que iria mudar sua vida, talvez mostrando o caminho que o levaria a algo parecido com liberdade.

Ficou surpreso ao verificar que havia pessoas no interior do vagão. Três indivíduos. Dois seguravam caixas dp autopeças As mãos do terceiro estavam vazias, até que enfiou uma delas no bolso e voltou empunhando uma faca.

Altunin começou a dizer alguma coisa. Não se importava se eles estavam ou não roubando peças para vender no mercado negro. Não estava nem um pouco preocupado, mas, antes que pudesse falar, o terceiro homem pulou sobre ele. Altunin ficou tonto quando sua cabeça bateu num trilho de aço. Estava consciente, porém não conseguiu mover-se por um segundo, surpreso demais para estar com medo. O homem voltou-se e disse alguma coisa. Altunin não conseguiu entender, mas o tom era agudo e urgente. Ainda tentava entender o que estava acontecendo quando seu atacante voltou-se e cortou sua garganta. Não chegou nem mesmo a sentir

dor. Quis explicar que não estava... interessado... não se importava... só queria... Um deles ficou sobre ele, com duas caixas nos braços, claramente amedrontado. Altunin achou isso muito estranho, desde que era ele quem estava morrendo...

Duas horas depois, uma locomotiva de manobras não pôde parar a tempo quando seu maquinista notou uma forma estranha nos trilhos, coberta de neve. Ao ver o que havia passado, chamou o manobrista.

13
CONFERÊNCIAS

— Belo trabalho — comentou Vatutin. — Os filhos da puta. — *Quebraram as regras,* disse para si mesmo. As regras não estavam escritas, mas eram bem reais: a CIA não mata soviéticos na União Soviética; a KGB não mata americanos, ou mesmo fugitivos soviéticos nos Estados Unidos. Tanto quanto Vatutin sabia, a regra nunca fora quebrada por nenhum dos dois lados — pelo menos não tão obviamente. A regra fazia sentido: o trabalho das agências de Inteligência era reunir informações; se os agentes da CIA e da KGB gastassem o tempo matando pessoas — com a inevitável retaliação e contra-retaliação —, o trabalho principal não seria feito. Portanto, o negócio de Inteligência era civilizado e *previsível*. Nos países do Terceiro Mundo aplicavam-se regras diferentes, claro, mas nos Estados Unidos e na União Soviética as regras eram seguidas ao pé da letra.

Quer dizer, até agora — a menos que eu esteja disposto a acreditar que esse pobre coitado tenha sido assassinado por ladrões de peças! Vatutin imaginou se a CIA havia contratado os serviços de um bando de criminosos — ele suspeitava 4e que os americanos usavam criminosos soviéticos para assuntos sensíveis demais para as próprias mãos imaculadas. *Isso não seria uma violação* técnica *das regras, seria?* Perguntou-se se os homens do Primeiro Diretório nunca se utilizaram de uma manobra similar...

Tudo o que sabia no momento era que o próximo passo na cadeia de "elos" da corrente de mensageiros estava morto a seus pés, e com ele a única esperança de fazer a ligação entre o microfilme e o espião americano no Ministério da Defesa. Vatutin corrigiu-se: também sabia que precisava informar o diretor-geral dentro de aproximadamente seis horas. Precisava de uma bebida. Vatutin sacudiu a cabeça e olhou para baixo, na direção do que restava de seu suspeito. A neve caía tão rapidamente que não se podia mais ver o sangue.

— . Sabe, se eles tivessem sido um pouquinho mais espertos quando colocaram o corpo nos trilhos, talvez tivéssemos catalogado como acidente — observou outro agente da KGB. Apesar do horrendo trabalho

executado no corpo pelas rodas da locomotiva, ficava patente que a garganta fora habilmente cortada com uma faca de lâmina estreita. A morte, segundo o relatório do médico designado, não demorara mais do que um minuto. Não havia sinal de luta. As mãos da vítima — do traidor! — não estavam cortadas ou machucadas. Ele não reagira contra quem quer que o tivesse matado. Conclusão: o assassino era provavelmente conhecido da vítima. Poderia ter sido um americano?

— Primeira coisa — disse Vatutin. — Quero saber se algum americano estava ausente da residência entre 18 e 23 horas. — Ele se voltou. — Doutor!

— Sim, coronel?

— Qual foi mesmo a hora da morte?

— A julgar pela temperatura dos pedaços maiores, entre 9 horas da noite e meia-noite. Mais perto das 9, eu acho, mas o frio e a neve dificultam muito. — *Sem mencionar o estado dos restos,* pensou ele.

Vatutin voltou-se para seu assistente principal.

— Qualquer um que não estivesse em casa nesse horário, quero saber quem, onde, quando e por quê.

— Aumentamos a vigilância sobre todos os estrangeiros? — pensou em voz alta o homem.

— Precisarei ir ao diretor-geral para isso, mas estou pensando em fazê-lo. Quero que você fale com o chefe dos investigadores da Milícia. Isso deve ser classificado como ultra-secreto. Não precisamos de uma multidão de policiais desajeitados atrapalhando esse assunto.

— Entendido, camarada coronel. Eles só estão interessados em recuperar as peças roubadas, de qualquer jeito — observou acidamente o homem. *Esse negócio de* perestroika *está transformando todo mundo em capitalista!*

Vatutin foi até o maquinista.

— Está frio, não?

A mensagem foi recebida.

— Sim, camarada. Talvez gostasse de alguma coisa para espantar o frio?

— Seria muita bondade sua, camarada engenheiro.

— O prazer é todo meu, camarada coronel. — O maquinista exibiu imediatamente uma pequena garrafa. Logo percebeu que o homem era um coronel da KGB e pensou que estivesse perdido. Mas o homem parecia

bastante decente. Seus colegas tinham a aparência de negociantes, as perguntas que faziam pareciam razoáveis e o homem parecia quase à vontade, até que percebeu que poderia ser punido por manter uma garrafa no trabalho. Observou o homem dar um longo gole, depois devolver a garrafa.

— *Spasibo* — agradeceu o homem da KGB e afastou-se na neve.

Vatutin estava aguardando na antecâmara da sala do diretor-geral quando ele chegou. Ouvira que Gerasimov era um trabalhador dedicado, sempre à sua mesa às 7h30. As histórias se confirmaram. Ele passou pela porta às 7h25 e acenou para que o homem do "Dois" o seguisse para o interior do escritório.

— Bem?

— Altunin foi assassinado na noite passada, no pátio de manobras exterior da fábrica de automóveis Moskvich. A garganta foi cortada e o corpo foi colocado nos trilhos, onde foi atropelado por uma locomotiva de manobras.

— Tem certeza de que era ele? — perguntou Gerasimov com um franzir de sobrancelhas.

— Sim, ele foi identificado positivamente. Eu mesmo reconheci seu rosto. Ele foi encontrado próximo a um vagão ostensivamente arrombado, em que algumas peças estavam faltando.

— Oh, quer dizer que ele tropeçou numa súcia de bandidos do mercado negro, e eles convenientemente o mataram?

— E o que está parecendo, camarada diretor-geral — concordou Vatutin. — Achei a coincidência inconsistente, mas não há nenhuma prova física para contradizê-la. Nossas investigações continuam. Agora estamos verificando o endereço dos companheiros do serviço militar de Altunin, para saber se algum mora na área, mas não tenho muita esperança de conseguir alguma coisa por esse lado.

Gerasimov apertou o botão para mandar vir o chá. O secretário apareceu num instante, e Vatutin compreendeu que aquilo deveria fazer parte de uma rotina matinal estabelecida. O diretor-geral aceitava as coisas mais facilmente do que o coronel pensara. Homem do Partido ou não, ele agia como um profissional.

— Portanto, até agora temos três mensageiros de documentos secretos que confessaram e mais um identificado positivamente, só que infelizmente assassinado. O que morreu foi visto nas proximidades do

ajudante de confiança do ministro da Defesa, e um dos vivos identificou seu contato como sendo estrangeiro, mas não pôde identificar positivamente o rosto. Em pouco tempo teremos o meio dessa corrente, mas nenhuma das pontas.

— Exatamente, camarada diretor-geral. A vigilância sobre os dois coronéis do ministério continua. Proponho que intensifiquemos a vigilância sobre a comunidade da embaixada americana.

Gerasimov acenou positivamente.

— Aprovado. Está na hora da minha reunião matinal. Continue pressionando para encontrar uma brecha no caso. Está com aparência melhor agora que parou de beber, Vatutin.

— Sinto-me melhor, camarada diretor-geral — admitiu ele.

— Ótimo. — Gerasimov levantou-se, e seu visitante fez o mesmo. — Acha mesmo que nossos colegas da CIA mataram o próprio agente?

— A morte de Altunin foi conveniente demais para eles. Compreendo que isto seria uma violação do nosso... nosso acordo nesse campo, mas...

— Mas estamos lidando com um espião altamente colocado, e sem dúvida eles têm o maior interesse em protegê-lo. Sim, eu entendo isso. Continue pressionando, Vatutin — repetiu Gerasimov.

Foley também já se encontrava no escritório. Sobre sua mesa estavam três magazines de filmes para o Cardeal. O próximo problema era entregar as malditas coisas. O negócio da espionagem era uma massa interligada de contradições. Algumas partes eram diabolicamente difíceis. Algumas situações carregavam o tipo de perigo que o fazia desejar não ter saído do *New York Times*. Outras, porém, eram tão simples que poderia confiá-las a um de seus filhos. Isso lhe ocorrera várias vezes — não que tivesse levado a sério a possibilidade, mas, nos momentos em que sua mente estava afetada por alguns copos a mais, imaginava que Eddie poderia apanhar um pedaço de giz e fazer uma certa marca num certo lugar. De tempos em tempos, o pessoal da embaixada andava por Moscou fazendo coisas levemente fora do normal. Durante o verão usavam flores nas lapelas e as removiam sem nenhum motivo aparente — os agentes da KGB que os observavam procuravam ansiosamente pelas calçadas pela pessoa a quem o "sinal" era dirigido. Por todo o ano alguns vagavam, tirando fotografias de cenas comuns nas ruas. Na verdade, nem lhes era preciso pedir. Alguns dos membros da embaixada só precisavam liberar o lado excêntrico de sua personalidade americana para deixar os russos

loucos da vida. Para um agente de contra-espionagem, *qualquer* coisa poderia ser um sinal secreto: um protetor solar abaixado num carro estacionado, um pacote deixado no banco da frente, a direção em que as rodas ficavam. O efeito de rede de todas essas medidas, algumas deliberadas, outras meramente ao acaso, mantinha os homens do "Dois" vasculhando a cidade à procura de coisas que simplesmente não existiam. Era uma missão que os americanos desempenhavam melhor do que os russos, que eram muito organizados para agir verdadeiramente ao acaso, e que tornava a vida miserável para os homens do Segundo Diretório.

Mas havia milhares deles, e apenas setecentos americanos — contando os dependentes — designados para a embaixada.

E Foley ainda tinha o filme a entregar. Perguntou-se por que o Cardeal sempre se recusara a usar os *dead-drops*. Seria o expediente perfeito no caso. O *dead-drop* era tipicamente um objeto que poderia parecer uma pedra comum, ou qualquer outra coisa corriqueira e inocente, tornada oca para conter o objeto que se queria transferir. Tijolos eram preferidos em Moscou, pois a cidade possuía essencialmente casas de tijolos, e muitos deles estavam soltos, devido à má qualidade da mão-de-obra local, porém a variedade de tais dispositivos era infindável.

Por outro lado, a variedade de maneiras para fazer uma entrega subreptícia era limitada e dependia do tipo de sorte envolvido num jogo de cara-ou-coroa. Bem, a Agência não lhe dera aquele emprego por ser fácil. Não podia arriscar-se novamente. Talvez sua mulher pudesse fazer a transferência...

— Então, onde é o vazamento? — perguntou Parks a seu chefe de segurança.

— Poderia ser qualquer um dentre cem pessoas, mais ou menos — respondeu o homem.

— Boas notícias — comentou secamente Pete Wexton. Ele era inspetor no departamento de contra-espionagem do FBI. — Só uma centena.

— Pode ser alguém do nosso pessoal científico, ou a secretária de um deles, ou alguém no setor de orçamento... isso só no interior do programa. Existem outras vinte e poucas pessoas que sabem o suficiente sobre *Tea Clipper* para ter visto esse material, mas são todos veteranos. — O chefe. de segurança da Organização da Iniciativa de Defesa Estratégica era um

capitão da Marinha que geralmente usava trajes civis. — Mais provavelmente, a pessoa que procuramos está no Ocidente mesmo.

— E são quase todos do tipo erudito, com menos de 40 anos. — Wexton fechou os olhos. *Que vivem no meio de computadores e pensam que o mundo não passa de um grande videogame.* O problema com os cientistas, principalmente com os mais jovens, era simplesmente que eles viviam num mundo diferente do que aquele entendido e apreciado pela comunidade de segurança. Para eles, o progresso dependia da transferência livre de informações e idéias. Eram as pessoas que ficavam excitadas com as coisas novas, e falavam entre si sobre elas, inconscientemente buscando o sinergismo que espalhava as idéias como sementes no jardim desordenado do laboratório. Para um agente de segurança, o mundo ideal seria aquele em que ninguém falasse com ninguém. O problema com isso, claro, é que tal mundo nunca produziria nada que valesse a pena proteger em primeiro lugar. O equilíbrio seria praticamente impossível de atingir, e o pessoal da segurança sempre seria apanhado exatamente no meio, odiado por todos.

— E quanto ã segurança interna dos documentos do projeto? — indagou Wexton.

— Está se referindo a "arapucas de canário"?

— Que diabos é isso? — perguntou Parks.

— Todos esses papéis são processados em editores de texto. Usa-se a máquina para fazer sutis alterações em cada cópia dos papéis importantes. Dessa forma, pode-se seguir cada um e identificar precisamente qual foi passada para o outro lado — explicou o capitão. — Não temos feito muito disso, ultimamente. Consome muito tempo.

— A CIA tem uma sub-rotina no computador que faz isso automaticamente. Eles a chamam de *Spookscribe,* ou algo parecido. É um segredo muito bem guardado, mas se você perguntar pode chegar a operá-la.

— Como são bonzinhos em nos contar — resmungou Parks. — Faria alguma diferença neste caso?

— No momento, não, mas é preciso jogar todas as cartas — observou o capitão ao seu superior. — Já ouvi falar sobre o programa. Não pode ser usado em documentos científicos. A maneira como usam a linguagem é muito precisa. Qualquer coisa a mais do que uma vírgula... bem, pode mudar completamente a porra do significado.

— Presumindo, em primeiro lugar, que alguém possa entendê-lo — disse Wexton, balançando a cabeça pesarosamente. — Bem, com certeza os russos podem. — Ele já estava pensando sobre os recursos que aquele caso exigiria... possivelmente centenas de agentes. Seriam muito evidentes. A comunidade em questão era muito pequena para absorver um influxo tão grande de pessoas sem que alguém reparasse.

A outra coisa óbvia a fazer seria restringir o acesso às informações nas experiências com os espelhos, mas tal atitude traria o risco de alertar o espião. Wexton perguntou-se por que não tinha ficado com missões simples como seqüestras e combate à Máfia. Porém recebera as primeiras informações sobre *Tea Clipper* do próprio Parks. Era um trabalho importante, e ele era o melhor homem para fazê-lo. Weston tinha certeza: o diretor Jacobs em pessoa o dissera.

Bondarenko reparou primeiro. Experimentara um sentimento estranho alguns dias antes, enquanto fazia o exercício matinal. Era um sentimento que sempre o habitara, mas aqueles três meses no Afeganistão haviam transformado um sexto sentido latente num outro, completamente desenvolvido. Havia olhos voltados para ele. *De quem?,* perguntou-se.

Eles eram bons. Disso ele tinha certeza. Também suspeitava de que havia cinco ou mais homens. Isso os tornava russos... provavelmente. Não com certeza. O cel. Bondarenko já correra 1 quilômetro e decidiu realizar uma pequena experiência. Mudou de caminho, virando à direita onde normalmente virava à esquerda. Isso o levaria a passar em frente a um novo prédio de apartamentos, cujas janelas do primeiro andar ainda permaneciam polidas. Sorriu para si mesmo, mas sua mão desceu inconscientemente para o quadril, procurando pela pistola automática de serviço. O sorriso morreu quando compreendeu o que sua mão havia realizado, e sentiu o desapontamento amargo de não ter nada com o que defender-se além das próprias mãos. Bondarenko sabia se virar bem com elas, mas o alcance de uma pistola ampliava grandemente o raio de ação. Não era medo, nem mesmo perto disso, mas Bondarenko era um soldado, acostumado a saber os limites e regras de seu próprio mundo.

Girou a cabeça, olhando para os reflexos nas janelas. Um homem estava a 100 metros atrás dele, com uma das mãos próxima ao rosto, como se estivesse falando num pequeno radiotransmissor. Interessante. Bondarenko voltou-se e correu de costas por alguns metros, mas, no momento em que a cabeça se voltou, a mão estava ao lado do homem, que

andava normalmente, parecendo desinteressado do oficial que se exercitava. O coronel Bondarenko voltou-se e retomou o passo normal. Seu sorriso agora era fino e apertado. Ele confirmara. Mas confirmara o quê? Bondarenko prometeu a si mesmo que saberia isso uma hora depois de chegar ao escritório.

Trinta minutos mais tarde, em casa, depois de banhado e vestido, ele lia seu jornal matinal — para ele era o *Krasnaya Zvesda (Estrela Vermelha),* o diário militar soviético —, enquanto saboreava uma xícara de chá. O rádio tocava, enquanto sua mulher preparava as crianças para a escola. Bondarenko não prestava atenção, e seus olhos meramente passeavam pelo jornal com a mente agitada. *Quem são eles? Por que estão me observando? Estou sob suspeita? Se for assim, suspeita de quê?*

— Bom dia, Gennady Iosifovich — cumprimentou Misha entrando em seu escritório.

— Bom dia, camarada coronel — respondeu Bondarenko. Filitov sorriu.

— Me chame de Misha. Da maneira que as coisas vão, logo vai ultrapassar o posto dessa velha carcaça. O que foi?

— Estou sendo vigiado. Algumas pessoas me seguiram esta manhã quando fiz minha corrida.

— Ah, é? — Misha voltou-se. — Tem certeza?

— Você sabe como é quando nós estamos sendo vigiados... — observou o jovem coronel. — Tenho certeza de que *você* sabe, Misha!

Mas ele estava errado. Filitov não tinha notado nada de anormal, nada que despertasse seus instintos até aquele momento. Então lembrou-se do fato de que o atendente dos banhos ainda não retornara. E se o sinal significasse alguma coisa a mais do que uma simples verificação de rotina? O rosto de Filitov mudou por um instante antes que ele conseguisse recuperar o controle.

— Você notou alguma coisa também, então? — perguntou Bondarenko.

— Ah! — Um aceno da mão e um olhar irônico. — Deixe que eles olhem à vontade; vão achar esse velho mais maçante do que a vida sexual de Alexandrov. — A referência ao chefe idealista do Politburo estava ficando popular no Ministério da Defesa. Um sinal, perguntou-se Misha, de que o secretário-geral Narmonov planejava dar-lhe trégua?

Eles comiam à maneira afegã, todos servindo-se com as mãos de um prato em comum. Ortiz servira um verdadeiro banquete como almoço. O Arqueiro ocupava o lugar de honra, com Ortiz à sua direita para fazer o papel de tradutor. Quatro homens altamente graduados da CIA estavam presentes também. Ele pensou que estavam exagerando, mas, por outro lado, o lugar que lançara a luz para o céu devia ser muito importante. Ortiz iniciou a conversa com as frases cerimoniais costumeiras.

— Vocês me honram em demasia — respondeu o Arqueiro.

— Nem tanto — disse o visitante mais graduado por intermédio de Ortiz. — Sua habilidade e sua coragem nos são bem conhecidas, mesmo entre nossos soldados. Estamos envergonhados por só poder conceder a pobre ajuda que nosso governo nos permite.

— É a nossa terra que lutamos para recuperar — afirmou o Arqueiro com dignidade. — Com a ajuda de Alá, ela será nossa outra vez. É bom que os crentes se unam contra os sem-Deus, mas essa tarefa é do meu povo, não do seu.

Ele não sabe, pensou Ortiz. *Ele não sabe que está sendo usado.*

— Então? — prosseguiu o Arqueiro. — Por que viajaram até o outro lado do mundo para falar com esse humilde guerreiro?

— Queremos falar com você a respeito da luz que viu no céu. O rosto do Arqueiro mudou. Ele ficou surpreso com isso. Esperava

que lhe perguntassem sobre o desempenho dos mísseis.

— Foi uma luz... sim, uma estranha luz. Como um meteoro, só que parecia subir em vez de descer. — Ele descreveu com detalhes o que vira, dando o tempo, o local, a direção da luz e a maneira como ela cortara o céu.

— Você viu o que ela atingiu? Viu mais alguma coisa no céu?

— Atingiu? Não estou entendendo. Era apenas uma luz. Outro dos visitantes falou.

— Me disseram que já foi professor de matemática. Sabe o que é um laser?

O rosto dele mudou com o novo pensamento.

— Sim, li sobre eles quando estava na universidade. Eu... — O Arqueiro deu um gole em seu copo de suco. — Eu sei pouco sobre laser. Projetam um feixe de luz e são usados para medições e vigilância. Nunca vi um, só li sobre eles.

— O que você viu foi o teste de uma arma laser.

— Qual a finalidade?

— Nós não sabemos. O teste que você viu usou o sistema laser para destruir um satélite em órbita. Isso significa...

— Eu sei o que são satélites. Um laser pode ser usado com essa finalidade?

— Nosso país está trabalhando num projeto similar, mas parece que os russos estão à nossa frente.

O Arqueiro ficou surpreso. Então a América não era a líder mundial em tecnologia? O Stinger não era prova disso? Por que aqueles homens haviam voado quase 20 000 quilômetros... meramente porque ele vira uma luz no céu?

— Vocês*temem esse laser?

— Temos grande interesse nele — respondeu o mais graduado. — 253

Alguns dos documentos que encontrou nos deram informações que não tínhamos sobre o local, e por esse motivo estamos em débito com você.

— Agora eu também tenho interesse. Você tem os documentos?

— Emílio? — O homem gesticulou a Ortiz, que apresentou um mapa e um diagrama.

— Este local está em construção desde 1983. Estamos surpresos de que os russos tenham construído instalações importantes tão perto da fronteira do Afeganistão.

— Em 1983 eles ainda pensavam que iriam ganhar — observou sombriamente o Arqueiro.

A idéia de que eles tivessem acreditado naquilo era tomada como um insulto. Ele notou a posição no mapa, o pico de montanha quase cercado por uma curva do rio Vakhsh. Imediatamente percebeu por que estava ali. A represa hidrelétrica de Nurek ficava apenas a alguns quilômetros. O Arqueiro sabia mais do que dissera. Sabia o que era laser, e um pouco sobre a forma como funcionava. Sabia que a luz deles era perigosa, que podia cegar...

Destruíra um satélite? Centenas de quilômetros acima no espaço, muito mais alto do que voavam os aviões... o que faria com as pessoas no chão?... talvez tivessem construído tão perto de seu país por outro motivo...

— Então você simplesmente viu a luz? Não ouviu histórias sobre tal lugar, nenhuma história sobre luzes estranhas no céu?

O Arqueiro balançou a cabeça sobriamente.

— Não, foi apenas essa vez. — Viu os visitantes trocarem olhares de desapontamento.

— Bem, isso não importa. Estou autorizado a lhe oferecer os agradecimentos do meu governo. Três caminhões de armas estão sendo enviados para seu grupo. Se existe mais alguma coisa de que precise, tentaremos conseguir para você.

O Arqueiro concordou com sobriedade. Ele esperara uma grande recompensa pela entrega do oficial soviético, depois ficara desapontado com sua morte. Mas os homens não tinham vindo até ele por aquele motivo. Era tudo sobre os documentos e a luz — seria aquele lugar tão importante que a morte de um russo fosse julgada trivial? Os americanos estariam mesmo com medo?

E, se os americanos estavam com medo, como devia ele sentir-se?

— Não, Arthur, não gosto disso — afirmou o presidente, tentando resistir.

O juiz Moore pressionou novamente.

— Senhor presidente, estamos a par das dificuldades políticas de Narmonov. O desaparecimento de nosso agente não terá tanto efeito como sua prisão pela KGB, possivelmente menos. Afinal de contas, a KGB não pode cantar vitória se o deixarem escorregar entre os dedos — afirmou o diretor-geral.

— Mesmo assim é um risco muito grande — disse Jeffrey Pelt. — Temos uma oportunidade histórica com Narmonov. Ele realmente pretende fazer mudanças no sistema deles... que diabos, vocês mesmos fizeram a avaliação.

Tivemos a chance e a desperdiçamos, durante a administração Kennedy, pensou Moore. *Mas Kruschev caiu e tivemos vinte anos de picaretas do Partido. Agora talvez haja outra chance. Você tem medo de que nunca consigamos outra oportunidade tão boa como esta. Bem, é uma maneira de se ver o problema,* admitiu para si mesmo.

— Jeff, sua posição não será mais afetada se retirarmos nosso homem do que pela sua captura...

— Se estão atrás dele, por que ainda não o agarraram? — indagou Pelt. — E se estivermos exagerando?

— Esse homem tem trabalhado para nós há trinta anos... trinta anos! Sabe dos riscos que correu por nós, das informações que obtivemos dele? Pode imaginar a frustração que sentiu das vezes que ignoramos seus conselhos? Consegue imaginar como é conviver com uma sentença de morte por trinta anos? Se abandonarmos esse homem, onde ficam as coisas que defendemos nesse país? — disse Moore com calma determinação. O presidente era um homem que sempre podia ser convencido por argumentos baseados em princípios.

— E se derrubarmos Narmonov nesse processo? — indagou Pelt. — E se o grupo de Alexandrov tomar o poder e voltarmos outra vez aos velhos dias... mais tensões, mais corridas armamentistas? Como vamos explicar ao povo americano que sacrificamos essa oportunidade pela vida de um homem?

— Por um lado, eles nunca saberão, a menos que alguém deixasse passar a informação — retrucou friamente o diretor-geral. — Os russos não deixam que os fatos venham a público, e você sabe disso. Por outro lado, como vamos explicar o fato de jogarmos fora esse homem, como um lenço descartável?

— Eles também não saberiam disso, a menos que alguém deixasse a informação vazar — respondeu Pelt numa voz igualmente fria.

O presidente hesitou. Seu primeiro impulso fora o de deixar a operação de extradição aguardando. Como poderia explicar isso? Por ação ou omissão, estavam discutindo a melhor maneira de evitar que um acontecimento desfavorável sucedesse ao principal inimigo dos Estados Unidos. *Mas não se pode dizer isso em público,* refletiu o presidente. *Se dissermos em voz alta que os russos são nossos inimigos, os jornais fariam um escândalo. Os soviéticos possuem milhares de ogivas nucleares apontadas para nós, mas não podemos correr o risco deferir a sensibilidade deles...*

Lembrou-se de seus dois encontros frente a frente com o homem, Andrey Ilych Narmonov, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética. Mais novo do que ele, lembrou o presidente. As conversações iniciais haviam sido cautelosas, cada homem sentindo o outro, procurando, tanto por fraquezas como por pontos em comum, vantagens e compromissos. Um homem com uma missão, um homem que provavelmente queria mesmo mudar as coisas, pensou o presidente...

Mas seria uma boa coisa? E se ele conseguisse descentralizar a economia, introduzir forças de mercado, dar um pouco de liberdade — não muito, claro, mas o suficiente para manter as coisas andando? Várias pessoas o estavam alertando contra essa possibilidade: imagine um país, com a vontade política dos soviéticos, apoiado por uma economia que poderia entregar bens de consumo tanto no setor civil quanto no militar. Isso faria o povo russo acreditar novamente em seu sistema; iria reviver o senso de missão que tiveram nos anos 30? *Poderemos nos ver enfrentando um inimigo muito mais perigoso do que antes.*

Por outro lado, haviam lhe dito que não existe algo como apenas um pouco de liberdade... Poder-se-ia questionar Duvalier no Haiti, Marcos nas Filipinas, ou o fantasma do xá Mohammed Reza Pahlavi. O impulso dos acontecimentos poderia trazer a União Soviética de uma era de trevas para o interior do moderno pensamento político no século 20. Poderia demorar uma geração, talvez duas, mas e se o país resolvesse se envolver em alguma coisa que se aproximasse de um Estado liberal? Havia outra lição de história a ser aprendida: democracias liberais não fazem guerras umas às outras.

Que escolha tenho eu?, pensou o presidente. *Posso ser lembrado como o idiota retrógrado que trouxe de volta a Guerra Fria, com toda a sua triste majestade — ou como Pollyanna, que esperou o leopardo mudar suas pintas, apenas para descobrir que ele ficou maior e com as presas mais afiadas. Meu Deus,* disse ele a si mesmo enquanto encarava seus dois interlocutores, *não estou pensando nem um pouco sobre sucesso, só nas conseqüências da derrota.*

*E nessa área que América e Rússia têm histórias paralelas — nossos go*vemos no pós-guerra nunca sobreviveram às expectativas de nossos povos. Eu sou o presidente, deveria saber qual é a Coisa Certa. Foi por isso que as pessoas me elegeram. É para isso que me pagam. Meu Deus, se eles soubessem em que fraudes estamos todos metidos.... Não estamos discutindo aqui como vencer. Estamos discutindo quem vai deixar escapar o motivo do fracasso da política. Bem aqui, no Salão Oval, estamos discutindo sobre quem vai levar a culpa se alguma coisa sobre a qual ainda não resolvemos der errado.

— Quem mais sabe sobre isso? O juiz Moore estendeu as mãos.

— O almirante Greer, Bob Ritter, e eu, na CIA. Alguns entre o pessoal de campo sabem sobre as operações propostas... Tivemos de

mandar um sinal de alerta, mas eles não sabem dos aspectos políticos e nunca saberão. Não precisam saber. À parte isso, somente nós três na Agência temos o quadro inteiro. Acrescente o senhor, e o doutor Pelt, e perfazem cinco.

— E já estamos falando em vazamento de informações! Mas que merda! — xingou o presidente com entusiasmo surpreendente. — Como é que fomos ficar tão fodidos assim?

Todos ficaram mais sóbrios. Não havia nada como uma explosão presidencial para acalmar as pessoas. Ele olhou para Moore e Pelt, o principal conselheiro de Inteligência, e o conselheiro de Segurança Nacional. Um pedia pela vida de um homem que servira fielmente aos Estados Unidos, com perigo de vida; o outro observava distante e friamente a *realpolitik* e encontrava uma oportunidade histórica mais importante do que qualquer vida humana.

— Arthur, está dizendo que esse agente... e eu não quero nem saber o nome dele... nos tem fornecido dados crucialmente importantes nos últimos trinta anos, incluindo esse projeto laser que os russos vêm operando; você diz que ele provavelmente está em perigo, e é hora de correr o risco de tirá-lo de lá, e que temos a obrigação moral de fazê-lo.

— Sim, senhor presidente.

— E você, Jeff, diz que a hora é ruim, e a revelação de um vazamento de informações tão elevado no governo poderia colocar Narmonov em perigo político, poderia retirá-lo da liderança e substituí-lo por um governo menos atrativo a nós.

— Sim, senhor presidente.

— E se esse homem morrer porque não o ajudamos?

— Perderíamos informações importantes — disse Moore. — Poderia não fazer nenhuma diferença apreciável de efeito em Narmonov.

E estaríamos traindo a confiança de um homem que nos serviu bem e fielmente durante trinta anos.

— Jeff, você consegue viver com isso? — perguntou o presidente ao seu conselheiro de Segurança Nacional.

— Sim, senhor, consigo viver com isso. Não gosto, mas consigo viver com isso. Com Narmonov já possuímos um acordo sobre armas nucleares intermediárias, e temos a chance de conseguir um sobre forças estratégicas.

E como ser um juiz. Tenho aqui dois advogados que acreditam firmemente em suas posições. Imagino se os princípios deles seriam tão firmes se estivessem em minha cadeira, se precisassem tomar a decisão.

Mas eles não haviam se candidatado à Presidência.

Esse agente vem servindo aos Estados Unidos desde que eu era promotor público iniciante, acusando prostitutas em tribunais noturnos.

Narmonov pode ser a melhor chance que já tivemos de garantir a paz no mundo desde Deus sabe quando.

O presidente levantou-se e andou até as janelas atrás de sua escrivaninha. Elas eram bastante grossas, para protegê-lo de pessoas armadas. Não poderiam protegê-lo contra os deveres de seu cargo. Olhou para o gramado ao sul, mas não encontrou respostas. Voltou-se novamente.

— Não sei. Arthur, deixe tudo preparado, mas quero sua palavra de que nada acontecerá sem minha autorização. Sem erros, sem iniciativas, sem ações até que eu determine. Vou precisar de tempo para essa decisão. Temos tempo, não temos?

— Sim, senhor. Vai levar mais alguns dias até que encaixemos todas as peças no lugar.

— Comunico a vocês quando tomar minha decisão. — Ele apertou as mãos dos dois homens e observou-os partindo.

O presidente ainda tinha cinco minutos antes da sua próxima entrevista e usou o tempo para ir até o banheiro anexo ao escritório. Imaginou se haveria algum simbolismo oculto no ato de lavar as mãos, ou era apenas uma desculpa para poder observar a própria imagem no espelho. *E você é supostamente o homem que precisa dar cada porra de resposta!,* a imagem disse a ele. *Você nem mesmo sabe por que veio ao banheiro!* O presidente sorriu. Aquilo era engraçado. Engraçado de uma maneira que poucos homens entenderiam.

— Então o que digo a Foley? — sibilou Ritter vinte minutos depois.

— Calma, Bob — avisou Moore. — Ele está pensando sobre o assunto. Não necessitamos de uma decisão imediata, e um "talvez" é bem melhor do que um "não".

— Desculpe, Arthur. É só que... merda, já tentamos tirá-lo de lá antes. Não podemos deixá-lo ser apanhado.

— Tenho certeza de que ele não vai tomar uma decisão final até que eu tenha uma chance de falar novamente com ele. Por enquanto, diga

Foley que continue com a missão. E quero uma nova apreciação da vulnerabilidade política de Narmonov. Tenho a impressão de que Alexandrov está de saída... ele está muito velho para assumir o posto; o Politburo não apoiaria a substituição de um homem relativamente jovem por um muito idoso, não depois do cortejo fúnebre que tiveram alguns anos atrás. Quem ocuparia o lugar?

— Gerasimov — respondeu imediatamente Ritter. — Dois outros poderiam estar no páreo, mas ele é o mais ambicioso. Impiedoso, mas muito suave. A burocracia do Partido o aprecia porque fez um belo trabalho com os dissidentes. Se ele quiser se mexer, terá de ser logo. Se o tratado sobre armamentos for aprovado, Narmonov ganhará muito prestígio e a força política que sempre acompanha essas vitórias. Se Alexandrov não tomar cuidado, vai perder o barco de uma vez, ser aposentado, e Narmonov ficará belo e seguro em sua cadeira por muitos anos.

— Isso vai demorar quase cinco anos para acontecer — observou o almirante Greer, falando pela primeira vez. — Pode ser que ele não dure cinco anos. Temos mesmo indicações de que Alexandrov pode estar saindo. Se isso é mais do que um rumor, ele pode forçar a mão.

O juiz Moore olhou para o teto.

— Com certeza seria mais fácil lidar com esses putos se eles tivessem uma maneira previsível de dirigir as coisas. — *E claro que nós temos, e eles não conseguem predizer o que fazemos.*

— Anime-se, Arthur — disse Greer. — Se o mundo fizesse algum sentido, todos teríamos de procurar trabalho honesto.

14
MUDANÇAS

A passagem pelo estreito de Kattegat, entre a Jutlândia e a Suécia, é sempre difícil para um submarino, e duplamente quando precisa manter-se oculto. A água é rasa, rasa demais para navegar submerso. Os canais podem ser traiçoeiros, mesmo à luz do dia. São muito piores à noite, e ainda piores sem um piloto. Como a passagem do *Dallas* era supostamente secreta, um piloto estava fora de questão.

Mancuso ocupava o passadiço. Abaixo, seu navegador suava à mesa de cartas náuticas, enquanto o contramestre-chefe manobrava o periscópio e gritava as posições dos vários pontos de referência em terra. Não podiam usar o radar para auxiliar na navegação, porém o periscópio possuía um amplificador de luz, que não transformava exatamente a noite em dia, mas pelo menos fazia a escuridão sem estrelas parecer um crepúsculo. O tempo era ideal, quase um presente, com nuvens baixas e nevoeiro, que reduzia a visibilidade o suficiente para que a forma baixa e escura do submarino classe 688 fosse difícil de ser avistada da terra firme. A Marinha dinamarquesa sabia sobre a passagem do submarino e mantinha algumas embarcações pequenas para afastar possíveis bisbilhoteiros — não havia nenhum —, porém, à parte isso, o *Dallas* estava por conta própria.

— Navio pela proa, a bombordo — avisou um vigia.

— Já achei — respondeu Mancuso imediatamente. Ele segurava um visor amplificador de luz que parecia uma pistola, e via através dele o navio cargueiro de porte médio. As chances eram de que pertencesse ao Bloco Oriental. No período de um minuto, o curso do navio que se aproximava estava traçado com um CPA — ponto de aproximação máxima — de 700 metros. O capitão xingou e deu suas ordens.

O *Dallas* estava com as luzes de navegação acesas — os dinamarqueses haviam insistido nesse ponto. A luz giratória âmbar acima da luz no topo do mastro identificava positivamente um submarino. A ré um marinheiro arriava a bandeira americana e a substituía por uma dinamarquesa.

— Todo mundo parecendo escandinavo — ironizou Mancuso.

— *Ia-Ia, capiton* — brincou um jovem oficial na escuridão. Seria difícil para ele parecer escandinavo. Ele era negro. — Pequena mudança no curso do nosso amigo. Não acho que esteja desviando, senhor. Veja...

— É, estou vendo. — Duas das embarcações dinamarquesas avançavam de maneira a ficar entre o navio de carga e o *Dallas*. Mancuso achou que isso ajudaria. A noite todos os gatos são pardos e um submarino na superfície parece... com um submarino na superfície, uma forma negra com a torre vertical.

— Acho que é polonês — observou o tenente. — Estou vendo a chaminé agora. Maersk Line.

As duas embarcações se aproximavam a uma razão de 800 metros por minuto. Mancuso voltou-se para observar, apontando o visor para a ponte de comando do navio. Não viu nenhuma atividade fora do comum. Bem, eram 3 horas da manhã. A tripulação na ponte tinha uma navegação difícil pela frente, e provavelmente o interesse deles no submarino era relativo à mesma preocupação que ocupava a mente do capitão sobre o navio mercante — *por favor, não me acerte, seu idiota.* Passou surpreendentemente rápido, e logo depois ele via as luzes de popa do navio. Ocorreu a Mancuso que manter acesas as luzes de navegação fora uma boa idéia. Se estivessem apagadas e fossem avistados, despertariam mais atenção.

Navegavam no mar Báltico praticamente uma hora depois, em curso zero-seis-cinco, utilizando-se das águas mais profundas que pudessem encontrar, enquanto o *Dallas* abria caminho para o leste. Mancuso levou o navegador ao seu camarote e juntos elaboraram a melhor rota de aproximação e o lugar mais seguro na costa da União Soviética. Quando terminaram, o sr. Clark juntou-se a eles e os três discutiram a parte delicada da missão.

Num mundo ideal, pensou Vatutin amargamente, *eles levariam suas preocupações ao ministro da Defesa, e ele cooperaria totalmente com a investigação da KGB.* Mas o mundo não era ideal. Além das esperadas rivalidades institucionais, Yazov permanecia sob o controle do secretário-geral e estava a par das divergências entre Gerasimov e Narmonov. Não, o ministro da Defesa ou assumiria toda a investigação através do seu próprio órgão de segurança, ou usaria seu poder político para encerrar completamente o caso, para que a KGB não desgraçasse Yazov com o fato de possuir um traidor como ajudante, ameaçando assim Narmonov.

Se Narmonov caísse, na melhor das hipóteses o ministro da Defesa voltaria a ser o chefe de pessoal do Exército soviético; mais provavelmente seria aposentado em silenciosa humilhação após a remoção de seu protetor. Mesmo se o secretário-geral sobrevivesse a essa crise, Yazov seria o boi de piranha, como Sokolov fora recentemente. Que escolha tinha Yazov?

O ministro da Defesa também era um homem com uma missão. Sob a cobertura da iniciativa de "reestruturação" do secretário-geral, Yazov esperava utilizar seu conhecimento do corpo de oficiais para reconstruir o Exército soviético — supostamente na esperança de profissionalizar toda a comunidade militar. Narmonov dissera que pretendia salvar a economia soviética, porém uma autoridade como Alexandrov, o alto sacerdote do marxismo-leninismo, afirmava que ele estava destruindo a própria pureza do Partido. Yazov gostaria de reconstruir completamente a organização militar, partindo do zero. *Também teria o efeito,* pensou Vatutin, *de tomar o Exército pessoalmente leal a Narmonov.*

Aquilo preocupava Vatutin. Historicamente, o Partido usara a KGB para manter os militares sob controle. Afinal de contas, os militares possuíam todas as armas, e se se dessem conta de seu poderio e sentissem o controle do Partido afrouxando... era uma idéia muito dolorosa para se considerar. Um Exército leal exclusivamente ao secretário-geral em vez de ao Partido em si era ainda mais penoso para Vatutin, já que alteraria a relação entre a KGB e a sociedade soviética como um todo. Então não haveria mais nenhum controle sobre o secretário-geral. Com o apoio dos militares, ele poderia curvar a KGB a sua vontade e usá-los para "reestruturar" o Partido todo. Ele poderia ter o poder de um outro Stálin.

Como fui enveredar por esse lado?, perguntou-se Vatutin. *Sou um agente de contra-informação, não um teórico do Partido.* Durante sua vida inteira, o coronel Vatutin nunca se intrometera nas Grandes Questões de seu país. Confiara em seus superiores para lidar com as decisões de grande porte, permitindo a si próprio resolver os pequenos detalhes. Não mais. Ter sido incluído na confiança do diretor-geral Gerasimov tornara-o inextricavelmente aliado do homem. Havia acontecido com tanta facilidade! Virtualmente da noite para o dia — *é preciso ser notado para obter estrelas de general,* pensou ele com um riso sardônico. *Você sempre quis ser notado. Pois agora, Klementi Vladimirovich, você com certeza foi notado. Veja agora onde se meteu.*

Bem no meio de uma briga pelo poder entre o diretor-geral da KGB e o secretário-geral em pessoa.

Na verdade era engraçado, disse a si mesmo. Sabia que seria muito menos se Gerasimov errasse o cálculo — a ironia suprema em tudo aquilo era que, se o diretor-geral da KGB caísse, as influências liberais já colocadas em prática por Narmonov atuariam em proteção de Vatutin, que estava em última análise apenas cumprindo as tarefas estupidamente ordenadas pelos seus superiores. Não acreditava que fosse aprisionado, e muito menos fuzilado, como já acontecera no passado. Sua ascensão profissional terminaria. Seria transferido, para dirigir o escritório regional da KGB em Omsk, ou a tarefa menos agradável que pudessem encontrar, desde que nunca mais voltasse à Central de Moscou.

Até que não seria assim tão ruim. Por outro lado, se Gerasimov obtivesse sucesso... chefe do "Dois", talvez? E isso não seria mesmo nada mau.

E você acreditava mesmo que poderia progredir em sua carreira sem tomar-se "político". Só que essa não seria mais uma das opções. Se tentasse sair, estaria liquidado. Vatutin estava numa armadilha e sabia disso. A única escapatória seria fazer o seu trabalho com o melhor de sua habilidade.

O devaneio terminou quando ele voltou a seus relatórios. *O coronel Bondarenko estava completamente limpo,* ele pensou. Sua ficha fora examinada e reexaminada, e não havia nada que sugerisse que ele fosse menos do que um patriota e um oficial acima da média. *É Filitov,* pensou Vatutin. Tão absurdo quanto pudesse soar à primeira vista, esse herói de guerra condecorado era um traidor.

Mas como diabos provamos isso? Como fazemos para conduzir uma investigação adequada sem a cooperação do ministro da Defesa? Esse era outro aspecto. Se falhasse em sua investigação, então Gerasimov não veria. com bons olhos suas promoções; mas a investigação esbarrava nas restrições impostas pelo diretor-geral. Vatutin lembrava-se da época em que sua promoção a major quase passara do prazo, e já lamentava a sorte quando o quadro de promoções o fizera mudar de idéia.

Estranhamente, não se deu conta de que todos os seus problemas resultavam do fato de possuir um diretor-geral da KGB que tinha ambicões políticas. Vatutin reuniu seus oficiais subordinados. Eles chegaram em alguns minutos.

— Algum progresso com Filitov? — indagou ele.

— Nossos melhores homens o estão acompanhando — respondeu um oficial de nível médio. — Seis deles, vinte e quatro horas por dia. Estamos alternando os turnos para que ele não veja os mesmos rostos freqüentemente, se os vir. Agora temos completa vigilância com circuito fechado de televisão em todos os pontos do quarteirão de seu edifício, e meia dúzia de pessoas verificam as fitas todas as noites. Intensificamos a vigilância sobre as atividades de espiões americanos e ingleses, e também da comunidade diplomática em geral. Estamos cansando os homens e arriscando sermos percebidos, mas não há maneira de evitar isso. A única coisa que tenho a relatar é que Filitov fala dormindo de vez em quando... parece que falou com um camarada chamado Romanov. As palavras estão muito distorcidas para entender, mas tenho um fonoaudiólogo trabalhando no assunto, e talvez obtenhamos algum resultado. De qualquer forma, ele não pode nem peidar sem que saibamos disso. A única coisa que não posso fazer é manter contato visual contínuo sem aproximar demais nosso pessoal. Todos os dias, virando uma esquina ou entrando numa loja, ele fica fora de visão por um tempo de cinco a quinze segundos... o suficiente para fazer uma entrega pessoal ou um *dead-drop*. Não há nada que possamos fazer quanto a isso, a menos que se queira correr o risco de alertá-lo.

Vatutin concordou. Mesmo a melhor vigilância tinha suas limitações.

— Bem, há uma coisa estranha — disse o major. — Fiquei sabendo ontem. Por volta de uma vez por semana, Filitov leva a sacola de incineração para o incinerador pessoalmente. Está tão integrado à rotina que o homem na sala de incineração esqueceu de mencionar o fato até a noite passada. É um jovem, e veio até nós para falar... depois do expediente, em roupas civis. Rapaz brilhante aquele. Descobrimos que Filitov cuidou da instalação do sistema há muitos anos. Examinei pessoalmente os planos, nada de suspeito. Instalações completamente normais, como as que temos aqui. E isso é tudo. Para todos os propósitos práticos, a única coisa de anormal com Filitov é que ele já devia ter-se aposentado a essa altura.

— E quanto à investigação sobre Altunin? — indagou Vatutin a seguir.

Outro oficial abriu seu livro de anotações.

— Não temos idéia onde ele estava antes de ser assassinado. Talvez estivesse escondido sozinho em algum lugar, talvez tenha sido protegido por amigos que não conseguimos identificar. Não estabelecemos nenhuma correlação entre sua morte e o movimento dos estrangeiros. Não carregava nada que o comprometesse ou incriminasse, com exceção de alguns documentos falsos que parecem um trabalho amador, mas bom o suficiente para as repúblicas afastadas. Se é que ele foi assassinado pela CIA, foi um trabalho surpreendentemente perfeito. Sem nenhuma ponta solta. Nenhuma.

— Sua opinião?

— O caso Altunin é um beco sem saída — respondeu o major. — Existe ainda meia dúzia de coisas para verificar, mas nenhuma delas parece muito promissora. — Ele fez uma pausa. — Camarada...

— Continue.

— Acredito que isso foi uma coincidência. Acho que Altunin foi vítima de um assassinato simples, ao tentar subir a bordo do vagão errado na hora errada. Não tenho nenhuma prova disso, mas é o que me parece.

Vatutin levou aquilo em consideração. Era preciso um bocado de coragem moral para um oficial do Segundo Diretório dizer que o caso *não* era de contra-espionagem.

— Qual seu grau de certeza?

— Acho que nunca saberemos ao certo, camarada coronel, mas, se a CIA tivesse feito o trabalho, eles não tentariam se livrar do corpo... ou se estavam tentando usar essa morte para proteger um espião altamente colocado, por que não deixar provas que o implicassem num caso totalmente diferente? Não havia nenhuma pista falsa, embora parecesse a ocasião exata para fazer isso.

— É verdade, nós teríamos feito isso. Bom argumento. Mas mesmo assim vá atrás de suas pistas.

— E claro, camarada coronel. Calculo uma demora de quatro a seis dias.

— Mais alguma coisa? — perguntou Vatutin. Cabeças se agitaram negativamente. — Muito bem, de volta aos seus departamentos, camaradas.

Faria a transferência durante o jogo de hóquei, pensou Mary Pat Foley. O Cardeal estaria lá, alertado por uma chamada telefônica pretensamente para um número errado, feita de uma cabine pública. Ela

mesma faria a transferência. Tinha três magazines de filme na bolsa, e um simples aperto de mão seria o suficiente. Seu filho jogava no time da liga juvenil, como o sobrinho-neto de Filitov, e ela comparecia a todos os jogos. Seria fora do comum que ela não fosse, e os russos contavam com que as pessoas continuassem suas rotinas. Estava sendo seguida e sabia disso. Evidentemente os russos haviam intensificado a vigilância, mas o homem que a seguia não era tão bom assim — ou pelo menos estavam usando a mesma "sombra", e Mary Pat sabia quando via um rosto mais de uma vez no mesmo dia.

Maria Patrícia Kaminsky possuía ancestrais que eram produto da típica miscigenação americana, e alguns aspectos disso estavam registrados em seus documentos. Seu avô fora cavalariço na casa dos Romanov e havia ensinado o príncipe Aleksey a cavalgar — não fora uma tarefa sem importância, já que o jovem tragicamente sofria de hemofilia e necessitava de cuidados supremos para não se ferir. Aquele fora o ponto alto de uma vida sem outras distinções. Ele fora um fracasso como oficial do Exército, embora amigos na corte tivessem assegurado sua ascensão até o posto de coronel. Tudo o que conseguira fora a destruição total de seu regimento nas florestas de Tannenberg e sua captura pelos alemães — e a sobrevivência além de 1920. Depois de saber que sua mulher morrera no tumulto revolucionário que se seguira à Primeira Guerra Mundial, ele nunca retornara à Rússia — ele sempre a chamara *Rússia* — e eventualmente viera ter aos Estados Unidos, onde se estabelecera nos subúrbios de Nova York, casando-se depois de montar um pequeno negócio. Vivera até a avançada idade de 97 anos, sobrevivendo a uma mulher vinte anos mais nova do que ele, e Mary Pat nunca esquecera suas histórias mirabolantes. Quando entrara para a faculdade e interessara-se por História, ela entendera, claro. Aprendera que os Romanov eram irrecuperavelmente incapazes, e sua corte irremediavelmente corrupta. Um detalhe, porém, que ela nunca esquecia era a maneira como seu avô chorava quando chegava à parte sobre como Aleksey, um jovem corajoso e determinado, fora fuzilado como um cachorro, juntamente com a família, pelos bolcheviques. Essa história, repetida cem vezes a ela, dera a Mary Pat uma visão da União Soviética que nenhum período de estudos, instrução acadêmica ou realismo político poderia jamais apagar. Seus sentimentos para com o governo que dominava a terra de seu avô eram completamente delineados pela cena do assassinato de Nicolau II, a esposa

e os cincos filhos. Intelecto, dizia ela a si mesma nos momentos de reflexão, tinha muito pouco a ver com a maneira que as pessoas sentiam.

Trabalhar em Moscou, trabalhar contra o mesmo governo,. era o maior desafio de sua vida. Gostava daquilo ainda mais do que o marido, a quem tinha encontrado enquanto era estudante em Colúmbia. Ed juntara-se à CIA porque *ela* decidira desde cedo ingressar na CIA.

Seu marido era bom, Mary sabia disso — com instintos brilhantes e habilidade administrativa —, mas a ele faltava a paixão que ela dedicava ao trabalho. A ele também faltavam os genes. Ela aprendera a língua russa nos joelhos do avô — o russo mais elegante e mais rico que os soviéticos transformaram na algaravia correntemente em uso —, porém o mais importante era que ela entendia as pessoas de uma forma que muitos livros não poderiam relatar. Ela entendia a tristeza racial que permeava o caráter russo, e a contraditória expansividade em particular, a total exposição da personalidade e da alma reservada apenas aos amigos mais próximos e negada a um transeunte moscovita. Como resultado desse talento, Mary Pat recrutara cinco agentes bem colocados, apenas um evitando o serviço em tempo integral. No Diretório de Operações da CIA, ela era conhecida ocasionalmente como *Supergirl,* um termo com o qual não se importava em absoluto. Afinal de contas, Mary Pat era mãe de dois filhos, com as marcas dos pontos para prová-lo. Sorriu para si mesma no espelho. *Você conseguiu, garota.* Seu avô ficaria orgulhoso.

A melhor parte: ninguém tinha a menor suspeita do que ela era realmente. Fez um ajuste final na roupa. Mulheres ocidentais em Moscou precisavam estar mais atentas ao trajar do que os homens do Ocidente. Suas roupas eram sempre um pouco exageradas. A imagem que projetava era cuidadosamente concebida e meticulosamente executada. Educada mas frívola, bonita mas superficial, uma boa mãe e pouco mais do que isso, rápida nas demonstrações ocidentais de suas emoções, mas não era levada muito a sério. Flanando como ela fazia, ocasionalmente substituindo alguma professora na escola dos garotos, comparecendo a várias funções sociais e vagando interminavelmente como uma eterna turista, ela se encaixava perfeitamente na preconcebida noção soviética da mulher americana de cabeça oca. Mais um sorriso ao espelho: *Se os bastardos soubessem...*

Timmy aguardava com impaciência, o taco de hóquei balançando para cima e para baixo no carpete da sala de estar. Ed estava com a televisão ligada. Deu um beijo de despedida na mulher, disse a Timmy para chutar alguns traseiros — o Foley mais velho fora fã dos Rangers antes mesmo que aprendesse a ler.

Era um pouco triste, pensou Mary Pat no elevador. Eddie tinha feito bons amigos ali, mas era um erro agir amigavelmente com as pessoas em Moscou. Podia-se esquecer de que constituíam o inimigo. Ela sentia que Eddie estava recebendo o mesmo tipo de doutrinação que sofrerá, só que do lado errado. *Bem, isso será facilmente remediado,* disse a si mesma. No depósito em casa tinha a fotografia do czaréviche Aleksey, autografada para seu professor favorito. Tudo o que tinha a fazer era explicar como ele morrera.

Dirigir até o estádio foi um ato de rotina, a excitação de Eddie aumentando à medida que se aproximavam do horário do jogo. Ele estava cotado como o terceiro artilheiro da liga, apenas seis pontos atrás do centroavante do time contra o qual jogariam naquela noite, que era o primeiro, e Eddie queria mostrar a Ivã Quem-quer-que-fosse que os americanos podiam vencer os russos no próprio jogo.

Era surpreendente como o estacionamento estava lotado, mas por outro lado não era um estacionamento muito grande, e hóquei no gelo era a coisa mais próxima de uma religião na União Soviética. O jogo daquela noite iria decidir os padrões de desempate para o campeonato da liga, e muitas pessoas tinham vindo assistir a ele. Tudo bem com Mary Pat. Ela mal tinha acabado de puxar o breque de mão quando Eddie empurrou a porta, apanhou a sacola de equipamento e esperou impacientemente que a mãe trancasse o carro. Conseguiu controlar-se e andar devagar o suficiente para que a mãe o acompanhasse, depois disparou para o vestiário enquanto ela se dirigia ao rinque.

Seu lugar estava reservado, claro. Embora relutante em ficar tão próxima a estrangeiros, num jogo de hóquei as regras eram diferentes. Alguns pais a cumprimentaram, e ela acenou de volta, o sorriso apenas um pouco exagerado. Verificou o relógio.

— Não vejo um jogo da liga juvenil há dois anos — declarou Yazov enquanto saíam do carro oficial.

— Também não venho muito, mas minha cunhada disse que esse é muito importante, e o pequeno Misha exigiu minha presença — sorriu

Filitov. — Eles acham que eu dou boa sorte... talvez o senhor também, camarada marechal.

— É bom fazer alguma coisa diferente — concedeu Yazov fingindo seriedade. — A droga do escritório vai estar lá amanhã do mesmo jeito. Eu joguei hóquei quando era garoto, sabia?

— Não, não sabia. Era bom nisso?

— Eu jogava na defesa, e as outras crianças se queixavam que eu entrava muito duro. — O ministro da Defesa riu e acenou para que seu pessoal da segurança avançasse.

— Não tínhamos rinque onde eu cresci... e a verdade é que eu era muito desajeitado quando criança. Os tanques foram perfeitos para mim... servem para destruir as coisas. — Misha riu.

— Esse time é bom?

— Eu prefiro os times juvenis aos oficiais — respondeu o coronel Filitov. — São mais... combativos. Acho que apenas gosto de ver as crianças se divertindo.

— É verdade.

Não havia muitas poltronas ao redor do rinque — além disso, qual o verdadeiro fã de hóquei que queria ficar sentado? O coronel Filitov e Yazov encontraram um lugar conveniente ao lado de alguns dos pais. Os sobretudos do Exército soviético com as brilhantes divisas nos ombros garantiram a eles uma boa visão do campo e espaço para respirar. Os quatro oficiais de segurança espalharam-se, tentando não olhar muito acintosamente para a quadra. Não estavam muito preocupados, desde que a ida ao jogo fora uma decisão de última hora da parte do ministro.

O jogo foi excitante desde o começo. O centroavante do outro time movia-se como uma doninha, controlando o disco de borracha com passes habilidosos e patinação impecável. O time local — no qual jogavam o americano e o sobrinho-neto de Misha — foi pressionado em seu campo de defesa durante a maior parte do primeiro tempo, mas o pequeno Misha era um defensor bastante agressivo, e o rapaz americano interceptou um passe, avançando até o outro lado do rinque, onde foi desarmado por uma defesa impressionante, que provocou murmúrios de admiração dos torcedores de ambos os lados. Embora sejam um povo insolente como qualquer outro, os russos possuem um grande senso de esportividade. O primeiro tempo terminou empatado, sem abertura de contagem.

— Que pena — comentou Misha, enquanto as pessoas se dirigiam para as salas de descanso.

— Um belo ataque, mas a defesa foi maravilhosa — disse Yazov. — Preciso do nome desse rapaz para o Exército da Região Central. Misha, obrigado por me convidar. Tinha esquecido como pode ser excitante um jogo escolar.

— Sobre o que acha que estão conversando? — perguntou o agente mais velho da KGB. Ele e outros dois homens estavam na parte superior, escondidos acima das luzes que iluminavam o rinque.

— Talvez sejam apenas fãs de hóquei — retrucou o homem com a câmera. — Porra, parece que estamos perdendo um belo jogo. Veja só aqueles guardas de segurança... Os putos estão olhando o gelo. Se eu quisesse matar Yazov...

— Ouvi dizer que não seria má idéia — observou o terceiro homem. — O diretor-geral...

— Esse assunto não diz respeito a nós — cortou o agente mais velho, terminando a conversa.

— Vamos lá, Eddiiie! — gritou Mary Pat, logo que começou o segundo tempo.

O filho olhou para cima, embaraçado. *Sua mãe sempre ficava excitada demais naqueles jogos,* pensou ele.

— Quem era aquela? — quis saber Misha, a 5 metros de distância.

— Aquela magrinha ali... nós a encontramos outro dia, está lembrado? — disse Yazov.

— Bem, ela é uma fã — notou Filitov, enquanto observava o jogo se deslocando para o outro campo. *Por favor, camarada ministro, peça você...* Teve seu desejo satisfeito.

— Vamos lá cumprimentá-la. — A multidão se abriu para dar passagem aos dois, e Yazov aproximou-se pelo lado esquerdo dela.

— Senhora Foley, eu presumo?

Ela se voltou rapidamente e deu um sorriso a Yazov antes de voltar-se outra vez para o jogo.

— Olá, general...

— Na verdade meu posto é de marechal. Seu filho é o número doze?

— Sim. O senhor viu como o goleiro roubou a bola dele?

— Foi uma bela defesa — comentou Yazov.

— Então que ele defenda de algum outro! — disse ela, enquanto o outro time avançava para o lado de Eddie.

— Todos os americanos são tão entusiasmados como a senhora? — indagou Misha.

Ela se voltou novamente, e sua voz demonstrava um pouco de embaraço.

— É terrível, não é? Os pais deveriam agir como...

— Como pais? — riu Yazov.

— Estou me transformando numa típica mãe de liga juvenil — admitiu Mary Pat. Depois precisou explicar o que queria dizer com isso.

— Já é suficiente que tenhamos ensinado seu filho a ser um bom ponta de hóquei.

— E, talvez ele esteja nos Jogos Olímpicos daqui a alguns anos — retrucou ela, com um sorriso maldoso, embora brincalhão. Yazov riu. Aquilo a surpreendeu. Yazov deveria ser um sério e fechado filho de uma puta.

— Quem é a mulher?

— Americana. Seu marido é adido à Imprensa. O filho dela está no time. Temos os dados sobre ambos. Nada de especial.

— Você acha que ele está querendo recrutá-la? — sugeriu o fotógrafo.

— Eu não me importaria com isso.

O jogo inesperadamente se acomodara numa luta pelo domínio do centro do rinque. As crianças ainda não possuíam o refinamento necessário para a precisão de passes que marcava o hóquei soviético, e ambos os times haviam sido instruídos para não jogar duro demais. Mesmo com o equipamento de proteção, ainda eram crianças cujos ossos em crescimento não podiam sofrer em demasia. *Aquela era uma lição que os russos podiam ensinar aos americanos,* pensou Mary Pat. Os russos sempre protegiam muito mais suas crianças. A vida dos adultos já era difícil o suficiente, daí eles tentarem poupar os filhos.

Finalmente, no terceiro tempo, as coisas começaram a acontecer. Um tiro a gol foi rebatido pelo goleiro. O centroavante apanhou o disco e disparou para o gol oposto, com Eddie deslizando 7 metros à sua direita. O centroavante passou o disco um instante antes de ser abordado pelo adversário, e Eddie recebeu e deslocou-se para a lateral, incapaz de atirar a

gol, com a aproximação bloqueada por um defensor que arremetia contra ele.

— *Centra!* — gritou a mãe.

Ele não a escutou, mas não foi necessário. O centroavante agora estava bem localizado, e Eddie impulsionou o disco em sua direção. O jovem centroavante aparou-a com o patim, deu um passo atrás e enviou um petardo entre as pernas 4o goleiro adversário. A luz atrás das traves acendeu, e os tacos foram alegremente atirados ao ar.

— Um belo passe — observou Yazov com genuína admiração. Continuou em tom conspiratório. — Compreende que agora seu filho está de posse de segredos de Estado e não podemos permitir que ele saia do país? — Os olhos de Mary Pat arregalaram-se momentaneamente, persuadindo Yazov de que ela era uma cabeça oca tipicamente ocidental, embora provavelmente fosse boa de cama. *Pena que nunca saberei.*

— Está brincando? — perguntou ela em voz baixa. Os dois militares caíram na gargalhada.

— O camarada ministro certamente está brincando — assegurou Misha, depois de um momento.

— Foi o que pensei! — disse ela sem muita convicção antes de voltar a atenção para o jogo. — *Muito bem, vamos fazer mais um!*

Algumas cabeças se voltaram, achando aquilo tudo divertido. Ter aquela americana nos jogos era sempre bom para rir um pouco. Os russos achavam muito interessante a exuberância dos americanos.

— Se ela for uma espiã, eu como essa câmera.

— Pense bem no que disse, camarada — sussurrou o agente encarregado. Seu tom de voz alegre desapareceu num instante. *Pense no que ele acabou de dizer, disse o homem a si mesmo. O marido, Edward Foley, é encarado pela imprensa americana como um bobalhão, que não é esperto o suficiente para ser um bom repórter, certamente sem capacidade para pertencer ao quadro do* New York Times. O problema é que, enquanto aquele era o tipo de cobertura sonhado por todos os verdadeiros agentes de Inteligência, era também compartilhado naturalmente por todos os bobalhões do serviço governamental no mundo inteiro. Ele mesmo sabia que seu primo era um cretino, que trabalhava para o Ministério das Relações Exteriores.

— Tem certeza de que temos filme suficiente?

Eddie teve sua chance quando faltavam quarenta segundos. Um defensor aparou uma jogada vinda da ponta, e o disco deslizou para o meio do campo. O centroavante passou para a direita quando o jogo mudou. O time adversário estava pressionando para marcar, e o goleiro encontrava-se muito avançado e fora de colocação quando Eddie apanhou o passe e driblou pela esquerda. Edward Foley II virou-se rapidamente e disparou pelas costas do goleiro. O disco bateu na trave e passou lentamente pela linha.

— Goool! — gritou Mary Pat, pulando para cima e para baixo como uma líder de torcida.

Atirou os braços em volta do pescoço de Yazov, para a consternação de seus guardas de segurança. O divertimento do ministro foi contrabalançado pela lembrança de que teria de escrever um relatório de contato sobre aquilo no dia seguinte. Bem, ele tinha Misha como testemunha de que não conversaram nada de impróprio. A seguir ela agarrou Filitov.

— Eu *disse* que você dava sorte!

— Meu Deus, todos os americanos fãs de hóquei são assim? — perguntou Misha, desvencilhando-se.

A mão dela tocara a dele por uma quase imaginária fração de segundo, e os três diminutos magazines de filme estavam no interior da luva. Ele os sentiu ali e ficou surpreso que o passe se tivesse realizado com tanta habilidade. Será que ela era mágica profissional?

— Por que vocês, russos, são tão sérios o tempo todo... Não sabem como se divertir?

— Talvez devêssemos ter mais americanos por perto — concedeu Yazov. *Puxa, gostaria que minha mulher fosse tão viva quanto esta.* — Você tem um ótimo filho e, se ele jogar contra nós nas Olimpíadas, eu o perdôo. — Foi recompensado com um sorriso encantador.

— Foi muita gentileza dizer isso. — *Espero que ele chute suas bundas comunistas todo o caminho de volta até Moscou.* Se havia algo que ela não suportava era ser apadrinhada. — Eddie conseguiu mais dois pontos esta noite e aquele Ivã Qualquer coisa não fez nenhum!

— É sempre tão competitiva, mesmo em jogos de crianças? — indagou Yazov.

Mary Pat teve um deslize, só por um instante, tão rápido que o cérebro não pôde impedir a resposta automática:

— Me mostre um bom perdedor e eu lhe mostrarei um perdedor. — Ela fez uma pausa e corrigiu o erro. — Vince Lombardi, um famoso treinador americano, disse isso. Desculpe, deve pensar que sou *nekulturny.* Você tem razão, é apenas um jogo de crianças. — Ela deu um amplo sorriso. *No seu rabo!*

— Viu alguma coisa?

— Uma mulher tola que ficou muito excitada — respondeu o fotógrafo.

— Em quanto tempo pode revelar o filme?

— Em duas horas.

— Então pode começar — disse o homem mais graduado.

— *Você viu alguma coisa?* — indagou o terceiro agente ao superior.

— Não, acho que não. Nós a observamos por quase duas horas, e ela age como uma típica mãe americana que se excita demais numa partida esportiva e acidentalmente atraiu a atenção do ministro da Defesa e do principal suspeito num caso de traição. Acredito que isso seja o suficiente, camarada, não acha? — *Que grande jogo, esse...*

Duas horas depois, cerca de mil fotografias em preto-e-branco estavam sobre a escrivaninha do agente. A câmera usada era japonesa, uma dessas que registra uma referência de tempo no canto inferior, e o fotógrafo da KGB era tão bom quanto qualquer profissional de jornal. Ele fotografara quase que continuamente, parando apenas para trocar os magazines da câmera motorizada. No início, o agente quisera utilizar uma câmera portátil de televisão, mas o fotógrafo o dissuadira. A defnição não era tão boa, nem a velocidade tão rápida. Uma máquina totográfica ainda era a melhor forma de apanhar alguma coisa pequena e rápida, embora não se pudesse fazer leitura labial, como na fita de vídeo.

Cada exposição era examinada pelo agente durante alguns segundos, que utilizava uma lupa para verificar os detalhes que lhe interessavam. Quando a sra. Foley entrou na seqüência de imagens, ele precisou de alguns segundos a mais. Examinou-lhe a roupa e as jóias com algum cuidado, e também o rosto. Seu sorriso era particularmente despido de personalidade, como num comercial da televisão ocidental, e ele se lembrava dos gritos dela acima do ruído da multidão. Por que será que os americanos eram tão barulhentos?

Mas se veste muito bem, admitiu para si mesmo. *Como a maioria das mulheres americanas em Moscou, ela se destacava como um faisão num*

galinheiro... resmungou aborrecido com o pensamento. E daí que os americanos gastassem mais dinheiro em roupas? O que importavam as roupas para alguém? *Através dos binóculos ela parecia ter cérebro de passarinho... mas nas fotografias não... por quê?*

Eram os olhos, pensou ele. Nas fotografias, os olhos brilhavam de uma forma diferente do que ele observara pessoalmente. Por que isso?

Nas fotografias, os olhos — ele lembrava que eram azuis — sempre estavam focalizados em algum ponto. O rosto, ele reparou, tinha inalares vagamente eslavos. Sabia que Foley era um nome irlandês e presumira que os ancestrais dela fossem irlandeses também. Que a América fosse um país de imigrantes, e que os imigrantes se mesclassem nos casamentos eram conceitos estranhos aos russos. Mais alguns quilos, mudando o cabelo e a roupa, e ela poderia ser qualquer rosto encontrado numa rua de Moscou... ou Leningrado. *Mais provavelmente a última,* pensou ele. Ela se parecia mais com alguém proveniente de Leningrado. O rosto tinha aquela leve arrogância afetada pelas pessoas de lá. *Gostaria muito de saber sua verdadeira linhagem.*

Continuou examinando as fotografias e lembrou-se de que os Foley nunca tinham sofrido aquele tipo de investigação. O arquivo sobre eles era relativamente magro. Eram encarados pelos "Dois" como "não identidades". Algo lhe disse que aquilo era um erro, mas a voz no fundo de sua mente ainda não falava suficientemente alto. Aproximava-se do final da pilha de fotografias e consultou o relógio. *Três horas da maldita madrugada!,* resmungou para si mesmo e serviu-se de mais uma xícara de chá.

Bem, esse deve ter sido o segundo gol. Ela saltava como uma gazela. Belas pernas, viu ele pela primeira vez. Como seus colegas haviam observado lá de cima, ela provavelmente era muito boa na cama. Só faltavam mais algumas fotos para chegar ao final do jogo, e... sim, lá estava ela abraçando Yazov — aquele velho sátiro! — depois abraçando o coronel Filitov...

Ele ficou paralisado. A fotografia captara uma coisa que não tinha visto com os binóculos. Enquanto abraçava Filitov, ela olhava fixamente para um dos quatro guardas de segurança, o que não estava assistindo A mão esquerda não estava absolutamente envolvendo Filitov mas abaixada ao lado da mão direita dele, fora da vista. Ele voltou algumas fotografias. Imediatamente antes do abraço sua mão estivera no casaco. Em volta do

ministro da Defesa, fechava-se em punho. Depois de abraçar Filitov, estava aberta de novo, e os olhos ainda estavam fixos no guarda de segurança, um sorriso que parecia de fato tipicamente russo e que ficava apenas nos lábios — mas na fotografia seguinte ela voltara ao normal, um pouco aérea e dispersiva. Nesse momento ele teve certeza.

— Filha de uma puta — sussurrou ele de si para si.

Há quanto tempo os Foley estavam aqui? Procurou na memória fatigada, mas não conseguiu lembrar. *Pelo menos dois anos — e não sabíamos, nem mesmo suspeitávamos... e se for só ela?* Era uma idéia a considerar — e se ela fosse espiã e o marido não soubesse? Ele rejeitou o pensamento, e estava certo, mas pelo motivo errado. Estendeu a mão para o telefone e ligou para a casa de Vatutin.

— Sim — respondeu uma voz na metade do primeiro toque.

— Tenho alguma coisa interessante — declarou com simplicidade o agente.

— Mande um carro.

Vatutin chegou vinte e cinco minutos depois, sem se barbear e visivelmente irritado. O major simplesmente dispôs a série crucial de fotografias.

— Nunca suspeitamos dela — disse ele enquanto o coronel examinava as imagens com a lupa.

— Um belo disfarce — observou Vatutin com azedume.

Ele dormia há apenas uma hora quando o telefone tocara. Ainda estava aprendendo a adormecer sem os costumeiros copos de bebida forte — tentando aprender, corrigiu a si mesmo. O coronel olhou para cima.

— Pode acreditar numa coisa dessas? Bem na frente do ministro da Defesa e quatro guardas de segurança! A coragem que tem essa mulher! Quem a segue regularmente?

O major meramente entregou uma pasta de arquivo. Vatutin a folheou até encontrar a parte que procurava.

— Aquele velho bode! Ele não poderia seguir uma criança até a escola sem ser preso como pervertido. Veja isso... um tenente por vinte e três anos!

— Existem setecentos americanos adidos à embaixada, camarada coronel — observou o major. — Nós temos tão poucos homens realmente bons...

— E todos vigiando as pessoas erradas. — Vatutin foi até a janela. — Agora chega! O marido também — acrescentou ele.

— Essa seria minha recomendação, camarada coronel. Parece certo que os dois trabalham para a CIA.

— Ela passou alguma coisa para ele.

— Provavelmente... uma mensagem, talvez algo mais. Vatutin sentou-se e esfregou os olhos vermelhos.

— Bom trabalho, camarada major.

Estava amanhecendo na fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão. O Arqueiro preparava-se para voltar à sua guerra. Seus homens haviam empacotado as novas armas, enquanto seu líder — *essa era uma nova idéia,* disse consigo o Arqueiro — revia os planos para as semanas seguintes. Entre os objetos que recebera de Ortiz estava um jogo completo de mapas táticos. Estes eram feitos de fotografias de satélites e estavam atualizados para mostrar fortalezas soviéticas e áreas muito patrulhadas. Ele possuía agora um rádio de longo alcance, com o qual podiam sintonizar as previsões do tempo — incluindo as russas. A jornada começaria apenas ao anoitecer.

Ele olhou em volta. Alguns de seus homens haviam chamado a família para aquele lugar seguro. O campo de refugiados estava cheio e barulhento, mas era um lugar melhor do que as vilas desertas e cidades arrasadas pelos bombardeios russos. Havia crianças ali, o Arqueiro percebeu, e as crianças estavam felizes em qualquer lugar onde estivessem os pais, comida e amigos. Os meninos já estavam brincando com armas de brinquedo — e com os mais velhos não eram de brinquedo. Ele aceitava aquilo com um grau de arrependimento que diminuía a cada viagem. As perdas entre os *mudjahidin* precisavam de reposições, e os mais jovens eram os mais bravos. A liberdade requeria seus mortos — bem, suas mortes vinham por uma causa sagrada, e Alá era benevolente com os que morriam por Ele. O mundo era sem dúvida um lugar triste, mas pelo menos ali um homem podia encontrar um pouco de tempo para se divertir e o resto. Observou um de seus atiradores ajudando seu primogênito a andar. O bebê não conseguia fazê-lo sozinho, mas a cada passo ele olhava para cima em direção ao rosto sorridente e barbado de um pai que só vira duas vezes desde que nascera. O novo líder do bando lembrou de ter feito a mesma coisa por seu filho... agora sendo ensinado a andar por uma trilha bem diferente...

O Arqueiro retornou ao próprio trabalho. Não podia mais ser um lançador de mísseis, porém treinara muito bem Abdul. Agora o Arqueiro lideraria seus homens. Era um direito que merecera, e o que era ainda melhor: seus homens achavam que ele tinha sorte. Seria bom para o moral. Embora nunca na vida tivesse lido livros sobre teoria militar, o Arqueiro sentia que aprendera bem suas lições.

Não houvera aviso... nenhum tipo de aviso. O Arqueiro virará a cabeça com rapidez quando ouvira o ruído dos projéteis explosivos dos canhões, depois viu as silhuetas escuras dos Fencer a pouco mais de 100 metros de altura. Não havia ainda apanhado o fuzil quando viu as bombas caindo dos suportes ejetores. As formas negras oscilaram levemente antes que fossem estabilizadas pelas aletas, os narizes apontando para baixo em câmara lenta. O barulho dos motores dos bombardeiros de ataque Su-24 veio a seguir, e ele virou-se para acompanhá-los enquanto o fuzil se apoiava no ombro, mas eles eram muito rápidos. Não havia nada a fazer, a não ser atirar-se ao chão, e parecia que tudo estava acontecendo muito, muito devagar. Ele estava suspenso no ar, o solo relutante em vir ao seu encontro. Suas costas voltavam-se para as bombas, mas ele sabia que elas estavam ali, descendo. Seus olhos se abriram para ver pessoas correndo, o atirador tentando cobrir o corpo do filho com o seu próprio. O Arqueiro voltou a olhar para cima e ficou horrorizado ao perceber que uma das bombas parecia vir diretamente sobre ele, um círculo negro contra o céu claro da manhã. Houve tempo até para pronunciar o nome de Alá enquanto a bomba passou sobre sua cabeça, e a terra tremeu.

Ele ficou aturdido e surdo pela explosão e sentiu-se cambaleante quando se pôs de pé. Parecia estranho ver e sentir o ruído, mas não ouvi-lo. Apenas o instinto moveu a trava de segurança de seu fuzil enquanto ele olhava em volta à procura do próximo avião. Lá estava! O fuzil apontou e disparou como por vontade própria, mas não fez diferença. O Fencer seguinte largou sua carga algumas centenas de metros mais longe e sumiu ã frente dos rolos negros de fumaça. Não houve mais nada.

Os sons chegaram lentamente, e pareciam distantes, como os. ruídos de um sonho. Mas aquilo não era um sonho. No lugar onde o homem e a criança tinham estado agora havia uma cratera no chão. Nem sinal do guerreiro da liberdade e seu filho, e mesmo a certeza de que agora ambos estariam como justos perante seu Deus não diminuiu a raiva cega que percorreu seu corpo. Lembrou-se de ter demonstrado piedade ao russo,

sentindo certo arrependimento por sua morte. Chega! Nunca mais demonstraria piedade novamente para com um infiel. Suas mãos estavam lívidas em volta do fuzil.

Tardiamente um caça paquistanês riscou o céu, mas os russos já se encontravam além da fronteira, e um minuto depois o F-16 circulou ao redor do acampamento por duas vezes antes de voltar à base.

— Você está bem? — Era Ortiz. Seu rosto fora cortado por estilhaços ou coisa parecida, e a voz parecia muito distante.

Não houve resposta verbal. O Arqueiro gesticulou com sua arma enquanto observava uma viuva recente gritando por sua. família. Juntos, os dois homens procuraram por feridos que podiam ser salvos. Felizmente, a parte médica do acampamento ficara incólume. O Arqueiro e o agente da CIA carregaram para lá cerca de uma dúzia de pessoas, para ver um médico francês xingando com a fluência de quem estava acostumado, com as mãos já sujas de sangue.

Encontraram Abdul na busca seguinte. O jovem tinha um Stinger montado no lançador e apontado para cima. Chorava ao confessar que estivera dormindo. O Arqueiro bateu em seu ombro e disse que não fora culpa dele. Supostamente havia um acordo entre os soviéticos e paquistaneses que proibia incursões do outro lado da fronteira. Os acordos não tinham valor. Uma equipe de noticiário da televisão — francesa — apareceu e Ortiz levou o Arqueiro para um local onde ninguém poderia vê-los.

— Seis — disse o Arqueiro. Não mencionou as perdas de não combatentes.

— E um sinal de fraqueza que eles façam isso, meu amigo — observou Ortiz.

— Atacar um lugar de mulheres e crianças é uma abominação perante Deus!

— Perdeu suprimentos? — Para os russos, aquele era um campo de guerrilheiros, é claro, mas Ortiz não se importava em falar de acordo com sua visão das coisas. Ele estivera ali por muito tempo para ser objetivo nesses assuntos.

— Só alguns fuzis. O resto já está fora do acampamento.

Ortiz não tinha mais nada a dizer. Não tinha nada reconfortante a dizer. Seu pesadelo era que aquela operação para ajudar os afegães estava tendo o mesmo efeito que tentativas anteriores de auxiliar os *Hmong* do

Laos. Eles lutaram bravamente contra os inimigos vietnamitas apenas para ser virtualmente exterminados a despeito de toda a ajuda ocidental. O agente da CIA disse a si mesmo que a presente situação era diferente e objetivamente ele achava que isso era verdadeiro. Mas dilacerava o que restava de sua alma observar aquelas pessoas deixando o acampamento, armadas até os dentes, e depois contar os que retornavam. Será que os Estados Unidos realmente ajudavam os afegães a recuperar sua própria terra, ou os estavam meramente encorajando a matar tantos russos quanto o possível antes que eles mesmos fossem dizimados?

Qual é a política certa?, perguntou a si mesmo. Ortiz admitiu que não sabia.

Nem sabia que o Arqueiro tomara uma decisão política própria. O rosto velho-jovem voltou-se para o oeste, depois para o norte, em seguida disse a si mesmo que a vontade de Alá não seria mais restrita pelas fronteiras do que pela vontade de Seus inimigos.

15
PONTO CULMINANTE

— Tudo que precisamos é montar a armadilha — disse Vatutin a seu chefe. A voz tinha um tom definitivo, e o rosto permanecia impassível enquanto ele depositava as provas sobre a escrivaninha de Gerasimov.

— Excelente trabalho, coronel! — O diretor-geral da KGB permitiu-se um sorriso. Vatutin percebeu que ali havia mais do que somente a satisfação de encerrar um caso sensível e delicado. — Seu próximo passo?

— Devido ao *status* incomum do suspeito, acho que deveríamos tentar comprometê-lo no momento da transferência de documentos. Tudo leva a crer que a CIA sabe que quebramos a corrente de mensageiros entre eles e Filitov. Tomaram uma iniciativa fora do comum ao utilizar um dos próprios agentes para realizar a transferência. Sem erros. Esse foi um ato desesperado, apesar da precisão com a qual fora executado. Gostaria de expor os Foley ao mesmo tempo. Eles devem ser um casal muito orgulhoso para nos ter enganado por tanto tempo. Apanhá-los no ato vai destruir esse orgulho e pode ser um grande golpe psicológico para a CIA como um todo.

— Aprovado — concordou Gerasimov. — O caso é seu para dirigir como quiser, coronel. Use o tempo que precisar. — Os dois homens sabiam que ele queria dizer menos do que uma semana.

— Obrigado, camarada diretor. — Vatutin voltou imediatamente a seu escritório, onde instruiu seus oficiais.

Os microfones eram muito sensíveis. Como a maioria das pessoas dormindo, Filitov virava-se e revirava-se na cama, exceto quando sonhava e o gravador de rolo captara o farfalhar dos lençóis e alguns murmúrios quase ininteligíveis. Finalmente um novo som apareceu e o homem com os fones de ouvido gesticulou aos camaradas. Lembrava o ruído de uma vela se enfunando ao vento e significava que o suspeito atirava as cobertas para fora da cama.

A seguir veio a tosse. O velho tinha problemas nos pulmões, dizia a ficha médica. Ele era particularmente vulnerável a resfriados e infecções respiratórias. Evidentemente estava tendo algum acesso. A seguir ele

assoou o nariz, e os homens da KGB sorriram um para o outro. Parecia o apito de uma locomotiva.

— Peguei ele — disse o homem que operava a câmera de televisão. — Está indo em direção ao banheiro.

Os próximos ruídos foram perfeitamente previsíveis. Havia duas câmeras de televisão cujas lentes poderosas estavam assestadas sobre as duas janelas do apartamento. Dispositivos especiais permitiam que eles enxergassem o interior do apartamento, apesar da pouca claridade matinal.

— Sabe, fazer isso a alguém já é o bastante — observou um dos técnicos. — Se mostrassem a alguém uma fita de um de nós acordando, morreríamos de vergonha.

— Pois a morte desse aí vai ser de outra causa — declarou friamente o agente mais graduado. Aquele era um dos problemas com tal tipo de investigação. O agente começava a se identificar com o suspeito e precisava ficar se lembrando de como eram odiosos os traidores. *Onde foi que você errou?,* perguntou-se o major. *Um homem com a sua ficha de guerra!-Ele* já imaginava como seria tratado aquele caso. Um julgamento público? Poderiam ousar tornar tudo público com um famoso herói de guerra? *Aquela,* disse ele a si mesmo, *era uma decisão política.*

A porta se abriu e fechou, indicando que o coronel apanhara sua cópia do *Estrela Vermelha,* entregue diariamente por um mensageiro do Ministério da Defesa. Eles escutaram o gorgolejar da máquina de café e trocaram um olhar — esse traidor filho da puta bebe café toda manhã!

Agora ele estava visível, sentado à pequena mesa da cozinha e lendo seu jornal. Ele era um anotador, eles viram, escrevendo num bloco ou no próprio jornal. Quando o café ficou pronto, ele se levantou para apanhar o leite no pequeno refrigerador. Cheirou-o antes de adicioná-lo ao café para certificar-se de que não estava azedo. Tinha manteiga suficiente para espalhá-la generosamente em seu pão preto, que eles sabiam ser seu desjejum habitual.

— Ainda come como um soldado — comentou o operador de câmera.

— Ele foi um bom soldado uma vez — observou outro agente. — Seu velho tolo, como é que pôde fazer isso?

O desjejum acabou logo depois, e eles observaram Filitov andando até o banheiro, onde se lavou e se barbeou. Voltou ao campo de visão para vestir-se. Na tela de vídeo, viram-no apanhar uma escova para polir as

botas. Ele sempre usava botas, eles sabiam, o que era incomum para oficiais do ministério. Mas as três estrelas de ouro na blusa de seu uniforme também o eram. Ficou em pé em frente ao espelho do armário, examinando-se. O jornal foi para o interior da valise, e Filitov saiu pela porta. O último ruído que ouviram foi o da chave na fechadura do apartamento. O major veio ao telefone.

— O suspeito está saindo. Nada de anormal. Equipe de campana em alerta.

— Muito bem — respondeu Vatutin e desligou.

Um dos câmeras ajustou seu instrumento para gravar a saída de Filitov do edifício. Ele recebeu a continência do motorista, entrou no carro e desapareceu rua abaixo. Uma manhã completamente rotineira, todos concordavam. Podiam dar-se ao luxo de serem pacientes agora.

As montanhas para os lados do oeste estavam encobertas pelas nuvens e uma garoa fina caía. O Arqueiro ainda não partira. Havia orações a serem ditas e pessoas a consolar. Ortiz estava sendo tratado por um dos médicos franceses, enquanto seu amigo folheava os papéis do agente da CIA.

Fazia-o sentir-se culpado, mas o Arqueiro disse a si mesmo que simplesmente procurava os dados que ele próprio fornecera ao agente da CIA. Ortiz era um anotador compulsivo, e o Arqueiro sabia que, além disso, era também um apreciador de mapas. O mapa que ele desejava encontrava-se num lugar inesperado, preso por um clipe a vários diagramas, que copiou a mão livre, rápida e silenciosamente, antes de repor tudo exatamente como estava.

— Vocês são tão quadrados — riu Bea Taussig.

— Seria uma vergonha estragar essa imagem — replicou Al, um sorriso escondendo seu desprazer pela convidada.

Nunca entendera por que Candi gostava daquela... o que quer que ela fosse. Gregory não sabia por que havia soado o alarme no fundo de sua cabeça. Não era o fato de que ela não gostasse dele — Al não importava nem um pouco com isso. Sua família e a noiva o ama e todos os que trabalhavam com ele respeitavam-no. Era o suficiente. Se não se encaixava na noção que alguém tinha de como deveria ser um oficial do Exército, foda-se. Mas havia alguma coisa em Bea que...

— Muito bem, vamos falar de negócios — disse a convidada, com

uma expressão divertida. — Existem pessoas em Washington me perguntando quando...

— Alguém devia dizer a esses burocratas que não se ligam e desligam as coisas assim — reclamou Candi.

— Seis semanas, no máximo. — Al sorriu. — Talvez menos.

— Quando? — indagou Candi.

— Logo. Ainda não tivemos a chance de passar o sistema no simulador, mas parece que está tudo certo. Foi idéia de Bob. Já estava na hora, e ele conseguiu dinamizar o pacote de *software* até melhor do que eu estava tentando. Não vamos ter de usar tanta IA quanto imaginei.

— Ah, é? — O uso de IA (inteligência artificial) era supostamente crucial para o desempenho do espelho e discriminação do alvo.

— E, e estávamos sobrecarregando o problema, tentando usar razão em vez de instinto. Não precisamos dizer ao computador como pensar em tudo. Podemos reduzir a carga de comandos em vinte por cento colocando opiniões preconcebidas no programa. Descobrimos que é mais rápido e mais fácil do que fazer o computador fazer seus julgamentos a partir de um cardápio.

— E quanto às anomalias? — perguntou Taussig.

— É exatamente essa a dificuldade. As rotinas IA estavam na verdade retardando as coisas mais do que imaginávamos. Estávamos tentando fazer as coisas tão flexíveis que tínhamos problemas ao realizar qualquer operação. O desempenho esperado do laser é bom o suficiente para que ele mesmo possa fazer a opção de disparo mais rápido do que o programa IA pode decidir onde mirar... portanto, por que não optar pelo disparo? Se o perfil não encaixar, disparamos do mesmo jeito.

— Seus pontos de vista sobre o laser mudaram — observou Bea.

— Bem, não posso falar sobre isso.

Outro sorriso do menino prodígio. Taussig deu um jeito de sorrir de volta. *Eu sei de uma coisa que você não sabe!,* é isso? Só o fato de olhar para ele já arrepiava sua pele, mas o pior era a maneira como Candi olhava para ele, como se fosse Paul Newman ou algo parecido! Compleição amarelada, até mesmo espinhas, e ela amava aquela coisa. Bea não sabia se isso lhe dava vontade de rir ou de chorar...

— Mesmo nós, os idiotas da administração, precisamos planejar com uma certa antecedência — disse Taussig.

— Desculpe, Bea. Você conhece as regras de segurança.

— Faz a gente imaginar como conseguimos realizar alguma coisa.

— Candi sacudiu a cabeça. — Se piorar um pouco, Al e eu não vamos poder falar um com o outro nos intervalos... — Ela sorriu lascivamente para o amante.

Al riu.

— Estou com dor de cabeça.

— Bea, você acredita nesse cara? — perguntou Candi.

— Nunca acreditei — afirmou Taussig, reclinando-se.

— Quando você vai sair com o doutor Rabb? Sabe que ele está se atirando para o seu lado há seis meses.

— Pois tomara que caia. Meu Deus, que pensamento desagradável você teve!

Seu olhar para Candi escondeu estranhamente bem seus sentimentos. Ela também compreendera que as informações sobre o programa que ela enviara para fora do país não tinham mais valor algum. Maldito seja o monstrinho por mudar tudo!

— É alguma coisa. A pergunta é: o quê? — Tones apertou a chave em seu microfone. — Sonar de Connecticut, temos um contato rumando zero-nove-oito. Designar esse contato sierra-quatro.

— Tem certeza de que é um contato? — indagou o jovem oficial subalterno.

— Vê isso aqui? — Jones correu o dedo ao longo da tela. O "dispositivo catarata" estava desordenado com o ruído ambiente. — Lembre-se de que estamos procurando dados não aleatórios. Esta linha não é aleatória. — Ele digitou um comando para alterar a tela. O computador começou a processar uma série de discretas faixas de freqüência. No espaço de um minuto o quadro estava claro. Ou pelo menos foi o que pensou o senhor Jones, reparou o jovem operador de sonar. O indicador luminoso na tela tinha uma forma irregular, curvando-se para a frente e estreitando-se para baixo, cobrindo um ângulo de cerca de 5 graus. O "técnico civil" olhou fixamente para a tela durante vários segundos, depois falou novamente.

— Sonar de Connecticut, classificar alvo sierra-quatro como fragata classe Krivak, rumando zero-nove-seis. Parece que ela está fazendo curvas a cada 15 nós. — Joe voltou-se para o jovem. Lembrava-se do seu primeiro cruzeiro. Aquele rapaz de 19 anos não tinha nem as primeiras divisas ainda. — Vê isso? É o registro em alta freqüência das turbinas, é

uma pista inconfundível, e se pode ouvi-lo a uma boa distância, geralmente, porque o Krivak não tem bom isolamento acústico. Mancuso entrou no compartimento. O *Dallas* era um submarino classe 688 de primeira geração e não tinha acesso direto da sala de controle para o sonar, como os modelos posteriores. Em vez disso tinha-se que vir a vante e descer por um buraco no convés que descia até lá. Provavelmente o recondicionamento corrigiria isso. O capitão acenou sua caneca de café em direção à tela.

— Onde está o Krivac?

— Bem aqui, rumo ainda constante. Temos bastante água ao redor. Provavelmente já está fora de alcance.

O comandante sorriu. Jones sempre tentava estimar o alcance. O diabo sobre aquilo era que nos dois anos em que Mancuso o tivera a bordo como membro da tripulação ele tinha razão na maioria dos casos. A ré, na sala de controle, a equipe do rastreamento de controle de fogo determinava a posição do alvo, comparando-a com a rota conhecida do *Dallas,* para determinar o alcance e o curso da fragata soviética.

Não havia muita atividade à superfície. Os outros três contatos de sonar realizados eram todos navios mercantes de uma hélice. Embora o tempo estivesse bem naquele dia, o mar Báltico — um lago tamanho-familia na opinião de Mancuso — raramente era um lugar agradável no inverno. Relatórios do serviço de Informações afirmavam que a maior parte dos navios do lado oposto estava atracada para reparos. Eram boas novas. Melhor ainda, não havia muito gelo. *Uma estação realmente rigorosa poderia congelar tudo, e isso poria fim à missão,* pensou o capitão.

Até o momento somente seu outro visitante, Clark, sabia qual era a missão.

— Capitão, temos um positivo em sierra-quatro — anunciou um tenente da sala de controle.

Jones dobrou um pedacinho de papel e entregou-o a Mancuso.

— Estou esperando.

— Alcance trinta e seis mil, curso aproximado dois-nove-zero. Mancuso dobrou a nota e riu.

— Jones, você ainda parece uma maldita bruxa! — Devolveu o papel, depois foi em direção a ré, para alterar o curso do submarino, a fim de evitar o Krivak.

O rapaz do sonar ao lado de Jones agarrou a nota e a leu em voz alta.

— Como você sabia? Não deveria ser possível fazer isso.

— Prática, meu rapaz, prática — respondeu Jones no seu melhor sotaque caipira. Ele notou que o curso do submarino mudara. Não parecia o Mancuso do qual se recordava.

Nos velhos dias, o comandante se aproximaria para tirar fotografias através do periscópio, disparar algumas soluções com torpedos e geralmente tratar o navio soviético como se fosse um alvo real numa guerra real. Daquela vez estavam saindo de alcance da fragata russa, afastando-se. Jones não achava que Mancuso tivesse mudado tanto e começou a perguntar-se sobre que diabos seria aquela missão.

Quase não havia visto o sr. Clark. Ele passava a maior parte do tempo a ré na sala das máquinas, onde ficava o centro de exercícios — uma roda cilíndrica espremida entre duas engrenagens. A tripulação já começava a comentar que ele não era de falar muito. Apenas sorria, concordava e prosseguia em seu caminho. Um dos homens reparara na tatuagem do antebraço de Clark e andava comentando sobre o significado da foca vermelha, especificamente que simbolizava os comandos de elite SEAL. O *Dallas* nunca tivera um daqueles a bordo, embora outros barcos sim, e as histórias, contadas em voz baixa à exceção das interrupções do tipo: "Não brinca!", haviam circulado através da força de submarinos e em nenhum outro lugar. Se existia uma coisa que os tripulantes de submarinos sabiam fazer era guardar segredo.

Jones ficou em pé e andou em direção a ré. Resolveu que já tinha aprendido o suficiente para um dia, e seu *status* como "técnico civil" permitia que vagasse à vontade. Notou que o *Dallas* navegava tranqüilamente em direção leste, a 9 nós. Uma olhada na carta informou-o da posição em que estavam, e a maneira como o navegador batia o lápis lhe disse quão longe iriam. Jones começou a pensar seriamente enquanto descia para apanhar uma Coca-Cola. Ele voltara para uma viagem bem tensa, afinal de contas.

— Sim, senhor presidente — respondeu o juiz Moore ao telefone com um olhar preocupado. *Seria hora da decisão?*

— Aquele assunto sobre o qual falamos outro dia...

— Sim, senhor. — Moore olhou para o aparelho.

Além da parte que ele segurava do aparelho, o sistema do telefone de "segurança" era um cubo de 90 centímetros, habilmente oculto em sua

escrivaninha. As palavras eram quebradas em bits digitais, misturadas além do ponto de reconhecimento e enviadas para outra caixa onde eram novamente reconstituídas. Um interessante efeito colateral do sistema era que produzia conversas muito claras, uma vez que os ruídos e interferências eram eliminados no processo.

— Pode prosseguir. Não podemos... bem, decidi ontem à noite que não podemos abandoná-lo. — Esse devia ter sido seu primeiro telefonema do dia, e o conteúdo emocional também foi transmitido.

Moore imaginou se ele teria perdido o sono pela vida do agente sem rosto. Provavelmente tinha. O presidente era aquele tipo de homem. E também era o tipo, como Moore sabia, para apoiar totalmente uma decisão tomada. Pelt tentaria mudá-la durante o dia inteiro, mas o presidente a externava às 8 da manhã, e teria que ater-se a ela.

— Obrigado, senhor presidente. Vou colocar as coisas em andamento. — Moore tinha Bob Ritter em seu escritório dois minutos depois. — A retirada do Cardeal recebeu um "sim".

— Me faz sentir contente por ter votado nele — disse Ritter, esfregando as mãos. — Daqui a dez dias nós o teremos numa bela casa de segurança. Meu Deus, o relatório vai durar *anos*\ — Depois veio uma pausa mais sóbria. — É uma pena perder os serviços dele. Além do mais, Mary Pat recrutou um par de agentes "quentes" para nós. EÍa passou os filmes ontem à noite. Não tenho os detalhes, mas suponho que tenha sido uma entrega "cabeluda".

— Ela sempre foi um pouco...

— Mais do que um pouco, Arthur, mas todos os agentes de campo têm um pouco de caubói dentro deles. — Os dois texanos trocaram um olhar. — Mesmo os que vêm de Nova York.

— Que belo grupo. Com esses genes, a gente fica imaginando como serão os filhos deles — observou Moore com um risinho. — Bob, conseguiu seu desejo. Agora vamos depressa.

— Sim, senhor. — Ritter saiu para enviar sua mensagem, depois informou o almirante Greer.

O telex foi enviado via satélite e chegou a Moscou quinze minutos depois: ORDENS DE VIAGEM APROVADAS. GUARDEM OS RECIBOS PARA CONFERÊNCIA DE ROTINA.

Ed Foley apanhou a mensagem decodificada em seu escritório. *Então, o tal burocrata que tinha os pês frios sobre a gente achou suas*

meias, afinal. Graças a Deus!

Só falta mais uma transferência! Vamos passar a mensagem ao mesmo tempo, e Misha apanha um vôo para Leningrado, depois seguimos o plano. Uma boa coisa sobre o Cardeal era que ele praticava sua rotina de fuga pelo menos uma vez por ano. Sua velha unidade militar estava agora baseada no Distrito de Leningrado, e os russos entendiam esse tipo de sentimento. Misha também providenciara ao longo dos anos para que seu regimento fosse sempre o primeiro a receber novos equipamentos e treinos em táticas novas. Depois de sua morte, seriam designados os Guardas Filitov — ou ao menos era o que o Exército soviético planejava fazer. *Era pena,* pensou Foley, *que tivessem de alterar aquele plano.* Por outro lado, talvez a CIA construísse um tipo de memorial para o homem...

Mas havia ainda aquela transferência a fazer, e não seria nada fácil. *Um passo de cada vez,* disse a si mesmo. *Primeiro precisamos avisá-lo.* Meia hora depois, um portador não identificado da embaixada deixava o edifício. A uma certa hora ele estaria parado num certo lugar. O "sinal" foi apanhado por alguém sem probabilidade de estar sendo seguido pelo "Dois". Essa pessoa fez mais alguma coisa. Não sabia o motivo, apenas onde e como precisava fazer a marca. Achava aquilo muito frustrante. O trabalho do espião devia ser excitante, não devia?

— Lá está nosso amigo. — Vatutin ia no interior de um carro, querendo verificar pessoalmente se as coisas estavam caminhando direito.

Filitov entrou em seu veículo e o motorista partiu. O carro de Vatutin o seguiu por meio quilômetro, depois virou quando o segundo carro assumiu, correndo por uma paralela para acompanhar o suspeito.

Monitorava a perseguição pelo rádio. As transmissões eram claras e com aparência de comerciais, enquanto os seis carros circulavam dentro e fora da perseguição, geralmente mantendo um à frente do veículo-alvo e outro atrás. O carro de Filitov parou no empório que abastecia os oficiais superiores do Ministério da Defesa. Vatutin possuía um homem no interior — era sabido que Filitov parava lá duas ou três vezes por semana — para ver o que ele comprava e com quem falava.

Podia dizer que a operação corria perfeitamente, o que era esperado, já que explicara a todos que o diretor tinha um interesse pessoal no caso. O motorista de Vatutin andava à frente da presa, deixando o coronel do outro lado da rua do prédio de Filitov. Vatutin entrou e subiu para o apartamento no qual estavam instalados.

— Boa cronometragem — disse o agente encarregado enquanto Vatutin passava pela porta.

O homem do "Dois" olhava discretamente pela janela e viu o carro de Filitov parar. O carro perseguidor passou sem parar enquanto o coronel entrava em seu prédio.

— Suspeito acaba de entrar no prédio — anunciou um especialista em comunicações.

No interior, uma mulher com um saco fino e cheio de maçãs entra no elevador com Filitov. No andar de Filitov, duas pessoas que pareciam adolescentes passariam pelo elevador quando ele saísse, continuando pelo corredor com sussurros de amor eterno exageradamente altos. Os microfones de vigilância captaram o fim daquilo quando Filitov abriu a porta. —-Peguei a imagem dele — disse o operador de câmera.

— Vamos ficar afastados da janela — disse Vatutin desnecessariamente.

O homem com os binóculos estava bem afastado e, uma vez que as luzes do apartamento estavam apagadas — as lâmpadas haviam sido removidas dos soquetes —, ninguém poderia saber que as salas encontravam-se ocupadas.

Uma coisa que eles apreciavam sobre o homem era sua aversão a baixar as persianas. Seguiram-no até o quarto, onde o observaram mudar de roupa para algo mais confortável e chinelos. Voltou à cozinha e preparou uma refeição simples. Observaram-no rasgar a parte superior do invólucro na boca de uma garrafa de meio litro de vodca. O homem estava sentado, olhando pela janela.

— Um velho solitário — observou um agente. — Será que foi isso que o transformou?

— De uma maneira ou de outra, vamos descobrir.

Por que o Estado pode trair a nós?, perguntou Misha ao cabo Romanov, duas horas depois.

Porque somos soldados, eu acho. Misha notou que o cabo estava evitando a questão e o assunto. Será que sabia o que seu capitão tentava perguntar?

Mas se nós trairmos o Estado...

Então morremos, camarada capitão. É simples assim. Recebemos o ódio e a desaprovação dos camponeses e trabalhadores, e morremos. Romanov encarou os olhos de seu oficial através do tempo. O cabo tinha

agora sua própria pergunta. Faltava-lhe a vontade de externá-la, mas os olhos pareciam dizer: *O que fez, meu capitão?*

Do outro lado da rua, o homem com o equipamento de gravação escutou soluços, e imaginou o que os estaria causando.

— O que está fazendo, querida? — perguntou Ed Foley, e os microfones ouviram.

— Começando a fazer listas para quando partirmos. São tantas coisas para lembrar, que é melhor começar agora.

Foley debruçou-se sobre seu ombro. Ela tinha um bloco e um lápis, mas estava escrevendo numa folha plástica com uma caneta de marcar. Era o tipo de objeto que se pendurava nas geladeiras, e podia ser apagado com uma passada de pano úmido.

EU O FAREI, ela havia escrito. TENHO A DESCULPA PERFEITA. Mary Pat sorriu e mostrou uma fotografia do time de hóquei de Eddie. Cada jogador a havia assinado, e, rabiscado no alto em russo, Eddie escrevera, instruído pela mãe: "Para o homem que nos trouxe sorte. Obrigado, Eddie Foley".

Seu marido franziu as sobrancelhas. Era típico da mulher usar a aproximação direta, e ele sabia que ela costumava utilizar sua cobertura com habilidade consumada. Mas... ele sacudiu a cabeça. Mas o quê? O único homem da corrente do Cardeal que o poderia identificar nunca vira seu rosto. Faltava a Ed o *panache* da esposa, porém ele era mais circunspecto. Sentia que era melhor do que ela em contravi-gilância. Ele sabia da paixão de Mary Pat pelo trabalho e sua habilidade de ação, mas — que diabos, ela era muito ousada às vezes. *Ótimo... por que não diz isso a ela?,* perguntou a si mesmo.

Ele sabia o que iria acontecer — ela iria alegar o lado prático da ação. Não havia tempo para estabelecer mais uma série de "elos". Ambos sabiam que a cobertura dela era sólida, que ela nem tinha chegado perto de ser suspeita ainda. *Mas... que merda, esse negócio é uma série contínua de MAS!* OK, MAS CUBRA SUA LINDA BUNDINHA!, escreveu ele no plástico. Os olhos dela brilhavam quando ela apagou as letras. Depois escreveu a própria mensagem: VAMOS DEIXAR OS MICROFONES COM TESÃO! Ed quase sufocou tentando segurar o riso. *Sempre antes de uma missão,* pensou ele. Não que ele se importasse. Mas achava aquilo um pouco estranho.

Dez minutos depois, numa sala do porão do edifício, um par de técnicos em escuta ouvia atentamente os ruídos produzidos no quarto dos Foley.

Mary Pat Foley acordou em seu horário costumeiro, às 6hl5. Ainda estava escuro lá fora, e ela imaginou quanto do caráter do avô formara-se pelo frio e pela escuridão dos invernos russos... e quanto do caráter dela. Como a maior parte dos americanos designados para Moscou, ela detestava a idéia de ter dispositivos de escuta pelas paredes. Ocasionalmente sentia um prazer pervertido com eles, como na noite anterior, mas depois vinha o pensamento de que os soviéticos também os haviam colocado no banheiro. *Parecia uma coisa que eles fariam,* pensou ela olhando-se no espelho. A primeira tarefa do dia era tirar a temperatura. Ambos queriam mais uma criança e estavam tentando há alguns meses — era muito melhor do que assistir à televisão russa. Profissionalmente, claro, a gravidez era uma cobertura e tanto. Depois de três minutos, ela anotou a temperatura num cartão que conservava no armarinho do banheiro. *Provavelmente ainda não,* pensou ela. *Talvez em mais alguns dias.* Jogou fora os restos do Teste Prematuro de Gravidez na lata de lixo, de qualquer modo.

A seguir, havia as crianças para acordar. Ela começou a preparar o café e sacudiu a todos. Morar num apartamento com apenas um banheiro exigia um horário rígido de todos. Vieram os habituais grunhidos de Ed, e os costumeiros protestos e resmungos das crianças.

Meu Deus, como vai ser bom voltar para casa, disse a si mesma. Por mais que gostasse do desafio de trabalhar na boca do dragão, viver ali não era exatamente uma diversão para os garotos. Eddie adorava o hóquei, mas estava perdendo a infância naquele lugar frio e árido. Bem, aquilo mudaria logo. Embarcariam todos num avião da Pan Am e voariam para casa, deixando Moscou para trás — se não para sempre, pelo menos por cinco anos. A vida no litoral da Virgínia. Velejar na baía de Chesapeake. *Invernos suaves! Aqui é preciso embrulhar as crianças como Nanook, da porra do norte,* pensou ela. *Estou sempre lutando contra os resfriados.*

Colocou o desjejum na mesa ao mesmo tempo que Ed saía do banheiro, permitindo que ela se lavasse e se vestisse. A rotina era de que ele tomasse o desjejum e depois se vestisse, enquanto a esposa aprontava os garotos.

No banheiro ela ouviu a televisão ligada e riu para o espelho. Eddie adorava o programa de exercícios matinais — a mulher que aparecia nele parecia um estivador, e ele a chamava de Mulher Maltrapilhaaa! Seu filho ansiava pelas manhãs com os Transformers — ' 'Mais do que os olhos enxergam!", ele ainda lembrava da música. Eddie sentiria falta de seus amigos russos, mas o garoto era americano, e nada mudaria aquilo. Por volta das 7hl5 todos estavam vestidos e prontos para sair. Mary Pat colocou um envelope embrulhado sob o braço.

— Dia de limpeza, não é?

— Estarei de volta a tempo de abrir a porta — assegurou Mary Pat.

— Certo. — Ed abriu a porta e liderou a procissão até o elevador.

Como de hábito, sua família era a primeira a sair pela manhã. Eddie correu na frente e apertou o botão para chamar o elevador, que chegou ao mesmo tempo que o resto da família. Eddie saltou para o interior, apreciando a elasticidade dos cabos dos elevadores soviéticos.

Para sua mãe, sempre parecia que o raio da geringonça iria despencar até o porão, mas o filho achava divertido quando o carro descia alguns centímetros. Três minutos mais tarde entraram no automóvel. Ed tomou o volante nessa manhã. Na saída, os meninos acenaram para o miliciano, que era na verdade da KGB, e acenou de volta com um sorriso. Tão logo o carro atingiu as ruas, ele levantou o fone em sua guarita.

Ed manteve o olho no retrovisor, e sua mulher já ajustara o espelho de fora de forma que ela também pudesse observar a ré. Os garotos envolveram-se em alguma discussão no banco traseiro, que os pais ignoraram.

— Parece um belo dia — disse ele calmamente. *Ninguém está nos seguindo.*

— Hum-hum. — *Concordo.* Precisavam ser cuidadosos com o que diziam na frente das crianças, claro. Eddie poderia repetir qualquer coisa que dissessem tão facilmente quanto lembrava da música de abertura do desenho animado dos Transformers. Sempre havia também a possibilidade de que existissem microfones no carro.

Ed dirigiu primeiro até a escola, permitindo que a esposa acompanhasse os filhos até o interior. Eddie e Katie pareciam ursinhos de pelúcia em suas roupas de frio. Sua esposa parecia infeliz quando entrou no carro.

— Nikki Wagner está doente. Eles pediram para que eu assumisse sua aula à tarde. — O marido grunhiu. Na verdade era perfeito. Ele engrenou o Volkswagen e retornou à Avenida Leninsky. *Hora do jogo!*

Agora as verificações nos espelhos eram para valer.

Vatutin esperava que eles nunca tivessem pensado naquilo antes. As ruas de Moscou estavam sempre cheias de caminhões de transporte de materiais, andando de uma construção para outra. As cabines altas ofereciam excelente visibilidade e o movimento dos veículos parecidos chamava menos atenção do que os dos sedas sem placas. Tinha nove caminhões a seu serviço hoje, e os agentes que os dirigiam comunicavam-se através de radiotransmissores militares codificados.

O próprio coronel Vatutin estava no apartamento seguinte ao de Filitov. A família que morava lá mudara-se dois dias antes para o Hotel Moscou. Ele observara as fitas de vídeo sobre o suspeito, bebendo. até ficar insensível, e aproveitara a oportunidade para deixar entrar mais três agentes armados do "Dois". Ambos tinham microfones transistorizados introduzidos na parede de comunicação entre os apartamentos e ouviam atentamente o coronel cambaleando em sua rotina matinal. Alguma coisa lhe dizia que aquele era o dia.

Foi a bebida, disse a si mesmo enquanto saboreava seu chá. Aquilo provocou um sorriso. Talvez fosse necessário um bom bebedor para entender outro. Tinha certeza de que Filitov estivera se preparando para alguma coisa, e lembrou-se de que, quando vira o coronel junto ao atendente traidor nos banhos, ele viera da sala de vapor com ressaca... *exatamente como eu.* As coisas se encaixavam, resolveu ele. Filitov era um herói que ficara mau — mas ainda um herói. Não poderia ter sido fácil para ele cometer traição, e provavelmente ele precisava do álcool para dormir com sua consciência atormentada. Agradava a Vatutin que as pessoas sentissem assim, que a traição fosse uma coisa difícil de fazer.

— Eles estão se dirigindo para cá — anunciou um homem de comunicações pelo rádio.

— Bem aqui — disse Vatutin a seus subordinados. — Vai acontecer a 100 metros de onde estamos.

Mary Pat repassou suas tarefas. Quando entregasse a fotografia embrulhada, receberia o filme, que enfiaria no interior da luva. Depois, o sinal. Esfregaria as costas da mão enluvada pela testa, como se estivesse limpando o suor, depois cocaria a sobrancelha. Esse era o sinal de perigo e

fuga. Esperava que ele prestasse atenção. Ela mesma nunca tinha feito o gesto; Ed certa vez oferecera uma fuga, apenas para ser rejeitada. Isso ela entendera melhor do que o marido — afinal de contas, seu trabalho na CIA era mais baseado na paixão do que na razão —, mas agora bastava. O homem mandava dados para o Ocidente desde quando ela aprendia a brincar com bonecas.

Aquele era o prédio. Ed dirigiu-se para a curva, esbarrando nas tartarugas enquanto sua mão agarrava o pacote. Ao segurar a maçaneta, seu marido deu-lhe tapinhas na perna. *Boa sorte, menina.*

— Foleyeva acabou de sair do carro e se dirige à entrada lateral — grasnou o alto-falante do receptor de rádio.

Vatutin sorriu à "russificação" do nome estrangeiro. Considerou se devia ou não sacar a pistola automática de serviço, mas decidiu-se contra. Melhor ter as mãos livres, pois uma arma pode disparar acidentalmente. Aquela não era a hora para acidentes.

— Alguma idéia? — indagou ele.

— Se fosse eu, tentaria uma entrega sub-reptícia — arriscou um dos homens.

Vatutin concordou. Estava preocupado por não ter sido possível a instalação de câmeras de vigilância no corredor em si, devido a fatores técnicos. Aquele era o problema com os casos realmente delicados. Os espertos eram os desconfiados. Não se podia correr o risco de alertá-los, e ele tinha certeza de que os americanos já estavam em alerta. *Alerta o suficiente,* ele pensou, *para assassinar um de seus próprios agentes no pátio da estrada de ferro.*

Felizmente, a maioria dos apartamentos de Moscou possuía olhos mágicos instalados na porta. Vatutin ficou grato pelo aumento dos assaltos a residências, pois seus técnicos conseguiram trocar as lentes originais por outras que permitiam a visão da maior parte do corredor. Ele mesmo assumiu a posição de observador.

Devíamos ter instalado microfones nas escadarias, disse a si mesmo. *Faça uma nota sobre isso para a próxima vez. Nem todos os espiões usam elevadores.*

Mary Pat não era tão atleta quanto o marido. Ela fez uma pausa no patamar, olhando para cima e para baixo da escadaria, atenta a todos os sons enquanto as batidas de seu coração diminuíam bastante. Verificou o relógio digital. Era hora.

Ela abriu a porta de incêndio e andou diretamente pelo centro do corredor.

Muito bem, Misha. Espero que você tenha se lembrado de acertar o relógio ontem a noite.

A última vez, coronel. Pelo amor de Deus, aceite o sinal de fuga desta vez. Talvez eles o interroguem lá na base de treinamento da CIA, e meu filho possa conhecer um verdadeiro herói russo...

Puxa, gostaria que meu avô me visse agora...

Ela nunca estivera ali antes, nunca fizera uma entrega naquele prédio. Mas o conhecia de cor, tendo passado vinte minutos estudando o diagrama. A porta do Cardeal era aquela!

Era hora! Seu coração parou quando viu a porta se abrir, a 10 metros de distância.

Que profissional! Mas o que se seguiu foi tão frio quanto uma adaga de gelo.

Vatutin arregalou os olhos horrorizado com o ruído. A tranca na porta do apartamento fora instalada com mão-de-obra tipicamente russa, aproximadamente meio milímetro fora de lugar. Enquanto ele a deslizava, preparando-se para abrir a porta, produzira um ruído metálico e audível.

Mary Pat Foley mal alterou o passo. Seu treinamento assumiu o controle do corpo como um programa de computador. Um orifício de observação numa porta passara de escuro para claro.

Havia alguém ali.

Esse alguém acabara de mover-se.

Esse alguém acabara de mexer na fechadura da porta.

Ela deu meio passo para a direita e esfregou as costas da mão enluvada na testa. Não estava fingindo limpar o suor.

Misha viu o sinal e estacou, com um olhar de curiosidade, que começou a mudar para de divertimento até que ouviu a porta se abrir. Soube no mesmo instante que o homem que saía não era seu vizinho.

— Vocês estão presos! — gritou Vatutin, e então percebeu que a mulher americana e o russo estavam parados a 1 metro um do outro, e ambos tinham as mãos ao lado do corpo. Ainda bem que os outros agentes do "Dois" atrás dele não podiam ver a expressão em seu rosto.

— Desculpem-me? — a mulher disse em ótimo russo.

— *O quê?* — rugiu Filitov com ultraje só possível a um soldado profissional.

— Você — ele apontou para a sra. Foley —, contra a parede.

— Sou cidadã americana, e você não pode...

— Você é uma espiã americana — disse um capitão, empurrando a mulher contra a parede.

— O quê? — A voz dela continha pânico e alarme, *nem um pouco de profissionalismo ali,* pensou Vatutin, mas então sua mente espantou-se com a observação. — Do que está falando? O que significa isso? Quem é você? — A seguir ela começou a gritar: — *Polícia... Alguém chame a polícia. Estou sendo atacada! Alguém me ajude, por favor!*

Vatutin a ignorou. Já tinha agarrado a mão de Filitov, e, enquanto outro agente empurrava o coronel contra a parede, ele apanhou o magazine de filme. Por um breve instante que pareceu estender-se por horas, ele foi atingido pelo pensamento horrível de que estragara tudo, e ela realmente não pertencia à CIA. Com o filme na mão, engoliu em seco e fixou o interior dos olhos de Filitov.

— Está preso por traição, *camarada coronel.* — Sua voz sibilou ao final da sentença. — Levem-no daqui.

Voltou-se para encarar a mulher. Os olhos dela estavam arregalados de medo e ultraje. Quatro pessoas agora estavam com a cabeça para fora de suas portas, olhando o saguão.

— Sou o coronel Vatutin, da Comissão para a Segurança do Estado. Acabamos de efetuar uma prisão. Fechem as portas e vão cuidar de suas vidas. — Reparou que o cumprimento de sua ordem demorou menos de cinco segundos. A Rússia ainda era a Rússia.

— Bom dia, senhora Foley — disse ele a seguir. Notou o esforço dela para recuperar o autocontrole.

— Quem é você... e o que está acontecendo?

— A União Soviética não vê com bons olhos os convidados que roubam segredos de Estado. Certamente lhe disseram isso em Washington... desculpe, em Langley.

A voz dela tremeu quando falou.

— Meu marido é um conceituado membro da missão diplomática dos Estados Unidos em seu país. Desejo ser imediatamente colocada em contato com minha embaixada. Não tenho idéia do que está resmungando, mas sei que, se você fizer a mulher grávida de um diplomata perder seu bebê, vai ter um incidente diplomático nas mãos grande o suficiente para chegar ao noticiário da televisão. Eu nem falei com aquele homem. Eu não

o toquei, e ele não me tocou... e você sabe muito bem disso, moço. O que me disseram lá em Washington foi que vocês, palhaços, adoram embaraçar os americanos com esses seus joguinhos bobos de espiões.

Vatutin recebeu impassível todo o discurso, embora a palavra "grávida" tivesse chamado sua atenção. Ele soubera, pelos relatórios da arrumadeira que limpava o apartamento deles duas vezes por semana, que Foleyeva estava fazendo os testes. E se... haveria um incidente muito maior do que ele desejava. Novamente o dragão da polícia levantou a cabeça. O chefe Gerasimov teria que decidir sobre isso.

— Meu marido está esperando por mim.

— Vamos avisá-lo de que está sendo detida. Será solicitada a responder a algumas perguntas. Não será maltratada.

Mary Pat já sabia disso. Seu horror ao que acabara de acontecer estava ofuscado pelo orgulho. Ela representara perfeitamente e sabia disso. Como parte da comunidade diplomática, ela estava fundamentalmente salva. Eles poderiam retê-la por um dia, ou até dois, mas qualquer tratamento rude resultaria em ter meia dúzia de russos em Washington embarcados de volta. Além do mais, não estava grávida de verdade.

Tudo aquilo não importava. Ela não verteu nenhuma lágrima, não demonstrou nenhuma emoção além da esperada, só o que fora instruída e treinada para demonstrar. O que importava era que seu mais importante agente fora apanhado, e com ele informações da maior importância. Ela queria chorar, precisava chorar, mas não ia dar esse gosto aos putos. O choro viria quando estivesse no avião de volta para casa.

16
AVALIAÇÃO DE DANOS

— Diz muito sobre o homem o fato de que a primeira coisa que fez foi ir até a embaixada e passar o telex — disse Ritter afinal. — O embaixador entregou sua nota de protesto ao ministro das Relações Exteriores antes que eles tornassem pública a prisão por "conduta incompatível com o estatuto diplomático".

— Belo consolo — observou sombriamente Greer.

— Devemos tê-la de volta em um dia ou menos — continuou Ritter. — Eles já foram declarados *personae non gratae,* e vão-se embora no próximo vôo internacional da Pan Am.

Ryan remexeu-se em sua cadeira. *E quanto ao Cardeal?,* perguntou-se. *Meu Deus, primeiro eles me contam sobre esse superagente e uma semana depois... Certamente eles não têm lá uma Corte Suprema que dificulte a execução das pessoas.*

— Alguma chance de podermos trocá-lo? — indagou Jack.

— Está brincando, rapaz. — Ritter levantou e andou até a janela. Às 3 da madrugada o estacionamento da CIA estava quase vazio, apenas alguns carros esparsos entre as pilhas de neve arada. — Não temos nem mesmo alguém suficientemente importante para barganhar uma redução de sentença. Não há nenhuma possibilidade de que o deixem sair, mesmo por um chefe de setor, que aliás não possuímos.

— Então ele está morto, e os dados perdidos com ele.

— Isso é o que o homem está dizendo — concordou o juiz Moore.

— Ajuda dos aliados? — perguntou Ryan. — Talvez Sir Basil tenha alguma coisa que possa nos ajudar.

— Ryan, não há nada que possamos fazer para ajudar o homem. — Ritter voltou-se para descarregar sua raiva no primeiro alvo oportuno. — Ele está morto... claro, ainda respira, mas está morto do mesmo jeito. Um mês, dois ou três a partir de agora, a notícia será dada, nós a confirmaremos através de outras fontes, e então vamos abrir uma garrafa e beber um pouco à sua memória.

— E quanto ao *Dallas?* — quis saber Greer.

— O quê? — Ryan voltou-se.

— Você não precisa saber sobre isso — declarou Ritter, contente em ter um alvo. — Devolva-o à Marinha.

— Certo — acedeu Greer. — E provável que isso tenha sérias conseqüências. — Aquilo atraiu um olhar sombrio do juiz Moore. Agora ele precisava ir até o presidente.

— Que acha, Ryan?

— Sobre as conversações de controle de armas? — Jack encolheu os ombros. — Depende de como vão tratar o assunto. Eles têm um grande leque de opções, e qualquer um que lhe diga que pode prever qual eles vão escolher é um mentiroso.

— Nada como a opinião de um especialista — observou Ritter.

— Sir Basil acha que Gerasimov quer fazer uma jogada em direção ao topo. Ele poderia usar isso para seus fins — disse Jack friamente —, mas acho que Narmonov tem muito impacto político agora que possui o quarto homem no Politburo. Ele pode, portanto, escolher entre prosseguir com o acordo e mostrar ao Partido como pode ser forte seu esforço pela paz ou, se sentir mais vulnerabilidade política do que pressinto, pode consolidar seu controle do Partido tachando-nos de incorrigíveis inimigos do Socialismo. Se existe uma avaliação de probabilidades nessa escolha, que não seja adivinhação, ainda não descobri.

— Pois trabalhe nisso — ordenou o juiz Moore. — O presidente quer algo sólido o suficiente para agarrar, antes que Ernie Allen comece a falar em colocar a Iniciativa de Defesa Estratégica na mesa de negociações outra vez.

— Sim, senhor. — Jack ficou em pé. — Juiz, podemos esperar que os soviéticos tornem pública a prisão do Cardeal?

— Essa é uma boa pergunta — disse Ritter. Ryan dirigiu-se para a porta e parou outra vez.

— Espere um pouco.

— O que é? — perguntou Ritter.

— Você disse que o embaixador entregou seu protesto para o ministro das Relações Exteriores, certo?

— Exato, Foley trabalhou bem rápido para batê-los no impacto inicial.

— Com todo o respeito devido ao senhor Foley, ninguém é tão rápido assim — disse Ryan. — Eles deviam ter a nota oficial já impressa antes de realizarem a prisão.

— E daí? — indagou o almirante Greer.

Jack andou de volta até os outros três homens.

— Daí que o ministro das Relações Exteriores é um dos homens de Narmonov, não é? Como Yazov no Ministério da Defesa. Eles não sabiam — afirmou Ryan. — Ficaram tão surpresos quanto nós.

— Não acredito nisso — resmungou Ritter. — Não é assim que fazem as coisas.

— Isso nós é que presumimos, senhor. — Jack manteve sua posição. — Que evidências apoiam tal afirmativa?

— Nenhuma que saibamos no momento. — Greer sorriu.

— Que porra, James, eu sei que ele...

— Continue, doutor Ryan — disse o juiz Moore.

— Se aqueles dois ministros não soubessem o que acontecia por baixo do pano, isso colocaria uma visão diferente no assunto, não? — Jack sentou-se no encosto da cadeira. — Muito bem, posso entender que tenham deixado o ministro da Defesa de fora... o Cardeal era seu principal auxiliar... Mas por que deixar de fora o ministro das Relações Exteriores? Nesse tipo de coisa a gente quer se mover depressa, pegar os jornalistas com uma história de impacto... Com toda a certeza a gente não quer que o outro lado fique sabendo antes.

— Bob? — chamou o diretor-geral dos Serviços de Informações.

O vice-diretor de Operações nunca apreciara muito Ryan — ele achava que o homem tinha vindo muito longe depressa demais —, mas, por tudo isso, Bob Ritter era um sujeito honesto. Ele sentou-se e saboreou seu café por um instante.

— O garoto pode ter razão. Vamos ter que confirmar alguns detalhes, mas se eles verificarem... então a operação é tão política quanto um simples caso do "Dois".

— James?

O vice-diretor de Informações concordou com um gesto de cabeça.

— Assustador.

— Talvez não estejamos falando apenas sobre perder uma boa fonte — continuou Ryan, especulando à medida que falava. — A KGB pode estar usando este caso para fins políticos. O que não entendo é a base de poder que possam possuir. A facção de Alexandrov tem três membros sólidos. Narmonov tem quatro, contando esse sujeito novo, Vaneyev...

— Merda! — disse Ritter. — Presumimos que, quando sua filha foi apanhada e solta em seguida, eles não a tinham quebrado... Que diabos, eles disseram que ela parecia bem... ou então que seu pai era importante demais para...

— Chantagem. — Agora era a vez do juiz Moore. — Tinha razão, Bob. E Narmonov não sabe de nada. Precisamos concedê-lo a Gerasimov, o miserável fez belos movimentos... Se tudo isso é verdade, Narmonov está em inferioridade e não sabe disso. — Ele fez uma pausa para franzir as sobrancelhas. — Estamos especulando como um punhado de amadores.

— Bem, isso tudo produz um cenário e tanto. — Ryan quase sorriu ao anunciar a conclusão lógica. — Talvez tenhamos derrubado o primeiro governo soviético em trinta anos que estava empenhado em liberalizar o próprio país. — *O que os jornais não fariam com uma notícia dessas?,* perguntou Jack a si mesmo. *E sabemos que isso acaba aparecendo. E um prato muito suculento para permanecer secreto por muito tempo...*

— Sabemos o que anda fazendo, e sabemos há quanto tempo vem fazendo isso. Aqui estão as evidências. — Ele atirou as fotografias sobre a mesa.

— Belas fotos — comentou Mary Pat. — Onde está o homem da minha embaixada?

— Não queremos que ninguém fale com você. Podemos mantê-la aqui durante o tempo que desejarmos. Anos, se for necessário — acrescentou ele agourentamente.

— Escute aqui, moço, sou americana, certo? Meu marido é um diplomata. Ele tem imunidade diplomática e eu também. Só porque você pensa que sou uma dona de casa americana e burra, acha que pode ficar me assustando para assinar alguma confissão absurda, dizendo que sou uma espécie de espiã idiota. Pois bem, eu não sou, e meu governo vai me proteger. Portanto, no que me diz respeito, pode pegar aquela confissão, passar mostarda nela e comê-la inteirinha. Deus sabe que a comida aqui é tão ruim que um pouco de fibras iria fazer bem para sua dieta — observou ela. — Está dizendo que aquele bom velho para o qual eu levava a fotografia foi preso também, é? Pois eu acho que você está louco.

— Sabemos que se encontrou várias vezes com ele.

— Duas vezes. Eu o vi num jogo no ano passado, também... não, espere aí, encontrei-me com ele numa recepção diplomática, algumas semanas atrás. Foram três vezes, mas apenas relacionadas a assuntos de

hóquei. Foi por isso que trouxe a fotografia. Os rapazes do time acham que ele traz boa sorte a eles... Pergunte a eles, todos assinaram a foto não foi? Nas duas oportunidades em que ele esteve presente, ganhamos jogos importantes, e meu filho marcou alguns pontos. E você acha que ele é espião só porque foi a um jogo de hóquei da liga juvenil? Meu Deus, vocês devem enxergar espiões americanos embaixo de todas as camas.

Na verdade, ela estava se divertindo. Eles a trataram com cuidado. *Nada como uma gravidez ameaçada,* disse Mary Pat a si mesma, enquanto quebrava ainda mais uma das comprovadas regras de segurança no campo da espionagem: *Não diga nada.* Ela reclamava, como faria qualquer cidadão comum ultrajado — com o escudo da imunidade diplomática, claro — perante a estupidez dos russos. Observou de perto seu interrogador, atenta às reações dele. Se havia alguma coisa que um russo detestava era ser olhado de cima, principalmente por americanos, perante os quais apresentavam um complexo de inferioridade terminal.

— Eu costumava achar que o pessoal de segurança da embaixada era uma amolação — bufou ela depois de um momento. — Não faça isso, não faça aquilo, seja cuidadosa quando tirar fotografias. Eu não estava tirando nenhuma fotografia, eu estava *levando* uma fotografia para ele! E os garotos na fotografia são russos... à exceção de Eddie. — Ela se voltou, olhando para o espelho.

Mary Pat perguntou-se se os russos tinham pensado naquele detalhe sozinhos, ou se tinham copiado a idéia de algum filme policial ame-

ricano.

— Quem treinou essa sabia o que estava fazendo — observou Vatutin, olhando através do espelho na sala ao lado. — Ela sabe que estamos aqui, mas não deixa transparecer. Quando vamos soltá-la?

— No final da tarde — respondeu o chefe do Segundo Diretório. — Mantê-la aqui não vai valer o esforço. Seu marido já está arrumando as coisas no apartamento. Você devia ter esperado mais alguns segundos — acrescentou o general.

— Eu sei. — Não faria sentido explicar a fechadura com defeito. A KGB não aceitava desculpas, mesmo de coronéis. Aquilo não era

o ponto principal, como sabiam Vatutin e seu chefe. Eles haviam apanhado Filitov — não exatamente no ato, mas ainda assim fora apanhado. Esse era o objetivo do caso, pelo menos no que se referia a eles.

Ambos os homens conheciam as outras partes do assunto, mas as tratavam como se não existissem. Era a conduta mais inteligente para ambos.

— Onde está meu subordinado? — exigiu Yazov.

— Ele está no Presídio Lefortovo, claro — respondeu Gerasimov.

— Quero vê-lo. Imediatamente. — O ministro da Defesa não chegara nem mesmo a retirar o gorro, permanecendo em pé trajado com o sobretudo até a altura da coxa, as bochechas ainda rosadas pelo ar frio de fevereiro.... ou *talvez de raiva,* pensou Gerasimov. Talvez até de temor...

— Este não é o lugar apropriado para fazer exigências, Dmitri Timofeyevich. Eu também sou membro do Politburo. Eu também participo do Conselho de Defesa. E pode ser que esteja implicado nessa investigação. — Os dedos de Gerasimov brincavam com um relatório sobre a escrivaninha.

Aquilo mudou a compleição de Yazov. Ele ficou pálido, e definitivamente não foi de medo. Gerasimov ficou surpreso que o soldado não perdesse o controle, mas o marechal realizou um supremo esforço e falou no tom que empregaria com um recruta:

— Mostre suas provas aqui e agora se tiver colhões!

— Muito bem. — O diretor-geral da KGB abriu a pasta e retirou uma série de fotografias, passando-as ao outro.

— Você mandou vigiar a *mim?*

— Não, estávamos vigiando Filitov. Você estava presente por acaso. Yazov atirou as fotografias de volta, com expressão de desgosto.

— E daí? Misha foi convidado para um jogo de hóquei. Eu o acompanhei. Foi um bom jogo. Havia um rapaz americano no time... eu encontrei a mãe numa recepção outro dia.... ah, sim, foi no Salão São Jorge quando os negociadores americanos estiveram aqui da última vez. Ela estava neste jogo e nos cumprimentamos. Ela é uma mulher divertida, de uma maneira fútil. Na manhã seguinte preenchi um relatório de contato. E Misha também.

— Se ela é tão fútil assim, por que se deu ao trabalho? — indagou Gerasimov.

— Porque ela é americana, seu marido é algum tipo de diplomata, e fui tolo o suficiente para permitir que ela me tocasse, como pode ver. O relatório de contato está no arquivo. Vou lhe enviar uma cópia do meu e a do coronel Filitov. — Yazov falava com mais confiança agora. Gerasimov calculara algum aspecto erradamente.

— Ela é agente da CIA.

— Neste caso estou convencido de que o Socialismo vai predominar, Nikolay Borissovich. Não pensei que empregasse tantos tolos... pelo menos até hoje.

O ministro da Defesa permitiu-se acalmar-se. Embora novo no cenário político de Moscou — até recentemente fora comandante do Distrito Militar do Extremo Oriente, onde Narmonov o descobrira —, sabia obre a verdadeira luta que era travada ali. Ele não acreditava e não oodia acreditar que Filitov fosse um traidor — não acreditava pela ficha do homem; não podia acreditar, porque o escândalo destruiria uma das mais bem planejadas carreiras do Exército soviético. A dele.

— Se possui alguma prova verdadeira contra meu homem, quero que meu pessoal de segurança verifique. Você, Nikolay Borissovich, está tentando jogar um jogo político com meu ministério. Não permitirei interferência da KGB na maneira como dirijo meu Exército. Alguém da GRU virá aqui esta tarde. Você vai cooperar com ele, ou eu mesmo levarei este assunto ao Politburo.

Gerasimov não exibiu nenhum tipo de reação enquanto o ministro da Defesa deixava a sala, mas compreendeu que cometera um erro. Apostara em demasia no próprio jogo — não, disse a si mesmo, você antecipou a jogada em um dia. Esperava que Yazov desmoronasse e se curvasse à pressão, para aceitar uma proposta ainda não feita.

E tudo porque aquele idiota do Vatutin não conseguiu evidências positivas. Por que ele não podia ter esperado mais um segundo?

Bem, a única coisa afazer é conseguir uma confissão completa de Filitov.

O trabalho oficial de Colin McClintock era no escritório comercial da embaixada britânica de Sua Majestade, na margem do rio Moscou oposta ao Kremlin, um local que sabotara a Revolução e incomodara a liderança soviética desde o tempo de Stálin. Mas ele também era um jogador no Grande Jogo. Era, na verdade, o agente controlador que "dirigia" Svetlana Vaneyeva e a emprestara à CIA com um propósito que nunca ficara bem explicado, mas as ordens vieram da Century House, em Londres, a sede do SIS, o Serviço Secreto Britânico. No momento ele estava conduzindo um grupo de homens de negócios britânicos através do Gosplan, apresentando-os aos burocratas com quem teriam de negociar os contratos para o que quer que tivessem esperança de vender aos bárbaros locais, pensou

McClintock. Um "ilhéu" de Whalsay, ao largo da costa escocesa, encarava a todos que habitavam ao sul de Aberdeen como bárbaros, porém trabalhava para o SIS de qualquer maneira. Quando falava em inglês, usava um sotaque cantado, misturando as palavras usadas apenas no norte da Escócia, e seu russo era mal compreensível, porém ele era capaz de ligar e desligar sotaques como se tivesse um interruptor. E seus ouvidos não tinham nenhum sotaque. As pessoas imaginam invariavelmente que alguém com problemas de fala também os tivesse para ouvir. Era uma impressão que McClintock fazia o possível para cultivar.

Fora assim que encontrara Svetlana, enviando um relatório para Londres que a classificava como possível alvo para recrutamento, e um oficial graduado no SIS fizera exatamente isso no salão superior da Brasserie Langlan's na Stratton Street. Desde então McClintock a vira apenas a negócios, com outros ingleses e russos por perto. Outros agentes do SIS em Moscou recolhiam as informações em *dead-drop,* embora fosse ele o responsável pelas operações dela. Os dados que ela enviava eram desapontadores, mas ocasionalmente úteis num sentido comercial. Com agentes de informações tendia-se a aproveitar o que se podia obter, e ela passava rumores internos, que escutava do pai. Mas alguma coisa acontecera a Svetlana Vaneyeva. Ela desaparecera de sua escrivaninha, então retornara, provavelmente depois de ser interrogada em Lefortovo, informara a CIA. Aquilo não fazia muito sentido para McClintock. Uma vez que se ia para Lefortovo, ficava-se por mais de um dia ou dois. Alguma coisa muito estranha acontecera, e ele aguardara por mais de uma semana até surgir a oportunidade de descobrir exatamente o que poderia ter havido. As informações que ela deixara permaneceram intactas, claro. Ninguém do SIS chegaria perto delas, exceto para verificar se não tinham sido perturbadas, de uma distância discreta.

Agora, entretanto, ele tivera sua chance, levando a delegação através da sala que continha a seção têxtil da agência de planejamento. Ela olhou para cima e viu os estrangeiros passando. McClintock deu o sinal de rotina para interrogatório. Precisava partir do princípio de que ela fora dobrada, totalmente comprometida, mas precisava reagir de alguma maneira. Ele fez o sinal, um esfregar das mãos contra o cabelo, tão natural quanto respirar, como eram todos os sinais. A resposta dela seria o abrir de sua gaveta, tirando de lá um lápis ou uma caneta. O primeiro significava "tudo certo", a última era um aviso. Ela não fez nenhuma das duas coisas e

meramente devolveu o documento que estivera lendo. Quase surpreendeu o jovem agente, que teve vontade de encará-la, mas lembrou-se a tempo de quem era e onde estava, e voltou-se, procurando outros rostos na sala, as mãos agitando-se nervosamente, fazendo gestos que poderiam significar qualquer coisa para quem estivesse observando.

O que permaneceu em sua mente foi o olhar no rosto dela. O que fora animado parecia vazio. O rosto vivido de emoções agora parecia tão desprovido delas quanto o das pessoas numa rua de Moscou. A pessoa que fora a filha privilegiada de um homem com cargo muito elevado no Partido estava diferente agora. Não era fingimento. Tinha certeza disso, ela não possuía a habilidade para fazê-lo.

Eles chegaram até ela, disse McClintock a si mesmo. *Eles a apanharam e a soltaram.* Ele não tinha a menor pista sobre o motivo que tiveram para deixá-la sair, mas essa preocupação não era sua. Uma hora mais tarde, levou os negociantes até o hotel onde se hospedavam e voltou a seu escritório. O relatório que ele despachou para Londres tinha apenas três páginas. Não tinha a menor idéia sobre a tempestade que iria desencadear. Nem sabia que outro agente do SIS enviara outro relatório no mesmo malote.

— Oi, Arthur — disse a voz pelo telefone.

— Bom dia... desculpe, boa tarde, Basil. Como está o tempo em Londres?

— Frio, úmido, horroroso. Pensei em dar um pulo até sua margem do lago e apanhar um pouco de sol.

— Não esqueça de parar perto da loja.

— Era o que eu planejava fazer. De manhã bem cedo?

— Sempre tenho um espaço para você em minha agenda.

— Vejo você amanhã, então.

— Ótimo. Até amanhã. — O juiz Moore desligou.

Que dia!, pensou o diretor-geral dos Serviços de Informações. *Primeiro perdemos o Cardeal, depois Sir Basil Charleston quer vir até aqui para tratar de um assunto sobre o qual não pode falar no sistema mais seguro de telefone que os órgãos da segurança e defesa implantaram!* Ainda não era meio-dia e ele já estava no escritório havia nove horas. *O que, diabo, ia dar errado ainda?*

— Chama a isso de provas? — O general Yevgeny Ignatyev estava encarregado do departamento de contra-espionagem da GRU, a agência

soviética de Inteligência militar. — Parece a esses olhos cansados que o seu pessoal pulou em gelo fino procurando por um peixe.

Vatutin estava estupefato — e furioso — com o fato de que o diretor-geral da KGB tivesse enviado aquele homem ao *seu* escritório, para verificar o *seu* caso.

— Se conseguir encontrar uma explicação plausível para o filme, a câmera e o diário, talvez fosse bondoso a ponto de partilhá-la comigo, camarada.

— Você afirma que tirou o filme da mão dele, não da mulher. — Foi uma afirmação, não uma pergunta.

— Um erro de minha parte para o qual não há desculpas — disse Vatutin com uma dignidade que soou estranha aos ouvidos de ambos.

— E quanto à câmera?

— Foi encontrada grudada magneticamente ao painel interno da geladeira.

— Você não a encontrou quando realizou a primeira busca no apartamento. Estou entendendo. E não tinha impressões digitais. E suas fitas de vigilância não mostram Filitov fazendo uso dela. Portanto, se ele me disser que você colocou lá tanto a câmera quanto o filme, como posso convencer o ministro de que é ele que está mentindo?

Vatutin ficou surpreso pelo tom da pergunta.

— Quer dizer que afinal acredita que ele é um espião?

— O que eu acredito não é importante. Acho perturbadora a existência do diário, mas você não acreditaria nas quebras de segurança com as quais sou obrigado a lidar, especialmente nos níveis mais elevados. Quanto mais importantes as pessoas se tornam, menos importantes pensam que são as regras. Você sabe quem é Filitov. Ele é mais do que apenas um herói, camarada. É famoso por toda a União Soviética... o velho Misha, o Herói de Stalingrado. Ele lutou em Minsk, em Vyasma, nos arrabaldes de Moscou quando derivemos os fascistas, o desastre de Kharkov, depois batalhando a retirada, depois o contra-ataque...

— Eu li a ficha dele — afirmou Vatutin em tom neutro.

— Ele é um símbolo para todo o Exército. Não se pode executar um símbolo com base em evidências como essas, Vatutin. Tudo o que você tem são essas fotografias, sem nenhuma evidência de que ele as tenha tirado.

— Ainda não o interrogamos.

— E você acha que vai ser fácil? — Ignatyev girou os olhos nas órbitas. Seu riso seco lembrou um latido. — Não sabe como esse homem é corajoso? Esse homem matou alemães enquanto estava com o corpo em chamas! Esse homem viu a morte de perto milhares de vezes e mijou em cima dela.

— Posso obter dele o que preciso — insistiu Vatutin em voz baixa.

— Tortura, é? Está louco? É bom manter em mente que a Divisão de Infantaria Blindada de Taman está baseada a alguns quilômetros daqui. Pensa que o Exército Vermelho vai ficar sentado enquanto você tortura um de seus heróis? Stálin está morto, camarada coronel, e Berya também.

— Podemos extrair as informações sem causar qualquer mal físico — disse Vatutin. Aquele era um dos segredos mais bem guardados da KGB.

Conversa!

Nesse caso, general, o que recomenda? — indagou Vatutin, já sabendo a resposta.

— Deixe-me assumir o caso. Providenciaremos para que ele nunca mais traia a *Rodina,* pode ficar certo disso — prometeu Ignatyev.

— E poupar um bocado de embaraço ao Exército, é claro.

— Pouparíamos embaraço a todos, inclusive a você, camarada coronel, por foder toda essa pseudo-investigação.

Bem, era mais ou menos o 'que eu esperava. Uma gritaria e algumas ameaças, misturadas com um pouco de solidariedade e camaradagem. Vatutin percebeu que tinha uma saída, mas a segurança prometida seria também o final de seu avanço. A mensagem escrita à mão pelo diretor-geral deixava isso bem claro. Estava preso entre dois inimigos, e, embora ainda pudesse obter a aprovação de um deles, o objetivo mais elevado envolvia o maior risco. Ele podia afastar-se dos objetivos verdadeiros da investigação e permanecer um coronel pelo resto da vida, ou podia fazer o que esperara fazer quando começara — sem motivos políticos, lembrou Vatutin desolado — e arriscar a desgraça. Paradoxalmente a decisão era fácil. Vatutin era um homem do "Dois"...

— Este caso é meu. O diretor-geral me encarregou de dirigi-lo, e vou fazer isso à minha maneira. Muito obrigado pelos conselhos, camarada general.

Ignatyev apreciou o homem e a declaração. Não era sempre que ele encontrava integridade e o entristecia de uma maneira vaga e distante não

poder cumprimentar o homem que demonstrava a mais rara das qualidades. Mas a lealdade ao Exército soviético vinha em primeiro lugar.

— Como quiser. Espero ser informado sobre suas atividades. — Ignatyev saiu sem dizer mais nada.

Vatutin permaneceu sentado à escrivaninha por mais alguns minutos, avaliando a própria posição. Depois chamou um carro. Vinte minutos mais tarde estava em Lefortovo.

— Impossível — declarou o médico, antes mesmo que a pergunta lhe fosse feita.

— O quê?

— Quer colocar esse homem no tanque de privação de sentidos, não é?

— É claro.

— Isso provavelmente o mataria. Não acho que queira fazer isso e tenho certeza de que não arriscaria meu projeto em alguma coisa assim.

— O caso é meu, e pretendo dirigi-lo...

— Camarada coronel, o homem em questão tem mais de 70 anos de idade. Tenho sua ficha médica aqui comigo. Ele possui todos os sintomas de uma doença cardiovascular moderada... normal em sua idade, claro, e um histórico de problemas respiratórios. O quadro do primeiro período de ansiedade explodiria seu coração como uma bexiga. Quase posso garantir isso.

— O que quer dizer com "explodir o coração"?

— Desculpe... mas é difícil explicar termos médicos a leigos. As artérias coronárias estão recobertas com quantidades moderadas de plaquetas. Isso acontece a todos; vêm com a comida que ingerimos. As artérias dele estão mais obstruídas que as suas ou as minhas por causa da idade; também pela idade as artérias são menos flexíveis do que as de uma pessoa mais jovem. Se a taxa de batimentos cardíacos se eleva, os depósitos de plaquetas se desalojam e causam o bloqueio da circulação. Isto é o que chamamos de ataque cardíaco, coronel, um bloqueio numa das artérias coronárias. Parte do músculo cardíaco morre, o coração pára por completo ou se torna arrítmico; em qualquer dos casos, cessa o bombeamento de sangue e o paciente inteiro morre. Está claro assim? O uso daquele tanque vai provocar quase com certeza um ataque cardíaco no paciente, e esse ataque quase com certeza será fatal. Se não for um ataque cardíaco, ainda permanece a possibilidade mais remota de choque... ou

ambos poderiam acontecer. Não, camarada coronel, não podemos usar o tanque com esse homem. Não acho que queira matá-lo antes de obter suas informações.

— E quanto a outros métodos físicos? — perguntou baixinho Vatutin. *Meu Deus, e se não pudermos?...*

— Se você tem certeza da culpa dele, pode mandar fuzilá-lo de uma vez e acabar logo com isso — observou o médico. — Mas qualquer tipo de abuso físico pode matar o paciente.

E tudo por causa de uma maldita fechadura, disse a si mesmo o coronel Vatutin.

Era um foguete feio, o tipo de coisa que uma criança poderia ter desenhado ou uma companhia de fogos de artifício poderia ter produzido, embora nos dois casos os autores o tivessem colocado no local adequado, abaixo do avião, em vez de estar em cima. Mas estava sobre a aeronave, enquanto as luzes da pistas se acendiam na escuridão.

O avião era o famoso Blackbird SR-71, a aeronave de reconhecimento Mach-3 da Lockheed. Aquele fora trazido da Base da Força Aérea em Kadena, na fronteira ocidental do Pacífico; dois dias antes. Rolava pela pista da Base Aérea de Nellis, Nevada, um pouco adiante das chamas gêmeas dos foguetes retropropulsores. O combustível que vazava dos tanques do SR-71 — o Blackbird vazava bastante — era inflamado pelo calor, para o entretenimento dos controladores na torre. O piloto puxou para trás o manche no momento apropriado e o nariz do Blackbird apontou para cima. Segurou o manche inclinado por mais tempo do que normalmente, apontando o pássaro num ângulo ascendente de 45 graus, a toda potência, e num momento tudo o que restou no chão foi a memória de um trovão. A última visão que as pessoas tiveram foi a dos dois pontos brilhantes, que desapareceram através das nuvens que flutuavam a mais de 3 quilômetros.

O Blackbird continuou subindo. Os controladores de tráfego aéreo em Las Vegas notaram o sinal em suas telas, percebendo que quase não se movia lateralmente, embora a leitura da altitude relativa mudasse tão rapidamente quanto os coloridos discos das máquinas caça-níqueis no saguão do aeroporto. Trocaram um olhar — "Mais um *Hot-Dog* da Força Aérea" — e depois voltaram ao trabalho.

O Blackbird agora passava pela marca de 20 quilômetros, e nivelou-se dirigindo-se para sudeste em direção à Base de Mísseis White Sands. O

piloto verificou o combustível — havia bastante — e relaxou depois da subida de tirar o fôlego. Os engenheiros tinham razão. O míssil sobre o avião não alterara nada seu comportamento. Quando ele começara a pilotar o Blackbird, o propósito da montagem sobre a fuselagem fora ultrapassado pelos acontecimentos. Projetado para conter um veículo teleguiado monomotor de reconhecimento fotográfico, as montagens haviam sido removidas de todos os SR-71 à exceção desse, por motivos que não ficavam muito claros no manual de manutenção. O foguete fora concebido originalmente para ir a lugares onde o Blackbird não pudesse, mas tornou-se redundante com a descoberta do fato de que não havia lugar onde o SR-71 não pudesse ir com segurança, como o piloto provava regularmente com seus vôos de Kadena. O único limite da aeronave era o combustível, e isso não importava naquele dia.

— "Juliet Whiskey", aqui é o controle. Está ouvindo? Câmbio — disse o sargento ao microfone.

— Controle, aqui "Juliet Whiskey". Todos os sistemas funcionando. Estamos de acordo com o perfil.

— Entendido. Comece seqüência de lançamento ao meu comando. Cinco, quatro, três, dois um: *lançar!*

A 160 quilômetros de distância, o piloto acelerou novamente e puxou outra vez o manche. O Blackbird teve um desempenho tão bom como sempre, inclinando-se para o alto e subindo pelo céu impulsionado por quase 50 toneladas de empuxo. O piloto mantinha os olhos fixos nos instrumentos, enquanto o altímetro girava como um relógio enlouquecido. A velocidade era agora de mais de 2 000 quilômetros por hora e aumentando, enquanto o SR-71 exibia um completo desprezo pela gravidade.

— Separação em vinte segundos — disse o operador de sistemas na poltrona atrás do piloto.

O Blackbird passava agora pela marca de 33 000. O alvo estava a 40 000. Os controles já não respondiam tão bem. Não havia ar suficiente para controlar adequadamente o avião, e o piloto estava tomando mais cuidado do que o normal. Observou a velocidade atingir 3 000 quilômetros por hora vários segundos mais tarde, então...

— Preparar para separação... agora, agora! — disse o homem no assento traseiro.

O piloto abaixou o nariz da aeronave e iniciou uma curva suave para a esquerda, que o levaria através do Novo México antes de retornar a Nellis. Aquilo era muito mais fácil do que voar ao longo da fronteira soviética — e ocasionalmente ultrapassá-la... O piloto imaginou se poderia dirigir até Vegas a tempo de assistir a um show depois que aterrissasse.

O alvo continuou subindo por mais alguns segundos, e surpreendentemente não inflamou seus foguetes. Era agora um objeto balístico comportando-se em obediência às leis físicas. Suas aletas superdimensionadas proporcionavam suficiente sustentação aerodinâmica para mantê-lo apontado na direção correta, enquanto a gravidade começava a reclamar o objeto para si. O foguete estabilizou-se a 40 000 metros, relutantemente apontando o nariz em direção à Terra.

Então o foguete disparou. O motor movido a combustível sólido queimou apenas durante quatro segundos, mas foi o suficiente para acelerar o nariz cônico até uma velocidade que teria aterrorizado o piloto do Blackbird.

— Certo — disse um oficial do Exército.

O radar de rastreamento de defesa passou de alerta a ativo. Detectou imediatamente o veículo esperado. O foguete-alvo estava penetrando na atmosfera com a velocidade aproximada de uma ogiva ICBM. Não precisou acionar nenhum comando. O sistema era completamente automático. A 200 metros dali, uma cobertura de fibra de vidro explodiu, expondo um orifício de concreto na pavimentação de gesso, e um FLAGE partiu em direção aos céus. O FLAGE, Experimento Adaptável Teleguiado leve, parecia mais uma lança do que um foguete, e era quase tão simples quanto uma. O radar de ondas milimétricas rastreava o veículo esperado e os dados eram processados no microcomputador de bordo. O que havia de notável sobre esse artefato é que todos os seus componentes eram da mais alta tecnologia de armamentos então existente.

Do lado de fora, os homens observavam por trás de uma proteção de terra. Viram o risco de luz amarelada que subia e escutaram o rugido do motor a combustível sólido do foguete, depois mais nada por vários segundos.

O FLAGE apontava para o alvo, manobrando algumas frações de graus com pequenos foguetes de controle de altitude. A ponta do nariz se abriu, e o que se desdobrou-se pareceria aos olhos de um observador com

uma armação metálica de guarda-chuva, com talvez 10 metros de diâmetro...

Parecia um foguete da Festa da Independência, em 4 de julho, mas sem o ruído. Algumas pessoas aplaudiram. Embora as ogivas, tanto do alvo quanto do FLAGE, fossem totalmente inertes, a energia da colisão converteu metal e cerâmica em vapor incandescente.

— Quatro por quatro — disse Gregory. Tentou não bocejar. Já vira fogos de artifício muitas vezes.

— Não vai ganhar todos os elogios, major — o general Parks provocou o jovem. — Ainda precisamos dos sistemas de meio-curso e os de defesa terminal.

— Concordo, mas o senhor não precisa mais de mim aqui. O sistema funciona.

Nos primeiros três testes, o foguete-alvo fora disparado de um caça Phantom, e o pessoal de Washington clamara que a série de testes subestimara a dificuldade de interceptar as ogivas atacantes. Usar o SR-71 como plataforma de lançamento fora idéia de Parks. Lançar o alvo de maior altitude, com maior velocidade inicial, produzira um alvo com maior velocidade de reentrada muito maior. Esse teste na verdade fizera as coisas mais difíceis do que se esperava, e o FLAGE não se importara nem um pouco. Parks estivera um pouco preocupado com o *software* que dirigia o míssil, mas, como Gregory observara, tinha funcionado.

— Al — disse Parks. — Estou começando a acreditar que todo esse programa vai funcionar.

— Claro. Por que não? — *Se esses idiotas da Agência puderem conseguir os planos do laser russo...*

O Cardeal estava sentado sozinho numa cela de 1 metro e meio de largura por 2 e meio de comprimento. Havia uma única lâmpada acesa sobre sua cabeça, um catre de madeira com um balde embaixo, mas nenhuma janela, à exceção do postigo na enferrujada porta de metal. As paredes eram de concreto sólido e não se ouvia nenhum tipo de som. Ele não escutava os passos do guarda no corredor, ou mesmo o ruído do tráfego na rua, fora da prisão. Eles lhe haviam tirado a túnica do uniforme, o cinto e as botas polidas, tendo substituído as últimas por chinelos baratos. A cela ficava no porão. Aquilo era tudo que ele sabia e deduzia da umidade do ar. Estava frio.

Mas não tão frio quanto em seu coração. A enormidade do seu crime o atingira como nunca antes. O coronel Mikhail Semyonovich Filitov, três vezes Herói da União Soviética, encontrava-se sozinho com sua traição. Ele pensou na terra ampla e magnífica em que morava, cujos horizontes distantes e vistas sem fim eram habitados por seus companheiros russos. Servira-os durante toda a vida com orgulho e honra, além do próprio sangue, como atestavam as cicatrizes em seu corpo. Recordou os homens com os quais servira, muitos deles vindo a morrer sob seu comando. E a maneira como morriam, maldizendo desafiadoramente os tanques alemães enquanto queimavam vivos em seus T-34, retirando-se apenas quando forçados, preferindo atacar mesmo quando sabiam que estavam condenados. Lembrava-se de ter liderado seus soldados em cem confrontos, da jovialidade frenética que acompanhava o rugido dos motores diesel, dos rolos de fumaça malcheirosa, da determinação mesmo em face da morte, que ludibriara várias vezes.

E afinal traíra tudo aquilo.

O que os homens diriam de mim agora? Ele fixava o olhar na parede branca de concreto do lado oposto de seu catre.

O que diria Romanov?

Acho que ambos estamos necessitando de uma bebida, meu capitão, disse a voz. Só Romanov conseguia ser ao mesmo tempo sério e divertido. *Tais pensamentos são considerados com mais facilidade com vodca ou Samogan.*

Sabe por quê?, perguntou Misha.

O senhor nunca nos disse por quê, meu capitão, ecoou a voz. E foi o que Misha fez. Levou muito pouco tempo.

Os dois filhos e sua esposa. Diga-me, camarada capitão, por que morremos?

Misha não sabia aquilo. Mesmo durante o tiroteio ele não soubera. Ele era um soldado, e quando o país de um soldado era invadido os soldados lutavam para repelir o inimigo. Era muito mais fácil quando o inimigo era tão brutal quanto os alemães...

Lutamos pela União Soviética, cabo.

Será mesmo? Parece que me lembro de lutar pela Mãe Rússia, mas lembro principalmente de lutar por você, camarada capitão.

Mas...

Um soldado luta por seus camaradas, meu capitão. Eu lutei por minha família. Suponho que também tenha lutado por sua família, a pequena e a grande. Sempre o invejei por isso, meu capitão, e tinha orgulho por ter me feito participar de ambas da maneira que fez.

Mas eu o matei. Eu não deveria...

Todos nós temos nosso destino, camarada capitão. O meu era morrer em Vgasma sem mulher e sem filhos, mas mesmo assim não morri sem família.

Eu o vinguei, Romanov. Peguei o Mark-IV que o matou.

Eu sei. Você vingou todos os mortos de sua família. Por que pensa que o amávamos? Por que pensa que morremos por você?

Você compreende?, perguntou Misha surpreso.

Os *operários e camponeses talvez não entendam, mas seus homens, sim. Entendemos o destino agora, de uma forma que ainda não pode.*

Mas o que devo fazer?

Capitães não fazem tais perguntas a cabos. Romanov riu. *Você tinha todas as respostas para as* nossas *perguntas.*

Filitov levantou a cabeça quando o trinco correu na porta da cela.

Vatutin esperara encontrar um homem sem vontade. O isolamento da cela, o despojamento da identidade e a solidão do prisioneiro com seus medos e seus crimes sempre provocavam o efeito adequado. Mas, enquanto olhava para o velho cansado e aleijado, viu os olhos e a boca mudarem.

Obrigado, Romanov.

— Bom dia, Sir Basil — disse Ryan ao apanhar as malas do recém-chegado.

— Olá, Jack! Não sabia que o estavam usando como carregador.

— Depende das malas de quem estou carregando, por assim dizer. O carro está nesta direção. — Ele acenou. Estava estacionado a 50 metros dali.

— Constance manda lembranças. Como está a família? — indagou Sir Basil Charleston.

— Todos bem, obrigado. Como está Londres?

— Você certamente não esqueceu de nossos invernos.

— Não. — Jack riu ao abrir a porta. — Lembro-me da cerveja também.

Um momento mais tarde ambas as portas estavam fechadas e travadas.

— Eles verificam as rodas toda semana — disse Jack. — Como está a situação?

— Como está? Foi exatamente o que vim descobrir aqui. Alguma coisa muito estranha está acontecendo. Seus colegas tiveram uma operação que deu errado, não foi?

— Posso responder sim a essa pergunta, mas o resto será dito pelo juiz. Desculpe, mas só tenho acesso a uma parte das informações.

— Recentemente, aposto.

— É. — Ryan mudou de marcha ao virar na estrada do aeroporto.

— Então vamos ver se ainda sabe juntar dois mais dois, Sir John. Jack sorriu enquanto mudava de faixa para ultrapassar um caminhão.

— Eu estava fazendo um Relatório Especial sobre Informações Confidenciais a respeito das negociações de armamentos quando deparei com isso. Agora estou encarregado de verificar a vulnerabilidade política de Narmonov. A menos que eu esteja errado, este é o motivo pelo qual voou até aqui.

— E, a menos que eu esteja muito longe da verdade, sua operação disparou alguma coisa realmente séria.

— Vaneyev?

— Correto.

— Meu Deus! — Ryan voltou-se por um instante. — Espero que vocês tenham algumas idéias, porque nós com certeza não temos.

Ele elevou a velocidade para 120 quilômetros por hora. Quinze minutos depois estavam em Langley. Estacionaram na garagem subterrânea e tomaram o elevador privativo para o sétimo andar.

— Olá, Arthur. Não é sempre que eu tenho um cavaleiro como motorista, mesmo em Londres. — O chefe do SIS tomou assento enquanto Ryan reunia os chefes de departamento.

— Oi, Bas — disse Greer entrando.

Ritter apenas acenou. Fora a sua operação que deflagrara a presente crise. Ryan tomou a cadeira menos confortável disponível.

— Gostaria de saber exatamente o que aconteceu de errado — afirmou com simplicidade Charleston, sem ao menos esperar que o café fosse servido.

— Um agente foi preso. Um agente muito bem colocado.

— É por isso que os Foley estão saindo hoje do país? — Charleston sorriu. — Não sei quem são eles, mas, quando duas pessoas são expulsas daquele país adorável, geralmente presumimos que...

— Ainda não sabemos o que houve de errado — declarou Ritter. — Eles devem estar aterissando em Frankfurt neste momento, depois mais dez horas até que os tenhamos aqui para fazer o relatório. Eles estavam controlando um agente que...

— Que era ajudante de Yazov... o coronel M. S. Filitov. Já deduzimos até aí. Por quanto tempo o utilizaram?

— Foi um de seus agentes que o recrutou para nós — respondeu Moore. — Um coronel também.

— Você não quer dizer... Oleg Penkovsky? Por Deus! — Charleston parecia surpreendido dessa vez, notou Ryan. Não acontecia com muita freqüência. — *Tanto tempo assim?*

— Tanto — confirmou Ritter. — Mas as possibilidades nos apanharam finalmente.

— E a mulher, Vaneyeva, que emprestamos a vocês como mensageira fazia parte dessa...

— Correto. Ela nunca se aproximou das pontas da corrente, a propósito. Sabemos que ela provavelmente foi apanhada, mas está de volta ao trabalho. Ainda não a verificamos, mas...

— Nós fizemos isto, Bob. Nosso homem relatou que ela... mudou de alguma forma. Ele disse que era difícil de descrever, mas impossível de passar despercebido. Como aquelas histórias macabras sobre lavagem cerebral, Orwell, e tudo o mais. Ele reparou que ela estava livre... ou o que passa por liberdade lá... e disse isso ao pai dela. Então ficamos sabendo de alguma coisa grande no Ministério da Defesa: que um ajudante de Yazov tinha sido preso. — Charleston fez uma pausa para saborear seu café. — Temos uma fonte interna no Kremlin que guardamos com todo o cuidado. Soubemos que o diretor-geral Gerasimov passou muitas horas com Alexandrov na semana passada, e sob circunstâncias bastante incomuns. A mesma fonte nos preveniu de que Alexandrov tem urgência considerável de acabar com essa história de *perestwika.*

— Bem, tudo está claro, não? — perguntou Charleston retoricamente. Estava bastante claro para todos. — Gerasimov subornou um membro do Politburo sabidamente leal a Narmonov, e pelo menos comprometera o apoio do ministro da Defesa, *e* passou um bom tempo com o homem que

deseja a saída de Narmonov. Receio que a operação de vocês tenha deflagrado um acontecimento com as conseqüências mais desagradáveis.

— Há mais ainda — afirmou o diretor-geral dos Serviços de Informações. — Nosso agente estava enviando material sobre pesquisa de armas espaciais soviética. Ivã pode ter feito um grande avanço.

— Maravilhoso — comentou Charleston. — Uma volta aos maus e velhos dias, só que desta vez a nova versão da crise de mísseis é potencialmente real, não é? Estou velho demais para mudar minha política. É uma pena. Você sabia, claro, que existe um vazamento em seu programa?

— Ah, sim? — fez Moore, com o rosto impassível.

— Gerasimov disse isso a Alexandrov. Sem nenhum detalhe, infelizmente, a não ser que a KGB acha que é muito importante.

— Tivemos alguns avisos. Estamos cuidando disso — disse Moore.

— Bem, as questões técnicas podem resolver a si mesmas. Geralmente é o que acontece. As questões políticas, por outro lado, criaram um bocado de aborrecimento para o primeiro-ministro. Já aparecem complicações suficientes quando derrubamos um governo que desejamos derrubar, mas fazer isso por acidente...

— Não gostamos das conseqüências tanto quanto você, Basil — observou Greer. — Mas não há absolutamente nada que possamos fazer a respeito.

— Vocês podem aceitar os termos do tratado — sugeriu Charleston.

— Então nosso amigo Narmonov teria sua posição suficientemente fortalecida para que possa dizer a Alexandrov que suma de vez. Essa, para todos os efeitos, é a posição não oficial do governo de Sua Majestade.

E esse é o verdadeiro motivo de sua visita a nós, Sir Basil, pensou Ryan. Era tempo de dizer alguma coisa:

— Mas isso significa colocar restrições não razoáveis em nossa pesquisa SDI e reduzir nossas reservas de ogivas, sabendo que os russos prosseguem com o próprio programa. Não acho que seja bom negócio.

— E um governo soviético liderado por Gerasimov seria?

— O que acontece se as coisas acabarem assim de qualquer jeito?

— perguntou Ryan. — Meu relatório já está escrito. Sou contra qualquer concessão adicional.

— Sempre se pode mudar um documento escrito — lembrou Charleston.

— Senhor, eu tenho uma regra. Se alguma coisa sai com o meu nome na frente, diz exatamente o que penso, não o que alguém me diz para pensar — declarou Ryan.

— Por favor, lembrem-se, cavalheiros, de que sou um amigo. O que está para acontecer ao governo soviético seria um contratempo maior para o Ocidente do que uma restrição temporária de um de seus programas de defesa.

— O presidente não vai apoiar a idéia — disse Greer.

— Talvez ele seja obrigado a fazer isso — respondeu Moore.

— Deve haver um outro jeito — sugeriu Ryan.

Não a não ser que se possa derrubar Gerasimov — dessa vez foi Ritter quem falou. — Não podemos oferecer a, ajuda direta a Narmonov. *Mesmo* se assumirmos que ele levaria em conta um aviso de nossa parte, o que provavelmente não aconteceria, estaríamos correndo risco ainda maior por envolvimento na política interna deles. Se o resto do Politburo souber de qualquer rumor sobre isso... acho que pode começar uma pequena guerra.

— Mas, e se pudermos? — indagou Ryan.

— Se pudermos *o quê?*— quis saber Ritter.

17
CONSPIRAÇÕES

"Ann" voltou a Folhas de Eva mais cedo que o esperado, notou a dona da loja. Com o sorriso usual, escolheu um vestido no cabideiro e levou-o para o provador. Um minuto mais tarde, olhou-se nos espelhos de corpo inteiro e recebeu os cumprimentos de hábito sobre sua bela aparência. Novamente pagou em dinheiro, partindo com mais um sorriso encantador.

Do lado de fora, no estacionamento, as coisas foram diferentes. A capita Bisyarina quebrou o protocolo ao abrir a cápsula e ler o conteúdo. Aquilo provocou um palavrão curto e feio. A mensagem consistia numa única folha de papel de anotação. Bisyarina acendeu um cigarro com seu isqueiro a gás, depois queimou o papel no cinzeiro do carro.

Todo aquele trabalho perdido! E já estava em Moscou, sendo analisado. Ela se sentia tal qual uma idiota. Era duplamente frustrante que seu agente tivesse sido completamente honesto, entregando a ela o que acreditava ser material altamente sigiloso, e, tão logo soube que tudo fora considerado sem valor, passara rapidamente adiante a informação. Ela nem mesmo teria a oportunidade de transferir a reprimenda que por certo receberia por perder o tempo da Central de Moscou,

Bem, ele nos avisaram sobre isso. Pode ser a primeira vez, mas certamente não será a última. Bisyarina foi para casa e fez o rascunho de sua mensagem.

Os Ryan não eram conhecidos especialmente por sua assiduidade no circuito de coquetéis em Washington, mas havia alguns que eles — conseguiam evitar. A recepção visava a levantar fundos para o Hospital Infantil de Washington, e a esposa de Jack era amiga do chefe Ha Cirurgia. A noite seria de entretenimento. Um destacado músico de iazz devia a vida de sua neta ao hospital e estava pagando essa dívida com um concerto beneficente no Kennedy Center. A recepção era realizada para dar a chance ao pessoal da capital de conhecê-lo "de perto" e ouvir seu saxofone de uma maneira mais íntima. Na verdade como todas as festas do poder, era para que os membros da elite vissem e fossem vistos uns pelos outros, confirmando a própria importância. Como em muitas partes do mundo, a elite sentia a necessidade de pagar pelo privilégio. Jack entendia o

fenônemo, mas achava que não fazia muito sentido. Por volta das 11 horas, a alta sociedade de Washington havia provado que podia falar tão futilmente e embebedar-se tanto quanto as pessoas de outros lugares no mundo. Cathy manteve-se com apenas um copo de vinho branco, mas Jack tinha vencido o sorteio naquela noite: ele podia beber, e ela dirigiria o carro. Tendo sido indulgente com o álcool, a despeito de alguns olhares de advertência da esposa, encontrava-se imerso numa aura suave de filosofia que o fez pensar estar exagerando um pouco seu papel — mas por outro lado não devia parecer mesmo representação. Ele só esperava que tudo corresse de acordo com o planejado naquela noite. A parte divertida era a maneira como Ryan era tratado. Sua posição na Agência sempre fora um pouco incômoda. Os comentários iniciais eram algo como: "Como vão as coisas em Langley?", geralmente em tom afetado e conspiratório, e, quando Jack respondia que era apenas burocracia governamental, um prédio enorme que continha grande quantidade de papel em trânsito, ficavam surpresos. A CIA era tida na conta de possuir milhares de agentes de campo ativos. O número real era sigiloso, claro, porém muito menor do que se pensava.

— Trabalhamos em horário normal — explicava Jack a uma mulher bem vestida, cujas pupilas dos olhos estavam levemente dilatadas. — Vou até tirar o dia de folga, amanhã.

— E mesmo?

— E, sim. Matei um agente chinês na terça-feira, e a gente sempre ganha um dia de folga com essas coisas — afirmou ele, com ar sério, depois sorriu.

— Você está brincando!

— E verdade, estou brincando. Por favor, desculpe tudo o que eu disse. — *Quem será essa puta velha?,* imaginou ele.

— E sobre as notícias de que você está sendo investigado? — perguntou outra pessoa.

Jack voltou-se, surpreso.

— E quem seria o senhor?

— Scott Browning, do *Chicago Tribune.* — O homem não ofereceu a mão. O jogo havia apenas começado. O jornalista não sabia que era um jogador, mas Ryan sabia.

— Poderia repetir a pergunta? — pediu Jack educadamente.

— Tenho fontes que informaram que você está sendo investigado por transação ilegal de ações.

— Pois isso é novidade para mim — retrucou Jack.

— Sei que você se encontrou com os investigadores da Comissão de Valores Mobiliários — anunciou o jornalista.

— Se sabe disso, então também deve saber que eu dei as informações que eles queriam, e foram embora satisfeitos.

— Tem certeza disso?

— Claro que tenho. Não fiz nada de errado e tenho documentos para provar isso — insistiu Ryan, um tanto forçadamente na opinião do jornalista. Ele adorava quando as pessoas bebiam demais. *In vino ventas.*

— Não foi o que minhas fontes disseram — persistiu Browning.

— Bem, não posso fazer nada quanto a isso! — declarou Ryan. Havia emoção em sua voz agora, e algumas cabeças se voltaram.

— Se não fosse por pessoas como você, talvez tivéssemos uma agência de informações que funcionasse — observou um recém-chegado.

— E quem diabos pensa que é? — perguntou Ryan antes de voltar-se. *Ato I, Cena 2.*

— O senador Trent — informou o jornalista. Trent estava numa comissão parlamentar de controle.

— Acho que uma desculpa é devida — disse Trent. Ele parecia bêbado.

— Por quê?

— Que tal por aquela merda toda do outro lado do rio?

— Em oposição à que temos deste lado?

As pessoas se aproximavam. O divertimento está onde se está.

— Sei muito bem o que tentaram fazer, e você caiu bem em cima do traseiro. Não nos deixou saber de nada, como exige a lei. Continuou de qualquer jeito, e vou dizer uma coisa: você vai pagar, vai pagar bem caro pelo que fez.

— Se tivéssemos que pagar sua conta do bar, aí, sim, sairia muito caro. — Ryan voltou-se, despedindo o homem.

— Que grande homem — disse Trent pelas. costas. — Está caminhando para uma grande queda também.

Havia talvez umas vinte pessoas observando e ouvindo a cena agora. Viram Jack apanhar um copo de vinho de uma das bandejas que passavam. Repararam no olhar assassino que era lançado, e algumas pessoas se

lembraram de que ele já matara antes. Era um fato que adicionava à sua reputação um toque de mistério. Ele tomou um gole comedido do *chablis* antes de voltar-se.

— E que tipo de queda poderia ser, senhor Trent?

— O senhor ficaria surpreso.

— Nada que faça poderia me surpreender, colega.

— Isso pode ser, mas você nos surpreendeu, doutor Ryan. Não pensávamos que fosse um vigarista, nem que fosse tão burro a ponto de se envolver com aquele desastre. Acho que estávamos errados, afinal.

— O senhor está errado sobre muitas coisas — sibilou Jack.

— Sabe, Ryan? Juro que não consigo adivinhar que tipo de homem você é.

— Isso nãc me surpreende.

— E então, que tipo de homem é, Ryan?

— Sabe, senador, essa é uma experiência inédita para mim — declarou Jack alegremente.

— O quê?

Os modos de Ryan se alteraram abruptamente. A voz ecoou forte pela sala.

— Nunca tive minha hombridade questionada por um *veado* antes! — *Desculpe, parceiro...*

A sala ficou em silêncio. Trent não fazia segredo de sua preferência sexual, que viera a público seis anos antes. Aquilo não impediu que ele ficasse pálido. O copo em sua mão tremeu o suficiente para derramar um pouco do conteúdo no chão de mármore, mas o senador recobrou o controle e falou quase delicadamente:

— Vou arrebentar você por isso.

— Faça o que puder, queridinha. — Ryan voltou-se e saiu da sala, sentindo os olhares às suas costas.

Continuou andando até enxergar o trânsito da Avenida Massachusetts. Sabia que havia bebido demais, porém o ar frio começou a clarear sua cabeça.

— Jack? — ouviu-se a voz de sua esposa.

— Sim, querida?

— O que foi tudo isto?

— Não posso dizer.

— Acho que é hora de você ir para casa.

— E eu acho que tem toda a razão. Vou buscar os casacos. — Ryan voltou para dentro e entregou as fichas na chapeleira.

Percebeu o silêncio que se formara quando ele retornou. Podia sentir os olhares cravados nele. Jack vestiu o sobretudo e pendurou no braço o casaco de pele da esposa antes de se voltar e perceber os olhos que o observavam. Apenas um par deles o interessava, e lá estavam.

Misha não era um homem fácil de surpreender, mas a KGB teve sucesso. Ele se preparara para a tortura, para os piores tipos de abuso, apenas para ficar... desapontado?, perguntou a si mesmo. Aquela certamente não seria a palavra certa.

Continuava na mesma cela, e, tanto quanto podia definir, encontrava-se sozinho no bloco de celas. Aquilo provavelmente era falso, mas não havia evidência palpável de que alguém mais estivesse perto dele, absolutamente nenhum som, nem mesmo batidas nas paredes de concreto. Talvez fossem grossas demais para isso. A única "companhia" que tinha eram os ocasionais ruídos metálicos no postigo da porta da cela. Pensou que a solidão deveria supostamente provocar alguma aflição nele. Filitov sorriu ante essa idéia. *Eles acham que estou sozinho. Não sabem sobre meus camaradas.*

Só havia uma resposta possível: esse sujeito, Vatutin, podia ser inocente, afinal de contas — mas isso *não seria* possível, disse Misha a si mesmo. Aquele bastardo *chekista* apanhara o filme de suas mãos.

Ainda tentava resolver a dúvida, olhando para a parede vazia de concreto. Nada daquilo fazia sentido.

Mas, se esperavam que ficasse com medo, teriam de viver com seu desapontamento. Filitov já enganara a morte muitas vezes. Parte dele até ansiava por ela. Talvez se reunisse a seus camaradas. Falava com eles, não falava? Talvez ainda estivessem... bem, não exatamente vivos, mas tampouco ausentes. O que era a morte? Na fase da vida que atingira, essa questão passava a ser puramente intelectual. Mais cedo ou mais tarde, ele descobriria, claro. A resposta passara próxima a ele muitas vezes, mas seu toque nunca fora suficientemente firme...

A chave retiniu na porta, as dobradiças gemeram.

— Devia lubrificá-la. Todo o equipamento dura muito mais se fizermos a manutenção corretamente — disse ele ao se levantar.

O carcereiro não respondeu, meramente acenando para que saísse da cela. Dois guardas estavam ao lado do carcereiro, *rapazes imberbes de 20*

anos mais ou menos, pensou Misha, as cabeças elevadas com a arrogância comum aos da KGB. Quarenta anos. antes, e ele teria condições de fazer alguma coisa sobre isso, disse Filitov a si mesmo. Estavam desarmados, afinal, e ele era um combatente para quem tirar uma vida era tão natural quanto respirar. Não se tratava de soldados de verdade. Um olhar confirmava isso. Era bom ser orgulhoso, mas um soldado precisa também permanecer alerta...

Será que era isso?, pensou ele subitamente. *Vatutin me trata com todo o cuidado, apesar do fato de saber...*

Mas por quê?

— O que significa isso? — perguntou Mancuso.

— É meio difícil de dizer — respondeu Clark. — Provavelmente algum bunda-mole na capital não consegue se decidir. Acontece sempre.

Os dois sinais haviam chegado com menos de doze horas de intervalo entre eles. O primeiro abortara a missão e ordenava que o submarino retornasse a mar aberto, mas o segundo dissera ao *Dallas* para permanecer no Báltico ocidental e aguardar novas ordens.

— Não gosto de ficar esperando.

— Ninguém gosta, capitão.

— Como isso afeta você? — indagou Mancuso. Clark deu de ombros eloqüentemente.

— O mais importante é a parte mental. Como concentrar-se antes de um grande jogo. Não esquente, capitão. Eu dou aulas sobre esse tipo de coisa... quando não estou em missão.

— Quantas?

— Não posso dizer, mas a maioria delas correu perfeitamente.

— A maioria... mas não todas? E quando elas não...

— Fica bem excitante para todos. — Clark sorriu. — Especialmente para mim. Tenho algumas histórias ótimas, mas não posso contar. Bem, acho que você também deve ter.

— Uma ou duas. Tira um pouco da graça, não tira? — Os dois homens trocaram um olhar de entendimento.

Ryan fazia compras sozinho. O aniversário de sua esposa se avizinhava — aconteceria durante sua estada em Moscou —, e ele queria resolver tudo com antecedência. As joalherias sempre eram um bom lugar para se começar. Cathy ainda usava a gargantilha de ouro que lhe dera alguns anos antes, e ele estava procurando brincos que combinassem. O

problema é que ele não conseguia lembrar-se exatamente do desenho... Sua ressaca não ajudava, nem o nervosismo. E se eles não mordessem a isca?

— Olá, doutor Ryan — disse uma voz familiar. Jack voltou-se surpreso.

— Não sabia que eles deixavam vocês virem tão longe. — *Ato II, Cena 1*. Jack não deixou transparecer seu alívio. Nesse ponto a ressaca ajudou.

— O roteiro de viagem passa exatamente pela Garfinckels, se examinar cuidadosamente os mapas — ressaltou Sergey Platonov. — Fazendo compras para sua esposa?

— Tenho certeza de que minha ficha lhe forneceu todas as pistas.

— Sim, o aniversário dela. — Ele olhou para a montra da loja. — E uma pena que eu não possa me permitir comprar uma dessas jóias para a minha.

— Se você fizesse as concessões apropriadas, a Agência provavelmente arranjaria algo, Sergey Nikolayevich.

— Mas a *Rodina* talvez não compreenda — observou Platonov. — Um problema com o qual está se familiarizando, não é?

— Você está muito bem informado — resmungou Jack.

— É o meu trabalho. Também estou com fome. Talvez possa usar um pouco de sua fortuna para me pagar um sanduíche.

Ryan olhou acima e abaixo da galeria com interesse profissional.

— Hoje não. — Platonov riu. — Alguns de meus amigos... alguns de meus camaradas estão mais ocupados do que o normal hoje, e receio que o seu FBI está com falta de pessoal para a tarefa de vigilância.

— Um problema que a KGB não tem — observou Jack, enquanto se afastavam da loja.

— Você ficaria surpreso. Por que os americanos acham que nossos órgãos de informações são muito diferentes dos de vocês?

— Se com isso você quer dizer *fodidos,* acho que é um pensamento reconfortante. Como prefere comer cachorro-quente?

— Só se for *kosher* — respondeu Platonov, explicando em seguida: — Não sou judeu, como sabe, mas acho o gosto melhor.

— Você está aqui há tempo demais — declarou Jack com um sorriso.

— Mas a região de Washington é um lugar tão agradável!

Jack entrou numa lanchonete especializada em *bagels* e *corned beef,* e que também servia outras coisas. O serviço era rápido, e os homens ocuparam uma mesa branca de fórmica que ficava isolada no centro do corredor da galeria. *Muito inteligente,* pensou Jack. As pessoas podiam passar e não escutar mais do que algumas palavras áo acaso. Mas ele sabia que Platonov era um profissional.

— Fiquei sabendo que enfrenta dificuldades legais bastante desagradáveis no momento. — A cada palavra, Platonov sorria. Devia parecer que estava discutindo amenidades, supunha Jack, com o acréscimo de que seu colega russo parecia estar se divertindo enormemente.

— Acredita naquela bicha de ontem à noite? Sabe, uma coisa que eu aprecio na Rússia é a maneira como tratam...

— Comportamento anti-social? Sei... Cinco anos em um campo de regime estrito. Nossa nova abertura não se estende a fazer vista grossa à perversão sexual. Seu amigo Trent conheceu alguém durante a última viagem que fez à União Soviética. O... jovem em questão está agora num desses campos. — Platonov não mencionou que o rapaz se recusara a colaborar com a KGB, por isso foi sentenciado. *Para que confundir o assunto?,* pensou ele.

— Pode guardá-lo, com minhas bênçãos. Temos muitos deles por aqui — retrucou Jack.

Sentia-se mal de verdade; seus olhos pareciam querer fugir da cabeça como resultado do vinho e da noite maldormida.

— Foi o que reparei. Podemos ficar com a Comissão de Valores Mobiliários também? — indagou Platonov.

— Sabe como é, não fiz nada de errado. Nada mesmo! Recebi um palpite de um amigo e o segui. Não fiquei procurando, apenas aconteceu. Então ganhei alguns dólares... e daí? Eu escrevo relatórios de segurança para o presidente! Sou bom nisso... e eles estão vindo atrás de *mim* depois de toda a... — Ryan parou de falar e encarou dolorosamente Platonov. — E que diabo importa a você tudo isso?

— Desde que nos encontramos em Georgetown alguns anos atrás, francamente eu o admirei. Aquele negócio com os terroristas. Não concordo com sua visão política, como você discorda radicalmente da minha. Mas, falando de homem para homem, você tirou alguns vermes das ruas. Pode escolher entre acreditar ou não, mas eu discuti com o Estado por apoiar tais animais. Verdadeiros marxistas que pretendem libertar seus

povos... Sim, a esses devemos apoiar de todas as maneiras possíveis... Mas bandidos são assassinos, mero rebotalho humano que nos enxerga como fonte de armas, nada mais. Meu país não lucra nada com isso. Colocando a política de lado, você é um homem de coragem e honra. É claro que respeito isso. E uma pena que seu país não faça o mesmo. Os Estados Unidos só colocam seus melhores homens em pedestais para que os menores possam fazê-los de alvo.

O olhar alerta de Ryan foi substituído por um de avaliação.

— Pois você acertou em cheio.

— Então, meu amigo... o que vão fazer a você?

Jack exalou profundamente enquanto focalizava os olhos no passeio.

— Preciso arranjar um advogado esta semana. Acho que ele saberá o que fazer. Esperava evitar algo assim. Pensei que podia sair dessa só com conversa, mas... esse novo filho da puta que o Trent... — Mais uma pausa para respirar. — Trent usou sua influência para arrumar o emprego para ele. Quanto quer apostar que aqueles dois... Estou de acordo com você. Se temos de ter inimigos, que sejam inimigos que se possam respeitar.

— A CIA não pode ajudá-lo?

— Não tenho muitos amigos lá, você sabe disso. Subi depressa demais, o garoto mais rico do quarteirão. A cria de Greer, as minhas conexões com os britânicos... Podem-se arranjar inimigos dessa forma, também. Às vezes fico pensando se algum deles... Não posso provar, mas você não acreditaria na rede de computadores que temos em Langley, e todas as minhas transações ficam arquivadas ali. Sabe de mais uma coisa? Dados de computadores podem ser alterados por quem saiba como fazê-lo... Mas tente provar isso, amigo.

Jack retirou duas aspirinas de uma latinha e as engoliu.

— Ritter não gosta de mim, nunca gostou. Fiz com que ele ficasse em má situação há alguns anos, e ele não é o tipo de homem que esquece essas coisas. Talvez um de seus homens... ele possui alguns dos melhores. O almirante quer ajudar, mas ele está velho. O juiz está a ponto de se aposentar, deveria ter deixado o cargo um ano atrás, mas resiste sabe Deus como. Não poderia me ajudar mesmo que quisesse.

— O presidente gosta de seu trabalho. Sabemos disso.

— O presidente é um advogado, um promotor. Se ele ouvir, mesmo que seja um rumor, sobre alguém quebrar uma lei... Bem, é surpreendente como se pode ficar sozinho depressa. Existe um bando do Departamento

de Estado que também está atrás de mim. Não vejo as coisas do jeito que eles gostariam. Esta é uma merda de cidade para se ser honesto.

E verdadeiro, então, pensou Platonov. Ele conseguira a informação de Peter Henderson, codinome Cassius, que passava dados à KGB por quase dez anos, primeiro como assessor especial do senador Donaldson, da Comissão de Inteligência do Senado, e agora um analista de informações para o Controle Geral. A KGB sabia que Ryan era uma estrela em ascensão no Diretório de Inteligência da CIA. Sua ficha na Central de Moscou de início o designava como um diletante rico. Isso mudara alguns anos atrás. Fizera algo que chamara a atenção presidencial, e agora escrevia quase a metade dos relatórios especiais que" iam para a Casa Branca. Era do conhecimento de Henderson que ele realizara um complexo dossiê sobre a situação dos armamentos estratégicos, que havia provocado arrepios em Foggy Bottom. Platonov formara sua opinião sobre ele há muito tempo. Como bom avaliador de caráter, desde seu primeiro encontro na Galeria Georgetown, classificara Ryan como um oponente brilhante e corajoso — porém um homem muito acostumado a privilégios, enfurecendo-se facilmente com ataques pessoais. Sofisticado, porém estranhamente ingênuo. O que dissera durante o lanche confirmara isso. Ele via as coisas em preto e branco, bom e mau. Mas o que importava hoje era que se sentira invencível, e agora estava aprendendo que não era bem assim. Por esse motivo, andava furioso.

— Todo o trabalho desperdiçado — disse ele depois de alguns segundos. — Eles vão jogar minhas recomendações no lixo.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que Ernest "Fodido" Allen convenceu o presidente a colocar a Iniciativa de Defesa Estratégica na mesa de negociação. — Foi necessário todo o profissionalismo de Platonov para não reagir visivelmente a essa afirmação. Ryan continuou: — Todo o esforço por nada. Eles desacreditaram minha análise por causa desse assunto idiota das ações. A Agência não está me apoiando como deveria. Estão me atirando aos malditos leões. E não há nada que eu possa fazer a respeito disso. — Jack terminou seu cachorro-quente.

— Sempre dá para fazer alguma coisa — insinuou Platonov.

— Vingança? Já pensei nisso. Eu poderia ir aos jornais, mas o *Post* vai publicar uma matéria sobre esse negócio da Comissão de Valores Mobiliários. Alguém na Colina está orquestrando uma festa de

enforcamento. Trent, suponho. Aposto que foi ele quem pôs aquele jornalista atrás de mim ontem à noite, o filho da puta. Se eu tentar espalhar o que realmente aconteceu, quem vai escutar? Meu Deus, eu estou colocando minha bunda na linha de fogo só por estar aqui conversando com você, Sergey.

— Por que diz isso?

— Por que não adivinha? — Ryan permitiu-se um sorriso que terminou repentinamente. — Não pretendo ir para a cadeia. Preferiria morrer a me desgraçar desta maneira. Que diabo, arrisquei minha vida... coloquei tudo em jogo. Algumas coisas você sabe, outras nãos. Arrisquei minha vida por este país e agora querem me colocar na cadeia!

— Talvez possamos ajudar. — Finalmente veio a oferta.

— Desertar? Deve estar brincando. Não espera de verdade que eu viva no seu paraíso do proletariado, não é?

— Não, mas com o incentivo correto talvez pudéssemos mudar sua situação. Haverá testemunhas contra você. Eles podiam sofrer acidentes...

— Não me venha com esse papo! — Jack inclinou-se para a frente. — Você não faz esse tipo de coisas em nosso país e nós não fazemos no de vocês.

— Tudo tem um preço. Certamente compreende isso muito melhor do que eu. — Platonov sorriu. — Por exemplo, o "desastre" que o senador Trent sugeriu ontem à noite. O que poderia ser?

— E como vou saber para quem está trabalhando de fato? — indagou Jack.

— O quê?

Aquilo o havia surpreendido, percebeu Ryan através da dor latejante em seus seios nasais.

— Quer um incentivo? Sergey, estou a ponto de colocar minha vida em jogo. Só porque já fiz isso uma vez, não pense que é fácil. Temos alguém infiltrado na Central de Moscou. Alguém importante. Diga-me o que este nome poderia comprar para mim.

— Sua liberdade — respondeu Platonov sem demora. — Se ele é tão importante como diz, poderíamos mesmo fazer muita coisa.

Ryan não pronunciou nenhuma palavra por mais de um minuto. Os dois homens olharam um para o outro como se jogassem cartas e estivessem apostando tudo que possuíam — muito embora Ryan soubesse

que seu cacife era menor. Platonov igualava a intensidade do olhar do americano e ficou contente em perceber que seu poder prevalecera.

— Estou partindo para Moscou no final da semana, a menos que a história estoure antes disso, e nesse caso estou fodido. O que eu acabei de lhe dizer não deve passar pelos canais normais. A única pessoa que tenho certeza de que *não* é, é Gerasimov. A informação precisa ir ao diretor-geral pessoalmente, diretamente, sem intermediários, ou nos arriscamos a perder o nome.

— E por que devo acreditar em você? — O russo impunha sua vantagem, mas com cuidado.

Foi a vez de Jack sorrir. A carta que esperava tinha entrado em seu jogo.

— Não sei o *nome,* mas conheço os dados. Com as quatro informações que eu sei que vieram do Condutor, o codinome dele, seus homens podem deduzir o resto. Se sua carta seguir pelos canais normais, provavelmente não chego nem até o avião. É para mostrar quão elevado é o cargo que ele ocupa, se é dele que se trata, mas provavelmente sim. Como vou saber que você manterá sua palavra?

— No ramo da Inteligência, a gente precisa cumprir as promessas — assegurou Platonov.

— Então diga ao seu diretor-geral que desejo encontrá-lo, se ele puder. De homem para homem. Sem truques.

— O diretor-geral? O diretor-geral não...

— Nesse caso tomo minhas próprias providências legais e arrisco a sorte. Não pretendo ir para a cadeia por traição, tampouco, se puder evitar. Este é o trato, camarada Platonov — concluiu Jack. — Tenha um bom dia.

Jack se levantou e afastou-se. Platonov não o seguiu. Ele olhou em volta e encontrou seu segurança, que sinalizou para informar que eles não tinham sido observados.

E ele tinha sua própria decisão a tomar. Ryan estava sendo sincero? Cassius achava que sim.

Ele controlava o agente Cassius há três anos. Os dados de Peter Henderson sempre saíam do país. Eles o usaram para seguir e prender um coronel da Força de Foguetes Estratégicos que estivera trabalhando para a CIA, arranjou informações políticas e estratégicas inestimáveis, e até mesmo uma análise interna do caso do *Outubro Vermelho* no ano anterior — não, foi há dois anos, logo antes que o senador Donaldson se

aposentasse —, e, agora que trabalhava na GAO, tinha o melhor de dois mundos: acesso direto a dados sigilosos de defesa e todos os contatos políticos na Colina. Cassius lhes havia dito, há algum tempo, que Ryan estava sendo investigado. Na época parecera apenas uma coisa pequena, ninguém havia levado muito a sério. Os americanos estavam sempre investigando uns aos outros. Era o seu esporte nacional. Então ouviu a mesma história uma segunda vez, depois aquela cena com Trent. Seria mesmo possível?

Um vazamento nas altas esferas da KGB, pensou Platonov. Havia um protocolo, claro, para enviar qualquer dado importante ao diretor-geral. A KGB permitia essa possibilidade. Uma vez a mensagem enviada, teria de ser seguida. Só a pista de que a CIA possuía um agente na cúpula da KGB...

Mas esta era a única consideração a ser feita.

Uma vez lançado o anzol, fisgaremos o doutor Ryan. Talvez ele seja tolo o suficiente para acreditar que uma troca de informações para os serviços possa ser realizada apenas uma vez, e que não ouvirá mais falar de nós... é mais fácil ele estar tão desesperado que não se importe, no momento. Que tipo de informação poderíamos obter dele?

Assistente especial do vice-diretor de Inteligência! Ryan devia ter acesso a quase tudo! Recrutar um agente tão valioso — isso não fora feito desde "Kim" Philby, há quase cinqüenta anos!

Mas ele é tão importante assim para quebrar as regras?, perguntou-se Platonov enquanto terminava sua bebida. Nunca em toda sua existência a KGB cometera qualquer ato de violência contra os Estados Unidos — havia um acordo de cavalheiros quanto a esse assunto. Mas quais eram as regras contra esse tipo de vantagem? Talvez um ou dois americanos tivessem um acidente de carro, ou um ataque cardíaco inesperado. Isto teria de ser aprovado pelo diretor-geral. Platonov faria sua recomendação. Seria seguida. Tinha certeza disso.

O diplomata era um homem meticuloso. Limpou o rosto com o guardanapo de papel, colocou todos os restos no interior do copo descartável e depositou tudo na lata de lixo próxima. Não deixou nada para trás que pudesse sugerir que estivera ali.

O Arqueiro estava certo de que iriam vencer. Ao anunciar sua missão aos subordinados, a reação não poderia ter sido melhor. Sorrisos, expressões divertidas, olhares de lado, acenos de concordância. O mais

entusiástico dentre todos fora o novo membro, o ex-major do Exército afegão. Em sua barraca, 20 quilômetros para o interior do Afeganistão, os planos foram preparados em cinco horas de tensão.

O Arqueiro examinou a fase 1, já completa. Seis caminhões e três transportadores BTR-60 de infantaria estavam em suas mãos. Alguns danificados, como era previsível. Os soldados mortos das tropas controladas estavam sendo despidos de seus uniformes. Onze sobreviventes passavam por interrogatório. Eles não participariam desta missão, claro, mas, se provassem ser dignos de confiança, lhes seria permitido juntar-se a bandos aliados de guerrilheiros. Quanto aos outros...

O ex-oficial do Exército recuperou mapas e códigos de rádio. Sabia todos os procedimentos que os russos haviam ensinado aos "irmãos" afegães.

Existia uma base-acampamento de um batalhão, 10 quilômetros ao norte dali, pela Rodovia Shékábád. O ex-major fez contato com eles pelo rádio, indicando que "Girassol" repelira a emboscada com perdas moderadas, e estavam se dirigindo para lá. Isto teve a aprovação do comandante do batalhão.

Carregaram alguns dos corpos, ainda em seus uniformes ensangüentados. Ex-membros treinados do Exército afegão assumiram as metralhadoras pesadas nos transportadores BTR enquanto a coluna se movia, mantendo a formação tática adequada na estrada de cascalho. A base ficava no lado distante do rio. Vinte minutos mais tarde puderam avistá-la. A ponte há muito fora destruída, mas os engenheiros russos colocaram cascalho suficiente para fazer a passagem a vau. A coluna estacou no posto leste de guarda.

Essa foi a parte mais tensa. O major fez o sinal apropriado, e o guarda acenou para que passassem. Um a um, os veículos atravessaram o rio. A superfície estava congelada e os motoristas tiveram de seguir uma linha de varas para evitar ficarem presos na água profunda sob o gelo quebradiço. Mais 500 metros.

O acampamento da base ficava numa pequena elevação. Era cercado por trincheiras feitas de sacos de areia e troncos. Nenhuma estava completamente guarnecida. O acampamento era bem localizado, com campos largos se estendendo em todas as direções, mas só guameciam completamente os postos armados ao anoitecer. Apenas uma companhia de soldados estava na base, enquanto os restantes patrulhavam as colinas ao

redor. Além disso, a coluna chegava na hora do almoço. A garagem do batalhão estava à vista.

O Arqueiro ocupava o banco da frente do primeiro caminhão. Perguntou-se por que confiara tão completamente no major traidor, mas resolveu que não era a hora apropriada para esse tipo de preocupação.

O comandante do batalhão saiu de sua casamata mastigando um bocado de comida, enquanto observava os soldados que saíam do caminhão. Estava esperando pelo comandante da unidade e demonstrou certo aborrecimento quando a porta do BMP se abriu lentamente e um homem uniformizado surgiu.

— Quem é você?

— *Allahu akhbarl* — gritou o major.

Seu fuzil derrubou o inquiridor. As metralhadoras pesadas foram disparadas contra a massa de homens que almoçava, enquanto o Arqueiro e seus homens corriam para as trincheiras metade desguarnecidas. Levou dez minutos até que toda a resistência cessasse, mas não houve chance para os defensores, não com mais de cem homens armados no interior do acampamento. Foram feitos vinte prisioneiros. Os únicos russos em seu posto — dois tenentes e um sargento de comunicações — foram mortos inadvertidamente, e os outros colocados sob vigilância, enquanto o major e seus homens corriam para a garagem.

Apanharam mais dois transportadores BTR e quatro caminhões. Aquilo devia ser o bastante. O resto, queimaram. Queimaram tudo o que não puderam carregar. Levaram quatro morteiros, meia dúzia de metralhadoras e todos os uniformes de reserva que conseguiram encontrar. O restante do acampamento foi totalmente destruído — especialmente os rádios, que primeiro foram destroçados a coronhadas, depois queimados. Uma pequena força de guarda ficou para trás com os prisioneiros, a quem seria dada a chance de juntar-se aos *mudjahidin* — ou morrer por sua lealdade aos infiéis.

Eram cinqüenta quilômetros até Kabul. A coluna de veículos, agora aumentada, dirigiu-se para o norte. Mais homens do Arqueiro juntaram-se a eles, saltando a bordo dos veículos. Seu contingente agora totalizava duzentos homens, vestidos e equipados como soldados regulares do Exército afegão, rodando para o norte em veículos militares russos.

O tempo era o inimigo mais perigoso. Atingiram os arrabaldes de Kabul noventa minutos depois e encontraram o primeiro dos vários postos

de controle.

A pele do Arqueiro arrepiou-se por estar tão próximo a tantos soldados russos. Quando veio o crepúsculo, os soviéticos voltaram aos seus vagões e casamatas, deixando as ruas para os afegãos, porém nem mesmo o sol poente fez com que se sentisse seguro. As verificações eram mais rigorosas do que esperara, e o major conversando com os guardas fez com que passassem por todas elas, usando documentos de viagem e senhas do acampamento recentemente destruído. Mais objetiva, a rota de viagem os manteve afastados das partes mais guarnecidas da cidade. Em menos de duas horas, a cidade ficou atrás deles, e rodaram para a frente sob a escuridão acolhedora.

Continuaram até que começaram a ficar sem combustível. Nesse ponto os veículos foram retirados das estradas. Um ocidental ficaria surpreso com a felicidade dos *mudjahidin* ao abandonar os veículos, mesmo que isso significasse carregar as armas nas costas. Bem descansados, os guerrilheiros marcharam para as colinas, em direção ao norte.

O dia só trouxera más notícias, notou Gerasimov, enquanto encarava o coronel Vatutin.

— Está me dizendo que não pode dobrar o homem?

— Camarada diretor-geral, nosso pessoal médico se declara contra o procedimento de privação de sentidos, ou qualquer forma de abusos físicos. — A palavra *tortura* não era mais usada na sede da KGB. — Poderia matá-lo. Em vista de sua insistência numa confissão, precisamos usar... métodos primitivos de interrogatório. O prisioneiro é uma pessoa muito difícil. Mentalmente é muito mais resistente do que imaginamos a princípio — declarou Vatutin, tão calmamente quanto conseguiu. Ele seria capaz de matar por um pouco de álcool, no momento.

— Tudo porque você pôs a perder a prisão! — observou friamente Gerasimov. — Tinha grandes esperanças em você, *coronel*. Pensei que fosse um homem de futuro. Pensei que estivesse pronto para progredir Será que eu estava errado, camarada coronel?

—Minha preocupação com esse assunto está limitada a desmascarar um traidor da Mãe Pátria. — Foi necessária toda a disciplina de Vatutin para não perder o autocontrole. — Sinto que fiz isso. Sabemos que ele cometeu traição. Temos as provas...

— Yazov não vai aceitá-las.

— Contra-inteligência é um assunto da KGB e não do Ministério da Defesa.

— Talvez tivesse a bondade de explicar isso para o secretário-geral do Partido — disse Gerasimov, deixando sua raiva extravasar. — Coronel Vatutin, preciso dessa confissão.

Gerasimov esperara conseguir mais um trunfo profissional nesse dia, mas o relatório FLASH dos Estados Unidos o anulara — pior ainda, Gerasimov havia passado a informação um dia antes de validá-la. A agente Livia se desculpava, dizia o relatório, mas o programa de computador transmitido pela camarada Bisyarina estava, infelizmente, obsoleto. Algo que talvez pudesse apaziguar as coisas entre a KGB e o Ministério da Defesa já não existia.

Ele precisava da confissão, e tinha de ser uma não extraída por tortura. Todos sabiam que a tortura podia produzir quase tudo o que os interrogadores desejassem, que todos os prisioneiros temiam a dor para admitir o que quer que fosse. Precisava de algo bom o suficiente para apresentar ao próprio Politburo, cujos membros não receavam mais a KGB, a ponto de aceitar apenas a palavra de Gerasimov.

— Vatutin, preciso da confissão, e preciso logo. Quando pode conseguir?

— Utilizando os métodos aos quais ficamos limitados agora, não mais do que duas semanas. Podemos privá-lo de sono. Isso leva tempo, ainda mais que cs velhos precisam dormir menos do que os jovens. Gradualmente ele ficará desorientado e cederá. Por tudo o que sabemos sobre esse homem, vai usar toda a sua coragem para lutar contra isso... É corajoso, mas é apenas um homem. Duas semanas — afirmou Vatutin, sabendo que dez dias seriam suficientes. Melhor prevenir.

— Muito bem. — Gerasimov fez uma pausa. Era hora para encorajamento. — Coronel Vatutin, para falar objetivamente, você conduziu bem a investigação, a despeito do desapontamento na fase final. Não é razoável esperar a perfeição de todas as coisas, e as complicações políticas não são de sua alçada. Se providenciar o que é necessário, será recompensado adequadamente. Continue.

— Obrigado, camarada diretor-geral.

Gerasimov observou-o partir, depois chamou seu carro.

O diretor-geral da KGB não viajava sozinho. Seu Zil particular — uma limusine feita à mão que lembrava um gigantesco carro americano de

trinta anos atrás — era seguido por um Volga ainda mais feio, cheio de guarda-costas escolhidos por sua habilidade em combate e lealdade absoluta ao diretor-geral. Gerasimov sentava-se sozinho no banco traseiro, observando os prédios de Moscou pelo vidro, enquanto o carro era conduzido pela faixa central das largas avenidas. Logo saíram da cidade, penetrando nas florestas onde os alemães foram detidos em 1941.

Muitos dos que foram capturados — aqueles que sobreviveram ao tifo e à fome — haviam construído as *dachas,* casas de campo soviéticas. Por mais que os russos odiassem os alemães, a *nomenklatura* — a classe dominante nessa sociedade sem classe — era viciada em equipamentos alemães. Aparelhos eletrônicos Siemens e utilidades domésticas Blaupunkt faziam parte dos lares tanto quanto o exemplar do *Pravda* e o noticiário "Tass Branco". As moradias nas florestas de pinheiros a leste de Moscou eram tão bem construídas como tudo deixado pelos czares. Gerasimov sempre se perguntava o que tinha acontecido aos soldados alemães que trabalharam para fazê-las. Não que isso importasse.

A *dacha* oficial do acadêmico Mikhail Petrovich Alexandrov não era diferente do resto: dois andares, a lateral de madeira pintada de creme e um telhado bastante inclinado que pareceria natural se estivesse na Floresta Negra. O acesso consistia numa trilha de cascalho entre as árvores. Apenas um carro estava estacionado ali. Viúvo, Alexandrov havia passado da idade em que poderia procurar a companhia de belas jovens. Gerasimov abriu a própria porta, verificando rapidamente se o pessoal de sua segurança estava se dispersando pelas árvores como sempre. Pararam apenas para colocar agasalhos que foram buscar na mala do carro, espessos casacos de pele branca e botas pesadas para manter os pés aquecidos sobre a neve.

— Nikolay Borissovich! — Alexandrov atendeu pessoalmente a porta.

A *dacha* era servida por um casal que fazia arrumação e limpeza, mas sabia quando ficar fora do caminho. Essa era uma das ocasiões. O acadêmico tirou o casaco de Gerasimov e o pendurou num cabide ao lado da porta.

— Obrigado, Mikhail Petrovich.

— Chá? — Alexandrov fez um gesto em direção à sala de estar.

— Está frio lá fora — comentou Gerasimov.

Os dois homens sentaram em lados opostos da mesa, em antigas cadeiras estofadas. Alexandrov gostava de receber pessoas, pelo menos seus associados. Ele despejou o chá, depois serviu num pratinho uma pequena quantidade de cerejas brancas cristalizadas. Beberam o chá da maneira tradicional, colocando algumas das cerejas adocicadas na boca, e deixando que o chá passasse entre elas. Isso tornava a conversa um pouco desajeitada, mas era tipicamente russo. Alexandrov apreciava velhos hábitos. Da mesma forma que estava comprometido com os ideais do marxismo, o chefe ideológico do Politburo mantinha os costumes de sua juventude nos mínimos detalhes.

— O que há de novo?

Gerasimov fez um gesto de aborrecimento.

— O espião Filitov é um velho duro de roer. Vai demorar mais uma semana ou duas para conseguir a confissão.

— Devia fuzilar aquele seu coronel que... O diretor-geral da KGB balançou a cabeça.

— Não, não. Precisamos ser objetivos. O coronel Vatutin procedeu bem. Devia ter deixado o ato da prisão para um homem mais jovem, mas eu lhe disse que o caso era dele, e sem dúvida ele tomou minhas instruções ao pé da letra. Lidou com o restante do caso de modo quase perfeito.

— Você está ficando generoso cedo demais, Kolya — observou Alexandrov. — É tão difícil assim surpreender um velho de 72 anos?

— Não este. O espião americano era bom, como seria de esperar. Bons agentes de campo possuem instintos aguçados. Se eles não fossem tão habilidosos, o socialismo mundial já poderia ter sido alcançado — acrescentou ele, um pouco desajeitadamente.

Alexandrov vivia em seu universo acadêmico, pouco sabendo sobre como as coisas funcionavam no mundo real. Era difícil respeitar alguém como ele, mas menos difícil temê-lo.

O homem mais velho grunhiu.

— Suponho que possamos esperar mais uma semana ou duas. Não gosto da idéia de fazer tudo enquanto a delegação americana estiver aqui...

— Pode ser depois que eles* saírem. Se for alcançado um acordo, não perdemos nada.

— É loucura reduzir nossos armamentos! — insistiu Alexandrov. Mikhail Petrovich ainda achava que armas nucleares eram como tanques e

homens: quanto mais, melhor. Como a maioria dos políticos teóricos, não se incomodava em apreender os fatos.

— Vamos manter os foguetes mais recentes e os melhores — explicou pacientemente Gerasimov. — E o mais importante é que *Estrela Brilhante* está se desenvolvendo bem. Com o que nossos cientistas já conseguiram, mais o que aprendermos com os planos do programa americano, em menos de dez anos estaremos em condições de defender a *Rodina* contra qualquer ataque estrangeiro.

— Você tem boas fontes dentro do programa americano?

— Muito boas — declarou Gerasimov, colocando de lado seu chá. — Parece que alguns dados que acabamos de receber foram enviados cedo demais. Algumas das instruções do computador nos foram enviadas antes dos testes e revelaram-se defeituosas. Um embaraço, sem dúvida, mas, se é para ficar embaraçados, melhor por excesso de zelo do que por ineficiência.

Alexandrov descartou o assunto com um aceno de mão.

— Falei com Vaneyev ontem à noite.

— E?

— Ele é nosso. Não pode suportar a idéia da bela filhinha dele em um campo de trabalhos forçados... ou algo pior. Expliquei o que queremos dele. Foi muito fácil. Uma vez que consiga a confissão daquele filho da mãe do Filitov, faremos tudo ao mesmo tempo. Melhor realizar tudo de uma vez. — O acadêmico balançava a cabeça, reforçando suas palavras. Ele era perito em manobras políticas.

— Estou preocupado com as possíveis reações do Ocidente... — observou cautelosamente Gerasimov.

A velha raposa sorriu sobre seu chá.

— Narmonov sofrerá um ataque cardíaco. Ele tem idade para isso. Não será fatal, claro, mas suficiente para afastá-lo. Vamos assegurar ao Ocidente que sua política continuará sendo seguida. Posso até conviver com o desarmamento, se você insiste. — Alexandrov fez uma pausa. — Não faz sentido alarmarmos ninguém sem motivo. Tudo o que me preocupa é a primazia do Partido.

— Naturalmente. — Gerasimov sabia o que se seguiria e recostou-se na poltrona para ouvir novamente.

— Se não pararmos Narmonov, o Partido está liquidado! O idiota, atirando fora tudo o que conseguimos com tanto trabalho. Sem a liderança

do Partido, *um alemão* poderia estar morando nesta casa. Sem Stálin para colocar aço na espinha das pessoas, onde estaríamos nós? E Narmonov condena nosso maior líder... depois de Lênin — acrescentou rapidamente o acadêmico. — Este país precisa é de alguém com mão forte, *uma* mão forte, não milhares de pequenas mãos! Nosso povo entende isso. Nosso povo *deseja* isso.

Gerasimov sinalizou sua concordância, perguntando-se por que aquele tolo balbuciante tinha de repetir sempre a mesma coisa. O Partido não queria nenhuma mão forte, por mais que Alexandrov negasse o fato O Partido em si era composto por um milhar de mãozinhas sequiosas: os membros do Comitê Central, os *apparatchik* que pagaram suas dívidas, repetiram seus slogans, compareceram às reuniões semanais até ficarem completamente enjoados de tudo que o Partido dizia, mas continuavam porque esse era o caminho para progredir, e progresso significava privilégios. Progresso significava um carro, e viagens para Sochi... e eletrodomésticos Blaupunkt.

Gerasimov sabia que todos os homens tinham seu ponto fraco. O de Alexandrov era que tão poucas pessoas acreditassem realmente no Partido. Gerasimov não acreditava. O Partido era o que nutria ambições. O poder tinha a sua própria justificativa, e, para ele, o Partido era a trilha para o poder. Passara toda a sua vida protegendo o Partido daqueles que queriam alterar a equação do poder. Agora, como diretor-geral da própria "espada e escudo" do Partido, estava na melhor posição possível para tomar as rédeas do Partido. Alexandrov ficaria surpreso, escandalizado mesmo, ao saber que seu jovem aluno só tinha o poder como objetivo, sem nenhum outro plano que não seu *status quo ante.* A União Soviética continuaria como antes, segura por trás de suas fronteiras, procurando estender sua forma de governo a qualquer país que quisesse aproveitar a oportunidade. Haveria algum avanço, em parte por mudanças internas, em parte pelo que pudesse ser obtido do Ocidente, mas não o bastante para provocar mudanças bruscas, como Narmonov ameaçara fazer. Com o poder da KGB para apoiá-lo, não precisava temer por sua segurança — certamente não depois de derrotar o Ministério da Defesa. Portanto, escutou a arenga de Alexandrov sobre teoria do Partido, concordando quando era apropriado. Para um observador, pareceria com a cena de milhares de fotografias antigas — quase todas falsas — de Stálin escutando com atenção

redobrada as palavras de Lênin. Como Stálin, ele usaria as palavras para obter seus próprios desígnios. Gerasimov acreditava em Gerasimov.

18
VANTAGENS

— Mas eu acabei de comer! — protestou Misha.

— Qual nada! — respondeu o carcereiro. Estendeu seu relógio. — Veja a hora, seu velho bobo. Pode comer, está chegando a hora do seu interrogatório. — O homem se inclinou para a frente. — Por que não diz a eles o que querem saber, camarada?

— Não sou um traidor! Isso não!

— Como quiser. Coma bastante. — A porta da cela retiniu no batente com um ruído metálico.

— Não sou um traidor! — disse Filitov depois que a porta se fechou. — Isso não! — captou o microfone. — Isso não...

— Estamos quase conseguindo — comentou Vatutin.

O que sucedia a Filitov não era muito diferente do que o médico tentava provocar no tanque para privação de sentidos. O prisioneiro perdia contato com a realidade, embora muito mais lentamente do que Vaneyeva. Seu tanque era o interior do prédio, que subtraía ao prisioneiro o ritmo do dia e da noite. A única lâmpada nunca se apagava. Depois de alguns dias, Filitov perdeu toda noção de tempo. A seguir, as funções orgânicas começaram a apresentaf alguma irregularidade. Depois, foi alterado o intervalo entre as refeições. O corpo sabia que alguma coisa estava errada, sentia isso e tinha tão pouco sucesso ao lidar com a desorientação que a situação do prisioneiro era semelhante a uma doença mental. Era uma técnica clássica: dificilmente um indivíduo a suportava por mais de duas semanas, e mesmo assim depois se descobria que o prisioneiro resistira apoiado em acontecimentos fora do controle de seus interrogadores, tais como ruídos de trânsito ou pelo encanamento, sons que seguiam padrões regulares. Gradualmente, o "Dois" aprendera a isolar todos eles. O novo bloco de celas especiais era isolado acusticamente do resto do mundo. A cozinha ficava num andar acima para eliminar aromas. Esta parte de Lefortovo refletia anos e anos de experiências no sentido de dobrar o espírito humano.

Melhor que tortura, pensou Vatutin. Tortura invariavelmente afetava também os interrogadores. Era um problema. Uma vez que um homem —

em casos raros, uma mulher — ficava perito no assunto, a mente da pessoa mudava. O torturador aos poucos ficava louco, resultando em interrogatórios não confiáveis e em um agente inútil da KGB que precisava ser substituído e, ocasionalmente, hospitalizado. Nos anos 30, tais agentes eram executados assim que seus mestres políticos compreendiam o que haviam criado, e apenas para serem substituídos por outros, até que os interrogadores começaram a buscar métodos mais criativos e inteligentes. *Melhor para todos,* pensou Vatutin. As novas técnicas, mesmo as abusivas, não infligiam danos físicos permanentes. Agora quase parecia que tentavam curar o distúrbio mental provocado, e os médicos que tratavam disso para a KGB já podiam afirmar com segurança que a traição contra a Mãe Pátria era em si um sintoma de grave desvio de personalidade, que demandava tratamento enérgico. Fazia com que todos se sentissem melhor sobre o trabalho. Afinal, enquanto se podia sentir culpa causando dor em um inimigo corajoso, era possível sentir-se bem ajudando a curar um doente mental.

Este é mais doente que a maioria, pensou Vatutin amargamente. Ele era um pouco cínico demais para acreditar no besteirol que os novatos do "Dois" aprendiam no Treinamento e Orientação. Lembrou-se das histórias notáveis dos que o treinaram quase trinta anos antes — nos bons e velhos dias de Berya... Embora sua pele se tivesse arrepiado ao ouvir aqueles loucos falarem, pelo menos eram honestos sobre o que faziam. Embora fosse grato por não ter ficado como eles, não conseguia iludir-se quanto a Filitov ser um homem doente. Era, na verdade, um homem corajoso que escolhera de livre e espontânea vontade trair seu país. Um homem mau, com certeza, porque violara as regras da sociedade em que vivia, e um adversário valoroso por tudo isso. Vatutin olhou pelo tubo de fibra óptica que corria para o teto da cela de Filitov, observando-o enquanto ouvia o som captado pelo microfone.

Há quanto tempo vem trabalhando para os americanos? Desde que sua família morreu? Tanto tempo assim? Quase trinta anos... seria possível?, indagava-se o coronel do Segundo Diretório. Era uma enorme perda de tempo. "Kim" Philby não durara tudo isso, e a carreira de Richard Jorge, apesar de brilhante, fora breve.

Bem, fazia sentido. Havia ainda homenagens a serem prestadas a Oleg Penkovsky, o traidor coronel da GRU cuja captura fora um dos maiores casos do "Dois" — agora envenenado pelo pensamento de que

Penkovsky usara a própria morte para impulsionar a carreira de um espião ainda maior que ele... e provavelmente recrutado pessoalmente por ele. Aquilo é que era coragem, disse a si mesmo Vatutin. *Por que tanta virtude precisa ser investida em traição?,* enfureceu-se. *Por que não podem amar sua Mãe Pátria como eu amo?* O coronel meneou a cabeça. O marxismo exigia objetividade de seus partidários, mas isso era um exagero. Sempre havia o perigo de identificar-se intimamente demais com os ideais do prisioneiro. Ele raramente tinha esse problema, mas por outro lado nunca lidara com um caso assim. Três vezes Herói da União Soviética! Um verdadeiro ícone nacional, cujo rosto estivera na capa de revistas e livros. Será que algum dia poder-se-á tornar conhecido o que ele fizera? Como reagiria o povo soviético à notícia de que Misha, o herói de Stalingrado, um dos mais corajosos combatentes do Exército Vermelho, se tornara traidor da *Rodina?* O efeito no moral nacional era algo a ser considerado.

Esse problema não é meu, disse a si mesmo. Observou o velho através do seu dispositivo de alta tecnologia. Filitov tentava ingerir sua refeição, sem acreditar muito que era hora de comer, mas ignorando que seu desjejum — todas as refeições eram iguais, por motivos óbvios — fora servido apenas noventa minutos antes.

Vatutin pôs-se de pé e esticou-se para aliviar a dor nas costas. Um efeito colateral dessa técnica era a maneira como desregulava a vida dos próprios interrogadores. Seu horário ficava arruinado. Passava um pouco da meia-noite, e ele mal conseguira dormir sete horas nas últimas trinta e seis. Mas pelo menos sabia a hora, o dia e a estação. Filitov não, com certeza. Inclinou-se para ver o prisioneiro terminando sua tigela de trigo-sarraceno.

— Tragam-no — ordenou o coronel Klementi Vladimirovich Vatutin.

Ele entrou no banheiro e borrifou um pouco de água fria no rosto. Deu uma olhada no espelho e decidiu que não precisava barbear-se. A seguir, certificou-se de que o uniforme estava com o caimento perfeito. O único fator constante no mundo desordenado do prisioneiro era o rosto e a imagem de seu interrogador. Vatutin praticava até mesmo seu olhar no espelho: orgulhoso, arrogante, mas também cheio de compaixão. Não ficou envergonhado do que viu. Aquele era um profissional, disse ao próprio reflexo no espelho. Não um bárbaro, não um degenerado, mas um homem habilidoso fazendo um trabalho difícil e necessário.

Vatutin estava sentado na sala de interrogatório, como sempre, quando o prisioneiro entrou. Invariavelmente ele parecia estar fazendo alguma coisa quando a porta se abria, e sua cabeça sempre se levantava como a dizer: *Ah, já é hora de falar com você outra vez?* Ele fechou a pasta à sua frente e guardou-a na valise, enquanto Filitov sentava na cadeira. Aquilo era bom, notou Vatutin sem olhar. O prisioneiro dispensava ordens e sabia o que precisava fazer, a mente fixa na única realidade que possuía: Vatutin.

— Espero que tenha dormido bem — disse ele a Filitov.

— Bastante bem — foi a resposta.

Os olhos do velho estavam embaçados. O azul não tinha mais o brilho que Vatutin admirara na primeira sessão.

— Está sendo alimentado adequadamente?

— Tenho comido melhor. — Um sorriso alquebrado, com alguma rebeldia e orgulho por trás, mas nem tanto quanto imaginava seu portador. — Mas também tenho comido pior.

Vatutin mediu desapaixonadamente a força de seu prisioneiro: havia diminuído. *Você sabe,* pensou o coronel, *você sabe que vai perder. Sabe que é só uma questão de tempo. Posso ver isso.* E estreitou os olhos, procurando e encontrando fraqueza no olhar do outro. Filitov tentava não vacilar diante daquele olhar, mas os limites foram atingidos e alguma coisa estava se soltando enquanto Vatutin observava. *Você sabe que está perdendo,* Filitov.

Qual é a vantagem, Misha?, dizia-lhe sua voz interior, em desespero. *Ele tem tempo... ele controla o tempo. Vai fazer de tudo para quebrar você. Ele está ganhando, e você sabe disso.*

Diga-me, camarada capitão, por que se pergunta coisas tão tolas? Por que precisa explicar-se por ser homem?, perguntou uma voz conhecida. *Em todo o caminho, desde Brèst-Litovsk até Vyasma, sabíamos que estávamos perdendo, mas nunca desisti, nem você. Se pode desafiar o Exército alemão, certamente pode desafiar esse* chekista *molenga da cidade!*

Obrigado, Romanov.

Como conseguiu se virar sem mim, meu capitão?, riu a voz. *Apesar de toda sua inteligência, pode às vezes ser um homem muito tolo.*

Vatutin percebeu que alguma coisa havia mudado. Os olhos se tornaram límpidos, e as velhas costas se endireitaram novamente.

O que está dando forças a você? Ódio? Detesta o Estado pelo que aconteceu à sua família... ou seria algo completamente diferente?

— Diga-me — começou Vatutin. — Diga-me por que odeia a Mãe Pátria.

— Não odeio — respondeu Filitov. — Matei pela Mãe Pátria. Eu *queimei* pela Mãe Pátria. Mas não fiz essas coisas por gente como você. — Apesar de toda a fraqueza, o brilho desafiador em seus olhos parecia uma chama. Vatutin não se comoveu.

Eu estava perto de conseguir, mas alguma coisa mudou. Se descobrir o que é, Filitov, eu pego você! Algo disse a Vatutin que ele já possuía o que precisava. O truque residia em identificar a informação.

O interrogatório continuou. Embora Filitov fosse resistir dessa vez, e da próxima, e mesmo depois disso, Vatutin estava drenando a energia física e emocional do homem. Ambos sabiam disso. Era apenas uma questão de tempo. Numa coisa, porém, ambos estavam errados. Os dois achavam que Vatutin controlava o tempo, embora o tempo fosse o senhor supremo do homem.

Gerasimov ficou surpreso com o novo despacho FLASH dos Estados Unidos, desta feita vindo de Platonov. Chegou por cabo, alertando-o de que uma mensagem exclusiva para o diretor-geral estava a caminho na mala diplomática. Aquilo era muito incomum. A KGB, mais do que outras agências de informações, ainda dependia de sistemas de códigos de despistamento. Eram impenetráveis, mesmo no sentido teórico, a menos que a seqüência de código em si fosse comprometida. Era vagaroso mas infalível, e a KGB queria o "infalível". Além daquele nível de transmissão, entretanto, havia outro protocolo — para cada estação, um código especial — que nem tinha nome, mas corria diretamente do *rezident* para o diretor-geral. Platonov era mais importante do que a CIA suspeitava. Ele era o *rezident* de Washington, o chefe de setor.

Quando o despacho chegou, foi trazido diretamente ao escritório de Gerasimov. Seu auxiliar para códigos, um capitão especialmente credenciado, não foi chamado. O diretor-geral decifrou a primeira sentença pessoalmente, percebendo que era um aviso sobre um possível traidor. A KGB não possuía um termo para designar um traidor em seu próprio quadro, mas os escalões mais altos conheciam o mundo ocidental.

O despacho era longo, e levou uma hora inteira para ser traduzido por Gerasimov, maldizendo o tempo todo sua falta de jeito ao decifrar as

transposições aleatórias das trinta e três letras do alfabeto russo.

Um agente infiltrado na KGB?, perguntou-se Gerasimov. *Em que nível?* Chamou seu secretário particular e pediu as fichas sobre o agente Cassius e Ryan, da CIA. Como sempre nessas ocasiões, não demorou muito. Deixou Cassius de lado por um instante e abriu o dossiê sobre Ryan.

Havia um esboço biográfico de seis páginas, atualizado seis meses antes, além dos recortes originais de jornais e respectivas traduções. Ele não precisava das últimas. Gerasimov falava num inglês aceitável, embora com sotaque. A idade era 35, ele leu, juntamente com as credenciais no mundo dos negócios, acadêmicas, e na comunidade de informações. Ele progredira depressa dentro da CIA: agente especial de ligação com Londres. Sua primeira avaliação das atividades da KGB era colorida por visões políticas de analista, notou Gerasimov. Um diletante rico e sem fibra. Não, não era correto. Ele progredira muito rapidamente para isso ser verdade, a não ser que tivesse contado com influência política — algo incompatível com seu perfil. Provavelmente um homem brilhante, e escritor, notou Gerasimov, reparando que havia exemplares de dois livros seus em Moscou. Certamente seria uma pessoa orgulhosa, acostumada ao conforto e aos privilégios.

Então você quebrou as leis cambiais americanas? O pensamento brotou com facilidade na mente do diretor-geral. A corrupção constituía o caminho para a riqueza e o poder em qualquer sociedade. Ryan tinha seu ponto fraco, como qualquer um. Gerasimov sabia que o seu era a sede de poder, mas julgava tudo que ficasse aquém disso como o objetivo de um tolo. Retomou a leitura do despacho de Platonov.

"Avaliação", concluía a mensagem: "O elemento não é motivado por razões ideológicas ou financeiras, mas pela raiva e pelo seu ego. Possui verdadeiro pavor da prisão, porém mais ainda de sua desgraça pessoal. Ryan provavelmente tem a informação que alega possuir. Se a CIA possui um espião altamente colocado na Central de Moscou, é provável que Ryan tenha visto dados dele, embora não conheça o nome nem o rosto. As informações devem ser suficientes para identificar o vazamento.

"Recomendação: A oferta deveria ser aceita por dois motivos. Primeiro, identificar um espião americano. Segundo, fazer uso de Ryan no futuro. A única oportunidade oferecida possui duas faces. Se eliminarmos as testemunhas contra ele, ele fica em dívida para conosco. Se esta ação

for descoberta, ele pode ser incriminado pela CIA, e os inquéritos resultantes causarão grandes danos à agência americana. "

— Hum — murmurou Gerasimov para si mesmo enquanto deixava de lado a pasta.

O dossiê do agente Cassius era muito mais grosso. Ele estava a caminho de se tornar uma das melhores fontes da KGB em Washington. Gerasimov já o lera várias vezes e passou direto para as informações mais recentes. Dois meses antes, Ryan fora investigado, mas os detalhes eram desconhecidos — Cassius os classificara como mexericos sem fundamento. Esse era um ponto a favor dele, pensou o diretor-geral. Também desligava o oferecimento de Ryan dos fatos mais recentes...

Filitov?

E se o agente bem colocado que Ryan poderia identificar fosse o mesmo que acabavam de prender?, imaginou Gerasimov.

Não. Ryan era suficientemente bem colocado na CIA para não confundir um ministério com outro. A única notícia ruim era que um espião dentro da KGB não era nada do que Gerasimov precisava no momento. Já era bastante ruim que existisse um, mas se a história se espalhasse para fora da sede... poderia ser um desastre. *Se lançássemos uma investigação de verdade, a notícia se espalharia. Se não encontrarmos o espião em nosso meio, e se estiver num alto cargo como Ryan afirma, e se a CIA descobrir que Alexandrov e eu...*

E se descobrirem? E se esse... Gerasimov sorriu e olhou fora da janela. Ele perderia o lugar. Perderia o jogo. Cada fato tinha pelo menos três faces, e cada pensamento tinha seis. Não, se acreditasse naquilo, precisaria admitir que Cassius estava sob controle da CIA, e que tudo fora planejado depois que Filitov fora preso. Seria quase impossível.

O diretor-geral da Comissão para a Segurança do Estado verificou seu calendário para saber quando viriam os americanos. Haveria mais compromissos sociais nessa época. Se os americanos estivessem mesmo resolvidos a colocar o programa Guerra nas Estrelas na mesa de negociações, isso melhoraria a imagem do secretário-geral Narmonov, mas quantos votos no Politburo conquistaria? *Não muitos, enquanto eu conseguir manter a obstinação de Alexandrov sob controle. E se puder mostrar que recrutei um agente tão bem colocado na CIA... se puder anunciar que os americanos vão negociar seus programas de defesa, então*

eu roubaria para mim um pouco da glória pela iniciativa de paz de Narmonov...

A decisão foi tomada.

Mas Gerasimov não era um homem impulsivo. Mandaria um sinal a Platonov para verificar alguns detalhes por meio do agente Cassius. Esse sinal poderia ser enviado por satélite.

O sinal chegou a Washington uma hora depois. Foi adequadamente captado do satélite soviético de comunicações, tanto pela embaixada soviética como pela agência americana de segurança nacional, que a arquivou em fita de computador ao lado de milhares de outros sinais russos com que a Agência trabalhava 24 horas por dia para decifrar.

Era mais fácil para os soviéticos. O sinal foi levado para um setor seguro da embaixada, onde um tenente da KGB converteu as letras embaralhadas em texto legível. Depois foi tudo trancado num cofre vigiado até a chegada de Platonov pela manhã.

Isso aconteceu às 6h30. Os jornais de costume estavam sobre sua escrivaninha. *A imprensa americana era muito útil à KGB,* pensou ele. A idéia de uma imprensa livre era tão estranha a ele que nunca chegou a considerar sua verdadeira função. Mas outras coisas vinham em primeiro lugar. O agente de vigilância noturna entrou em seu escritório às 6h45 e colocou-o a par dos acontecimentos da noite anterior, entregando também mensagens de Moscou, onde já passava da hora do almoço. No alto da lista de mensagens havia referência a uma nota exclusiva para o *rezident*. Platonov sabia qual o assunto em pauta e foi imediatamente até o cofre. O jovem agente da KGB que guardava essa parte da embaixada verificou escrupulosamente a identificação de Platonov — seu antecessor perdera o emprego por ser ousado a ponto de presumir que conhecia Platonov de vista depois de apenas nove meses. A mensagem, num envelope lacrado, estava no nicho adequado, e Platonov colocou-a em seu bolso antes de fechar e trancar a porta.

O setor da KGB em Washington era maior do que o da CIA em Moscou, embora não grande o suficiente para adequar-se a Platonov, desde que o número de pessoas fora reduzido a uma equivalência numérica com o pessoal da embaixada americana na União Soviética, algo que os americanos levaram anos para admitir. Ele geralmente reunia seus chefes de seção às 7h30 para uma conferência matinal, mas naquele dia mandou chamar um dos agentes mais cedo.

— Bom dia, camarada coronel — disse apropriadamente o homem. A KGB nunca ficou conhecida por suas cortesias.

—— Preciso de informações de Cassius sobre esse assunto do Ryan. E imperativo que confirmemos as dificuldades legais dele o mais breve possível. Isso significa hoje, se você puder cuidar dos detalhes.

— Hoje? — admirou-se o homem, com certo desconforto enquanto apanhava as instruções por escrito. — E arriscado mover-se tão rápido.

— O diretor-geral está ciente disso — observou secamente Platonov.

— Hoje, então — aquiesceu o homem.

O *rezident* sorriu interiormente enquanto o agente saía. Esse fora o máximo de emoções que ele demonstrara em seis meses. Esse rapaz tinha futuro.

— Lá está Butch — observou um dos agentes do FBI quando o homem saiu da embaixada.

Eles sabiam seu verdadeiro nome, claro, mas o primeiro agente que o seguira notara que ele tinha aparência de Butch, e o apelido pegou. Sua rotina matinal era abrir ostensivamente alguns escritórios, depois sair para realizar pequenos serviços antes que o pessoal diplomático graduado aparecesse, às 9. Aquilo envolvia apanhar o café da manhã numa lanchonete ali perto, comprar vários jornais e revistas e freqüentemente deixar uma marca ou duas em algum dos vários locais que percorria. Como na maioria das operações de contra-espionagem, a parte difícil era pegar a primeira pista. Depois disso era mero trabalho policial. Haviam conseguido a primeira pista sobre Butch dezoito meses atrás.

Ele andou os quatro quarteirões até a loja, agasalhado contra o frio — todos concordavam em que ele provavelmente achava o inverno em Washington bastante ameno —, e chegou ao local no horário. Como a maioria das lanchonetes, aquela possuía clientes regulares. Três deles eram agentes do FBI. Uma estava vestida como uma mulher de negócios, sempre lendo seu *Wall Street Journal,* sozinha num reservado no canto. Dois usavam cintos com ferramentas de carpinteiro e dirigiam-se ao balcão antes ou depois de Butch entrar. Naquele dia, esperavam por ele. Não ficavam sempre lá, claro. A mulher, a agente especial Hazel Loomis, coordenava seu horário com o expediente comercial, tomando o cuidado de faltar nos feriados bancários. Era um risco, mas vigilância intensa, mesmo cuidadosamente planejada, não podia ser muito regular. Da mesma forma, os dois homens apareciam mesmo quando sabiam que Butch não

viria, nunca alterando a rotina, de modo que pudessem demonstrar interesse em seu objetivo.

A agente Loomis anotou o horário de chegada à margem de um artigo — ela sempre rabiscava no jornal —, e os carpinteiros o observaram pela parede espelhada atrás do balcão, enquanto devoravam ensopado de carne com batatas e trocavam piadas sujas. Como sempre, Butch comprara quatro jornais diferentes na banca vizinha à lanchonete. As revistas que ele cornprava chegavam nas terças-feiras. A garçonete serviu o café sem que ele precisasse pedir. Butch acendeu seu cigarro habitual — Marlboro, um favorito dos russos — e tomou sua primeira xícara de café enquanto olhava a primeira página do *Washington Post,* que era o *seu* jornal habitual.

A segunda xícara era grátis, e a dele chegou bem em tempo. Levou

escassos seis minutos, o que correspondia ao normal, como todos repararam. Terminando, ele apanhou seus jornais e deixou algum dinheiro na mesa. Quando se afastou do lugar, puderam ver que ele havia amassado seu guardanapo de papel numa bola, colocada no pires ao lado da xícara de café vazia.

Negócios, pensou Loomis imediatamente. Butch apanhou sua conta na outra extremidade do balcão, pagou-a e saiu. Ele era bom, notou Loomis mais uma vez. Ela sabia onde e como ele deixara o sinal, mas ainda assim raramente percebia.

Mais um cliente entrou, um motorista de táxi que geralmente tomava uma xícara de café logo cedo, e sentou-se sozinho na ponta do balcão. Abriu seu jornal na seção de esportes, enquanto corria o olhar pela lanchonete, como sempre fazia. Pôde ver o guardanapo no pires. Não era tão bom quanto Butch. Colocando o jornal no colo, correu a mão sob o balcão, disfarçando, e apanhou a mensagem. Escondeu-a entre as páginas do jornal.

Depois disso, foi muito fácil. Loomis pagou sua conta e saiu, saltando em seu Ford Escort e dirigindo para os apartamentos do Edifício Watergate. Possuía uma chave do apartamento de Henderson.

— Hoje vai receber uma mensagem de Butch — disse ela ao agente Cassius.

— Certo. — Henderson interrompeu seu desjejum.

Ele não gostava nada de ser um agente duplo "controlado" por essa garota. Não gostava especialmente do fato de que ela entrara no caso

devido a sua aparência, que a "cobertura" para os encontros era um suposto relacionamento amoroso que, claro, não passava de ficção. Por toda a doçura dela, o meloso sotaque sulista — e a surpreendente beleza —, Henderson sabia muito bem que Loomis o considerava pouco mais que um micróbio. "Lembre-se", dissera ela uma vez, "há uma sala esperando por você". Ela se referia a instalações penitenciárias americanas — não a "estabelecimentos correcionais" — em Marion, Illinois, que tinham substituído Alcatraz para receber os mais perigosos. Não era lugar para um homem educado em Harvard. Mas ela só fizera isso uma vez, costumando tratá-lo com educação, até mesmo tomando seu braço em publico. Isso só tornava as coisas piores.

— Quer ouvir boas novas? — indagou Loomis.

— Claro.

— Se esse caso correr como estamos esperando, você pode sair completamente limpo. — Ela nunca lhe dissera isso.

— O que está havendo? — perguntou Cassius interessado.

— Há um agente da CIA chamado Ryan...

— E, ouvi dizer que a Comissão de Valores Mobiliários o andou investigando, já faz alguns meses. Você me disse que podia passar a informação aos russos...

— Ele está sujo. Quebrou as regras, conseguiu ganhar meio milhão de dólares com informações privilegiadas, e há um júri daqui a duas semanas que vai foder com a alegria dele. — O vocabulário era das mais coloridas expressões de rua, junto com o sorriso de heroína sulista. — A Agência vai colocá-lo de molho. Ninguém vai ajudá-lo. Ritter o odeia. Não se sabe por quê, mas você ouviu o assessor do senador Fredenburg. A impressão é de que ele vai ser o bode expiatório de alguma coisa que deu errado, sem saber do que se trata. Talvez algo ocorrido meses atrás, na Europa Central, mas isso foi tudo que ficou sabendo. Pode contar um pouco agora. O resto você os deixa esperando até a tarde. Mais uma coisa: você escutou rumores de que a Iniciativa de Defesa Estratégica pode ser colocada na mesa de negociações. Acha que a informação é ruim, mas ouviu um senador comentar alguma coisa a respeito. Entendeu?

— Entendi — concordou Henderson.

— Certo. — Loomis foi até o banheiro. A lanchonete favorita de Butch servia comida gordurosa demais para seu organismo.

Henderson dirigiu-se ao quarto e escolheu uma gravata. *Limpo?,* devaneou ele, enquanto dava o nó, e depois mudou de idéia. Se era verdade... ele tinha de admitir que ela nunca mentira para ele. *Me trata como ralé, mas nunca mentiu para mim,* pensou. *Então posso cair fora? E depois?,* perguntou a si mesmo. *Será que isso importa?*

Importava, mas importava ainda mais o fato de sair limpo.

— Gosto mais da vermelha — observou Loomis da porta. Ela sorriu suavemente. — Uma gravata "poderosa" para hoje, eu acho.

Henderson estendeu a mão para a vermelha.. Não lhe ocorreu protestar.

— Pode me dizer...

— Não sei... e você sabe o suficiente para não perguntar. Mas eles não me dariam autorização para dizer isso, a menos que todos achassem que já pagou alguma coisa, senhor Henderson.

— Por que não me chama de Peter, pelo menos uma vez? — quis saber ele.

— Meu pai foi o vigésimo nono piloto abatido no Vietnã do Norte. Eles o apanharam vivo, havia fotos dele vivo, mas ele nunca voltou.

— Eu não sabia.

Ela falava no tom de quem discutia as condições do tempo.

— Você não sabia de uma porção de coisas, senhor Henderson. Não me deixaram pilotar como papai fazia, mas no FBI eu torno a vida desses filhos da mãe a mais difícil possível. Isso eles me deixam fazer. Espero que machuque tanto quanto eles me machucaram. — Ela sorriu outra vez. — Isso não é muito profissional, é?

— Desculpe. Acho que não sei mais o que dizer.

— Claro que sabe. E só dizer ao seu contato o que lhe instruí. Ela lhe passou um minigravador, dotado de *timer* computadorizado

e um dispositivo antiescuta. Enquanto estivesse no táxi, ele ficaria sob vigilância intermitente. Se tentasse avisar seu contato de qualquer maneira que fosse, haveria uma chance — cujo tamanho ele jamais saberia — de que fosse detectado. Não gostavam dele e nem confiavam. Sabiam que jamais mereceria afeição ou confiança, mas tentaria sair fora assim mesmo.

Deixou o apartamento alguns minutos mais tarde e desceu as escadas. Havia o número normal de táxis circulando. Não gesticulou, mas esperou

que um viesse até ele. Não começaram a falar até que o carro penetrou no tráfego da Avenida Virgínia.

O táxi o levou à rede do Controle Geral na Rua G Noroeste. No interior do prédio, entregou o gravador a outro agente do FBI. Henderson suspeitava de que o aparelho também fosse um radiotransmissor, mas na verdade não era. O gravador foi para o Edifício Hoover. Loomis estava esperando quando ele chegou ali. A fita foi rebobinada e reproduzida.

— A CIA acertou uma vez — observou ela ao supervisor. Havia alguém ainda mais graduado lá. Loomis logo percebeu que o assunto era mais importante do que ela pensara de início.

— É o que parece. Uma fonte como Ryan não surge todo dia. Henderson representou muito bem seu papel.

— Eu disse a ele que isso podia ser o seu bilhete de saída. — A voz dela sugeria mais que isso.

— Não aprova? — perguntou o diretor assistente. Ele dirigia todas as operações de contra-espionagem.

— Ele ainda não pagou o suficiente pelo que fez.

— Senhorita Loomis, depois que isso terminar, vou lhe explicar por que está errada. Deixe o resto de lado, certo? Fez um ótimo trabalho cuidando desse caso. Não estrague tudo agora.

— O que vai acontecer a ele?

— O normal, dentro do programa de proteção a testemunhas. Ele pode acabar dirigindo uma loja em Billings, Montana, pelo que sei. — O diretor assistente encolheu os ombros. — Você será promovida e enviada ao setor de campo em Nova York. Temos mais um para o qual achamos que está pronta. É um diplomata ligado à ONU que precisa de um bom controlador.

— Certo. — Desta vez o sorriso não era forçado.

— Eles morderam a isca de verdade — disse Ritter a Ryan. — Só espero que possa fazê-lo, rapaz.

— Não há nenhum perigo envolvido. — Jack esfregou as mãos. — Deve ser algo bastante civilizado.

Só as partes que você conhece.

— Ryan, você ainda é amador em operações de campo. Lembre-se disso.

— Tenho que ser, para esse tipo de trabalho — ressaltou Ryan.

— Aqueles a quem os deuses destroem, primeiro ficam orgulhosos — afirmou o vice-diretor de Operações.

— Não citou Sófocles corretamente — sorriu Jack.

— Do meu jeito é melhor. Sou citado como autor da frase no mural que existe lá no campo de treinamento da CIA.

A idéia de Ryan para a missão fora simples — simples demais —, e Ritter a tinha sofisticado um pouco durante um período de dez horas, transformando-a numa operação de verdade. Simples em teoria, teria suas complicações. Todas as operações tinham, mas Ritter não apreciava isso.

Bart Mancuso havia muito se acostumara com a idéia de que o sono não estava incluído nas prioridades dos imediatos de submarino, mas, se havia uma coisa que ele detestava especialmente, era uma batida à porta quinze minutos *depois* que conseguia deitar.

— Entre! — E *morra,* deixou de dizer.

— Tráfego FLASH, apenas para o capitão — disse o tenente, em tom de desculpa.

— É bom que seja importante! — resmungou Mancuso, puxando para o lado as cobertas da cama.

Foi em direção a ré trajando roupas de baixo, até a sala de comunicações, a bombordo e logo atrás do centro de ataque. Dez minutos depois saiu e entregou uma tira de papel ao navegador.

— Quero estar nesse ponto dentro de dez horas.

— Sem problema, capitão.

— A próxima pessoa que me incomodar, é melhor que seja uma crise nacional muito grave!

Andou para a frente, pisando descalço. nas lajotas do convés.

— Mensagem entregue — disse Henderson a Loomis durante o jantar.

— Mais alguma coisa? — *Luz de velas e tudo o mais,* pensou ela.

— Só queria confirmar. Eles não desejavam informações novas, só confirmação do que já possuíam por outras vias. Pelo menos foi assim que entendi. Tenho outro material para eles.

— O que é?

— O novo relatório sobre defesa aérea em campo de combate. Nunca entendi por que eles se incomodam com isso. Podem ler tudo no *Aviation Week* antes do fim do mês, de qualquer maneira.

— Não vamos estragar a rotina agora, senhor Henderson.

Dessa vez a mensagem pôde ser tratada dentro do fluxo normal de informações. Seria levada à apreciação do diretor-geral porque se tratava de informação "pessoal" sobre um agente de informações graduado inimigo. Gerasimov era conhecido nos altos escalões da KGB por ser interessado tanto em mexericos ocidentais quanto russos.

A mensagem esperava por ele quando chegou na manhã seguinte. O diretor-geral detestava a diferença de oito horas entre Moscou e Washington — tornava as coisas tão inconvenientes! Para a Central de Moscou, ordenar ação imediata implicava risco automático de descoberta dos agentes de campo pelos americanos. Como resultado disso, muito poucos sinais verdadeiros de "ação imediata" foram enviados, e o chefe da KGB ficava ofendido com o fato de que seu poder pudesse ser neutralizado por coisas tão prosaicas como fusos horários.

"Agente P", começava o despacho — sendo a letra R do alfabeto ocidental correspondente a P no alfabeto cirílico —, "é agora o alvo de uma investigação criminal secreta como parte de um assunto não relativo à Inteligência. Suspeita-se entretanto que o interesse em P possui fundamentos políticos, talvez um esforço da parte de senadores progressistas para causar danos à CIA em virtude de um fracasso operacional desconhecido, possivelmente envolvendo a Europa central, mas isso não tem confirmação. A desgraça criminal de P será danosa aos agentes da CIA responsáveis por sua colocação. Este setor classifica a confiabilidade política da informação como A. Três fontes independentes agora confirmam as alegações despachadas no EOC 88(B)531-C. Detalhes completos seguem via malote diplomático. O setor recomenda o acompanhamento. *Rezident* de Washington. Final."

Gerasimov atirou o relatório sobre a mesa.

— Muito bem — disse o diretor-geral a si mesmo.

Verificou o relógio. Precisava comparecer à reunião habitual das quintas-feiras de manhã do Politburo, dentro de duas horas. Como correria? De uma coisa ele sabia: seria interessante. Ele planejava apresentar uma nova variante em seu jogo — o jogo do poder.

Seu relatório diário de operações era sempre um pouco mais longo às quintas-feiras. Não fazia mal nenhum mencionar casos pequenos e inofensivos nas reuniões. Seus colegas do Politburo eram todos homens a quem a conspiração vinha tão facilmente como a respiração, e não houve um só governo durante o último século cujos membros não gostassem de

saber sobre operações sigilosas. Gerasimov fez alguns apontamentos, tomando o cuidado de escolher assuntos que pudessem discutir sem comprometer casos importantes. Seu carro veio na hora aprazada, precedido como sempre por uma viatura de guarda-costas. Partiram em velocidade para o Kremlin.

Gerasimov nunca era o primeiro a chegar, nem o último. Desta vez entrou logo atrás do ministro da Defesa.

— Bom dia, Dmitri Timofeyevich — disse o diretor-geral sem sorrir, mas cordialmente.

— Igualmente, camarada diretor-geral — respondeu Yazov, ficando alerta.

Ambos tomaram seus assentos. Yazov tinha mais de um motivo para estar alerta. Além do fato de que Filitov pendia sobre sua cabeça como a espada mitológica, ele não era membro efetivo, com direito a voto no Supremo Conselho soviético. Gerasimov era. Aquilo dava mais poder político à KGB do que à Defesa, mas, nas únicas vezes na história recente em que o ministro da Defesa tivera um voto nessa sala, ele se comportara primeiramente como um homem do Partido — como Ustinov. Yazov era em primeiro lugar um soldado. Um membro leal do Partido por tudo isso, seu uniforme não representava o mesmo do que representara para Ustinov. Yazov nunca teria um voto nessa mesa.

Andrey Ilych Narmonov entrou na sala com o vigor habitual. De todos os membros do Politburo, apenas o chefe da KGB era mais novo do que ele, e Narmonov sentia a necessidade de demonstrar energia onde quer que aparecesse perante os membros mais velhos reunidos em volta da "sua" mesa de reuniões. O desgaste e o *stress* do trabalho haviam produzido efeito nele, todos podiam constatar. O chumaço de cabelos negros tornava-se grisalho com rapidez, e também parecia perder terreno para a calvície. Mas isso não era incomum para um homem nos seus 50 anos. Ele fez um gesto para que todos se sentassem.

— Bom dia, camaradas — disse ele em tom comercial. — A discussão inicial será sobre a chegada do grupo americano de negociação de armamentos.

— Tenho boas notícias — falou imediatamente Gerasimov.

— É mesmo? — perguntou Alexandrov antes do secretário-geral, destilando o próprio veneno.

— Recebemos informações que sugerem que os americanos concordam em princípio em colocar seu programa de defesa estratégica na mesa — declarou o diretor-geral da KGB. — Não sabemos que concessões vão exigir para isso, nem a extensão das concessões que querem fazer em seu programa, mas sem dúvida é uma mudança na posição americana.

— Acho difícil de acreditar — falou Yazov. — O programa deles vai muito bem... como você mesmo nos disse a semana passada, Nicolay Borissovich.

— Existem alguns desentendimentos políticos dentro do governo americano, e possivelmente uma luta pelo poder na própria CIA no momento. Acabamos de saber. De qualquer forma, essa foi a informação que recebemos, e a encaramos como medianamente confiável.

— Isto é uma surpresa. — Cabeças se voltaram para o local onde estava sentado o ministro das Relações Exteriores. Ele parecia cético. — Os americanos têm sido completamente intransigentes nesse ponto. Você disse "medianamente confiável", mas não totalmente?

— A fonte é altamente colocada, mas a informação ainda não foi confirmada. Saberemos mais por volta do fim da semana.

Assentimentos de cabeça percorreram a mesa. A delegação americana chegaria sábado ao meio-dia, e as negociações não teriam início antes de segunda-feira. Os americanos teriam 36 horas para se recuperar da diferença de fusos horários, durante as quais haveria um jantar de boas-vindas no Hotel da Academia de Ciências, e pouco mais.

— Tais informações obviamente são de grande interesse para minha equipe de negociações, mas acho tudo deveras surpreendente, particularmente em vista dos' relatórios aqui fornecidos sobre nosso programa *Estrela Brilhante* e seu equivalente.

— Existem motivos para acreditar que os americanos já sabem sobre *Estrela Brilhante* — respondeu Gerasimov suavemente. — Talvez tenham achado nosso progresso assustador.

— Houve algum vazamento? — perguntou outro membro. — Como?

— Ainda não temos certeza. " Estamos trabalhando nisso — respondeu Gerasimov, evitando olhar para o lado de Yazov. *Sua jogada, camarada ministro da Defesa.*

— Nesse caso, os americanos estariam mais interessados em fechar nosso programa do que em limitar o deles — observou Alexandrov.

— E eles acham que nossos esforços têm sido o oposto disso — resmungou o ministro das Relações Exteriores. — Seria bom para mim poder dizer ao meu pessoal quais são na verdade os verdadeiros pontos relevantes.

— Marechal Yazov? — chamou Narmonov. Não sabia que estava encostando o próprio aliado contra a parede.

Até agora, Gerasimov ainda não tinha certeza se Yazov sentia suficiente segurança política para levar o caso até seu protetor. Isto lhe daria a resposta. *Yazov tem medo da possibilidade — da certeza, corrigiu a si mesmo,* e Yazov já deve saber disso a essa altura — de que podemos desgraçá-lo. Também teme que Narmonov não arrisque sua posição política para salvá-lo. Será que fiz uma opção dupla, Yazov e Vaneyev? Se for assim, talvez seja interessante manter Yazov depois de substituir o secretário-geral... A decisão é sua, Yazov...

— Já ultrapassamos o problema da potência de saída do laser. O problema restante é o controle do computador. Estamos bem aquém da tecnologia americana devido à superioridade que possuem na indústria de informática. Somente na semana passada o camarada Gerasimov nos forneceu dados sobre o programa de controle americano, porém, quando estávamos começando a examiná-lo, o próprio programa foi ultrapassado pelos eventos. Não quero com isso criticar a KGB, claro...

Sim! Nesse momento Gerasimov teve certeza. *Ele está fazendo a própria proposta para mim. E a melhor parte: nenhum outro na sala, nem mesmo Alexandrov, percebeu o que acabou de acontecer.*

— ... na verdade, os dados ilustram tecnicamente "muito bem o problema, camaradas. Este também pode ser ultrapassado. Minha opinião é que estamos à frente dos americanos. Se eles souberem disso, ficarão com medo. Nossa posição para negociar, nesse ponto, tem sido objetar somente aos programas baseados no espaço, e não em terra, desde que sabemos que nossos sistemas baseados em terra são mais promissores que os similares americanos. Possivelmente a mudança na posição americana confirma isso. Se for assim, recomendaria contra a negociação de *Estrela Brilhante* em troca de qualquer outra coisa.

— Esta é uma opinião defensável — disse Gerasimov depois de um momento. — Dmitri Timofeyevich levantou uma questão a ser meditada aqui.

Cabeças acenaram em concordância ao redor. da mesa — sabiamente, eles todos pensavam, porém mais errados do que ousariam imaginar —, enquanto o diretor-geral da KGB e o' ministro da Defesa consumavam sua barganha com nada mais do que um olhar e uma sobrancelha levantada.

Gerasimov voltou-se para o chefe da mesa enquanto a discussão prosseguia a seu redor. O secretário-geral Narmonov observava o debate com interesse, fazendo apontamentos, sem notar o olhar do diretor-geral da KGB.

Será que essa cadeira é mais confortável do que a rninha?

19
VIAJANTES

Ryan ficou contente em saber que até mesmo a 89? Ala de Transporte Aéreo Militar preocupava-se com a segurança. As sentinelas que guardavam as chamadas "Asas do Presidente" na Base Aérea de Andrews portavam fuzis carregados e ostentavam expressões sérias para os "visitantes especiais", como a Força Aérea dos Estados Unidos designava os VIPs. A combinação de soldados armados e o aparato habitual de um aeroporto asseguravam que ninguém seqüestraria o avião presidencial e o levaria para... Moscou. Tinham uma tripulação qualificada para isso.

A Ryan acudiam sempre os mesmos pensamentos antes de voar. Enquanto aguardava para passar pelo detector de metais em forma de portal, imaginava que alguém havia entalhado na parte superior: ABANDONAI TODA ESPERANÇA, 0 VÓS QUE ENTRAIS. Ele acabara de superar seu medo de voar; sua ansiedade do momento decorria de um assunto completamente diferente, reconheceu para si mesmo. Não adiantou. Os temores são cumulativos, não paralelos, descobriu ele, enquanto saía do prédio.

Estavam tomando o mesmo avião que os levara da última vez. O número inscrito na cauda era 86971. O aparelho, um 707 que saíra da fábrica da Boeing em Seattle em 1958, fora convertido para a configuração VC-137. Mais confortável do que o VC-135, também tinha janelas. Se havia uma coisa que Ryan detestava, era viajar a bordo de um avião sem janelas. Não havia plataforma sanfonada de acesso à aeronave, e todos subiram a bordo por uma antiquada escada de rodas. No seu interior, o avião mostrava uma curiosa mistura do lugar-comum com o original. O lavatório da frente ficava no local habitual, perto da porta dianteira, porém imediatamente atrás localizava-se o console que dava ao avião conexão instantânea e segura, via rádios-satélite, com qualquer lugar do mundo. A seguir vinham as acomodações da tripulação, relativamente confortáveis, depois a cozinha. A comida a bordo da aeronave era muito boa. O lugar de Ryan ficava na área quase-DV, num dos dois conjuntos estofados em cada lado da fuselagem, bem à frente das seis poltronas reservadas para as pessoas mais importantes. A ré desses lugares situavam-se conjuntos de

cinco poltronas para repórteres, pessoal do Serviço Secreto, e outros menos qualificados, não se sabendo quem era o responsável por tais decisões. Essa área estava em grande parte vazia nessa viagem, embora alguns membros menos graduados da delegação se encontrassem lá, esticando as pernas para descontrair.

A única coisa realmente ruim sobre o VC-137 era seu alcance limitado. Não podia chegar até Moscou sem escalas, e geralmente parava para reabastecimento em Shannon antes de fazer o percurso final. O avião presidencial — na verdade existiam *dois* Air Force One — foi baseado no modelo 707-320, e logo haveria uma troca pelo ultramoderno 747. A Força Aérea estava ansiosa por possuir uma aeronave presidencial mais nova em idade do que a maioria da tripulação. Ryan também. Este aparelho saíra da fábrica quando ele cursava o segundo grau, e isso o preocupava mais que o normal. O que poderia ter acontecido na época?, imaginou ele. Seu pai podia tê-lo levado a Seattle, apontado o avião e dito: *Sabe, você vai voar para a Rússia naquele ali, um dia.*

Como se prevê o futuro? Como se prevê o futuro.... De início o tom era de brincadeira, mas depois de um instante o pensamento o aterrorizou.

Seu trabalho é prever o futuro, mas o que o faz pensar que pode mesmo fazê-lo? O que adivinhou errado dessa vez, Jack?

Merda!, enraiveceu-se consigo mesmo. *Toda vez que eu subo na porra de um avião...* Apertou o cinto, olhando para um técnico do Departamento de Estado que adorava voar.

Os motores foram ligados um minuto depois, e o avião começou a rodar na pista. Os avisos do intercomunicador não eram muito diferentes daqueles de uma companhia de aviação, apenas o suficiente para insinuar que não se tratava de uma. linha comercial. Jack já deduzira aquilo. A aeromoça tinha buço, quase como bigodes. Era algo para se divertir enquanto a aeronave taxiava até o final da pista Um-Esquerda.

Os ventos vinham do norte, e o VC-137 decolou contra eles, fazendo uma curva à direita um minuto depois. Jack voltou-se também, olhando para a estrada U. S. 50, a mesma que levava à sua casa em Annapolis. Perdeu a visão quando a aeronave penetrou nas nuvens. O véu branco e impessoal sempre lhe parecera uma bela cortina, mas agora... Agora significava que ele não podia ver o caminho de casa. Bem, nada que pudesse fazer quanto a isso. Ryan tinha o sofá inteiro à disposição, e

resolveu desfrutá-lo. Tirou os sapatos e esticou-se para tirar um cochilo. Uma coisa de que ele iria precisar era descanso. Disso tinha certeza.

Dallas subira à superfície na hora e lugar aprazados, depois foram avisados de uma mudança nos planos. Agora subiam novamente. Mancuso foi o primeiro a subir a escada até o alto da torre, seguido por um oficial menos graduado e dois vigias. O periscópio já esquadrinhava a superfície à procura de outras embarcações. A noite estava calma e clara, o tipo de céu que só se pode ver no mar, recoberto de estrelas, como brilhantes sobre veludo negro.

— Ponte para comandante. Mancuso apertou o botão.

— Pode falar, ponte.

— A vigilância eletrônica acusa um transmissor de radar aerotransportado no rumo um-quatro-zero. Curso parece firme.

— Muito bem. — O capitão se voltou. — Pode acender as luzes de navegação.

— Tudo claro a estibordo — anunciou um vigia.

— Tudo claro a bombordo — repetiu o outro.

— Contato ainda firme em um-quatro-zero. Força do sinal aumentando.

— Possível aeronave na proa, bombordo! — avisou um vigia. Mancuso ergueu o binóculo e começou a vasculhar na escuridão.

Se é que estava perto, as luzes de vôo não se encontravam acesas. Mas então ele viu um punhado de estrelas desaparecer, oculto por algum corpo...

— Achei. Bom olho o seu, Everly! Oh, acenderam as luzes de vôo.

— Ponte para comandante. Mensagem chegando.

— Passe para cá — respondeu prontamente Mancuso.

— Pronto, senhor.

— Eco-Golf-Nove, aqui é Alfa-Whiskey-Cinco, câmbio.

— Alfa-Whiskey-Cinco, aqui Eco-Golf-Nove. Estou ouvindo alto e claro. Senha para autenticação, câmbio.

— Bravo-Delta-Hotel, câmbio.

— Entendido. Entendido, obrigado. Estamos em alerta. Vento calmo. Mar liso.

Mancuso estendeu a mão e ligou as luzes dos instrumentos da estação de controle. Não necessárias no momento — o Centro de Ataque ainda detinha o comando —, dariam, ao helicóptero que se aproximava, um alvo.

Eles o ouviram um momento depois, a princípio só o ruído das pás do rotor, depois o silvo das turbinas. Menos de um minuto depois sentiram o vento de cima para baixo enquanto o helicóptero circulava duas vezes para se orientar. Mancuso perguntou-se se ele acenderia as luzes de aterrissagem ou viria no escuro.

Veio no escuro, ou, mais adequadamente, manobrou como se estivesse fazendo uma transferência pessoal sigilosa: uma "missão de combate". O piloto fixou-se nas luzes da torre do submarino e levou a aeronave a pairar 50 metros a bombordo. A seguir reduziu a altitude e deslizou de lado em direção ao submarino. A ré, viram a porta de carga se abrir. Uma mão estendeu-se e apanhou o gancho na ponta do cabo do guindaste.

— Todos em alerta — disse Mancuso a seu pessoal. — Já fizemos isso antes. Verifiquem seus cabos de segurança. Todo mundo tenha cuidado.

O vento de cima, soprando diretamente sobre eles, agora ameaçava atirar todos escada abaixo para o Centro de Ataque. Enquanto Mancuso observava, uma forma humana emergiu da porta de carga e foi baixada. Os dez metros pareceram durar uma eternidade enquanto a forma descia, girando levemente em virtude da torção do cabo de aço do guindaste. Um dos marinheiros esticou os braços e apanhou um pé, puxando o homem na direção deles. O capitão pegou uma das mãos, e os dois juntos o trouxeram a bordo.

— Tudo bem, já pegamos você — disse Mancuso.

O homem livrou-se das correias e virou-se enquanto o cabo voltava.

— Mancuso!

— Filho da puta! — exclamou o capitão.

— Isso é jeito de cumprimentar um camarada?

— Merda! — Mas os negócios vinham em primeiro lugar. Mancuso olhou para cima.

O helicóptero já se encontrava a 70 metros sobre eles. Ele estendeu a mão, acendendo e apagando as luzes de navegação do submarino por três vezes: TRANSFERÊNCIA COMPLETADA. O helicóptero imediatamente baixou o nariz e dirigiu-se de volta à costa alemã.

— Desça. — Bart riu. — Vigias para baixo. Saiam do passadiço. — *Filho de uma puta,* reclamou para si mesmo.

O capitão observou seus homens descendo as escadas, desligou as luzes de comando e realizou uma checagem final de segurança antes de descer atrás deles. Um minuto mais tarde estava no Centro de Ataque.

— Agora peço permissão para subir a bordo — falou Marko Ramius.

— Navegador?

— Todos os sistemas em alerta e verificados. Pronto para submergir — informou o navegador. Mancuso voltou-se automaticamente para verificar o painel.

— Muito bem. Submergir. Profundidade de 33 metros, curso zero-sete-um, a um terço. — Ele se voltou. — Bem-vindo a bordo, capitão.

— Obrigado, capitão. — Ramius envolveu Mancuso num feroz abraço de urso e beijou-o na bochecha. A seguir retirou a mochila que carregava. — Podemos conversar?

— Vamos para vante.

— E a primeira vez que venho a bordo do seu submarino — observou Ramius. Um momento mais tarde uma cabeça apareceu na porta da sala do sonar.

— Capitão Ramius! Reconheci sua voz! — Jones olhou para Mancuso. — Desculpe, senhor. Acabamos de fazer um contato rumando zero-oito-um. Parece um navio mercante. Uma hélice, com motores diesel de baixa potência. Provavelmente se afastando. Sendo relatado ao oficial de dia agora, senhor.

— Obrigado, Jonesy. — Mancuso levou Ramius para sua cabine e fechou a porta.

— Que diabo foi isso? — perguntou a Jones um jovem operador de sonar, pouco depois.

— Temos companhia.

— Notou um sotaque meio esquisito?

— Alguma coisa assim. — Jones apontou para o console do sonar. — Esse contato também tem sotaque. Vamos ver em quanto tempo você pode identificar que tipo de navio mercante é esse.

Era perigoso, mas tudo na vida era, pensou o Arqueiro. A fronteira soviético-afegã naquele local consistia num rio alimentado pela neve, que serpenteava através das gargantas que cavara montanhas adentro. A fronteira também era fortemente guardada. Ajudava, porém, o fato de todos os homens usarem uniformes de estilo soviético. Os russos há muito colocaram os soldados em uniformes simples e quentes de inverno. Os que

eles envergavam eram brancos para confundir-se com a neve, apresentando listras e manchas suficientes para alterar a silhueta. Naquele local, precisavam ser pacientes. O Arqueiro deitava-se inclinado sobre uma escarpa, usando binóculos russos para reconhecer o terreno, enquanto seus homens descansavam alguns metros atrás e abaixo dele. Poderia ter pedido o auxílio de um bando local de guerrilheiros, mas viera muito longe para arriscar aquilo. Algumas das tribos do norte haviam sido recrutadas pelos russos, ou pelo menos foi o que lhe disseram. Verdadeiro ou não, já corria riscos suficientes.

Havia um posto de guarda russo no topo da montanha à sua esquerda, a 6 quilômetros de distância. Era grande, talvez um pelotão inteiro residisse ali, e aqueles soldados da KGB eram responsáveis pelo patrulhamento desse setor. A fronteira em si estava protegida por uma cerca e campos minados. Os russos adoravam minar campos, mas o solo congelado não permitia que as minas funcionassem bem, embora ocasionalmente explodissem quando o gelo se derretia ao redor.

Escolhera cuidadosamente o ponto. A fronteira aqui parecia virtualmente intransponível — no mapa. Entretanto, os contrabandistas a vinham utilizando fazia séculos. Já do outro lado do rio havia uma passagem coleante formada por anos e anos de neve derretida. Se os russos a estivessem guardando, seria uma armadilha mortal. *Aquilo seria decidido pela vontade de Alá,* disse a si mesmo, *entregando-se ao destino.* Era hora.

Ele viu as línguas de fogo antes de ouvi-las. Dez homens com uma metralhadora pesada e um de seus preciosos morteiros. Algumas balas traçadoras amarelas passavam pela fronteira em direção ao acampamento russo. Enquanto observava, alguns dos projéteis ricochetearam nas pedras, desenhando trajetórias erráticas no céu de veludo. Então os russos começaram a responder aos disparos. O som o alcançou logo depois disso. Esperava que seus homens conseguissem escapar, enquanto se voltava e dava o sinal de avançar a seu grupo.

Eles correram para a encosta da montanha, sem prestar atenção à segurança. A única boa notícia era que os ventos tinham varrido a neve da superfície das rochas, tornando-as menos escorregadias. O Arqueiro liderou seus homens para baixo, em direção ao rio. Surpreendentemente, ele não estava congelado, pois o curso muito íngreme impedia que a água solidificasse, mesmo a temperaturas abaixo de zero.

Havia ainda a cerca de arame. Um jovem com um alicate manejado a duas mãos abriu passagem, e novamente o Arqueiro os liderou pelo vão. Seus olhos estavam acostumados à escuridão, e ele prosseguiu mais lentamente agora, correndo e olhando para o chão à procura das benditas saliências que indicariam a presença de minas no solo congelado. Ele não precisou avisar os que estavam atrás para ficar em fila indiana e pisar na rocha firme sempre que possível. Para a esquerda, foguetes iluminantes clareavam o céu, mas o tiroteio diminuíra bastante.

Levou quase uma hora, mas ele conseguiu atravessar todos os seus homens e prosseguir em direção à trilha de contrabandistas. Dois guerrilheiros ficariam para trás, cada um numa colina, vigiando a cerca. Observaram o sapador amador que cortara os fios fazendo os reparos necessários para ocultar a entrada. Depois ele também desapareceu na escuridão.

O Arqueiro não parou até o amanhecer. Estavam dentro do horário quando pararam por algumas horas para descansar e comer. Tudo correra bem, comentaram os oficiais, melhor do que haviam esperado.

A escala em Shannon foi curta, o tempo suficiente para reabastecer e receber a bordo um piloto soviético cujo trabalho era liberá-los através do sistema de controle do tráfego aéreo soviético. Jack acordou durante a aterrissagem e pensou em esticar as pernas, mas resolveu que as *free-shops* podiam esperar até a parada da volta. O russo tomou seu lugar numa poltrona na cabine, e o 86971 começou a rodar novamente.

Era noite agora. O piloto parecia loquaz, anunciando a aproximação de Wallasey. Toda a Europa, disse ele, apresentava tempo claro e frio, e Jack observava as luzes amarelo-alaranjadas das cidades inglesas deslizando abaixo deles. A tensão na aeronave cresceu — *talvez ansiedade fosse uma palavra melhor,* pensou ele, ao escutar o tom das vozes ao redor aumentar, embora em volume baixo. Não se podia voar para a União Soviética sem assumir um tom conspiratório. Logo todas as conversas eram feitas aos sussurros. Jack sorriu sem muita vontade em direção do plástico das janelas, e seu reflexo perguntou-lhe o que achava tão engraçado. A água apareceu novamente abaixo deles ao sobrevoarem o mar do Norte na direção da Dinamarca.

O Báltico veio a seguir. Podia-se dizer onde o Leste e o Ocidente se encontravam. Para o sul, as cidades da Alemanha Ocidental estavam alegremente iluminadas, cada uma delas cercada por um brilho acolhedor

das luzes. Não era o que acontecia do lado oriental da barreira de cercas e campos minados. Todos a bordo notaram a diferença, e as conversas diminuíram ainda mais.

A aeronave seguia a rota aérea G-24; o navegador na cabine tinha uma carta de navegação desdobrada sobre sua mesa. Outra diferença entre o Leste e o Ocidente era a escassez de rotas aéreas no primeiro. Bem, disse ele a si mesmo, não existem muitos Piper e Cessna aqui... Claro, tinha havido *aquele* Cessna do rapaz alemão...

— Subindo em curva. Estamos tomando o rumo zero-sete-oito, entrando sob o controle soviético.

— Certo — respondeu o comandante da aeronave, depois de um momento. Ele estava cansado. Havia sido um longo dia de vôo.

Ainda estavam no Nível de Vôo 381 — 38 100 pés, ou 11 600 metros de altitude. O piloto não gostava do sistema métrico, embora seus instrumentos fossem calibrados de ambas as maneiras. Depois de executar a curva, voaram por mais 100 quilômetros antes de cruzar a fronteira soviética em Ventspils.

— Estamos aquiii! — disse alguém próximo a Ryan.

Visto do ar, à noite, o território soviético fazia a Alemanha Oriental parecer Nova Orleans em pleno carnaval de Mardi Gras. Ele se lembrou das fotografias noturnas de satélites. Era tão fácil identificar os campos de prisioneiros do Gulag! Formavam as únicas áreas iluminadas por todo o país... Que lugar temível este, em que apenas as prisões são bem iluminadas.

O piloto marcou a entrada apenas como ponto de referência. Mais 85 minutos, dadas as condições do vento. O sistema soviético de controle de tráfego aéreo ao longo dessa rota — agora chamada G-3 — era o único no país que falava inglês. Na verdade, não precisavam do oficial soviético para completar essa missão — ele era um agente de informações da Força Aérea, claro —, mas, se algo corresse errado, a situação seria diferente. Os russos apreciavam a idéia de controle positivo. As ordens que ele recebia agora eram muito mais precisas do que receberiam em espaço aéreo americano, embora ele não soubesse o que fazer, a não ser que algum idiota em terra lhe dissesse. Nisso tudo havia um elemento interessante. O piloto era o coronel Paul von Eich. Sua família tinha vindo da Prússia para os Estados Unidos cem anos antes, mas nenhum deles fora capaz de retirar o "von" do nome, um importante símbolo de *status* familiar. Alguns de

seus ancestrais haviam lutado aqui, refletiu ele, nas planícies cobertas de neve do solo soviético. Certamente alguns parentes mais novos lutaram. Provavelmente alguns se achavam enterrados ali, enquanto ele passava no alto a 1 000 quilômetros por hora. Imaginou brevemente o que pensariam eles de seu trabalho, enquanto os pálidos olhos azuis percorriam o céu à procura das luzes de outros aviões.

Como a maioria dos passageiros, Ryan julgava sua altitude pelo que podia observar do solo, mas os escuros campos soviéticos lhe negavam essa possibilidade. Só soube que já estavam próximos quando a aeronave iniciou uma curva para a esquerda. Escutou um lamento mecânico quando os flaps baixaram e notou que o ruído dos motores diminuía. Logo foi capaz de ver as árvores deslizando. A voz do comandante fez-se ouvir, pedindo para apagarem os cigarros e atarem os cintos outra vez. Cinco minutos depois retornaram ao nível do solo no Aeroporto Sheremetyevo. A despeito do fato de que todos os aeroportos do mundo se pareciam, Ryan notou que este se diferenciava num detalhe — a pista de manobras era mais esburacada do que qualquer outra.

A conversa na cabine era mais animada agora. A excitação cresceu à medida que a tripulação da aeronave começou a se movimentar. O que se seguiu ficou envolto num borrão. O presidente Ernie Allen foi recepcionado por um comitê de boas-vindas de nível adequado, e partiu numa limusine da embaixada. Todos os outros foram relegados a um ônibus. Ryan sentou-se sozinho, ainda observando os campos do lado de fora do veículo alemão.

Será que Gerasimov vai morder a isca, de verdade?

E se não morder?

E se morder?, perguntou Ryan a si mesmo, com um sorriso.

Tudo parecera bastante objetivo em Washington, mas aqui, a 8 000 quilômetros de distância... Bem, primeiro dormiria um pouco, ajudado por um único comprimido vermelho fornecido pelo governo. Depois conversaria com algumas pessoas na embaixada. O resto viria por si.

20
A CHAVE DO DESTINO

O frio era cortante quando Ryan acordou com o sinal eletrônico do alarme de seu relógio. Gelo cobria as vidraças, mesmo sendo 10 da manhã, e ele compreendeu que não verificara se a calefação do quarto funcionava. A primeira atitude consciente do dia foi enfiar um par de meias. Seu quarto no sétimo andar — chamado de "apartamento eficiente" — dominava a vista do conjunto. Nuvens haviam se formado, e o dia tornara-se plúmbeo, com ameaça de neve.

— Perfeito — comentou Jack consigo mesmo a caminho do banheiro.

Ele sabia que poderia ser pior. Somente conseguira aquelas acomodações porque o agente que a habitava regularmente estava em lua-de-mel. Pelo menos o encanamento funcionava, mas ele encontrou um aviso preso com fita colante ao armarinho do banheiro, pedindo que ele não fizesse tanta bagunça quanto o último ocupante. A seguir foi verificar o refrigerador. Não havia nada dentro: *Bem-vindo a Moscou.* De volta ao banheiro, lavou-se e fez a barba. Outro fato estranho sobre a embaixada era que, para descer do sétimo andar, tinha-se que tomar um elevador até o nono e de lá mais um até b saguão. Jack ainda sacudia a cabeça inconformado quando entrou na cantina.

— Você não adora essa diferença de horários? — saudou-o um dos membros da delegação. — O café está ali.

— É o que chamo de choque de viagem. — Ryan apanhou uma caneca e voltou. — Bem, o café parece decente. Onde está todo mundo?

— Provavelmente ainda recolhidos, mesmo o tio Ernie. Dormi algumas horas no vôo, e agradeço a Deus pela pílula que nos deram.

Ryan não conteve uma risada.

— Eu também. Talvez até me sinta humano lá pela hora do jantar, esta noite.

— Quer explorar o terreno um pouco? Gostaria de fazer uma caminhada, mas...

— Andar aos pares — concordou Ryan. A regra aplicava-se aos participantes das negociações de armamentos. Esta fase seria crítica para

os negociadores, e as regras do grupo eram mais rígidas do que habitualmente. — Talvez mais tarde. Tenho trabalho a fazer.

— Hoje e amanhã são nossas únicas chances — lembrou o diplomata.

— Eu sei — concordou Ryan.

Verificou o relógio e resolveu que esperaria até a hora do almoço para comer. Seu ciclo de sono estava quase em sintonia com Moscou, mas o estômago ainda não sabia bem disso. Jack voltou para a chancelaria.

Os corredores encontravam-se em grande parte vazios. Fuzileiros os patrulhavam, com expressões sérias em virtude dos problemas recentemente ocorridos, porém havia pouca evidência de atividade naquele sábado de manhã. Jack caminhou até a porta apropriada e bateu. Sabia que estava trancada.

— Você é Ryan?

— Exato. — A porta se abriu para fazê-lo entrar, depois foi fechada e trancada.

— Pegue uma cadeira. — O nome dele era Tony Candeia. — O que há?

— Temos uma operação em andamento.

— Isso é novidade para mim. Você não pertence a Operações, é da Inteligência — objetou Candeia.

— É verdade. Bem, é o que Ivã também acha. Essa vai ser um pouco diferente. — Ryan explicou a operação por quase cinco minutos.

— "Um pouco diferente", você diz? — Candeia girou os olhos nas órbitas.

— Preciso de um ajudante para uma das partes. Preciso também de alguns números de telefone que eu possa chamar, e talvez precise de um carro que esteja no local e horário que eu determinar.

— Isso pode me custar alguns contatos.

— Sabemos disso.

— É claro que se funcionar...

— Certo. Precisamos nos esforçar de verdade desta vez.

— Os Foley sabem algo sobre isso?

— Receio que não.

— É uma pena. Mary Pat iria adorar. Ela é o *cowboy.* Ele é mais do tipo executivo. Então, espera que ele morda a isca na segunda ou terça-feira à noite?

— Esse é o plano.

— Pois deixe que eu lhe conte uma coisa sobre planos — disse Candeia.

Eles o deixaram dormir. Os médicos haviam-no prevenido outra vez, resmungou Vatutin. Como era possível que conseguisse alguma coisa se eles continuavam...

— Lá está aquele nome de novo — disse com voz cansada o homem com os fones de ouvido. — Romanov. Já que ele fala durante o sono, por que não confessa de uma vez?

— Talvez esteja conversando com o fantasma do czar — brincou outro agente. O rosto de Vatutin se ergueu.

— Ou talvez de uma outra pessoa. — O coronel balançou a cabeça. Ele mesmo estivera a ponto de cochilar. Romanov, embora fosse o

nome da extinta família real do Império Russo, não era um nome incomum — um dos membros do Politburo chamava-se assim.

— Onde está a pasta dele?

— Aqui. — O homem que brincara abriu uma gaveta e passou os documentos pedidos pelo superior.

O dossiê pesava 6 quilos e vinha dividido em várias partes. Vatutin tinha a maior parte dele em sua memória, mas havia se concentrado nas duas últimas seções. Desta vez abriu a primeira parte.

— Romanov... — murmurou para si mesmo. — Onde foi que eu vi esse nome?...

Levou quinze minutos folheando as páginas, tão rápido quanto possível.

— Achei! — Era uma citação, escrita a lápis. — Cabo A. I. Romanov, morto em ação em 6 de outubro de 1941, "... ousadamente colocou seu tanque entre o inimigo e o tanque avariado de seu comandante, permitindo-lhe retirar a tripulação ferida... " Sim, é isso mesmo. Essa estava num livro que li quando criança. Misha levou seus homens feridos para o convés de outro tanque, saltou para dentro e acertou pessoalmente o tanque que pegou Romanov. Ele salvou a vida de Misha e lhe foi concedida postumamente a Bandeira Vermelha... — Vatutin parou. Percebeu que estava chamando o prisioneiro de *Misha.*

— Quase cinqüenta anos atrás?

— Eles eram amigos. Esse rapaz, Romanov, fez parte da tripulação do tanque de Filitov durante os primeiros meses de campanha. Bem, ele foi um herói. Morreu pela Mãe Pátria, salvando a vida de seu oficial

comandante — observou Vatutin. *E Misha ainda fala com ele... Peguei você, Filitov.*

— Vamos acordá-lo e...

— Onde está o médico? — indagou Vatutin.

Descobriu-se que o médico estava a ponto de sair para casa, e não ficou nem um pouco contente em ser chamado de volta. Mas não tinha graduação suficiente para discutir com o coronel Vatutin.

— Como devemos proceder? — quis saber Vatutin, depois de explicar o caso.

— Ele deve estar cansado, mas bem acordado. Isso pode ser feito facilmente.

— Então devemos acordá-lo agora, e...

— Não. — O médico balançou a cabeça. — Não quando ele está na fase REM do sono.

— O quê?

— Movimento rápido dos olhos... É como chamamos quando o paciente está sonhando. Podemos saber se está sonhando pelo movimento dos olhos, quer ele esteja falando, quer não.

— Mas não podemos ver isso daqui — objetou outro agente.

— É verdade. Talvez devêssemos redesenhar o sistema de observação — brincou o médico. — Mas isso não importa muito. Durante o sono REM o corpo fica efetivamente paralisado. Você pode reparar que ele não está se movendo agora, certo? A mente faz isso para evitar danos ao corpo. Quando ele começar a mover-se outra vez, é porque o sonho terminou.

— Quanto tempo? — perguntou Vatutin. — Não queremos que ele fique muito descansado.

— Depende do paciente, mas eu não ficaria muito preocupado com isso. Mande o carcereiro ficar com uma refeição preparada, e, logo que ele começar a mover-se, acordem-no e sirvam-lhe a comida.

— É claro. — Vatutin sorriu.

— Depois, é só mantê-lo acordado, oito horas ou um pouco mais. É, acho que isso será suficiente. É tempo bastante para você?

— Certamente — afirmou Vatutin, aparentando mais confiança do que sentia.

Ficou em pé e verificou seu relógio. O coronel do "Dois" chamou, o Centro e deu algumas ordens. Seu organismo também pedia um pouco de sono. Mas para ele havia uma cama confortável. Queria estar com a mente

clara quando a hora chegasse. O coronel despiu-se metodicamente, chamando um ordenança para polir suas botas e passar seu uniforme enquanto dormia. Estava tão cansado que não sentiu necessidade de álcool.

— Peguei você — murmurou ao deixar-se levar pelo sono.

— Boa noite, Bea — despediu-se Candi à porta, enquanto a amiga abria o carro.

Taussig virou-se uma última vez e acenou antes de entrar. Candi e o Monstrinho não puderam ver a maneira violenta como ela enfiava a chave no contato. Dirigiu apenas meio quarteirão, virando uma esquina antes de encostar ao meio-fio e olhar para o céu noturno.

Já estão fazendo aquilo, pensou ela. *Durante o jantar inteiro, a maneira como ele olhava para ela... e a maneira como ela olhava para ele! Aquelas mãozinhas sequiosasjá estariam brigando com os botões da blusa dela...*

Acendeu um cigarro e recostou-se no banco, imaginando a cena enquanto seu estômago se contraía numa bola rija e ácida. O Cara-Espinhenta e Candi. Ela suportara três horas daquilo, o jantar como sempre bem preparado de Candi. Por vinte minutos, enquanto ela dava os retoques finais na cozinha, Taussig ficara na sala com *ele,* escutando piadas idiotas e tendo de sorrir polidamente. Ficava claro que Alan tampouco gostava dela, mas por ser amiga de Candi ele sentia-se obrigado a ser simpático, bonzinho com a pobre Bea, que estava a caminho de tornar-se solteirona, ou seja lá que nome usavam agora — vira isso nos tolos olhos dele. Ser suportada por ele já era ruim o suficiente, mas que sentisse piedade...

E agora ele a devia estar tocando, beijando-a, escutando seus murmúrios, sussurrando melosidades estúpidas — e Candi apreciava aquilo tudo! Como isso era *possível?*

Candace era mais do que bonita, como Taussig sabia. Era um espírito livre. Tinha uma mente de descobridora, aliada a uma alma cálida e sensível. Seus sentimentos fortes a tornavam maravilhosamente feminina, com aquele tipo de beleza que começa no coração e se irradia através do sorriso perfeito.

Mas agora ela está se entregando àquela coisa! Ele provavelmente já está gozando. Aquele monstrinho não deve ter nenhuma idéia de como se conter e demonstrar amor e sensibilidade de verdade. Aposto que ele vai e

faz de uma vez, babando e dando risadinhas como um atleta adolescente de 15 anos. Como ousa!

— Oh, Candace — gemeu a voz de Bea.

Ela foi invadida pela náusea e precisou lutar para controlar-se. Teve sucesso, e ficou sozinha sentada no carro por vinte minutos de silenciosas lágrimas, antes de ser capaz de guiar novamente.

— O que acha disso?

— Acho que ela é lésbica — disse a agente Jennings depois de um momento.

— Não há nada disso na ficha dela, Peggy — observou Will Perkins.

— A maneira como ela olha para a doutora Long, e a maneira como reage com Gregory... É o que eu sinto.

— Mas...

— Certo, e o que podemos fazer sobre isso? — observou Margaret Jennings enquanto dirigia. Brincou com a idéia de ir atrás de Taussig, mas o dia fora longo e cansativo. — Não há evidências, e mesmo se tivéssemos e agíssemos de acordo, teríamos que perder um bom tempo.

— Você acha que os três...

— Will, você anda lendo aquelas revistinhas outra vez. — Jennings riu, quebrando o clima por um instante. Perkins era mórmon e jamais tinha tocado em material pornográfico. — Aqueles dois estão tão apaixonados que não têm idéia do que se passa em volta deles... a não ser pelo trabalho. Aposto que a conversa na cama é sobre assuntos sigilosos. O que acontece, Will, é que Taussig está sendo cortada da vida da amiga e não está contente com isso. Ela resiste.

— Então como anotamos isso?

— Um monte de nada.

O trabalho deles naquela noite tinha sido verificar uma denúncia de que carros estranhos eram ocasionalmente vistos na residência dos Gregory-Long. *Provavelmente originada,* pensou a agente Jennings, *de um puritano local que achava que duas pessoas não podiam viver juntas sem a papelada adequada.* Ela mesma era um pouco antiquada sobre o assunto, mas isso não tornava nenhum dos dois um risco para a segurança. Por outro lado...

— Acho que deveríamos escolher Taussig para checar a seguir.

— Ela mora sozinha.

— Tenho certeza disso. — Levaria algum tempo para verificar todos os membros graduados de *Tea Clipper,* mas não se podia apressar esse tipo de investigação.

— Não devia ter vindo aqui — comentou Tânia imediatamente ao abrir a porta. O rosto não demonstrava a raiva que sentia. Tomou a mão de Taussig e levou-a para o interior.

— Ann, foi simplesmente horrível.

— Venha sentar-se. Foi seguida? — *Idiota! Pervertida!* "Ann" acabara de sair do chuveiro e trajava um roupão de banho, com uma toalha enrolada sobre o cabelo.

— Não. Verifiquei o caminho todo.

Claro, pensou Bisyarina. Ela ficaria surpresa se soubesse que era verdade. A despeito da displicente segurança do projeto — permitir o ingresso de alguém assim no interior! —, a agente quebrara todas as regras ao aparecer em sua casa.

— Não pode ficar por muito tempo.

— Eu sei. — Ela assoou o nariz. — Eles quase terminaram o primeiro esboço do novo programa. O Monstrinho reduziu os comandos em oitenta mil linhas de código... e retirou toda aquela história de inteligência artificial, o que faz uma boa diferença. Sabe, eu acho que ele tem decorado na cabeça todo o material novo... Eu sei, eu sei que é impossível, mesmo para *aquilo.*

—Quando é que vai poder...

— Não sei. — Taussig sorriu por um segundo. — Devia tê-lo trabalhando para você. Acho que ele é o único que realmente entende todo o programa... quero dizer, todo o projeto.

Infelizmente tudo que temos é você, Bisyarina deixou de dizer em voz alta. O que ela fez foi muito mais difícil. Estendeu a mão e tomou a de Taussig.

As lágrimas começaram novamente. Beatrice quase saltou nos braços de Tânia. A mulher russa abraçou-a, tentando sentir compaixão por sua agente. Tinha assistido a muitas aulas na escola da KGB, todas elas preparadas para auxiliar a manobrar os agentes. Era preciso uma mistura de compaixão e disciplina. Era preciso tratá-los como crianças mimadas, misturando favores e repreensões para que atuassem. E a agente Li via era a mais importante de todas.

Mesmo assim foi difícil virar o rosto para a cabeça que repousava em seu ombro e beijar a bochecha salgada por lágrimas antigas e recentes. Bisyarina respirou mais livremente quando sentiu que não precisaria ir além disso. Ela nunca precisara ir além disso, mas vivia com medo de que "Livia" exigisse mais dela algum dia — certamente aconteceria se ela compreendesse que sua pretensa amante não tinha o menor interesse em seus avanços. Bisyarina maravilhava-se com aquilo. Beatrice Taussig era brilhante à sua maneira, certamente mais do que a agente que a controlava, mas sabia pouco sobre as pessoas. A maior ironia é que ela era muito parecida com o Alan Gregory que tanto detestava. Embora fosse mais bonita e mais sofisticada, faltava-lhe também a capacidade de atingir as pessoas quando precisava. Gregory provavelmente fizera isso pelo menos uma vez, e essa era a diferença entre os dois. Ele chegou primeiro porque Beatrice não teve coragem de fazê-lo. *Foi melhor assim,* pensou Bisyarina. A rejeição a teria destruído.

Bisyarina imaginou como seria Gregory. Provavelmente outro acadêmico — como era mesmo que os ingleses os chamavam? *Boffins,* ou sabichões. Um *boffin* brilhante — bem, todos os que estavam ligados a *Tea Clipper* eram brilhantes de um modo ou de outro. Aquilo a assustava. À sua própria maneira, Beatrice estava orgulhosa do programa, embora o considerasse como uma ameaça à paz mundial, um ponto com o qual Bisyarina concordava. Gregory era um *boffin* que queria mudar o mundo. Bisyarina entendia sua motivação. Também ela queria mudá-lo, só que em outro sentido. Gregory e *Tea Clipper* eram uma ameaça àquilo. Ela não o odiava. *Se tivesse de escolher, pensou, provavelmente gostaria dele.* Mas sentimentos pessoais não podiam ser cogitados nos serviços secretos.

— Está se sentindo melhor? — perguntou ela quando as lágrimas cessaram.

— Preciso ir.

— Tem certeza de que está bem?

— Tenho. Não sei quando vou poder...

— Entendo. — Tânia acompanhou-a até a porta.

Pelo menos tivera o bom senso de estacionar o carro em outro quarteirão, reparou "Ann". Ela esperou, segurando a porta até ouvir o som inconfundível de um carro esporte. Depois de fechar a porta, olhou para suas mãos e foi ao banheiro lavá-las.

A noite caiu cedo em Moscou, o sol escondido pelas nuvens que começavam a despejar sua carga de neve. A delegação reuniu-se no vestíbulo da embaixada e embarcou nos carros destinados a levá-los até o local do jantar de boas-vindas. Ryan estava no carro número 3 — uma pequena promoção desde a última viagem, reparou ele amargamente. Quando a caravana partiu, lembrou-se de uma observação do motorista durante a última vez, de que as ruas de Moscou tinham nomes principalmente para identificar os buracos no asfalto. O carro avançou para leste, por entre ruas praticamente vazias. Atravessaram o rio em frente ao Kremlin e passaram pelo Parque Górki. Pôde notar que o parque se encontrava alegremente iluminado, cheio de patinadores sob a neve que caía. Era bom ver pessoas comuns divertindo-se de verdade. Até mesmo Moscou era uma cidade de verdade, cheia de pessoas comuns, vivendo vidas comuns. Tratava-se de um fato fácil de esquecer quando o trabalho o forçava a concentrar-se num pequeno grupo de inimigos.

O carro virou na Praça Outubro, e após várias manobras intrincadas estacou frente ao Hotel da Academia de Ciências. Era um prédio em estilo quase moderno, que nos Estados Unidos poderia ser tomado por um conjunto de escritórios. Uma linha de vidoeiros abandonados entre a parede cinza de concreto e a rua, os galhos nus e sem vida estendendo-se em direção ao céu salpicado. Ryan meneou a cabeça. Com mais algumas horas de nevasca, a cena ganharia beleza. A temperatura girava em torno de zero — Ryan pensava em graus Farenheit, não em centígrados —, e o vento estava quase parado. Condições perfeitas para a queda de neve. Ele sentia o ar pesado e frio ao seu redor enquanto se encaminhava para a entrada principal do hotel.

Como a maior parte dos prédios russos, aquele estava superaquecido. Jack retirou seu casaco e passou-o ao atendente. A delegação soviética já estava perfilada para saudar seu pares americanos, que se misturavam à fila de anfitriões, terminando todos numa mesa de bebidas, da qual compartilhavam. Haveria noventa minutos de coquetéis e confraternização antes do jantar propriamente dito. Bem-vindo a Moscou. Ryan aprovou o esquema. Uma quantidade suficiente de álcool poderia fazer com que qualquer refeição parecesse uma festa, e ainda lhe faltava experimentar uma refeição russa que saísse do trivial. A sala estava parcamente iluminada, permitindo que todos apreciassem pelas grandes vidraças o espetáculo da neve que caía.

— Olá novamente, doutor Ryan — disse uma voz familiar.

— Sergey Nikolayevich, espero que não esteja dirigindo esta noite — falou Jack, gesticulando com sua taça de vinho em direção ao cálice de vodca de Golovko. As bochechas do russo estavam coradas, os olhos azuis brilhando com alcoólica jovialidade.

— Apreciou o vôo ontem à noite? — perguntou o coronel da GRU. Riu alegremente antes que Ryan pudesse responder. — Ainda tem medo de voar?

— Não, o que me incomoda de verdade é atingir o chão. — Jack sorriu. Ele sempre fora capaz de rir do seu temor principal.

— Ah, sim. Seu ferimento nas costas, da queda do helicóptero. É compreensível.

— Quanta neve acha que teremos esta noite? — Ryan apontou em direção às janelas.

— Talvez meio metro, talvez um pouco mais. Não é uma nevasca muito forte, mas amanhã o ar estará fresco e claro, e a cidade vai resplandecer com seu manto branco. — Golovko foi quase poético em sua descrição.

Ele já está bêbado, disse Ryan a si mesmo. Bem, esta noite deveria ser uma ocasião social, nada mais, e os russos sabiam ser muito hospitaleiros, quando queriam. Embora um dos homens experimentasse sensações bem diferentes, recordou-se Jack.

— Sua família está bem? — indagou Golovko, ao alcance dos ouvidos de outro membro da delegação americana.

— Está, sim, obrigado. E a sua?

Golovko gesticulou para que Jack o seguisse ao longo da mesa de bebidas. Os garçons ainda não haviam saído. O agente de informações apanhou outro copo de vodca.

— Sim, todos estão bem. — Ele sorriu largamente. Sergey era a própria imagem da boa camaradagem russa. Seu rosto não se alterou nem um pouco quando pronunciou as palavras seguintes: — Segundo fui informado, deseja encontrar-se com o diretor-geral Gerasimov.

Meu Deusl A expressão de Jack congelou-se; seu coração pulou uma ou duas batidas.

— É mesmo? O que lhe deu essa idéia?

— Não pertenço à GRU na verdade, Ryan. Minha tarefa original era no Terceiro Diretório, mas desde então mudei para outras coisas —

explicou ele, antes de rir novamente. Essa risada era autêntica. Ele acabara de invalidar os dados da CIA sobre sua pesssoa, mais a própria observação de Ryan. Sua mão deslocou-se para dar uma tapinha no ombro esquerdo de Ryan. — Vou deixá-lo ir agora. Em cinco minutos você passará pela porta atrás de você e para a esquerda, como se estivesse procurando o banheiro. Depois disso, seguirá instruções. Entendido? — Novo tapinha no braço de Ryan.

— Entendido.

— Não o verei mais esta noite. — Apertaram-se as mãos e Golovko afastou-se.

Merdal, resmungou Ryan para si mesmo. Um grupo de violinistas entrou na sala de recepção, dez ou quinze deles tocando temas ciganos enquanto circulavam. *Deviam ter praticado muito,* pensou Jack, para tocar em sincronismo perfeito a despeito da sala escura e dos próprios meneios aleatórios. Os movimentos e a relativa escuridão tornavam muito difícil ouvir alguém individualmente durante a recepção. Era um toque profissional direcionado no sentido de facilitar a saída de Jack.

— Olá, doutor Ryan — disse outra voz.

Era um jovem diplomata soviético, um assessor que tomava notas e fazia pequenos serviços para os mais graduados. Agora Jack sabia que ele também pertencia à KGB. Compreendeu que Gerasimov não estava contente com uma única surpresa para a noite. Queria impressionar Ryan com a precisão da KGB. *Vamos ver quanto a isso,* pensou ele, mas a bravata pareceu-lhe vazia. Muito cedo, muito cedo.

— Boa noite. Nós nunca nos encontramos. — Jack enfiou a mão no bolso da calça e sentiu seu chaveiro. Não o havia esquecido.

— Meu nome é Vitaly. Sua ausência não será notada. O banheiro fica nessa direção. — Ele apontou.

Jack passou-lhe seu copo e andou em direção à porta. Ficou quase paralisado ao deixar a sala. Ninguém ali poderia sabê-lo, mas o corredor estava deserto, exceto pelo homem no extremo mais distante, que gesticulou uma vez. Ryan andou em sua direção.

Oh, merda. Lá vamos nós...

Era um homem de seus 30 anos, aparentemente muito forte. Embora seu físico estivesse oculto pelo sobretudo, ele se movia da maneira vigorosa e eficiente de um atleta. A expressão facial e os olhos penetrantes faziam dele um guarda-costas. A melhor idéia que ocorreu a Ryan foi que

ele devia parecer nervoso. Não era necessário muito talento para isso. O homem conduziu-o além da esquina do corredor e lhe passou um sobretudo russo e um chapéu de pele, depois pronunciou uma única palavra:

— Venha.

Levou Ryan por um corredor de serviço e saíram para o ar frio de uma viela. Outro homem estava aguardando no exterior, a vigiar. Acenou brevemente para o acompanhante de Ryan, que se voltou e fez sinal a Jack para apressar-se. A viela terminava na Rua Shabolovka, e os dois viraram à direita. Esta parte da cidade era antiga, como Jack percebeu imediatamente, com prédios em sua maioria de antes da Revolução. O centro da rua tinha trilhos incrustados nos pedregulhos, e acima ficavam os fios que forneciam energia aos bondes. Ele observou enquanto um deles passava ruidosamente — na verdade eram dois carros ligados, pintados de branco sobre vermelho. Continuaram através da rua escorregadia rumo a uma construção de tijolos vermelhos que parecia ter teto de alumínio. Ryan não estava certo sobre o que seria, até que viraram a esquina.

Era uma garagem de bondes, ele compreendeu, recordando-se de lugares parecidos em Baltimore, onde passara a infância. Os trilhos se curvavam para dentro, depois divergiam para vários compartimentos na garagem. Parou por um momento, mas seu acompanhante lhe fez um sinal urgente para prosseguir, levando-o em direção ao nicho mais afastado, à esquerda.. No interior, claro, havia bondes alinhados como gado adormecido na escuridão. Tudo completamente parado aqui, percebeu ele com surpresa. Nada de gente trabalhando, do som de martelos e ferramentas. O coração de Ryan batia forte ao passar por dois bondes imóveis. Seu acompanhante parou no terceiro. As portas estavam abertas, e um terceiro homem do tipo guarda-costas desceu e examinou-o. Imediatamente pôs-se a revistá-lo, procurando por armas numa busca rápida mas completa, e não encontrando nenhuma. Um aceno do polegar o dirigiu para cima e para dentro do bonde. Evidentemente o carro acabara de chegar, pois ainda havia neve no primeiro degrau. Ryan escorregou e teria caído se um dos homens da KGB não tivesse segurado seu braço. Ele lançou a Jack um olhar que no Ocidente teria sido acompanhado por um sorriso, porém os russos não são um povo sorridente, a menos que o desejem. Subiu outra vez, as mãos firmes nas alças de segurança. *Tudo o que tem a fazer...*

— Boa noite — ouviu uma voz dizer. Não muito alto, pois era desnecessário.

Ryan apertou os olhos e viu a luz alaranjada da brasa de um cigarro. Inspirou profundamente e andou nessa direção.

— Diretor-geral Gerasimov, presumo?

— Não me reconhece? — Um tom divertido na voz. O homem acendeu seu isqueiro ocidental a gás para iluminar-lhe a face. Era Nikolay Borissovich Gerasimov. A chama dava a seu rosto a aparência certa. O Príncipe das Trevas em pessoa...

— Agora sim — disse Jack, lutando para controlar a voz.

— Segundo fui informado, deseja falar comigo. Como posso ser útil? — perguntou ele num tom cortês que destoava do cenário.

Jack voltou-se e indicou os dois guarda-costas que permaneciam em pé à porta do carro. Não precisou dizer nada. Gerasimov pronunciou uma simples palavra em russo, e ambos se afastaram.

— Por favor, desculpe-os, mas o dever deles é proteger o diretor-geral, e meus homens levam as ordens muito a sério. — Acenou em direção à cadeira em frente à sua. Ryan sentou-se.

— Não sabia que falava tão bem o inglês.

— Obrigado. — Um gesto cortês seguido de uma observação em tom comercial: — Devo preveni-lo de que o tempo é curto. Tem informações para mim?

— Sim, tenho. — Jack enfiou a mão no interior do casaco. Gerasimov ficou tenso por um instante, depois relaxou. Só um maluco tentaria matar o chefe da KGB, e ele sabia pelo dossiê de Ryan que ele não era louco. — Tenho uma coisa para você — declarou o americano.

— Sim? — Impaciência.

Gerasimov não gostava de ficar esperando. Observou as mãos de Ryan mexendo em alguma coisa e ouviu o som de metal contra metal. A falta de jeito de Ryan desapareceu quando a chave saiu do anel, e ao falar adotou um tom diferente.

— Aqui está. — Ryan passou o objeto.

— O que é isto? — O tom era de suspeita, agora. Alguma coisa estava muito errada, errada o suficiente para que a voz o traísse.

Jack não o fez esperar. Falou num tom de voz que vinha ensaiando há uma semana. Sem reparar, falou mais rápido do que pretendera.

— Isto, diretor-geral Gerasimov, é a chave de controle das ogivas nucleares do submarino lançador de mísseis balísticos *Outubro Vermelho.* Foi-me dada pelo capitão Marko Aleksandrovich Ramius quando ele desertou. Ficará contente em saber que ele gosta de sua nova vida nos Estados Unidos, bem como todos os oficiais.

— O submarino foi...

Ryan cortou suas palavras. A luz era escassa para ver o contorno do rosto, mas suficiente para perceber a mudança de expressão na face do homem.

— Destruído pelas próprias cargas de demolição? Não. O espião de bordo disfarçado de cozinheiro... chamava-se Sudets, se não me engano... bem, não há sentido em esconder isso. Eu o matei. Não me orgulho disso, mas era ele ou eu. Para dizer a verdade, ele era um jovem corajoso — afirmou Jack, recordando-se dos dez minutos horríveis que passara na sala de mísseis do submarino. — Sua pasta sobre mim não menciona nada sobre operações, menciona?

— Mas...

Jack interrompeu-o novamente. Não era hora para refinamentos. Precisavam abalar o homem, precisavam sacudi-lo forte.

— Senhor Gerasimov, existem algumas coisas que desejamos de você.

— Bobagem. Nossa conversa terminou. — Mas Gerasimov não se levantou, e dessa vez Ryan o fez esperar pelo tempo de algumas batidas de coração.

— Queremos o coronel Filitov de volta. Seu relatório oficial ao Politburo afirmou que o submarino foi destruído e que uma deserção provavelmente^ nunca foi planejada, mas a segurança da GRU foi penetrada e recebeu ordens falsas depois que os motores foram sabotados. A informação chegou até você através do agente Cassius. Ele trabalha para nós — explicou Jack. — Você usou esse assunto para desgraçar o almirante Gorshkov e para reforçar seu controle sobre a segurança militar interna. Ainda estão furiosos com isso, não é? Portanto, se não tivermos de volta o coronel Filitov, na semana que vem em Washington, uma história será distribuída à imprensa a tempo para as edições de domingo. Vai conter detalhes da operação e uma fotografia do submarino em repouso numa doca seca em Norfolk, Virgínia. Depois disso vai aparecer o capitão Ramius. Ele vai dizer que o supervisor político da embarcação... um dos

homens do seu Departamento Três, eu suponho... fazia parte da conspiração. Infelizmente, Putin morreu logo após a chegada, de ataque cardíaco. É uma mentira, naturalmente, mas tente provar o contrário.

— Não pode me chantagear, Ryan! — Não havia emoção nenhuma, agora.

— Mais uma coisa. A Iniciativa de Defesa Estratégica não está na mesa de negociações. Você disse ao Politburo que estava? — indagou Jack. — Está acabado, senhor Gerasimov. Temos a possibilidade de desgraçá-lo, e você é um alvo muito bom para deixar passar. Se não tivermos Filitov de volta, podemos fazer vazar todo tipo de coisas. Algumas serão confirmadas, mas as realmente boas serão negadas, enquanto o FBI lança uma investigação completa para identificar os autores.

— Vocês não fizeram tudo isso por causa de Filitov — afirmou Gerasimov, agora com a voz controlada.

— Não exatamente. — De novo ele fez com que o outro esperasse um pouco: — Queremos que você saia também.

Jack deixou o bonde cinco minutos mais tarde. Seu acompanhante levou-o de volta ao hotel. A atenção aos detalhes era impressionante. Antes de retornar ao vestíbulo, os sapatos de Jack foram enxugados completamente. Ao entrar novamente na sala, ele foi imediatamente até a mesa com as bebidas, mas encontrou-a vazia. Avistou um garçom com uma bandeja e apanhou o primeiro drinque que pôde alcançar. Descobriu que era vodca, mas mesmo assim Ryan virou-a de um só gole antes de apanhar outra. Quando acabou a segunda, começou a perguntar-se onde seria o banheiro, de fato. Descobriu que ficava exatamente no lugar que lhe fora indicado. Jack chegou lá bem em tempo.

Foi preparado tão minuciosamente quanto se poderia fazê-lo durante uma simulação em computador. Nunca antes haviam feito um assim, claro, e era exatamente esse o propósito do teste. O computador de controle no solo não sabia o que estava fazendo, nem tampouco os outros. Uma das máquinas, programada para acusar uma série de contatos distantes pelo radar, recebia um conjunto de sinais idênticos aos gerados pelo satélite *Flying Cloud,* enviados por um dos "pássaros" do Programa de Apoio à Defesa em órbita geoestacionária. O computador passava essa informação para o computador de controle em terra, que checava os critérios de autoridade para liberar o uso de armas e decidia que eram válidos. Levou

alguns segundos para que os geradores de laser atingissem a potência necessária, e eles acusaram prontidão poucos segundos depois.

O fato de que os geradores em questão não existiam de verdade não era pertinente ao teste. O espelho de terra existia, e respondeu às instruções do computador, enviando o feixe laser imaginário para o espelho de apoio 800 quilômetros acima. Esse espelho, recentemente transportado pelo ônibus espacial e atualmente sobre a Califórnia, recebia suas próprias instruções e alterava a configuração de acordo com elas, transmitindo o feixe laser ao espelho de combate, que estava na fábrica Lockheed em vez de se achar em órbita, e recebia instruções por terra. Em todos os três espelhos era mantido um controle rígido das distâncias focais e ajustes de azimute em constante mudança. Essas informações chegavam enfim ao monitor de disparos no Controle Geral, em *Tea Clipper*.

O teste que Ryan observara algumas semanas antes possuíra vários propósitos. Ao validar a arquitetura do sistema, tinham também recebido dados empíricos inestimáveis sobre o funcionamento real do equipamento físico. Como resultado disso, agora podiam simular exercícios reais em terra, com confiança quase absoluta nos resultados teóricos.

Gregory girava uma caneta esferográfica nas mãos enquanto os dados apareciam no terminal de vídeo, depois de ter parado de mastigá-la por medo de encher a boca de tinta.

— Muito bem, esse é o último tiro — anunciou um engenheiro. — Lá vem a contagem.

— Uau! — exclamou Gregory. — Noventa e seis em cem! Qual o tempo de ciclagem?

— Ponto zero-um-seis — respondeu um perito em *software*. — Isso representa quatro milésimos abaixo do esperado... Podemos checar duas vezes cada comando de mira enquanto o laser recarrega.

— E isso aumenta o rendimento em trinta por cento — disse Gregory. — Podemos até tentar atirar-olhar-atirar, em vez de atirar-atirar-olhar, e ainda economizar tempo no final. *Pessoal!* — Ele deu um pulo e ficou em pé. — *Conseguimos!* A porra do *software* está pronta! *Quatro meses antes do prometido!*

A sala irrompeu em exclamações de alegria que ninguém, além da equipe de trinta pessoas, teria entendido.

— Muito bem, seus nojentos do laser! — gritou alguém. — Façam a parte de vocês e construam o raio da morte! A mira já está *pronta!*

— Seja gentil com os nojentos do laser. — Gregory riu. — Trabalho com eles também.

Do lado de fora da sala, Beatrice Taussig estava simplesmente passando perto da porta, a caminho de uma reunião de rotina, quando ouviu a bagunça. Ela não podia entrar no laboratório — dotado de uma fechadura cifrada, da qual ela não tinha a combinação —, mas também não precisava. A experiência da qual tivera uma pista durante o jantar da noite anterior acabava de ser completada. O resultado era suficientemente óbvio. *Candi estava lá dentro, provavelmente bem ao lado do Monstrinho,* pensou ela. Continuou seu caminho.

— Graças a Deus não há muito gelo — comentou Mancuso, olhando através do periscópio. — Sessenta centímetros, talvez noventa.

— Haverá um canal desimpedido aqui. Os navios quebra-gelos mantêm todos os portos da costa abertos — disse Ramius.

— Abaixar periscópio — ordenou o capitão a seguir. Foi até a mesa de mapas. — Quero os cálculos para que nos desloquemos 200 metros para o sul, depois até o fundo. Isso vai nos colocar sob um teto espesso de neve, e deve manter a distância os Grisha e Mirka.

— Certo, capitão — respondeu o contramestre.

— Vamos tomar um pouco de café — Mancuso convidou Ramius e Clark.

Conduziu-os um convés abaixo e para estibordo em direção à copa. Em todas as ocasiões semelhantes nos últimos quatro anos, Mancuso ficava nervoso. Estavam a menos de 70 metros de profundidade, à vista da costa soviética. Se descobertos e localizados por um navio soviético, seriam atacados. Já acontecera antes. Embora nenhum submarino ocidental tivesse na verdade sofrido algum dano, sempre havia uma primeira vez para essas coisas, especialmente se se começava a achar tudo seguro, disse o capitão do *Dallas* a si mesmo. Sessenta centímetros de gelo eram demais para os cascos finos dos barcos de patrulha classe Grisha, e sua principal arma anti-submarina, um lançador múltiplo de foguetes chamado RBU-6000, era inútil sobre o gelo, porém um Grisha poderia chamar um submarino. Havia submarinos russos por perto. No dia anterior tinham ouvido dois.

— Café, senhor? — indagou o encarregado da copa. Obteve um aceno positivo e trouxe um bule e xícaras.

— Tem certeza de que estamos perto o suficiente? — perguntou Mancuso a Clark.

— Tenho. Posso entrar e sair.

— Não vai ser muito divertido — observou o capitão.

Clark deu um sorriso afetado.

— É por isso que me pagam tanto. Eu...

A conversa cessou por um instante. O casco do submarino estalou enquanto ele assentava no fundo, adernando levemente. Mancuso olhou para o café em sua xícara, calculando a inclinação em 6 a 8 graus. O machismo típico dos tripulantes de submarino não deixou que externasse qualquer reação, porém ele nunca realizara uma manobra como essa não com o *Dallas*. Um punhado de submarinos da Marinha dos Estados Unidos fora especialmente projetado para essas missões. Os especialistas podiam identificá-los com uma olhada aos poucos dispositivos especiais fixados ao casco, mas o *Dallas* não contava entre eles.

— Quanto tempo vai demorar? — perguntou Mancuso.

— Pode ser que simplesmente não aconteça — observou Clark. — Quase metade das missões não acontece. A espera mais longa que já tive de suportar desse jeito foi... doze dias, eu acho. Pareceu um tempo incrivelmente longo. Daquela vez não aconteceu nada.

— Pode dizer quantas? — quis saber Ramius.

— Desculpe, senhor. — Clark balançou negativamente a cabeça. Ramius falou em tom melancólico:

— Sabe, quando menino, costumava pescar aqui, bem neste lugar, muitas vezes. Não sabíamos que vocês, americanos, também vinham pescar.

— É um mundo maluco — concordou Clark. — Como é a pesca por aqui?

— No verão, muito boa. O velho Sasha me levava em seu barco. Foi onde eu conheci o mar, onde aprendi a ser marinheiro.

— E quanto às patrulhas locais? — indagou Mancuso, trazendo o tema de volta.

— Haverá um baixo índice de prontidão. Seus diplomatas estão em Moscou, portanto a chance de guerra é mínima. Os navios de patrulha da superfície pertencem principalmente à KGB. Eles guardam a costa à procura de contrabandistas... e espiões. — Apontou Clark. — Não era tão bom contra submarinos, mas isso estava mudando quando parti. Estavam

aumentando a prática da guerra anti-submarino na Esquadra do Norte e, segundo soube, na do Báltico também. Mas este lugar é muito ruim para a detecção de submarinos. Há muita água doce dos rios, e uma camada de gelo por cima. Isso dificulta o uso do sonar.

Bom de ouvir, pensou Mancuso. Sua embarcação estava em estado de alerta avançado. O equipamento de sonar contava com guarnição completa e assim iria permanecer*indefinidamente. Poderia colocar o *Dallas* em movimento em dois minutos, *e isso devia bastar,* pensou ele.

Gerasimov também pensava. Sozinho em seu escritório, controlando suas emoções melhor ainda que a maioria dos russos, seu rosto não demonstrava nada do que se passava no interior, apesar de não haver mais ninguém que pudesse reparar. Na maioria das pessoas, isso teria sido notável, pois ele contemplava sua própria destruição com objetividade.

O diretor-geral da Comissão para a Segurança do Estado avaliava sua posição tão completa e desapaixonadamente quanto examinava qualquer aspecto de seus deveres oficiais. O *Outubro Vermelho.* Tudo vinha daí. Tinha usado o *Outubro Vermelho* para sua própria vantagem, primeiro subornando Gorshkov, depois descartando-se dele; também o usara para fortalecer a posição do ramo do Terceiro Diretório. Os militares haviam começado a administrar sua própria segurança interna, mas Gerasimov acenara com seu relatório do agente Cassius para convencer o Politburo de que apenas a KGB reunia condições para garantir a lealdade e segurança aos militares soviéticos. Aquilo lhe valera muitos ressentimentos. Havia declarado, novamente segundo o agente Cassius, que o *Outubro Vermelho* fora destruído. Cassius dissera à KGB que Ryan estava sob suspeita criminal e...

E nós... eu!... caí na armadilha.

Como poderia explicar aquilo para o Politburo? Um de seus melhores agentes fora dobrado, mas quando? Perguntariam isso, e ele não saberia a resposta; portanto, todos os relatórios vindos de Cassius ficavam sob suspeita. A despeito do fato de que muitos dados válidos tinham vindo do agente, o conhecimento de que se tornara um agente duplo numa época desconhecida comprometia todos eles. Aquilo arruinava sua pretensiosa visão do pensamento político ocidental.

Ele anunciara erroneamente que o submarino não desertara, e não descobrira seu erro. Os americanos tiveram uma fonte inesperada de

informações, e a KGB não sabia disso. Nem a GRU, mas isso não servia de consolo.

Anunciara ainda que os americanos haviam mudado substancialmente sua estratégia de negociação sobre armamentos, e isso também era falso. Será que poderia sobreviver às três revelações de uma vez?, perguntou-se Gerasimov.

Provavelmente não.

Em outra idade, enfrentaria a morte, e isso teria tornado a decisão muito mais fácil. Ninguém escolhe a morte, pelo menos não um homem são, e Gerasimov era friamente são em tudo que fazia. Mas a situação era diferente agora. Ele terminaria com um cargo ministerial de segundo escalão em algum lugar, lidando com papelada. Seus con-taros na KGB lhe seriam inúteis, exceto por pequenos favores sem siggnificado, como a obtenção de mantimentos decentes. As pessoas iriam observá-lo andando na rua — sem mais temor de encará-lo de frente, sem medo do seu poder, apontariam e ririam dele pelas costas. Funcionários do escritório perderiam aos poucos o respeito e responderiam até mesmo gritariam com ele ao saber que seu poder se extinguira de uma vez por todas. *Não,* disse ele a si mesmo, *não suportarei isso.*

Desertar então? Passar de uma das pessoas mais poderosas do mundo a mercenário, a um mendicante que trocava o que sabia por dinheiro e uma vida confortável? Gerasimov aceitou o fato de que sua vida ficaria mais confortável em termos materiais, mas... perder seu *poderl* Esta era a questão, afinal. De qualquer forma, se fosse ou ficasse, tornar-se-ia outro homem... *E isso seria a morte, não seria?*

Bem, o que vai fazer agora?

Ele precisava mudar de posição, precisava alterar as regras do jogo, precisava fazer algo dramático... mas o quê?

A escolha era entre a desgraça e a deserção? Para perder tudo aquilo por que lutara — com seu objetivo à vista — e enfrentar uma opção como essa?

A União Soviética não é uma nação de jogadores. Sua estratégia nacional sempre foi mais parecida com a paixão russa pelo xadrez, uma série de movimentos cuidadosos e planejados com antecedência, nunca arriscando demais, sempre protegendo sua posição, procurando pequenas e progressivas vantagens onde fosse possível. O Politburo quase sempre se movimentara desta forma. O próprio Politburo era composto de homens

assim. Mais da metade eram *apparatchik* que falavam as palavras apropriadas, preenchiam as cotas necessárias, tirando proveito quando podiam, e que conquistaram seus avanços por meio de uma impassibilidade de cuja perfeição podiam dispor ao redor da mesa no Kremlin. Mas a função de tais homens era influenciar moderadamente aqueles a que aspiravam governar, e esses sim eram os jogadores. Assim também Gerasimov. Ele jogara seu próprio jogo, aliando-se a Alexandrov para estabelecer uma base ideológica, chantageando Vaneyev e Yazov para que traíssem seu senhor.

Era um jogo bom demais para se abandonar tão facilmente. Precisava mudar novamente as regras, só que o jogo, na verdade, não tinha regras, exceto uma: vencer. Se vencesse, as desgraças não importariam.

Gerasimov apanhou a chave no bolso e examinou-a pela primeira vez à luz do abajur da escrivaninha. Parecia perfeitamente comum. Usada da maneira para a qual fora projetada, tornaria possível a morte de quantos? Cinqüenta, cem milhões? Mais? Os homens do Terceiro Diretório nos submarinos e nos regimentos de foguetes baseados em terra tinham esse poder — o *zampolit,* o supervisor político unicamente tinha autoridade para ativar as ogivas sem as quais os foguetes eram meros fogos de artifício. Virar a chave da maneira adequada no momento adequado, e os foguetes se transformariam nos mais assustadores instrumentos de morte já concebidos pela mente humana. Uma vez lançados, nada poderia detê-los.

Mas essa regra também seria mudada, não?

Quanto valeria ser o homem que poderia realizar isso?

— Ah! — Gerasimov sorriu.

Valia a pena mais do que todas as regras combinadas, e ele lembrou que os americanos haviam quebrado uma regra também, ao matar seu mensageiro no pátio de manobras Moskvich. Levantou o fone e chamou um agente de comunicações. Por uma vez, os fusos horários trabalhavam a seu favor.

A dra. Taussig ficou surpresa quando viu o sinal. Decididamente, "Ann" nunca alterava sua rotina. A despeito do fato de que ela visitara impulsivamente seu contato, ir ao *shopping center* era sua rotina normal aos sábados. Havia estacionado seu Datsun a uma certa distância, para que nenhum idiota num imenso furgão lhe arranhasse a porta. No caminho viu o Volvo de Ann, e o pára-sol do lado do motorista estava abaixado. Taussig

verificou seu relógio e apertou o passo em direção à entrada. Assim que entrou, virou à esquerda.

Peggy Jennings trabalhava sozinha naquele dia. Estavam muito espalhados para fazer o serviço tão rápido quanto Washington desejava, mas essa história não era novidade, era? O cenário era bom e ruim ao mesmo tempo. Seguir sua presa até o *shopping* fora relativamente fácil, porém uma vez lá dentro era praticamente impossível seguir alguém decentemente, a menos que houvesse um time completo de agentes operando. Ela chegou à porta apenas um minuto atrás de Taussig, já sabendo que a perderia. Bem, essa era apenas uma vigilância preliminar. *Rotina,* disse Jennings a si mesma ao abrir a porta.

Jennings olhou acima e abaixo da alameda e não conseguiu enxergar quem procurava. Franzindo a sobrancelha por um momento, começou a perambular de loja em loja, observando as vitrinas e imaginando se Taussig não teria ido a um cinema.

Bea! — disse Bisyarina do interior de Folhas de Eva. — Como vai? —ocupada — respondeu Taussig. — Isso fica ótimo em você.

— Ela veste bem qualquer coisa — observou a proprietária da loja.

— Mais do que eu — concordou Taussig, levantando um terninho do cabideiro mais próximo e caminhando até o espelho. De corte sóbrio, combinava com seu humor no momento. — Posso experimentar

esse?

— Certamente — concordou depressa a proprietária. Era uma peça

de 300 dólares.

— Precisa de ajuda? — ofereceu Ann.

— Claro. Você pode me contar o que anda fazendo. — Ambas se dirigiram para os provadores.

Dentro da cabine as duas mulheres conversaram animadamente, discutindo assuntos do cotidiano que pouco diferiam entre mulheres e homens. Bisyarina estendeu uma tira de papel, que Taussig leu, gaguejando um pouco antes de sinalizar sua concordância. Seu rosto mudou do choque inicial para a aceitação, depois modificou-se outra vez de uma forma que Bisyarina não gostou em absoluto — mas a KGB não a pagava para gostar de seu emprego.

O terninho serviu perfeitamente, viu a proprietária assim que as duas saíram do provador. Taussig pagou como fazia a maioria das pessoas, com

um cartão de crédito. Ann acenou e saiu, virando para o lado da loja de armas na saída pela alameda.

Jennings viu Taussig deixar a loja alguns minutos mais tarde, carregando uma sacola plástica de compras. *Bem, então era isso,* disse ela a si mesma. *O que quer que a estivesse incomodando ontem à noite, ela veio fazer compras para sentir-se melhor e arranjou outro daqueles terninhos.* Jennings seguiu-a por mais uma hora antes de abandonar a vigilância. Nada de especial por aqui.

— Aquele sujeito é muito frio — disse Ryan a Candeia. — Eu não esperava que ele pulasse no meu colo e me agradecesse pela oferta, mas esperava *alguma* reação!

— Bem, se ele morder a isca, você vai logo ficar sabendo.

— Claro.

21
O GAMBITO DO VALETE

O Arqueiro tentou convencer-se de que o tempo não era aliado de ninguém, mas certamente isso não era verdade. O céu estava claro, os ventos gelados sopravam do nordeste, vindos do glacial centro da Sibéria. Ele queria nuvens, pois agora o grupo só podia deslocar-se no escuro. Isso tornava o avanço lento, e, quanto mais tempo ficassem em território soviético, maior a chance de que alguém os notasse. Se fossem descobertos...

Não havia necessidade de especular sobre esse assunto. Tudo que tinha a fazer era erguer a cabeça e observar os veículos blindados passando pela estrada de Dangara. Existia pelo menos um batalhão designado para o local, possivelmente um regimento motorizado completo de soldados armados, em patrulha permanente das estradas e trilhas. O contingente do Arqueiro era grande e formidável para os padrões dos *mudjahidin,* porém contra um regimento de russos em sua própria terra, só Alá em pessoa poderia salvá-los.

E talvez nem mesmo Ele, pensou o Arqueiro, recriminando-se a seguir pela blasfêmia não pronunciada. Seu filho não devia estar longe dali, talvez a uma distância menor do que haviam percorrido para chegar até aquele lugar — mas onde? Um local que ele nunca encontraria. O Arqueiro tinha certeza disso. Ele abandonara a esperança há muito tempo. Seu filho seria criado à maneira estranha e infiel dos russos, e tudo que ele podia fazer era rezar para que Alá chegasse até o menino antes que fosse tarde demais. Seqüestrar crianças certamente era o mais hediondo dos crimes. Roubá-las dos pais e de sua fé... Bem, melhor não ficar pensando nisso.

Cada um de seus homens tinha motivo suficiente para odiar os russsos.

Famílias assassinadas ou dispersas, lares bombardeados. Os guerrilheiros não sabiam que esse era o estilo de uma guerra moderna. Como "primitivos", achavam que as guerras cabiam a guerreiros exclusivamente. Seu líder sabia que isso deixara de ser verdadeiro muito antes de terem nascido. Ele não entendia por que as nações "civilizadas"

haviam mudado essa regra, porém era fato estabelecido. Com esse conhecimento vinha a consciência de que seu destino diferia do que havia escolhido. O Arqueiro perguntou-se se algum homem escolhia verdadeiramente seu destino, ou se este repousava em mãos maiores do que aquelas que empunhavam livros ou fuzis. Mas esse era outro pensamento complexo e inútil, desde que para o Arqueiro e seus homens o mundo se resumira em algumas verdades simples e ódios profundos. Talvez isso mudasse um dia, mas para os *mudjahidin* o mundo se limitava ao que podiam ver e sentir no momento. Procurar mais longe era perder de vista o que interessava, e isso significava morte. O único pensamento grandioso que os homens tinham era sua fé, e para aquela circunstância era o suficiente.

O último veículo da coluna desapareceu na curva da estrada. O Arqueiro balançou a cabeça. Já pensara demais. Os russos que acabara de observar já estavam todos no interior de seus transportadores de infantaria BMP com lagartas, dotados de aquecimento; embora mantidos quentes dentro do veículo, não podiam ver muito bem. Isso era o que importava. Ele levantou o rosto para ver seus homens, bem camuflados em trajes soviéticos e escondidos atrás de rochas, deitados em frestas aos pares, o que permitiria a um deles dormir enquanto o outro, a exemplo do líder, vigiava e ficava de sentinela.

O Arqueiro olhou para cima a fim de observar o sol em declínio. Logo ele deslizaria para trás da cadeia de montanhas, e seus homens poderiam continuar a marcha para o norte. Viu o sol brilhar sobre a casca de alumínio de um avião que fazia curva lá no alto, acima de suas cabeças.

O coronel Bondarenko, sentado na poltrona ao lado da janela, olhou para baixo, em direção às montanhas ameaçadoras. Lembrou-se de seu breve tempo de serviço no Afeganistão, as montanhas intermináveis que cansavam as pernas, onde se podia viajar num círculo perfeito e parecer subir o tempo todo. Bondarenko meneou a cabeça. Aquilo pelo menos ficara para trás. Cumprira seu tempo de serviço, experimentara o combate, e agora podia voltar para a ciência aplicada da engenharia, afinal de contas sua primeira paixão. Operações de combate eram um jogo para jovens, e Gennady Iosifovich já passara dos 40. Tendo provado uma vez que podia escalar rochedos com os mais jovens, estava resolvido a não fazer isso de novo. Além do mais, outra pessoa ocupava seus pensamentos.

O que estará acontecendo com Misha?, perguntou a si mesmo. Quando o homem desaparecera do ministério, ele presumira com naturalidade que o coronel mais velho ficara doente. Quando a ausência se alongou por vários dias, assumira que talvez fosse algo sério e indagou ao ministro se o coronel Filitov estava hospitalizado. A resposta havia sido tranqüilizadora na ocasião — mas agora já não tinha tanta certeza. O ministro Yazov comportara-se com excessivo desembaraço — e a seguir Bondarenko recebera ordens para retornar a *Estrela Brilhante* para fazer uma avaliação mais completa do local. O coronel sentia-se tirado do caminho — mas por quê? Alguma coisa na maneira como Yazov reagira à sua inocente pergunta? Havia ainda o assunto da vigilância que ele descobrira. Poderiam as duas coisas estar relacionadas? A relação era tão óbvia que Bondarenko a ignorou sem uma consideração consciente. Era simplesmente impossível que Misha tivesse sido alvo de uma investigação de segurança, e menos possível ainda que a investigação produzisse provas substanciais de crime. O mais provável, concluiu ele, era que Misha estivesse fora em alguma missão confidencial para Yazov. Ele certamente fazia isso com freqüência. Bondarenko olhou para baixo em direção ao impressionante aterro da represa hidrelétrica de Nurek. A segunda linha de força estava quase pronta, reparou ele, enquanto o avião baixava os flaps e as rodas para aterrissar em Dushanbe-Leste. Ele foi o primeiro homem a desembarcar após o pouso.

— Gennady Iosifovich!

— Bom dia, camarada general — disse Bondarenko, um tanto surpreso.

— Venha comigo — disse Pokryshkin, depois de retribuir a continência do coronel. — Você não quer entrar nesse ônibus miserável, quer? — Ele acenou ao sargento, que apanhou a mala de Bondarenko.

— Não precisava ter vindo pessoalmente.

— Bobagem. — Pokryshkin liderou o pequeno grupo até seu helicóptero privativo, cujo rotor já girava. — Algum dia preciso ler aquele relatório que você escreveu. Tive três *ministros* aqui, ontem. Agora todos sabem da nossa importância. Nossas verbas foram aumentadas em 35 por cento. Gostaria de poder escrever um relatório como esse!

— Mas eu...

— Coronel, não quero escutar. Você viu a verdade e a comunicou aos outros. Agora faz parte da família *Estrela Brilhante.* Quero que pense

sobre vir para cá depois de terminar seu trabalho em Moscou. Se-gundo sua ficha, possui excelentes credenciais em engenharia e administração, e eu preciso de um bom subcomandante. — Ele se voltou com um olhar conspiratório. — Acha que seria possível convencê-lo a usar um uniforme da Força Aérea?

— Camarada general, eu...

— Tá sei, uma vez soldado do Exército Vermelho, sempre um soldado do Exército Vermelho. Não insistiremos nesse ponto. Além disso pode me ajudar com aqueles cabeças-duras da KGB na guarda do perímetro. Eles podem atirar a experiência que têm ao rosto de um alquebrado piloto de caça, mas não contra um homem com a Bandeira Vermelha conquistada em combate corpo a corpo. — O general acenou para que o piloto decolasse. Bondarenko ficou surpreso que o comandante não estivesse ele próprio pilotando o aparelho. — Pois eu lhe digo, Gennady, em alguns anos isso será um ramo de serviço inteiramente novo. "Tropas de Defesa Cósmica", talvez. Haverá espaço para você criar uma carreira inteiramente nova, e muito espaço para progredir. Quero que pense seriamente nisso. Provavelmente será general dentro de três ou quatro anos, de qualquer maneira, mas posso lhe garantir mais estrelas do que o Exército.

— Por enquanto... — Ele pensaria no assunto, mas não no interior de um helicóptero.

— Estamos examinando os planos dos espelhos e computadores que os americanos estão utilizando. O chefe de nosso grupo de espelhos acha que pode adaptar os projetos deles ao nosso equipamento. Vai levar cerca de um ano para executar o projeto, ele diz, mas quanto à parte de engenharia ele não sabe. Nesse meio tempo estamos montando geradores de laser de reserva e tentando simplificar o projeto para facilitar a manutenção.

— Isso é trabalho para mais dois anos — observou Bondarenko.

— Pelo menos — concordou o general Pokryshkin. — Este programa não vai render seus frutos antes da minha partida. Isso é inevitável. Se tivermos mais um teste importante bem-sucedido, serei chamado a Moscou para chefiar o ministério, e na melhor das hipóteses o sistema não será colocado em uso antes que eu me aposente. — Ele balançou tristemente a cabeça. — É uma coisa difícil de aceitar, o longo tempo de duração desses programas. É por isso que quero você aqui. Preciso de um

jovem que leve esse projeto até o fim. Procurei entre muitos oficiais. Você é o melhor deles, Gennady Iosifovich. Quero que esteja aqui para assumir, quando a hora chegar.

Bondarenko ficou chocado. Pokryshkin o escolhera, sem dúvida preferindo-o aos homens da própria Arma.

— Mas o senhor mal me conhece...

— Não cheguei a general sem saber julgar as pessoas. Você tem as qualidades que procuro, e está no momento certo da carreira, pronto para um comando independente. Seu uniforme é menos importante do que o tipo de homem que é. Eu já enviei um telex ao ministro sobre esse assunto.

Bem. Bondarenko ainda estava surpreso demais para apreciar o fato. *E tudo porque o velho Misha resolveu que eu era o melhor homem para fazer uma viagem de inspeção. Espero que ele não esteja muito doente.*

— Ele já está acordado há nove horas — disse um dos agentes, quase acusadoramente, a Vatutin.

O coronel dobrou-se para espiar pelo tubo de fibra óptica, observando o prisioneiro por vários minutos. Este estava deitado, tossindo e revirando-se enquanto tentava dormir, porém seus esforços fracassavam. Depois disso vieram a náusea e a diarréia provocadas pela cafeína que o impedia de dormir. A seguir ele se levantou e retomou o andar em círculos que estivera praticando, na tentativa de cansar-se e trazer o sono que parte do seu corpo pedia, enquanto o restante protestava.

— Tragam-no aqui em cima em vinte minutos. — O coronel da KGB olhava com ar divertido seu subordinado.

Vatutin dormira sete horas e passara as últimas duas certificando-se de que as ordens dadas antes de se recolher tinham sido inteiramente cumpridas. Depois tomou um banho de chuveiro e barbeou-se. Um mensageiro apanhara um uniforme limpo em seu apartamento, enquanto um ordenança polira suas botas até brilharem como espelho. No desjejum, permitira-se uma xícara extra de café, trazida do refeitório dos oficiais no andar superior. Fez pouco-caso dos olhares dos outros membros do grupo de interrogatório, não concedendo nem ao menos um sorriso enigmático para indicar que sabia o que estava fazendo. Se ainda não sabiam, a essa altura, ao diabo com eles. Quando terminou, limpou os lábios com o guardanapo e caminhou até a sala de interrogatório.

Como a maioria de tais salas, a mesa vazia que ela continha era mais do que aparentava. Sob a borda onde o tampo ultrapassava o apoio,

encontravam-se vários botões que poderiam ser pressionados sem que ninguém percebesse. Inúmeros microfones estavam instalados nas paredes aparentemente brancas e vazias, e o único espelho que as adornava na verdade de duas faces, de maneira que o prisioneiro podia ser observado e fotografado da sala contígua.

Vatutin sentou-se e apanhou a pasta que deixaria de lado quando Filitov entrasse. Sua mente repassava o que pretendia fazer. Já tinha tudo planejado, claro, até mesmo as palavras do relatório verbal que faria ao diretor-geral Gerasimov. Verificou seu relógio, acenou para o espelho e passou os minutos seguintes preparando-se para o que viria. Filitov chegou no horário.

Ele parecia forte, porém abatido, constatou Vatutin. Era o efeito da cafeína misturada à sua última refeição. A imagem que ele projetava era dura, mas fina e quebradiça. Filitov demonstrava irritação agora. Antes, demonstrava também determinação.

— Bom dia, Filitov — cumprimentou Vatutin, mal olhando para cima.

— *Coronel* Filitov, para você. Diga-me, quando vai acabar essa palhaçada?

Ele provavelmente acredita nisso também, pensou Vatutin. O prisioneiro repetira para si mesmo tantas vezes a história de como Vatutin colocara o filme em sua mão que já estava a meio caminho de acreditar nela agora. Aquilo não era incomum. Ele tomou sua cadeira sem permissão, e Vatutin acenou para que o carcereiro saísse da sala.

— Quando resolveu trair a Mãe Pátria? — começou Vatutin.

— Quando você resolveu parar de sodomizar rapazinhos? — replicou zangado o velho.

— Filitov... desculpe, *coronel* Filitov... Você está ciente de que foi preso com um microfilme na mão, a apenas 2 metros de uma agente de informações americana. Esse filme continha informações sobre instalações de pesquisa de defesa altamente secretas, informações essas que vem fornecendo há anos aos americanos. Não existe dúvida quanto a isso, caso tenha esquecido — explicou pacientemente Vatutin. — O que estou perguntando é há quanto tempo vem fazendo isso?

— Vá tomar no eu! — rebateu Misha. Vatutin notou um pequeno tremor em suas mãos. — Sou três vezes Herói da União Soviética. Eu já

estava matando os inimigos desse país quando você ainda doía na virilha de seu pai, e tem coragem de me chamar de traidor?

— Sabe, quando eu estava no curso secundário, lia livros sobre você. Mishas expulsando os *fascisti* dos portões de Moscou. Misha, o tanquista endiabrado. Misha, o matador de alemães. Misha, liderando o contra-ataque no saliente de Kursh. Misha... — concluiu Vatutin finalmente — traidor da Mãe Pátria.

Misha acenou com a mão, parecendo aborrecido.

— Nunca tive muito respeito pelos *chekistas*. Quando eu comandava meus homens, eles estavam lá, atrás de nós. Eram muito eficientes para atirar nos prisioneiros... prisioneiros apanhados por soldados de verdade. Eram também muito bons em assassinar pessoas forçadas a retirar-se. Até me lembro de um caso em que um tenente *chekista* assumiu o comando de um grupo de tanques e levou todos até a merda de um pântano. Pelo menos os alemães que matei eram homens de verdade, combatentes. Eu os odiava, mas podia respeitá-los por serem os soldados que eram. A sua laia, por outro lado... talvez nós, os simples soldados, nunca tivéssemos entendido quem era o verdadeiro inimigo. Às vezes eu me pergunto quem matou mais russos: os alemães ou pessoas como você?

Vatutin permaneceu impassível.

— O traidor Penkovsky recrutou você, não foi?

— Uma ova! Eu mesmo denunciei Penkovsky. — Filitov deu de ombros. Estava surpreso com a maneira como se sentia, mas não foi capaz de se controlar. — Acho que os de sua laia têm alguma serventia. Oleg Penkovsky era um homem triste e confuso, que pagou o preço que homens assim devem pagar.

— Como você pagará — afirmou Vatutin.

— Não posso impedi-lo de matar-me, mas vi a morte inúmeras vezes. A morte levou minha mulher e meus filhos. A morte me levou muitos camaradas e tentou me levar várias vezes. Mais cedo ou mais tarde a morte vai ganhar, vinda de você ou de qualquer um. Esqueci como ter medo dela.

— Diga-me: do que tem medo?

— Não de você. — Ele não disse isso sorrindo, mas com um olhar gelado e desafiador.

— Mas todos os homens temem alguma coisa — observou Vatutin. — Teve medo de combater? — *Ah, Misha, está falando demais. Não sabe*

disso?

— Sim, no começo. A primeira vez que um tiro atingiu meu T-34, mijei na calça. Depois disso aprendi que a blindagem deteria quase todos os tiros. Um homem pode se acostumar ao perigo físico, e como oficial geralmente ficamos ocupados demais para perceber que se deveria estar com medo. A gente tem medo por todos os homens que comandamos. A gente tem medo de perder, numa missão de combate, porque outros dependem de nós. Sempre temos medo da dor... não da morte, mas da dor. — Filitov surpreendeu-se ao falar tanto, mas já agüentara demais aquele idiota da KGB. Era quase como a frenética excitação do combate, sentar-se aqui e duelar com esse homem.

Eu li que todos os homens temem o combate, e o que os sustenta é a auto-magem. Sabem que não podem deixar seus camaradas perceber que são menos do que supostamente deveriam ser. Os homens, portanto, têm mais medo da covardia do que do perigo. Têm medo de trair sua masculinidade e seus companheiros. — Misha concordou balançando levemente a cabeça. Vatutin pressionou um dos botões sob mesa — Filitov, você traiu seus homens. Não percebe isso? Não compreende que, ao entregar segredos da defesa ao inimigo, você traiu todos os homens que serviram com você?

— Vai precisar um pouco mais do que palavras para...

A porta se abriu silenciosamente. O jovem que entrou usava um macacão sujo e coberto de graxa, e o capacete em gomos dos tanquistas. Todos os detalhes estavam perfeitos: havia um fio para os interfones do tanque, e o cheiro acre de pólvora invadiu a sala junto com o rapaz. O macacão estava rasgado e chamuscado, o rosto e as mãos envoltos em ataduras. O sangue pingava do olho coberto, traçando uma trilha sobre a sujeira do rosto. E ele era a imagem viva de Aleksey Ilych Romanov, cabo do Exército Vermelho, ou tão perto disso quanto a KGB poderia conseguir durante uma noite de esforços frenéticos.

Filitov não o ouviu entrar, mas parou de falar e voltou-se assim que sentiu o cheiro. Sua boca se abriu de puro choque.

— Diga-me, Filitov, como acha que seus homens reagiriam se soubessem o que fez?

O jovem — na verdade um cabo que trabalhava para um funcionário subalterno do Terceiro Diretório — não disse nada. A substância química

irritante em seu olho fazia-o lacrimejar, e, enquanto o adolescente tentava não crispar o rosto com a dor que sentia, as lágrimas corriam pelas bochechas. Filitov não percebera que sua comida fora drogada — ele estava há tanto tempo em Lefortovo que não possuía mais a habilidade de registrar as coisas que lhe estavam sendo feitas. A cafeína produzira o efeito exatamente oposto ao da embriaguez. Sua mente estava tão desperta como estivera em combate, todos os sentidos procurando estímulos, reparando em tudo o que acontecia a seu redor — mas durante toda a noite nada houve a registrar. Sem dados a transmitir, sua mente começara a fabricar imagens, e Filitov estava tendo alucinações quando os guardas vieram buscá-lo. Com Vatutin ele tivera um alvo onde fixar sua psique. Mas Misha também estava cansado, exausto pela rotina a que fora submetido, e a combinação dos sentidos em alerta e da fadiga esmagadora colocara-o num estado parecido com o sonho, onde ele perdera a capacidade de distinguir o real do imaginário.

— *Vire-se,* Filitov! — gritou Vatutin. — Olhe para mim quando eu falar com você! Fiz uma pergunta: *E quanto aos homens que serviram com você?*

— Quem...

— Como, quem? Os homens que você comandava, seu velho tolo!

— Mas... — Ele voltou-se outra vez, e a figura desaparecera.

— Estive lendo em sua ficha todas aquelas citações que você escreveu sobre seus homens, mais do que a maioria dos comandantes. Ivaneko aqui, e Pukhov, e esse cabo Romanov. Todos os homens que morreram por você, o que eles pensariam agora?

— Eles entenderiam! — insistiu Misha, totalmente dominado pela raiva.

— O que eles entenderiam? Diga-me, o que eles entenderiam?

— Homens como você é que os mataram. Não os alemães, mas homens como você!

— E seus filhos também, não é?

— É! Meus dois belos filhos, meus dois rapazes, fortes e bonitos, que tentaram seguir meus passos e...

— Sua mulher também?

— Acima de tudo minha mulher! — gritou Filitov. Ele se inclinou sobre a mesa. — Vocês tomaram tudo de mim, seu *chekista* filho da puta, e ainda pergunta por que eu precisei lutar contra vocês? Nenhum homem

serviu o Estado melhor do que eu, e veja minha recompensa, veja a gratidão do Partido. Tudo que eu tinha no mundo foi tomado, e você tem coragem de dizer que eu traí a *Rodina?* Você que a traiu, e traiu a mim também!

— E por causa disso Penkovsky se aproximou de você, e por causa disso você começou a fornecer informações ao Ocidente... Você nos enganou todos esses anos!

— Não é uma grande proeza enganar a sua laia! — Ele deu um soco na mesa. Trinta anos, Vatutin. Por trinta anos eu... eu... — ele parou, com um olhar estranho no rosto, pensando sobre o que acabara de dizer.

Vatutin esperou antes de falar e quando o fez sua voz era amável:

— Obrigado, camarada coronel. E o bastante por hora. Mais tarde vamos falar sobre o que exatamente você forneceu ao Ocidente. Desprezo-o pelo que fez, Misha. Não posso perdoar ou entender a traição, mas você é o homem mais corajoso que já conheci. Espero que enfrente o que resta de sua vida com igual bravura. É importante agora que enfrente a si mesmo e seus crimes tão corajosamente como enfrentou os *fascisti,* para que sua vida termine com tanta honra como quando viveu. — Vatutin apertou um botão e a porta se abriu.

Os guardas levaram Filitov, que ainda olhava seu interrogador, mais reso do que qualquer coisa. Surpreso por ter sido enganado. Filitov não chegou a entender o que acontecera, *mas também os outros raramente compreendiam,* pensou o coronel do Segundo Diretório. Levantou-se também, depois de um minuto, recolhendo formalmente suas pastas, antes de sair da sala e subir as escadas.

—Você teria sido um ótimo psiquiatra — observou o médico em primeiro lugar.

— Espero que os gravadores tenham captado tudo — disse Vatutin a seus técnicos.

— Todos os três, mais a câmera de televisão.

— Este foi o sujeito mais difícil com quem já cruzei — disse um major.

— É verdade, muito difícil. Um homem corajoso. Não um aventureiro, nem um dissidente. Este era um patriota, ou pelo menos era o que ele pensava. Queria salvar o país do Partido. — Vatutin sacudiu a cabeça maravilhado. — Onde vão buscar tais idéias?

Seu diretor-geral, lembrou-se ele, *deseja quase a mesma coisa — ou mais precisamente quer salvar o país para o Partido.* Vatutin apoiou-se contra a parede por um instante enquanto tentava decidir quão parecidos ou diferentes eram os motivos de ambos. Concluiu em pouco tempo que esse não era um pensamento apropriado para um simples agente de contra-espionagem. Pelo menos ainda não. *Filitov formou suas idéias a partir da maneira desajeitada com a qual o Partido tratara sua família. Bem, embora o Partido afirmasse que nunca cometia erros, todos sabemos que não é bem assim. E pena que Misha não pudesse fazer esta concessão. Afinal de contas, o Partido é tudo que temos.*

— Doutor, certifique-se de que ele descanse um pouco — pediu ele ao sair. Havia um carro esperando para levá-lo.

Vatutin ficou surpreso ao constatar que já era manhã. Após dois dias de inteira dedicação, achava que seria noite. Melhor ainda, poderia ver o diretor-geral imediatamente. O detalhe surpreendente era que, na verdade, ele estava em horário razoavelmente normal. Poderia ir para casa esta noite e dormir normalmente, reaproximar-se de sua mulher e filhos, ver um pouco de televisão. Vatutin sorriu para si mesmo. Também podia antever uma promoção. Afinal de contas, dobrara o homem mais cedo do que prometera. Isso devia tornar feliz o diretor-geral.

Vatutin apanhou-o entre refeições. Encontrou Gerasimov numa atitute pensativa, olhando pela janela o tráfego da Praça Dzerzhinsky.

— Camarada diretor-geral, consegui a confissão — anunciou Vatutin. Gerasimov voltou-se.

— Filitov?

— Bem... sim, camarada diretor-geral. — Vatutin demonstrou sua surpresa.

Gerasimov sorriu depois de um instante.

— Desculpe, coronel. Estava pensando num assunto operacional. Já tem em mãos a confissão?

— Nada detalhado ainda, claro, mas ele admitiu que estava enviando segredos para o Ocidente e que vem fazendo isso há trinta anos.

— Trinta anos... e durante esse tempo todo não descobrimos nada... — observou Gerasimov em voz baixa.

— É verdade — admitiu Vatutin. — Mas nós o apanhamos e vamos passar semanas verificando tudo o que ele comprometeu. Acho que vamos descobrir que sua colocação e métodos operacionais eram muito difíceis

de detectar, mas aprendemos com isso, como temos aprendido em todos esses casos. De qualquer modo, o senhor pediu a confissão e agora já a temos — ressaltou o coronel.

— Excelente — replicou o diretor-geral. — Quando estará pronto seu relatório escrito?

— Amanhã? — disse Vatutin sem pensar. Quase se encolheu de medo aguardando a resposta. Esperava ter a cabeça cortada, mas Gerasimov pensou durante infinitos segundos antes de concordar.

— E o suficiente. Obrigado, camarada coronel. Isso é tudo.

Vatutin obrigou-se a prestar atenção e bateu continência ao sair. *Amanhã?,* perguntou-se no corredor. *Depois de tudo, ele está disposto a esperar até amanhã? Que diabo!* Não fazia nenhum sentido. Mas Vatutin tampouco tinha uma explicação imediata, e precisava fazer seu relatório. O coronel caminhou até seu escritório, apanhou um bloco de anotações e começou a rascunhar seu relatório.

— Então é esse o lugar? — indagou Ryan.

— E esse. Havia uma loja de brinquedos bem em frente, ah. Chamava-se O Mundo da Criança, acredita nisso? Acho que alguém percebeu como isso era louco, e acabaram mudando-a de lugar. A estátua no centro é de Félix Dzerzhinsky. Um maldito trabalho bem-feito para um cara frio como o diabo. Perto dele Heinrich Himmler era um escoteiro.

— Himmler não era tão esperto — observou Jack.

— Verdade. Félix impediu pelo menos três atentados para depor Lênin, e um deles foi bastante sério. A história completa nunca transpirou, mas pode apostar que os registros estão bem ali — disse o motorista.

Ele era australiano, funcionário da empresa contratada para cuidar da segurança da embaixada, além de ex-membro dos serviços secretos além de ex membro *dos serviços secretos de seu país*. Nunca realizara verdadeiras atividades de espionagem — pelo menos não para os Estados Unidos — mas freqüentemente tomava parte nelas, fazendo coisas estranhas. Ele aprendera a avistar e despistar perseguidores pelo caminho, e isso fazia com que os russos tivessem certeza de que ele pertencia à CIA ou era algum tipo de espião. Servia também de excelente guia turístico. Verificou o espelho.

— Nossos amigos ainda estão aí. Não espera que aconteça alguma coisa, espera?

— Veremos. — Jack voltou-se. Eles não pareciam muito sutis, mas ele não esperava que fossem. — Onde fica Frunze?

— Ao sul da embaixada, parceiro. Devia ter me dito que queria passar lá, teríamos feito isso antes. — Ele fez uma curva em "U" num local permitido, enquanto Ryan continuava olhando para trás.

Como era esperado, o Zhiguli — parecia um Fiat antigo — fez o mesmo, seguindo-os como um cachorro fiel. No caminho passaram em frente do prédio ocupado pelos americanos, depois pela ex-igreja ortodoxa conhecida entre o pessoal da embaixada como Nossa Senhora dos Microchips, pela quantidade de dispositivos de vigilância que certamente continha.

— O que estamos fazendo exatamente? — indagou o motorista.

— Estamos só passeando. Na ultima vez que estive aqui, a única coisa que conheci foi o caminho de ida e volta ao Ministério das Relações Exteriores e o interior de um palácio.

— E se nossos amigos se aproximarem?

— Bem, se eles quiserem falar comigo, suponho que seja minha obrigação atendê-los — respondeu Ryan.

— Está falando sério? — Ele sabia que Ryan trabalhava para a CIA.

— Pode apostar nisso — riu Jack.

— Sabe que eu tenho de fazer um relatório escrito sobre coisas como essa?

— Você tem seu trabalho, eu tenho o meu.

Rodaram por mais uma hora, porém nada aconteceu. Para desapontamento de Ryan e alívio do motorista.

Chegaram de maneira habitual. "Embora os pontos de cruzamento fossem escolhidos ao acaso, o carro — um Plymouth Radiant com aproximadamente quatro anos de uso, placa de Oklahoma — parou na guarita do posto de controle da Patrulha da Fronteira. Havia três homens no interior, um dos quais aparentemente dormia no banco traseiro e teve de ser acordado.

— Boa tarde — cumprimentou o patrulheiro. — Posso ver sua identificação, por favor? — Os três homens passaram as licenças de motorista, e as fotografias conferiam. — Alguma coisa a declarar?

— Um pouco de bebida. Dois quartos de... quero dizer, litros de bebida para cada um de nós. — Ele observou com interesse enquanto um

cachorro farejava ao redor do carro. — Quer que a gente abra o porta-malas?

— Por que foram ao México?

— Representamos a Cummings-Oklahoma Ferramentas e Moldes, que vende tubulações e equipamentos de refinação — explicou o motorista. — Principalmente válvulas de controle de grande diâmetro e maquinaria semelhante. Tentamos vender alguma coisa para a Pemex, a estatal de petróleo mexicana. O mostruário está no porta-malas.

— Tiveram sorte? — indagou o patrulheiro.

— Foi a primeira tentativa. Vamos precisar de mais algumas, eu acho. É o que geralmente acontece.

O homem com o cachorro acenou negativamente a cabeça. Seu cão Labrador não havia demonstrado interesse no carro. Inexistia cheiro de drogas ou de nitratos. O homem no carro não se ajustava ao perfil. Pareciam razoavelmente honestos, mas não em demasia, e não haviam escolhido uma hora de movimento excessivo para fazer a travessia.

— Bem-vindos de volta — disse o patrulheiro. — Tenham uma boa viagem para casa.

— Obrigado, senhor. — O motorista acenou e colocou o carro em movimento. — Até mais.

— Não acredito — desabafou o homem no assento traseiro, assim que se afastaram cerca de 100 metros do posto de controle. Ele falou em inglês. — Eles não têm a menor idéia do que seja segurança.

— Meu irmão é major dos Guardas da Fronteira. Acho que ele teria um ataque do coração se visse como passamos fácil — observou o motorista.

Ele não riu. A parte difícil seria sair, e a partir de agora estavam em território inimigo. Dirigia exatamente à velocidade permitida, enquanto os motoristas locais passavam por eles. Ele gostava do carro americano, embora lhe faltasse potência. Nunca dirigira um automóvel com mais de quatro cilindros, e não sabia muito bem qual a diferença. Estivera antes nos Estados Unidos, mas nunca para um trabalho como este, e nunca com tão pouca preparação.

— falavam um perfeito inglês americano, com o sotaque leve-mente cantado do interior para coincidir com seus papéis de identifitificação — era como eles chamavam suas licenças de motorista e cartões H euro social, embora dificilmente pudessem ser chamados de "domentos". O

estranho sobre isso era que ele gostava dos Estados Unidos especialmente da fartura de comida barata e saudável. Pararia numa lanchonete a caminho de Santa Fé, de preferência um Burger King onde se entregaria à sua paixão por um hambúrguer feito na brasa servido com alface, tomates e maionese. Esta era uma das coisas que os soviéticos achavam mais surpreendentes sobre os Estados Unidos: a maneira como qualquer um podia obter comida — geralmente boa — sem ficar numa fila do tamanho de um quarteirão. *Como podiam os americanos ser tão bons em tarefas difíceis como produção e distribuição de alimentos,* pensou ele, *e ser tão estúpidos em coisas simples como segurança adequada?* Eles simplesmente não faziam sentido, porém era errado — perigoso — desdenhar deles. Compreendia isso. Os americanos jogavam por um conjunto de regras tão diferentes que chegavam a ser incompreensíveis... E havia tanto *ao acaso* por aqui! Aquilo assustava o agente da KGB de uma maneira fundamental. Não se podia saber para que lado iriam pular, mais do que se podia prever o comportamento de um motorista numa estrada. Acima de qualquer outra coisa, era o acaso que o lembrava estar em solo inimigo. Ele e seus homens precisavam ser cuidadosos e ater-se ao treinamento recebido. Ficar à vontade num ambiente estranho era a rota mais curta para o desastre — a lição fora martelada durante todo o tempo na academia. Simplesmente havia muitas coisas que o treinamento não podia fazer. A KGB mal podia prever o que o governo americano faria. Não havia maneira de estar preparado para as ações individuais de mais de 200 milhões de pessoas que pulavam de uma decisão para outra.

Era isso, pensou ele. Precisavam tomar muitas *decisões* a cada dia. Que comida comprar, que estrada escolher, que carro dirigir. Ele imaginou quantos de seus compatriotas suportariam tal carga de decisões, forçada dia após dia. Seria o caos, ele sabia. Resultaria em anarquia, e este era historicamente o grande temor dos russos.

— Gostaria de ter estradas como essas em casa — disse o homem próximo a ele.

O que estava no banco traseiro dormia, desta vez de verdade. Ambos vinham pela primeira vez. aos Estados Unidos. A operação fora preparada com muita rapidez. Oleg tinha feito vários trabalhos na América do Sul, sempre usando a cobertura de homem de negócios americano. Como moscovita, recordou que lá, uma vez passados 20 quilômetros do anel rodoviário externo, todas as estradas eram de cascalho ou simplesmente de

terra. A União Soviética não tinha uma única estrada pavimentada que levasse de um extremo a outro. O motorista, cujo nome era Leonid, pensou a respeito.

— De onde viria o dinheiro?

— É verdade — concordou Oleg, cansado. Viajavam há mais de dez horas. — Mas poderíamos ter estradas tão boas quanto o México.

— Hum. — *Nesse caso as pessoas teriam que escolher aonde ir, e ninguém se importaria em ensinar-lhes como fazer isso.* Ele olhou para o relógio no console. Mais seis horas, talvez sete.

A capita Tânia Bisyarina chegou à mesma conclusão ao verificar o relógio no painel de seu Volvo. O "aparelho" nesse caso não era uma casa, mas um velho reboque que parecia mais do tipo usado como escritório móvel por empreiteiros e engenheiros. Começara como moradia, depois como escritório, até ser abandonado por uma firma de engenharia alguns anos atrás, ao completar um serviço nas colinas em volta de Santa Fé. A rede de esgotos que estavam instalando num loteamento não chegou a ser terminada. O empreiteiro perdeu seu financiamento, e a propriedade ainda estava embargada por litígios nos tribunais. A localização era perfeita, perto da rodovia interestadual, próxima à cidade, mas escondida atrás de uma serra e marcada apenas por um acesso de terra, que nem mesmo os adolescentes locais haviam descoberto para usar como ponto de encontro depois dos bailes. Quanto à visibilidade, era boa e ruim ao mesmo tempo. Pinheiros escondiam o reboque de vista, mas em compensação permitiam a aproximação de clandestinos. Precisariam postar um vigia do lado de fora. Bem, não se podia ter tudo. Ela entrou com as luzes apagadas, tendo calculado sua chegada para uma hora na qual a estrada mais próxima estivesse efetivamente deserta. Da traseira do Volvo ela descarregou dois sacos de mantimentos. O reboque não possuía eletricidade, e toda a comida era imperecível. Isso significava que a carne consistia em salsichas enroladas em plástico, havendo também uma dúzia de latas de sardinha. Os russos as adoravam. Uma vez arrumados os mantimentos no interior, ela apanhou uma pequena valise no carro e colocou-a próxima aos dois jarros de água no precário banheiro.

Teria preferido cortinas nas janelas, mas não era uma boa idéia alterar muito a aparência do *trailer.* Nem era uma idéia brilhante estacionar um carro ali. Depois que o grupo chegasse, iriam até um local coberto de vegetação 100 metros acima da estrada de terra, para deixá-lo

lá. Teriam de estar preparados para esse pequeno inconveniente. Estabelecer esconderijos seguros — principalmente "aparelhos" — nunca tão fácil quanto as pessoas pensavam, mesmo em lugares abertos como os Estados Unidos.

Seria muito mais fácil se tivesse tido um aviso em tempo decente, mas esta operação fora montada virtualmente durante a noite, e o único lugar que possuía era aquele tosco reboque, alugado logo após sua chegada. A intenção inicial não era outra senão ter um lugar para sumir por uns tempos, ou talvez ocultar sua agente se por acaso se tornasse necessário. A intenção nunca fora utilizá-lo para a missão em andamento, mas não houvera tempo para outras providências. A única alternativa era sua própria casa, e isso ficava definitivamente fora de questão. Bisyarina imaginou se seria repreendida por não ter descoberto um local melhor, mas sabia que seguira à risca suas instruções, como em todas as suas operações de campo.

A mobília era funcional, apesar de suja. Sem nada melhor para fazer, começou a limpá-la. O líder do grupo que estava a caminho era um agente graduado. Não lhe conhecia o nome nem o rosto, mas seu posto tinha de ser mais alto que o seu para este tipo de trabalho. Quando o único sofá do reboque ficou razoavelmente apresentável, ela se esticou para tirar uma soneca, tendo primeiro o cuidado de ajustar o pequeno despertador para acordá-la dentro de algumas horas. Parecia que tinha acabado de deitar-se quando a campainha arrancou-a do colchão de vinil.

Eles chegaram uma hora após o amanhecer. A sinalização das estradas facilitou, e Leonid tinha o caminho totalmente memorizado. Cinco milhas — ele precisava pensar em milhas agora — fora da rodovia estadual, virou à esquerda numa estrada lateral. Logo depois de um anúncio de cigarros, viu a estrada de terra que parecia não conduzir a lugar nenhum. Desligou as luzes do carro e enveredou pela estradinha, tendo o cuidado de não pisar no breque para que as luzes de freio não os denunciassem entre as árvores. Depois da primeira subida, a estrada formava um declive e fazia uma curva para a direita. Lá estava o Volvo. Próxima a ele havia uma figura.

Foi um momento de tensão. Ele estava fazendo contato com um colega da KGB, mas sabia de casos em que as coisas não tinham corrido muito bem. Puxou o freio de mão e saiu do carro.

— Está perdido? — perguntou uma voz de mulher.

— Estou procurando a Vista da Montanha — respondeu ele.

— Fica do outro lado da cidade — disse ela.

— Ah, então devo ter tomado a saída errada. — Ele percebeu o alívio dela quando a seqüência foi completada.

— Tânia Bisyarina. Pode me chamar de Ann.

— Sou Bob — disse Leonid. — No carro estão Bill e Lenny.

— Cansados?

— Estamos dirigindo desde o anoitecer de ontem — respondeu Leonid/Bob.

— Pode dormir lá dentro. Tem comida e bebida. Não tem eletricidade nem água corrente. Providenciei duas lanternas e um lampião a querosene... que pode ser usado para ferver a água do café.

— Quando vai ser?

— Esta noite. Leve seu pessoal para dentro, e eu lhe mostro onde estacionar o carro.

— E quanto à fuga?

— Ainda não sei. A tarefa de hoje já é bastante complexa. — Aquilo a lançou na descrição da operação.

O que a surpreendeu, embora não devesse, foi o profissionalismo dos três homens. Cada um deles devia estar se perguntando o que a Central de Moscou tinha em mente quando ordenou essa operação. O que estavam fazendo era insano em si, sem mencionar o tempo em que precisava ser realizado. Mas nenhum dos quatro deixou que os sentimentos pessoais interferissem com o trabalho. A operação fora ordenada pela Central, e Moscou sabia o que estava fazendo. Todos os manuais afirmavam isso, e os agentes de campo acreditavam, mesmo quando céticos.

Beatrice Taussig acordou uma hora depois. Os dias ficavam mais longos, e agora o sol não batia mais em seu rosto enquanto dirigia para o trabalho. Em vez disso brilhava pela janela do quarto de dormir como um olho acusador. Hoje, pensou, a aurora marcava o que deveria ser realmente um novo dia, e ela preparou-se para ir ao seu encontro. Começou com um banho de chuveiro e o uso do secador no cabelo. Sua máquina de café já estava ligada, e ela tomou a primeira xícara enquanto decidia o que vestir. Disse a si mesma que era uma decisão importante, e achou que devia ingerir mais do que café e bolinho de milho. A ação requer energia, repetiu ela gravemente, fritando dois ovos. Teria que lembrar-se de ser frugal na

hora do almoço, pois mantivera o peso constante nos últimos quatro anos e era cuidadosa com sua aparência.

Alguma roupa com babados, decidiu Taussig. Não tinha muitas assim, mas talvez o costume azul... Ela ligou a televisão enquanto fazia o desjejum, captando o noticiário da CNN, a Cable News Network, sobre as negociações de armamentos em Moscou. Talvez o mundo se tornasse mais seguro, e era bom pensar que ela trabalhava por isso. Metodicamente, colocou os pratos usados no escorredor da lavadora antes de voltar ao quarto. O costume azul rendado estava um ano fora de moda, mas poucos no Projeto iriam reparar — as secretárias, sim, mas quem ligava para elas? Colocou uma echarpe de lã ao redor do pescoço para mostrar que Bea ainda era Bea.

Taussig chegou à vaga reservada para ela no horário habitual. O passe de segurança saiu da bolsa e foi pendurado ao pescoço, preso por uma corrente de ouro, e ela cruzou a porta, passando pelos pontos de controle.

— Bom dia, doutora — cumprimentou um dos guardas.

Deve ser o traje, pensou Bea. De qualquer modo, deu-lhe um sorriso, o que tornou a manhã incomum para ambos. Foi a primeira a chegar em seu escritório, como sempre. Isso significava que podia regular a máquina de café da maneira que gostava, bem forte. Enquanto a água fervia, ela abriu seu armário lacrado e retirou o pacote no qual estivera trabalhando no dia anterior.

Surpreendentemente, a manhã passou mais depressa do que esperava. O trabalho ajudou. Precisava entregar uma análise de projeção de custos por volta do fim do mês, e para fazer isso devia folhear uma verdadeira montanha de papéis, a maioria dos quais já fotografara e passara a Ann. Era muito conveniente possuir um escritório privativo com porta e uma secretária que sempre batia antes de entrar. Sua secretária não a apreciava, mas Taussig não ligava muito para ela, uma crente cuja idéia de diversão era entoar hinos. *Bem, muitas coisas mudariam,* disse a si mesma. Este *era* o dia. Ela vira o Volvo no *drive-in,* estacionado no lugar apropriado.

— Oito-ponto-um no medidor de ereção — disse Peggy Jennings.

— Você devia ver as roupas que ela compra.

— Então ela é excêntrica — concedeu Will Perkins com tolerância.

— Você vê alguma coisa que eu não vejo, Peg. Além do mais, eu a vi quando chegou de manhã, e ela parecia razoavelmente decente, exceto talvez pela echarpe.

— Algo de diferente? — indagou Jennings. Colocou os sentimentos pessoais de lado.

— Não. Ela levanta cedo demais, mas talvez demore para se arrumar de manhã. Não vejo nenhum motivo especial para continuar a vigilância. — A lista era longa, e havia falta de pessoal. — Sei que você não gosta de homossexuais, Peg, mas não têm confirmação nenhuma ainda. Talvez não goste da garota — sugeriu ele.

— Ela é desembaraçada no jeito de ser, mas conservadora nas roupas. Fala demais sobre muitas coisas, mas nunca de trabalho. É uma verdadeira coleção de contradições. — *E isso se encaixa perfeitamente no perfil,* dispensou-se de acrescentar.

— Talvez ela não fale sobre trabalho porque sabe que não deve falar, como os idiotas da segurança aconselham. Ela dirige como uma ocidental, sempre com pressa, mas usa roupas conservadoras... Talvez goste da maneira como as roupas caem nela. Peg, não pode ser desconfiada com tudo.

— Pensei que esse fosse o nosso trabalho. — Jennings bocejou. — Explique o que vimos na outra noite.

— Não posso explicar, mas você está colocando sua imaginação para trabalhar. Não há nenhuma prova, Peg, para justificar um aumento de vigilância. Olhe aqui, depois de verificarmos os outros da lista, voltamos a ela.

— Isso é loucura, Will. Temos um suposto vazamento num projeto de alta segurança e somos obrigados a ficar pisando em ovos, com medo de ofender alguém. — A agente Jennings levantou-se e caminhou até sua escrivaninha.

Não foi longa a caminhada. A agência local do FBI estava superlotada com gente vinda do escritório de contra-espionagem, e o pessoal da sede se acomodara na sala de refeições. As "escrivaninhas" eram mesas do refeitório, na verdade.

— Pois vou dizer uma coisa: a gente podia pegar todas as pessoas que tiveram acesso ao material copiado e colocarmos todas *na caixa.* — Isso significava sujeitar todo mundo a um teste com o detector de mentiras.

Da última vez que isso fora feito, quase começou uma revolução em *Tea Clipper.* Os cientistas e engenheiros não eram do ramo de informações para compreender a necessidade dessas medidas, mas acadêmicos que consideravam todo esse processo como um insulto ao seu patriotismo. Ou

um jogo: um dos engenheiros de programação tentara até mesmo usar técnicas de *biofeedback* para estragar o resultado. O principal efeito desse esforço, dezoito meses mais tarde, fora mostrar que o pessoal científico tinha um bocado de hostilidade em relação aos vagabundos da segurança, o que em absoluto foi uma surpresa. O que finalmente detivera o teste foi o irado artigo de um cientista graduado que provava não terem sido detectadas algumas das mentiras que ele contou deliberadamente. Aquilo, mais a controvérsia causada dentro de várias seções, acabou com os testes antes que o programa

fosse completado.

— Taussig não esteve na caixa da ultima vez — observou Jennings. Ela verificou. — Ninguém do pessoal administrativo esteve. A revolta

acabou com o programa antes que chegasse a vez deles. Ela foi uma das que

— Foi por causa do pessoal da programação, que lhe encaminhou os protestos. Ela pertence à administração, não se esqueça, e *precisa* manter felizes os cientistas. — Perkins também verificara. — Olhe, se está tão certa sobre isso, podemos voltar a ela mais tarde. Eu pessoalmente não vejo motivo, mas confio em seus instintos... Só que no momento temos um monte de gente para verificar.

Margaret Jennings declarou sua rendição. Perkins tinha razão, afinal de contas. Não havia nada sólido em que se apoiar. Mas ela... *o quê?,* indagou-se Jennings. Ela achava que Taussig era lésbica — em si já não significava tanto, como atestavam os tribunais — e não havia prova palpável. Três anos atrás, logo antes de ingressar no setor de contra-espionagem, atuara num caso de rapto envolvendo um casal de...

Compreendeu também que Perkins estava adotando uma atitude mais profissional. Embora fosse mórmon e de caráter mais reto que uma flecha, ele não deixava que seus sentimentos pessoais interferissem com o trabalho. O que ela não conseguiu foi livrar-se do sentimento em suas entranhas, que a despeito de toda a lógica e experiência lhe dizia estar certa. Certa ou errada, ela e Will tinham ainda seis relatórios a preencher antes que pudessem sair a campo. Só se podia passar metade do tempo em ação, agora. O restante era sempre passado à escrivaninha — ou mesa de almoço convertida —, explicando às pessoas o que se fazia quando não se estava ali.

— Al, aqui é Bea. Podia dar uma passadinha em meu escritório?

— Claro. Passo aí em cinco minutos.

— Ótimo. Obrigada! — Taussig desligou.

Até mesmo Bea admirava Gregory por sua pontualidade. Ele entrou pela porta exatamente no horário.

— Espero não ter interrompido nada.

Não. Há mais um teste de simulação de geometria de alvo em andamento, mas não precisam de mim para isso. O que houve? — perguntou o major Gregory, elogiando a seguir a roupa de Bea.

— Obrigada, Al. Preciso que me ajude com uma coisa.

— O que é?

— É um presente de aniversário para Candi. Vou apanhá-lo hoje à tarde e preciso de alguém para me ajudar.

— É mesmo! Daqui a três semanas, não?

Taussig sorriu para Al. Até mesmo os barulhos que ele fazia eram de monstrinho.

— Vai ter que começar a lembrar esse tipo de coisa.

— O que você está comprando para ela?

— É uma surpresa, Al. — Fez uma pausa. — Uma coisa que Candi precisa. Você vai ver. Candi veio de carro hoje, não veio?

— É, e ela precisa ir ao dentista depois do serviço.

— Então não lhe diga nada, por favor. Vai ser uma grande surpresa — explicou Bea.

Ele percebeu que isso era o máximo que ela conseguia fazer para manter o rosto impassível. Devia ser uma bela surpresa, então.

— Está certo, Bea. Vejo você às 5h.

Acordaram depois do meio-dia. Bob foi até o banheiro antes de lembrar-se de que não tinham água corrente. Verificou pelas janelas se havia alguma atividade lá fora antes de sair. Quando voltou, os outros já estavam fervendo água. Tinham apenas café instantâneo, mas Bisyarina comprara uma marca decente, e o restante da comida para desjejum era tipicamente americano, cheio de açúcar. Eles sabiam que não precisavam disso. Quando todos terminaram a rotina "matinal", apanharam seus mapas e equipamentos para repassar os detalhes da operação. Por um período de três horas examinaram tudo, até que cada homem soubesse exatamente o que precisava acontecer.

E lá estava, disse o Arqueiro a si mesmo. As montanhas sempre proporcionam boas vistas. Nesse caso, o objetivo ainda estava a duas

noites de marcha, a despeito do fato de que podiam vê-lo no momento. Enquanto seus subordinados acomodavam os homens em esconderijo, ele apoiou o binóculo contra uma pedra e examinou o local. Uns 25 quilômetros de distância, calculou ele, verificando o mapa a seguir. Isso mesmo. Teria de levar seus homens para baixo, atravessar um riacho, depois pela encosta numa escalada perigosa, até onde fariam o último acampamento... lá. Concentrou sua visão no local, a 5 quilômetros do objetivo propriamente dito, escondido da vista pelas escarpas. A escalada final seria muito difícil, mas que escolha havia? Ele poderia conceder uma hora de descanso antes do ataque. Isso ajudaria e lhe daria tempo para instruir os homens sobre suas missões individuais, além de tempo para rezar. Seus olhos se voltaram para o objetivo.

Obviamente as obras de construção ainda continuavam, mas nesse tipo de lugar nunca paravam de construir. Foi bom estarem agora a pontoo de atacá-lo. Em mais alguns anos o local seria inexpugnável.

Mesmo agora...

Seus olhos tentaram distinguir detalhes. Mesmo com o binóculo era difícil enxergar qualquer coisa menor do que as torres de vigia. À primeira luz da aurora podia ver as construções individualmente. Teriam de aproximar-se mais para descobrir os detalhes dos quais dependiam os planos de última hora, mas por ora seu interesse prendia-se à terra. Qual seria a melhor maneira de acercar-se? Como aproveitar a montanha em seu favor? Se o local fosse mesmo guardado pelas tropas da KGB, como afirmavam os documentos da CIA que examinara, ele sabia que eram tão preguiçosos quanto cruéis.

Torres de vigia, três delas do lado norte. Deve haver uma cerca ali. E minas?, pensou ele. Com minas ou não, teriam de agir rápido contra as torres. Possuíam metralhadoras pesadas e contavam com uma visibilidade total do terreno. Como poderiam fazer aquilo?

— Então esse é o lugar? — O ex-major do Exército abaixou-se a seu lado.

— Os homens?

— Todos escondidos — respondeu o major. Ficou um minuto examinando o local em silêncio. — Lembra-se das histórias sobre as fortalezas da seita dos assassinos, na Síria?

— Ah! — O Arqueiro voltou-se. Então era isso que a construção lhe recordava. — E como foi tomada?

O major sorriu, mantendo os olhos em seu objetivo.

— Com mais recursos do que nós possuímos, meu amigo... Se algum dia fortificarem toda a colina, seria necessário um regimento com apoio de helicópteros até mesmo para penetrar no perímetro. Como planeja fazer?

— Em dois grupos.

— Concordo.

O major não concordava com nada daquilo. Seu treinamento — todo ele fornecido pelos russos — lhe dizia que essa missão era uma loucura com uma força tão pequena, porém antes de contrariar um homem como o Arqueiro ele teria de demonstrar habilidade em combate. E isso significava assumir riscos loucos. Nesse meio tempo, o major tentou aplicar suas táticas na direção certa.

— As máquinas estão na colina do norte. As pessoas estão na colina ao Sul. — Enquanto observavam, os faróis dos ônibus moviam-se de um local para o outro.

Era hora da troca de turnos. O Arqueiro considerou isso por um momento, mas precisava não só realizar o ataque na escuridão como partir na escuridão se pretendiam ter alguma chance de escapar.

— Se pudermos nos aproximar sem ser vistos... Posso fazer uma sugestão? — perguntou em voz baixa o major.

— Continue.

— Levar todos juntos até a elevação no centro, depois atacar pelas duas encostas.

— É perigoso — observou imediatamente o Arqueiro. — Muito espaço aberto a ser percorrido de ambos os lados.

— Também é mais fácil de ser atingido sem sermos vistos. A aproximação de um grupo é menos provável de ser notada que a de dois. Podemos colocar aqui as armas pesadas, que poderão observar e dar cobertura aos dois ataques...

Aqui estava a diferença entre um combatente por instinto e um soldado treinado, admitiu o Arqueiro para si mesmo. O major sabia medir as chances melhor do que ele.

— Tenho dúvidas sobre as torres de vigia... O que você acha?

— Não estou certo. Eu... — O major empurrou a cabeça de seu comandante para baixo. Um momento depois um avião zuniu pelo vale.

— Aquele foi um MiG-21, versão de reconhecimento. Não estamos lidando com gente burra. — Olhou para trás a fim de verificar se seus

homens continuavam escondidos. — Talvez tenham tirado uma fotografia nossa.

— Será que eles...

— Não sei. Teremos de confiar em Deus, meu amigo. Ele não permitiu que viéssemos tão longe para falhar — disse o major, imaginando se seria verdade ou não.

— Então, aonde vamos? — perguntou Gregory no estacionamento.

— Encontre-me no *shopping center,* do lado sul do estacionamento, certo? Só espero que caiba no carro.

— Vejo você lá. — Gregory caminhou até o automóvel e partiu. Bea aguardou alguns segundos antes de seguir. Não havia sentido

em que reparassem que saíram ao mesmo tempo. Estava excitada agora e, para combater o sentimento, tentou dirigir devagar, algo tão alheio ao seu modo de ser que simplesmente aumentou a excitação. Como se tivesse vontade própria, o Datsun pareceu escolher o próprio caminho, mudando marchas e pistas. Ela chegou ao estacionamento vinte minutos depois. Al estava esperando. Ele deixara o carro a dois espaços de uma pe-

bem distante da primeira loja. Escolhera mais ou menos o lugar adequado, reparou Bea Taussig enquanto estacionava ao lado do carro .

— Por que demorou? — quis saber ele. — Não estava com pressa de verdade.

— Agora o que fazemos?

Bea não sabia. Tinha conhecimento do que iria acontecer, mas não de como eles planejaram fazê-lo — não sabia nem se havia um "eles" para fazer aquilo. Talvez Ann fosse manejar sozinha as coisas. Ela riu para encobrir o nervosismo.

— Venha — disse, acenando para que ele a seguisse.

— Deve ser um presente e tanto, esse — declarou Gregory. A sua direita, reparou que um carro saía da vaga.

Bea notou que o estacionamento estava cheio de carros, mas não de pessoas. Os compradores da tarde haviam voltado para suas casas, os recém-chegados aumentavam suas atividades, e os freqüentadores dos cinemas só chegariam dali a uma hora, mais ou menos. Mesmo assim, ficou tensa enquanto seus olhos corriam para a esquerda e para a direita. Ela deveria estar a uma pista da entrada do cinema. A hora estava correta. Se algo desse errado, pensou nervosamente, teria de escolher um presente

grande e pesado. Mas não precisou chegar a isso. Ann caminhava em sua direção. Só carregava uma grande bolsa.

— Oi, Ann! — chamou Taussig.

— Oi, Bea. Este é o major Gregory?

— Oi — cumprimentou Al, enquanto tentava se lembrar se conhecia ou não essa mulher.

Al não tinha uma memória fisionômica, tão ocupado ficava o seu cérebro com números.

— Nós nos conhecemos no último verão — declarou Ann, confundindo-o ainda mais.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Taussig à sua controladora.

— Apenas compras rápidas. Tenho um encontro hoje à noite e precisava comprar... bem, eu lhe mostro.

Ela enfiou a mão na bolsa e retirou o que Gregory pensou ser um aerossol de perfume — ou como quer que chamem esses borrifadores, meditou ele, enquanto esperava. Estava contente por Candi não ser assim. Ann pareceu espalhar um pouco de perfume em seu pulso e segurá-lo próximo ao nariz de Bea, enquanto um carro avançava pela pista.

Candi iria adorar... O que acha, Al? — perguntou Bea, enquanto aproximava o frasco do rosto do major.

— Hum? — Nesse momento seu rosto ficou cheio de essência de noz-moscada, substância química irritante.

Ann calculara perfeitamente o tempo, aspergindo o líquido quando Gregory inspirava, apontando por baixo dos óculos diretamente nos olhos. Pareceu que o rosto fora envolvido em fogo, a dor penetrando pelos pulmões. Num instante ele ficou de joelhos, com as mãos na face. Não conseguiu gritar nem pôde ver o carro que parou a seu lado. A porta se abriu, e o motorista deu apenas meio passo para fora antes de golpeá-lo do lado do pescoço.

Bea observou quando o corpo amoleceu. Tão *perfeito,* pensou ela. A porta traseira do carro se abriu e mãos saíram para agarrar os ombros de Gregory. Bea e Ann ajudaram com as pernas, e o motorista entrou novamente. Enquanto a porta traseira se fechava, as chaves do carro do major voaram pela janela na direção delas, e o Plymouth deslizou para longe, praticamente sem ter parado.

No mesmo instante, Ann olhou em volta. Ninguém os vira, certificou-se, enquanto ela e Bea andavam na direção oposta às lojas, para

onde os carros estavam estacionados.

— O que vão fazer com ele? — perguntou Bea.

— Por que se importa? — respondeu sem demora Bisyarina.

— Vocês não vão...

— Não, não vamos matá-lo.

Ann imaginou se isso seria ou não verdadeiro. Não sabia, apenas suspeitava que um assassinato não estivesse nos planos. Eles haviam quebrado uma regra inviolável. Era o bastante para um dia.

22
MEDIDAS RÁPIDAS

Leonid, ou Lenny, cujo disfarce exigia que dissesse "Pode me chamar de Bob", dirigiu-se para o extremo mais distante do estacionamento. Para uma operação carente de planejamento, a parte mais perigosa correra muito bem. Lenny, no banco traseiro, tinha a missão de controlar o oficial americano que haviam acabado de seqüestrar. De compleição atlética, ele participara dos comandos *Spetznaz*. Bill, no banco da frente, fora designado para a missão por ser um especialista em espionagem científica; o fato de que seu campo fosse a engenharia química não abalara Moscou. O caso exigia um especialista científico, e ele representava o que possuíam de mais parecido.

Na traseira, o major Gregory começou a gemer e agitar-se. A pancada em seu pescoço fora suficiente para atordoar, mas não para produzir nada mais sério que uma forte dor de cabeça. Não haviam de ter passado por tudo aquilo e matar o homem acidentalmente, coisa que já acontecera no passado. Pelo mesmo motivo ele não fora drogado, prática mais perigosa do que em geral se acredita, que certa vez matara um fugitivo soviético, impedindo os homens do Segundo Diretório de ter acesso às suas informações. Para Lenny, ele parecia uma criança acordando de um longo sono. O cheiro da substância química contida na essência era tão forte que todas as janelas foram mantidas abertas alguns centímetros, a fim de não atordoar os agentes da KGB. Gostariam de colocar amarras e mordaça no prisioneiro, mas elas causariam problemas se avistadas. Lenny era capaz de controlar o americano, claro. Bastavam cuidado e experiência, não dando nada como garantido. Pelo que sabiam, o passatempo de Gregory poderia ser artes marciais — coisas das mais estranhas já tinham acontecido. Quando ele ficou vagamente consciente, a primeira coisa que viu foi um silenciador de pistola automática pressionado contra seu nariz.

— Major *Gregory,* disse Lenny, utilizando propositadamente o sotaque russo. — Sabemos que é um jovem brilhante e talvez também corajoso. Se resistir será morto — mentiu ele. — Sou muito hábil nisso. Você não vai dizer nenhuma palavra e permanecerá imóvel. Se fizer isso,

nenhum mal vai lhe acontecer. Se entende o que eu digo, acene com a cabeça...

Gregory estava completamente consciente. Não chegara a perder os sentidos, apenas sentia-se atordoado pela pancada que ainda fazia doer sua cabeça, como um balão inflado. Seus olhos lacrimejavam como uma torneira vazando, e cada inspiração parecia acender uma fogueira em seu peito. Tentara reagir quando o colocavam no carro, mas seus membros haviam ignorado as ordens frenéticas enquanto a mente se enfurecia. Nesse instante, alcançou-o um pensamento: *É por isso que odeio Bea.* Não eram suas maneiras afetadas e o jeito esquisito de vestir que o incomodavam. Deixou isso de lado no momento. Tinha coisas mais importantes para preocupar-se, e sua mente corria como nunca antes. Ele acenou em concordância.

— Muito bem — ouviu-se a voz, enquanto braços fortes o retiravam do soalho para colocá-lo no banco traseiro. A ponta metálica da pistola apoiou-se agora em seu peito, sob o braço esquerdo do homem.

— O efeito do irritante químico vai passar em mais ou menos uma hora — avisou Bill. — Não haverá nenhum dano permanente.

— Quem são vocês? — perguntou Al. Sua voz era um mero sussurro, áspera como lixa.

— Lenny lhe disse para ficar quieto — respondeu o motorista. — Além do mais, um sujeito tão inteligente como você já deve saber quem somos. Estou certo? — Bob olhou pelo retrovisor e foi recompensado com um aceno.

Russos!, Al disse a si mesmo numa combinação de assombro e certeza. *Russos aqui, fazendo uma coisa dessas... Por que querem a mim? Será que vão me matar?* Sabia que não podia acreditar em nada do que dissessem. Falariam qualquer coisa para mantê-lo sob controle. Sentiu-se como um idiota. Ele devia agir como homem e como oficial, mas em vez disso estava tão indefeso quanto uma garotinha de 12 anos — e chorando como uma também, reparou ele, odiando cada lágrima que lhe pingava nos olhos. Nunca em sua vida Gregory sentira tamanha raiva. Olhou para a direita e compreendeu que não tinha a mínima chance. O homem com a arma tinha quase o dobro de seu peso, e além disso ainda havia a arma apoiada em seu peito. Os olhos de Gregory agora piscavam quase como limpadores de pára-brisa de um carro. Não conseguia enxergar direito, mas pôde perceber que o homem o observava com interesse clínico, sem

nenhuma emoção nos olhos. Parecia ser um profissional na aplicação de violência. *Spetznaz,* comandos russos de "objetivos especiais", pensou Gregory imediatamente Al inspirou fundo, ou antes, tentou. Quase explodiu num acesso de tosse.

— É melhor você não fazer isso — advertiu o homem no assento da frente. — Inspire aos poucos. O efeito passa aos poucos. — *Coisa maravilhosa essa essência chamada Mace,* pensou Bill. *E, nos Estados Unidos, qualquer um podia comprar uma lata. Surpreendente.*

Bob já havia saído do enorme estacionamento, dirigindo de volta ao "aparelho". Tinha o caminho gravado na memória, claro, embora não estivesse completamente à vontade. Não pudera percorrê-lo previamente, nem medir o tempo ou estudar rotas alternativas, mas já passara tempo suficiente nos Estados Unidos para saber como dirigir dentro da lei e com cuidado. O trânsito da região era melhor do que no nordeste do país, a não ser nas rodovias interestaduais, onde cada ocidental se julgava com o direito de dirigir feito um maníaco. Como não estava na interestadual, e sim naquela estrada de quatro pistas, o tráfego da hora do *rush* fluía compacta e ininterruptamente. Compreendeu que sua estimativa de tempo fora no mínimo otimista, mas isso não importava. Lenny não teria problemas para controlar seu hóspede. Estava escuro, poucas luzes acesas nas ruas, e o carro deles era apenas mais um entre os que se dirigiam para casa depois do expediente.

Bisyarina já se encontrava a 8 quilômetros de distância, indo na direção oposta. O interior do carro estava em pior estado do que imaginara. Sendo uma pessoa asseada, ficou chocada ao perceber que o jovem literalmente cobrira o soalho do carro com embalagens plásticas de algum tipo, e ela perguntou-se por que o Chevy não estava cheio de formigas. Essa idéia fez arrepiar sua pele. Verificou o retrovisor para certificar-se de que Taussig estava logo atrás. Dez minutos depois ela chegou a um bairro de classe média. Todas as casas possuíam alamedas para entrada de carros, mas muitas famílias ali tinham mais do que um veículo, e vários estavam estacionados na rua. Ela encontrou uma vaga próxima a uma esquina e parou. O Datsun de Taussig apareceu ao lado do Chevy, que ficou ali, apenas mais um carro estacionado ao meio-fio. Quando Taussig parou no semáforo seguinte, Bisyarina abaixou o vidro e atirou as chaves de Gregory por uma boca de lobo. Com aquilo, terminava para ela a parte mais perigosa da missão. Sem precisar de ordem, Taussig

tomou o caminho de volta ao *shopping center,* onde Bisyarina apanharia seu Volvo.

— Tem certeza de que não vão matá-lo? — quis saber Bea, depois de um minuto.

— Tenho, Bea — respondeu Ann. Ela perguntou-se por que Taussig se conscientizará tão subitamente. — Se adivinhei corretamente, talvez ele tenha até uma chance de continuar seu trabalho... em algum outro lugar. Se cooperar, então será muito bem tratado.

— Vão até arrumar uma namorada para ele, não vão?

— É uma forma de manter os homens felizes — admitiu Bisyarina.

— Pessoas felizes trabalham melhor.

— Ótimo — comentou Taussig, surpreendendo sua controladora um bocado. Explicou logo depois: — Não quero que ele se machuque. O que sabe vai ajudar os dois lados a tornar o mundo mais seguro.

— *E o quero fora do meu caminho,* pensou.

— Ele é muito valioso para que alguém o machuque — observou Ann. *A menos que algo corra errado, nesse caso outras regras podem ser aplicadas...*

Bob ficou surpreso quando o trânsito parou. Estavam logo atrás de uma caminhonete. A exemplo da maioria dos motoristas americanos, ele odiava aquelas coisas porque não enxergava nada para frente e para os lados. Abriu o cinzeiro e pressionou o botão do acendedor de cigarros, enquanto franzia o cenho em frustração. Bill, próximo a ele, também apanhou um cigarro. Pelo menos ajudaria a disfarçar o fedor acre que ainda impregnava o estofamento do automóvel. Bob resolveu que deixaria todas as janelas abertas quando estacionasse de noite, só para se ver livre do cheiro. Seus próprios olhos lacrimejavam, agora que não havia vento para dispersar os vapores químicos. Quase teve piedade do prisioneiro pela dose direta que recebeu, mas era preferível a um droga potencialmente letal, ou uma pancada que lhe quebrasse o pescocinho magro. Ao menos ele estava se comportando bem. Se tudo continuasse a correr de acordo com os planos, por volta do final da semana regressariam a Moscou. Teria de esperar um dia ou dois antes de seguir para o México. Usariam um local diferente para cruzar a fronteira, e talvez uma ação de despistamento, ainda não estabelecida, fosse utilizada para assegurar sua rápida travessia para o país mais conveniente, onde se podia apanhar um avião para Cuba e de lá voar diretamente para Moscou. Depois disso, seu grupo do Primeiro

Diretório ganharia um mês de descanso. Seria bom, disse Bob si mesmo, ver a família novamente. Era muito solitário, no exterior. Tão solitário que uma vez ou duas fora infiel à sua esposa, o que também se constituía numa violação das ordens vigentes — não uma violação que muitos agentes levassem a sério, mas nada do que se orgulhar. Talvez conseguisse uma nova posição na Academia da KGB. Ele agora era veterano, e depois de uma missão como essa...

O trânsito começou novamente a mover-se. Ficou surpreso ao ver as luzes de alerta da caminhonete se acenderem. Dois minutos depois, horrorizou-se ao perceber por quê. Um trator-reboque articulado bloqueava completamente a estrada, com os restos de um carro pequeno esmagado sob as rodas dianteiras. Um verdadeiro exército de luzes rotatórias de ambulâncias iluminava os esforços de policiais e bombeiros para retirar o idiota que estivera dirigindo o pequeno carro importado. Sem poder distinguir qual a marca do carro, Bob, como a maioria dos outros motoristas, ficou olhando fascinado para o desastre por alguns segundos, até lembrar-se de quem era e onde estava. Um policial todo de preto trocava as lanternas de sinalização e desviava o tráfego que demandava o sul para uma estradinha lateral. Bob voltou a ser agente de informações no mesmo instante. Aguardou até que aparecesse um espaço vazio atrás do policial, e enveredou por ele. Aquilo lhe conquistou um olhar zangado e só. O mais importante: o policial não tivera tempo de olhar para o carro. Bob acelerou na subida, até perceber que outro efeito de sua hesitação fora não reparar em que direção seguia o tráfego desviado.

Eu não trouxe o mapa, pensou a seguir. Ele o destruíra por todas as marcas que continha. Na verdade, não havia nenhum mapa no carro. Mapas eram coisas perigosas, e além do mais ele era capaz de decorar todas as informações de que precisava para suas missões. Mas não tivera tempo para reconhecer a área, e só conhecia um caminho de volta ao esconderijo.

Malditas sejam essas operações de "prioridade imediata"!

Virou à esquerda no cruzamento, seguindo uma rua em curva de um bairro residencial. Demorou vários minutos para compreender que ali todas as ruas eram tão tortuosas que já não sabia para que direção estavam avançando. Pela primeira vez esteve a ponto de perder a compostura, mas conteve-se. Uma imprecação mental em sua língua materna lembrou-o de que não deveria nem mesmo pensar em russo. Bob acendeu outro cigarro e

prosseguiu devagar enquanto tentava orientar-se. As lágrimas nos olhos não ajudavam nem um pouco.

Ele está perdido, notou Gregory depois de um momento. Lera suficientes romances de espionagem para saber que o estariam levando para um "aparelho", ou um aeroporto clandestino, ou até outro veículo que o levaria... para onde? Porém, assim que reconheceu o mesmo carro pelo qual haviam passado minutos antes, teve de reprimir um sorriso. *Eles fizeram algo de errado.* A curva seguinte os levou a descer, e Gregory confirmou suas suspeitas quando divisou as luzes vermelhas que marcavam o local do acidente. Notou as imprecações enquanto o motorista manobrava numa entrada para carros, engatando marcha a ré para subir novamente a colina.

Tudo que os russos odiavam nos americanos retornou à consciência de Bob. Muitas estradas, muitos carros — algum americano imbecil atravessara um sinal vermelho e... — *Espero que tenha morrido!,* enraivecia-se o motorista com os veículos estacionados na rua residencial. *Espero que tenha morrido berrando de agonia.* Sentiu-se melhor depois de expulsar o pensamento.

E agora?

Ele continuava numa rota diferente, seguindo a rua sobre o topo da colina, de onde podia enxergar outra estrada. Talvez, se seguisse para o sul por aquela ali embaixo, depois poderia voltar para a rodovia onde estavam. *Valia a pena tentar,* pensou ele. Ao lado direito, Bill lançou um olhar interrogativo, e Lenny na traseira estava ocupado demais com o prisioneiro para notar que alguma coisa corria mal. Enquanto ganhavam velocidade, ao menos o ar circulou pelas janelas e desanuviou seus olhos. Havia um semáforo ao fim da descida, junto com uma placa que dizia: PROIBIDO VIRAR À ESQUERDA.

Govno!, murmurou Bob a si mesmo enquanto virava à direita. Esta rodovia de quatro pistas era dividida ao meio por uma mureta de concreto. *Você devia ter gasto mais tempo estudando o mapa. Devia ter dirigido por aqui algumas horas.* Mas agora era tarde para recriminações, e ele sabia que não tinha tempo. A manobra os levou de volta ao norte. Bob verificou seu relógio de pulso, esquecendo que havia um no painel. Já perdera quinze minutos. Estava em campo aberto e vulnerável, em solo inimigo. E se alguém os tivesse visto no estacionamento? E se o policial que atendia ao desastre tivesse anotado sua chapa?

Bob não entrou em pânico. Era muito bem treinado para isso. Obrigou-se a respirar fundo, e mentalmente examinou todos os mapas da área que vira. Estava a oeste da rodovia interestadual. Se pudesse confirmar isso, ainda se lembrava da saída que usara mais cedo — teria sido no mesmo dia? — e poderia chegar ao esconderijo de olhos vendados. Se estivesse a oeste da rodovia interestadual, tudo que tiha a fazer era encontrar uma estrada importante no sentido leste-oeste, e tudo correria bem. Certo.

Após quase cinco minutos, encontrou uma auto-estrada no sentido leste-oeste e nem se preocupou em ver seu nome. Mais cinco minutos e ele ficou grato ao avistar a placa vermelha, branca e azul que anunciava a rodovia interestadual, 800 metros adiante. Só então respirou aliviado.

— Qual é o problema? — perguntou finalmente Lenny do banco traseiro.

— Tive que mudar o caminho — respondeu Bob em russo, num tom mais relaxado do que julgara possível alguns minutos atrás. Ao voltar-se para responder, deixou de ler uma placa.

Era o aviso sobre rampas de saída. As placas verdes anunciavam que podia tomar o norte ou o sul. Queria ir para o sul, e a saída estava...

No lugar errado. Ele se encontrava na pista da direita, mas a saída ficava à esquerda, apenas 50 metros à frente. Cruzou as pistas da estrada sem olhar. Imediatamente atrás dele, o motorista de um Audi pisou nos freios e pressionou a mão na buzina. Bob ignorou a impertinência enquanto tomava a saída desejada. Estava na curva ascendente, olhando o tráfego da rodovia, quando viu luzes piscando sobre o carro preto imediatamente atrás dele. Os faróis piscaram, e ele soube o que viria a seguir.

Não entre em pânico, disse a si mesmo. Escusou-se de falar com seus camaradas, não considerando nem de longe a possibilidade de fugir. Tinham sido instruídos quanto a isso, também. Os policiais americanos eram corteses e profissionais. Não exigiam pagamento no local, como faziam os policiais de trânsito russos. Bob também sabia que os policiais americanos andavam armados com revólveres Magnum.

Parando o Plymouth logo depois do viaduto, Bob aguardou. Observou pelo espelho retrovisor a viatura policial parando logo atrás, levemente deslocada para a esquerda. Pôde ver o policial saindo, trazendo uma prancheta na mão esquerda. Aquilo deixava a direita livre, reparou Bob, e

aquela era a mão que empunhava a arma. Na traseira, Lenny dizia ao prisioneiro o que aconteceria se fizesse algum ruído.

— Boa tarde, senhor — disse o policial. — Não sei quais são as leis em Oklahoma, mas aqui preferimos não mudar de pistas desse jeito, Posso dar uma olhada em sua habilitação e no registro do carro? —

uniforme preto e prateado fez que Leonid se lembrasse dos SS nazistas, mas não era hora para tais pensamentos. *Seja educado,* disse calmamente a si mesmo, *aceite a multa e depois vá embora.* Passou os documentos e esperou que o policial começasse a preencher seu talão vazio. Talvez fosse apropriado pedir desculpas agora?

— Desculpe, senhor, pensei que a saída fosse do lado direito, e...

— É por isso que gastamos tanto dinheiro em placas, senhor Taylor. Esse é o seu endereço atual?

— Sim, senhor. Como disse, sinto muito. Se quiser me multar, acho que mereço.

— Gostaria que todos fossem assim tão compreensivos — comentou o policial. Poucos eram, e ele resolveu certificar-se da aparência desse sujeito educado. Olhou para a fotografia na carta de motorista e inclinou-se para verificar se era a mesma pessoa. Acendeu a lanterna no rosto de Bob. Era o mesmo rosto, mas... — Que diabo de cheiro é esse?

Mace, veio à mente do policial quase de imediato. O facho de luz varreu o interior. Os ocupantes do carro tinham aparência normal, dois na frente, dois atrás e... ali um deles trajava o que parecia ser um casaco militar...

Gregory perguntou-se se a sua vida estaria realmente em jogo. Resolveu descobrir e rezou para que o policial estivesse alerta.

Na traseira, o que estava do lado esquerdo — aquele com o paletó estranho — pronunciou, sem emitir som, uma única palavra: *Socorro.* Isso meramente deixou mais curioso o guarda, porém o que estava no banco direito da frente viu o movimento e ficou paralisado. Todos os instintos do policial se acenderam de uma só vez. Sua mão direita deslizou para o revólver de serviço, soltando a tira de segurança.

— Para fora do carro, um de cada vez, já!

Ficou horrorizado ao ver uma arma, surgida como que por encanto nas mãos do sujeito à direita no banco traseiro, e antes que ele pudesse sacar seu revólver... A mão de Gregory não chegou a tempo, mas seu cotovelo, sim, estragando a pontaria de Lenny.

O guarda ficou surpreso quando não ouviu nada, a não ser um palavrão numa língua desconhecida, mas, quando isto lhe ocorreu, a mandíbula saltou numa nuvem de estilhaços esbranquiçados. Caiu para trás, o revólver agora na mão, atirando como que por vontade própria.

Bob encolheu-se e engatou a marcha. As rodas da frente giraram no cascalho solto, mas aderiram, impulsionando o Plymouth vagarosamente para longe do barulho da arma. Na traseira, Lenny, que atirara uma única vez, aplicou uma coronhada à cabeça de Gregory. Seu tiro de mira perfeita teria perfurado o coração do policial, mas em vez disso o atingira no rosto, e ele não sabia se tinha sido mortal. Gritou alguma coisa que Bob não se importou em ouvir.

Três minutos depois, o Plymouth saía da interestadual. Abaixo do acidente que ainda bloqueava o trânsito, a estrada estava livre. Bob entrou na pequena estrada de terra com os faróis apagados e chegou ao reboque antes que o prisioneiro recobrasse a consciência.

Atrás deles, um motorista que passava viu o policial caído e saiu da rodovia para auxiliá-lo. O homem sofria bastante, com um ferimento sangrento no rosto e nove dentes a menos. O motorista correu para a viatura e fez uma chamada pelo rádio. Levou um minuto para que o operador do outro lado conseguisse entender o que ocorrera, mas três minutos depois uma segunda radiopatrulha chegava ao local, seguida por mais cinco em outros tantos minutos. O policial ferido não conseguia falar, mas passou sua prancheta aos companheiros, onde estavam anotados a descrição do carro e o número da placa. Ele também ficara com a habilitação de motorista pertencente a "Bob Taylor". Isso foi o suficiente para seus colegas. Uma chamada urgente foi passada a todas as freqüências locais da polícia. Alguém atirara num guarda. O verdadeiro crime cometido era muito pior, mas a polícia não sabia, e nem isso teria feito diferença.

Candi ficou surpresa ao ver que Al não se encontrava em casa. Sua mandíbula ainda estava amortecida pelas injeções de xilocaína, e ela resolveu tomar uma sopa. *Mas onde está Al? Talvez tivesse que ficar até mais tarde para resolver alguma coisa.* Sabia que poderia telefonar, mas não era tão importante assim, e, no estado em que se achava sua boca, de qualquer modo não poderia falar direito.

Na Central de Polícia, na Cerrilos Road, os computadores já estavam zumbindo. Um telex foi transmitido sem demora para Oklahoma, onde os

plantonistas tomaram conhecimento da magnitude do crime e acionaram seu próprio banco de dados. Na mesma hora descobriram que não fora expedida nenhuma habilitação para Robert J. Taylor, Rua 108, número 1353, Oklahoma City, OK 73210, nem havia um Plymouth Reliant com placa número XSW-498. Esse número de licença, na verdade, não existia. O sargento que dirigia a seção de computadores ficou mais do que surpreso. Receber a resposta negativa de registro de uma determinada placa não era tão incomum assim, mas receber respostas negativas sobre a placa e sobre a habilitação, *e* ainda por cima num caso de tiroteio envolvendo um policial, era exigir demais da lei das probabilidades. Ele levantou o fone para falar com o oficial superior encarregado.

— Capitão, temos um resultado maluco aqui, naquele caso do policial Mendez.

O Estado do Novo México, cheio de áreas pertencentes ao governo federal, possuía uma longa história de atividades altamente sigilosas. O capitão não sabia o que estava acontecendo, mas entendeu imediatamente que não se tratava de um acidente de trânsito. Um minuto depois, estava ao telefone falando com o escritório local do FBI.

Jennings e Perkins chegaram lá antes que o policial Mendez saísse da cirurgia. A sala de espera estava tão cheia de guardas que era uma sorte o hospital não estar atendendo a outros casos de cirurgia no momento. O capitão que dirigia a investigação estava presente, bem como o capelão da polícia estadual e meia dúzia de agentes que trabalhavam no turno de Mendez, mais a mulher dele, grávida de sete meses. O médico entrou e anunciou que ele ficaria bom. O único dano num vaso importante fora reparado, e um cirurgião maxilar começaria a consertar o estrago dentro de mais um ou dois dias. A mulher do policial chorou um pouco, depois foi levada para ver o marido antes que dois colegas a deixassem em casa. Então era hora de trabalhar.

— Ele devia estar com a arma nas costas do coitado — disse Mendez devagar, as palavras distorcidas pelos fios metálicos que seguravam sua mandíbula. Já recusara um analgésico. Queria passar as informações rapidamente, e não se importava em sofrer um pouco para fazê-lo. Estava furioso. — Era a única maneira de conseguir sacar tão depressa.

— A fotografia na carteira de motorista é parecida com o homem? — perguntou a agente Jennings.

— Sim, senhora. — Pete Mendez era um policial jovem, e fez com que a agente Jennings se sentisse velha com aquela forma de tratamento. A seguir forneceu descrições gerais dos homens. Depois veio a da vítima: — Trinta anos talvez, magrinho, de óculos. Estava usando um casaco que parecia ser de uniforme. Não vi a insígnia, mas não olhei por muito tempo. O corte de cabelo poderia ser à militar. Não sei a cor dos olhos também, mas percebi alguma coisa esquisita com eles... Brilhavam como se... Ah! O cheiro de *Mace.* Talvez fosse isso. Talvez tenham espirrado a essência nele. Não disse nada, mas mexeu os lábios, sabe como é? Achei que fosse piada, mas o sujeito da frente ficou alterado com aquilo. Eu fui lento. Devia ter reagido mais depressa. Fui muito lento.

— Você afirmou que um deles disse alguma coisa? — quis saber Perkins.

O filho da puta que atirou em mim. Não sei o que era. Não era inglês nem espanhol. Só me lembro a última palavra... *maht,* ou alguma coisa parecida — *YoV tvoyu matl* — disse Jennings sem demora. -É é isso mesmo — reconheceu Mendez. — O que quer dizer?

— Quer dizer "vá foder com sua mãe". Desculpe. — Perkins corou. Mendez ficou rígido na cama. Não se dizem tais coisas a um homem furioso, de sangue espanhol.

— O quê? — perguntou o capitão de polícia.

— É russo, um dos xingamentos favoritos. — Perkins olhou para Jennings.

— Meu Deus! — suspirou ela, quase incapaz de acreditar. — Vamos ligar já para Washington.

— Temos de identificar o... espere um pouco! Gregory? — disse Perkins. —Deus Todo-Poderoso! Ligue para Washington. Vou telefonar para a sede do Projeto.

Aconteceu que a polícia estadual chegou mais rápido. Candi atendeu a uma batida na porta e ficou surpresa ao encontrar um guarda parado ali. Ele perguntou educadamente se podia ver o major Al Gregory e obteve a resposta negativa de uma jovem cujo maxilar começava a voltar ao normal enquanto o mundo ao seu redor ruía. Ela nem entendera ainda as novidades quando o chefe de segurança do *Tea Clipper* apareceu. Apenas presenciou uma chamada pelo rádio para que procurassem o carro de Al, chocada demais, até para chorar.

A fotografia da carteira de habilitação de "Bob Taylor" já estava em Washington, sendo examinada por membros da divisão de contra-espionagem do FBI, porém não constava nos arquivos de agentes soviéticos identificados. O diretor assistente desse tipo de operações já fora chamado em sua casa pelo supervisor de plantão e, por sua vez, chamou o diretor do FBI Emil Jacobs, que chegou ao Edifício Hoover às 2 da manhã. Mal puderam acreditar, porém o policial ferido confirmou que se tratava do major Alan T. Gregory. Os soviéticos nunca tinham cometido um crime violento nos Estados Unidos, regra tão bem estabelecida que a maioria dos fugitivos soviéticos, se desejasse, podia viver abertamente e sem proteção. Mas o que estava acontecendo era muito pior do que a eliminação de um indivíduo que pelas leis soviéticas era considerado um traidor. Um cidadão americano fora seqüestrado; para o FBI, o seqüestro era um crime que pouco diferia do assassinato.

Havia um plano, claro. Embora nunca tivesse acontecido, os peritos em operações, cujo trabalho era pensar em acontecimentos inimagináveis, tinham proposto um conjunto de medidas a serem tomadas. Antes da aurora, trinta agentes graduados levantaram vôo da Base Aérea de Andrews, entre eles os membros do Grupo Anti-Seqüestro. Agentes de escritórios de campo por todo o sudoeste instruíram os guardas da Patrulha da Fronteira sobre o caso.

Bob/Leonid sentou-se sozinho, bebendo café morno. *Por que eu não continuei andando e fiz o retomo mais adiante?,* recriminou-se. *Por que tanta pressa? Por que estava tão nervoso na hora errada?*

Pois agora era hora de ficar nervoso. Seu carro apresentava três buracos de bala, dois na lateral esquerda e um na tampa do porta-malas. Sua licença de motorista estava nas mãos da polícia, contendo sua fotografia.

Desse jeito não vai conseguir um posto de professor na Academia, tovarich. Sorriu amargamente para si mesmo.

No "aparelho", consolou-se por estar em segurança mais um dia ou dois. Esse era com certeza o refúgio provisório da capita Bisyarina, que nunca pretendeu nada além de um lugar para se esconder se fosse preciso. Por causa disso, o local não tinha telefone, e ele não tinha meios para comunicar-se com a agente residente. *E se ela não voltar?* A resposta era clara. Ele seria obrigado a assumir o risco de dirigir um carro com placas conhecidas — e buracos de bala! Assim, talvez fosse melhor roubar outro.

Teve visões de milhares de policiais patrulhando as estradas com um pensamento apenas: encontrar os maníacos que haviam baleado um companheiro. Como ele pudera deixar as coisas correrem tão mal, em tão pouco tempo!

Escutou a aproximação de um carro. Lenny ainda estava guardando o prisioneiro. Bob e Bill apanharam suas pistolas e espiaram pela borda da única janela que dava para a frente do reboque. Ambos respiraram aliviados quando identificaram o Volvo de Bisyarina. Ela desceu e fez os gestos apropriados, indicando que tudo estava certo, depois veio em direção ao reboque, trazendo uma grande sacola.

— Parabéns! Você conseguiu aparecer no noticiário da televisão — disse ela ao entrar. *Idiota!* Essa parte não precisou ser dita. Ficou no ar, como uma nuvem carregada.

— E uma longa história — começou ele, propenso a mentir.

— Tenho certeza de que sim. — Ela colocou a sacola sobre a mesa. — Amanhã vou alugar um carro novo. E muito perigoso usar o mesmo. Onde vocês...

— Duzentos metros estrada acima embaixo das maiores árvores que conseguimos encontrar, coberto com galhos. É difícil de avistar, mesmo do ar.

-Sim, é bom manter isso em mente. A polícia por aqui tem helicópteros. Tome. — EÍa atirou uma grande peruca preta para Bob. A seguir, vieram dois óculos, um par com lentes claras e outro com lentes espelhadas.

— E alérgico a maquilagem?

— O quê?

— Maquilagem, seu tolo...

— Capita... — começou Bob calorosamente. Bisyarina calou-o com um olhar.

— Sua pele é clara. Caso não tenha notado, um bom número de pessoas por aqui é de origem hispânica. Este é meu território, e vocês vão fazer exatamente como estou dizendo. — Ela fez uma pequena pausa. — Vou tirar vocês daqui.

— A mulher americana, ela conhece você de vista...

— É óbvio. Suponho que você queira eliminá-la? Afinal, já quebraram uma regra, por que não mais uma? Quem foi o maluco de

merda que ordenou essa missão?

— As ordens vieram de muito alto — respondeu Leonid.

— Alto *quanto?* — quis saber ela, obtendo apenas uma sobrancelha levantada como resposta. — Está brincando!

— A natureza da ordem, o código de "ação imediata"... O que acha?

— Acho que todas as nossas carreiras estão arruinadas, e isso quer dizer... bem, sofreremos as conseqüências. Mas não posso concordar com a morte da minha agente. Ainda não matamos ninguém, e não acho que suas ordens incluam...

— Tem razão — disse Bob em voz alta, sacudindo a cabeça enfaticamente para um lado e para outro. Bisyarina espantou-se.

— Isto poderia dar início a uma guerra — disse ela baixinho, em russo.

Não se referia a uma guerra de verdade, mas algo tão ruim quanto isso, um conflito aberto entre agentes da CIA e da KGB, algo que nunca ocorrera, mesmo em países do Terceiro Mundo, onde geralmente subordinados matavam subordinados, a maior parte do tempo sem saber os motivos — mas esses acontecimentos eram incomuns. O trabalho dos serviços de Inteligência era reunir informações. Todos concordavam tacitamente que a violência cruzava o caminho da verdadeira missão. Mas se ambos os lados começassem a matar homens escolhidos como alvos estratégicos entre seus oponentes...

— Devia ter recusado a ordem — opinou ela, após uma pausa.

— Certamente — comentou Bob. — Ouvi dizer que os campos de Kolima são muito bonitos nessa época do ano, com a planície branca brilhando em seu manto de neve.

O estranho em tudo isso — pelo menos pareceria estranho a um ocidental — era que nenhum dos agentes sequer considerou a hipótese de render-se, com um pedido de asilo político. Embora isso terminasse com seus riscos pessoais, significaria trair o país natal.

— O que fazem aqui é de sua responsabilidade, mas não vou matar minha agente — afirmou Ann, encerrando a discussão sobre o assunto. — Vou tirar vocês daqui.

— Como?

— Ainda não sei. De carro, acho, mas terei de descobrir alguma coisa nova. Talvez não exatamente um carro. Talvez um caminhão... — imaginou ela em voz alta.

Havia muitos caminhões por ali, e não era tão raro assim ver uma mulher dirigindo um. Levar uma caminhonete através da fronteira, talvez? Com Gregory numa caixa, drogado ou amarrado, talvez ambas as coisas? Quais os procedimentos da Alfândega com caminhonetes? Nunca antes preocupara-se com isso. Com o prazo de uma semana, como teria sido adequado para uma operação decente, ela encontraria tempo para responder um bocado de perguntas.

Vamos com calma, disse a si mesma. *Já tivemos pressa demais por aqui.*

— Dois dias, talvez três.

— É bastante tempo — comentou Leonid.

— Talvez precise de todo ele para avaliar as contramedidas que precisamos enfrentar. Por enquanto, não se preocupe em fazer a barba.

— O território é seu — Bob concordou.

— Quando voltar, pode usar o caso num estudo sobre por que as operações precisam de uma preparação adequada — comentou Bisyarina. — Querem mais alguma coisa?

— Não.

— Muito bem. Vejo vocês amanhã.

— Não — disse Beatrice Taussig aos agentes. — Eu vi Al esta tarde. Eu... — olhou sem graça para Candi —... queria que ele me ajudasse com... bem, a apanhar um presente de aniversário para Candance amanhã. Eu também o vi no estacionamento, mas foi só. Vocês acham mesmo... quero dizer, os *russos*...

— É o que parece — declarou Jennings.

— Meu Deus!

— Será que o major Gregory sabe o suficiente para que os russos...

— Jennings ficou surpresa ouvindo Taussig responder, no lugar da dra. Long.

— Sabe, sim Ele é o único que realmente entende o projeto inteiro. Al é muito inteligente. E um amigo — acrescentou ela.

Aquilo despertou um sorriso cálido em Candi. Havia agora lagrimas de verdade nos olhos de Bea. Ficava magoada ao ver a amiga sofrendo mesmo que soubesse que era para o próprio bem dela.

— Ryan, você vai adorar essa.

Jack acabara de voltar da última rodada de negociações no edifício do Ministério das Relações Exteriores, vinte andares em estilo bolo de

casamento, no Avenida Smolensky. Candeia passou-lhe o despacho.

— Aquele filho da puta! — desabafou Ryan.

— Não esperava que ele cooperasse, esperava? — perguntou sarcasticamente o agente, depois mudou de idéia: — Desculpe, doutor. Eu também não esperava por isso.

— Conheço esse garoto. Eu mesmo andei com ele quando veio a Washington para nos explicar o projeto... — *É sua culpa, Jack. Foi a sua idéia que provocou isso...* Fez algumas perguntas.

— É, com certeza — disse Candeia. — Parece que eles foderam com tudo. Deve ter sido planejado durante a noite. Ei, os caras da KGB também não são super-homens, parceiro. Seguem ordens como nós.

— Tem alguma idéia?

— Não existe muito que a gente possa fazer deste lado da corda, além de esperar que os guardas locais consigam endireitar as coisas.

— Mas se tudo vier a público...

— Exiba alguma prova. Não se acusa um governo estrangeiro de algo assim sem provas. Que diabo, existe uma meia dúzia de engenheiros na Europa que foram assassinados por terroristas de esquerda nos últimos dois anos, todos ligados a pesquisas para o Guerra nas Estrelas. Isso sem mencionar alguns "suicídios". Não fizemos disso tudo um assunto público, também.

— Mas isso quebra as regras, ora!

— Quando" se chega ao ponto, só existe uma regra: ganhar.

— Será que o serviço do governo ainda tem aquele esquema global de televisão?

— Em rede mundial? Claro. É um ótimo programa.

— Se não conseguirmos Gregory de volta, vou espalhar pessoalmente a história do *Outubro Vermelho,* e danem-se as conseqüências! — praguejou Ryan. — Mesmo que custe minha carreira, vou fazer isso!

— *Outubro Vermelho?* — Candeia não tinha a menor idéia do que se tratava.

— Confie em mim, é uma boa história.

— Pois diga isso aos seus amigos da KGB. Que diabo, pode até funcionar.

— Mesmo que não funcione... — falou Ryan, mais controlado agora. *É sua culpa, Jack,* pensou novamente. Candeia concordava, e Jack percebia isso.

O mais engraçado, pensava a polícia estadual, é que não haviam fornecido à imprensa a parte mais suculenta do caso. Logo que o grupo do FBI chegou, as regras foram estabelecidas. Por enquanto tratava-se de um simples caso de agressão a tiro contra um policial. O envolvimento federal deveria ser mantido em segredo, e, se por acaso descobrissem alguma coisa, seria espalhado que um traficante internacional estava à solta, daí o pedido de ajuda federal. As autoridades de Oklahoma foram instadas a dizer aos repórteres abelhudos que apenas haviam ajudado na identificação do suspeito. Entretanto, o FBI tomava conta do caso, e contingentes federais começavam a encher a área. Aos cidadãos foi dito que bases militares próximas conduziam manobras de rotina — exercícios especiais de busca e salvamento —, o que explicava a atividade anormal de helicópteros na área. Os que trabalhavam no projeto *Tea Clipper* foram instruídos sobre o que ocorrera, e lhes pediram para guardar segredo sobre o assunto, tão sigiloso quanto os outros.

O carro de Gregory foi localizado em questão de horas, sem nenhuma impressão digital — Bisyarina usara luvas, claro — nem outra evidência qualquer, embora o posicionamento do carro e o do local do tiroteio simplesmente confirmassem o profissionalismo da ação.

Gregory fora assunto em Washington de homens mais importantes do que Ryan. A primeira reunião matinal do presidente era com o general Bill Parks, o diretor do FBI Emil Jacobs e o juiz Moore.

— Bem? — a pergunta era dirigida a Jacobs.

— Essas coisas levam tempo. Alguns dos melhores homens que temos estão investigando o caso, senhor presidente, mas ficar olhando por sobre o ombro deles só atrasa as coisas.

— Bill — chamou o presidente a seguir. — Qual é a importância do rapaz?

— Ele não tem preço — respondeu Parks com simplicidade. — Está entre meus três melhores homens, senhor. Pessoas assim não podem ser substituídas facilmente.

O presidente considerou com seriedade a resposta durante algum tempo. A seguir voltou-se para o juiz Moore. -Nós provocamos isso, não foi?

Sim senhor presidente. De uma certa maneira. Obviamente atingimos Gerasimov num ponto muito sensível. Minha avaliação coinci-cide com a do general. Eles desejam o que Gregory sabe. Gerasimov provavelmente

pensa que, se conseguir informações dessa magnitude, pode ultrapassar as conseqüências políticas do caso do *Outubro Vermelho*. É um palpite difícil, daqui do outro lado do oceano, mas a análise que ele fez é bastante pertinente.

— Eu sabia que não devíamos ter feito aquilo... — falou baixinho o presidente, sacudindo depois a cabeça. — Bem, a responsabilidade foi minha. Eu autorizei tudo. Se a imprensa...

— Senhor, se a imprensa captar um rumor que seja sobre isso, com toda certeza não vai ser pela CIA. Em segundo lugar, sempre poderemos dizer que este foi um golpe desesperado... eu preferiria usar *vigoroso*... na tentativa de salvar a vida de nosso agente. Não precisamos ir além disso, e esse tipo de ação é esperado dos serviços de informações. Eles vão até os limites para proteger seus agentes. E nós também. É uma das regras do jogo.

— E onde Gregory se encaixa nessa regra? — indagou Parks. — E se acharem que temos a mínima chance de salvá-lo?

— Então não sei — admitiu Moore. — Se Gerasimov tiver sucesso em salvar a si mesmo, provavelmente dirá a nós que o forçamos a fazer isso, porque nem a CIA., nem a KGB querem começar uma guerra. Para responder diretamente a sua pergunta, general, minha opinião é de que nesse caso podem ter ordens de eliminar o prisioneiro.

— Quer dizer assassiná-lo? — indagou o presidente.

— E uma possibilidade. Gerasimov deve ter ordenado essa missão com muita pressa. Homens desesperados dão ordens desesperadas. Seria temerário pressupor menos do que isso.

O presidente refletiu por um minuto. Recostou-se na cadeira e tomou um gole de seu café.

— Emil, e se conseguirmos descobrir onde estão?

— O Grupo Anti-Seqüestro está de prontidão, todos os homens a postos. Os helicópteros serão operados pela Força Aérea, mas no momento só resta sentar e esperar.

— Se eles entrarem em ação, quais as chances de que consigam salvá-lo?

— Muito boas, senhor presidente — afirmou Jacobs.

— "Muito boas" não resolve o problema — disse Parks. — Se os russos tiverem ordem de matá-lo...

— Meu pessoal é tão bem treinado quanto os melhores do mundo — protestou o diretot do FBI.

— Quais são os regulamentos? — exigiu Parks.

— Eles são treinados para usar meios mortais em sua própria proteção, ou de qualquer pessoa inocente. Se alguém der a impressão de estar ameaçando a segurança de um refém, é um homem morto.

— Ainda não está bom — declarou Parks a seguir.

— O que quer dizer com isso? — quis saber o presidente.

— Quanto demora para um homem se voltar e estourar a cabeça de alguém? E se eles estiverem dispostos a morrer no cumprimento da missão? Esperamos que nosso pessoal faça isso, não é?

— Arthur? — As cabeças se viraram para o juiz Moore.

O diretor-geral dos Serviços de Informações encolheu os ombros.

— Não posso prever a dedicação dos soviéticos. Isso é possível? Sim, suponho que seja. Mas é certo? Isso não sei. Ninguém sabe.

— Eu costumava pilotar aviões de caça para viver. Conheço os tempos de reação do corpo humano — falou Parks. — Se um sujeito resolve se voltar e atirar, mesmo que nosso homem tenha uma arma apontada para o outro, ele pode não ser suficientemente rápido para salvar a vida de Al.

— O que quer que faça? Que diga para o meu pessoal matar qualquer um que avistarem? — perguntou Jacobs em voz baixa. — Nós não fazemos estas coisas, de modo nenhum.

A seguir Parks dirigiu-se para o presidente:

— Senhor, mesmo que os russos não consigam Gregory, se o perdermos, eles ganham. Podem passar anos até que seja possível substituí-lo. Pressuponho, senhor, que o pessoal de Jacobs é treinado para lidar com criminosos, não com profissionais, e não numa situação como essa. Senhor presidente, recomendaria que chamasse a Força Delta em Fort Bragg.

— Eles não têm jurisdição sobre esse caso — observou imediatamente Jacobs.

— Mas recebem o tipo certo de treinamento — respondeu o general. O presidente permaneceu em silêncio por mais de um minuto.

— Emil, seu pessoal é bom em obedecer a ordens?

— Eles farão o que o senhor disser, presidente. Mas a ordem terá de ser sua, e por escrito.

— Pode colocar-me em contato com eles?

— Sim, é claro.

Jacobs apanhou o fone e efetuou uma chamada através do seu escritório no Edifício Hoover. Ao longo do caminho, a ligação foi apressada.

— Agente Werner, por favor... Alô, aqui é o diretor Jacobs. Tenho uma mensagem especial para você. Espere um pouco. — Passou o telefone ao presidente. — Este é Gus Werner. Tem sido o líder do grupo por cinco anos. Gus desistiu de uma promoção para ficar com o Grupo Anti-Seqüestro.

— Senhor Werner, aqui e o presidente. Reconhece rninha voz? Ótimo. Por favor, ouça com atenção. Na eventualidade de você tentar resgatar o major Gregory, sua única missão será retirá-lo. Todas as outras considerações são secundárias a esse objetivo. A prisão dos criminosos em questão não é, eu repito, não é um assunto importante. Isso está claro? Sim, a simples possibilidade de ameaça ao refém é motivo suficiente para o uso de meios mortais. O major Gregory é um quadro insubstituível. A sobrevivência dele é sua única missão. Colocarei isso por escrito e entregarei ao diretor. Obrigado, e boa sorte. — O presidente recolocou o fone no lugar. — Ele disse que consideraram essa possibilidade.

— É o que ele faria — comentou Jacobs. — Gus tem uma ótima imaginação. Agora o bilhete, senhor.

O presidente tomou uma pequena folha de papel de sua escrivaninha e oficializou a ordem. Só percebeu o que havia feito depois de terminar. Isso não era um exercício intelectual. Ele acabara de escrever à mão uma sentença de morte. Descobriu quão deprimente era fazê-lo.

— General, está satisfeito?

— Espero que esse pessoal seja tão bom quanto o diretor afirma — foi tudo que Parks se permitiu dizer..

— Juiz, alguma repercussão do outro lado?

— Não, senhor presidente. Nossos colegas soviéticos entendem esse tipo de coisa.

— Então é só. — *E Deus tenha piedade de minha alma.*

Ninguém havia dormido. Candi não fora trabalhar. Com a chegada do grupo de investigação de Washington, Jennings e Perkins estavam cuidando dela. Havia a remota possibilidade de que Gregory escapasse, e

nesse caso ele telefonaria primeiro para casa. Havia um segundo motivo, é óbvio, mas não oficial.

Bea Taussig transformara-se num verdadeiro furacão de energia. Passara a noite arrumando a casa e servindo café para todos. Estranho como possa parecer, isso deu-lhe uma ocupação além de ficar sentada.

Seu próprio tipo de carro, usava o próprio tipo de roupas, e ao diabo com o que os outros pensassem. Bea, a covarde, que mesmo depois de arriscar tudo não tinha a coragem de se comunicar com a única pessoa no mundo que importava. Mais um movimento hesitante. Beijou a amiga novamente, provando o gosto salgado das lágrimas e sentindo uma entrega desesperada nos braços que envolviam seu peito. Taussig respirou fundo e moveu uma das mãos até os seios da amiga!

Jennings e Perkins passaram pela porta menos de cinco segundos depois de ouvir o grito. Viram o horror estampado no rosto de Long, e uma expressão ao mesmo tempo parecida e muito diferente no de Taussig.

23
PLANOS MAIS ELABORADOS

— A posição do governo dos Estados Unidos — declarou Ernest Allen do seu lado da mesa — é de que os sistemas projetados para proteger civis inocentes das armas de destruição em massa não representam ameaça nem desestabilização, e que restrições ao desenvolvimento de tais sistemas não têm finalidade prática. Essa posição tem sido constantemente enfatizada nos últimos oito anos, e não temos intenção de alterá-la. Acolhemos com prazer a iniciativa de reduzir as armas ofensivas em 50 por cento, e examinaremos os detalhes da proposta com interesse, mas uma redução de armas ofensivas não se estende às armas defensivas, que não são objeto de negociação além de sua aplicabilidade aos acordos vigentes entre nossos países.

Continuou o presidente:

— Quanto à questão das inspeções *in loco,* ficamos desapontados ao notar que o grande progresso obtido recentemente deveria...

É preciso admirar esse sujeito, pensou Ryan. O presidente não concordava com o que dizia, porém estava representando a posição de seu país, e Ernie Allen nunca deixou seus sentimentos pessoais saírem do compartimento secreto onde os trancava antes dessas sessões.

A reunião terminou oficialmente quando Allen acabou o discurso, pronunciado pela terceira vez naquele dia. As cortesias de costume foram trocadas. Ryan apertou a mão de seu colega soviético. Ao fazê-lo, passou um bilhete, como aprendera em Langley. Golovko não demonstrou nenhuma reação, o que lhe valeu um aceno amigável ao final do aperto de mão. Jack não tinha alternativa. Precisava continuar com o plano. Ficaria sabendo nos próximos dias que tipo de jogador era Gerasimov: se continuaria a correr o risco das revelações da CIA, acrescido das ameaças de outras ainda mais espetaculares que Ryan prometera, ou... Mas Ryan não conseguia admirar o homem. Intuía que Gerasimov era o chefe assassino da principal agência de assassinos de um país que se permitia ser governado por assassinos. Tinha consciência de que essa era uma maneira simplista e perigosa de ver as coisas, mas não sendo agente de campo, embora agora se comportasse como um deles, ainda não aprendera que o

mundo visto de sua segura sala com ar condicionado no sétimo andar da CIA não era tão definido como os relatórios que escrevia. Esperava que Gerasimov cedesse a seu pedido, depois de um prazo razoável para avaliar sua posição. Ocorreu-lhe que o diretor-geral da KGB pensava como um mestre de xadrez, porque era o que se esperava do seu posto, e agora se confrontava com um homem disposto a abrir o jogo — como era esperado que os americanos fizessem. A ironia devia ser divertida, disse Jack a si mesmo, caminhando pelo saguão de mármore do Ministério das Relações Exteriores. Mas não era.

Jennings nunca vira alguém tão completamente destruído como Bea Taussig. Por baixo da pose rude e confiante, batia afinal de contas um solitário coração humano, consumido por uma raiva enorme do mundo que não a tratava da maneira como desejava, maneira que ela mesma não conseguia impor. Quase sentiu piedade pela mulher de algemas, mas compaixão não era um sentimento que se misturava com traição, e muito menos com seqüestro, o crime mais alto — ou mais baixo — no panteão institucional do FBI.

O colapso fora compreensivelmente completo, e isso era o que importava no momento. Isso e o fato de que ela e Will Perkins extraíram as informações de que precisavam. Ainda estava escuro quando a levaram para fora, a um carro do FBI que estava esperando. Deixaram o Datsun na entrada de automóveis para sugerir que ela permanecia na casa, porém quinze minutos mais tarde Bea entrava pela porta dos fundos do escritório do FBI de Santa Fé e dava a informação aos investigadores recém-chegados. Não foi muito; na verdade, apenas um nome, um endereço e um tipo de carro, mas representavam o fio da meada. Um carro do FBI passou em frente à casa logo depois, e os homens repararam que o Volvo permanecia no lugar. A seguir, uma lista telefônica especial permitiu que eles chamassem a família que morava do outro lado da rua, avisando que dois agentes do FBI iriam bater na porta dos fundos. Os dois estabeleceram vigilância na sala de estar da família, assustando e excitando o jovem casal que morava na casa requisitada. Disseram aos agentes que "Ann", como ela era cohecida parecia ser uma mulher sossegada, cuja profissão desconheciam que não causava nenhum incômodo à vizinhança, embora às vezes cumprisse horários excêntricos, como muitas pessoas solteiras Na noite anterior, por exemplo, ficara fora de casa até tarde, observou o marido, e chegou uns vinte minutos antes de

terminar o programa de Jimmy Carson na televisão. *Um encontro cansativo,* ele pensara. Era estranho que nunca trouxesse ninguém à sua casa...

— Ela está acordada. Algumas luzes estão acendendo.

Um dos agentes apanhou o binóculo, quase desnecessário para enxergar o outro lado da rua. O segundo estava munido de uma câmera fotográfica com teleobjetiva e filme de alta sensibilidade. Nenhum dos dois conseguia ver algo mais do que uma sombra movendo-se atrás das cortinas fechadas. Do lado de fora, observaram um homem com capacete de ciclista passar ao lado do carro estacionado em sua bicicleta de dez marchas, realizando o exercício matinal. Do vantajoso ponto de observação onde se encontravam, puderam distinguir quando ele colocou o sinalizador de rádio na parte interior do pára-choque traseiro, mas apenas porque sabiam para onde olhar.

— Quem ensina os caras a fazerem essas coisas? — perguntou o homem com a câmera. — David Copperfield?

— Stan de Tal... que trabalha em Quântico. Joguei baralho com ele uma vez — riu o outro. — Ele me devolveu o dinheiro da aposta e mostrou o que tinha na mão. Desde esse dia nunca mais joguei pôquer a dinheiro.

— Pode nos dizer o que está acontecendo? — indagou o dono da casa.

— Desculpe. Vocês vão saber de tudo, mas agora não há tempo. Olha lá!

— Peguei. — A câmera automática começou a fotografar.

— Essa foi em tempo! — O homem com o binóculo levantou seu radiotransmissor. — O suspeito está saindo da casa e entrando no carro.

— Estamos prontos — respondeu uma voz metálica ao aparelho.

— Lá vai ela, rumando para sul, estamos quase perdendo contato visual. Perdemos. Ela é toda de vocês agora.

— Certo. Já avistamos. Desligo.

Nada menos do que onze carros estavam destacados para a vigilância, porém mais importante ainda eram os helicópteros circulando a 1 200 metros acima do solo. Havia mais um helicóptero aguardando em terra, na base Aérea de Kirtland. Era um UH-1N, a variante de dois motores do venerando Huey, famoso no Vietnã, emprestado pela Força Aérea e agora sendo aparelhado com cordas de abordagem.

Ann dirigia o Volvo de forma aparentemente normal, mas por trás dos óculos espelhados os olhos verificavam o retrovisor a intervalos de segundos. Precisava de toda sua habilidade agora, todo seu treinamento, e, apesar de ter dormido apenas cinco horas, mantinha os padrões profissionais. Próxima a ela no banco repousava uma garrafa térmica com café. Ela já tomara duas xícaras e levava o restante para seus três camaradas.

Bob também estava se movimentando. Vestido com macacão e botas, ele corria por entre os bosques, parando apenas para examinar a bússola, durante o percurso de 3 quilômetros através dos pinheiros. Dera a si mesmo quarenta minutos para percorrer essa distância. A altitude e o ar rarefeito fizeram-no resfolegar antes mesmo de chegar às encostas. Teve de deixar para trás todas as suas recriminações. A única coisa que importava agora era a missão. As coisas já haviam corrido mal em operações de campo anteriormente, embora nunca com ele, e a prova de valor de um verdadeiro agente era a maneira como contornava as adversidades e cumpria sua tarefa. Dez minutos depois das 7 horas, enxergou a estrada e, na margem mais próxima, o armazém. Parou 20 metros antes da fímbria da floresta e esperou.

O caminho de Ann era aleatório, ou pelo menos assim parecia. Dirigiu acima e abaixo da estrada, antes de encetar a parte final da viagem. Às 7hl5 ela parou no estacionamento da pequena mercearia e entrou.

O FBI ficara reduzido a dois carros agora, tão hábeis foram as manobras de evasão. Cada curva aleatória que ela fazia forçava um carro a abandonar a perseguição — presumia-se que ela poderia identificar cada automóvel que visse mais de uma vez —, e uma chamada frenética fora enviada para conseguir reforço. Ela escolhera o armazém com cuidado. Não podia ser visto por ninguém que estivesse na estrada propriamente dita; o volume de tráfego não permitia. O carro número 10 entrou no mesmo estacionamento. Um de seus ocupantes foi ao interior do estabelecimento, enquanto o outro ficou no veículo.

O homem no armazém fez o primeiro contato real do Bureau com Ann, enquanto ela comprava algumas rosquinhas e resolvia levar mais café em grandes copos plásticos e outras bebidas, todas elas de alto teor de cafeína, embora o agente não tivesse reparado nisso. Ele saiu imediatamente atrás dela, com um jornal e dois cafés grandes. Observou enquanto ela saía pela porta e viu quando um homem entrou no carro tão

naturalmente quanto se fosse o noivo de uma mulher que gostasse de dirigir seu próprio carro. Apressou-se em direção à porta do veículo, mas mesmo assim quase a perderam.

— Olhe aqui. — Ann passou o jornal a ele. A fotografia de Bob estava na primeira página. Fora reproduzida em cores, apesar de a qualidade do original na carteira de habilitação não ser das melhores. — Estou contente que tenha lembrado de usar a peruca — observou ela.

— Qual é o plano? — perguntou Leonid.

— Em primeiro lugar vou alugar outro carro para levá-lo de volta ao reboque. A seguir vou comprar um pouco de maquilagem para que possa mudar suas características. Depois, acho que deveríamos arrumar um pequeno caminhão para atravessar a fronteira. Vamos precisar também de algumas embalagens. Ainda não resolvi isso, mas decidirei até o final do dia.

— E a travessia?

— Amanhã. Vamos partir antes do meio-dia e cruzar a fronteira lá pela hora do jantar.

— Tão rápido assim? — perguntou Bob.

— *Da.* Quanto mais penso sobre isso... eles vão encher a área de agentes se demorarmos muito.

Percorreram em silêncio o restante do caminho. Ela retornou à cidade e parou o carro num estacionamento público, deixando Leonid a esperar enquanto atravessava a rua e andava meio quarteirão até uma agência locadora de carros em frente a um grande hotel. Ali cumpriu as formalidades em menos de quinze minutos, e logo estacionou um Ford ao lado de seu Volvo. Ela atirou as chaves para Bob e lhe disse para segui-la até a rodovia interestadual, depois do quê, estaria por conta própria.

Quando chegaram à rodovia, o FBI estava praticamente a pé. Uma decisão teve de ser tomada, e o agente encarregado da segurança agiu certo. Um carro não identificado da polícia estadual assumiu a cobertura do Volvo. Por sua vez, o último carro do FBI seguia o Ford pela estrada. Enquanto isso, cinco veículos que haviam participado da vigilância sobre "Ann" correram para emparelhar-se com "Bob" e seu Ford. Três deles tomaram a mesma saída, depois seguiram-no ao longo da rodovia secundária em direção ao "aparelho". Enquanto adaptava sua velocidade ao limite permitido, dois dos carros foram forçados a passá-lo, porém o terceiro ficou para trás — até que o Ford entrasse no acostamento e

parasse. Esse trecho da estrada era reto como uma flecha por quase 2 quilômetros, e ele havia parado bem no centro.

— Peguei-o, estou vendo — anunciou um dos helicópteros de observação, de uma distância de 5 quilômetros, usando binóculos estabilizados.

Viu uma minúscula figura humana abrir o capo do carro, depois curvar-se para o interior e permanecer vários minutos antes de fechá-lo e prosseguir.

— O sujeito é um profissional — disse o observador ao piloto.

Mas não o suficiente, pensou o piloto, os olhos fixos no distante ponto que era o teto do carro. Pôde divisar o Ford virando na estrada de terra que desaparecia entre as árvores.

— Oba!

Já era esperado que o esconderijo fosse isolado. A geografia da área prestava-se a isso. Tão logo o local foi identificado, um Phantom RF-4C do 67? Esquadrão de Reconhecimento Tático decolou da Base Aérea de Bergstrom, no Texas. A tripulação de dois homens pensou que fosse algum tipo de brincadeira, mas não se importaram em fazer a viagem, que demorou menos de uma hora. Como missão, era tão simples que qualquer um a realizaria. O Phantom fizera um total de quatro passagens a grande altitude sobre a área e depois de filmar algumas centenas de metros através de seus sistemas de múltiplas câmeras, aterrissou na Base Aérea de Kirtland, nos arredores de Albuquerque. Um avião de carga trouxera pessoal e equipamento adicional algumas horas antes. Enquanto o piloto desligava os motores, dois técnicos de apoio removeram o compartimento do filme e levaram-no para o reboque que servia como laboratório fotográfico portátil. Equipamentos automáticos de revelação entregaram as cópias úmidas aos interpretadores de imagem meia hora depois que o avião desligara os motores.

— Aqui está — comentou o piloto, quando viu a fotografia certa. — Boas condições: tempo claro, frio, baixa umidade, bom ângulo do sol. Nem ao menos deixamos esteira de fumaça.

— Obrigado, major — disse a sargenta ao examinar o filme da câmera panorâmica KA-91. — Parece que temos uma estrada de terra saindo da rodovia nesse ponto, depois ondulando por essas elevações... e ali parece haver um reboque, um carro estacionado a uns 50 metros... mais um coberto aqui. Dois carros, portanto. Certo, o que mais...

— Espere um pouco... não estou vendo o segundo carro — protestou um agente do FBI.

— Está aqui, senhor. O sol está refletindo em alguma coisa, muito grande para ser uma lata de refrigerante. Provavelmente o pára-brisa do carro, talvez uma janela traseira, mas eu diria que essa é a parte da frente.

— Por quê? — indagou o agente. Ele precisava saber.

A intérprete não olhou para cima.

— Bem senhor, se fosse eu que estivesse escondendo um carro, eu o colocaria de ré para que pudesse sair rapidamente, sabe como é? O homem fez o possível para não rir.

— Certo, sargenta.

EÍa passou para outra imagem.

— Veja lá... aqui temos um reflexo do pára-choque, e aqui provavelmente a grade. Vê como cobriram tudo? Olhe aqui ao lado do reboque. Pode ser um homem ali nas sombras... — Ela passou para a fotografia seguinte. — Isso mesmo, parece uma pessoa.

O homem tinha quase 2 metros, atlético, com cabelo escuro e uma sombra no rosto, indicando que não se barbeara. Nenhuma arma estava visível.

Encontraram cerca de trinta fotografias utilizáveis do local, oito das quais foram ampliadas para o tamanho de *posters*. Estas foram para o hangar com o UH-1N. Gus Werner estava lá. Não gostava de missões apressadas tanto quanto as pessoas no reboque, mas suas opções eram tão limitadas quanto as deles.

— Então, coronel Filitov, vamos voltar a 1976.

— Dmitri Fedorovich me levou com ele quando se tornou ministro da Defesa. Facilitou as coisas, é claro.

— E aumentou suas oportunidades — observou Vatutin.

— E verdade.

Não havia recriminações agora, ou acusações, ou mesmo comentários sobre a natureza do crime que Misha cometera. Haviam superado esse estágio. A admissão de culpa viera em primeiro lugar, como sempre acontecia, e isso era sempre difícil, porém, depois de os acusados serem dobrados ou levados a confessar, vinha a parte mais difícil. Podia durar várias semanas, e Vatutin não tinha idéia de quando terminaria. A fase inicial era destinada a dar uma idéia geral. O exame detalhado de cada caso teria lugar a seguir, mas a divisão do interrogatório em duas fases era

crucial para estabelecer um ponto de referência, caso o prisioneiro tentasse alterar ou negar alguma coisa em particular. Mesmo nessa fase, revendo alguns detalhes, Vatutin e seus homens ficaram estarrecidos. Especificações de cada tanque e canhão na União Soviética, incluindo as variações nunca enviadas aos árabes — o que era a mesma coisa que entregá-los aos israelenses, portanto o mesmo que dá-los aos americanos — ou mesmo aos outros países do Pacto de Varsóvia, foram cedidas aos americanos antes mesmo que os primeiros protótipos entrassem em produção. Especificações de aeronaves. Desempenho de ogivas convencionais e nucleares de todos os tipos. Dados de avaliação de mísseis estratégicos. Imagens do interior do Ministério da Defesa, e agora, ao entrar na época em que Ustinov fora indicado para o Politburo, disputas políticas de alto nível. E o que causara mais danos é que Filitov passara adiante tudo que sabia sobre estratégia soviética... e ele sabia tudo que havia para saber. Ao tornar-se conselheiro e confidente de Dmitri Ustinov, e usar sua capacidade como combatente lendário, ele representara um olhar burocrático no mundo real dos combatentes.

E então, Misha, o que acha disso?... Ustinov deve ter feito a mesma pergunta milhares de vezes, compreendeu Vatutin, mas nunca suspeitara...

— Que tipo de homem era Ustinov? — indagou o coronel do "Dois".

— Brilhante — respondeu Filitov sem hesitar. — Seu talento administrativo não tinha paralelo. Seus instintos para os processos de fabricação, por exemplo, eram tão aguçados como nunca vi iguais. Era capaz de cheirar uma fábrica e dizer se o trabalho em andamento estava bom ou não. Conseguia enxergar cinco anos à frente e determinar quais armas seriam necessárias e quais não seriam. Só era fraco no conhecimento de como as armas seriam usadas em combate, e por isso às vezes discutíamos quando eu tentava torná-las mais fáceis de manipular. Quero dizer, ele procurava métodos para acelerar a produção, enquanto eu buscava uma forma de melhorá-las no campo de batalha. Geralmente eu ganhava, mas não sempre.

Impressionante, pensou Vatutin enquanto tomava notas. *Misha nunca parou de lutar para tornar as armas melhores, embora estivesse passando os segredos para o Ocidente... Por quê?* Mas ele não poderia perguntar isso agora, *nem por um bom tempo.* Não podia deixar que Misha visse a si mesmo como um patriota outra vez, até que todas as traições estivessem

completamente documentadas. Os detalhes dessa confissão, ele agora sabia, levariam meses.

— Que horas são em Washington? — perguntou Ryan a Candeia.

— Quase 10 horas da manhã. A sessão foi curta hoje.

— E. A oposição pediu para antecipar um recesso. Alguma notícia de Washington sobre o assunto Gregory?

— Nada ainda — respondeu Candeia, desanimada.

— Você nos disse que eles colocariam os sistemas de defesa na mesa —disse Narmonov ao chefe da KGB.

O ministro das Relações Exteriores acabara de declarar o contrario. Na verdade, tomaram conhecimento do fato no dia anterior, mas agora tinham certeza absoluta de que não era um ardil. Os soviéticos optaram por um recuo quanto ao item sobre inspeção de armamentos constante da proposta inicial, esperando que isso abalasse os americanos um pouco que fosse, na questão da Iniciativa de Defesa Estratégica. Mas o gambito encontrara uma muralha de pedra.

— Parece que nossa fonte estava incorreta — admitiu Gerasimov. — Ou talvez a concessão esperada demore mais tempo.

— Eles não alteraram a posição e nem o farão. Você foi mal informado, Nikolay Borissovich — declarou o ministro das Relações Exteriores, definindo sua posição de aliança com o secretário-geral.

— Isso é possível? — indagou Alexandrov.

— Um dos problemas em reunir informações sobre os americanos é que eles nem sempre sabem qual a posição que ocupam. Nossa informação vem de uma fonte muito bem colocada, e o relatório coincidiu com o de outros agentes. Talvez Allen desejasse fazer isso, mas tenha sido proibido.

— É possível — concedeu o ministro do Interior, não desejando pressionar demais Gerasimov. — Há algum tempo venho sentindo que ele tem idéias próprias sobre a questão. Mas isso não importa agora. Teremos de mudar nossa maneira de abordar o problema. Será que isso é um indício de que os americanos tenham conseguido outro avanço técnico?

— Possivelmente. Estamos trabalhando nisso, no momento. Tenho um grupo tentando trazer material importante. — Gerasimov não ousou ir além.

Sua operação para apanhar o major americano era mais desesperada do que Ryan teria imaginado. Se viesse a público, ele seria acusado de tentar boicotar importantes negociações em andamento — e de tê-lo feito

sem consultar seus pares. Até mesmo os membros do Politburo deviam discutir suas ações, mas ele não pudera. Seu aliado Alexandrov iria querer saber o motivo, e Gerasimov não podia arriscar-se a revelar a armadilha para ninguém. Por outro lado, ele estava certo de que os americanos manteriam sigilo sobre o seqüestro. Para eles, tal revelação implicava correr um risco idêntico — políticos em Washington tentariam acusar os conservadores de usar o incidente para sabotar as conversações por interesse próprio. O jogo era grande como jamais tora, e os riscos que Gerasimov estava correndo, embora graves, meramente se adicionavam ao contexto. Era tarde demais para ser cuidadoso. Já se encontrava um passo adiante e, embora sua própria vida estivesse em jogo, a dimensão do risco era digna de seu objetivo final.

— Não sabemos se ele está lá, sabemos? — perguntou Paulson. Ele era o melhor atirador do Grupo Anti-Seqüestro. Membro do "Clube da Meia Polegada", ele conseguia colocar três tiros num círculo de meia polegada a 200 metros — e dessa meia polegada 0,308 pertencia ao diâmetro da bala em si.

— Não, mas é o melhor que temos no momento — admitiu Gus Werner. — São três homens. Sabemos com certeza que dois deles estão ali. Eles não deixariam um homem só tomando conta do refém... Não seria profissional.

— Faz sentido, Gus — concordou Paulson. — Mas não temos certeza. Vamos com isso então. — Não era uma pergunta.

— Certo. — Paulson voltou-se e olhou para a parede. Estavam usando a sala de prontidão dos pilotos. A cortiça na parede, colocada ali para absorver o som, era perfeita para pendurar mapas e fotografias. O reboque, todos viram, era do tipo barato. Apenas algumas janelas, e, das duas portas originais, uma estava fechada com tábuas. Presumiram que a sala próxima da porta remanescente estava ocupada pelos "bandidos", enquanto a outra abrigava o refém. O que havia de bom sobre o caso é que seus oponentes eram profissionais, portanto razoavelmente previsíveis. Faziam a coisa mais lógica na maioria dos casos, ao contrário da maioria dos criminosos, que apenas agiam conforme lhes ocorria no momento.

Paulson olhou para uma foto diferente, depois para o mapa topológico, e então escolheu sua rota de aproximação. As fotografias de alta definição foram uma dádiva dos deuses. Elas mostravam um homem do lado de fora, vigiando a estrada, que era a rota mais provável de

aproximação. *Ele andou um pouco por ali,* pensou Paulson, *mas a maior parte do tempo estava de olho na estrada.* Portanto, o grupo observador-atirador se aproximaria pelo lado oposto.

— Acha que são tipos de cidade? — perguntou ele a Werner.

— Provavelmente.

— Vou chegar por esse lado. Marty e eu podemos nos aproximar até uns 400 metros por trás dessa serra, depois descer por aqui, paralelamente ao reboque.

— Onde vai ser o seu posto?

— Lá. — Paulson tocou com o dedo a melhor das fotografias. — Acho que devíamos levar a metralhadora. — Explicou o motivo, e todos concordaram. — Mais uma mudança — anunciou Werner. — Temos novos regulametos.. Se alguém achar que o refém corre perigo, pode acertar os bandidos. Paulson, se houver alguém perto dele quando começarmos, você derruba com o primeiro tiro, quer ele esteja armado ou não.

Espere um pouquinho, Gus — reclamou Paulson. — Essa coisa toda vai parecer uma...

—O refém é importante, e existe razão para acreditar que qualquer tentativa de libertá-lo pode resultar em morte...

— Alguém anda assistindo a muitos filmes de espionagem — comentou outro membro do grupo.

— Quem? — perguntou Paulson em voz baixa, mas incisiva.

— O presidente. O diretor Jacobs estava ao telefone também. Pegou a ordem por escrito.

— Não estou gostando nem um pouco dessa história — declarou o atirador. — Eles vão colocar alguém bancando a babá com ele, e você quer que eu acerte o sujeito, mesmo que ele não esteja ameaçando o refém.

— Exatamente — confirmou Werner. — Se não puder fazer isso, é melhor dizer agora.

— Gus, preciso saber por quê.

— O presidente o chamou de patrimônio nacional insubstituível. Ele é o homem-chave de um projeto importante o suficiente para que ele fosse pessoalmente explicar tudo ao presidente. Foi por isso que o raptaram, e a idéia geral é que, se eles perceberem que não podem ficar com ele, também não vão deixar que nós fiquemos. Veja o que fizeram até agora — concluiu o líder do grupo.

Paulson considerou as palavras por um momento e acenou em concordância. Voltou-se para Marty, que fez o mesmo.

— Certo. Temos de atirar pela janela. Trabalho para dois fuzis. Werner caminhou até o quadro-negro e fez um esboço do plano de

assalto tão detalhado quanto possível. A disposição interna do reboque era desconhecida, e muita coisa dependeria das informações de última hora que Paulson captaria pela mira telescópica com aumento de dez vezes. Os detalhes do plano não eram muito diferentes dos de uma ação militar. Em primeiro lugar, Werner estabeleceu a cadeia de comando — todos já sabiam, mas tudo foi precisamente definido assim mesmo. A seguir veio a composição dos grupos de assalto e suas partes na missão. Médicos e ambulâncias ficariam a postos, bem como um grupo de peritos para recolher provas. Depois de uma hora, o plano não estava tão completo quanto gostariam, mas o treinamento que tinham garantia a ação. Uma vez deflagrada, a operação ficaria apoiada na perícia e poder de julgamento dos membros individuais do grupo, mas em última análise tais coisas sempre se passavam assim. Quando terminaram, todos passaram à ação.

Ela resolveu-se por uma pequena caminhonete U-Haul, do mesmo tamanho que as utilizadas como microônibus ou para entregas comerciais. *Um veículo maior,* pensou ela, *iria demandar muito para ser carregado com as caixas apropriadas,* as quais foi adquirir mais tarde num lugar chamado "O Celeiro das Caixas". Era algo que jamais fizera antes — todas as suas transferências de informações haviam sido realizadas por meio de rolos de filmes, que cabiam no bolso de qualquer um —, porém tudo o que precisou fazer foi procurar nas Páginas Amarelas e fazer alguns telefonemas. Adquiriu dez embalagens com cantoneiras de madeira e laterais de papelão plastificado, tudo completamente desmontado para facilitar o transporte. O mesmo estabelecimento lhe vendeu etiquetas para indicar o conteúdo e espuma de poliestireno para proteger o carregamento. O vendedor insistira nesse último item. Tânia observou enquanto dois homens carregavam a caminhonete, depois saiu.

— O que você acha que significa tudo isso? — perguntou um agente.

— Acho que ela pretende levar alguma coisa a algum lugar. — O motorista seguia várias centenas de metros atrás, enquanto seu companheiro chamava mais agentes para conversarem com a companhia de transportes. Uma caminhonete U-Haul era muito mais fácil de seguir do que um Volvo.

Paulson e três outros homens desceram do Chevy Suburban no extremo distante de um bairro planejado, cerca de 2 quilômetros do reboque. Uma criança que brincava no jardim de uma casa arregalou os olhos para os homens que penetravam nos bosques — dois portando fuzis e um terceiro levando uma metralhadora M-60. Dois carros de polícia ficaram ali depois que o Chevy foi embora, e os policiais bateram nas portas para dizer às pessoas que não discutissem o que tinham — ou na maioria dos casos não tinham — visto.

Uma vantagem dos pinheiros é que eles soltavam agulhas, e não as folhas secas e barulhentas que atapetavam as colinas da Virgínia Ocidental, que ele percorria todos os anos ao caçar corças. Neste ano, não acertara nenhuma. Tivera duas boas oportunidades, mas os cervos que eram menores do que gostaria de levar para casa, e decidiu poupá-lo para o ano seguinte, aguardando outra chance.

Paulson era um homem afeito a florestas, pois nascera no Tennesse, ficando muito à vontade na mata, andando silenciosamente entre árvores grandes e o chão virgem recoberto de folhas caídas e vegetação rasteira. Liderou os outros três, lenta e cuidadosamente, fazendo tão pouco ruído quanto possível — como os agentes federais que haviam levado seu avô montanhês a parar com sua produção caseira de aguardente, lembrou-se ele sem sorrir. Paulson nunca matara ninguém em quinze anos de serviço. O Grupo Anti-Seqüestro possuía os mais bem treinados franco-atiradores do mundo, porém nunca na verdade aplicavam seu ofício. Ele mesmo chegara a ponto de fazê-lo meia dúzia de vezes, mas antes sempre tivera um motivo para não atirar. Nesse dia seria diferente; tinha certeza disso, o que mudava sua disposição. Uma coisa era entrar numa missão sabendo que um tiroteio poderia acontecer. No Bureau essa possibilidade estava sempre presente. Você a planejava, esperando sempre que não fosse necessária — sabia muito bem o que acontecia quando se matava alguém, com os pesadelos e a depressão que nunca apareciam nos filmes policiais de televisão. *O médico já devia estar vindo para cá,* pensou ele. O FBI mantinha um psiquiatra de plantão para ajudar os agentes no período posterior a um tiroteio, porque, mesmo quando se sabe que não houve escolha, a mente humana hesita perante a possibilidade de uma morte desnecessária e pune o sobrevivente por estar vivo e sua vítima não. *Esse era um dos preços do progresso,* pensou Paulson. Não tinha sido sempre assim, e com os criminosos não era, na maioria dos casos. Eis a diferença

entre uma comunidade e outra. Mas a que comunidade pertenciam os homens que iria enfrentar? Eram criminosos? Não, eram profissionais treinados, patriotas na concepção da sociedade deles. Pessoas realizando um trabalho. *Como eu.*

Escutou um ruído. Sua mão esquerda subiu, e os quatro homens se abaixaram procurando cobertura. Alguma coisa se movia para o lado esquerdo. -Continuou o trajeto, afastando-se do caminho. *Talvez um garoto,* pensou, um menino brincando na floresta. Aguardou mais um pouco para certificar-se de que estava se distanciando, depois começaram a movimentar-se novamente. O grupo de atiradores usava camuflagem padrão militar sobre o equipamento de proteção, nas combinações dos tons verdes e marrons da floresta. Depois de meia hora, Paulson verificou seu mapa.

— Ponto de Verificação Um — disse ele no rádio.

— Entendido — respondeu Werner, a 5 quilômetros de distância

— Algum problema?

— Negativo. Prontos para andar até a próxima escarpa. Devemos ter o objetivo à vista daqui a quinze minutos.

— Entendido. Podem continuar.

— Certo. Desligo.

Paulson e seu grupo formaram uma fila para subir a primeira escarpa, muito alta, de onde começavam os 200 metros restantes. De lá podiam ver o reboque, e daí por diante as coisas prosseguiram lentamente. Paulson passou seu fuzil ao quarto homem. O agente moveu-se sozinho para a frente, olhando para o chão à escolha do caminho mais silencioso. Era principalmente uma questão de olhar onde se pisava, e não de adotar uma maneira especial de andar, habilidade perdida nas pessoas da cidade, que invariavelmente achavam o chão da floresta um lugar barulhento. O solo ali era pedregoso, e ele aproveitou as pedras para andar, chegando à segunda escarpa em cinco minutos de percurso silencioso. Paulson encolheu-se contra o tronco de uma árvore e apanhou o binóculo — mesmo este era recoberto com uma camada de plástico verde. — Boa tarde, senhores — disse baixinho para si mesmo. Ainda não enxergava ninguém, pois o reboque bloqueava a visão do local onde se esperava que estivesse o homem de fora, e havia muitas árvores no caminho. Paulson procurou movimentos ao seu redor. Demorou vários minutos olhando e escutando antes de acenar para que os companheiros viessem. Eles

levaram dez minutos. Paulson verificou seu relógio. Haviam entrado na mata fazia noventa minutos, e estavam ligeiramente adiantados.

— Viu alguém? — perguntou o outro atirador, quando chegou ao lado de Paulson.

— Ainda não.

— Meu Deus, espero que não tenham saído daí — disse Marty. — E agora?

— Vamos continuar para a esquerda, depois descemos a ravina ali. Aquele é o nosso local. — Ele apontou.

— Exatamente como nas fotos.

— Todos prontos? — indagou Paulson. Resolveu esperar mais um minuto antes de partir, permitindo que

todos bebessem um gole de água. O ar estava seco e rarefeito, e a garganta tendia a ficar irritada. Não queria que ninguém tossisse. *Gotas para tosse,* pensou o líder dos atiradores. *Devíamos incluir gotas para tosse no equipamento...*

Levou mais meia hora até que cada um atingisse o ponto predeterminado. Paulson escolhera um local úmido ao lado de um grande bloco de granito, depositado ali pela última geleira a invadir o local. Ficava cerca de 6 metros acima do nível do reboque, mais ou menos o que escolhera como ponto ideal, além de não formar um ângulo exato de 90°graus. Tinha uma visão direta da grande janela na seção traseirado reboque. Se Gregory estivesse lá, esse era o local onde se esperava o mantivessem. Era hora de descobrir. Paulson desdobrou os dois pés de apoio do fuzil, retirou a tampa protetora da mira telescópica e começou seu trabalho. Apanhou novamente o rádio, colocando o fone/microfone na cabeça. Exprimiu-se num murmúrio mais baixo que o do vento nas agulhas de pinheiro acima dele.

— Aqui é Paulson. Estamos no local, agora olhando. Em posição.

— Entendido — respondeu uma voz no aparelho.

— Puxa — disse Marty primeiro. — Estou vendo o homem. Do lado direito.

Al Gregory estava sentado numa poltrona, sem muita opção. Seus pulsos estavam atados no colo — concessão feita para seu conforto —, porém a parte superior dos braços e das pernas estava firmemente imobilizada. Os óculos foram retirados, e todos os objetos da sala lhe pareciam ter contornos indefinidos. Isso incluía o homem chamado de

Bill. Estavam alternando turnos para vigiá-lo. Bill sentava-se no canto mais distante da sala, imediatamente depois da janela. Havia uma pistola automática enfiada no cinto, e, embora Gregory não pudesse distinguir a marca, o perfil anguloso era inconfundível.

— O que...

— ... vamos fazer com você? — completou Bill. — O diabo me carregue se eu sei, major. Algumas pessoas estão interessadas no que o senhor faz para viver, eu acho.

— Pois eu não...

— Tenho certeza disso — disse Bill com um sorriso. — Agora, já pedimos uma vez para ficar quieto. Se não obedecer, ponho a mordaça de volta. — Calminha, garoto.

— Para que ela disse que eram as embalagens? — perguntou o agente.

— Falou que a companhia estava embarcando algumas estátuas. Algum artista local, se não me engano... acho que era uma mostra em San -Francisco.

Existe um consulado soviético em San Francisco, pensou o agente imediatamente. *Mas eles não podem estar fazendo isso... ou podem?*

— Embalagens do tamanho de homens, você disse?

— Dava para colocar umas duas pessoas nas grandes, com facilidade, e levou também algumas pequenas.

— Quanto tempo para montar tudo?

— Não precisa usar nenhuma ferramenta especial. Meia hora, no máximo.

Meia hora? Um dos agentes deixou a sala para fazer um telefonema. A informação foi transmitida pelo rádio para Werner.

— Atenção — anunciou o fone de ouvido. — Um caminhão U-Haul... espere, corrigindo para caminhonete... vem chegando pela estrada principal.

— Não podemos ver daqui — disse Paulson baixinho a Marty, a seu lado.

Um dos problemas com a localização escolhida era que não podiam ver o reboque inteiro de onde se encontravam, e só enxergavam trechos da estrada que levava até lá. As árvores eram muito fechadas para isso. Ter uma visão melhor significava mover-se para a frente, risco esse que não estavam dispostos a assumir. O visor a laser mostrava que estavam a 201

metros do reboque. As miras dos fuzis estavam reguladas para 200 metros, e a roupa de camuflagem os tornava praticamente invisíveis a essa distância, contanto que não se movessem. Mesmo com o binóculo, as árvores eram tão compactas que simplesmente havia muitos detalhes para que o olho humano os distinguisse.

Escutou a caminhonete. *Escapamento ruim,* pensou ele. Então escutou a batida metálica da porta e o rangido de uma outra se abrindo. Vozes vieram a seguir, mas, embora percebesse que duas pessoas conversavam, não conseguiu entender uma só palavra.

— Isso deve ser suficiente — disse a capita Bisyarina a Leonid. — Tenho duas dessas caixas e três das pequenas. Usaremos as menores para colocar por cima das outras.

— O que estamos levando?

— Estátuas. Há uma exposição de arte daqui a três dias, e vamos atravessar a fronteira no ponto mais próximo à mostra. Se partirmos em duas horas, chegaremos à fronteira bem a tempo.

— Tem certeza...

— Eles revistam embalagens que vão para o norte, não indo para o sul — assegurou Bisyarina.

Muito bem, vamos montar as caixas lá dentro. Diga a Oleg para sair.

Bisyarina foi para o interior. Leonid ficou do lado de fora, já que estava mais acostumado a trabalhar em ambiente aberto que os outros dois agente. Enquanto Oleg e Leonid carregavam as embalagens para dentro, ela caminhou para a parte traseira do reboque e deu uma olhadela em Gregory.

— Olá, major. Está bem instalado?

— Peguei mais um no visor — disse Paulson, no momento em que ela entrou no campo de visão. — Sexo feminino, é aquela das fotos... a do Volvo — avisou ele pelo rádio. — Está falando com o refém.

— Três homens agora visíveis — anunciou o fone a seguir. Outro agente tinha um posto do outro lado do reboque. — Estão carregando caixas para o interior do reboque. Vou repetir: três homens à vista. A mulher está no interior, fora de vista.

— Acho que todos estão à vista. Fale sobre as caixas. — Werner estava ao lado do helicóptero num campo a vários quilômetros de distância, segurando um diagrama do reboque.

— Estão desmontadas. Acho que pretendem armá-las.

— Só tivemos informações sobre quatro agentes — disse Werner a seus homens. — E o refém está aqui.

— Isso deve ocupar dois deles montando as embalagens — disse um dos homens do grupo de assalto. — Um do lado de fora, outro com o refém... parece bom, Gus.

— Atenção, aqui é Werner. Vamos começar. Todos a postos!

Ele gesticulou para o helicóptero, que iniciou a seqüência de operações para ligar o motor. O líder do Grupo Anti— Seqüestro realizou uma verificação mental enquanto embarcava no aparelho. Se os russos tentassem escapar na caminhonete, seus homens também poderiam atacar, mas nesse caso teriam visão apenas do motorista e do passageiro, através das janelas — o que significava que dois deles, talvez três, ficassem fora do campo de visão, muito provavelmente capazes de matar o refém antes que seus homens tivessem acesso a ele. Seu primeiro instinto fora correto: tinham de ir agora. O Chevy Suburban do grupo partiu levando quatro homens e tomou a estrada principal que conduzia ao local.

Paulson moveu a trava de segurança do fuzil, e Marty fez o mesmo. Já haviam discutido o passo seguinte. A 3 metros dele, o operador da metralhadora e seu carregador aprontavam a arma vagarosamente para evitar ruídos metálicos.

— Nunca sai exatamente de acordo com o plano — observou baixinho o segundo atirador.

— É por isso que eles treinam tanto a gente. — Paulson tinha as linhas da mira sobre o alvo.

Não era fácil porque a janela de vidro refletia muita luz. Mal podia ver a cabeça dela, mas era uma mulher, alguém perfeitamente identificado como alvo. Calculou o vento em cerca de 10 nós, soprando pela direita. Ao longo dos 200 metros, isso deveria mover a bala cerca de 5 centímetros para a esquerda, que teriam de ser compensados. Mesmo com um visor que ampliava dez vezes, uma cabeça humana não é um alvo grande a 200 metros, e Paulson balançou levemente o fuzil para manter a cabeça no centro da mira enquanto ela andava. O olhar não se prendia ao alvo, mas à retícula do visor em si, mantendo-a alinhada com o alvo. O procedimento que seguia era automático. Controlava a respiração, apoiando-se nos cotovelos, e mantinha a arma firmemente em posição.

— Quem é você? — indagou Gregory.

— Tânia Bisyarina. — Ela andou um pouco para esticar as pernas.

— Tem ordens para me matar?

Tânia admirou-se com o estilo direto da pergunta. Gregory não correspondia exatamente à idéia que se fazia de um soldado, mas às vezes a parte importante ficava escondida.

— Não, major. Vai fazer uma pequena viagem.

— Lá está a caminhonete — disse Werner. *Sessenta segundos da estrada até o reboque.* Ele ergueu seu transmissor. — Todos os grupos: vamos lá!

As portas do helicóptero correram e as cordas enroladas foram colocadas a postos. Werner bateu com a mão no ombro do piloto com força suficiente para machucar, mas o homem estava muito ocupado para reparar nisso. Abaixou o coletivo e mergulhou o helicóptero na direção do reboque, agora menos de 1 600 metros abaixo deles.

Escutaram o ruído característico das pás do rotor, antes de ver o aparelho. Havia tráfego suficiente de helicópteros na área para que o perigo não fosse imediatamente identificado. O que estava do lado de fora foi até a ponta do reboque e espiou por entre o cimo das árvores, depois virou-se ao pensar ter ouvido um veículo aproximando-se pela estrada.

No interior, Leonid e Oleg levantaram os olhos da embalagem semi-desmontada, mais irritados do que preocupados. Isso mudou no instante em que o ruído tornou-se ensurdecedor, quando o aparelho pairou exatamente sobre eles. Na traseira do reboque, Bisyarina té a janela e foi quem viu primeiro o helicóptero. Foi também a última coisa que viu.

— No alvo — disse Paulson.

— No alvo — concordou o outro atirador.

— Fogo!

Dispararam quase no mesmo instante, mas Paulson sabia que o outro tiro partira primeiro. Foi o que estilhaçou a janela, a bala desviada pelo vidro a quebrar-se. O segundo projétil, de ponta oca, veio um segundo atrás e atingiu a agente soviética no rosto. Paulson assistiu pelo visor, mas foi o momento de atirar que ficou gravado em sua mente, o cruzamento da retícula sobre o alvo. Para a esquerda, o homem com a metralhadora já começava a disparar quando Paulson relatou seu tiro.

— No meio da testa.

— Alvo abatido — disse o segundo atirador ao rádio. — Mulher fora de ação. Refém à vista.

Ambos carregaram os fuzis e procuraram novos alvos.

Cordas com peso na ponta caíram do helicóptero, e quatro homens desceram por elas. Werner vinha na frente e passou através da janela quebrada, com a submetralhadora MP-5 pronta na mão. Gregory estava lá, gritando alguma coisa. Um outro membro do grupo juntou-se a Werner e atirou a cadeira ao chão, ajoelhando-se entre ela e a estrutura. Então um terceiro homem entrou, e os três apontaram as armas para o outro lado.

Do lado de fora, o Chevy Suburban chegou a tempo de ver um dos homens disparando sua pistola sobre um agente que caíra sobre o reboque e enganchara em alguma coisa, ficando impossibilitado de apontar sua arma. Dois agentes saltaram do veículo e dispararam três projéteis cada um, derrubando o homem ao chão. O agente sobre o reboque libertou-se e acenou.

No interior, Leonid e Oleg tentavam alcançar suas armas. Um deles olhou na direção da corrente contínua de balas de metralhadora que passava através das paredes metálicas do reboque, obviamente para evitar que se aproximassem de Gregory. Mas essa era a ordem que precisavam obedecer.

— Refém a salvo, refém a salvo. Mulher fora de ação — disse Werner ao rádio.

— Alvo do lado de fora abatido — anunciou outro agente, do exterior. Observou outro membro do grupo, que colocava uma pequena carga de explosivos na porta. O homem recuou e acenou.

— Pronto!

— Metralhadora, cessar fogo, cessar fogo — ordenou Werner.

Os dois agentes no interior do reboque perceberam que os tiros haviam cessado e foram em direção à traseira. Enquanto se moviam, a porta foi arrancada dos gonzos. A explosão deveria ter sido suficiente para atordoá-los, mas ambos estavam alertas demais para isso. Oleg voltou-se, segurando a arma com as duas mãos para cobrir Leonid. Disparou na direção da primeira figura através da porta, atingindo-a no braço. O agente caiu, tentando girar a arma. Disparou e errou, mas atraiu a atenção de Oleg sobre si. O segundo homem na porta tinha sua MP-5 pronta no braço. A última impressão de Oleg foi de surpresa: não os ouvira atirar. Entendeu quando viu os silenciadores bojudos.

— Agente ferido e bandido abatido. Outro bandido tentando recuar. Eu o perdi de vista na curva. — O agente correu atrás dele, mas tropeçou numa caixa semimontada.

Deixaram que ele passasse pela porta. Um agente, com o tórax protegido por colete à prova de balas, estava entre a porta e o refém. Agora podiam se dar ao luxo de não abatê-lo imediatamente. Era aquele que tinha apanhado o carro alugado, reparou Werner, e sua arma ainda não estava apontada para ninguém. Via três homens vestidos com macacões almofadados, obviamente protegidos com blindagem corporal. O rosto demonstrou sua hesitação.

— *Largue a arma!* — gritou Werner. — *Não...*

Leonid viu onde Gregory estava e lembrou-se de suas ordens. A pistola começou a virar.

Werner fez o que dissera a seu pessoal para não fazer, e nunca se lembraria por quê. Disparou meia dúzia de balas no braço do homem, visando a arma — e miraculosamente funcionou. A pistola balançou e caiu, numa nuvem de sangue que espirrou. Werner saltou para a frente, derrubando o adversário e apoiando a ponta da submetralhadora com silenciador na têmpora do homem.

— Número três fora de combate! Refém a salvo! Grupo: aproximar-se para verificação.

— Lado de fora, número um morto.

— Reboque, número dois morto! Um agente ferido no braço, sem gravidade.

— Mulher morta — avisou Werner. — Um dos homens feridos e sob custódia. Segurança na área! Ambulâncias, podem vir agora.

Desde o primeiro disparo do franco-atirador, decorrera um total de vinte e nove segundos.

Três agentes apareceram na janela pela qual Werner e os dois colegas haviam entrado. Um dos homens no interior apanhou sua faca de caca e cortou as cordas que prendiam Gregory, depois praticamente atirou-o pela janela, onde foi apanhado e levado como uma boneca de trapos. Al foi colocado na traseira do caminhão do Grupo Anti-Seqüestro que partiu em seguida. Na rodovia, um helicóptero da Força \érea aterrissou. Assim que Gregory foi lançado ao seu interior, levantou vôo.

Todos os membros do pessoal de resgate possuíam treinamento médico, e dois dos componentes do grupo de assalto eram adestrados

como bombeiros-paramédicos. Um deles, ferido no braço, orientava a colocação de ataduras no próprio braço, pelo homem que matara Oleg. Os outros paramédicos voltaram e começaram a tratar de Leonid.

— Ele vai viver, mas o braço pode precisar de cirurgia. Rádio, ulna e úmero, todos fraturados, chefe.

— Você devia ter largado a arma — disse Werner. — Não teve muita chance.

— Jesus! — Era Paulson.

Estava em pé do lado de fora da janela e olhava o estrago que sua única bala tinha causado. Um agente revistava o corpo, procurando alguma arma. Levantou-se, sacudindo a cabeça. Aquilo revelou ao atirador o que ele teria preferido não saber. Nesse momento, percebeu que jamais seria capaz de caçar outra vez. A bala penetrara logo abaixo do olho esquerdo. A maior parte do conteúdo da cabeça estava na parede oposta à janela. Paulson disse a si mesmo que não deveria ter olhado. O atirador voltou-se depois de cinco longos segundos e descarregou sua arma.

O helicóptero levou Gregory diretamente para o Projeto. Seis homens armados da segurança estavam esperando no local de aterrissagem e escoltaram-no para dentro. Ele ficou surpreso ao ver alguém tirando fotografias. Uma pessoa jogou uma lata de Coca-Cola para Al, que tomou um banho da espuma espirrada quando puxou o anel do fecho. Depois de tomar um gole, falou:

— O que significa tudo isso?

— Nós mesmos ainda não temos certeza — respondeu o chefe de segurança do Projeto.

Levou mais alguns segundos para que a mente de Gregory apreendesse o significado do que aconteceu. Foi quando começou a tremer.

Werner e seu pessoal estavam ao lado de fora do reboque enquanto o grupo de técnicos levantava as provas. Uma dúzia de carros da polícia estadual do Novo México também estava lá. O agente federal ferido e o agente da KGB foram colocados na mesma ambulância, embora o último estivesse algemado a sua maça, esforçando-se para não gritar de dor pelos três ossos esmigalhados em seu braço.

— Aonde vão levá-lo? — perguntou um capitão da polícia.

— Para o hospital da Base de Kirtland, os dois — respondeu Werner.

— É um longo caminho.

— As ordens são para manter este aqui embaixo do pano. Para todos os efeitos, o sujeito que acertou o seu guarda é aquele ali... Pela descrição que recebemos, deve ser ele mesmo, de qualquer jeito.

— Estou surpreso que tenha apanhado um com vida. — Aquilo conquistou um olhar curioso. — Quero dizer, estavam todos armados, certo?^

— É... — concordou Werner, com um estranho sorriso no rosto. — Também estou surpreso.

24
AS REGRAS DO JOGO

O impressionante é que o assunto não chegou ao noticiário. Apenas um punhado de tiros sem silenciador fora disparado, e esse ruído não era tão raro assim no Oeste americano. Uma consulta à polícia estadual do Novo México teve como resposta que a investigação sobre o ataque ao guarda Mendez continuava, sendo os resultados aguardados para qualquer momento, mas a atividade de helicópteros era parte de uma rotina de exercícios de busca e salvamento conduzida em conjunto pela polícia estadual e pela Força Aérea. Não era uma história tão convincente assim, mas boa o suficiente para manter os repórteres afastados por um dia ou dois.

O grupo de técnicos que procurava provas vasculhou o reboque, e como era de esperar não encontrou muita coisa digna de nota. Um fotógrafo da polícia tirou as fotos de praxe de todas as vítimas — ele se considerava uma espécie de vampiro profissional — e entregou o filme, ainda no local, ao agente mais graduado do FBI. Os corpos foram colocados em sacos plásticos e levados para Kirtland, de onde voaram para a Base Aérea de Denver, onde havia um centro especial de recepção, composto de patologistas do Judiciário. As fotos dos agentes mortos da KGB, depois de reveladas, foram enviadas eletronicamente para Washington. A polícia local e o FBI começaram a discutir sobre como seria tratado o caso do agente da KGB sobrevivente. Foi estabelecido que ele estava incurso em pelo menos doze artigos legais, divididos igualmente entre as jurisdições federal e estadual, e seriam precisos vários advogados para desfazer essa confusão, embora soubessem que a verdadeira decisão seria tomada em Washington. Erraram nesse ponto, entretanto. Parte dela seria tomada em outro lugar

Eram 4 da manhã quando Ryan sentiu a mão em seu ombro. Rolou na cama a tempo de ver Candeia acendendo a luz de cabeceira.

— O quê? — perguntou Ryan, com o máximo da coerência que conseguiu reunir.

— O Bureau conseguiu apanhar o major. Eles resgataram Gregory, e ele está ótimo — disse Candeia, passando algumas fotos. Os olhos de

Ryan piscaram várias vezes antes de se arregalarem.

— É uma fantástica notícia para acordar a gente — disse Ryan, antes mesmo de ver o que tinha acontecido com Tânia Bisyarina. — Puxa!

Ele largou as fotos sobre a cama e foi até o banheiro. Candeia ouviu o som de água correndo, depois Ryan saiu e foi até a geladeira. Apanhou e abriu uma lata de soda.

— Com licença. Quer uma? — Ele apontou para o refrigerador.

— É um pouco cedo para mim. Entregou a nota a Golovko ontem?

— Entreguei. A sessão começa esta tarde. Quero ver nosso amigo às 8 hoje. Pretendia acordar às 5h30.

— Achei que gostaria de ver esse material imediatamente — justificou Candeia^ Aquilo provocou um grunhido.

— Claro. É muito melhor do que o jornal da manhã... Pegamos o homem pelo rabo, agora — observou Ryan, olhando para o carpete. — A menos que...

— A menos que ele queira terminar muito mal — completou o agente da CIA.

— E quanto à mulher e à filha dele? — perguntou Jack. — Se tem alguma sugestão, gostaria muito de ouvi-la.

— O encontro vai ser onde eu sugeri?

— Vai.

— Force o homem o mais que puder. — Candeia apanhou as fotografias e enfiou-as num envelope. — Não deixe de mostrar as fotos. Não acho que vá incomodar muito a consciência dele, mas com certeza provará que estamos falando sério. Se quer minha opinião, antes achei que você era louco. Agora... — ele sorriu. — Acho que é o tipo de louco que pode dar certo. Volto quando estiver completamente acordado.

Ryan concordou e observou-o partir antes de entrar no chuveiro. Sob a água quente, Jack demorou-se, enchendo tanto o pequeno banheiro de vapor que ele teve de limpar o espelho. Quando barbeou-se, fez um esforço consciente para fixar-se na barba, não nos olhos. Não era hora para duvidar de si mesmo frio lá fora. Moscou não ficava iluminada da mesma maneira que uma cidade americana. Talvez fosse a ausência de carros a essa hora. Washington sempre tinha alguém se movimentando. Aqui se tinha a impressão que de alguma forma as pessoas estavam em outro lugar, tratando de seus negócios, o que quer que isso significasse. O conceito era diferente aqui. Assim como as palavras de uma língua nunca

correspondem exatamente às de outra, Moscou se parecia com muitas grandes cidades que ele visitara, e ao mesmo tempo a mais estranha por suas diferenças. As pessoas não iam cuidar de *seus* negócios mas na maior parte do tempo faziam o que lhes era mandado fazer por *outra* pessoa. A ironia era que ele logo seria um dos que dava ordens, a uma pessoa que não estava mais acostumada a obedecê-las.

O alvorecer chegava lentamente em Moscou. Os ruídos da passagem dos bondes e o ronco surdo dos motores a diesel dos caminhões eram abafados pela camada de neve, e a janela de Ryan não ficava na direção do nascente para captar as primeiras luzes da manhã. O que fora cinza começava a adquirir colorido, como se uma criança brincasse com os controles de cor de um aparelho de televisão. Jack terminou sua terceira xícara de café e abaixou o livro que começara a ler às 7h30. O horário era tudo nessas ocasiões, dissera Candeia. Fez uma visita final ao banheiro antes de vestir-se para sua caminhada matinal.

As calçadas haviam sido varridas da neve caída durante a tempestade de domingo, embora ainda se acumulassem pilhas nas esquinas. Ryan acenou para os guardas de segurança — australiano, americano e russo —, antes de tomar a direção norte pela Chaykovskogo. O vento setentrional cortante fazia seus olhos lacrimejarem, e ele apertou mais o cachecol ao redor do pescoço ao caminhar em direção à Praça Vosstaniya. Este era o bairro das embaixadas em Moscou. Na manhã anterior virará à direita no lado mais distante da praça e vira meia dúzia de delegações misturadas ao acaso, porém nesta manhã ele virará à esquerda em Kudrinsky Pereulok — os russos possuíam pelo menos nove maneiras diferentes de dizer "rua", mas as nuanças não eram captadas por Jack —, depois dobrou à direita, e novamente à esquerda em Barrikadnaya.

"Barricada" era um nome estranho, tanto para uma rua quanto para um cine-teatro. Parecia mais estranho ainda escrito em alfabeto ciríico. O B se podia reconhecer, embora o B cirílico fosse virtualmente um V, e os R da palavra pareciam P romanos. Jack alterou seu caminho um pouco, andando tão próximo aos prédios quanto possível, ao se aproximar. Tal como esperava, uma porta se abriu e ele entrou. Novamente foi revistado. O segurança encontrou o envelope fechado no bolso do paletó, mas não o abriu, para alívio de Ryan.

— Venha.

Foi a mesma coisa que dissera da primeira vez, reparou Jack. Talvez o homem tivesse um vocabulário limitado.

Gerasimov estava sentado numa cadeira da platéia junto ao corredor, as costas confiantemente voltadas para Ryan, enquanto este descia a rampa para encontrá-lo.

— Bom dia — disse ele para o homem ainda de costas.

— O que está achando do tempo por aqui? — indagou Gerasimov, acenando para que o segurança se fosse. Levantou-se e conduziu Jack em direção à tela.

— Não era tão frio assim onde eu me criei.

— Devia usar chapéu. A maior parte dos americanos prefere não usar, mas em nosso clima é uma necessidade.

— No Novo México também faz muito frio — disse Ryan.

— Assim me disseram. Pensou que eu não faria nada? — indagou o diretor-geral da KGB.

Falou aquilo sem qualquer emoção, como um professor explicando algo a um estudante de raciocínio lento. Ryan resolveu deixá-lo apreciar o sentimento por um instante.

— Então devo negociar com você a liberdade do major Gregory? — perguntou Jack tentando manter a voz neutra. O café a mais que tomara de manhã havia intensificado um pouco suas emoções.

— Se quiser... — respondeu Gerasimov.

— Tenho a impressão de que vai achar isso interessante. — Jack entregou o envelope.

O diretor-geral da KGB abriu-o e extraiu as fotografias. Não demonstrou reação nenhuma enquanto examinava as três reproduções, mas, quando voltou-se para encarar Ryan, seus olhos fizeram o vento cortante da manhã parecer uma brisa de primavera.

— Um deles continua vivo — informou Jack. — Está ferido mas vai ficar bom. Não tenho a foto dele. Alguém fez uma besteira do lado de lá. Temos Gregory de volta, ileso.

— Entendo.

— Deve também entender que suas opções agora são as que pretendíamos inicialmente. Preciso saber o que vai escolher.

— E óbvio, não é?

— Uma das coisas que aprendi estudando seu país é que nada aqui é tão óbvio quanto parece. — Aquilo provocou o que quase passava por um

sorriso.

— Como serei tratado?

—Muito bem. — *Bem melhor do que merece,* pensou Ryan.

— Minha família?

— Também.

— E como pretende tirar os três do país?

— Acredito que sua mulher é letoniana por nascimento, e ela sempre viaja para a terra dela. Providencie para que viaje na sexta-feira —(^sse Ryan, acrescentando mais alguns detalhes.

—Exatamente o que...

— Não precisa dessa informação, senhor Gerasimov.

— Ryan, você não pode...

— Posso, sim, senhor — cortou Jack, perguntando-se por que o chamara de "senhor".

— E quanto a mim? — perguntou o diretor-geral. Ryan lhe disse o que deveria fazer. Gerasimov concordou. — Tenho uma pergunta a fazer.

— Sim?

— Como enganou Platonov? Ele é um homem astuto.

— Realmente houve um pequeno problema com a Comissão de Valores Mobiliários, mas essa não foi a parte importante. — Ryan aprontou-se para sair. — Não teríamos conseguido se não fosse por você. Tínhamos de preparar um cenário muito bom, algo de que não duvidasse. O senador Trent esteve aqui seis meses atrás e conheceu um sujeito chamado Valery. Ficaram bons amigos. Depois ele descobriu que você condenou Valery a cinco anos de prisão por "atividades anti-sociais". De qualquer forma, ele quis ficar quite. Pedimos sua ajuda e ele não pensou duas vezes. Portanto, posso dizer que usamos suas próprias maldades contra você.

— O que queria que fizéssemos com essas pessoas, doutor Ryan? — indagou o diretor-geral. — O que...

— Não faço as leis, senhor Gerasimov. — Ryan saiu.

Era bom, pensou ele na volta à embaixada, *ter o vento nas costas, para variar.*

— Bom dia, camarada secretário-geral.

— Não precisa ser tão formal, Ilya Arkadyevich. Existem membros do Politburo mais graduados que você sem direito a voto, e nós nos conhecemos há... bastante tempo. O que o incomoda? — perguntou

Narmonov cautelosamente. A dor nos olhos do colega era evidente. Tinham marcado um encontro para conversar sobre a colheita do trigo no inverno, mas...

— Andrey Ilych, não sei como começar. — Vaneyev quase engasgou com as palavras, e lágrimas começaram a brotar de seus olhos. — É minha filha... — Ele continuou a falar por dez minutos.

— E? — perguntou Narmonov, quando o amigo deu a impressão de terminar, mas, como era óbvio, havia mais. — Alexandrov e Gerasimov, então. — Narmonov recostou-se na poltrona e olhou para a parede. — Precisou mesmo de grande coragem para vir a mim com esse assunto, meu amigo.

— Não posso deixar que eles... mesmo que envolva minha carreira, Andrey, não posso deixar que o parem agora. Você tem muitas coisas a fazer ainda, nós... você ainda tem muitas coisas para mudar. Preciso partir. Sei disso. Mas você precisa ficar, Andrey. O povo precisa de você aqui, se quisermos realizar alguma coisa.

Narmonov não pôde deixar de reparar que ele disse o *povo,* e não o *Partido.* Os tempos realmente estavam mudando. Não, não era isso ainda. Tudo o que pretendia era criar a atmosfera dentro da qual os tempos tivessem a possibilidade de mudar. Vaneyev era um dos que compreendiam que o problema não residia tanto no objetivo final, mas no processo em si. Cada membro do Politburo sabia — e sabiam há anos — as coisas que precisavam ser mudadas. Não conseguiam concordar era sobre o método de mudança. *Era como manobrar um navio para um novo curso,* pensou ele, *sabendo que o leme poderia quebrar st o fizessem.* Continuar no mesmo curso levaria o navio para... para onde? Para onde se encaminhava a União Soviética? Não sabiam nem ao menos isso. Mas mudar de curso envolvia riscos, e, se o leme quebrasse — se o Partido perdesse sua hegemonia —, então só haveria o caos. Era uma escolha que nenhum homem racional gostaria de enfrentar, mas também uma escolha cuja necessidade nenhum homem racional poderia negar.

Nem ao menos sabemos o que o país está fazendo, pensou Narmonov. Pelo menos nos últimos oito anos todos os dados sobre o desempenho econômico foram falseados de uma maneira ou de outra, num encadeamento contínuo, até que as previsões econômicas geradas pela burocracia do Gosplan tornaram-se tão fictícias como a lista das virtudes de Stálin. O navio que ele comandava penetrava mais e mais fundo num

nevoeiro envolvente de mentiras, contadas por funcionários cujas carreiras seriam destruídas pela verdade. Era assim que ele discursava nas reuniões semanais do Politburo. Quarenta anos de objetivos e previsões haviam simplesmente traçado um curso numa carta que não significava mais nada. Mesmo o próprio Politburo não sabia o estado em que se encontrava a União Soviética — algo de que o Ocidente mal suspeitava.

A alternativa? Esse era o ponto delicado, não? Em seus momentos , desânimo, Narmonov imaginava -se ele ou alguém mais poderia mesmo mudar as coisas. O objetivo de toda a sua política havia sido adquirir o poder que agora detinha, e só agora compreendia completamente quão circunscrito era o poder. Durante toda a ascensão de sua carreira, ele reparara nas coisas que precisavam ser mudadas sem considerar realmente como isso seria difícil. O poder que possuía não era o mesmo que Stálin tivera. Seus antecessores mais recentes haviam cuidado disso. Agora a União Soviética não era tanto um navio a ser guiado, mas uma enorme mola burocrática, que absorvia e dissipava energia, vibrando apenas em sua própria freqüência ineficiente. A menos que aquilo mudasse... o Ocidente estava caminhando para uma nova era industrial enquanto a União Soviética ainda não conseguia alimentar o próprio povo. A China estava tomando lições econômicas com o Japão, e em duas gerações poderia vir a ser a terceira maior economia do mundo: *um bilhão de pessoas com uma economia forte e dirigida, bem na nossa fronteira, ávidas por terras, e com tamanho ódio racial por todos os russos que fazia as legiões nazistas de Hitler parecerem um bando de torcedores arruaceiros.* Essa era uma ameaça estratégica a seu país que fazia as armas nucleares dos Estados Unidos e da OTAN encolherem-se à sua insignificância — e ainda assim a burocracia do Partido não enxergava que precisava mudar, ao risco de tornar-se o agente da própria ruína!

Alguém precisa tentar, e esse alguém sou eu.

Mas, para poder tentar, ele precisava sobreviver, sobreviver o bastante para comunicar sua visão dos objetivos nacionais, primeiro ao Partido, depois ao povo — ou talvez o inverso? Nenhum dos dois seria fácil. O Partido possuía suas idéias, sempre resistindo a mudanças, e as pessoas, os *narod,* não ligavam mais para o que o Partido e seu líder lhes diziam. Esse era um paradoxo divertido. O Ocidente — os inimigos de sua nação — o tinham em mais alta conta do que seus compatriotas.

E o que significa isso?, perguntou a si mesmo. *Se são inimigos, sua aprovação significa que estou no caminho certo? Certo para quem?* Narmonov perguntou-se se o presidente dos Estados Unidos seria um homem tão solitário quanto ele. Mas antes de enfrentar essa tarefa impossível ainda tinha o problema de sobrevivência pessoal e cotidiana. Mesmo agora, mesmo nas mãos de um colega confiável. Narmonov suspirou, produzindo um som tipicamente russo.

— Então, Ilya, o que pretende fazer? — perguntou ele ao homem que fora incapaz de cometer um ato de traição mais abominável que o de sua filha.

— Vou apoiá-lo, mesmo que signifique minha desgraça. Minha Svetlana terá de enfrentar as conseqüências do ato que praticou. — Vaneyev endireitou-se na cadeira e enxugou os olhos. Parecia um homem a ponto de enfrentar o pelotão de fuzilamento, juntando sua hombridade para um último ato de desafio.

— Eu mesmo posso ser obrigado a denunciá-lo — declarou Narmonov.

— Vou entender, Andrushka — respondeu Vaneyev, com a voz carregada de dignidade.

— Preferiria não fazer isso. Preciso de você, Ilya. Preciso de seus conselhos. Se puder salvar seu lugar, eu o farei.

— Não posso pedir mais do que isso.

Era hora de elevar novamente o ânimo do homem. Narmonov pôs-se de pé e deu a volta à escrivaninha para tomar a mão do amigo.

— O que quer que digam a você, concorde sem nenhuma reserva. Quando a hora chegar, você vai mostrar que tipo de homem é.

— E você vai fazer o mesmo, Andrey.

Narmonov acompanhou-o até a porta. Tinha mais cinco minutos até o próximo encontro marcado. Seu dia estava cheio de compromissos econômicos, decisões que vinham até ele pela indecisão que havia no escalão ministerial, que procurava sua bênção, como se ele fosse o pároco da aldeia... *Como se eu já não tivesse preocupações suficientes,* disse a si mesmo o secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética. Gastou seus cinco minutos contando votos. Deveria ser mais fácil para ele do que para seu colega americano — na União Soviética apenas os membros plenos do Politburo possuíam o direito de voto, e só existiam treze deles —, mas cada homem representava uma vasta coleção de

interesses, e Narmonov estava pedindo a cada um deles que fizesse coisas nunca antes consideradas. Numa análise final, o poder ainda contava mais do que tudo, disse a si mesmo, e ainda podia contar com o ministro da Defesa, Yazov.

— Acho que vai gostar daqui — declarou o general Pokryshkin enquanto caminhavam pelo perímetro da cerca.

Os guardas da KGB fizeram continência quando os dois oficiais passaram, e ambos retribuíram com gestos mecânicos. Não havia mais cachorros agora, e Gennady achava que isso era um erro, com problemas de alimentação ou não.

— Minha mulher não — respondeu Bondarenko. — Ela tem me seguido de um campo a outro por quase vinte anos, até finalmente chegarmos a Moscou. Ela gosta de lá.

Voltou-se para olhar o lado de fora da cerca e sorriu. *Será que alguém consegue se cansar dessa vista? Mas o que vai dizer minha mulher quando eu lhe contar isso?* Não era muito freqüente que um militar soviético pudesse fazer esse tipo de escolha, e isso ela entenderia.

-Talvez estrelas de general alterem o modo de pensar dela. Além russo ainda estamos trabalhando para tornar esse lugar mais hospitaleiro Faz idéia de como lutei por isso? Finalmente eu disse que meus engenheiros eram como bailarinos, que precisavam estar felizes para atuar. Acho que algum homem do Comitê Central é devoto do Bolshov. e aquilo finalmente fez com que entendessem. Foi quando autorizaram a construção do teatro e também quando começaram a trazer comida decente de caminhão. Por volta do próximo verão a escola estará terminada, e as crianças virão para cá. É claro que precisaremos fazer outro bloco de apartamentos. — Ele riu. — E o próximo comandante de *Estrela Brilhante* terá de ser um mestre-escola.

— Em mais cinco anos não teremos mais espaço para os laser. Bem, pelo que vejo, deixou o ponto mais alto para eles.

— Ê verdade, essa discussão demorou nove meses. Só para convencê-los de que talvez possamos construir algo mais potente do que o que temos.

— A verdadeira *Estrela Brilhante* — comentou Bondarenko.

— E você a construirá, Gennady Iosifovich.

— Sim, camarada general, eu a construirei. Aceito o encargo, se ainda me quiser. — Ele se voltou para olhar ao redor. *Um dia tudo isso*

será meu....

— E a vontade de Alá — afirmou o major, com um encolher de ombros.

Ele estava ficando cansado de dizer aquilo. A paciência do Arqueiro e até mesmo sua fé estavam sendo testadas pelas mudanças forçadas nos planos. As tropas soviéticas estavam passando acima e abaixo da estrada pelas últimas trinta e seis horas. Conseguira atravessar metade de suas forças até começar, depois sofreu com seus homens divididos, cada-lado observando os caminhões e transportadores rodando e imaginando se os russos não iriam parar, descer, e depois subir as colinas para procurar seus visitantes. Haveria uma luta sangrenta se isso acontecesse, e muitos russos morreriam — mas ele não estava aqui simplesmente para matar russos. Estava aqui para feri-los de uma maneira pior que a simples perda da vida.

Mas havia uma montanha a escalar, ele estava bem atrasado, e todo o consolo que os outros podiam oferecer estava relacionado à vontade de Alá. *Onde estava Alá quando as bombas caíram em minha mulhe e minha filha? Onde estava Alá quando levaram meu filho embora? Onde estava Alá quando bombardearam o campo de refugiados?... Por que a vida precisa ser tão cruel?*

— É difícil esperar, não é? — comentou o major. — Esperar é a pior parte. A mente fica sem ocupação, e surgem as perguntas.

— Quais as suas?

— Quando vai acabar essa guerra? Existem rumores... mas há anos que escuto esses rumores. Estou cansado dessa guerra.

— Passou um bom pedaço dela do outro... A cabeça do major voltou-se rapidamente.

— Não diga isso! Venho passando informação a seu bando há muitos anos! Seu líder não lhe disse isso?

— Não. Sabíamos que ele recebia alguma informação, mas...

— Ele era um bom homem e sabia que precisava me proteger. Sabe quantas vezes enviei meus soldados em patrulhas inúteis para que não encontrassem vocês, e quantas vezes meu próprio povo atirou em mim... o tempo todo sabendo que eles queriam me matar, maldizendo meu nome? — A explosão de emoção deixou os dois homens surpresos. — Finalmente não pude mais suportar. Aqueles soldados sob meu comando que queriam trabalhar para os russos... bem, não foi muito difícil mandá-los para as suas emboscadas, mas eu não podia mandar só a eles, podia? Sabe por

acaso, meu amigo, quantos dos meus soldados... meus soldados bons, mandei para a morte por suas mãos? Aqueles que restaram eram leais a mim, leais a Alá, e já era tempo de nos juntarmos de uma vez por todas aos guerreiros da liberdade. Possa Deus me perdoar por todos aqueles que não viveram o suficiente para isso.

Cada homem tinha uma história para contar, refletiu o Arqueiro, e o único comentário consistente resumia-se numa única sentença:

— A vida é dura.

— Vai ser mais dura ainda para aqueles que estão no topo da montanha. — O major olhou ao redor. — O tempo está mudando. Os ventos agora sopram do sul. As nuvens vão trazer umidade com eles. Talvez Alá não nos tenha desertado afinal de contas. Talvez Ele nos deixe continuar essa missão. Talvez sejamos Seu instrumento, e através de nós Ele vá mostrar que eles deveriam deixar nosso país, ou continuaremos visitando o deles.

O Arqueiro grunhiu e olhou para a montanha. Não podia mais enxergar seu objetivo, mas isso não importava, pois, ao contrário do major, ele tampouco conseguia avistar o fim da guerra.

Vamos atravessar os outros esta noite.

— Certo. Eles estarão bem descansados, meu amigo.

— Senhor Clark?

Ele estivera na roda de exercícios por uma hora. Mancuso sabia disso por causa do suor quando ele finalmente apertou o botão para desligar.

— Sim capitão? — Clark tirou o fone de ouvido. — O rapaz do sonar, Jones, me emprestou seu aparelho. Ele só tem fitas de Bach, mas ajuda a manter o cérebro ocupado.

— Mensagem para você. — Mancuso entregou a tira de papel, que continha apenas seis palavras. Eram palavras em código, tinham de ser. já que não significavam coisa alguma.

— É a ordem para ir.

— Quando?

— Isso não diz. Será a próxima mensagem.

— Acho que já é hora de me dizer como vai ser essa coisa — observou Mancuso.

— Não aqui — disse Clark baixinho.

— Meu camarote é por aqui — indicou Mancuso.

Foram a vante passando pelas turbinas do submarino, depois pelo compartimento do reator com sua porta irritantemente barulhenta, finalmente pelo Centro de Ataque e para o interior da cabine de Mancuso. Era quase a maior distância que se podia andar num submarino. O capitão atirou uma toalha para Clark limpar o suor do rosto.

— Espero que não se tenha desgastado muito — disse ele.

— E o tédio. Todos vocês têm algum trabalho para fazer. Eu só posso ficar sentado esperando. Esperar é uma merda. Onde está o capitão Ramius?

— Dormindo. Ele não precisa ser inteirado disso tão cedo, precisa?

— Não — aquiesceu Clark.

— Qual é a missão exatamente? Pode me dizer isso agora?

— Vou trazer duas pessoas de lá — declarou Clark com simplicidade.

— Dois russos? Você não vai apanhar um *objeto?* São duas *pessoas?* ~ Isso mesmo.

— E vai me dizer que faz isso o tempo todo? — espantou-se Mancuso.

— Não exatamente o tempo *todo* — admitiu Clark. — Fiz uma vez três anos atrás, e outra um ano antes disso. Duas outras não deram certo, e nunca descobri por quê. "Necessidade de saber", sabe como é?

— Já ouvi isso antes.

— É engraçado — comentou Clark. — Aposto que as pessoas que tomam as decisões nunca ficaram com a bunda exposta ao vento.

— As pessoas que vai apanhar... elas sabem?

— Não. Sabem o suficiente para estar num determinado lugar a uma determinada hora. Minha preocupação é que elas possam estar cercadas pela versão da SWAT na KGB. — Clark levantou o rádio. — A sua parte é bem fácil. Se eu não disser a coisa certa da maneira certa e na hora certa, você dá o fora daqui.

— E deixo você. — Não foi uma pergunta.

— A menos que prefira juntar-se a mim no Presídio Lefortovo. Junto com o resto da tripulação, é claro. Não vai ficar nada bem nos jornais, capitão.

— Você me pareceu ser um homem sensível, também. Clark riu.

— É uma longa história.

— Coronel Eich?

— Von Eich — o piloto corrigiu Jack. — Meus antepassados eram prussianos. Você é o doutor Ryan, certo? O que posso fazer pelo senhor?

Jack sentou-se. Estavam ambos no escritório do adido à Defesa, um general que permitira o uso da sala.

— Sabe para quem eu trabalho?

— Parece que me lembro de você como um dos caras da Inteligência, mas eu sou só o motorista, certo? Deixo as coisas importantes para os caras com as roupas macias — declarou o coronel.

— Não mais. Tenho um trabalho para você.

— Como assim, um trabalho?

— Você vai adorar. Jack estava errado. Ele não adorou.

Era difícil manter a mente em seu trabalho oficial. Parte disso era devido à monotonia hipnótica do processo de negociação, mas a maior parte devia-se à qualidade embriagante de seu trabalho não oficial, e sua mente vagava por esses assuntos enquanto ele lutava com o fone de ouvido para conseguir captar toda a tradução simultânea da segunda versão do discurso atual do negociador soviético. O assunto do dia anterior, que as inspeções locais seriam mais limitadas do que o acordado anteriormente, agora acabara. Em vez disso, estavam pedindo maior autoridade para inspecionar bases americanas. *Aquilo faria o Pentágono feliz,* pensou Jack com um sorriso contido. Agentes de informações soviéticos subindo pelas fábricas e descendo pelos silos para ver os mísseis americanos, todos sob o olhar vigilante de agentes americanos de contra-inteligência e guardas do Comando Aéreo Estratégico — que ficariam mexendo o tempo todo em suas novas pistolas Beretta. E os rapazes dos submarinos, que muitas vezes encaravam o pessoal de sua *própria* Marinha como inimigos, o que achariam de receber os russos a bordo? Parecia que não iriam muito além de ficar em pé sobre o convés enquanto os técnicos no interior abriam as portas em tubo sob os olhares vigilantes das tripulações e dos fuzileiros e guardavam as bases dos *boomer.* O mesmo aconteceria do lado soviético. Cada oficial enviado nos grupos de verificação seria um espião, talvez um agente de carreira, para tomar notas de coisas que apenas um operador perceberia. Era impressionante. Depois de trinta anos de insistência dos Estados Unidos, os soviéticos finalmente aceitaram a idéia de que os dois lados deveriam reconhecer oficialmente a espionagem. Quando isso aconteceu, durante a rodada anterior de negociações sobre armas de médio alcance, a reação americana tinha sido mais de suspeita e espanto: *Por que*

os russos estão concordando agora com os nossos termos? Por que disseram sim? O que estão realmente tramando?

Mas era um progresso, depois que se acostumava com a idéia. Ambos os lados teriam uma maneira de saber o que o outro fazia, e o que o outro possuía. Nenhum dos lados confiaria no outro. Ambas as comunidades de informações providenciariam para que isso acontecesse. Os espiões ainda estariam rondando, procurando indicações de que o outro lado estivesse trapaceando, ou montando os mísseis em locais secretos e escondendo-os em lugares esquisitos para um ataque de surpresa. Eles encontrariam tais lugares, redigiriam relatórios internos de aviso e tentariam parar as informações. A paranóia institucional duraria mais do que as armas em si. Os tratados não mudariam isso, por maior que fosse a euforia em torno dos papéis. Jack voltou o olhar para o soviético que estava discursando.

Por quê? Por que vocês mudaram de idéia? Sabem o que eu disse em weu Relatório Especial sobre Informações Confidenciais? Ainda não chegou aos jornais, mas talvez já tenham visto. Eu disse que tinham finalmente compreendido: 1) quanto custam essas malditas coisas; 2) que dez mil ogivas nucleares são suficientes para fritar os Estados Unidos oito vezes, quando três ou quatro seriam provavelmente o bastante; 3) que se economizaria dinheiro eliminando todos os mísseis antigos, os que não se pode

anter mais. E apenas negócio, eu disse a eles, e não uma mudança de posição. Ah, sim: 4) é muito bom para relações públicas, e vocês ainda gostam de jogar com isso, embora estraguem tudo a cada vez.

Não que nos importemos, claro.

Uma vez que o acordo fosse aprovado — e Jack achava que seria —, ambos os lados economizariam ao redor de 3 por cento das despesas de defesa, talvez mais de 5 por cento para os russos em virtude do sistema mais variado de mísseis, mas não se podia ter certeza. Essa pequena porção do orçamento seria suficiente para que os russos financiassem algumas fábricas novas, ou talvez construíssem estradas que realmente estavam precisando no momento. Como iriam redistribuir suas economias? Já que estava no assunto, como os Estados Unidos iriam fazer isso? Jack devia fazer também uma avaliação disso, outro Relatório Especial sobre Informações Confidenciais. Mais um título sonoro e pomposo para o que era, afinal de contas, nada mais do que uma adivinhação oficial, e no momento Jack não tinha nenhuma pista.

O orador russo finalizou, e chegou a hora de uma pausa para o café. Ryan fechou sua pasta encapada em couro e caminhou para fora como todos os outros. Preferiu uma xícara de chá, só para ser diferente, e decorou seu prato com salgadinhos.

— Então, Ryan, o que acha? — Era Golovko.

— Isso é negócio ou conversa social? — indagou Jack.

— Pode ser o último, se preferir.

Jack caminhou até a janela mais próxima e olhou para fora. *Um dia desses,* prometeu a si mesmo, *verei um pouco de Moscou. Deve haver alguma coisa que valha a pena tirar algumas fotos por aqui. Talvez um dia haja paz, e eu possa trazer a família...* Ele se voltou. *Mas não hoje, nem este ano, nem no ano seguinte. Uma pena.*

— Sergey Nikolayevich, se o mundo fizesse sentido, caras como eu e você poderíamos sentar e resolver essa história em dois ou três dias. Que diabos, nós dois sabemos que ambos os lados querem cortar os efetivos pela metade. O ponto que estamos discutindo a semana toda é quantas horas de aviso são necessárias antes que cada grupo de inspeção-surpresa chegue, *mas* isso porque nenhum dos dois lados consegue chegar a um acordo sobre a resposta; estamos falando a respeito de um assunto sobre o qual *já* concordamos, em lugar de seguirmos em frente. Se fosse só entre nós dois, eu diria uma hora, você diria oito e eventualmente chegaríamos a um acordo em três ou quatro horas...

— Quatro ou cinco — riu Golovko.

— Quatro, então. — Jack também riu. — Está vendo? Já acertamos o filho da puta, não foi?

— Mas não somos diplomatas — observou Golovko. — Sabemos barganhar, mas não da maneira normalmente aceita. Somos diretos demais. Ah, Ivan Emmetovich, ainda vamos fazer de você um russo. — Ele acabara de russificar o nome Jack, Ivan Emametovich, ou seja John, filho de Emmet.

Hora de negócios outra vez, pensou Ryan. Mudou de disposição resolveu brincar um pouco com o outro

— Não acho que não. Aqui faz muito frio. Vamos fazer uma coisa, Você vai até o seu chefe de negociações, e eu vou até o tio Ernie. Vãos dizer a eles que já resolvemos sobre o tempo de aviso da inspeção: quatro horas. Vamos fazer isso já! Que tal?

Jack percebeu que aquilo o abalou. Por uma breve fração de segundo Golovko pensou que ele falara a sério. O agente da GRU/KGB recuperou a compostura em um momento, e mesmo Jack mal notou o lapso. O sorriso quase não foi interrompido, porém, enquanto a expressão permanecia fixa ao redor da boca, esmaeceu por um átimo de segundo nos olhos, depois retornou. Jack não reparou a enormidade do erro cometido.

Deveria estar muito nervoso, Ivan Emmetovich, mas não está. Por quê? Antes estava. Estava tão tenso na recepção da outra noite que parecia que iria explodir a qualquer momento. E ontem, quando passou a nota, pude sentir o suor na palma da mão. Mas hoje faz piadas. Tenta me irritar com zombarias. Qual é a diferença, Ryan? Você não é oficial de campo. Seu nervosismo anterior provou isso, só que agora está agindo como um. Por quê?, perguntou a si mesmo o soviético enquanto todos voltavam para a sala de reuniões. Todos sentaram-se para a nova rodada de monólogos, e Golovko ficou de olho em seu colega americano.

Ryan não parecia agitado agora, notou ele um pouco surpreso. Na segunda-feira e na terça-feira estivera. Agora parecia unicamente aborrecido, nada mais desconfortável do que isso. *Não deveria estar à vontade, Ryan,* pensou Golovko.

Não fazia muito sentido. Golovko escutava o zumbido das palavras em seu ouvido — era a vez dos americanos de comentar tudo o que já fora discutido —, porém sua mente estava longe. Pensava no dossiê sobre Ryan na KGB. Ryan, John Patrick. Filho de Emmet William Ryan e Catherine Burke Ryan, ambos falecidos. Casado, com dois filhos. Formado em Economia e História. Rico. Serviço militar no Corpo ae fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Ex-corretor de ações e professor de História. Entrou para a CIA em base de meio período quatro anos antes, depois de um trabalho de consulta no ano anterior a isso. Logo depois, tornou-se agente analista em tempo integral. Nunca recebeu treinamento no campo-escola da CIA, em Camp Peary, Virgínia. Ryan envolvera-se em dois acidentes violentos, e em ambos os casos portara-se muito bem — o treinamento dos fuzileiros, supôs Golovko, mais suas qualidades inatas, coisas que os russos respeitavam. Muito corajoso quando precisava ser um inimigo perigoso. Ryan trabalhava diretamente para o vice-diretor dos Serviços de Informações responsável pelo setor de Análises, e era sabido que preparara vários relatórios especiais, mas... uma missão séria de espionagem? Não fora treinado para isso. Provavelmente tinha o tipo errado de

personalidade. *Muito aberto,* pensou Golovko, *com pouca malícia.* Quando ele estava escondendo alguma coisa, nunca se saberia o que era, mas percebia-se que ele escondia algo...

Estava escondendo alguma coisa antes, mas, e agora?

E o que significa isso, Ivan Emmetovich? Que diabos de nome é Emmet?, divagou Golovko irrelevantemente.

Jack percebeu que o homem o encarava e percebeu a dúvida nos olhos dele. Não se tratava de nenhum idiota, disse Jack a si mesmo, enquanto Ernest Allen falava de um ou outro detalhe técnico. Achara que o homem pertencia à GRU, e na verdade ele era da KGB — ou assim parecia, corrigiu-se Jack. Haverá mais alguma coisa sobre ele que não saibamos?

Na posição número 9 do Aeroporto Sheremetyevo, o coronel Von Eich postou-se junto à porta traseira para entrada de passageiros. À sua frente, um sargento mexia na vedação da porta, com uma quantidade impressionante de ferramentas espalhadas perto dele. Como a maioria das portas de aviões, esta abria para fora apenas depois de fazer um movimento para dentro, permitindo que o fecho pressurizado se abrisse e saísse de lado para não se danificar. Portas defeituosas já haviam derrubado aviões anteriormente, sendo o caso mais famoso o do DC-10 próximo a Paris dez anos antes. Abaixo deles, um guarda uniformizado da KGB montava guarda com um fuzil carregado, no lado de fora do avião. Sua própria tripulação de vôo precisa passar por verificações de segurança. Todos os russos levavam a segurança realmente a sério, e os homens da KGB eram verdadeiros fanáticos pelo assunto.

— Não sei por que a luz de aviso está acendendo, coronel — disse o sargento depois de vinte minutos. — A vedação está perfeita, o interruptor funciona perfeitamente... parece que a porta está ótima, senhor. Vou verificar o painel dianteiro a seguir.

Ouviu isso? Paul von Eich teve vontade de repetir tudo para a sentinela 5 metros abaixo, mas não pôde.

Sua tripulação já estava preparando o avião para a viagem de volta.

Tiveram dois dias para fazer turismo. Desta vez fora um velho mosteiro cerca de 65 quilômetros fora da cidade — cujos últimos 16 prova-r°lmente eram uma estrada de terra no verão, mas agora eram uma ^ istura de lama e neve. Tiveram seu passeio com um guia e guardas fora de Moscou, e agora o pessoal já estava pronto para ir para casa. não dissera a

seus homens o que Ryan lhe contara. A hora para fazer isso seria amanhã à noite. Imaginou como eles reagiriam.

A sessão terminou no horário, com uma sugestão por parte dos soviéticos de que estariam dispostos a falar sobre a inspeção no dia seguinte. *Teriam de resolver isso depressa,* pensou Ryan, pois a delegação partiria na noite do dia seguinte, e precisavam levar alguns resultados para casa nessa fase das negociações. Afinal, a reunião de assinatura do acordo já estava informalmente marcada. Esta teria lugar em Moscou. *Moscou na primavera,* pensou Ryan. Será que vão me trazer para a cerimônia de assinatura? Será que vai haver um tratado para assinar? É melhor que sim, concluiu Ryan.

Golovko observou os americanos saindo, depois acenou para o próprio carro, que o levou até o quartel-general da KGB. Caminhou diretamente para o escritório do diretor-geral.

— Então, o que nossos diplomatas entregaram hoje? — perguntou Gerasimov, sem preâmbulos.

— Acho que amanhã vamos fazer nossa proposta emendada sobre o tempo de aviso de inspeção. — Ele fez uma pausa antes de continuar. — Falei com Ryan hoje. Ele parece ter mudado um bocado e achei que devia trazer isso a seu conhecimento.

— Continue — incentivou o diretor-geral.

— Camarada diretor-geral, não sei o que vocês dois discutiram, mas a mudança no comportamento dele é tão grande que achei que devia saber. — Golovko continuou, explicando o que havia visto.

— Certo. Não posso discutir nossas conversas com você, porque não está liberado para esse assunto, mas eu não ficaria preocupado, coronel. Estou tratando pessoalmente desse assunto. Sua observação foi recebida. Ryan terá de aprender a controlar melhor suas emoções. Talvez não seja suficientemente russo. — Gerasimov não era um homem dado a fazer piadas, mas esta era uma exceção. — Mais alguma coisa sobre as negociações?

— Meu relatório estará pronto sobre sua mesa amanhã pela manhã. — Ótimo. Dispensado. — Gerasimov observou enquanto o homem partia.

Seu rosto não se alterou até que ouviu o estalido do trinco da porta *Era ruim perder,* pensou ele, *principalmente para alguém não profissional...* Mas ele perdera, e tampouco era profissional, sendo apenas o homem do Partido que lhes dava ordens. Essa decisão ficara para trás. Já

era ruim o suficiente ter perdido os agentes em — como quer que se chamasse o maldito lugar —, porém eles falharam e mereceram seus destinos. Levantou o fone e ordenou que o secretário providenciasse para que a esposa e a filha voassem na manhã seguinte de avião para Tallin, a capital da República Socialista Soviética da Estônia. Sim, também precisariam de um carro com motorista. Não, apenas um. O motorista faria também o papel de segurança. Não existiam muitas pessoas que conhecessem sua esposa, e a viagem não estava programada apenas para encontrar velhos amigos. Muito bem. Gerasimov pendurou o fone e olhou ao redor de seu escritório. Ele sentiria falta. Não tanto do escritório em si: do poder. Mas sabia que sentiria mais falta ainda de sua vida.

— E quanto a esse coronel Bondarenko? — perguntou Vatutin.

— Um jovem oficial muito bom. Muito inteligente. Dará um bom general quando chegar a hora.

Vatutin imaginou como seu relatório final trataria o assunto. Não havia suspeita sobre o homem, exceto por sua ligação com Filitov. Mas em compensação também não havia pairado nenhuma suspeita sobre o próprio Filitov, a despeito de sua ligação com Oleg Penkovsky. O coronel Vatutin sacudiu a cabeça, assombrado. Aquele fato seria discutido em aulas de segurança durante uma geração. Como é que eles não perceberam?, perguntariam os jovens candidatos a agentes. Como podia alguém ser tão idiota? Porque apenas os mais confiáveis eram espiões — não se dá informação sigilosa a quem não se confia. A lição era a mesma que sempre fora: não confiar em ninguém. Voltando a Bondarenko, imaginou o que aconteceria a ele. Se fosse realmente o oficial leal e excepcional que parecia ser, não deveria ser afetado por esse assunto. Mas — sempre havia um mas, não é? — ainda faltavam perguntas a serem respondidas, e Vatutin foi até o fim de sua lista. Seu relatório inicial sobre o interrogatório era esperado na manhã seguinte sobre a escrivaninha de Gerasimov.

A escalada na escuridão total durou a noite inteira. As nuvens vindas do sul cobriram tanto a Lua como as estrelas, e a única iluminação provinha das luzes nos limites do objetivo, refletidas pelas nuvens. Agora podiam avistá-lo facilmente. Ainda era um percurso apreciável, mas estavam perto o suficiente para que as unidades individuais pudessem inteirar-se de suas tarefas e vissem o que tinham de fazer. O Arqueiro escolheu para si um lugar alto e apoiou o binóculo sobre uma rocha

enquanto observava o local. Parecia haver três acampamentos. Apenas dois deles eram cercados, embora no terceiro pudesse distinguir pilhas de mourões e arame próximas a uma luz alaranjada fixada no topo de um poste do tipo usado em iluminação de ruas. A extensão da área construída espantou-o.

Fazer tudo isso — e no alto de uma montanha! Quão importante poderia ser um lugar assim para merecer todo esse esforço, todas as despesas? Alguma coisa que enviava um feixe laser aos céus... com que propósito? Os americanos haviam perguntado se ele vira o que o raio atingira. Eles sabiam que tinha atingido alguma coisa, então. Alguma coisa no céu. O que quer que fosse, assustara os americanos, assustara as mesmas pessoas que fabricaram os mísseis com os quais matara tantos pilotos russos... O que poderia assustar pessoas tão espertas? O Arqueiro conseguia ver o lugar, porém não enxergava nada mais ameaçador do que as torres de vigia dotadas de metralhadoras. E uma daquelas construções abrigava soldados equipados com armas pesadas. Isso sim era motivo para ficar assustado. Qual das construções? Precisava saber aquilo, porque a construção precisava ser atacada primeiro. Seus morteiros procurariam acertar nela antes de mais nada. Mas qual delas era?

Depois disso... Ele dividira seus homens em duas seções, de quase cem homens cada. O major lideraria uma e seguiria pela esquerda. Ele levaria a outra pela direita. O Arqueiro selecionara seu objetivo assim que atingiram o topo da montanha. Aquela construção, disse a si mesmo, era onde as pessoas estavam. Era onde os russos viviam. Não os soldados, mas aqueles a quem os soldados guardavam. Algumas das janelas estavam acesas. *Um prédio de apartamentos no topo de uma montanha,* pensou ele. Que tipo de gente os russos alojariam numa construção geralmente usada em cidades? Pessoas que precisavam de conforto. Pessoas que precisavam ser protegidas. Pessoas que trabalhavam em alguma coisa da qual os americanos tinham medo. Pessoas que ele poderia matar sem piedade, disse o Arqueiro a si mesmo.

O major aproximou-se e deitou-se a seu lado.

— Todos os homens estão bem escondidos — disse o homem. Assestou o próprio binóculo sobre o objetivo. Estava tão escuro que o Arqueiro mal podia distinguir a silhueta do homem, somente o contorno do rosto e a sombra indefinida do bigode. — Julgamos mal o terreno da outra colina. Vai levar mais três horas para chegarmos perto.

— Mais perto de quatro, eu acho.

— Não estou gostando dessas torres de vigia — comentou o major. Ambos tremiam de frio. O vento apertara, e não estavam mais abrigados pela encosta da montanha. Seria uma noite difícil para todos os homens. — Uma ou duas metralhadoras em cada uma. Podem nos varrer da encosta da montanha enquanto fazemos o assalto final.

— Não há holofotes — observou o Arqueiro.

— Então eles devem estar usando dispositivos para visão noturna. Eu mesmo já os usei.

— São bons?

— O alcance é limitado por causa da maneira como funcionam. Podem ver objetos grandes, como caminhões, a essa distância. Um homem contra um fundo irregular como esse... talvez 300 metros. É uma distância suficiente para os propósitos deles, meu amigo. As torres precisam cair primeiro. Use os morteiros nelas.

— Não. — O Arqueiro balançou a cabeça. — Temos menos do que cem cargas para eles. Serão usadas nas barracas dos guardas. Se pudermos matar todos os soldados dormindo, vai facilitar muito as coisas quando entrarmos.

— Se os artilheiros com metralhadoras nos virem chegando, metade dos homens vai morrer antes de os guardas acordarem — observou o major.

O Arqueiro grunhiu. Seu companheiro tinha razão. Duas das torres estavam localizadas de maneira a permitir que seus ocupantes metralhassem a encosta íngreme que os homens teriam de escalar para chegar ao topo achatado da montanha. Poderia responder com o fogo das próprias metralhadoras... mas duelos desse tipo terminavam geralmente com a vitória do defensor. O vento os fustigava bastante, e os dois homens teriam de encontrar abrigo ou correr o risco de congelar os dedos.

— Merda de frio! — xingou o major.

— Acha que as torres estão frias também?

— Até pior. Estão mais expostas do que nós.

— Como estarão vestidos os soldados russos? O major riu.

— Da mesma forma que nós. Afinal de contas, estamos usando as roupas deles, não estamos?

O Arqueiro aquiesceu, procurando um pensamento que parecia pairar nos limites de sua consciência. Chegou até sua mente apesar do cérebro

amortecido pelo frio, e ele deixou o posto, dizendo ao major que permanecesse. Voltou trazendo um lançador de mísseis Stinger.

O tubo de metal estava frio ao toque enquanto ele o montava. As unidades de aquisição de alvo eram todas transportadas no interior das

de aquisição de alvo eram todas transportadas no interior nas dos homens, para proteger as baterias do frio. Experiente — ele montou e ativou a arma, depois descansou a bochecha na barra de condutância e apontou para a torre de vigia mais próxima...

— Escute — disse ele, passando a arma ao camarada. O oficial a apanhou e fez como lhe foi indicado.

— Ah! — Seus dentes formaram um sorriso incorpóreo na escuridão como o do Gato Risonho de *Alice no País das Maravilhas*.

Clark também estava ocupado. Era obviamente um homem cauteloso, notou Mancuso ao observar enquanto ele arrumava todo o equipamento e o verificava. As roupas pareciam comuns, embora amassadas e não muito bem cortadas.

— Compradas em Kiev — explicou Clark. — Não se pode trajar Hart, Schaffner e Marx e querer ficar parecido com um nativo.

Ele tinha também um macacão para se proteger, com listras de camuflagem. Havia uma coleção completa de papéis de identidade — em russo, que Mancuso não sabia ler — e uma pistola. Era pequena, um pouco maior do que o silenciador ao lado dela.

— Nunca tinha visto um desses — disse o capitão.

— Bem, é um silenciador tipo *baffle* sem estrias e com uma baioneta interna no cilindro.

— O que...

O sr. Clark riu.

— Vocês estão me empurrando esse vocabulário técnico de submarino desde que eu cheguei, comandante. Agora é minha vez.

Mancuso levantou a pistola.

— Mas é apenas uma 22!

— É praticamente impossível silenciar algo maior do que isso, a menos que se queira um silenciador do tamanho do seu antebraço, como aqueles que os homens do FBI usam nos seus brinquedinhos. Eu preciso de algo que caiba num bolso. Esse é o melhor que Mickey consegue fazer, e ele é o melhor nisso.

— Quem?

— Mickey Finn. E o nome verdadeiro dele. Ele faz projetos para a Qual-A-Tec, e eu não usaria o silenciador de mais ninguém. Não é como na televisão, capitão. Para que um silenciador funcione direito, precisa ser de calibre pequeno, é preciso usar munição subsônica e uma culatra selada. E ajuda muito se for em espaço aberto. Aqui, o tiro seria ouvido por causa das paredes de metal. Lá fora, seria possível ouvir algo num raio de 30 metros, mas não daria para distingui o tipo de som. O silenciador

encaixa em pistolas como essa, você o gira — ele demonstrou o movimento — e agora a arma só atira uma vez. O silenciador trava a ação. Para dar outro tiro, é preciso girá-lo outra vez e acionar manualmente o mecanismo.

— Quer dizer que vai entrar lá com uma 22 de um tiro só?

— É assim que se faz, capitão.

— Você já...

— Você não quer mesmo saber. Além do mais, não posso falar sobre isso. — Clark sorriu. — Eu mesmo não estou liberado para o meu trabalho. Se isso o faz sentir-se melhor, sim, estou morrendo de medo, mas é para isso que sou pago.

— Mas se...

— É melhor sair daqui agora. Tenho autoridade para lhe dar essa ordem, capitão, lembra-se? Ainda não aconteceu. Não se preocupe com isso. Eu me preocupo por nós dois.

25
CONVERGÊNCIA

Maria e Katryn Gerasimov sempre recebiam o tratamento VIP que lhes era devido como familiares próximos de um membro do Politburo. Um carro da KGB fora buscá-las em seu apartamento vigiado de oito aposentos na Avenida Kutuzovky, levando-as até o Aeroporto de Vnukovo, geralmente usado para vôos domésticos, onde foram esperadas na sala de repouso reservada aos *vlasti.* Era atendida por um número de serviçais maior do que o de freqüentadores presentes, e naquela manhã os poucos que ali estavam silenciaram. Uma atendente levou os chapéus e casacos enquanto outro as conduzia até um sofá, onde um terceiro perguntou se queriam comer ou beber alguma coisa. Ambas pediram café, mais nada. Os empregados olhavam suas roupas com inveja, A atendente do vestiário correu as mãos pela textura sedosa das peles, e pensou que seus ancestrais talvez tivessem visto a nobreza czarista com o mesmo grau de inveja que sentia agora dessas duas. Sentaram-se em isolamento régio, tendo apenas a companhia distante dos guarda-costas enquanto saboreavam o café, olhando através das vidraças alguns aviões estacionados.

Mana Ivanovna Gerasimov não era, na verdade, estoniana, embora tívesse nascido lá cinqüenta anos antes. Sua família era inteiramente de etnia russa, desde que o pequeno Estado do Báltico fizera parte do Império Russo sob o domínio dos czares, apenas para experimentar um breve período de "liberação" — como os baderneiros costumavam chamá-la — entre as guerras mundiais, durante o qual os nacionalistas estonianos não haviam facilitado nem um pouco a vida dos russos puros. Suas memórias infantis mais remotas de Tallin não eram nada agradáveis, mas como todas as crianças ela fez amigos que continuariam amigos para sempre. Sobreviveram até mesmo a um casamento com um jovem do Partido, que para surpresa geral — especialmente a dela — fora promovido ao comando do mais odiado órgão governamental. Pior ainda, ele fizera carreira reprimindo elementos dissidentes. Que seus amigos de infância tivessem suportado esse fato era um testemunho à sua inteligência. Meia dúzia de pessoas foram poupadas em campos de trabalho, ou transferidas de uma prisão com regime severo para outra de regime mais brando,

devido à sua intercessão. Os filhos de seus amigos freqüentavam universidades em virtude de sua influência. Aqueles que haviam zombado de seu nome russo não se deram tão bem, embora ela tivesse ajudado um deles só um pouquinho, o suficiente para parecer piedosa. Tal comportamento era o bastante para mantê-la ligada à vida do pequeno subúrbio de Tallin, a despeito de sua mudança para Moscou. Também ajudou o fato de o marido a ter acompanhado à cidade natal uma única vez. Ela não era má pessoa, simplesmente alguém que utilizava o poder vicário que possuía como uma princesa da época anterior teria feito: arbitrariamente, mas nunca maliciosamente. Seu rosto tinha uma qualidade real que se ajustava a essa imagem. Beldade radiante vinte e cinco anos atrás, ainda era uma mulher bonita, se bem que um tanto mais séria. Como uma extensão da identidade oficial do marido, ela tinha que desempenhar seu papel no jogo — não tanto quanto a esposa de um político ocidental, claro, mas seu comportamento precisava ser adequado. A prática a deixara em boa forma agora. Aqueles que a observavam nunca poderiam adivinhar seus pensamentos.

Ela imaginava o que estava errado, consciente unicamente da gravidade do fato. Seu marido a prevenira para estar num local determinado, num momento determinado, e não lhe fazer nenhuma pergunta, apenas prometer cumprir exatamente o que lhe fosse pedido, a despeito das conseqüências. A ordem fora dada em tom de voz baixo, monótono e sem emoção enquanto a água corria na pia da cozinha. Foi a coisa mais assustadora que já ouvira, desde que os tanques alemães entraram em Tallin no ano de 1941. Outro legado da ocupação alemã foi o valor que aprendera a dar à sobrevivência.

Sua filha nada sabia sobre o que estavam fazendo. Sua reação não era confiável. Katryn nunca conhecera o perigo como sua mãe, apenas raros desconfortos, e cursava o primeiro ano da Universidade de Moscou, onde escolhera especialização em Economia, e viajara juntamente com uma pequena multidão de crianças tão importantes quanto ela, todas do escalão ministerial pelo menos. Já se tornara membro do partido — 18 anos era a idade mínima permitida — e também ela desempenhava seu papel. No outono anterior, Katryn viajara com alguns colegas de classe e ajudara na colheita do trigo, principalmente posando para uma fotografia publicada na segunda página do *Komsomohkaya Pravda,* o jornal da Liga da Juventude Comunista. Não que ela gostasse, mas as novas regras de

Moscou "encorajavam" as crianças dos poderosos a pelo menos fingirem realizar sua justa parte. Poderia ter sido pior. Ela retornara do encargo com um novo namorado, e a mãe imaginava se houvera intimidade entre eles, ou se o jovem assustara-se com os guarda-costas ou com o conhecimento de quem era o pai dela. Ou será que a enxergava como uma chance de entrar para a KGB? Ou seria desses da nova geração, que nem ligavam? Sua filha estava entre gente assim. O Partido era uma entidade à qual as pessoas se juntavam para consolidar suas posições, e o posto de seu pai a colocava no caminho certo para um emprego confortável. Ela sentava-se silenciosa ao lado da mãe, lendo uma revista de moda da Alemanha Ocidental, agora já vendida na União Soviética, e decidindo quais roupas gostaria de usar nas aulas. *Ela teria de aprender,* pensou a mãe, relembrando que aos 18 anos o mundo é um lugar com horizontes próximos e distantes ao mesmo tempo, dependendo do estado de espírito.

Por volta do momento em que terminavam o café, o vôo foi chamado. Elas esperaram. O avião não partiria sem elas. Finalmente, quando veio a última chamada, um atendente trouxe os chapéus e os casacos, e outro as conduziu pelas escadas até o carro. Os outros passageiros haviam sido levados num ônibus — os russos ainda não haviam descoberto as passarelas sanfonadas para jatos —, e, quando o carro chegou à pista, subiram os degraus para o aparelho. A aeromoça as conduziu solicitamente até os lugares de primeira classe na cabine da frente. Não eram chamados de primeira classe, claro, porém eram mais largos, tinham mais espaço para as pernas, e estavam reservados. O avião comercial decolou às 10 horas, hora de Moscou, parou primeiro em Leningrado, depois prosseguiu até Tallin, onde aterrissou logo após as 13 horas.

— Então, coronel, tem o sumário das atividades do prisioneiro? — perguntou Gerasimov em tom informal.

Ele parecia preocupado, reparou imediatamente Vatutin. Deveria mostrar-se mais interessado, especialmente com a reunião do Politburo dali a uma hora.

— Vão escrever livros sobre esse caso, camarada diretor-geral. Filitov tinha acesso a praticamente todos os nossos segredos de defesa. Ele chegava a ajudar a fazer a política defensiva. Precisei de trinta páginas só para o resumo do que ele fez. O interrogatório completo levará vários meses.

— A rapidez é menos importante do que a precisão — disse Gerasimov sem muito tato.

Vatutin não exibiu nenhuma reação.

— Como quiser, camarada diretor-geral.

— Se me der licença agora, coronel, há uma reunião no Politburo esta manhã.

O coronel Vatutin ficou em posição de sentido, girou nos calcanhares e saiu. Encontrou Golovko na ante-sala. Os dois haviam se conhecido casualmente. Tinham cursado a Academia da KGB com um ano de diferença, e suas carreiras progrediram aproximadamente na mesma proporção.

— Coronel Golovko — disse a secretária do chefe. — O diretor-geral precisa sair imediatamente e sugere que retorne amanhã de manhã por volta das 10 horas.

— Mas...

— Ele já está saindo — informou a secretária.

— Muito bem — retrucou Golovko, colocando-se de pé. Ele e Vatutin saíram juntos.

— O diretor-geral está ocupado — comentou Vatutin enquanto tomavam o corredor.

— Não estamos todos? — respondeu o outro depois que a porta se fechou. — Pensei que ele quisesse isto. Cheguei aqui às 4 para redigir o maldito relatório! Bem, acho que agora vou tomar o desjejum. Como vão as coisas no "Dois", Klementi Vladimirovich?

— Também estamos ocupados... Os cidadãos não nos pagam para ficar parados. — Ele também chegara cedo para completar seu trabalho burocrático, e seu estômago roncou audivelmente.

— Você também deve estar com fome. Quer me acompanhar?

Vatutin acenou concordando e os dois dirigiram-se à cantina. Oficiais graduados — de coronéis para cima — possuíam um refeitório separado, e eram servidos por garçons de uniforme branco. A sala nunca ficava vazia. A KGB trabalhava 24 horas por dia, e horários estranhos pediam refeições irregulares. Além do mais, a comida era boa, especialmente a servida aos oficiais graduados. A sala formava um ambiente tranqüilo. Quando as pessoas falavam por ali, mesmo que estivessem discutindo esportes, faziam-no aos sussurros.

— Você não está ligado às negociações sobre armamentos, agora? — perguntou Vatutin bebericando o chá.

— É verdade... Virei babá de diplomatas. Sabe, os americanos pensam que pertenço à GRU. — Golovko arqueou as sobrancelhas, parte para mostrar-se divertido com os americanos, parte para mostrar ao seu quase-colega de classe como era importante seu trabalho.

— É mesmo? — Vatutin estava surpreso. — Eu teria pensado que eles estavam mais bem informados... pelo menos... bem... — Encolheu os ombros para indicar que não podia prosseguir. *Eu também tenho assuntos que não posso discutir, Sergey Nikolayevich.*

— Suponho que o diretor-geral esteja preocupado com a reunião do Politburo. Os rumores...

— Ele ainda não está pronto — afirmou Vatutin com a confiança tranqüila de quem possuía fontes seguras.

— Tem certeza?

— Tenho.

— De que lado está? — quis saber Golovko.

— De que lado *você* está? — retrucou Vatutin. Ambos trocaram um olhar divertido, mas depois Golovko tornou-se sério.

— Narmonov precisa de uma chance. O acordo sobre armamentos... se os diplomatas conseguirem não atrapalhar e executar o acordo... será uma coisa boa para todos.

— Pensa realmente assim? — Vatutin ainda não se decidira por lado nenhum.

— Penso, sim. Tive de tornar-me especialista em armas dos dois lados. Sei o que nós temos e sei o que eles têm. Existe um limite para tudo. Uma vez que um homem esteja morto, não se fica atirando mais sobre o cadáver. Existem maneiras melhores de gastar o dinheiro. Existem coisas que precisam mudar.

— Devia ter mais cuidado dizendo essas coisas — avisou Vatutin. Golovko viajara demais. Conhecera o Ocidente, e muitos agentes da

KGB voltavam contando histórias maravilhosas — se a União Soviética pudesse fazer isso, ou aquilo... Vatutin percebia a verdade ali contida, mas era por natureza muito mais cauteloso. Era um homem do "Dois", que ia atrás de perigos, enquanto Golovko, do Primeiro Diretório, procurava oportunidades.

— Não somos nós os guardiões? Se não pudermos falar, então quem pode? — disse Golovko, cedendo um pouco. — Desde que seja de acordo com a orientação do Partido a todos os momentos, claro... Mas até mesmo o Partido vê a necessidade de realizar mudanças.

Tinham de concordar sobre aquilo. Cada jornal soviético proclamava a necessidade de uma nova visão, e cada artigo precisava ser aprovado por alguém importante, dotado de pureza política. O Partido nunca estava errado, ambos sabiam, mas certamente alterara bastante sua mente *kollectiv*.

— Uma pena que o Partido não veja a importância do descanso para seus guardiões. Homens cansados cometem erros, Sergey Nikolayevich.

Golovko contemplou os ovos em seu prato por um instante, depois baixou mais ainda o tom de voz.

— Klementi... vamos imaginar por um momento que eu sei do fato de que uma pessoa do alto escalão da KGB está se encontrando com um agente graduado da CIA.

— Alto escalão?

— Mais alto do que chefe de Diretório — respondeu Golovko, dizendo a Vatutin exatamente quem era, sem usar o nome ou o título. — Vamos presumir que fui eu quem arranjou os encontros, e que ele me diz que não preciso saber qual foi o assunto. Finalmente, vamos supor que esse mesmo oficial graduado anda agindo... estranhamente. O que acha que devo fazer? — perguntou ele, sendo a seguir brindado com uma resposta ao pé do regulamento:

— Deveria escrever um relatório ao Segundo Diretório, é claro. Golovko quase derrubou seu café.

— Uma ótima idéia. Logo depois posso cortar minha garganta com uma lâmina de barbear e economizar a todos tempo e trabalho de interrogatório. Existem algumas pessoas que estão acima de suspeita... ou têm tanto poder que ninguém ousa suspeitar delas.

— Sergey, se existe uma coisa que aprendi nas últimas semanas, é que não existe isso de "acima de suspeita". Estivemos trabalhando num caso tão alto no Ministério da Defesa... você não iria acreditar. Eu mal consigo acreditar. — Vatutin acenou para que q garçom trouxesse um novo bule de chá.

A pausa deu ao outro algum tempo para pensar. Golovko tinha conhecimento íntimo daquele ministério em virtude do seu trabalho com

armas estratégicas. Quem poderia ser? Não havia muitos homens dos quais a KGB era incapaz de suspeitar — essa era uma condição desencorajada pela agência — e menos ainda no Ministério da Defesa, que a KGB deveria encarar com mais rigor. Mas...

— Filitov? Vatutin empalideceu e cometeu um erro.

— Quem lhe contou?

— Meu Deus, ele deu instruções para *mim* no ano passado sobre armas de médio alcance. Ouvi dizer que estava doente. Não está brincando, está?

— Não existe nem um pingo de brincadeira em tudo isso. Eu não posso falar muito, e é preciso que não saia desta mesa, mas... Sim, Filitov estava trabalhando para... alguém de fora de nossas fronteiras. Ele confessou, e a primeira parte do interrogatório já terminou.

—Mas ele sabia de tudo! O grupo de negociações precisa saber disso. Altera toda a base das conversações — declarou Golovko.

Vatutin não havia pensado nisso, mas não era o lugar certo para tomar decisões políticas. Afinal de contas, não passava de um policial com um toque especial. Golovko poderia ter razão em sua avaliação,mas regras são regras.

— A informação está sendo retida em sigilo máximo por enquanto, Sergey Nikolayevich. Lembre-se disso.

— Compartimentação de informações pode ser uma faca de dois gumes, Klementi — avisou Golovko, imaginando se deveria prevenir os negociadores.

— Acho que tem razão — concordou Vatutin.

— Quando capturou seu prisioneiro? — indagou Golovko, ouvindo a seguir a resposta. *As datas*... Ele tomou fôlego e esqueceu sobre as negociações. — O diretor-geral encontrou-se pelo menos duas vezes com um agente graduado da CIA...

— Quem e quando?

— Domingo à noite e ontem de manhã. O nome é Ryan. Ele tem uma posição equivalente à minha no grupo americano, mas é ligado à Inteligência, não um agente de campo que eu fui. O que conclui disso?

— Tem certeza de que ele não pertence a Operações?

— Tenho. Posso até lhe dizer em que sala trabalha. Isso não é um fator de incerteza. Ele é analista, e graduado, mas apenas um homem de gabinete. Assistente especial do vice-diretor dos Serviços de Informações,

e antes disso era parte de um empréstimo de alto nível para Londres. Ele nunca foi agente de campo.

Vatutin terminou seu chá e serviu-se de outra xícara. A seguir passou manteiga num pedaço de pão. Enquanto isso, pensava sobre o assunto. Havia ampla possibilidade para adiar uma resposta, mas...

— Tudo o que temos aqui é atividade incomum. Talvez o diretor-geral tenha motivos para ficar assim sensível...

— Sim... ou talvez seja essa a impressão que ele queira dar — observou Golovko.

Para alguém do "Um" você tem a maneira de pensar parecida com a nossa, Sergey. Muito bem. O que faríamos normalmente... Não que um caso como esse seja normal, se entende o que eu digo... é reunir as informações e levá-las ao diretor do Segundo Diretório. O diretor-geral tem guarda-costas. Eles poderiam ser separados e interrogados Mas tal assunto teria de ser tratado muito, muito cuidadosamente. Meu chefe teria de ir a... a quem? — perguntou Vatutin retoricamente. — Um membro do Politburo, talvez, ou ainda o secretário-geral do Comitê Central, mas o assunto Filitov está sendo manuseado sem nenhum alarde. Acredito que o diretor-geral possa desejar utilizar isso como alavanca política contra o ministro da Defesa e Vaneyev...

— O quê?

— A filha de Vaneyev estava agindo como espiã do Ocidente. Bem, como mensageira, para ser preciso. Nós a dobramos, e...

— Por que isso não se tornou de conhecimento público?

— A mulher está de volta ao trabalho, por ordem do diretor-geral

— informou Vatutin.

— Klementi, tem alguma idéia do que está acontecendo aqui?

— Não, ainda não. Presumi que o diretor-geral estivesse procurando fortalecer sua posição política, mas o encontro com o homem da CIA... tem certeza disso?

— Eu mesmo combinei os encontros — repetiu Golovko. — O primeiro deve ter sido combinado antes que os americanos chegassem, e simplesmente supervisionei os detalhes. Ryan pediu o segundo. Ele me passou uma nota... quase tão bem como um agente recém-treinado em sua primeira missão. Eles se encontraram no Teatro Barricada ontem, como eu lhe disse. Klementi, alguma coisa muito estranha está acontecendo.

— É o que tudo indica. Mas não temos nada...

— O que quer dizer...

— Sergey, investigação é o *meu* trabalho. Não temos nada, a não ser fragmentos desconexos de informação, que podem ser explicados facilmente. Nada atrapalha mais uma investigação do que agir depressa demais. Antes de fazer qualquer coisa, precisamos reunir e analisar tudo o que temos. Então podemos ir a meu chefe, e *ele* é que poderá autorizar uma ação posterior. Acredita que dois coronéis possam agir num caso desses sem o apoio de uma autoridade maior? Você precisa colocar tudo o que sabe no papel e trazer a mim o resultado. Quando acha que pode fazer isso?

— Preciso estar na sessão de negociações em... — ele verificou o relógio — duas horas. Deve durar pelo menos dezesseis horas, seguida de uma recepção. Os americanos partem às 22 horas.

Pode escapar da recepção?

-Será um pouco esquisito, mas acho que sim.

— *Esteja* em meu escritório às 16h30 — disse Vatutin formalmenmente. Golovlovko, que possuía um ano a mais de oficialato, sorriu pela primeir*a* vez.

— Às suas ordens, camarada coronel

— Marechal Yazov, qual é a posição do ministério? — perguntou Narmonov.

— Não aceitamos menos do que seis horas — afirmou o ministro da Defesa. — Nesse tempo deveremos ser capazes de ocultar a maior parte dos itens mais sensíveis. Como sabe, preferimos não ter nossos locais secretos inspecionados de modo nenhum, embora examinar as instalações americanas vá trazer vantagens em informações.

O ministro das Relações Exteriores concordou.

— Os americanos vão pedir menos, mas acho que podemos chegar a esse número.

— Eu discordo. — As cabeças dos membros do Politburo voltaram-se para a cadeira de Alexandrov. O senso do idealista mostrava-se novamente. — Já é ruim o suficiente reduzir nossos arsenais, mas ter os americanos examinando as fábricas, obtendo nossos segredos, é loucura total.

— Mikhail Petrovich, já passamos por tudo isso — disse pacientemente Narmonov. — Mais alguma objeção? — Ele olhou ao redor

da mesa. Cabeças acenaram. O secretário-geral riscou o item de seu bloco de anotações. Acenou para o ministro das Relações Exteriores.

— Seis horas, nada menos.

O ministro das Relações Exteriores sussurrou algumas instruções a seu ajudante-de-ordens, que deixou a sala imediatamente para chamar o chefe das negociações. A seguir inclinou-se para a frente.

— Isso deixa a questão sobre quais armas serão eliminadas, a questão mais difícil de todas, claro. Será necessária outra sessão, e bem longa.

— Estamos programados para assinar o acordo em três meses... — lembrou Narmonov.

— Sim. Isso deve estar decidido até lá. Sondagens preliminares sobre essa questão não encontraram obstáculos sérios.

— E os sistemas americanos de defesa? — perguntou Alexandrov. ~ E quanto a eles? — As cabeças se voltaram novamente, desta vez Para o diretor-geral da KGB.

— Nossos esforços para penetrar a segurança de *Tea Clipper* continuam. Como sabem, corresponde ao nosso projeto *Estrela Brilhante* embora tenhamos a impressão de que estamos mais avançados em algumas áreas — declarou Gerasimov, levantando os olhos de sua prancheta.

— Cortamos nossas forças de mísseis pela metade enquanto os americanos aprendem a derrubar os nossos — resmungou Alexandrov.

— E eles vão reduzir as forças pela metade, enquanto trabalhamos no mesmo sentido que eles — continuou Narmonov. — Mikhail Petrovich, estamos trabalhando ao longo dessas linhas por trinta anos, e com muito mais afinco do que eles.

— Estamos também mais adiantados nos testes — declarou Yazov - E...

— E eles sabem disso — completou Gerasimov. Referia-se ao teste que os americanos haviam observado da aeronave Cobra Belle, mas Yazov não sabia nada sobre isso ainda, e mesmo a KGB não tinha conhecimento de como o teste fora observado, só que os americanos tinham conhecimento do assunto. — Eles também têm serviços de informações, lembre-se disso.

— Mas não disseram nada sobre o teste — argumentou Narmonov.

— Os americanos têm sido às vezes reticentes ao discutir tais assuntos. Eles se queixam de alguns detalhes técnicos de nossas atividades

de defesa, mas não de todos eles, por medo de comprometer seus métodos de coleta de informações — explicou Gerasimov sem ênfase. — Possivelmente terão conduzido testes similares, embora não tenhamos conhecimento disso. Os americanos também são capazes de manter segredo quando desejam. — Taussig não conseguira passar a informação. Gerasimov recostou-se para deixar os outros falarem.

— Em outras palavras, os dois lados continuam como antes — concluiu Narmonov.

— A menos que sejamos capazes de ganhar uma concessão — disse o ministro das Relações Exteriores. — O que não é muito provável de acontecer. Existe alguém nesta mesa que seja de opinião que devemos restringir nossos programas de defesa? — Não havia. — Nesse caso, por que devemos esperar que os americanos ajam diferentemente?

— Mas, e se eles passaram à nossa frente? — insistiu Alexandrov.

— Um ótimo argumento, Mikhail Petrovich. — Narmonov aproveitou a oportunidade. — Por que os americanos sempre parecem estar à nossa frente? — perguntou ele aos líderes reunidos do país.

— Eles fazem isso não porque sejam mágicos, mas porque permitimos que façam... porque não podemos melhorar o desempenho de nossa economia. Isso nega ao marechal Yazov as ferramentas de que nossos homens uniformizados necessitam, nega ao nosso povo as boas coisas da vida que eles começam a esperar, e nos nega a capacidade He enfrentar o Ocidente como iguais.

— Nossas armas nos tornam iguais! — discordou Alexandrov.

_— Mas que vantagem isso nos traz se o Ocidente também possui armas? Existe alguém em torno desta mesa que se contente em ser igual a0 Ocidente? Nossos foguetes fazem isso por nós — disse Narmonov _-, porém existem mais coisas na grandeza de um povo do que o potencial de matar. Se vamos derrotar o Ocidente, não pode ser com bombas nucleares... a menos que desejem que os chineses herdem nosso mundo. — Narmonov fez uma pausa. — Camaradas, se pretendemos prevalecer, precisamos avançar com nossa economia.

— Mas ela está avançando — obstou Alexandrov.

— Para onde? Algum de nós sabe para onde? — perguntou Vaneyev, esquentando a atmosfera reinante na sala.

A discussão tornou-se tumultuada por vários minutos antes de cair na forma de argumentação de estudantes, comum ao Politburo. Narmonov

usara o assunto para testar a força de oposição. Julgou sua facção mais do que simplesmente igual à de Alexandrov. Vaneyev não se traíra — Alexandrov esperava que *ele fingisse* estar ao lado do secretário-geral, não era? E o secretário-geral ainda tinha Yazov. Narmonov utilizara a sessão para aumentar a importância da dimensão política dos problemas econômicos do país, ressaltando a necessidade de reforma como maneira de melhorar o poderio militar do país — o que era verdade, claro, mas ainda assim um argumento que dificilmente Alexandrov e sua malta poderiam refutar. Tomando a iniciativa, avaliou Narmonov, ele fora capaz de julgar ainda uma vez a força dos opositores, e, colocando o assunto em aberto, pusera-os em posição psicológica de defesa, pelo menos temporariamente. Era tudo o que podia esperar no momento. Vivera para lutar mais um dia, disse Narmonov a si mesmo. Uma vez que o tratado de limitação de armamentos fosse assinado, seu poder nessa mesa aumentaria mais um ponto. O *povo* iria gostar — e pela primeira vez na história soviética o que pensava o povo começava a ser levado em conta. Uma vez decidido que armas seriam eliminadas, e os prazos para isso, saberiam quanto dinheiro adicional teriam para gastar. Narmonov podia controlar a discussão de seu posto, usando os fundos para negociar mais poder entre os membros do Politburo, enquanto os membros brigariam entre si, perseguindo seus próprios pequenos projetos. Alexandrov não poderia interferir, desde que a base de seu poder era ideológica, e não econômica. Ocorreu a Narmonov que provavelmente venceria. Com a Defesa na retaguarda, e Vaneyev em seu bolso, ele venceria o confronto faria com que a KGB se dobrasse à sua vontade, e mandaria Alexandrov para o pasto. Era apenas uma questão de decidir quando forçar o assunto. Teria de haver acordo quanto ao tratado, e ele trocaria de bom grado pequenas concessões para manter segura sua política doméstica. O Ocidente ficaria surpreso com isso, mas algum dia ficaria ainda mais surpreso em ver o que uma economia viável poderia fazer com seu principal rival. Narmonov estava preocupado com sua sobrevivência política imediata. Depois disso vinha a tarefa de injetar vida na economia de seu país. Esse era um objetivo posterior, que não mudara em três gerações, embora o Ocidente estivesse sempre descobrindo maneiras de ignorá-lo. Os olhos de Narmonov não estavam fixos nisso, mas o problema ainda estava lá.

Ultima sessão, disse Ryan a si mesmo. *Graças a Deus.* O nervosismo voltara. Não havia motivo para que tudo não corresse bem — a parte

estranha é que Ryan não tinha idéia do que aconteceria com a família de Gerasimov. A "necessidade de saber" novamente levantara a cabeça cansada sobre esse assunto, mas a parte sobre retirar Gerasimov e o Cardeal era de tamanha simplicidade que ele jamais teria pensado nisso. Essa parte era de autoria de Ritter, e o miserável tinha jeito para a coisa. Os russos falaram primeiro dessa vez e, cinco minutos depois de iniciado o discurso, propuseram um tempo de alerta para as inspeções locais de surpresa. Jack teria preferido tempo zero, mas isso não era razoável. Não era necessário verificar o interior dos "pássaros", por mais desejável que isso fosse. Seria suficiente contar os lançadores e as ogivas, e qualquer coisa abaixo de dez horas era provavelmente o suficiente para isso — especialmente se as visitas fossem coordenadas com a passagem dos satélites para detectar qualquer tentativa de alteração na última hora. Os russos ofereceram dez horas. Ernest Allen, em sua réplica, exigiu três. Duas horas mais tarde os números eram sete e cinco. Duas horas depois disso, para surpresa geral, os americanos disseram *seis,* e o chefe da delegação russa concordou. Ambos os homens levantaram-se e inclinaram-se sobre a mesa para trocar um aperto de mãos. Jack ficou contente que tudo tivesse terminado, mas teria resistido em cinco. Afinal de contas, ele e Golovko haviam concordado em quatro, não?

Quatro horas e meia para resolver sobre um número miserável, pensou Jack. *Pode ser o recorde de todos os tempos.* Houve até mesmo aplausos quando todos se levantaram, e Jack entrou na fila do banheiro mais próximo. Alguns minutos depois retornou. Golovko estava lá.

— Vocês nos deixaram ganhar essa fácil — comentou o agente da

— Acho que tem sorte de não ser minha função — concordou Jack. — É um bocado de trabalho por causa de duas ou três coisinhas.

— Acha que não são importantes?

— No Grande Esquema das Coisas... bem, são significantes, mas não tanto. Significam principalmente que podemos voltar para casa — observou Jack, deixando transparecer um pouco de nervosismo na voz. *Ainda não havia terminado.*

— Está ansioso para voltar? — perguntou Golovko.

— Não exatamente, mas lá vem você de novo... — *Desta vez não é o vôo que está me deixando nervoso, parceiro.*

A tripulação de vôo ficara no Hotel Ukrania, à margem do rio Moscou, dois a dois em grandes quartos, fazendo compras nas "lojas da

amizade", e vendo tudo quanto podiam de uma forma geral, enquanto mantinham um grupo de guardas na aeronave. Agora saíam juntos do hotel e subiam a bordo de um ônibus de turismo com cinqüenta lugares, que atravessou a ponte e dirigiu-se para leste pela Avenida Kalinina a caminho do aeroporto, a meia hora de viagem devido ao tráfego leve.

Quando o coronel Von Eich chegou, a equipe de terra da British Airways, responsável pela manutenção de apoio, estava terminando o abastecimento sob os olhos vigilantes do chefe — o primeiro sargento que "possuía" a aeronave — e do capitão que servia de co-piloto no assento direito da cabine do VC-137. Os membros da tripulação passaram pelo posto de controle da KGB, cujos agentes verificaram cuidadosamente a identidade de todos. Quando terminaram, a tripulação embarcou, acondicionou seu equipamento e começou a preparar o 707 convertido para seu vôo de volta à Base Aérea de Andrews. O piloto reuniu cinco dos seus homens na cabine de comando e, sob o ruído do rádio de um deles, informou-os sobre o que fariam naquela noite, que seria um "pouquinho diferente".

— Meu Deus, senhor — comentou o chefe do pessoal —, isso é diferente mesmo.

— O que seria a vida sem um pouquinho de excitação? — perguntou Von Eich. — Todos entenderam bem suas partes? — Recebeu afirmativas. — Então vamos trabalhar, pessoal.

O piloto e o co-piloto apanharam suas listas de verificações e saíram com o chefe para fazer a checagem pré-vôo. Todos concordavam que seria muito bom voltarem para casa — se conseguissem levantar os pneus da pista. Estava frio como o mamilo de uma bruxa, observou o chefe da equipe. As mãos enluvadas, e agora vestidos com uniformes da Força Aérea, os homens não pareciam ter pressa enquanto andavam ao redor da aeronave. A 89? Ala de Transporte Aéreo Militar possuía um registro sem máculas de segurança voando aparelhos "DV" ao redor do mundo, e a manutenção era realizada com atenção total a cada detalhe. Von Eich perguntou-se se as 700 000 horas de vôo sem nenhum tipo de acidente não seriam maculadas naquela noite.

Ryan já havia feito as malas. Estariam partindo da recepção diretamente para o aeroporto. Ele decidira barbear-se e escovar os dentes novamente antes de arrumar o conjunto de barbear num dos bolsos de sua valise para dois ternos. Estava usando um dos ternos ingleses. Era quase

quente o bastante para o clima local, mas Jack prometeu a si mesmo que, se viesse novamente a Moscou no inverno, iria lembrar-se de trazer ceroulas. Já estava quase na hora quando soaram batidas à porta. Era Tony Candeia.

— Bom vôo para casa — desejou ele.

— Claro — riu Jack.

— Pensei em vir dar uma mãozinha. — Ele apanhou a pequena mala, e Jack carregou apenas sua valise.

Juntos andaram até o elevador, que os conduziu do sétimo ao nono andar, onde aguardaram outro elevador para descer até o saguão.

— Sabe quem projetou este edifício?

— Obviamente foi alguém com senso de humor — comentou Candeia. — Contrataram o mesmo sujeito para a construção da nova embaixada americana...

Os dois riram. Aquela história era digna de um filme de catástrofe feito em Hollywood. Havia ali dispositivos eletrônicos em número suficiente para montar uma central de computadores. O elevador chegou um minuto depois, deixando os dois no saguão. Candeia passou a Ryan sua maleta.

— Boa sorte — desejou ele, antes de ir embora.

Jack saiu para onde os carros aguardavam e colocou sua bagagem no porta-malas aberto. A noite estava límpida. Havia estrelas no céu, e uma sugestão de aurora boreal no horizonte setentrional. Ouvira dizer que esse fenômeno meteorológico podia ocasionalmente ser observado de Moscou, mas era algo que nunca tinha testemunhado.

A caravana partiu dez minutos depois, tomando a direção sul para o Ministério das Relações Exteriores, repetindo o caminho que quase resumia todo o conhecimento de Ryan sobre essa cidade de 8 milhões de habitantes. Um a um, os carros fizeram a curva na alameda de aces-so, e seus ocupantes foram encaminhados para o interior do prédio. Aquela recepção não era tão elaborada quanto a última no Kremlin, mas essa rodada também não realizara tanta coisa. A próxima seria terrível com o prazo para a assinatura do acordo se aproximando, porém a próxima sessão seria em Washington. Os repórteres de jornais já levam esperando, e havia poucas câmeras de televisão presentes. Alguém se aproximou de Ryan assim que ele retirou o sobretudo.

-Doutor Ryan?

—Sim? —Ele se voltou.

— Mike Paster, do *Washington Post*. Correm notícias em Washington de que seus problemas com a Comissão de Valores Mobiliários foram resolvidos.

Jack riu.

— Meu Deus, é bom ouvir uma notícia que não tem nada a ver com armamentos, para variar! Como disse antes, não fiz nada de errado. Acho que aqueles... idiotas, mas pão diga que eu falei isso... aqueles sujeitos finalmente descobriram. Ótimo. Não gostaria de precisar contratar um advogado.

— Estão dizendo que a CIA colocou o dedo... Ryan o interrompeu.

— Vamos fazer uma coisa. Diga a sua central em Washington que, se me derem dois dias para me desvencilhar desse assunto, vou mostrar todos os negócios que fiz. Faço tudo por computador e guardo cópias impressas de todo o material. Está bem assim?

— Claro... mas por que você não...

— E você quem vai me dizer — declarou Jack, apanhando um copo de vinho da bandeja de um garçom que passava. Ele precisava tomar um, porém esta noite seria um só. — Talvez algumas pessoas na capital tenham tesão pela Agência. Pelo amor de Deus, não vá publicar isso também.

— Então, como vão indo as conversações? — perguntou o repórter a seguir.

— Pode conseguir todos os detalhes com Ernest, mas, não oficialmente, acho que vão indo muito bem. Não tanto como da última vez, e ainda sobrou muita coisa para fazer, mas acertamos alguns pontos difíceis, mais ou menos o que esperávamos dessa viagem.

— O acordo vai ficar pronto a tempo de ser assinado? — indagou Paster a seguir.

— Extra-oficialmente — disse Jack, de imediato. O repórter concordou. — Eu diria que as chances são melhores do que duas para três.

— E o que a Agência acha disso?

— Não sou analista político, lembra-se? De um ponto de vista técnico, a redução de cinqüenta por cento é um fato com o qual podemos conviver. Na verdade não muda muita coisa, muda? Mas é uma atitude "simpática", isso eu garanto.

— Como quer que eu divulgue a autoria disso? — quis saber Paster.

— Diga que foi um oficial novato da Administração. — Jack sorriu. — Está bem assim? Tio Ernie pode falar em nome dele, mas eu não tenho permissão.

— E sobre o efeito que isso terá sobre o poder remanescente de Narmonov?

— Não é o meu campo — mentiu Ryan. — Minhas opiniões sobre isso são particulares, não profissionais.

— Portanto...

— Portanto é melhor perguntar a outra pessoa sobre isso — sugeriu Jack. — Pergunte-me as coisas realmente importantes, como quem os Skins vão contratar para a primeira fase do campeonato.

— Olson, o armador da Baylor — informou o repórter imediatamente.

— Pois eu gosto daquele rebatedor da Penn State, mas ele vai ser vendido logo.

— Boa viagem — disse o repórter enquanto fechava seu bloco de anotações.

— Claro, e você aproveite o resto do inverno, colega. O repórter começou a retirar-se, depois parou.

— Pode dizer alguma coisa, extra-oficialmente, sobre o casal Foley, que os russos mandaram de volta há...

— Quem? Ah, o casal que os russos acusaram de espionagem? Extra-oficialmente, e você nunca ouviu nada de mim sobre isso, é tudo mentira. De qualquer outra forma, sem comentários.

— Certo. — O repórter afastou-se com um sorriso. Jack permaneceu ali em pé, sozinho. Olhou em volta procurando

Golovko, mas não conseguiu encontrá-lo. Ficou desapontado. Inimigo ou não, eles sempre podiam conversar, e Ryan chegara a apreciar essas conversas. O ministro das Relações Exteriores apareceu, depois Narmonov. Todos os outros ingredientes estavam lá: os violinos, as mesas com salgadinhos, os garçons circulando com bandejas de vinho, vodca e champanhe. O pessoal do Departamento de Estado estava envolvido em conversas com os colegas soviéticos. Ernie Allen estava rindo com seu equivalente soviético. Apenas Jack estava sozinho, e isso chamava atenção. Ele caminhou até o grupo mais próximo e ficou na periferia, mal sendo notado enquanto verificava seu relógio de tempo em tempo, e bebericava seu vinho.

— Está na hora — anunciou Clark.

Chegar até esse ponto fora muito difícil. O equipamento de Clark já estava arrumado no compartimento à prova d'água que ia desde o Centro de Ataque até a torre do submarino. Possuía comportas em ambas as extremidades, e ali a água não penetrava, ao contrário do restante da torre, que se inundava normalmente. Mais um marinheiro o acompanhara como voluntário, e em seguida a escotilha do fundo foi fechada e bem apertada. Mancuso levantou o fone.

— Teste do sistema de comunicação.

— Alto e claro, senhor — respondeu Clark. — Quando estiver pronto.

— Não toque na escotilha até eu dar ordem.

— Certo, capitão. O oficial voltou-se.

— Estou no comando.

— O capitão está no comando — repetiu o oficial de serviço.

— Oficial das águas, bombeie 1 500 quilos de lastro para fora. Estamos levantando do fundo. Sala das máquinas, estejam de prontidão ao toque do sino.

— Certo. — O oficial das águas deu as ordens necessárias. Bombas elétricas ejetaram 1 tonelada e meia de água salgada, e o *Dallas* vagarosamente endireitou-se. Mancuso olhou à sua volta. O submarino estava em postos de combate. O grupo de rastreamento e controle de incêndio aguardava a postos. Ramius estava com o navegador. O painel de controle de armas achava-se ativado. Abaixo na sala de torpedos os quatro tubos estavam carregados, e um deles já inundado.

— Sonar, aqui o comandante. Alguma coisa a declarar? — perguntou Mancuso a seguir.

— Negativo, comandante. Nada em volta, senhor.

— Muito bem. Oficial das águas, profundidade nove-zero pés.

— Nove-zero pés, senhor.

Eles precisavam sair do fundo antes de imprimir qualquer movimento horizontal ao submarino. Mancuso observou o marcador de profundidade mudar lentamente enquanto o especialista ajustava vagarosa e cuidadosamente o equilíbrio do submarino.

— Profundidade nove-zero pés, senhor. Vai ser difícil de manter.

— Manobras, quero potência para 5 nós. Timão, leme 15 graus à direita, novo rumo a zero-três-oito.

— Leme à direita, certo, novo rumo a zero-três-oito — repetiu timoneiro. — Senhor, leme 15 graus à direita.

— Muito bem. — Mancuso observou o girabússola marcar um curso a nordeste.

Levou cinco minutos para sair de sob o gelo. O capitão ordenou profundidade de periscópio. Mais um minuto.

— Levantar periscópio — ordenou Mancuso em seguida. Um contramestre girou a roda de controle, e o capitão apanhou o instrumento que se elevava enquanto a ocular surgia no convés. — Pare!

O periscópio parou 30 centímetros abaixo da superfície. Mancuso procurou por sombras ou possíveis blocos de gelo, mas não viu nada.

— Subir 50 centímetros. — Ele estava de joelhos agora. — Mais 50 e manter assim.

Ele usava o periscópio de ataque, mais fino, e não o de busca, que era mais volumoso. O periscópio de busca possuía maior luminosidade, mas ele não queria arriscar-se a expor a grande seção transversal correspondente ao radar, e o submarino vinha usando somente luzes vermelhas internas durante as ultimas doze horas. Dava uma aparência meio esquisita à comida, mas também propiciava a todos melhor visão noturna. Ele fez uma lenta varredura pelo horizonte. Não havia nada, a não ser gelo flutuante na superfície.

— Limpo — anunciou ele. — Tudo limpo. Acione medidas de vigilância eletrônica. — Ouviu-se um silvo hidráulico enquanto a antena do sensor eletrônico subia. A haste de fibra de vidro possuía apenas meia polegada de largura, e era praticamente invisível ao radar. — Abaixar periscópio.

— Peguei aquele radar de vigilância de superfície, em zero-três-oito — disse o operador do sensor eletrônico, anunciando a freqüência e o pulso característicos. — O sinal está fraco.

— Lá vamos nós, pessoal. — Mancuso levantou o fone para o tubo da torre. — Está pronto?

— Sim, senhor — respondeu Clark.

— Prepare-se. Boa sorte. — O capitão recolocou o fone no lugar e voltou-se. — Subam à torre e fiquem a postos para submergir o mais rápido possível.

Levou um total de quatro minutos. O alto da torre negra do *Dallas* irrompeu na superfície, orientada diretamente para o radar soviético mais

próximo, a fim de minimizar o perfil exposto ao radar. Era mais do que difícil manter a profundidade.

— Pode ir, Clark!

— Certo.

Com todo o gelo que flutuava na água, a tela daquele radar deveria estar repleta de pontos, pensou Mancuso. Observou a luz indicadora da flotilha mudar de um traço, que significava fechada, para um círculo, significando aberta.

O compartimento da torre terminava numa plataforma 1 metro abaixo da torre em si. Clark abriu a escotilha e subiu. A seguir içou seu inflável com a ajuda do marinheiro abaixo dele. Sozinho agora na pequena ponte — a estação de controle do topo da torre —, ele jogou o pacote além da borda e puxou a corda que inflava a embarcação. O silvo agudo do ar comprimido pareceu gritar na noite, e Clark estremeceu ao ouvi-lo. Tão logo o tecido emborrachado enrijeceu, ele avisou ao marinheiro para fechar a escotilha, depois apanhou o fone da ponte.

— Tudo pronto aqui. Escotilha fechada. Vejo vocês em duas horas.

— Certo. Boa sorte — desejou novamente Mancuso.

Clark subiu suavemente no inflável, enquanto o submarino afundava devagar abaixo dele, e ligou o motor elétrico. Abaixo, a escotilha inferior do compartimento da torre abriu-se apenas o necessário para que o marinheiro que estava acima saltasse para baixo, então ele e o capitão a fecharam e travaram.

— Escotilha superior fechada, estamos prontos para imergir — informou o oficial das águas, quando o último indicador luminoso mudou para um risco.

— É isso — disse Mancuso. — Senhor Goodman, assuma o comando, e já sabe o que fazer.

— Estou no comando — respondeu o oficial de dia enquanto o capitão ia a vante em direção à sala do sonar. O tenente Goodman imediatamente deu ordem para imergir, dirigindo-se para o fundo.

Era como nos velhos tempos, pensou Mancuso, *com Jones como chefe do sonar.* O submarino girou, apontando o dispositivo de sonar montado na proa para o caminho que Clark estava percorrendo. Ramius chegou um minuto depois para observar.

— Por que não quis olhar pelo periscópio? — indagou Mancuso.

— É uma. coisa difícil enxergar a própria terra natal, quando não se pode...

— Lá vai ele. — Jones bateu o dedo no monitor de vídeo. — Fazendo curvas a 18 nós. Bem silencioso para um motor de popa. É elétrico, não é?

— É.

— Espero que tenha boas baterias, contramestre.

— São de lítio, ânodo rotativo. Eu perguntei.

— Que bom — resmungou Jones. Retirou um cigarro de seu maço e ofereceu outro ao capitão, que

por um momento esqueceu que havia largado de fumar outra vez. Jones acendeu-o e assumiu uma expressão contemplativa.

— Sabe, senhor, acabei de me lembrar por que quis me aposentar... — sua voz esmaeceu enquanto ele observava o objeto acompanhado pelo sonar sumindo na distância. A ré o grupo de controle de fogo atualizava o alcance, apenas para ter o que fazer. Jones endireitou o pescoço e escutou. O *Dallas* estava tão silencioso como jamais estivera, e a tensão enchia o ar, tornando-o mais denso do que a própria fumaça dos cigarros.

Clark estendia-se deitado no fundo do bote. Feito de náilon emborrachado, seu padrão de cores era de listras verdes e cinzentas, não muito diferente do mar. Haviam pensado em acrescentar alguns pontos brancos em virtude do gelo encontrado na área durante o inverno, mas compreenderam que o canal era sempre percorrido por um navio quebra-gelos, e um ponto branco movendo-se rapidamente pela superfície escura talvez não fosse uma idéia muito brilhante. Clark, principalmente, estava preocupado com o radar. A torre do submarino podia não ser detectada por entre todo o gelo, mas, se o radar russo tivesse um indicador de alvo móvel ativado, o computador simples que monitorava os sinais de retorno podia muito bem prender-se a um objeto viajando a 20 milhas por hora. O barco em si ficava apenas 30 centímetros acima da água, sendo o motor outro tanto mais alto e revestido com material absorvente de radar. Clark manteve o nível de sua cabeça à mesma altura do motor e pensou se a meia dúzia de fragmentos de metal que decoravam sua anatomia era grande o suficiente para ser vista. Sabia que isso era irracional — eles nem chegavam a disparar o detector de metais no aeroporto —, mas homens solitários em situações perigosas tendem a desenvolver atividade mental incomum. Era, na verdade, melhor ser imbecil, disse a si mesmo. A inteligência apenas permitia perceber como essas missões eram perigosas.

Depois que elas terminavam, depois que os tremores passavam, depois de um banho quente de chuveiro, podia-se descansar, banhando-se na glória da coragem e da esperteza, mas não no momento. Agora parecia simplesmente perigoso, para não dizer loucura, estar fazendo algo assim.

A linha da costa estava claramente visível, uma série de pontos de luz cobrindo o horizonte visível. Parecia uma vista comum, porém era território inimigo. O mero conhecimento disso trazia uma opressão mais gelada que o límpido ar noturno.

Pelo menos o mar está calmo, consolou-se. Na verdade, se estivesse pouco mais encapelado, as condições em relação ao radar seriam melhores, porém a superfície lisa permitia velocidade, e a velocidade sempre fazia com que se sentisse melhor. Olhou para trás. O barco não deixava uma esteira muito grande, e ele a diminuiria ainda mais ao reduzir a velocidade quando se aproximasse do porto.

Paciência, recomendou a si mesmo sem resultado. Ele detestava a idéia de paciência. Quem gosta de esperar por alguma coisa?, perguntou Clark a si mesmo. *Se tem de acontecer, é melhor que aconteça de uma vez e termine logo.* Aquela não era a maneira mais segura, apressando as coisas, mas, pelo menos quando o movimento era mantido, estava-se fazendo alguma coisa. Porém, quando ensinava as pessoas a fazerem esse tipo de coisa, sua ocupação normal, sempre lhes dizia para serem pacientes. *Seu hipócrita fingido!,* observou baixinho.

As bóias do porto lhe deram a distância da costa. Diminuiu a velocidade para 10 nós, depois para 5 e finalmente para 3. O motor elétrico fazia um zumbido quase inaudível. Clark girou o manete e dirigiu o barco para um ancoradouro em ruínas. Tinha de ser velho, pois seus pilares estavam rachados e desgastados pelo gelo de muitos invernos. Sempre vagarosamente, apanhou seu visor noturno e examinou os arredores. Não viu nenhum movimento. Podia ouvir tudo agora, principalmente os sons de tráfego que chegavam até ele através da água, juntamente com um pouco de música. Era a noite de sexta-feira, afinal de contas, e até mesmo na União Soviética grupos de pessoas dirigiam-se a restaurantes, outras dançavam. Na verdade, seu plano dependia da presença de vida noturna aqui — a Estônia é mais alegre que a maior parte do país, mas o ancoradouro estava em ruínas, como suas informações afirmavam que estaria. Aproximou-se, amarrando o bote a um pilar com cuidado redobrado — se derivasse, aí, sim, teriam problemas de fato.

Próximo ao pilar havia uma escada. Clark retirou seu macacão e subiu, com a pistola na mão. Pela primeira vez reparou no cheiro do porto. Era um pouco diferente de seus equivalentes americanos, carregado do odor de óleo dos porões, e completado com toques de madeira apodrecida no ancoradouro. Para o norte, uma dúzia ou mais de barcos de pesca estava amarrada a outro ancoradouro. Para o sul havia mais um, este com pilhas de madeira. Então o porto devia estar sendo reconstruído, o que explicava as condições daquele onde atracara. Clark verificou seu relógio — era um Pilot russo bastante usado — e procurou por um ponto de espera: quarenta minutos até que precisasse mover-se. Tinha permitido uma margem de tempo caso encontrasse o mar em piores condições, e tudo que conseguiu com a calma adicional foi tempo para meditar em como ele não passava de um lunático em aceitar mais uma dessas missões.

Boris Filopovich Morozov caminhou para fora do quartel onde ainda vivia, olhando para o alto. As luzes de *Estrela Brilhante* transformavam o céu num domo de flocos brancos caindo como penas. Ele adorava momentos como esse.

— Quem vem lá? — perguntou uma voz, com autoridade.

— Morozov — respondeu o jovem engenheiro enquanto uma figura avançava na direção da luz. Notou o chapéu de abas mais largas, indicando um oficial superior do Exército.

— Boa noite, camarada engenheiro. Está no grupo de controle dos espelhos, não é? — perguntou Bondarenko.

— Já nos encontramos?

— Não. — O coronel balançou a cabeça. — Sabe quem eu sou?

— Sim, camarada coronel. Bondarenko gesticulou em direção ao céu.

— Bonito, não é? Acho que é um consolo para quem está do lado mais distante de lugar nenhum.

— Não, camarada coronel. Eu pedi para vir para cá.

— Ah, sim? E como ficou sabendo da existência deste lugar? — quis saber o coronel.

— Estive aqui na última primavera com o Komsomol. Demos assistência aos engenheiros civis nas explosões e nas fundações dos pilares dos espelhos. Formei-me com especialização em laser e adivinhei o que era a *Estrela Brilhante.* Não disse a ninguém, é claro — acrescentou Morozov. — Mas sabia que esse era o lugar certo para mim.

Bondarenko olhou para o rapaz com visível aprovação.

— Como vai indo o trabalho?

— Eu tinha esperança de entrar para o setor de laser, mas o chefe da minha seção conseguiu me recrutar para seu grupo.

— Está descontente com isso?

— Não... não, por favor, desculpe. Não foi isso que eu quis dizer. Eu não sabia como o grupo dos espelhos era importante. Aprendi muito. Agora estamos tentando adaptar o sistema de espelhos a um controle mais preciso pelo computador... Talvez eu passe logo a assistente do chefe de seção — declarou Morozov orgulhosamente. — Também tenho familiaridade com sistemas de computação, entende?

— Quem é seu chefe de seção? Govorov?

— Correto. Um engenheiro de campo brilhante, se me permite a liberdade. Posso fazer uma pergunta?

— Certamente.

Estão dizendo que o senhor... é o novo coronel do Exército do qual estão falando, certo? Dizem que pode ser o novo oficial encarredado do projeto. — Talvez haja alguma substância nesses rumores — concedeu Bon-

Então posso fazer uma sugestão, camarada? — pediu Morozov. —Certamente. — Existem muitos solteiros por aqui...

— E não temos mulheres solteiras em número suficiente?

— Existe *mesmo* uma falta de assistentes de laboratório.

—Sua observação foi notada, camarada engenheiro — respondeu Bondarenko com uma risada. — Também estamos planejando construir um novo prédio de apartamentos para aliviar a lotação. Que tal o quartel?

— A atmosfera é amigável. Os clubes de astronomia e de xadrez andam bem ativos.

— Ah. Já faz muito tempo desde que eu joguei xadrez a sério. Como é a concorrência? — perguntou o coronel.

O homem mais jovem riu.

— Massacrante... eu diria até selvagem.

A 5 000 metros dali, o Arqueiro abençoava o nome de seu Deus. A neve caía e os flocos davam ao ar aquela qualidade mágica tão apreciada por poetas... e soldados. Podia-se ouvir, podia-se *sentir* o silêncio enquanto a neve absorvia todos os sons. Ao redor deles, tanto quanto podiam ver acima e abaixo deles, estendia-se a cortina de neve que reduzia a visibilidade para menos de 200 metros. Ele reuniu os comandantes das

subunidades e começou a organizar o ataque. Começaram a mover-se em poucos minutos. Estavam em formação tática, o Arqueiro com o grupo que liderava a primeira companhia, enquanto seu segundo em comando ficou com a outra.

Surpreendentemente, a caminhada não era má. Os russos haviam espalhado ali todos os resíduos das explosões e, embora cobertos de neve, os fragmentos de rocha não estavam escorregadios. Isso foi bom, desde que a trilha os levou perigosamente próximos a uma parede vertical de pelo menos 100 metros de altura. A orientação mostrava-se difícil. O Arqueiro fazia isso de memória, mas ele passara horas examinando o objetivo e conhecia cada curva da montanha — pelo menos era o que pensava. As dúvidas vinham agora, como sempre, e precisou de toda a concentração para manter sua mente na missão.

Havia gravado uma dúzia de pontos de referência em sua memória antes de partirem. Um rochedo aqui, uma depressão ali, o lugar em que o caminho virava para a esquerda, um pouco mais adiante à direi-ta. De início o avanço parecia torturantemente lento, porém, quanto mais se aproximavam do objetivo, mais aumentava o ritmo. Em todos os instantes foram guiados pelo brilho das luzes. *Como os russos eram confiantes em manter essas luzes ali,* pensou ele. Havia mesmo um veículo se movendo, um ônibus, a julgar pelo ruído, com os faróis acesos. Os pequenos pontos de luz moviam-se através do manto branco envolvente. No interior da grande bolha de luz, os que estavam de guarda ficariam em desvantagem agora. Geralmente os fachos de luz dirigidos para fora serviam para cegar os intrusos, mas agora o inverso era verdadeiro. Pouco do brilho penetrava na neve, e uma grande parte era refletida de volta, arruinando a visão noturna dos soldados armados. Finalmente o grupo mais avançado alcançou o último ponto de referência. O Arqueiro parou com seus homens, para que o resto do grupo os alcançasse. Levou meia hora. Seus homens estavam divididos em grupos de três ou quatro, e os *mudjahidin* aproveitaram o tempo para beber um pouco de água e encomendar suas almas a Alá, preparando-se tanto para a batalha quanto para seu possível desfecho. O deles era o credo do guerreiro. Seu inimigo também era o inimigo de seu Deus. O que quer que fizessem para o povo que ofendera Alá seria perdoado, e cada um dos homens do Arqueiro lembrava-se de amigos ou familiares que morreram nas mãos dos russos.

— Isso é impressionante — murmurou o major quando chegou.

— Alá está conosco, meu amigo — respondeu o Arqueiro.

— Deve estar. — Agora encontravam-se a 500 metros do local, e ainda incógnitos. *Podemos até sobreviver...*

— Quanto podemos nos aproximar ainda...

— Mais 100 metros. O equipamento de visão noturna que eles possuem pode penetrar uns 400. A torre mais próxima fica a 600 metros naquela direção. — Ele apontou desnecessariamente. O Arqueiro sabia exatamente onde ficava, e também a outra, 200 metros adiante.

O major verificou seu relógio e pensou por um momento.

— A guarda vai mudar dentro de mais uma hora se eles seguirem aqui o mesmo padrão adotado em Kabul. Aqueles em serviço estarão cansados e com frio, e os soldados que chegarem ainda não estarão inteiramente alertas. Esse será o momento.

— Boa sorte — disse simplesmente o Arqueiro. Os dois homens se abraçaram.

— "Por que deveríamos nos recusar a lutar pela causa de Alá, quando nós e nossas crianças fomos expulsos de nossos lares?" — Quando eles encontraram Golias e seus guerreiros, disseram: Senhor, enchei nossos corações de coragem. Fazei firmes nossos pés e ajudai-nos contra os infiéis. A citação era do Corão, e nenhum dos homens achou estranho que a passagem se referisse à batalha dos israelistas contra os filisteus. Davi e Saul foram conhecidos também dos muçulmanos, assim como sua causa. O major sorriu mais uma vez antes de correr e reunir-se com seus homens.

O Arqueiro voltou-se e acenou para seu grupo de lançadores de mísseis. Dois deles levavam seus Stinger e seguiam o líder enquanto ele continuava seu caminho pela montanha. Mais um outeiro e estariam olhando para as torres de vigia embaixo. Ele ficou surpreso que pudesse na verdade avistar as três daquele local, e um terceiro míssil foi trazido. O Arqueiro deu suas instruções e deixou os homens para mntar-se ao grupo principal. Sobre o outeiro, as unidades de aquisição de alvo cantavam sua canção mortal para cada lançador. As torres eram aquecidas — e os Stinger eram guiados apenas por calor.

A seguir o Arqueiro ordenou que seu grupo de morteiros se aproximasse — mais perto do que teria preferido, mas a visibilidade reduzida não estava apenas do lado dos *mudjahidin.* Observou a companhia do major deslizar para a esquerda, desaparecendo na neve. Eles atacariam as instalações do laser propriamente ditas, enquanto ele e seus

oitenta homens iriam se dirigir para o local onde morava a maioria das pessoas. Agora era a vez deles. O Arqueiro liderou-os à frente tanto quanto podia ousar, chegando ao limite de onde os holofotes penetravam na neve. Foi recompensado com a visão de uma sentinela, encolhido pelo frio, deixando seu hálito uma série de pequenas nuvens brancas que eram levadas pelo vento. Mais dez minutos. O Arqueiro apanhou seu rádio. Tinham apenas quatro aparelhos, e ele não ousara fazer uso deles até agora, por medo de ser descoberto pelos russos.

Nunca deveríamos ter dispensado os cães, pensou Bondarenko. *A primeira coisa que farei, quando me estabelecer aqui, é trazer os cães de volta.* Ele estava caminhando ao redor do campo, apreciando o frio e a neve, valendo-se da atmosfera calma para ordenar os pensamentos. Havia coisas que precisavam de mudanças por aqui. Eles necessitavam de um soldado de verdade. O general Pokryshkin era muito confiante no esquema de segurança, e os soldados da KGB, muito relaxados.

Por exemplo, não mantinham patrulhas noturnas do lado de fora. Muito perigoso fazer isso num terreno assim, dizia o comandante; as patrulhas diurnas podem detectar qualquer um que se aproxime, os guardas da torre possuem visores noturnos, e o restante da área é iluminado com luz fluorescente. Mas dispositivos amplificadores de luz tinham a eficácia reduzida à metade com esse tipo de tempo.

E se houvesse um grupo de afegães esperando, agora mesmo?, imaginou ele. *A primeira coisa,* refletiu, é *chamar o coronel Nikolayev no quartel-general dos* Spetznaz, *e eu mesmo vou encomendar um exercício de assalto a esse lugar para mostrar aos idiotas da KGB como são vulneráveis.* Ele olhou para o alto da colina. Havia uma sentinela da KGB batendo os braços para manter-se aquecido, o fuzil pendurado ao ombro — demoraria quatro segundos para retirá-lo, apontá-lo e baixar a trava de segurança. *Quatro segundos, e os últimos três o encontrariam morto se houvesse alguém competente emboscado agora...* Bem, disse a si mesmo, o comandante de qualquer posto desses precisa ser um filho da puta impiedoso, e, se estes *chekistas* querem brincar de soldados, é melhor começarem a agir como soldados. O coronel voltou-se para retornar ao bloco de apartamentos.

O carro de Gerasimov parou à frente da entrada administrativa do Presídio Lefortovo. Seu motorista ficou no carro enquanto o guarda-costas o acompanhou. O diretor-geral da KGB mostrou sua identificação ao

guarda e entrou sem diminuir o passo. A KGB era cuidadosa com segurança, mas todos conheciam bem o rosto do diretor-geral, e ainda melhor o poder que ele representava. Gerasimov virou à esquerda e dirigiu-se aos escritórios. O superintendente da prisão não estava lá, claro, mas um de seus assistentes, sim. Gerasimov encontrou-o preenchendo formulários.

— Boa noite. — Os olhos do homem só não saltaram das órbitas por causa dos óculos que usava.

— Camarada diretor-geral! Eu não fui...

— Não era para ser avisado mesmo.

— E como posso...

— O prisioneiro Filitov. Preciso dele imediatamente — disse Gerasimov, de mau humor. — Imediatamente — acrescentou, para obter mais efeito.

— Neste instante! — O segundo assistente do superintendente saltou e correu até a outra sala. Voltou em menos de um minuto. — Vai demorar cinco minutos.

— Ele deve estar vestido decentemente — disse Gerasimov.

— De uniforme? — indagou o homem.

— Não, seu idiota! — gritou o diretor-geral. — Trajes civis. Ele deve ficar aresentável. Você tem todos os pertences pessoais dele aqui, não devem?

-Sim, camarada diretor-geral, mas...

— Não tenho a noite inteira — disse ele, baixinho. Não havia nada mais perigoso do que um diretor-geral da KGB falando baixo. O segundo assistente praticamente voou para fora do aposento. Gerasimov voltou-se para seu guarda-costas, que sorria, divertido. Ninguém gostava de carcereiros. — Quanto tempo acha que vai demorar?

— Menos de dez minutos, camarada coronel, muito embora ainda tenham que encontrar as roupas. Afinal, aquele rato sabe que mora num lugar maravilhoso. Eu o conheço.

— É?

— Ele pertencia originalmente ao "Um", mas foi mal em seu primeiro trabalho, e desde então tem sido carcereiro. — O guarda-costas verificou seu relógio.

Demorou oito minutos. Filitov apareceu com seu terno quase vestido, embora a camisa não estivesse abotoada e a gravata simplesmente passada

pelo seu pescoço. O segundo assistente segurava um paletó puído. Filitov nunca fora dado a comprar muitas roupas civis. Como coronel do Exército Vermelho, nunca se sentia confortável sem uniforme. Os olhos do velho pareceram confusos a princípio, e então ele viu Gerasimov.

— O que significa isso? — perguntou ele.

— Você vem comigo, Filitov. Abotoe sua camisa. Pelo menos tente parecer um homem!

Misha quase disse alguma coisa, mas optou por ficar calado. O olhar que lançou ao diretor-geral foi suficiente para que o guarda-costas movesse sua mão um centímetro. Abotoou a camisa e fez o laço da gravata, que terminou sobre o colarinho porque ele não tinha espelho.

— Agora, camarada diretor-geral, se tiver a bondade de assinar aqui...

— Vai me dar a custódia de um criminoso assim?

— O que...

— *Algemas, homem!* — gritou Gerasimov.

O segundo assistente do superintendente possuía um par em sua escrivaninha. Ele as apanhou, colocou-as em Filitov, e quase pôs a chave no bolso antes de ver a mão de Gerasimov estendida. — Muito bem. Eu o trarei de volta a você amanhã à noite.

— Mas eu preciso que o senhor assine... — O segundo assistem descobriu que falava a um par de costas que se afastava.

— Bem, com todo esse pessoal que trabalha para mim — comentou Gerasimov com seu guarda-costas —, sempre há alguns...

— Sem dúvida, camarada diretor-geral.

O guarda-costas era um homem de 42 anos, completamente em forma, um ex-agente de campo perito em todas as formas de combate armado e desarmado. Seu aperto firme transmitiu a Misha todas essas coisas.

— Filitov — declarou o diretor-geral por sobre o ombro —, nós o estamos levando para uma pequena viagem, um vôo, na verdade. Você não sofrerá nada. Se se comportar direito, poderemos até permitir uma ou duas refeições. Se não se comportar, Vasily aqui vai fazer com que deseje ter se comportado. Está claro?

— Claro, camarada *chekista.*

O guarda colocou-se em sentido e abriu a porta. As sentinelas do exterior bateram continência e foram recompensadas com acenos de

cabeça. O motorista segurava a porta traseira aberta. Gerasimov parou e voltou-se.

— Coloque-o atrás, junto comigo, Vasily. Deve fazer cobertura no banco da frente.

— Como quiser, camarada.

— Sheremetyevo — disse Gerasimov ao motorista. — Para o terminal de carga no lado sul da pista.

Lá estava o aeroporto, pensou Ryan. Conteve um arroto que tinha sabor de vinho e sardinhas. A caravana entrou no terreno do aeroporto, depois realizou uma curva para a direita, evitando a entrada normal do terminal e dirigindo-se para a área de estacionamento dos aviões. A segurança, reparou ele, era muito rígida. Sempre se podia confiar nos russos nesse ponto. Para qualquer lugar que olhasse, via soldados armados com fuzis e trajando uniforme da KGB. O carro dirigiu-se à direita após o terminal principal e passou por um de construção recente. Não estava em uso, mas parecia a nave alienígena do filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau,* de Spilberg. Teve vontade de perguntar a alguém por que fora construído, se ainda não estava ativado. *Talvez da próxima vez,* pensou Ryan.

A despedida formal fora realizada no Ministério das Relações Exteriores. Alguns oficiais menos graduados se postavam ao pé das escadas para apertar as mãos, e ninguém parecia ter pressa em deixar o conforto aquecido das limusines. O avanço era relativamente lento.

Seu carro inclinou-se para a frente e estacou. O homem da direita abriu a porta, enquanto o motorista abria o porta-malas. Ele também não queria sair. Levara quase todo o tempo do percurso para que se sentisse o ar quente dentro do carro.

— Espero que tenham apreciado a visita — disse o oficial soviético. Gostaria de voltar e conhecer a cidade no verão — respondeu Jack, *enquan*to apertava a mão do homem.

— Ficaríamos encantados.

Claro que ficariam, pensou Jack ao subir as escadas. Uma vez na aeronave, olhou para a frente. Um oficial russo estava numa poltrona da cabine para auxiliar no controle de tráfego. Seus olhos estavam pousados no console de comunicações. Ryan fez um aceno para o piloto e recebeu uma piscadela em resposta.

— A dimensão política desse caso é que me assusta — disse Vatutin. No número 2 da Praça Dzerzhinsky, ele e Golovko comparavam suas anotações.

— Acabaram-se os velhos tempos. Não podem nos fuzilar por seguirmos os procedimentos e o treinamento.

— É mesmo? E se Filitov estivesse sendo "dirigido", com o conhecimento do diretor-geral?

— Isso é ridículo — comentou Golovko.

— Será? E se o trabalho anterior dele com dissidentes o colocou em contato com o Ocidente? Sabemos que ele interveio pessoalmente em muitos casos, principalmente na região do Báltico, mas em outras também.

— Está mesmo pensando como um homem do "Dois", agora.

— Veja bem: prendemos Filitov e logo depois o diretor-geral se encontra pessoalmente com o homem da CIA. Isso já aconteceu antes, alguma vez?

— Já ouvi histórias sobre Philby, mas... não, ele chegou depois disso.

— É uma coincidência infernal — comentou Vatutin, esfregando os olhos. — Eles não treinam a gente para acreditar em coincidências, e...

— *Tvoyu mat!* — exclamou Golovko. Vatutin olhou aborrecido e viu o companheiro girar os olhos nas órbitas. — A última vez que os americanos estiveram aqui... como pude esquecer disso! Ryan falou com Filitov... eles deram um encontrão, como se fosse acidental, e...

Vatutin levantou o telefone e discou.

— Quero falar com o superintendente da noite... E o coronel Vatutin. Acorde o prisioneiro Filitov. Quero vê-lo daqui a uma hora... O quê? Quem? Muito bem, obrigado. — O coronel do Segundo Diretório ficou completamente imóvel. — O diretor-geral Gerasimov acabou de retirar Filitov de Lefortovo, quinze minutos atrás. Disse que ia levá-lo numa viagem especial. — Onde está seu carro?

— Posso pedir...

— Não — disse Golovko. — Seu carro particular.

26
OPERAÇÕES NOTURNAS

Não havia pressa ainda. Enquanto a tripulação da cabine se acomodava, o coronel Von Eich percorria a lista de verificações. O VC-137 recebia força elétrica de um caminhão-gerador que também permitiria que dessem a partida em seus motores mais facilmente do que com os sistemas internos. Verificou o relógio e esperou que tudo tivesse corrido de acordo com o planejado.

A ré, Ryan passou por seu lugar habitual, bem à frente da cabine de Ernest Allen, e sentou-se na última fileira de assentos da parte traseira da aeronave. Era muito parecida com um avião normal de carreira, embora as poltronas fossem agrupadas cinco a cinco, e esse espaço controlava o acúmulo nas áreas de "visitantes ilustres" mais à frente. Jack escolheu uma poltrona ao lado esquerdo, onde assentos ficavam aos pares, enquanto aproximadamente dez ocupantes entravam e escolhiam seus lugares o mais na frente possível, para uma viagem mais suave, como preveniu um membro da tripulação. O chefe da equipe da aeronave estaria do outro lado do corredor à sua direita, em vez de ficar no alojamento da tripulação avante. Ryan desejou ter mais um homem para ajudar, mas não podiam parecer muito óbvios. Tinham um oficial soviético a bordo. Aquilo era parte da rotina normal, e evitar sua presença teria atraído atenção. Tudo se baseava em que todos deviam estar confortavelmente seguros, sabendo que tudo estava exatamente como devia estar.

A frente, o piloto chegou ao final de sua checagem.

— Todos a bordo?

— Sim, senhor. Pronto para fechar as portas.

— Fique de olho na luz indicadora da porta da tripulação. Tem se comportado de um jeito estranho — disse Von Eich ao engenheiro de vôo.

— Algum problema? — perguntou o piloto soviético de sua poltrona. Despressurização súbita é um problema que todo aeronauta leva muito a sério.

— Cada vez que verificamos a porta, tudo parece bem. Provavelmente um interruptor com defeito no painel, mas ainda não

achamos o desgraçado. Eu mesmo fui verificar a vedação da porta — assegurou ele ao russo. — O defeito tem de ser elétrico.

— Pronto para decolar — anunciou o engenheiro de vôo ao lado.

— Certo. — O piloto olhou para certificar-se de que as escadas estavam afastadas, enquanto a tripulação colocava os fones. — Tudo certo à esquerda.

— Tudo certo à direita — disse o co-piloto.

— Ligando motor um.

Botões foram apertados, interruptores acionados, e o motor esquerdo começou a girar as lâminas das turbinas. Os mostradores em vários painéis moveram-se e logo alcançaram os índices normais. O caminhão-gerador retirou-se, para que a aeronave pudesse utilizar sua própria energia elétrica.

— Ligando motor quatro — anunciou o piloto a seguir. Passou seu microfone para o sistema de alto-falantes do avião. — Senhoras e senhores, aqui é o coronel Von Eich. Estamos ligando os motores e devemos começar a manobrar em aproximadamente cinco minutos. Por favor, coloquem os cintos de segurança. Aqueles de vocês que fumam, tentem agüentar mais alguns minutos.

Em sua poltrona na última fila, Ryan teria matado alguém para fumar. O chefe da tripulação olhou para ele e sorriu. *Ele certamente parecia durão o bastante para poder lidar com o assunto,* pensou Jack. O chefe primeiro-sargento parecia estar chegando aos 50, mas também parecia alguém que poderia ensinar boas maneiras a um jogador de futebol americano. Usava luvas marrons de trabalho, com as correias de ajuste bem apertadas.

— Tudo pronto? — perguntou Jack. Não havia perigo de serem ouvidos. O barulho dos motores era enorme ali atrás.

— Quando quiser, senhor.

— Vai saber quando.

— Hum — bufou Gerasimov. — Ainda não é aqui.

O terminal de carga estava fechado e escuro, à exceção das luzes da segurança.

—Quer que eu faça uma chamada? — perguntou o motorista.

— Não há pressa. O que... — Um guarda sinalizou para que parassem— Já haviam passado por um posto de controle. — Tudo bem, os

americanos estão se preparando para partir. Isso deve estar fodendo com tudo.

O guarda veio até a janela do motorista e pediu os passes. O motorista apenas acenou para a traseira.

— Boa noite, cabo — disse Gerasimov, segurando sua identificação. O jovem ficou em posição de sentido. — Um avião vai chegar aqui para me buscar em poucos minutos. Os americanos devem estar atrasando as coisas. A força de segurança saiu?

— Sim, camarada diretor-geral! Uma companhia inteira.

— Já que estamos aqui, por que não fazemos uma rápida inspeção? Quem é seu comandante?

— O major Zarudin, cam...

— Que diabo está... — Um tenente aproximou-se. Chegou até o cabo antes de ver quem estava no carro.

— Tenente, onde está o major Zarudin?

— Na torre de controle, camarada diretor-geral. É o melhor lugar para...

— Tenho certeza de que é. Chame-o pelo seu rádio e diga que pretendo inspecionar a área, depois irei vê-lo para dizer o que acho. Continue — ordenou ele ao motorista. — Tome a direita.

— Torre de Sheremetyevo, aqui nove-sete-um pedindo permissão para taxiar até a pista dois-cinco-direita — disse Von Eich em seu microfone.

— Nove-sete-um, permissão concedida. Vire à esquerda na pista principal de manobras. O vento está a dois-oito-um, a 40 quilômetros por hora.

— Entendido, desligo — disse o piloto. — Muito bem, vamos colocar este pássaro para voar.

O co-piloto avançou os manches e a aeronave começou a mover-se. No chão em frente a eles, um homem com dois bastões luminosos fornecia instruções desnecessárias — mas os russos sempre partiam do princípio de que todos precisavam receber ordens para saber o que fazer. Von Eich deixou o local de manobras e dirigiu-se para o sul na pista nove, onde dobrou à esquerda. A pequena roda que controlava a engrenagem dirigível do nariz estava endurecida, como sempre, e a aeronave virou devagar, impulsionada pelos motores externos. Ele sempre agia devagar, nesse ponto. Com as pistas tão esburacadas, sempre havia a preocupação de

danificar alguma coisa. Não queria que isso acontecesse naquela noite. Faltava ainda um quilômetro até a cabeceira da pista principal número 1, e os trancos e sacolejos podiam ser suficientes para causar enjôos. Finalmente virou à direita na pista número 5.

— Os homens parecem alertas — comentou Vasily enquanto atravessavam a pista 25 esquerda. O motorista mantinha os faróis desligados e trafegava pela borda da pista. Havia um avião chegando, e tanto o motorista quanto o guarda-costas fixavam o olhar nas luzes. Não viram Gerasimov tirar a chave do bolso e abrir as algemas do atônito prisioneiro Filitov. A seguir o diretor-geral tirou uma pistola automática do interior do casaco.

— Merda... tem um carro ali — disse o coronel Von Eich. — Que diabo está um carro fazendo aqui?

— Vamos passar ao lado com facilidade — afirmou o co-piloto. — Ele está metade para fora.

— Ótimo. — O piloto voltou-se outra vez para a direita até o final da pista. — Merda de motoristas domingueiros!

— O senhor não vai gostar nem um pouco disso, coronel — disse o engenheiro de vôo. — A luz da porta traseira está acesa de novo.

— Maldita! — imprecou Von Eich pelo microfone. Alterou a regulagem para enviar o som ao sistema de alto-falantes, mas teve de controlar a voz antes de falar.

— Chefe de tripulação, verifique a porta traseira.

— Aqui vamos nós — disse o sargento. — Ryan retirou o cinto e moveu-se 1 metro enquanto observava o sargento mexendo no trinco da porta.

— Temos um curto em algum ponto do circuito — informou o engenheiro de vôo na cabine à frente. — Acabei de perder as luzes das cabines de ré. O fusível acabou de estourar e não consigo achar outro para substituir.

— Talvez seja só um fusível com defeito? — sugeriu o coronel Von Eich.

— Posso tentar um de reserva — declarou o engenheiro.

— Vá em frente. Vou dizer aos caras lá atrás por que as luzes se apagaram. — Era uma mentira, mas das boas, e com todos afivelados ao assento não era tão fácil assim virar e ver a traseira da cabine.

Onde está o diretor-geral? — perguntou Vatutin ao tenente. Ele está conduzindo uma inspeção. Quem são vocês? Coronel Vatutin, e este é o coronel Golovko. Onde está a porra d0 diretor-geral, seu mocinho idiota? O tenente gaguejou por alguns segundos, depois apontou.

—Vasily — chamou o diretor-geral. Era uma pena. Seu guarda-costas voltou-se para encarar a ponta de uma pistola. — Sua arma, por favor.

— Mas...

— Não há tempo para falar. — Ele apanhou a arma e guardou-a no bolso. A seguir, passou as algemas. — Os dois passem as mãos pelo volante.

O motorista ficou consternado, mas ambos fizeram como lhes foi ordenado. Vasily fechou uma das algemas em seu pulso esquerdo e passou a mão pelo volante para prender a outra ao motorista. Enquanto ele fazia isso, Gerasimov retirou o receptor de seu rádio e colocou-o no bolso.

— As chaves? — perguntou Gerasimov. O motorista passou-as com sua mão esquerda livre. O mais próximo guarda uniformizado estava a uma centena de metros de distância. O avião se encontrava a apenas 20 metros. O diretor-geral da Comissão para a Segurança do Estado abriu ele mesmo a porta. Há meses não fazia aquilo. — Coronel Filitov, quer vir comigo, por favor?

Misha ficou tão surpreso quanto todos os outros, mas fez como lhe foi pedido. À vista de todos no aeroporto — pelo menos daqueles poucos que se incomodavam em observar as rotinas —, Gerasimov e Filitov caminharam em direção à cauda vermelha, branca e azul. Como por encanto, a porta traseira se abriu.

— Vamos depressa, pessoal. — Ryan atirou uma escada de corda.

As pernas de Filitov o traíram. O vento e o escapamento das turbinas fizeram a escada flutuar como bandeira na brisa, e ele não conseguia colocar os dois pés nela, a despeito da ajuda de Gerasimov.

— Meu Deus, olhe lá! — Golovko apontou. — Vamos! Vatutin não disse nada". Acelerou o carro e ligou os faróis altos.

— Encrenca — avisou o chefe da tripulação quando viu o carro. Havia um homem armado de fuzil correndo nessa direção também. — *Venha logo, tio* — gritou ele, incentivando o Cardeal do Kremlin.

— Merda! — Ryan empurrou o sargento de lado e saltou para o chão.

Era muito alto, e ele não aterrissou bem, torcendo o tornozelo e rasgando a calça no joelho esquerdo. Jack desprezou a dor e ficou em pé.

Apanhou um dos ombros de Filitov enquanto Gerasimov apoiou o outro, e juntos eles o colocaram alto o suficiente na escada para que o sargento na porta o içasse a bordo. Gerasimov subiu a seguir, com a ajuda de Ryan. Depois foi a vez de Jack — mas ele teve o mesmo problema de Filitov. Seu joelho esquerdo já estava endurecido, e, quando ele tentou apoiar-se no tornozelo torcido, a perna direita simplesmente recusou-se a mexer. Xingou alto, suficiente para ser ouvido acima do som das turbinas, e tentou subir apenas com as mãos, mas perdeu o apoio e caiu no pavimento.

— *Stoi, stoi!* — berrou alguém armado a 3 metros de distância. Jack olhou para cima, na direção da porta do avião.

— *Vão embora!* — ele gritou. — Feche a porra da porta e vão embora!

O chefe da tripulação fez exatamente isso, sem um momento de hesitação. Ele se esticou para puxar a porta, e Jack a observou encaixar-se em questão de segundos. No interior, o sargento levantou o interfone e disse ao piloto que a porta estava adequadamente selada.

— Torre, aqui nove-sete-um, partindo agora. Desligo. — O piloto avançou os manches até a potência de largada.

A força de exaustão dos motores derrubou os quatro homens — o soldado com o fuzil havia acabado de chegar à cena também — para fora da pista gelada. Jack observou deitado de barriga, enquanto a luz, vermelha no topo do leme superior da aeronave diminuía na distância, depois se elevava. Sua última visão foi o brilho dos dispositivos de infravermelho que protegiam o VC-137 contra mísseis terra-ar. Ele estava quase começando a gargalhar, quando foi virado e viu uma pistola contra seu rosto.

— Olá, Sergey — disse Ryan ao coronel Golovko.

— Prontos — disse uma voz pelo radiotransmissor ao Arqueiro. Ele levantou uma pistola sinalizadora e disparou um único foguete de iluminação de estrela simples, que detonou diretamente sobre um dos alvos.

Tudo aconteceu ao mesmo tempo. Para a esquerda, três mísseis Stinger foram lançados depois de uma longa e monótona espera. Cada um deles atingiu uma torre de vigia — ou, mais precisamente, os aquecedores elétricos no interior delas. Os pares de sentinelas em cada torre tiveram tempo apenas de ver e surpreender-se com o foguete sinalizador por sobre a região central das instalações, e apenas um dos seis viu um risco amarelo

que se aproximava, rápido demais para permitir qualquer reação. Os três mísseis acertaram o alvo — era difícil errar um alvo estacionário — e em cada caso a ogiva de 2, 700 quilos funcionou de acordo com o previsto. Menos de cinco segundos depois do primeiro tiro ser disparado, as torres haviam sido eliminadas, e com elas as metralhadoras que protegiam as instalações do laser.

A sentinela em frente ao Arqueiro morreu a seguir. Não teve nenhuma chance. Quarenta fuzis dispararam sobre ele ao mesmo tempo, com metade dos projéteis acertando o alvo. Depois, os morteiros começaram a disparar tiros exploratórios, e o Arqueiro usou seu rádio para corrigir os disparos na direção do que ele acreditava serem as barracas dos guardas.

O som dos disparos de armas automáticas não pode ser confundido com mais nada. O coronel Bondarenko acabara de decidir que já passara muito tempo comungando com a natureza bela mas fria, e voltava a seus alojamentos quando o barulho fez com que estacasse. O primeiro pensamento foi de que um dos guardas da KGB tivesse descarregado acidentalmente sua arma, porém essa impressão durou menos de um segundo. Ouviu um *crec* acima da cabeça e olhou para o alto a tempo de ver o foguete luminoso, então ouviu as explosões para o lado das instalações do laser, e, como se um interruptor fosse ligado, ele mudou de um homem surpreso para um bem treinado soldado profissional sob ataque. O quartel da KGB estava a 200 metros à sua direita, e ele correu para lá o mais rápido possível.

Viu cargas de morteiro caindo sobre a nova casa de máquinas atrás do quartel. Homens tropeçavam porta afora quando ele chegou, e teve de levantar os braços para que não atirassem nele.

— Sou o coronel Bondarenko! Onde está seu oficial comandante?

— Aqui! — Um tenente saiu. — O que...

Alguém aprendera com o próprio erro. O morteiro seguinte atingiu a parte traseira das instalações.

— Sigam-me! — gritou Bondarenko, levando-os para longe do alvo mais óbvio em vista. Ao redor deles matraqueava o fogo mortal dos fuzis... fuzis soviéticos... e o coronel notou imediatamente que não podiam valer-se do som para diferenciar os inimigos. *Maravilhosol* — Em formação!

— O que...

— Estamos sob ataque, tenente! Quantos homens possui?

Ele voltou-se e contou. Bondarenko fez o mesmo, ainda mais rápido. Havia quarenta e um, todos com fuzis de assalto, mas nenhuma arma pesada e nenhum rádio. Podia ficar sem as metralhadoras, mas os radiotransmissores eram vitais.

Os cães, disse tolamente a si mesmo, *eles deviam ter conservado os cães...*

A situação tática parecia ruim, e ele sabia que só tendia a piorar. Uma série de explosões sacudiu a noite.

— O laser, nós precisamos... — começou o tenente, mas Bondarenko colocou a mão em seu ombro.

— Podemos reconstruir as máquinas — argumentou Bondarenko com urgência. — Mas não podemos reconstruir os cientistas. Vamos até o prédio de apartamentos e defender aquilo até sermos rendidos. Mande um bom sargento até o alojamento dos solteiros, e levem-nos para os apartamentos.

— Não, camarada coronel! Minhas ordens são para proteger o laser. Eu preciso...

— Estou ordenando que retire seus homens...

— *Não!* — gritou em resposta o tenente.

Bondarenko jogou-o ao chão, tirou seu fuzil, abriu a trava e disparou dois tiros no peito do homem. Depois voltou-se.

— Quem é o primeiro-sargento?

— Sou eu, coronel — balbuciou um jovem.

— Eu sou o coronel Bondarenko, e estou no comando! — anunciou o oficial, com a força de uma ordem divina. — Leve quatro homens com você, vá até o quartel dos solteiros e leve todos para o bloco de apartamentos. — O sargento apontou para quatro outros e saiu correndo. — O resto de vocês, venham comigo!

Ele os liderou em meio à neve que caía. Não houve tempo para que ele ou os homens vissem o que os aguardava. Antes que tivessem andado 10 metros, todas as luzes no campo se apagaram.

No portão da construção que abrigava o laser havia um jipe GAZ, com uma metralhadora pesada. O general Pokryshkin saiu correndo do prédio do controle, quando ouviu as explosões, e ficou perplexo ao ver apenas restos queimados remanescentes das três torres de vigia. O comandante do destacamento da KGB chegou correndo até ele.

— Estamos sob ataque — anunciou desnecessariamente o oficial.

— Reúna seus homens... bem aqui. — Pokryshkin olhou para cima, vendo homens a correr. Estavam vestidos com uniformes soviéticos, mas de alguma maneira ele sabia que não eram russos. O general subiu na traseira de seu jipe e girou a metralhadora por sobre a cabeça do atônito oficial da KGB. A primeira vez que pressionou o gatilho não aconteceu nada, e ele precisou introduzir um carregador na câmara. Da segunda vez, Pokryshkin teve a satisfação de ver três homens caírem. O comandante da guarda não precisou de mais encorajamento. Gritou algumas ordens em seu rádio. A batalha em curso degenerou em confusão, como era previsto — ambos os lados usavam uniformes e armas idênticos. Porém havia mais afegães do que russos.

Morozov e vários companheiros solteiros haviam saído do alojamento quando começou o tiroteio. A maioria deles contava com experiência militar, embora ele mesmo não a tivesse. Não importava, pois ninguém tinha a menor idéia sobre o que deveria ser feito. Cinco homens vieram correndo da escuridão. Estavam usando uniformes e portando fuzis.

— Venham! Todos vocês, sigam a gente. — Mais armas começaram a disparar e dois soldados da KGB caíram, um morto e um ferido. Ele disparou em resposta, esvaziando o carregador numa única e longa rajada. Houve um grito no escuro, seguido por outros. Morozov correu para o interior e chamou as pessoas para a porta. Os engenheiros não precisaram de muitos avisos.

— Para cima da colina — indicou o sargento. — Para os prédios de apartamentos. O mais rápido que puderem!

Os quatro soldados da KGB dirigiam os homens, procurando alvos ao redor, mas enxergando apenas o fogo dos disparos. Balas voavam por todos os lados agora. Outro dos soldados caiu, gritando suas últimas palavras, mas o sargento conseguiu acertar o homem que o tinha matado. Quando o último engenheiro deixou o barracão, ele e um soldado apanharam os fuzis que estavam sobrando e ajudaram seus camaradas a subirem a colina.

Era uma missão grande demais para oitenta homens, compreendeu o Arqueiro muito tarde. Vasta área a cobrir e muitos edifícios, mas havia infiéis correndo e por isso trouxera seus homens ali. Observou um deles explodir um ônibus com um projétil RPG-7 antitanque. Irrompeu em

chamas "e derrapou para fora da estrada, rolando pela encosta da montanha enquanto os que estavam no interior gritavam. Grupos de homens com explosivos entraram nas construções. Encontraram ferramentas banhadas em óleo e instalaram as cargas com rapidez, correndo para fora antes que as explosões originassem os incêndios. O Arqueiro percebera um minuto além da conta qual das construções era o alojamento dos guardas, e agora estava em chamas enquanto ele trazia seus homens para liquidar os que habitavam aqui Estava atrasado, mas ainda não sabia. Uma carga perdida de morteiro arrebentara o cabo de força que conduzia toda a energia que iluminava o local, e todos os seus homens perderam a visão noturna, ofuscados pelo lampejo dos disparos das próprias armas.

— Muito bem, sargento! — disse Bondarenko ao rapaz. Ele já ordenara que os engenheiros subissem. — Vamos ocupar o terreno em volta do prédio. Eles podem nos forçar a uma retirada. Se isso acontecer, resistimos no primeiro andar. As paredes são de concreto. Os. RPG podem nos ferir, mas o telhado e as paredes nos protegerão das balas. Escolha um dos homens para ir lá dentro procurar gente com experiência militar. Dê a eles esses dois fuzis. Sempre que alguém for abatido, recuperem a arma e dêem a alguém que saiba usá-la. Vou entrar por um instante para ver se consigo fazer algum telefone funcionar...

— Existe um radiotelefone no escritório do primeiro andar — disse o sargento. — Todos os prédios têm um.

— Ótimo! Proteja a área, sargento. Volto em dois minutos.

Bondarenko correu para o interior. O radiotelefone estava pendurado num gancho da parede, e ele ficou aliviado em constatar que era do tipo militar, usando a energia de uma bateria própria. O coronel colocou-o no ombro e correu de volta para fora.

Os atacantes — quem seriam?, perguntou-se ele — haviam planejado mal seu ataque. Primeiro falharam em identificar o quartel da KGB antes de desfecharem o assalto; em segundo lugar não haviam atingido a área residencial tão rápido quanto deveriam. Estavam se aproximando agora, mas encontraram uma linha de Guardas da Fronteira deitados na neve. Bondarenko sabia que eram apenas soldados da KGB, mas haviam recebido treinamento básico, e a maioria deles sabia que não havia para onde correr. Observou também que o jovem sargento era bom. Movia-se de um ponto a outro pela área defendida, sem usar sua arma, mas

encorajando os homens e dizendo-lhes o que fazer. O coronel ativou o rádio.

— Aqui é o coronel G. I. Bondarenko no projeto *Estrela Brilhante.* Estamos sob ataque. Repito, *Estrela Brilhante* está sendo atacado. Alguma unidade dessa rede responda imediatamente. Câmbio.

— Gennady, aqui é Pokryshkin no prédio do laser. Estamos na sala de controle. Qual é sua situação?

— Estou nos apartamentos. Tenho aqui todos os civis que pude encontrar lá dentro. Conto com quarenta homens, e vamos tentar proteger o local. E quanto à ajuda?

— Estou tentando. Gennady, não podemos ajudar daqui. Pode agüentar?

— Me pergunte daqui a vinte minutos.

— Proteja meu pessoal, coronel! Proteja minha gente! — gritou Pokrvshkin ao telefone.

—Com a própria vida, camarada general. Desligo. — Bondarenko manteve o rádio em suas costas e brandiu o fuzil. — Sargento!

— Aqui, coronel! — O jovem apareceu. — Estão preparando agora, ainda não lançaram o ataque.

— Procurando pontos fracos! — Bondarenko voltou a ficar de joelhos. O ar parecia vivo com os projéteis, mas o fogo ainda não estava concentrado. Acima e atrás dos dois, janelas se despedaçavam. As balas atingiam as seções de concreto pré-moldado das paredes, espirrando estilhaços em todos os que estavam no exterior. — Fique no canto oposto a este. Vai defender as paredes norte e leste. Eu fico com essas duas. Diga a seus homens para atirarem apenas quando tiverem alvos...

— Já foi feito, coronel.

— Ótimo! — Bondarenko deu um tapa no ombro do jovem. — Não recue até que seja obrigado a fazê-lo, mas me avise. As pessoas nesse edifício são insubstituíveis. Precisam sobreviver. Agora vá! — O coronel observou o sargento partir. Talvez a KGB treinasse bem alguns de seus homens, afinal de contas. Correu para o seu canto da construção.

Ele agora tinha vinte — não, contou dezoito homens. A roupa camuflada tornava difícil distingui-los. Ele correu de um homem a outro, as costas curvadas sob o peso do rádio, espaçando-os e dizendo para que economizassem munição. Estava terminando de compor a linha do lado oeste quando ouviu vozes na escuridão.

— Lá vêm eles! — gritou um soldado.

— *Não disparem!* — berrou o coronel.

Vultos a correr apareceram como que por encanto. Num momento o cenário estava vazio de tudo, menos da neve que caía; no seguinte, uma linha de homens disparava fuzis de assalto Kalashnikov à altura da cintura. Ele os deixou chegar até 50 metros.

— *Fogo!*

Viu dez tombarem mo primeiro instante. O restante hesitou e parou, depois caiu, deixando mais dois corpos atrás. Ouviram novos disparos do outro lado do prédio. Bondarenko imaginou se o sargento conseguira resistir, mas aquilo não estava mais em suas mãos. Alguns gritos por perto informaram-no de que seus homens haviam sofrido baixas também. Ao verificar a linha de combatentes, descobriu que um deles não havia feito barulho nenhum. Estava reduzido a quinze homens.

A subida foi rotineira, pensou o coronel Von Eich. Um pouco atrás dele, o russo em sua poltrona deu um olhar informal para o painel.

— Como vai a parte elétrica? — perguntou o piloto, com irritação.

— Nenhum problema com o motor nem com a parte hidráulica. Parece ser no sistema de iluminação — respondeu o engenheiro, desligando as luzes anticolisão da cauda e da ponta das asas.

— Bem... — As luzes da cabine de comando estavam acesas, e não havia iluminação adicional para a tripulação de vôo. — Podemos consertar quando chegarmos a Shannon.

— Coronel. — Era a voz do chefe da equipe nos fones do piloto.

— Prossiga — disse o engenheiro, certificando-se de que o fone do russo não estava no mesmo canal.

— Continue, sargento.

— Nós temos dois... nossos dois novos passageiros, senhor, mas o senhor Ryan... ficou para trás, coronel.

— Repita isso — pediu Von Eich.

— Ele disse para irmos embora, senhor. Dois sujeitos armados, senhor, eles... Mas insistiu para irmos embora — repetiu o homem.

Von Eich deixou escapar um suspiro.

— Certo. Como estão as coisas aí atrás?

— Estou com eles na última fileira, senhor. Acho que ninguém percebeu, com o barulho do motor e tudo o mais.

— Mantenha as coisas assim.

— Sim, senhor. Freddie está mantendo o resto dos passageiros na frente. A latrina da traseira quebrou, senhor.

— Que pena — observou o piloto. — Diga aos passageiros para ir ao banheiro da frente, se precisarem.

— Certo, coronel.

— Setenta e cinco minutos — avisou o navegador. *Meu Deus, Ryan,* pensou o piloto. *Espero que goste dai...*

— Eu devia matar você aqui e agora! — disse Golovko. Estavam no carro do diretor-geral. Ryan encontrava-se frente a quatro

irados agentes da KGB. O mais bravo parecia ser o homem no assento direito dianteiro. *O guarda-costas de Gerasimov,* pensou Jack, *o que trabalhava sempre próximo a ele.* Parecia ser do tipo atlético, e Ryan ficou contente por existir um encosto de assento separando-os. Tinha um problema mais imediato. Olhou para Golovko e imaginou que talvez fosse uma boa idéia acalmá-lo um pouco.

— Sergey, isso provocaria um incidente internacional que você nem consegue imaginar — falou calmamente Jack.

As conversas que escutou a seguir foram todas em russo. Não podia entender o que estavam dizendo, mas o conteúdo emocional era suficientemente claro. Não sabiam o que fazer com ele. Isso convinha perfeitamente a Ryan.

Clark caminhava ao longo de uma rua a três quarteirões da orla marítima quando os viu. Eram llh45. Estavam exatamente no horário, graças a Deus. Esta parte da cidade possuía restaurantes e, embora ele mal conseguisse acreditar, algumas discotecas. Estavam saindo de uma delas quando os avistou. Duas mulheres, vestidas como lhe fora dito, com um companheiro: o guarda-costas. Apenas um, também de acordo com as ordens. Era uma surpresa agradável que tudo estivesse correndo de acordo com o plano. Clark contou mais de uma dúzia de pessoas na calçada, algumas em grupos ruidosos, outras em casais sossegados, muitas cambaleando pelo excesso de bebida. Mas era sexta-feira à noite, e isso era o que as pessoas faziam pelo mundo todo nas noites de sexta. Manteve contato visual com as três pessoas que o interessavam e aproximou-se.

O guarda-costas era um profissional. Ficava à direita e à frente delas, mantendo livre a mão que utilizava a arma e pronto a voltar a cabeça em todas as direções. Clark ajustou o cachecol em volta do pescoço, depois colocou a mão no bolso, A pistola estava lá, e ele aumentou o ritmo das

passadas para alcançá-los. Não foi difícil. As duas mulheres não pareciam estar com pressa ao se aproximarem da esquina. A mais velha parecia estar passeando pela cidade, de prédios só aparentemente antigos. A Segunda Guerra Mundial passara por Talin em duas ondas devastadoras, deixando atrás nada além de pedras calcinadas. Mas quem quer que tenha sido o responsável por essa decisão optou por reconstruir a cidade da maneira como ela existira, e ela agora tinha um clima diferente de todas as outras cidades russas que Clark visitara antes. Fez com que se lembrasse da Alemanha de alguma forma, embora não conseguisse descobrir por quê. Esse foi seu último pensamento frívolo da noite. Estava agora 10 metros atrás deles, apenas mais um homem caminhando para casa numa noite fria de fevereiro, a cabeça abaixada para evitar o vento e um gorro de pele enfiado na cabeça. Podia ouvir suas vozes agora, e estavam falando em russo. Era hora.

— *Russkiy* — disse Clark, com sotaque de Moscou. — Quer dizer que nem todos nessa cidade são uns bálticos arrogantes?

— Esta é uma cidade antiga e encantadora, camarada — respondeu a mulher mais velha. — Demonstre algum respeito.

Lá vamos nós..., disse Clark a si mesmo. Caminhou para a frente com os passos incertos de um bêbado.

— Me desculpe, adorável senhora. Tenha uma boa noite — disse ele ao passar. Moveu-se ao redor da mulher e deu um encontrão no guarda-costas. — Desculpe, camarada... — O homem descobriu que havia uma pistola apontada para seu rosto. — Virem à esquerda e entrem no beco. Mantenha as mãos onde eu possa vê-las, camarada.

O choque na expressão do pobre-diabo foi muito divertido, pensou Clark, *lembrando a si mesmo que esse era um homem treinado com uma arma no bolso.* Agarrou a parte de trás do colarinho e manteve-o à distância de um braço, com sua arma firmemente apontada.

— Mãe... — disse Katryn alarmada.

— Apresse-se e faça exatamente o que eu disser. Obedeça a esse homem.

— Mas...

— Contra a parede — disse Clark ao homem.

Manteve a arma apontada para o centro da cabeça do guarda-costas enquanto a mudava de mão, depois aplicou um golpe forte no lado do pescoço com a mão direita. O homem caiu sem sentidos e Clark colocou-

lhe algemas nos pulsos. A seguir amordaçou-o, amarrou seus tornozelos e arrastou-o para o canto mais escuro que conseguiu encontrar.

— Senhoras, poderiam vir comigo, por favor?

— O que significa isso? — perguntou Katryn.

— Não sei — admitiu a mãe. — Seu pai me disse para...

— Senhorita, seu pai resolveu visitar a América, e ele quer que você e sua mãe se reúnam a ele — explicou Clark, em russo perfeito.

Katryn não respondeu. A luz no beco era pouca, mas ele conseguiu ver que o rosto dela havia perdido toda a cor. Sua mãe estava um pouco melhor.

— Mas... — disse finalmente a garota. — Mas isso é traição. Não acredito.

— Ele me disse... ele me disse para fazer tudo o que esse homem ordenasse — afirmou Maria. — Katryn, precisamos...

— Mas...

— Katryn — começou a mãe —, o que vai acontecer à sua vida se seu pai fugir e você ficar para trás? O que vai acontecer com seus amigos? O que vai acontecer a você? Vão tentar usá-la para trazer seu pai de volta, e fariam qualquer coisa, Katusha...

—É hora de ir, pessoal. — Clark tomou o braço das duas.

— Mas... — Katryn gesticulou em direção ao guarda-costas.

—Ele vai ficar bom. Nós não matamos pessoas. É muito ruim para os negócios. — Clark as levou de volta à rua, virando à esquerda em direção ao porto.

O major dividira seus homens em dois grupos. O menor estava colocando cargas explosivas em quase tudo o que conseguia encontrar. Um poste de iluminação ou um emissor laser, não importava. O grupo maior havia derrubado grande parte dos soldados da KGB que tentaram se aproximar de sua posição, ao redor da casamata de controle. Não uma casamata verdadeira, mas quem quer que tenha feito os planos de construção evidentemente pensara que a sala de controle deveria ter o mesmo tipo de proteção do Cosmódromo Leninsk, ou talvez tenha considerado que a montanha poderia ser objeto de um ataque aéreo nuclear. O mais certo é que alguém decidira que o manual recomendava esse tipo de estrutura para esse tipo de lugar. O resultado fora uma construção sólida de concreto, com paredes de 1 metro de espessura. Os guerrilheiros mataram o comandante da KGB, tomaram seu veículo com a

metralhadora pesada, e estavam atirando através das seteiras na estrutura. Na verdade, ninguém as utilizava para observação, e os projéteis tinham há muito despedaçado o vidro grosso e estavam atingindo os computadores e equipamentos de controle na sala.

No interior, o general Pokryshkin havia assumido naturalmente o comando. Tinha cerca de trinta soldados da KGB com ele, providos apenas de armas leves e da pouca munição que carregavam quando o ataque começara. Um tenente coordenava a defesa o melhor que podia, enquanto o general tentava obter ajuda pelo rádio.

— Vai levar uma hora — dizia um comandante de regimento. — Meus homens estão partindo agora!

— O mais rápido que puder! — pediu Pokryshkin. — As pessoas estão morrendo por aqui.

Já pensara em helicópteros, mas com aquele tempo não conseguiriam fazer nada. Um ataque de helicópteros não apenas seria arriscado, era simplesmente suicídio. Ele abandonou o rádio e sacou a pistola automática de serviço. Podia ouvir o barulho do lado de fora. Estavam explodindo todo o equipamento do local. Era capaz de viver com essa idéia agora. Por maior que fosse a catástrofe, as pessoas eram mais importantes. Quase um terço de seus engenheiros estava na casamata Terminavam uma conferência quando o ataque começara. Não fosse assim, haveria menos gente no interior, contudo muitos estariam no lado de fora trabalhando com o equipamento. Pelo menos aqui tinham uma chance.

Do outro lado das paredes de concreto, o major ainda tentava resolver a situação. Nunca esperara encontrar aqui esse tipo de estrutura Seus foguetes RPG antitanque meramente arranhavam a parede, e apontá-los para as estreitas aberturas era muito difícil na escuridão. A carga da metralhadora podia ser apontada com mais facilidade em virtude das balas traçadoras, que deixavam um rastro luminoso, mas aquilo não era o bastante.

Encontre os pontos fracos, disse a si mesmo. *Fique calmo e pense.* Ordenou a seus homens que mantivessem uma barragem contínua de fogo e começou a dar a volta ao redor da construção. Quem quer que estivesse no interior, tinha as armas igualmente dispersas, mas construções como essas possuíam pelo menos um ponto vulnerável. O major só precisava encontrá-lo.

— O que está acontecendo? — guinchou o rádio.

— Matamos talvez uns cinqüenta. O resto ficou numa casamata e estamos tentando chegar até eles também. E o seu objetivo?

— O prédio de apartamentos — respondeu o Arqueiro. — Estamos todos aqui e... — O rádio transmitiu o som de disparos. — Vamos pegá-los logo.

— Trinta minutos e precisamos partir, meu amigo — lembrou o major.

— Sim. — O rádio ficou silencioso.

O Arqueiro era um bom homem, e corajoso, pensou o major, enquanto examinava a face norte da casamata, mas com apenas uma semana de treinamento formal ele seria muito mais eficiente... apenas uma semana para sistematizar as coisas que aprendia sozinho... e passar adiante as lições que outros deram sangue para...

Lá estava o lugar. Havia mesmo um ponto vulnerável.

As últimas cargas de morteiro estavam sendo disparadas no teto do prédio de apartamentos. Bondarenko sorriu ao observar. Finalmente eles faziam algo verdadeiramente cretino. Os projéteis de 82 milímetros não tinham a menor chance de arrebentar as placas de concreto, mas, se fossem detonados pela periferia do prédio, ele perderia muitos homens. Estava reduzido a dez, dois deles feridos. O fuzis dos que foram abatidos já se achavam no interior do prédio, sendo disparados do andar. Contou vinte corpos além da área defendida, e os atacantes —eram afegães, agora tinha certeza — perambulavam fora de seu campo de visão, tentando decidir o que fazer. Pela primeira vez Bodarenko sentiu que no fim poderia sobreviver. O general chamara pelo rádio para avisar que um regimento motorizado estava a caminho pela estrada de Nurek e, embora ele tremesse ao imaginar como seria dirigir os transportadores BTR de infantaria sobre as estradas cobertas de neve nas montanhas, a perda de alguns esquadrões de infantaria não era nada comparada à mão-de-obra especializada que ele tentava proteger agora.

O fogo dos fuzis tornou-se esporádico, apenas disparos exploratórios enquanto decidia o que fazer a seguir. Se tivesse mais pessoal, tentaria agora um contra-ataque apenas para confundi-los, porém o coronel estava preso a seu posto. Ele não podia arriscar, não com apenas um esquadrão para cobrir os dois flancos do prédio.

Faço agora a retirada? Quanto mais tempo ficarem longe da construção, melhor, mas devo fazer agora a retirada? Seus pensamentos

vagavam, avaliando a situação. No interior do prédio seus soldados teriam muito mais proteção, porém ele perderia a capacidade de controlá-los, já que estariam separados pelas paredes internas. Se fossem para dentro e se retirassem ocupando os andares superiores, dariam chance aos sapadores afegães para derrubar o prédio com cargas explosivas. Talvez não... Reprimindo o desespero, Bondarenko ouvia tiros esparsos que se alternavam com o grito dos feridos, e não conseguia decidir-se.

A 200 metros de distância, o Arqueiro estava a ponto de fazer aquilo pelo soviético. Julgando erradamente as baixas que tinha sofrido como indício de que aquele lado do prédio estava mais bem defendido, ele liderava o que restara de seus homens para o outro flanco. Precisou de cinco minutos para fazê-lo, enquanto os guerrilheiros que deixou para trás despejavam fogo contínuo na área. Sem cargas de morteiro e sem projéteis RPG, a única coisa que restara foram algumas granadas e seis cargas explosivas *satchel*. Ao redor dele o fogo ardia na noite, em chamas rubras que se elevavam, separadas, tentando derreter a neve que caía. Ouviu os gemidos dos próprios feridos enquanto alinhava os cinqüenta homens que lhe restaram. Atacariam em massa, atrás do líder que os trouxera até ah. O Arqueiro acionou a trava de segurança de seu AK-47 e recordou-se dos três primeiros homens que matara com ele.

A cabeça de Bondarenko girou quando ouviu os gritos do outro lado do prédio. Voltou-se e viu que nada acontecia ali. Era hora de fazer algo, e ele esperava que fosse a coisa certa.

— Todos de volta ao prédio. Rápido!

Dois dos dez remanescentes, feridos, tiveram de ser ajudados. Demorou cerca de um minuto enquanto a noite novamente cintilava com as rajadas de fuzis. Bondarenko levou cinco homens e apressou-se pelo corredor lateral do prédio, rumo a outra ala.

Não podia saber se os inimigos haviam conseguido passar, ou se os homens aqui também estavam se retirando — novamente se viu impedido de atirar porque os dois lados estavam usando uniformes idênticos. Então um dos que corriam na direção do edifício disparou, e o coronel pousou um joelho no chão e derrubou-o com uma rajada de cinco tiros. Mais apareceram, e ele estava a ponto de disparar até que ouviu seus gritos.

— *Nashi, nashi!* — Ele contou oito. O último era o sargento, ferido nas duas pernas.

— Eram muitos, não conseguimos...

— Entre — disse-lhe Bondarenko. — Ainda pode lutar?

— Porra, claro!

Ambos olharam em volta. Não podiam lutar a partir das salas individuais. Tinham que resistir nos corredores e poços de escadas.

— A ajuda já está a caminho. Um regimento vem vindo de Nurek, se pudermos agüentar — disse Bondarenko a seus homens. Não acrescentou quanto tempo podia demorar. Eram as primeiras boas notícias na última meia hora. Dois civis desciam as escadas, ambos portando fuzis.

— Precisa de ajuda? — perguntou Morozov. Ele evitara o serviço militar, mas acabara de aprender que um fuzil não era tão difícil de manejar.

— Como estão as coisas por lá? — indagou Bondarenko.

— O chefe da minha seção está mono. Peguei isso dele. Muitas pessoas estão feridas, e o resto está tão apavorado quanto eu.

— Fique com o sargento — instruiu o coronel. — Mantenha a calma, camarada engenheiro, e podemos sobreviver a isso. A ajuda já está a caminho.

— Espero que esses putos se apressem. Morozov ajudava o sargento, ainda mais novo que o engenheiro, a chegar ao ponto mais distante do corredor.

Bondarenko colocou metade de seus homens nas escadas e a outra metade junto aos elevadores. Estava tudo quieto novamente. Podia escutar as vozes discutindo lá fora, mas o tiroteio havia amainado.

— Para baixo pela escada. Com cuidado — disse Clark. — Há uma plataforma no fundo. Pode pisar nela.

Maria olhou repugnada para a madeira cheia de limo, fazendo o que lhe foi ordenado, como imersa num sonho. Sua filha a seguiu. Clark foi por último, passou por elas e entrou no barco. Ele desamarrou os cabos e moveu o inflável com a mão até abaixo de onde as mulheres estavam em pé. Era um desnível de 1 metro.

—Uma de cada vez. Você primeiro, Katryn. Venha devagar que eu apanho você.

Foi o que ela fez, os joelhos tremendo de dúvida e medo. Clark agarrou seu tornozelo e puxou-a em sua direção. Ela caiu no barco com toda a elegância de um saco de feijões. Maria veio a seguir. Ele forneceu-lhe as mesmas instruções, mas Katryn tentou ajudar, movendo o barco ao fazê-lo. Maria perdeu seu apoio e caiu na água com um grito.

— Que foi isso? — perguntou uma voz vinda do lado de terra do ancoradouro.

Clark não deu importância àquilo, agarrou as mãos que se debatiam e içou a mulher para bordo. Ela tremia de frio, mas não havia muito que pudesse fazer quanto a isso. Ouviu o som de pés que corriam pelo ancoradouro enquanto ligava o motor elétrico e dirigia-se para o largo.

—*Stoi!* — gritou uma voz. Era um tira, compreendeu Clark, tinha de ser um maldito tira. Voltou-se e viu o facho de uma lanterna. Não conseguiu alcançar o barco, mas fixou-se na esteira que ficou para trás. Clark levantou seu rádio.

— Tio Joe, aqui é Willy. A caminho. O sol está brilhando.

— Talvez tenham sido avistados — disse o oficial de comunicação a Mancuso.

— Ótimo. — O capitão prosseguiu. — Goodman, vamos direto para o curso zero-oito-cinco. Seguimos em direção da costa a 10 nós.

— Comandante, aqui sonar, contato na direção dois-nove-seis. Motor a diesel — anunciou a voz de Jones. — Duas hélices.

— Deve ser a fragata de patrulha da KGB, provavelmente Grisha — informou Ramius. — Patrulha de rotina.

Mancuso não disse nada, mas apontou para o grupo de controle de fogo. Eles começaram a calcular a posição do alvo que se aproximava, enquanto o *Dallas* se dirigia para a costa à profundidade de periscópio, mantendo elevada a antena de rádio.

— Nove-sete-um, aqui é o Centro de Velikiye Luki. Vire à direita para novo curso um-zero-quatro — disse a voz russa ao coronel Von Eich. O piloto apertou o botão do microfone.

— Repita isso, Luki. Câmbio.

— Nove-sete-um, suas ordens são para virar à direita na direção um. zero-quatro e voltar a Moscou. Câmbio.

— Ah, muito obrigado, Luki. Negativo, estamos prosseguindo na direção dois-oito-seis de acordo com nosso plano de vôo. Câmbio.

— Nove-sete-um, estamos ordenando que retorne a Moscou! — insistiu o controlador.

— Entendido, obrigado. Câmbio final. — Von Eich olhou para baixo a fim de certificar-se de que o piloto automático estava no rumo correto, depois continuou sua busca visual por outra aeronave.

— Mas você não voltou — afirmou o russo pelo intercomunicador.

— Não. — Von Eich voltou-se para encarar o homem. — Não deixamos nada para trás, que eu saiba.

— Mas eles ordenaram que...

— Filho, estou no comando desta aeronave, e minhas ordens são para voar até Shannon — explicou o piloto.

— Mas... — O russo desafivelou seu cinto e começou a levantar-se.

— Sente-se — ordenou o piloto. — Ninguém deixa a cabine de comando sem a minha permissão, moço! Você é um convidado em meu avião, e é melhor fazer exatamente o que eu digo. — *Que diabos, devia ser mais fácil do que isso!* Ele fez um gesto ao engenheiro, que desligou outro interruptor, apagando todas as luzes na aeronave. O VC-137 estava agora totalmente às escuras. Von Eich ligou seu rádio novamente. — Luki, aqui é nove-sete-um. Temos problemas elétricos a bordo. Não quero fazer nenhuma mudança radical no curso até que saibamos exatamente o que é. Entendeu? Câmbio.

— Qual é seu problema? — perguntou o controlador. O piloto imaginou o que lhe teriam dito enquanto contava mais algumas mentiras.

— Luki, ainda não sabemos. Estamos perdendo energia elétrica. Todas as luzes se apagaram. O avião está às escuras no momento, repetindo, estamos navegando sem luzes. Estou preocupado e não posso me distrair agora. — Aquilo lhe valeu dois minutos de silêncio e 32 quilômetros na direção oeste.

— Nove-sete-um, já notifiquei Moscou de seus problemas. Aconselharam que retornasse imediatamente. Vão limpar a área para uma aproximação de emergência — ofereceu o controlador.

— Entendido, obrigado, Luki, mas não desejo arriscar uma mudança de curso agora, se entende o que digo. Estamos trabalhando para resolver o problema. Fiquem a postos. Darei informações. Câmbio final. — O coronel verificou o relógio em seu painel de instrumentos. Mais trinta minutos até a costa.

— O quê? — perguntou o major Zarudin. — Quem entrou no avião? O diretor-geral Gerasimov e um espião inimigo preso — respondeu Vatutin.

— Num avião americano? Está me dizendo que o *diretor-geral* está fugindo num avião americano! — O oficial encarregado da segurança do aeroporto havia tomado conta da situação, como suas ordens lhe permitiam fazer. Descobriu que tinha dois coronéis, um tenente-coronel,

um motorista e um americano no escritório que usava ali, junto com a história mais maluca que já escutara. — Preciso pedir instruções.

— Sou seu superior! — afirmou Golovko.

— Mas não é superior de meu comandante! — declarou Zarudin, enquanto se dirigia ao telefone.

Ele tentara fazer com que o controlador de tráfego aéreo chamasse de volta o avião americano, mas não fora surpresa para seus visitantes que o piloto decidira não retornar.

Ryan sentou-se completamente quieto, mal respirando, nem ao menos movendo a cabeça. Concluiu que se não ficasse nervoso estaria completamente a salvo. Golovko era muito esperto para fazer alguma coisa impensada. Sabia quem era Jack e sabia o que aconteceria se um qualificado membro de uma missão diplomática em seu país sofresse um arranhão sequer. Ryan já tinha se arranhado, claro. Seu tornozelo doía como o diabo, e seu joelho sangrava um pouco, mas ele mesmo provocara aquilo. Golovko olhou para ele de uma distância de 1 metro e meio. Ryan não devolveu o olhar. Engoliu seu medo e tentou parecer tão inofensivo quanto se mostrava no momento.

— Onde está a família? — indagou Vatutin.

— Eles voaram para Tallin ontem — respondeu Vasily, pouco convincentemente. — Ela queria ver alguns amigos.

O tempo corria depressa para todos. Os homens de Bondarenko estavam reduzidos a menos de meio carregador cada um. Mais dois haviam sido mortos por granadas atiradas ao interior. O coronel observara um soldado saltar sobre uma delas, ficando em pedaços para salvar seus camaradas. O sangue do rapaz cobria o chão de ladrilhos, como tinta. Seis afegães empilhavam-se contra a porta. Fora assim em Stalingrado, disse o coronel a si mesmo. Ninguém excedia os soldados russos em lutas de casa a casa. A que distância estaria o regimento motorizado? Uma hora era um período de tempo tão curto... Metade de um filme, um show de televisão, um agradável passeio noturno... um tempo muito curto, desde que não estivessem atirando em você.

Nesse caso cada segundo se alongava perante os olhos, os ponteiros do relógio parecendo congelados, e a única coisa que funcionava rápido era o coração. Era apenas a sua segunda experiência em combate aproximado. Havia sido condecorado após a primeira, e imaginou se não seria enterrado depois da segunda. Mas pretendia impedir que isso

acontecesse. Nos andares acima dele havia várias centenas de pessoas — engenheiros e cientistas, suas mulheres e filhos —, cujas vidas dependiam de sua habilidade em rechaçar os invasores afegães por menos de uma hora.

Vão embora, desejou ele. *Pensam que nós queríamos vir e ser fuzilados naquele desgraçado monte de pedras que vocês chamam de país? Se quiserem matar os responsáveis, por que não vão até Moscou?* Mas aquela não era a maneira como as coisas funcionavam na guerra, era? Os políticos nunca ficavam suficientemente peno para ver o drama que haviam causado. Nunca na verdade sabiam o que faziam, e agora os bastardos tinham mísseis com ogivas nucleares. Possuíam o poder de matar milhões, porém careciam de coragem para enxergar o horror num simples e antiquado campo de batalha.

Quanta besteira a gente pensa nessas horas!, enraiveceu-se consigo mesmo.

Ele falhara. Seus homens haviam confiado nele para comandá-los, e ele falhara, pensou consigo o Arqueiro. Olhou em volta para os corpos na neve, e cada um parecia acusá-lo. Ele podia matar indivíduos, podia derrubar aviões do céu, mas nunca havia aprendido como liderar um grande grupo de homens. Seria essa a maldição de Alá sobre ele por torturar os pilotos russos? Não! Ainda havia inimigos a matar. Gesticulou a seus homens para que entrassem no prédio através das várias janelas quebradas ao nível do chão.

O major liderava na frente, como os *mudjahidin* esperavam. Ele conseguira dez homens e subiu com eles pelas paredes da casamata, depois deslizou para a porta principal, coberto pelos disparos do resto da companhia. Perdera cinco homens, mas não era muito para uma missão como essa. *Obrigado pelo treinamento que me deram, meus amigos russos...*

A porta principal era de aço. Ele instalou pessoalmente um par de cargas *satchel* nos cantos mais baixos e colocou os detonadores depois de rastejar pela quina em direção à porta. Fuzis russos dispararam sobre sua cabeça, mas os que estavam no interior da construção não sabiam onde ele se encontrava. Isso iria mudar. Ele instalou as cargas, acionou os detonadores e correu de volta até a quina.

Pokryshkin encolheu-se quando ouviu o estrondo. Voltou-se para a pesada porta de aço voando através da sala, esmagando-se contra um

painel de controle. O tenente da KGB foi morto instantaneamente pela explosão, e, enquanto os homens de Porkyshkin corriam rumo à abertura na porta, mais três pacotes de explosivos voaram para o interior. Não havia nenhum lugar para onde fugir. Os Guardas da Fronteira continuaram disparando, matando um dos atacantes na porta, porém nesse momento as cargas explodiram.

Um som estranho e oco, pensou o major. A força das explosões fora contida pelas resistentes paredes de concreto. Ele liderou os homens para o interior um segundo depois. Circuitos elétricos soltavam faíscas, e os incêndios logo começariam, mas todos os que pôde ver no interior estavam caídos. Seus homens moviam-se rapidamente de um ferido para outro, apanhando armas e matando os que estavam simplesmente inconscientes. O major viu um oficial russo com estrelas de general. O homem sangrava pelas narinas e pelas orelhas, e tentava levantar a pistola quando foi abatido pelo major. Em mais um minuto, estavam todos mortos. A construção se enchia rapidamente com uma fumaça espessa e acre. Ordenou que seus homens saíssem.

— Acabamos aqui — disse ele em seu rádio. Não houve resposta. — Você está aí?

O Arqueiro se apoiava contra uma parede, próximo a uma porta meio aberta. Seu rádio se encontrava desligado. Logo do lado de fora da sala estava um soldado, olhando para o corredor. Era hora. O guerreiro da liberdade moveu a porta com a ponta da arma e atirou no russo antes que ele tivesse chance de voltar-se. Gritou uma ordem, e cinco outros homens saíram de suas salas, mas dois foram mortos antes que pudessem atirar. Olhou acima e abaixo do corredor e não viu nada a não ser o fogo dos disparos e silhuetas meio ocultas.

A 50 metros de distância, Bondarenko reagiu à nova ameaça. Ele gritou uma ordem para que seus homens ficassem sob cobertura, e então com precisão assassina o coronel identificou e atacou os alvos que se moviam em aberto, identificados graças às luzes de emergência no corredor, transformado agora numa galeria de tiro, e ele abateu dois homens com o mesmo número de tiros. Outro correu em sua direção gritando algo ininteligível e disparando sua arma numa rajada contínua. Os tiros de Bondarenko erraram o alvo, para sua surpresa, porém alguém mais derrubou o homem. Novo tiroteio, com o som reverberando nas paredes e ensurdecendo completamente a todos. Então percebeu que só

restava um dos atacantes. O coronel viu mais dois de seus homens caírem, e o último afegão disparou, produzindo estilhaços de concreto a centímetros do seu rosto. Os olhos de Bondarenko arderam com os fragmentos, e o lado direito do seu rosto encolheu-se de súbita dor. O coronel retirou-se da linha de fogo, mudou a regulagem da arma para automático, inspirou profundamente e saltou para o corredor. O homem estava a menos de 10 metros de distância.

O momento prolongou-se uma eternidade enquanto os dois apontaram as armas para atirar. Ele viu os olhos do homem. Era um rosto jovem, logo abaixo da luz de emergência, mas os olhos... a raiva contida ali, o ódio, quase pararam o coração do coronel. Porém Bondarenko era antes de mais nada um soldado. O primeiro tiro do afegão saiu errado. O seu não.

O Arqueiro sentiu o choque, não dor, em seu peito quando caiu. Seu cérebro enviou uma mensagem às mãos para trazer a arma para a esquerda, mas elas ignoraram a ordem e deixaram cair o fuzil. Ele veio ao chão em estágios, primeiro de joelhos, depois as costas, e finalmente tombou olhando para o teto. Enfim terminara. Então o homem ficou em pé a seu lado. *Não era um rosto cruel,* pensou o Arqueiro. Era o inimigo, e infiel, mas era também um homem, ou não? Havia curiosidade ali. *Ele quer saber quem sou eu.* O Arqueiro falou com seu último fôlego:

— *Allahu akhbarl* — Deus é grande.

É, suponho que Ele seja, disse Bondarenko ao corpo inerte. Ele conhecia a frase bastante bem. *Foi por isso que vieram?* Notou que o homem tinha um rádio. Começou a fazer ruídos, e o coronel abaixou-se para apanhá-lo.

— Você está aí? — perguntou o rádio um momento depois. A pergunta era em *pashtu,* mas a resposta foi dada em russo.

— Tudo está acabado aqui — falou Bondarenko. O major olhou para seu radiotransmissor por um instante, depois soprou seu apito para reunir o que restava de seus homens. A companhia do Arqueiro sabia o caminho até o ponto de encontro, mas tudo que importava agora era voltar para casa. Contou seus homens. Perdera onze e tinha seis feridos. Com sorte chegaria à fronteira antes que a neve parasse. Cinco minutos depois os guerrilheiros estavam deixando a montanha.

— Protejam a área! — disse Bondarenko aos seis remanescentes. — Recolham as armas e distribuam.

Provavelmente havia terminado, pensou ele, mas "terminado" só estaria com a chegada do regimento motorizado.

Morozov! — chamou a seguir. O engenheiro apareceu um momento depois.

— Sim, coronel?

Existe algum médico lá em cima?

— Sim, vários. Vou buscar um.

O coronel percebeu que transpirava. A construção ainda guardava algum calor. Deixou cair o radiotelefone das costas e ficou surpreso ao constatar que duas balas o haviam atingido — e até mais surpreso ao ver sangue numa das correias. Fora ferido e nem notara. O sargento aproximou-se e veio examinar.

— É só um arranhão, coronel, como estes nas minhas pernas.

— Me ajude a tirar este paletó, sim?

Bondarenko abriu seu sobretudo, expondo a blusa do uniforme. Com sua mão direita manteve o casaco levantado, enquanto a esquerda apanhava a condecoração designada Bandeira Vermelha. Então prendeu-a ao colarinho do rapaz.

— Merece mais do que isso, sargento, mas é tudo o que posso lhe dar no momento.

— Subir periscópio. — Mancuso usava o periscópio de busca agora, com seu equipamento amplificador de luz. — Nada ainda... — Ele voltou-se para procurar a oeste. — Opa, captei uma luz de mastro a dois-sete-zero...

— É nosso contato de sonar — observou desnecessariamente o tenente Goodman.

— Sonar, aqui comandante, tem uma identificação positiva sobre o contato?

— Negativo — respondeu Jones. — Estamos captando reverberações. As condições acústicas estão muito ruins. Tem hélice dupla e é a diesel, mas sem identificação.

Mancuso ligou a câmera de televisão do visor. Ramius só precisou de uma olhada à imagem.

— Grisha.

Mancuso olhou para o grupo de rastreamento.

— Solução?

— Sim, mas está um pouco tremido — respondeu o oficial de armas. — O gelo também não vai ajudar em nada — acrescentou ele. O que queria dizer é que o torpedo Mark 48 em modo de ataque na superfície poderia ser confundido pelo gelo flutuante. Ele fez uma pausa. — Senhor, se é um Grisha, como não aparece no radar?

— Novo contato! Sonar ao comandante, novo contato rumando zero-oito-seis... parece com o nosso amigo, senhor — disse Jones. —Há mais alguma coisa próxima a esse rumo, hélice de alta velocidade definitivamente algo novo ali, senhor, a zero-oito-três.

— Subir 60 centímetros — disse Mancuso ao contramestre. O periscópio subiu. — Estou avistando, bem no horizonte... 5 quilômetros. Há uma luz atrás deles. — Ele bateu os manetes na vertical e o periscópio desceu imediatamente. — Vamos para lá depressa. Para a frente a dois terços de potência.

— Para a frente a dois terços, certo. — O timoneiro enviou a ordem à casa de máquinas.

O navegador calculou a posição do barco que se aproximava e contou os metros.

Clark olhava para trás na direção da costa. Havia uma luz balançando da esquerda para a direita sobre a água. Quem poderia ser? Não sabia se a polícia local possuía barcos, mas tinha que haver um destacamento de Guardas da Fronteira da KGB: eles possuíam sua própria flotilha e também uma pequena força aérea. Mas quão alertas estariam eles numa sexta-feira à noite? Provavelmente mais do que estavam quando aquele rapaz alemão resolveu voar até Moscou... bem nesse setor, recordou-se Clark. *Essa área provavelmente está bem alerta... onde está você,* Dallas? Ele levantou o rádio.

— Tio Joe, aqui é Willy. O sol vai levantando, e estamos longe de casa.

— Ele diz que está próximo — informou o oficial de comunicações.

— Navegador? — chamou Mancuso.

O navegador levantou os olhos de sua mesa.

— Estamos a 15 nós. Devemos estar a uma distância de 500 metros agora.

— Em frente, potência a um terço — ordenou o capitão. — Subir periscópio! — O tubo lubrificado subiu novamente... até o alto.

— Capitão, apanhei um emissor de radar à popa, rumando dois-seis-oito. E um Don-2 — anunciou o operador de medidas de vigilância eletrônica.

— Comandante, aqui sonar, ambos os contatos hostis aumentaram a velocidade. A velocidade estimada é de 20 nós e aproximando-se do Grisha, senhor — disse Jones. — Identidade confirmada do alvo: é da classe Grisha. Contato mais a leste ainda desconhecido, uma hélice, provavelmente um motor a gasolina, girando a 20, mais ou menos.

Alcance: cerca de 6 000 metros — anunciou o grupo de controle

—Essa é a parte engraçada — comentou Mancuso. — Tenho-os na mira. Posição... *alvol*

—Zero-nove-um.

—Alcance. — Mancuso apertou o gatilho para o visor laser do periscópio. — *Alvol*

—Seiscentos metros.

—Bela estimativa, navegador. Solução no Grisha? — perguntou ao controle de fogo.

— Preparado para os tubos dois e quatro. Portas exteriores ainda fechadas, senhor.

— É melhor mantê-las assim. — Mancuso dirigiu-se à escotilha inferior do tubo de acesso ao passadiço. — Imediato, o comando é seu. Eu mesmo vou fazer a recuperação. Vamos acabar logo com isso.

— Tudo parado — ordenou o imediato.

Mancuso abriu a escotilha e ganhou a escada. A escotilha inferior foi fechada atrás dele. Ouviu a água correndo na torre ao redor, depois sentiu os impactos das ondas na superfície. O intercomunicador lhe avisou que já podia abrir a escotilha do passadiço. Mancuso girou a roda de segurança e empurrou a pesada cobertura de aço. Foi recompensado com um jorro de água do mar, fria e oleosa, mas ignorou-o e subiu.

Olhou para a ré primeiro. Lá estava o Grisha, a luz do mastro baixa no horizonte. A seguir olhou para a frente e retirou a lanterna do bolso. Apontou diretamente para o bote e fez a letra D em código morse.

— Uma luz, uma luz! — exclamou Maria.

Clark voltou-se de novo para a frente, enxergou o sinal e rumou para ele. Então viu mais alguma coisa.

O barco-patrulha atrás de Clark estava a mais de 3 quilômetros de distância, o holofote procurando no lugar errado. O capitão voltou-se para

oeste, tentando enxergar o outro contato. Mancuso sabia de alguma forma distante que um Grisha carregava holofotes, mas permitira-se ignorar o fato. Afinal de contas, por que deveriam holofotes ser relacionados a um submarino? *Quando se está na superfície,* disse a si mesmo o capitão. O navio estava muito longe para vê-lo, com ou sem holofote, mas essa situação mudaria depressa. Observou a luz varrendo a superfície atrás do submarino e percebeu tarde demais que provavelmente o *Dallas* estaria em seu radar agora.

— Aqui, Clark, depressa com essa porra! — gritou ele através da água, balançando a lanterna para a direita e a esquerda. Os trinta segundos seguintes pareceram durar um mês inteiro. Então o barco apareceu.

— Ajude as senhoras — disse o homem.

Ele manteve o inflável contra a torre do submarino, usando seu motor. O *Dallas* ainda se movia, era obrigado a fazê-lo para manter essa profundidade precária, sem estar totalmente na superfície nem totalmente submerso. *A primeira movia-se e parecia uma jovem,* pensou o comandante enquanto a trazia para bordo. A segunda estava molhada e tremendo. Clark demorou-se um momento, ajustando uma pequena caixa no topo do motor. Mancuso perguntou-se como ela ficara equilibrada ali, até perceber que aderira magneticamente ou fora colada.

— Desçam a escada — indicou Mancuso às mulheres.

Clark saltou para bordo e disse alguma coisa — provavelmente o mesmo que o capitão — em russo. Para Mancuso ele falou em inglês.

— Cinco minutos para explodir.

As mulheres já estavam na metade da descida. Clark foi atrás delas, e finalmente Mancuso, com um derradeiro olhar para o inflável. A última coisa que viu foi o barco da patrulha do porto, agora dirigindo-se diretamente para o submarino. Deixou-se cair, puxando a escotilha atrás de si. Então acionou o botão do intercomunicador.

— Vamos descer e sair daqui.

A escotilha do fundo abriu-se abaixo deles, e ele ouviu o imediato:

— Profundidade 30 metros, motor à frente dois terços, leme todo à esquerda.

Um suboficial recebeu as mulheres no final do tubo da torre. O assombro em seu rosto teria sido engraçado numa outra hora qualquer. Clark as levou pelo braço e conduziu-as para vante, em direção à sua cabine. Mancuso foi para ré.

— Estou no comando — anunciou ele.

— O capitão está no comando — concordou o imediato. — A vigilância eletrônica diz que há um certo tráfego de rádio em UHF próximo a nós, talvez o Grisha falando ao outro.

— Timoneiro, novo curso três-cinco-zero. Vamos entrar embaixo do gelo. Eles provavelmente sabem que estamos aqui... bem, sabem que alguma coisa está aqui. Navegador, como está a carta?

— Vamos ter que virar logo — avisou o navegador. — Água rasa a 8 000 metros. Recomendo vir a novo curso dois-nove-um. — Mancuso ordenou imediatamente a mudança.

— Profundidade agora 28 metros, nivelando — informou o oficial das águas. — Velocidade 18 nós. — Um pequeno som abafado anunciou a destruição do bote e seu motor.

— Muito bem, pessoal, tudo que nos resta agora é sair daqui — disse Mancuso aos homens do Centro de Ataque. Um estalido muito agudo alertou-os de que não ia ser assim tão fácil.

— Comandante, aqui sonar, estamos sendo atingidos. Esse foi o raio da morte do Grisha — informou Jones, usando a gíria que designava a arma russa. — Pode pegar a gente.

— Sob o gelo, agora — anunciou o navegador.

— Alcance para o alvo?

— Um pouco menos do que 4 000 metros — respondeu o oficial de armas. — Para os tubos dois e quatro.

O problema era que não podiam disparar. O *Dallas* estava em águas territoriais soviéticas, e, mesmo que o Grisha atirasse neles, devolver os disparos não seria defesa própria, mas um ato de guerra. Mancuso examinou a carta. Tinha 10 metros de água sob a quilha e apenas 7 acima da torre — menos a espessura do gelo...

— Marko? — perguntou o capitão.

— Eles vão pedir instruções primeiro — presumiu Ramius. — Quanto mais tempo tiverem, maior a chance de que atirem.

— Certo. Para a frente a toda força — ordenou Mancuso. A 30 nós estaria em águas internacionais em dez minutos.

— O Grisha está passando de través a bombordo — disse Jones. Mancuso foi até a sala do sonar.

— O que está acontecendo? — indagou o capitão.

— Esse aparelho de alta freqüência funciona razoavelmente bem no gelo. Ele está procurando, de um lado e de outro. Sabe que existe alguma coisa aqui, mas não exatamente onde.

Mancuso levantou um fone.

— Sala de cinco polegadas, lançar dois produtores de ruído. Um par de dispositivos geradores de bolhas foi ejetado a bombordo

do submarino.

— Boa, Mancuso — aplaudiu Ramius. — O sonar deles vai se fixar nisso. Ele não pode manobrar bem, com o gelo.

— Flanquear! — gritou o capitão para ré.

— Os dispositivos — disse Ramius. — É surpreendente como dispararam tão rápido...

— Perdendo operação de sonar, comandante — informou Jones, enquanto a tela ficava alterada pela interferência. Mancuso e Ramius foram para ré. O navegador tinha o curso marcado na carta.

— Oh-oh, vamos ter de passar por este lugar aqui onde não existe gelo. Quanto quer apostar que os russos sabem disso? — Mancuso olhou para cima. Ainda estavam sendo alvejados, e ele não podia responder ao fogo. E aquele Grisha podia melhorar a sorte.

— Rádio... Mancuso, posso falar no rádio? — pediu Ramius.

— Não é assim que fazemos as coisas... — protestou Mancuso. A orientação americana era de evasão, nunca dando a certeza de que havia um submarino na área.

— Sei disso. Mas não somos submarino americano, capitão Mancuso, somos submarino soviético — sugeriu Ramius.

Bart Mancuso concordou. Nunca fizera essa jogada antes.

— Levem-no até a profundidade de antena!

Um técnico de rádio sintonizou a freqüência da guarda soviética, e a fina antena de VHF foi levantada assim que o submarino saiu do gelo. O periscópio também subiu.

— Lá está ele. Ângulo na popa, zero. Abaixar periscópio.

— Contato no radar rumando dois-oito-um — anunciou o alto-falante.

O capitão do Grisha estava chegando de uma semana de patrulhamento no mar Báltico, seis horas atrasado, aguardando quatro dias de folga. Então captaram uma transmissão da polícia do porto de Tallin sobre uma estranha embarcação vista deixando o ancoradouro, seguida por

alguma coisa da KGB, depois aconteceu uma pequena explosão perto do barco da polícia do porto, e a seguir vários contatos de sonar. O primeiro-tenente, de 29 anos, com a experiência de seus três meses de comando, fez uma estimativa da situação e disparou em direção ao que o seu operador de sonar chamou de um contato positivo de submarino. Estava agora imaginando se cometera um erro, e quão funesto poderia ser. Só sabia que não tinha a menor idéia do que estava acontecendo, mas, se estivesse mesmo perseguindo um submarino, teria de ser na direção oeste.

E agora tinha um contato de radar à frente. O alto-falante para a freqüência do rádio da Guarda começou a chiar.

— Cessar fogo, seu idiota! — gritou uma voz metálica três vezes.

— Identifique-se! — respondeu o comandante do Grisha.

— Aqui é o *Novosibiirsk Komsomoletsl* O que diabos pensa que está fazendo disparando munição real num exercício? Identifique-se você!

O jovem oficial olhou para o microfone e disse um palavrão. *Novosibiirsk Komsomolets* era um navio de operações especiais baseado em Kronstadt, sempre participando das ações dos *Spetznaz*...

— Aqui é o *Krepkiy.*

Obrigado. Discutiremos esse episódio depois de amanhã. Fora na ponte de comando, o capitão olhou em volta para a tripulação. —Que exercícios?...

—Uma pena — disse Marko enquanto recolocava o microfone no gancho. —Ele reagiu bem. Agora vai levar vários minutos para chamar base e...

— É tudo de que precisamos. E mesmo assim eles não saberão o que está acontecendo. — Mancuso voltou-se. — Navegador, qual a rota mais curta para sair?

— Recomendo dois-sete-cinco, a distância é de 11 000 metros.

A 30 nós, o percurso restante foi coberto rapidamente. Dez minutos mais tarde o submarino estava de volta às águas internacionais. O anticlímax foi sensível para todos os que estavam na sala de controle. Mancuso mudou o curso para águas mais fundas e ordenou que a velocidade fosse reduzida a um terço, depois voltou para o sonar.

— Agora deve ter terminado — anunciou ele.

— Senhor, o que foi tudo isso? — quis saber Jones.

— Bem, eu mesmo não sei para poder contar.

— Qual é o nome dela? — Da cadeira da frente, Jones podia enxergar o corredor.

— Também não sei. Mas vou descobrir. — Mancuso caminhou pelo corredor e bateu à porta da cabine de Clark.

— Quem é?

— Adivinha — disse Mancuso.

Clark abriu a porta. O capitão viu uma jovem em roupas apresentáveis, mas com os pés molhados. Então a mulher mais velha apareceu, vinda do banheiro. Estava vestida com uma camisa caqui e a calça do maquinista-chefe do *Dallas,* e carregava seus pertences, todos molhados. Entregou-os a Mancuso, juntamente com uma frase em russo.

— Ela quer que você mande lavar e passar, comandante — traduziu Clark, começando a rir. — Estas são nossas novas convidadas, a senhora Gerasimov e sua filha, Katryn.

— O que há de tão especial com elas? — indagou Mancuso.

— Meu pai é o chefe da KGB! — disse Katryn.

O capitão teve de fazer um esforço para não largar no chão a trouxa de roupas molhadas.

— Temos companhia — informou o co-piloto. Estavam vindo pelo lado direito, as luzes fortes do que só podia ser um par de caças. — Aproximando-se rapidamente.

— Vinte minutos até a costa — avisou o navegador. O piloto já fizera o cálculo.

— Merda! — xingou o piloto.

Os caças erraram o avião por menos de 200 metros na vertical, um pouco mais na horizontal. Um momento mais tarde, o VC-137 balançava na turbulência da esteira deles.

— Controle em Engure, aqui vôo da Força Aérea dos Estados Unidos número nove-sete-um. Quase tivemos uma colisão. Que diabos está acontecendo aí embaixo?

— Deixe-me falar com o oficial soviético! — respondeu uma voz. Não soava em absoluto como a de um controlador.

— Eu respondo por esse avião — afirmou o coronel Von Eich. — Estamos cruzando na direção dois-oito-seis, nível de vôo 11 600 metros. Estamos num plano de vôo corretamente solicitado, no corredor aéreo designado, e temos problemas elétricos. Não precisamos de nenhum piloto de caça metido a engraçadinho e brincando conosco... Esta é uma aeronave

americana com uma missão diplomática a bordo. Quer começar a Terceira Guerra Mundial ou algo parecido? Câmbio.

— Nove-sete-um, suas ordens são para voltar.

— Negativo! Temos problemas elétricos e não podemos, repito: não podemos cumpri-las. Esse avião está voando sem luzes, e esses pilotos malucos de MiG quase nos atropelaram! Está tentando nos matar? Câmbio.

— Vocês estão raptando um cidadão soviético e precisam retornar imediatamente a Moscou.

— Repita essa última frase — pediu Von Eich.

Mas o capitão não pôde. Como especialista interceptador de terra, ele fora trazido às pressas para Engure, o último posto de controle de tráfego aéreo dentro da fronteira soviética, e rapidamente instruído por um oficial da KGB para que forçasse o avião americano a voltar. Não deveria ter dito o que disse pela transmissão aberta.

— Você precisa parar esse avião! — gritou o general da KGB.

— E simples, então. Ordeno a meus MiG que o derrubem! — respondeu o capitão no mesmo tom. — O senhor me dá essa ordem, camarada general?

— Não tenho autoridade para isso. Você tem que fazê-lo parar.

— Negativo. Podemos abatê-lo, mas não posso obrigá-lo a *parar.*

— Está querendo ser fuzilado? — perguntou o general.

— Onde diabos ele está agora? — perguntou o piloto do Foxbat a seu companheiro de esquadrilha.

Só o haviam avistado uma vez, e mesmo assim por um breve e aterrador instante. Ele podia seguir o intruso — exceto que estava partindo, e não era na verdade um intruso, ambos sabiam — pelo radar e acertá-lo com mísseis guiados por radar, mas aproximar-se do alvo na escuridão... Mesmo na noite relativamente clara, o avião estava totalmente apagado, e tentar encontrá-lo significava correr o risco que os pilotos americanos de caça chamavam de *Fox-Four:* colisão a meia altura, uma morte rápida e espetacular para todos os envolvidos.

— Líder Martelo, aqui Caixa-de-ferramentas. Suas ordens são para aproximar-se do alvo e forçá-lo a virar — disse o controlador. — O alvo está na sua posição a doze horas, alcance 3 000 metros.

— Sei disso — disse o piloto a si mesmo.

Ele tinha o avião no radar, mas não visualmente, e seu radar não podia fornecer a precisão necessária para avisá-lo de uma colisão iminente. Ele também tinha que se preocupar com o outro MiG do lado

da outra asa.

— Fique para trás — ordenou ao companheiro. — Vou tratar sozinho desse assunto.

Ele avançou levemente os manetes e moveu o manche um pouco para a direita. O MiG-25 era pesado e lento, não um caça de boa manobrabilidade. Possuía um par de mísseis ar-ar acoplados em cada asa, e tudo o que tinham a fazer para parar essa aeronave era... Mas, em vez de lhe ordenarem que fizessem algo que estava treinado para fazer, algum cretino oficial da KGB queria...

Lá estava. Ele não enxergava muito do avião, mas viu alguma coisa à frente desaparecer. *Ah!* Puxou um pouco o manche para trás, a fim de ganhar algumas centenas de metros em altitude e... sim! Ele podia ver o Boeing delineado contra o mar. Vagarosa e cuidadosamente, moveu-se para a frente até que estivesse de través sobre o alvo, e 200 metros mais alto.

— Estou vendo luzes do meu lado direito — disse o co-piloto. — É um caça, mas não sei de que tipo.

— Se você fosse ele, o que faria?

— Desertava! — *Ou nos derrubaria...*

Atrás deles no assento, o piloto soviético, cuja única função era falar russo em caso de emergência, estava afivelado à sua poltrona e não tinha a menor idéia sobre o que fazer. Fora retirado dos contatos pelo rádio e tinha apenas o intercomunicador agora. Moscou queria que eles voltassem com o avião. Ele não sabia por quê, mas... *mas o quê?* perguntou a si mesmo. — Lá vem ele, deslizando para cá.

Tão cuidadosamente quanto possível, o piloto do MiG manobrou seu caça para a esquerda. Ele pretendia ficar sobre a cabine de comando do Boeing, de cuja posição ele poderia reduzir a altitude lentamente e forçar o outro para baixo. Fazer isso exigia tanta perícia quanto ele era capaz de dominar, e o piloto podia apenas rezar para que seu colega americano fosse igualmente hábil. Posicionou-se de maneira que pudesse ver, mas...

O MiG-25 era projetado como interceptador, e o vidro da cabine permitia visibilidade restrita. Não podia mais enxergar o avião com o qual voava em formação. Olhou para a frente. O litoral estava a apenas alguns

quilômetros de distância. Mesmo que fosse capaz de conseguir que o americano reduzisse a altitude, estariam sobre o Báltico antes que importasse verdadeiramente a alguém. O piloto puxou o manche e subiu em curva para a direita. Uma vez distante, inverteu seu curso.

— Caixa-de-ferramentas, aqui é o líder Martelo — informou ele. — Os americanos não vão alterar o curso. Tentei, mas não vou colidir meu avião sem ordens diretas.

O controlador havia observado os dois pontos se aproximando no radar e ficou surpreso com o fato de seu coração não parar. Que diabo estava acontecendo? Esse era um avião americano. Não podiam forçá-lo a parar, e, se houvesse um acidente, quem seria o culpado? Tomou sua decisão.

— Voltar à base. Câmbio final.

— Você vai pagar por isso — prometeu o general da KGB ao oficial de interceptação.

Mas ele estava errado.

— Graças a Deus — disse Von Eich enquanto passavam pela linha da costa. Ele chamou o chefe camareiro a seguir.

— Como está o pessoal na traseira?

— A maioria está dormindo. Acho que tiveram uma grande festa esta noite. Quando vai voltar a eletricidade?

— Engenheiro de vôo — disse o piloto —, eles querem saber sobre o problema com a eletricidade.

— Parece que era um interruptor com defeito, senhor. Eu acho... sim, acabei de consertar.

O piloto olhou para o lado de fora de sua janela. As luzes da ponta da asa estavam novamente acesas, assim como as das cabines, exceto a traseira. Passando Ventspils, eles viraram à esquerda para uma nova direção a dois-cinco-nove. Deixou escapar um longo fôlego. Faltavam duas horas para chegar a Shannon.

— Um pouco de café seria ótimo — pensou ele em voz alta.

Golovko desligou o telefone e despejou algumas palavras que Jack não entendeu exatamente, embora a mensagem parecesse bastante clara.

— Sergey, posso limpar meu joelho?

— O que exatamente você fez, Ryan? — perguntou o agente da KGB.

— Caí do avião e os filhos da puta saíram sem mim. Desejo ser levado à minha embaixada, mas primeiro queria tratar do joelho.

Golovko e Vatutin trocaram um olhar, ambos pensando em várias coisas. O que havia acontecido na verdade? O que aconteceria a eles? O que fazer com Ryan?

— A quem podemos chamar? — perguntou Golovko.

27
POR BAIXO DO PANO

Vatutin decidiu chamar o chefe de seu diretório, que chamou o vice-diretor, que chamou mais alguém, depois telefonou de volta ao escritório do aeroporto onde todos estavam esperando. Vatutin ouviu as instruções, levou todos para o carro de Gerasimov e deu ordens que Jack não entendeu. O carro atravessou as ruas vazias de Moscou na madrugada — passava um pouco da meia-noite, e aqueles que tinham saído para os cinemas, ou a ópera, ou o bale, estavam agora em casa. Jack, acomodado entre os dois coronéis da KGB, esperava que o estivessem levando até a embaixada, porém o carro continuava atravessando a cidade em alta velocidade, depois acima das colinas Lênin, e ainda além, em direção às florestas que cercavam a cidade. Ficou assustado. A imunidade diplomática era uma coisa mais viável no aeroporto do que nos bosques.

O carro diminuiu a velocidade depois de uma hora, saindo da estrada asfaltada para uma de cascalho que se embrenhava entre as árvores. Havia muita gente uniformizada por ali, ele percebeu através das janelas. Homens com fuzis. Aquela visão fez com que esquecesse a dor no tornozelo e no joelho. Onde estava exatamente? Por que o haviam trazido até aqui? Por que os soldados armados?... A frase de que se lembrou foi simples e apavorante: "Levem-no para dar um passeio... "

Não! Não podiam estar fazendo isso, disse-lhe a razão. *Tenho um passaporte diplomático. Fui visto com vida por muitas pessoas. Provavelmente o embaixador já... — mas ele não saberia de nada. Não tinha autorização para saber o que acontecera, e a menos que tenham passado a informação do avião... Apesar disso, não seriam capazes de... O ditado dizia* na União Soviética aconteciam coisas que simplesmente não podiam acontecer. A porta do carro foi aberta. Golovko saiu e puxou Ryan com ele. *A* única coisa que Ryan sabia agora é que não havia sentido em resistir.

Era uma casa, uma casa comum de toras na floresta. As janelas brilhavam com uma luz amarelada que vinha de trás das cortinas. Ryan viu umas doze pessoas em pé por ali, todos com uniformes e fuzis, todos olhando para ele com o mesmo grau de interesse que dedicariam a um alvo

de cartolina. Um deles, um oficial, aproximou-se e revistou Ryan de maneira bastante completa, produzindo um gemido de dor ao chegar no joelho ensangüentado e na calça rasgada. Surpreendeu Ryan com um aparente pedido de desculpas. O oficial acenou para Golovko e Vatutin, que entregaram suas automáticas e conduziram Ryan para o interior da casa.

Lá dentro, um homem apanhou os casacos. Mais dois homens em roupas civis eram obviamente tipos da polícia ou da KGB. Usavam jaquetas com o zíper aberto, e pela maneira como se movimentavam deviam estar portando pistolas, notou Jack. Ele acenou educadamente e não obteve resposta, a não ser mais uma revista por parte de um deles, enquanto o outro observava de uma distância segura, da qual poderia atirar, se necessário. Ryan surpreendeu-se ao notar que os dois oficiais da KGB também foram revistados. Quando isso se completou, o outro os conduziu através de uma porta.

O secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Andrey Ilych Narmonov, sentava-se numa poltrona estofada, em frente a um fogo aceso há pouco tempo. Ele se levantou quando os quatro homens entraram na sala e gesticulou para que se acomodassem no sofá em frente à sua poltrona.

O guarda-costas tomou posição em pé atrás do chefe do governo soviético. Narmonov falou em russo. Golovko traduziu.

— Você é... ?

— John Ryan, senhor — disse Jack. O secretário-geral apontou uma cadeira em frente à sua e percebeu que Ryan mancava.

— Anatoly — disse ele ao guarda-costas, que em resposta tomou o braço de Ryan e levou-o a um banheiro no primeiro andar. O homem umedeceu um pano em água quente e o entregou a Jack. Podia ouvir os outros falando na sala de estar, mas seus conhecimentos de russo não bastavam para entender o significado. Foi bom lavar a perna, mas parecia que a calça havia ficado arruinada, e sua muda de roupas mais próxima devia estar agora — consultou seu relógio — provavelmente sobre a Dinamarca. Anatoly observou-o o tempo todo. O guarda-costas retirou uma atadura de gaze do armário de remédios e auxiliou Ryan a aplicá-la no lugar, depois levou-o de volta tão graciosamente quanto as dores de Ryan o permitiram.

Golovko ainda estava lá, embora Vatutin tivesse partido, e a cadeira vazia aguardava. Anatoly tomou seu lugar, atrás de Narmonov.

— O fogo está ótimo — comentou Jack. — Obrigado por me deixar lavar o joelho.

— Golovko me disse que não fomos nós que fizemos isso a você? Isso é correto?

A pergunta pareceu estranha a Jack, desde que Golovko é que estava traduzindo. *Então Andrey Ilych fala um pouquinho de inglês, não é?*

— Não, senhor. Fui eu mesmo que me feri. Não sofri nenhum tipo de maus-tratos. — *Só fiquei aterrorizado,* pensou Ryan. *Mas foi minha culpa.* Narmonov olhou para ele com interesse silencioso por talvez meio minuto antes de falar novamente.

— Eu não precisava de sua ajuda.

— Não entendo o que quer dizer, senhor — mentiu Ryan.

— Acha mesmo que Gerasimov poderia tomar meu lugar?

— Senhor, não sei sobre o que está falando. Minha missão era salvar a vida de um de nossos agentes. Fazer isso significava comprometer o diretor-geral Gerasimov. Apenas uma questão de pescar com a isca apropriada.

— E pescar o peixe apropriado — comentou Narmonov. O tom divertido em sua voz não transparecia no rosto. — E seu agente era o coronel Filitov?

— Sim. O senhor sabe disso.

— Acabei de saber.

Então também sabe que Yazov está comprometido. Já pensou como eles podem ter chegado perto, camarada secretário-geral? Ryan não falou. Provavelmente Narmonov também não sabia.

— Sabe por que ele se tornou traidor?

— Não, não sei. Só fui instruído sobre o que deveria saber para a missão.

— E portanto você não sabe de nada sobre o ataque ao nosso projeto *Estrela Brilhante?*

— O quê? — Jack ficou muito surpreso e demonstrou-o.

— Não me insulte, Ryan. Você conhece o nome muito bem.

— Fica a sudeste de Dushanbe. Eu conheço o nome. Foi atacado?

— Como pensei. Você sabe que isso foi um ato de guerra — observou Narmonov.

— Senhor, agentes da KGB seqüestraram um cientista americano da Iniciativa de Defesa Estratégica há vários dias. Isso foi ordenado por Gerasimov em pessoa. O nome do cientista é Alan Gregory. Ele é major do Exército dos Estados Unidos e foi salvo.

— Não acredito — disse Golovko, antes de traduzir. Narmonov ficou aborrecido com a interrupção, mas chocado com o conteúdo da revelação de Ryan.

— Um de seus agentes foi capturado. Ele está vivo. É verdade, senhor — garantiu Jack.

Narmonov sacudiu a cabeça e levantou-se para atirar mais uma tora de lenha no fogo. Ajeitou-a no lugar adequado com um atiçador.

— É loucura, sabia? — disse ele da lareira. — Temos uma situação perfeitamente satisfatória no momento.

— Desculpe? Não estou entendendo — estranhou Ryan.

— O mundo é estável, não é? Mesmo assim, seu país quer mudar isso e nos força a perseguir o mesmo objetivo. — Que o campo de testes ABM em Sary Shagan estivesse operando há trinta anos, era um detalhe que não vinha ao caso no momento.

— Senhor secretário, se acredita que a capacidade de transformar cada cidade, cada casa de meu país em um fogo parecido com o que tem aí...

— Meu país também, Ryan — corrigiu Narmonov.

— Sim, senhor, o seu país também, e mais um punhado de outros. Pode matar quase todos os civis em meu país, e podemos assassinar quase todos no seu em sessenta minutos ou menos, a partir da hora que der a ordem pelo telefone... ou que meu presidente o faça. E como chamamos a isso? Chamamos de *estabilidade*.

— É estabilidade, Ryan — afirmou Narmonov.

— Não, senhor. O nome técnico que usamos é MAD: destruição mútua assegurada, que descreve bem melhor a situação. Em inglês também significa louco, e a situação que temos é louca mesmo; o fato de que pessoas supostamente inteligentes nos colocaram nessa situação não a torna menos delicada.

— Mas funciona, não funciona?

— Senhor, por que acha estabilizante manter vários milhões de pessoas a menos de uma hora da morte? Por que tachamos de perigosas

armas que possam defender as vidas dessas pessoas? Isso não é retrocesso?

— Mas se nós nunca as usarmos... Acha que eu poderia viver com tamanho crime em minha consciência?

— Não, não acho que nenhum homem possa, mas alguém pode estragar tudo. Provavelmente estouraria os miolos depois de uma semana ou duas, mas aí seria um pouco tarde para o resto de nós. O diabo dessas coisas é que são fáceis de usar. Você aperta um botão, os mísseis partem, e provavelmente funcionarão, porque não há nada que os detenha. A menos que algo fique no caminho das ogivas, não há razão para pensar que não funcionarão. Enquanto alguém tiver a certeza de que funcionarão, será muito fácil fazer uso delas.

— Seja realista, Ryan. Você acha que algum dia vamos conseguir nos livrar dessas armas atômicas? — indagou Narmonov.

— Não, nós nunca nos veremos livres das armas. Sei disso. Ambos teremos a capacidade de ferir gravemente o outro, mas podemos tornar esse processo mais complicado do que é agora. Podemos dar a todos mais uma razão para não apertar o botão. Isso não é desestabilizante, senhor. É apenas bom senso. É só mais uma coisa para proteger sua consciência.

— Você parece seu presidente falando. — Isso foi dito com um sorriso.

— Ele está certo. — Ryan devolveu o sorriso.

— Já é ruim discutir as coisas com um americano. Não repetirei isso com outro. O que vão fazer com Gerasimov? — perguntou o secretário-geral.

— Tudo vai ser tratado com muito sigilo, por motivos óbvios — afirmou Jack, esperando estar certo.

— Seria muito danoso para o meu governo se a deserção dele se tornar pública. Sugiro que ele morra num acidente aéreo...

— Vou transmitir isso a meu governo, se me for permitido fazê-lo. Podemos também manter o nome de Filitov longe dos jornais. Nada temos a ganhar com publicidade. Isso apenas complicaria as coisas para o seu país e o meu. Ambos queremos que o tratado sobre armamentos prossiga, com todo o dinheiro que economizaria para os dois lados...

— Nem tanto — observou Narmonov. — Alguns pontos percentuais nos orçamentos de defesa de ambos os lados.

— Existe um ditado em nosso governo, senhor. Um bilhão aqui, um bilhão ali, em pouco tempo podemos juntar dinheiro de verdade. — Aquilo conquistou uma gargalhada. — Posso fazer uma pergunta, senhor?

— Continue.

— O que irá fazer com o dinheiro, por seu lado? Eu deveria adivinhar isso.

— Então talvez possa me oferecer alguma sugestão. O que faz você pensar que sei a resposta? — perguntou Narmonov. Ele levantou-se, e Ryan fez o mesmo. — De volta à sua embaixada, diga ao seu pessoal que é melhor para todos que isso nunca se torne público.

Meia hora mais tarde, Ryan era deixado na porta da frente da embaixada. O primeiro a vê-lo foi um sargento dos fuzileiros navais. O segundo foi Candeia.

O VC-137 aterrissou em Shannon dez minutos atrasado, devido ao vento de frente sobre o mar no Norte. O chefe da tripulação e outro sargento conduziram os passageiros pela porta dianteira, e, depois que todos deixaram a aeronave, voltaram para abrir a porta traseira. Enquanto as câmeras espocavam no terminal principal, uma escada foi colocada na cauda do Boeing e quatro homens saíram, vestindo os sobretudos do uniforme de sargento da Força Aérea dos Estados Unidos. Entraram num carro e foram levados para a extremidade distante do terminal, onde subiram a bordo de outro avião da 89? Ala de Transporte Aéreo Militar, um VC-20A, a versão militar do jato executivo Gulfstream-III.

— Olá, Misha. — Mary Pat Foley encontrou-o na porta e levou-o para o interior. Ela não o havia beijado antes. Fez isso agora. — Temos comida e bebida, e mais uma viagem de avião até chegarmos em casa. Venha, Misha. — Ela tomou-lhe o braço e acompanhou-o até seu lugar.

A alguns metros, Robert Ritter cumprimentava Gerasimov.

— Minha família? — perguntou o último.

— A salvo. Chegarão a Washington dentro de dois dias. Neste momento estão a bordo de um submarino da Marinha dos Estados Unidos, em águas internacionais.

— Devo agradecer a você?

— Esperamos que coopere.

— Tiveram muita sorte — comentou Gerasimov.

— É verdade — concordou Ritter. — Tivemos mesmo.

O carro da embaixada levou Ryan a Sheremetyevo no dia seguinte, para que apanhasse o vôo de linha num 727 da Pan Am para Frankfurt. A passagem que lhe forneceram era da classe turista, mas Ryan pagou a diferença para uma de primeira classe. Três horas mais tarde ele fez a conexão com um 747 para Dulles, também da Pan Am. Dormiu a maior parte do trajeto.

Bondarenko sobrevivera à carnificina. Os afegães deixaram quarenta e sete corpos atrás de si, com evidências de muito mais. Apenas dois dos geradores de laser permaneceram incólumes. Todos os galpões de máquinas foram destroçados, juntamente com o auditório e os alojamentos dos solteiros. O hospital ficou em grande parte intacto, cheio de feridos. As boas novas eram que Bondarenko salvara três quartos do pessoal, entre cientistas e engenheiros, e quase todos os familiares. Quatro generais já haviam estado ali para saudá-lo como herói, prometendo medalhas e promoção, porém ele já tivera a única recompensa que realmente importava. Tão logo os reforços chegaram, ele providenciara para que as pessoas ficassem a salvo. Agora, apenas olhava a paisagem do alto do teto do prédio de apartamentos.

— Há muito trabalho para fazer — disse uma voz. O coronel, que logo se tornaria general, voltou-se.

— Morozov. Ainda temos dois geradores de laser. Podemos reconstruir os galpões e os laboratórios. Um ano, talvez dezoito meses.

— Mais ou menos isso — concordou o jovem engenheiro. — Os novos espelhos e os computadores do equipamento de controle vão demorar pelo menos isso. Camarada coronel, as pessoas me pediram para..;

— E o meu trabalho, camarada engenheiro, e também precisei salvar minha própria pele, lembra-se? Isso nunca mais vai acontecer. Doravante teremos aqui um batalhão de infantaria motorizada, do regimento de guardas. Já providenciei isso. Lá pelo verão, essa instalação será tão segura quanto qualquer lugar na União Soviética.

— Segura? O que significa isso, coronel?

— Esse será meu novo trabalho. E o seu — disse Bondarenko. — Está lembrado?

EPÍLOGO
TERRENO COMUM

Ortiz não se surpreendeu quando o major voltou sozinho. O relatório da batalha havia durado uma hora, e novamente foram dadas ao agente da CIA algumas mochilas de equipamento. O bando do Arqueiro lutara para escapar, e, dos quase duzentos que haviam deixado o campo de refugiados, menos de cinqüenta haviam retornado naquele primeiro dia de primavera. O major lançou-se imediatamente ao trabalho, fazendo contatos com outros bandos, e o prestígio da missão que seu grupo levara a cabo permitiu-lhe negociar como igual com chefes mais velhos e poderosos. No espaço de uma semana preencheu suas perdas com novos e ansiosos guerreiros, e o arranjo que o Arqueiro fizera com Ortiz continuou válido.

— Já vai voltar? — perguntou o agente da CIA ao novo líder.

— Claro. Estamos vencendo agora — disse o major, com um grau de confiança que nem mesmo ele entendeu.

Ortiz observou-os partir ao anoitecer, uma única fila de pequenos e ferozes combatentes, agora liderados por um soldado treinado. Ele esperava que isso fizesse alguma diferença.

Gerasimov e Filitov nunca mais viram um ao outro. Os interrogatórios, em locais separados, duraram semanas. Filitov foi levado ao Campo Peary, na Virgínia, onde encontrou um major de óculos do Exército americano e lhe contou o que se lembrava do progresso russo na potência do laser. Parecia curioso para o velho que esse rapaz ficasse tão excitado com as coisas que ele decorara, mas nunca entendera completamente.

Depois disso vieram as explicações de rotina sobre a segunda carreira que escolhera e manteve paralela à primeira. Uma geração inteira de agentes de campo visitou-o para tomar refeições, passear e algumas vezes beber, o que preocupava os médicos, mas não podia ser negado ao Cardeal. A área onde ficavam seus aposentos, fortemente guardada, contava até com microfones. O pessoal da escuta se espantou que ocasionalmente ele falasse durante o sono.

Um agente da CIA que estava a seis meses de se aposentar parou de ler o jornal local quando seus fones recomeçaram o ruído. Ele sorriu e

largou o artigo que lia sobre a ida do presidente a Moscou. *Aquele velho triste e solitário,* pensou ele enquanto ouvia. *A maior parte de seus amigos morreu, e ele só os vê durante o sono. Era por isso que trabalhava para nós?* O murmúrio. cessou, e nos aposentos contíguos a "babá" do Cardeal voltou a ler seu jornal.

— Camarada capitão — chamou Romanov.

— Sim, cabo? — Parecia mais real do que a maioria dos sonhos, reparou Misha. Um momento depois soube por quê.

Estavam passando a lua-de-mel sob a proteção de oficiais de segurança, todos os quatro dias — o"tempo mais longo que Al e Candi estavam dispostos a ficar longe do trabalho. O major Gregory atendeu ao telefone quando tocou.

— Sim... quero dizer, sim, senhor. — Candi ouviu-o falar. Um suspiro. Um tremor da cabeça na escuridão. — Nem mesmo um lugar para mandar flores? Será que Candi e eu podemos... Oh, entendo. Obrigada por telefonar, general.

Ela o percebeu recolocar o telefone no lugar e exalar profundamente.

— Está acordada, Candi?

— Estou.

— Nosso primeiro filho vai se chamar Mike.

O posto de adido à Defesa na embaixada soviética em Washington, ocupado pelo major-general Grigori Dalmatov, trazia uma série de deveres cerimoniais que conflitavam com sua missão principal, a obtenção de informações. Ficara ligeiramente aborrecido quando recebera a chamada do Pentágono, pedindo-lhe que se dirigisse até o quartel-general militar americano — para sua grande surpresa, pediram que fizesse isso trajando uniforme completo. Seu carro deixou-o na entrada do rio, e um jovem capitão dos pára-quedistas escoltou-o para o interior, depois para o escritório do general Ben Crofter, chefe do Estado-Maior, Exército dos Estados Unidos.

— Posso perguntar o que está havendo?

— Alguma coisa que achamos que deveria presenciar, Grigori — respondeu Crofter.

Andaram pelo edifício até o heliporto privativo do Pentágono, onde para assombro de Dalmatov subiram a bordo de um helicóptero da Marinha pertencente à frota presidencial. O Sikorski levantou vôo imediatamente, dirigindo-se para noroeste, pelas colinas de Maryland.

Vinte minutos mais tarde, estavam descendo. A mente de Dalmatov registrou ainda mais uma surpresa. O helicóptero aterrissava em Camp David. Um membro do corpo de guarda dos fuzileiros navais, em uniforme azul, bateu continência ao pé das escadas enquanto deixavam a aeronave e escoltou-os através das árvores. Alguns minutos depois chegaram a uma clareira. Dalmatov não sabia que havia vidoeiros ali, talvez 2 quilômetros quadrados deles, e a clareira ficava no topo de um outeiro que permitia uma boa vista dos arredores.

Havia um buraco retangular no chão, com exatamente 2 metros de profundidade. Parecia estranho não haver lápide e que a grama tivesse sido cuidadosamente cortada e separada para reposição.

Ao redor do cenário, Dalmatov pôde distinguir mais fuzileiros na linha das árvores. Esses usavam fardas de camuflagem e cintos com pistolas. Bem, não foi particularmente uma surpresa constatar que havia um forte esquema de segurança, e o general achou reconfortante que na última hora pelo menos uma coisa não surpreendente ocorrera.

Um jipe apareceu primeiro. Dois fuzileiros — igualmente em uniforme azul — saíram e erigiram uma plataforma pré-fabricada em volta do buraco. *Eles devem ter praticado,* pensou o general, *já que levaram três minutos contados no relógio.* Então, um caminhão de três quartos de tonelada veio por entre as árvores, seguido de mais jipes. Acomodado na traseira do caminhão, havia um caixão de carvalho envernizado. O veículo chegou até perto do buraco e parou. Uma guarda de honra se formou.

— Posso perguntar por que estou aqui? — indagou Dalmatov, quando não conseguiu agüentar mais.

— Começou sua carreira nos tanques, certo?

— Sim, general Crofter, assim como o senhor.

— É por isso que estamos aqui.

Os seis homens da guarda de honra colocaram o caixão sobre a plataforma. O sargento da artilharia, no comando, removeu a tampa. Crofter caminhou naquela direção. Dalmatov quase engasgou quando viu quem estava no interior.

— Misha!

— Pensei que o conhecesse — disse uma nova voz. Dalmatov voltou-se.

— Você é Ryan. Havia mais gente ali: Ritter, da CIA, o general Parks e um jovem

casal, de seus 30 anos, pensou Dalmatov. A mulher parecia estar grávida, embora mal se notasse ainda. Ela chorava silenciosamente na brisa suave da primavera.

— Sim, senhor.

O russo gesticulou em direção ao caixão.

— Onde... como foi que...

— Acabei de chegar de Moscou. O secretário-geral foi gentil em me fornecer o uniforme e as condecorações do coronel. Ele disse que... disse que, no caso desse homem, ele prefere lembrar-se dos motivos pelos quais ganhou as estrelas de ouro. Esperamos que diga a seu pessoal que o coronel Mikhail Semyonovich Filitov, três vezes Herói da União Soviética, morreu pacificamente enquanto dormia.

Dalmatov ficou vermelho.

— Ele era um traidor do meu país... Não pretendo ficar aqui e escutar...

— General — disse Ryan asperamente —, deve ficar claro que o secretário-geral não compartilha seus sentimentos. Esse homem pode ser um herói maior do que pensa, para o seu país e o meu. Diga-me, general, quantas batalhas travou? Quantos ferimentos recebeu em nome de seu país? Pode mesmo olhar para esse homem e chamá-lo de traidor? De qualquer modo... — Ryan gesticulou ao sargento, que fechou o ataúde.

Quando terminou, outro fuzileiro estendeu a bandeira soviética sobre o caixão. Um grupo de atiradores aproximou-se e entrou em forma na cabeceira da sepultura. Ryan apanhou um papel em seu bolso e leu em voz alta as citações de Misha por bravura. Os fuzileiros levantaram as armas e dispararam uma salva. Um corneteiro fez soar o toque de silêncio.

Dalmatov ficou em posição de sentido e bateu continência. Parecia uma pena a Ryan que a cerimônia precisasse ser secreta, mas sua singeleza produzia dignidade, que pelo menos era adequada.

— Por que aqui? — quis saber Dalmatov, quando a cerimônia terminou.

— Eu teria preferido Arlington, mas alguém poderia reparar. Bem ali naquelas colinas foi o campo de batalha Antietam. No dia mais sangrento da Guerra Civil, as forças da União repeliram a primeira invasão do general Lee, do Norte, depois de um combate desesperado. Me pareceu o

lugar certo — explicou Ryan. — Se um herói precisa ter uma sepultura sem nome, deve pelo menos ser perto de onde tombaram seus camaradas.

— Camaradas?

— De uma forma ou de outra, todos lutamos pelas coisas em que acreditamos. Isso não nos dá um certo terreno comum? — perguntou Jack. E foi tomar seu carro, deixando Dalmatov com esse pensamento.